

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**  
**DOUTORADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Waldney de Souza Rodrigues Costa**

**Curtindo a presença de Deus: religião, lazer e consumo entre crentes e canções**

Juiz de Fora

2019



**Waldney de Souza Rodrigues Costa**

**Curtindo a presença de Deus: religião, lazer e consumo entre crentes e canções**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de doutor em Ciência da Religião. Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Costa, Waldney de Souza Rodrigues.

Curtindo a presença de Deus : religião, lazer e consumo entre crentes e canções / Waldney de Souza Rodrigues Costa. -- 2019. 356 p.

Orientador: Emerson José Sena da Silveira

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2019.

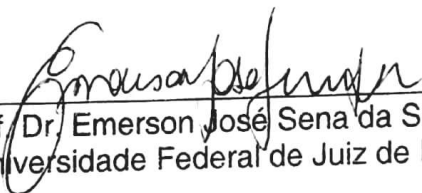
1. Evangélicos. 2. Música gospel. 3. Lazer. 4. Consumo. 5. Modernidade. I. Silveira, Emerson José Sena da, orient. II. Título.


**WALDNEY DE SOUZA RODRIGUES COSTA**

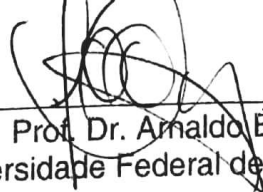
**CURTINDO A PRESENÇA DE DEUS: RELIGIÃO, LAZER E CONSUMO ENTRE  
CRENTES E CANÇÕES**


Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Ciência da Religião.

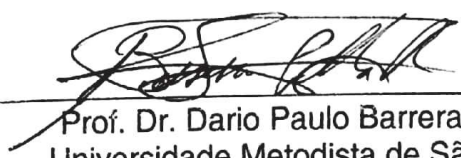
Dissertação defendida e aprovada em 21 de fevereiro de 2019.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nina Gabriela Moreira Braga Rosas de Castro  
Universidade Federal de Minas Gerais

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera  
Universidade Metodista de São Paulo



*A quem quer que esteja em dificuldade para compreender o multiverso dos crentes.*

*Inclusive eles mesmos.*





## AGRADECIMENTOS

Nossas histórias alternam dias de luta com dias de glória. E neste, preciso agradecer.

Primeiro à Capes pelo financiamento da pesquisa e a todos que a fazem funcionar. A bolsa é o que viabilizou o internato e o acesso a eventos, livros e outros materiais tão necessários para a produção dos dados. Dela tirei o meu próprio sustento durante a pesquisa. Espero que esse tipo de custeio não se torne raridade nos próximos anos.

Também sou grato aos professores Paulo Barrera Rivera, Arnaldo Huff e Marcelo Camurça e à professora Nina Rosas por aceitarem o convite para avaliar os resultados. À Nina e ao Marcelo agradeço as perguntas e indicações que fizeram na qualificação, embora reconheça que se tem alguém que não conseguiu atender todas as dicas, esse cara sou eu. Espero incorporá-las em trabalhos futuros.

Ao Emerson Silveira, meu orientador, agradeço pela confiança e pela serenidade – mesmo quando se opunha a algumas ideias –; pelo apoio às escolhas que fiz e pelas coisas que excedem o escopo de uma orientação. Quase fez um milagre em mim em relação à escrita. Demorei ~~muito~~ para entender que  ~~muitos~~ advérbios ~~muito~~ atrapalham ~~muito~~ a leitura.

Estendo esse agradecimento a todo corpo docente da UFJF, especialmente do ICH. Nunca vi em vocês nada parecido com a tal “doutrinação”. Lembro-me do respeito e da convivência que tanto me ensinou, sobretudo nas produtivas conversas de corredor.

Também estendo aos demais funcionários da UFJF e de suas empresas satélite. Em especial a Antônio, por seu profissionalismo quando atuou como secretário do PPCIR, e à trindade Mel, Chaveirinho e Cachorrão, pelo atendimento bem-humorado na Duplicópia.

Cabe uma palavra aos moradores dos bairros da Cidade Alta. Para quem não tem Camaro Amarelo, Fiorino ou mesmo uma CG, a solução é andar de ônibus. Quando se perde o da Universidade, o único jeito de não chegar à aula atrasado é lotar as linhas de São Pedro, Adolfo Vireque e outros. No pico, isso não ficaria confortável nem com um ar condicionado no 15. Agradeço a quem releva e ao invés de xingar os alunos, se oferece para carregar o material. Ouvi dizer que com o *Uber* e o *Citta Mobi* esse quadro está mudando.

Eu seria infiel se não me lembrasse das amizades que fiz na condição de aluno da UFJF. Rafael e Adrielle, Adriana, Cláudia, Grazi e Danilo, Ana Luiza e Montero, Ismael e Thassália, Nathália e Gustavo, Mariana, Thiago, Vinícius, Marselha, Sueli, Matheus e tantos outros que conheci entre o Turismo, as Ciências Sociais e a Ciência da Religião. Tem aquele 1% complicado, mas via de regra são pessoas sem as quais eu não teria chegado até aqui.

Como o “sanduíche” do meu doutorado foi feito com carne de sol, aos potiguares que me receberam em sua terra, minha gratidão pela hospitalidade, principalmente dos servidores da UERN. Alguns me tratam como irmão caçula. Meu abrigo será sempre no colo da princesa de Minas, mas já encontro um lugar nos braços da noiva do sol. O que aprendi nesse doutorado estará à serviço dessa universidade e do seu Departamento de Ciências da Religião.

A migração nordestina às avessas me custou algo do contato com minha família, mais do que a investigação da tese. Agradeço à minha mãe pelas orações e por confiar em mim, mesmo sem entender completamente as escolhas de profissão. Obrigado por viver a distância comigo. O que na verdade se aplica à toda a família, até à parte que no fim das contas achou divertido ter um tio distante para visitar. E perante o que essa tese se tornou, não posso deixar de estender esse agradecimento ao Vicente. É quem pagou minhas primeiras aulas de música na época em que foi companheiro da minha mãe. Me foi um trevo de quatro folhas.

E se todo mundo tem aquela pessoa a quem fazer um agradecimento mais especial, eu também tenho a minha. O nome dela? Não, não é Jeniffer. E eu não a encontrei no *Tinder*, mas na UFJF. A Fernanda é o melhor presente que essa universidade me deu. Uma parceira. Na vida e no trabalho aqui desenvolvido. Agradeço especialmente pelo apoio nos momentos em que me senti largado às traças. É singular, com esse amparo fica tudo bem.

Enfim, as alusões que faço às canções mais tocadas no período de produção da tese são um tributo aos compositores que com sua criatividade marcaram essa época. O trabalho acadêmico envolve grande comprometimento, seriedade e introspecção, mas não está desconectado da vida à sua volta. Se com algumas canções eu senti na pele o que é passar raiva, especialmente quando me atrapalhavam no alto volume do som de algum vizinho, preciso admitir que elas sempre me remeterão a esse período tão importante da minha vida.

E as canções dos crentes? Essas eu nunca mais vou escutar da mesma maneira. Em meio às melodias eu sempre ouvirei as histórias das pessoas que pesquisei. Esforcei-me para traduzi-las a não crentes da maneira mais fidedigna possível. Parece-me algo imprescindível em tempos de tolerância zero. Naquilo que não consegui, peço que me deem alguma cortesia, lembrando que sou humano. É que a vida tem algo semelhante ao Deus de quem tanto falam. Ninguém explica. Talvez só os loucos saibam.

*Waldney Costa*  
*19 de Janeiro de 2019*

*“No céu não vai ter placa de igreja”  
Adágio evangélico*

*”Você conhece o crente é pelo pendrive”  
Rapaz evangélico em 2014*

*“Não dá pra explicar Deus, só sentir mesmo”  
Gabriela Rocha, 2018*

*“A alegria do Senhor é a nossa força”  
[A Alegria do Senhor](#)  
(composição de Fernandinho, 2012  
inspirado na Bíblia, em Neemias 8:10)*

*“E todas as vezes que eu estava diante de multidões cantando **Nunca pare de lutar**, era também para mim mesma que eu cantava. Como se olhasse no rosto de cada um e dissesse ‘Vocês não têm noção do que eu estou passando, por isso, calculo o nível de dor e lutas pelas quais vocês passam... Vamos, gente! Não podemos desistir! Temos de lutar! Nunca parem de lutar!’”  
Ludmila Ferber, 2012*

*”Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando os hinos belos deles”  
Riobaldo, o Tatarana  
(personagem de Guimarães Rosa, 2006)*



## RESUMO

Todo dia, brasileiros de várias regiões expressam sua fé com as mesmas canções. São pessoas que se reconhecem como crentes e são reconhecidas publicamente como evangélicos, apesar de filiadas a diferentes igrejas. E são canções reconhecidas como gospel e dispersas por CDs e DVDs, programas de rádio e TV, vídeos na internet, shows e cultos, nas igrejas ou nas próprias residências dos crentes, conjugando, a um só tempo, religião, lazer e consumo. Essa tese é uma interpretação das circunstâncias em que isso acontece, escrita com o intuito de contribuir tanto com a Religiologia ou Ciência(s) da(s) Religião(ões), ao pesquisar como canções se tornam religião, quanto com a Antropologia, ao perguntar o que significa ser crente no Brasil. Enfrentei essas questões com etnografia multissituada em duas etapas. Primeiro seguindo pessoas – os crentes –, depois, seguindo coisas – as canções –, mas com foco naquelas reconhecidas por eles como “louvor e adoração”. Na primeira etapa, tomei uma igreja como referência e, a partir dela, segui alguns jovens por diferentes espaços, incluindo lanchonetes, pequenas viagens, shows e eventos diversos. Na segunda, usei alguns relatos autobiográficos de compositores reconhecidos como “verdadeiros adoradores” como uma espécie de mapa dos espaços por onde circulam as canções, nos quais eu pude fazer incursões em observação participante, o que incluiu empresas, lojas, shows, ensaios, cultos e um internato de nove dias em uma “escola de adoração”. A partir dessas experiências e do recurso teórico à diferença entre fé e tradição de Wilfred Cantwell Smith combinada com abordagens próprias da chamada Religião Material, foi possível perceber que canções se tornam religião fugindo ao controle imediato das instituições propriamente religiosas. Compreendendo que fé não se resume ao que acontece em igrejas, assim como lazer é algo que excede o que ocorre no tempo-livre e o consumo não depende exclusivamente de compras – suas formas institucionais modernas –, vi que instituições do lazer e do consumo permitem que expressões de fé circulem à revelia das igrejas, gerando duas versões da mesma religião. Paralelo ao mundo das denominações, em que cada uma sistematiza a seu modo um estoque de expressões de fé, surge o circuito evangélico, em que os estoques se dispersam por outros espaços institucionais, entrando em liquidação. Um multiverso com conexões nem sempre pacíficas entre os dois mundos. Quem quiser entender o que significa ser crente no Brasil precisa levá-las em consideração. É nelas que a experiência que os adoradores tanto anseiam, o “estar na presença de Deus”, ganha conotações de religião, lazer e consumo, tornando a adoração, simultaneamente, “estilo de vida” e “estilo musical”. Ademais, brasileiros que se encontram nos estratos mais baixos têm encontrado nela um recurso na batalha por uma vida melhor. Eles mantêm uma expectativa positiva diante do sofrimento de rotina, cantando em meio à dor. Curtindo a presença de Deus.

**Palavras-chave:** Evangélicos. Música gospel. Lazer. Consumo. Modernidade.

## ABSTRACT

Every day, Brazilians from various regions express their faith with the same songs. They are people who recognize themselves as believers and are publicly recognized as evangelicals, although affiliated with different churches. And they are songs generally recognized as gospel and scattered by CDs and DVDs, radio and TV shows, videos online, shows and cults, in churches or in the homes of believers, combining religion, leisure and consumption. This thesis is an interpretation of the circumstances in which this happens, written with the intention of contributing so much to Religious Studies or Religiology, when researching as songs become religion, as with Anthropology, when asking what it means to be a believer in Brazil. I faced these questions with multisituated ethnography in two stages. First by following people – the believers –, then by following things – the songs –, but focusing on those recognized by them as “praise and worship”. In the first stage, I took a church as a reference and, from it, I followed some young people through different spaces, including snack bars, small trips, shows and various events. In the second, I used some autobiographical accounts of composers recognized as “true worshipers” as a kind of map of the spaces around which the songs circulate, in which I could make inroads into participant observation, which included firms, shops, shows, rehearsals, cults, and a boarding “school of worship”. From these experiences and the theoretical appeal to the difference between faith and tradition of Wilfred Cantwell Smith combined with approaches typical of the so-called Material Religion, it was possible to realize that songs become religion escaping the immediate control of the properly religious institutions. Understanding that faith is something that goes beyond what happens in churches, just as leisure is not just about what happens in freetime and consumption does not depend exclusively on shopping – their modern institutional forms –, I saw that the institutions of leisure and consumption do expressions of faith circulate beyond of the churches, generating two versions of the same religion. Parallel to the world of denominations, in which each one systematizes in its own way a store of expressions of faith, arises the evangelical circuit, in which the stocks are dispersed by other institutional spaces, entering into liquidation. A multiverse with not always peaceful connections between these two worlds. Anyone who wants to understand what it means to be a believer in Brazil needs to take them into account. It is in them that the experience that the worshipers so long for, “to come into the presence of God”, gains the connotations of religion, leisure and consumption, making worship both “lifestyle” and “musical style”. In addition, Brazilians who are in the lower strata have found in her a resource in the battle for a better life. They hold a positive expectation in the face of routine suffering, singing in the midst of pain. Enjoying the presence of God.

**Keywords:** Brazilian protestants. Brazilian gospel music. Leisure. Consumption. Modernity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do álbum <i>Fé</i> de André Valadão .....	64
Quadro 1 – Pesquisa etnográfica realizada entre 2013 e 2014 (seguindo pessoas) .....	74
Figura 2 – Programação da Escola Adorando 2016 .....	89
Quadro 2 – Pesquisa etnográfica realizada entre 2015 e 2018 (seguindo coisas) .....	91
Figura 3 – Dormitórios, Refeitório e Salas de Treinamento do CATRE .....	103
Figura 4 – Cantina e apartamentos do CATRE .....	103
Figura 5 – Visão geral do CATRE .....	104
Figura 6 – Auditório do CATRE .....	105
Figura 7 – Rascunho da canção <i>Rompendo em Fé</i> .....	134
Figura 8 – O circuito evangélico .....	200
Figura 9 – Mapa da Parnamirim Expo Cristã .....	201
Figura 10 – Cartaz da Expo Evangélica .....	202
Figura 11 – A relação circuito-igreja .....	213
Figura 12 – Proporção de evangélicos na população brasileira .....	227
Figura 13 – Loja de artigos evangélicos .....	243
Figura 14 – Tablatura do “mi profético” .....	246
Figura 15 – Casal adorando num show gospel .....	252
Figura 16 – Pessoas orando e filmando simultaneamente .....	253
Figura 17 – Classes sociais no Brasil .....	261





## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADHONEP	Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno
BH	Belo Horizonte
CATRE	Centro Adventista de Treinamento e Recreação
CCB	Convenção Batista Brasileira
CCLI	<i>Christian Copyright Licensing International</i>
CDHM	Comissão de Direitos Humanos e Minorias
CFNI	<i>Christ For the Nations Institut</i>
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil
CNDA	Conselho Nacional de Direito Autoral
CONPAS	Conselho de Pastores de Juiz de Fora
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
ECAD	Escritório Central de Arrecadação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing
GO	Goiás
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBREM	Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã
IMC	Igreja Metodista Central (Juiz de Fora, MG)
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
JOCUM	Jovens Com Uma Missão
LAGOINHA	Igreja Batista da Lagoinha (Belo Horizonte, MG)
LDA	Lei de Direitos Autorais
MILAD	Ministério de Louvor e Adoração

MDB/PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
MG	Minas Gerais
MPC	Mocidade Para Cristo
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OXFAM	<i>Oxford Committee for Famine Relief</i>
PIB-JF	Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora (MG)
PIB-PA	Primeira Igreja Batista do Pará
PSDB	Partido da Social Democracia no Brasil
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
RJ	Rio de Janeiro
SELA	Seminário de Louvor e Adoração
SC	Santa Catarina
SP	São Paulo
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
VPC	Vencedores Por Cristo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>2</b>	<b>A ADORAÇÃO NO MULTIVERSO QUE OS CRENTES HABITAM</b> .....	<b>37</b>
2.1	ENTRE CRENTES E CANÇÕES: A FÉ EM LIQUIDAÇÃO .....	37
2.2	NEM SÓ DE IGREJA VIVE O CRENTE: DIFERENTES VERSÕES DA MESMA FÉ .....	50
2.3	MÚSICA PARA SENTIR A PRESENÇA DE DEUS? UMA ABORDAGEM MULTISSITUADA .....	62
2.4	ADORAÇÃO COMO ALGO QUE SE APRENDE: A ESCOLA ADORANDO .....	93
<b>3</b>	<b>É SHOW OU É CULTO? DILEMAS DA ADORAÇÃO NO BRASIL</b> .....	<b>111</b>
3.1	QUE FAZER COM ESSES MÚSICOS? DESENCAIXE ENTRE CRENTES, CANÇÕES E IGREJAS .....	111
3.2	É “PADEIRO” OU “PALHAÇO”? MINISTROS DE LOUVOR NA DANÇA DAS INSTITUIÇÕES .....	138
3.3	É DE DEUS OU DE CÉSAR? A CONTROVERSA RELAÇÃO ENTRE O AUTOR E SUA CANÇÃO .....	166
<b>4</b>	<b>A ADORAÇÃO COMO RELIGIÃO, LAZER E CONSUMO</b> .....	<b>187</b>
4.1	O CIRCUITO EVANGÉLICO E AS CANÇÕES EM MOVIMENTO .....	187
4.2	“A CANÇÃO QUE MARCOU MINHA CONVERSÃO”: CONEXÕES CIRCUITO-IGREJA .....	205
4.3	A POLISSEMIA DA ADORAÇÃO: O “ESTILO MUSICAL” E O “ESTILO DE VIDA” .....	227
4.4	A CANÇÃO DA BATALHA: EXPRESSÕES DE FÉ E DE CLASSE .....	254
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>283</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>289</b>
	<b>APÊNDICE A – Lista de pessoas citadas</b> .....	<b>315</b>
	<b>APÊNDICE B – Lista de canções, álbuns, coleções e hinários citados</b> .....	<b>331</b>
	<b>APÊNDICE C – Lista de entes coletivos citados</b> .....	<b>345</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Era uma das manhãs da segunda semana de janeiro de 2016 em Contagem (MG). Cerca de 250 pessoas se reuniam no auditório de um centro de recreação que também dispunha de alojamento, quadra, campo de futebol, parque, piscina e lanchonete. À frente do salão, veio ao microfone um senhor negro, alto, com seus cabelos grisalhos. Ele possui uma voz grave e potente, mas dela pouco precisou num primeiro momento. Bastou cantar uma frase, o primeiro verso de uma de suas composições: “Não existe nada melhor”. Ele se calou ao perceber que os presentes podiam continuar sozinhos: “Do que ser amigo de Deus...”. A maioria deles conhecia a letra, o ritmo e a melodia. Mais que isso, cantavam emocionados. Em fração de segundos olhos se fecharam, mãos se levantaram e se formou um grande coral. E ali estava eu procurando entender o que ocorria. O senhor era Adhemar de Campos, pastor na Comunidade da Graça, igreja evangélica de São Paulo. A canção era *Amigo de Deus*, lançada pela primeira vez em 1995, num CD ao vivo. O centro de recreação pertencia a uma associação de igrejas adventistas mineiras. À minha esquerda estava um baiano pentecostal, à minha direita, um grupo de músicos batistas vindos do Maranhão, um pouco à frente um casal filiado a uma igreja fundada nos anos 2000 em Tocantins, um pouco atrás, moças assembleianas paulistas harmonizavam suas vozes competentemente, mais ao fundo um senhor luterano vindo do sul do país também cantava. Lá na primeira fileira estava um rapaz, ao lado de seu pastor, da Bola de Neve Church no estado do Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Todos pagaram uma inscrição para estar ali durante suas férias da escola, da faculdade ou do emprego e expressavam a sua fé com a mesma canção. Como isso é possível?

Essa tese é uma resposta a essa questão. O cenário descrito acima, longe de ser uma situação isolada, torna explícito aquilo que acontece cotidianamente Brasil afora. Pessoas diferentes, filiadas a igrejas de tendências teológicas diferentes, vivendo nas mais diferentes regiões, expressam sua fé com as mesmas canções. E, ao fazê-lo, acionam instâncias não imediatamente religiosas, ligadas ao lazer e ao consumo, como o tempo de férias ou o pagamento de uma inscrição. Tornar isso compreensível é o meu maior desafio neste trabalho. Para uma iniciação a ele, cabe apresentar o fio condutor da tese, o quadro mais geral em que ela se insere, as escolhas teórico-metodológicas que lhe deram origem e a estrutura dos seus capítulos.

---

<sup>1</sup> Com o intuito de tornar a leitura mais fluida, em alguns parágrafos como este, repleto de nomes de pessoas, canções ou entes coletivos, não farei apresentações em notas de rodapé. Elas estão disponíveis nos apêndices. Notas de apresentação ficaram limitadas a três por parágrafo. Ao passar disso, foram movidas para os apêndices.

As pessoas em questão têm sido reconhecidas publicamente como “evangélicos”, mas entre si, se chamam de “crentes” e é essa a forma como serão preferencialmente chamadas aqui. A princípio, trata-se daqueles que são filiados a igrejas de matriz protestante, ou seja, instituições religiosas que seguem as mais diferentes tendências teológicas protestantes, pentecostais ou não. Mas também é preciso levar em conta curiosos e simpatizantes dessa fé, bem como os que mantêm alguma relação com ela, apesar de não estarem ligados a uma igreja específica. É o que está em jogo quando falamos em evangélicos no Brasil, uma parcela cada vez maior da nossa população.

Quanto às canções, são geralmente distinguidas por aqui como “gospel” e estão dispersas em vídeos na internet, programas de rádio ou TV, shows, hinários e cultos, realizados nas igrejas ou nas próprias residências dos crentes. Estima-se que a música gospel represente no Brasil pelo menos 30% da produção fonográfica (DE PAULA, 2008). Ficando atrás apenas do mercado de música sertaneja, há quem diga que chegue a movimentar 2 bilhões de reais por ano (LEVINO, 2011). Uma potência mercadológica que pode ser ilustrada de diferentes maneiras. *Preciso de Ti*, CD gravado em 2001 pela banda Diante do Trono, figura entre os vinte álbuns mais vendidos da história do Brasil (ABREU, 2013). *Sol da Justiça*, lançado pelo mesmo grupo em 2011, foi o 12º DVD mais vendido do ano (ABPD, 2012). No mesmo período, um álbum da pastora Ludmila Ferber ficou entre os 20 CDs mais vendidos (ABPD, 2012). E Anderson Freire é um dos compositores que mais têm recebido valores das emissoras de rádio em referência aos seus direitos autorais, ficando atrás apenas de Bruno Caliman e superando nomes importantes no cenário nacional, tais como Roberto Carlos, Sorocaba (dupla de Fernando) e Nando Reis (ECAD, 2016a, p. 8).

Essa produção musical possui ampla variação interna. Praticamente todos os variados gêneros musicais presentes no Brasil possuem uma versão gospel. Samba, pagode, axé, sertanejo, funk, rock. Mas além dessas versões, há frações dessa produção que são concebidos como subgêneros específicos. É o caso daquela reconhecida como “adoração” ou “louvor e adoração”. Os motivos para que canções sejam percebidas como adoração constituem um problema em paralelo e será enfrentado ao longo da tese, mas trata-se de uma parcela expressiva da produção em questão. Diante do Trono, Ludmila Ferber e Anderson Freire se reconhecem nessa parcela. É “a maior força do movimento gospel no presente” (CUNHA, 2004, p. 179). Uma fonte de grande movimentação do mercado.

Entretanto, os crentes não se sentem totalmente confortáveis com esse cenário. Há uma série de jargões utilizados para que a música seja vista mais como uma expressão de fé do que do mercado fonográfico. Cantores são chamados de “levitas” ou “adoradores”, shows

são “ministrações”, bandas e conjuntos, “ministérios de louvor”, e assim por diante (CUNHA, 2004). Compreender esses termos é um dos objetivos da tese, porém, o aspecto mais importante que eles destacam é o grande interesse de que as canções de louvor e adoração, bem como tudo o mais ligado a elas, não sejam vistos como “mero” entretenimento, a forma como o mercado conjuga lazer e consumo.

Essa tensão é o fio condutor da tese. É por meio dela que pretendo contribuir com a Religiologia<sup>2</sup> ou Ciência(s) da(s) Religião(ões), investigando como canções se tornam religião. Os pioneiros no projeto de uma disciplina especializada em religião defendiam a autonomia disciplinar, mas não acreditavam que seria possível destacar totalmente o religioso do restante da vida. Max Müller (1882), por exemplo, não imaginava como seria possível falar de religião sem falar de linguagem. De modo semelhante, não é possível falar das canções de adoração como religião, sem discutir outros âmbitos, como o lazer e o consumo, nos quais elas também habitam. Só assim é possível compreender a tensão em que estão inseridas. Diante disso, ao invés de entrar na disputa a respeito do que é autenticamente religioso, assumo de antemão que há canções que se fazem simultaneamente religião, lazer e consumo e me ponho a descrever em que circunstâncias isso acontece.

Esse é o meu objetivo principal, mas para cumpri-lo é preciso enfrentar o problema a respeito de quem são as pessoas envolvidas no processo. Não se trata só de crentes de uma igreja ou confraria de igrejas<sup>3</sup>. Não dá para explicar como as canções se tornam religião sem falar das pessoas de diferentes preferências teológicas que fazem delas religião. É uma gama variada de grupos cuja interpretação exige o recurso à uma certa generalidade. Aquela que buscamos captar quando falamos em evangélicos. A pergunta sobre o que significa ser crente nesse sentido mais geral faz dessa tese também uma contribuição à Antropologia. Se num primeiro momento essa disciplina se especializou nos povos ainda pouco afetados pelos processos da Modernidade, hoje, grande parte dela tem se dedicado ao estudo de como as

---

<sup>2</sup> Uso esse termo como forma de aglutinar todas as diferentes posições no debate epistemológico que fez com que a área assumisse diferentes nomes ao longo de sua história: Ciência da Religião, Ciência das Religiões, Ciências das Religiões, Ciências da Religião, História das Religiões, Religião Comparada, Estudos Religiosos, entre outros. Assumo que, na prática, independente do posicionamento, o resultado é sempre um departamento ou instância acadêmica especializada em religião, que se quer diferente da teologia, embora a tenha como interlocutora. Há uma discussão sobre os países que adotaram esse termo, seus primeiros usos no Brasil e suas possibilidades em Senra (2016). O professor Arnaldo Huff, na ocasião da defesa dessa tese, lembrou o título de uma importante revista canadense da área, a *Religiologiques*, cujo site oficial está disponível em: < <https://www.religiologiques.uqam.ca/> >. Acesso em 31 mar. 2019.

<sup>3</sup> Digo confraria porque é preciso considerar não apenas o que mormente se entende por denominação, mas também os subconjuntos que existem no interior das denominações, como, por exemplo, o Ministério Madureira nas Assembleias de Deus.

culturas assimilam esses processos de maneiras específicas, forjando identidades (SAHLINS, 1997a, 1997b). É nesse horizonte que vejo que uma interpretação do significado da identidade de evangélico ou crente tenha algo a contribuir com a ciência antropológica

Quanto a isso, basta lembrar o clássico estudo com o qual Durkheim (1996, p. XV) pretendia entregar resultados que fossem do interesse tanto da “ciência das religiões”, quanto da “teoria do conhecimento”. Cornelis Tiele (2018, p. 219), outro pioneiro da disciplina especializada em religião, ao defender um estudo não teológico dos fenômenos religiosos que se desocupasse do “sobre-humano”, entedia que sua tarefa é “investigar a religião como um fenômeno histórico-psicológico, social e totalmente humano”<sup>4</sup>. Com esse viés, as pesquisas sobre religião terminam por também contribuir com a História, a Psicologia, as Ciências Sociais e Humanas em geral, a depender da ênfase na execução. É o que pretendo nesta tese. Como não é possível discutir o que são as canções de adoração como religião sem discutir, conjuntamente, a identidade daqueles que fazem delas religião, o estudo resulta polissêmico, à semelhança daquilo que foi estudado. É uma pesquisa sobre religião que pode ser vista como antropológica ou religiológica, no sentido de inerente à instância acadêmica especialmente dedicada à religião.

Mas o que é religião? Esse tem sido o estopim de um árduo debate não apenas na Religiologia, mas também na Antropologia e nas Ciências Humanas em geral. A questão não parece tão sofisticada se tomada em sua generalidade. Muita gente tem o que dizer em matéria de religião. Só que quando aprofundada, se complica. Existem coisas que tornam o problema a respeito de serem ou não religião de difícil solução até mesmo para quem tem alguma experiência em estudos na área. É com esse tipo de coisa que estou às voltas desde o meu mestrado, realizado entre 2013 e 2015.

Na ocasião, eu observava campeonatos de futsal entre igrejas, shows gospel, festas promovidas em espaços de culto, exibição de filmes em templos e coisas do tipo. Ao olhar para isso alguém pode perguntar: é lazer ou religião? A Antropologia tem ensinado que, quando um modo de vida nos causa estranheza, é melhor conviver durante um tempo com as pessoas mais diretamente envolvidas antes de dar um parecer. Mais do que conviver é preciso desafiar explicações prévias com os dados gerados nessa convivência. Atento a isso, numa etnografia realizada com jovens, vi que a questão sobre se era uma coisa ou outra não fazia muito sentido na prática, pois acabava tendo as duas dimensões (COSTA, W., 2015). Como

---

<sup>4</sup> Tradução de Tiele (1897).



uma moeda que, num olhar mais abrangente, tridimensional, pode ser cara e coroa ao mesmo tempo; as práticas eram, de certa forma, religião e lazer.

Mas há uma complicação. Ainda que existam experiências polissêmicas (como as que descrevi na pesquisa anterior), há muita gente interessada em definir se uma coisa é ou não religião. Descrevi na dissertação circunstâncias em que os jovens faziam questão de demonstrar suas práticas como lazer a fim de afirmar a atualidade de sua fé e outras em que os mesmos jovens viam necessidade de afirmar que suas práticas não eram “meramente lazer” para demonstrar como essa mesma fé lhes era relevante. Situações como estas, em que há interesse em dizer que uma coisa é religião, fazem emergir outro problema, conexo ao primeiro, mas ligeiramente diferente: o que vale como religião?

Dizer se algo pode ou não ser considerado religioso é um problema que não diz respeito apenas às pessoas de fé. É uma questão de pertinência política. Observa-se, por exemplo, que certas formas culturais, hoje aceitas como religião, nem sempre tiveram esse reconhecimento. Isso vale para o Brasil, ainda que comumente seja visto como mais sincrético e tolerante para com diferentes formas de crer. Paula Montero (2006) listou exemplos de práticas não católicas que já foram tratadas como crime, sendo coagidas e inibidas pelo próprio Estado. Em diferentes momentos históricos, protestantes não puderam ter locais de reunião com aparência de igreja, terreiros de candomblé e umbanda foram invadidos pela polícia, espíritas responderam a processos por exercício ilegal da medicina ao efetuar algum tipo de cura. A conquista do direito à liberdade de culto dependeu do reconhecimento das práticas como religião, um processo no qual elas mesmas passaram por transformações (MONTERO, 2006, p. 50).

Para Giumbelli (2002), religião é uma categoria socialmente relevante que possui um fim em dois sentidos. O de limite, porque usá-la para definir um âmbito da vida implica no problema de decidir até onde ele vai, qual o seu raio de alcance. E o de finalidade, já que ela adquire diferentes funções (como a de pleitear direitos destacada por Montero), mas que nem sempre são visíveis e evidentes. Desta forma, perceber se uma coisa é mesmo religião e não lazer, consumo, política ou qualquer outra é algo inerente à própria categoria.

É que a modernização implicou na repartição da vida em diferentes especialidades, algo que muito nos afeta. É comum, por exemplo, ao final de um culto, pastores usarem essa lógica ao pedirem bênçãos sobre “a vida financeira, a vida sentimental, a vida profissional, a vida espiritual” de quem está ali presente. É a versão simplificada de algo também presente em análises especializadas, como, por exemplo, a influente teoria social de Pierre Bourdieu (2007b, et al) na qual a sociedade moderna é concebida como fragmentada em campos que

gozam de autonomia relativa. Esse tipo de enquadramento ilumina uma série de dimensões da vida moderna, contudo não se pode perder de vista a possibilidade de que existam coisas que pertençam simultaneamente a diferentes âmbitos da vida. O próprio Bourdieu a historicidade a lógica moderna de especialização, reconsiderando o alcance explicativo da ideia de campo. Se num primeiro momento se esforçou para distinguir as forças que disputam entre si o poder simbólico no espaço interno do “campo religioso” (BOURDIEU, 2007b); anos depois, reconheceu a dispersão da religião por outros campos, assumindo que, nesse novo momento, ocorria “uma redefinição dos limites do campo religioso” (BOURDIEU, 2004, p. 122).

No âmbito da Antropologia, Talal Asad (2010) tem questionado a possibilidade de um conceito unívoco de religião. Para isso, avalia a noção empregada por Geertz (2008), que a entende como um sistema de símbolos que veiculam concepções de uma ordem de existência, uma visão de mundo. Asad (2010) contrasta essa noção cognitivista com o cristianismo medieval e aponta várias lacunas. Seu argumento é de que a coisa chamada de religiosa não é essencialmente cognitiva. Tal condição lhe foi imposta pela modernização que buscou reduzir seu espaço a um único âmbito, o da crença individual. Descrente da possibilidade de um conceito universal, Asad (2010) propõe que práticas e discursos compreendidos como religiosos devem ser entendidos como possíveis dentro de certas condições históricas específicas. Nesta perspectiva, aquilo que é percebido como religioso não pode ser entendido de maneira independente do que não é percebido como tal. Essa proposta, alinhada com a tendência de busca por dar atenção a saberes não modernos, não está interessada apenas na(s) religião(ões) em seus próprios termos, mas também nas condições que permitem que determinado fenômeno seja percebido como religioso.

Também há trabalhos nessa direção entre cientistas dedicados prioritariamente à religião, aos quais eu chamaria de religiólogos. Como explica Huff Júnior (2012), muitas vezes o estudo da religião em perspectiva sistemática ou comparada é tido como essencialista sem a devida avaliação. Trabalhar em um campo ou departamento focado em religiões não significa necessariamente assumir que elas sempre tiveram uma essência comum. Pieper (2015) alerta que uso generalizado do termo religião em definições é mais recente do que geralmente estamos dispostos a admitir. A ideia tão disseminada de que o Cristianismo é apenas uma espécie de um gênero maior, só foi sistematizada na virada do século XVIII para o XIX, dependendo de uma importante contribuição do teólogo e filósofo polonês Friedrich Schleiermacher (1768-1834), principalmente em seus discursos *Sobre a Religião* (SCHLEIERMACHER, 1990). Mas reconhecer isso não impede que tudo o que passou a ser percebido como religioso possa ser analisado num campo científico especializado para tal.

É no escopo dessa especialização que surgiu o principal trabalho de Wilfred Cantwell Smith, um dos pioneiros na identificação das alterações modernas do conceito de religião. Talal Asad (2001) o reconhece como uma leitura indispensável. Nele (SMITH, 2006), há um detalhamento da evolução da categoria e a progressiva generalização de seu uso. Para Cantwell Smith (2006), é o contato entre diferentes povos que demandou termos que pudessem ser aplicados ao conjunto de elementos culturais alheios. Assim surgiram os diferentes “ismos” (cristianismo, hinduísmo, budismo...). Cada um denota um conjunto em oposição a outros, a base do que posteriormente é pensado como religiões mundiais. Um processo essencial para que, num segundo momento, fosse possível opor esses conjuntos a outros percebidos como não religiosos. A implicação é que essa classificação não corresponde totalmente com aquilo que de fato existe, ocultando aspectos importantes (SMITH, 2006).

Para Asad (2003, 2010), é o advento da Modernidade, com o avanço do secularismo, que demanda a categoria, ao precisar nomear um espaço específico ao qual a religião precisaria ser reduzida ou privatizada. Nas sociedades que se modernizam, não apenas a vida é racionalmente repartida, mas também é preciso “elaborar formas de administrar essas repartições” (GIUMBELLI, 2002, p. 52). É isso que Giumbelli (2013) chama de “regulação do religioso”. A isso serve o conceito de religião após o processo descrito por Smith (2006). Só que essa classificação é artificial e insuficiente (SMITH, 2006). Há coisas que são difíceis de regular, ou seja, que podem ser tidas como religião e ao mesmo tempo consideradas outro tipo de coisa.

Elas parecem estar se multiplicando. Ensino religioso, crucifixos em tribunais, monumentos, patrimônios, indumentárias, ervas alucinógenas... São exemplos que acenderam debates recentes. Obras como as organizadas por Oro et al (2013), Giumbelli (2014a), Montero (2015), Silveira e Moraes Júnior (2015) têm, de maneira geral, explorado esses fenômenos em busca de entender a formação da sociedade moderna e secularizada no Brasil e o lugar das religiões na constituição de sua esfera pública. Tais iniciativas têm em comum o exercício de não tratar o religioso no espaço público necessariamente como invasão indevida, preferindo observar a composição da controvérsia em questão e quase sempre abrindo mão de um conceito de religião. Em sintonia com Asad (2010), entende-se que é melhor decompor uma situação do que partir de uma definição.

A música gospel tem características que a tornam passível de controvérsias desse tipo. Bandeira (2017), revisando a bibliografia disponível sobre o tema, destaca a grande dificuldade que existe em torno da definição do que seja gospel, demonstrando como a produção musical que recebe essa tarja é atravessada de disputas e negociações em torno do

que seja ou não religioso. Isso ocorre especialmente com a parcela percebida como adoração. Ela tem um lugar na própria definição do que significa ser crente, mas circula em instâncias ligadas, em maior ou menor medida, ao entretenimento. Sendo passível de comercialização e permeando o tempo-livre, torna-se religião ao mesmo tempo em que mantém outras conotações, mais afeitas ao lazer e ao consumo.

Mais uma vez está-se diante de um mundo aparentemente exótico. Há algo de estranho em coisas que se tornam religião fora do âmbito percebido como religioso. De novo o método etnográfico apresenta-se com potencial para a investigação. Mas há um desafio adicional. Se a música se torna religião dispersando-se por diferentes lugares, uma abordagem etnográfica convencional, aquela em que se passa mais tempo em um mesmo local com o mesmo grupo, não parece a mais adequada. Técnicas de observação participante e escrita do caderno de campo continuam tendo relevância para aproximação, mas é preciso empregar aquilo que Marcus (1995) tem chamado de etnografia multissituada. Basicamente consiste em observar diferentes contextos relacionados à identidade em questão na pesquisa. É uma espécie de método peregrino que, ao invés de fixar o olhar sobre um lugar, opta por seguir pessoas, relações, biografias, conflitos ou coisas (MARCUS, 1995).

Eu já havia realizado algo do tipo na produção da minha dissertação de mestrado, quando acompanhei jovens crentes em seu lazer. Esse foi o movimento que me despertou para o problema em torno da música gospel. Grande parte do que vivi com eles teve acompanhamento musical, seja como atividade principal ou como fundo. De certa forma, isso reflete a situação geral em que se encontra o lazer recentemente, quando “a música invadiu a vida cotidiana” (PRONOVOST, 2011, p. 53). Porém, me intrigou o fato de que muitas canções que eram tocadas no rádio quando em uma viagem, executadas em meio a uma roda de amigos acampando no fim de semana ou colocadas como fundo musical durante uma tarde na piscina, eram as mesmas usadas nos cultos das igrejas. Ali começaram os questionamentos que geraram essa tese. Sendo assim, o que farei aqui é recuperar parte do que foi produzido para a dissertação num novo horizonte. Tomo essa pesquisa, realizada entre 2013 e 2014, como um primeiro ciclo de investigação, “seguindo pessoas” (MARCUS, 1995). A compreensão derivada desse procedimento é um importante auxílio no entendimento das circunstâncias que agora estão em foco.

Mas não foi o suficiente. Se na dissertação eu me desapeguei do local fixo de observação, na nova empreitada era preciso também se desvencilhar da noção de grupo fixo. A música gospel se faz religião envolvendo pessoas que estão distantes no espaço e no tempo. Muitas vezes elas mesmas não se percebem em relação. A canção que se torna expressão de fé

de uns é criada por outros. E outros também são os lugares em que sua produção e sua distribuição acontece. Isso exigiu a observação de grupos diferentes. Sendo assim, a maneira que encontrei para amarrar as observações num discurso minimamente coerente é “seguir coisas” (MARCUS, 1995). Que coisas? As próprias canções, as composições musicais criadas para a voz humana. Contar a história das coisas, perseguindo a relação entre pessoas e coisas, permite desvendar relações entre diferentes pessoas em diferentes lugares (MARCUS, 1995). Sendo assim, a atenção à relação entre crenças e canções é uma forma de reconstruir as conexões entre os diferentes crenças que as tornam religião.

Cabe considerar que as canções são matéria, não no sentido físico, mas no de coisa criada, produção humana, e a materialidade é um assunto de exploração razoavelmente recente, tanto na Antropologia, quanto na Religiologia. O antropólogo Daniel Miller (2002, 2013) tem inovado as abordagens do consumo ao tratá-lo sob esse ponto de vista. Ele alerta que geralmente não são as pessoas que constroem o mundo material em que têm que viver (MILLER, 2013). Isso não é algo exclusivo da sociedade moderna, mas o sistema capitalista gera formas específicas de distribuição e acomodação de coisas criadas. Para ele, a etnografia tem o que contribuir no entendimento de como elas são incorporadas a modos particulares de vida e na produção de novas luzes sobre os hábitos de consumo. É a forma como trabalhou na produção de sua teoria das compras (MILLER, 2002). Trata-se de observar e participar das práticas de consumo, visando captar os sentidos que os produtos ganham em meio a elas. Os trabalhos de Livia Barbosa (2004, 2006), Diana Lima (2008, 2010) e McCracken (2003) também vão nessa direção. O pressuposto é que produtos são coisas criadas e, como tal, compõem o mundo da cultura, não como meros coadjuvantes. A cultura surge exatamente na interação entre as pessoas e as coisas que elas criam. É nesse horizonte que entendo a relação entre crenças e canções.

O campo disciplinar especializado em religião demorou a se aperceber do quanto a atenção à materialidade poderia render teoricamente. As fontes de informação sobre religião possuem uma história. Müller (1882) imaginava que os textos seriam o principal recurso desse campo e, por algum tempo, a maior parte do trabalho foi de fato baseada em fontes escritas. Mas o desenvolvimento das Ciências Sociais e a interação com elas despertou o campo para a fonte oral, especialmente porque muitas religiões que não possuem registros textuais não podiam ser deixadas de lado na análise comparada, algo já identificado por Tiele (1897). Sendo assim, no decorrer do século XX, a Religiologia se desenvolveu na combinação entre a fonte oral e a fonte escrita. Só no limiar de um novo milênio é que o campo se apercebeu das fontes materiais, uma renovação que tem sido chamada de virada material,

“*turn material*” (PYE, 2017). Especialistas de diferentes países começaram a fazer pesquisas com enfoque no corpo, nas vestes, nas práticas, nas esculturas, na arquitetura, tomados não mais como representações ou adereços, mas como centrais na concepção de religião. Um marco dessa virada é o livro de Manuel Vásquez (2011). Ele sistematizou teoricamente o que vem acontecendo nas últimas décadas e tem estimulado outros nessa mesma direção, como Jones e Matthews-Jones (2015), Birgit Meyer (2018, 2019), Morgan (2014) e Plate (2015). Embora não seja com esse enfoque específico, o livro que Manuel Vásquez organiza com Christina Rocha sobre o lugar do Brasil na cartografia global da religião (VÁSQUEZ, ROCHA, 2016), de certa maneira, insere o país nessa discussão.

Nos dois campos científicos há um desafio a ser enfrentado a respeito das criações humanas que não possuem materialidade no sentido físico da palavra. Esse é o caso da música, geralmente percebida como cultura imaterial, mas também é a situação em que se encontra todo o mundo virtual criado a partir da internet. Quando Daniel Miller (2013) dedica-se a este em particular, busca recuperar a noção filosófica de matéria como criação humana a partir de sua interação com a natureza. Nesse sentido, há pouca diferença entre uma bola de futebol feita para jogar e um e-mail escrito para se comunicar. É também dessa forma que vejo a música que os crentes criam para “adorar”. O som, em si, é físico, mas as canções como combinações específicas entre palavras e sons comumente não são percebidas como matéria. Recuperando a ideia de que essa combinação é sempre inicialmente criada por alguém, abre-se o caminho para percebê-la como matéria em seu sentido filosófico. Isso me leva a considerar as canções parte da materialidade com a qual os crentes vivem a sua fé. É essa interação entre crentes e canções que persigo no intuito de desvendar em que condições elas se fazem religião. O que só me foi possível seguindo pessoas e coisas.

E como é que se segue uma coisa? Para Marcus (1995), isso envolve traçar a circulação de um objeto concebido como material através de diferentes contextos. Ele toma como orientação primordial o trabalho de Appadurai (2008), no qual, em prol de uma interpretação dos caminhos da circulação, mantém-se a ideia de sistema, mas há um distanciamento da interpretação do capitalismo como sendo dotado de uma governança controladora. Isso implica em uma análise mais focada das formas particulares nas quais se dá o trânsito das coisas no e para além do mercado. É preciso rastreá-las nos e através dos diferentes contextos (MARCUS, 1995). Aplicado a esta tese, isso significa um esforço pela descrição da circulação das canções, desde a criação pelos compositores até chegar aos crentes em geral, o que implica descrever diferentes espaços em que as canções seguidas se fazem presentes.



Num trabalho desse tipo não é possível traçar um roteiro prévio de investigação. Aprofunda-se um contexto inicial considerado relevante e, a partir dele, segue-se os demais, um após o outro a partir do que foi descoberto no anterior. Esse, aliás, é o procedimento que Daniel Miller (2013) defende para as etnografias em geral. Mas no caso de quem se põe a seguir as coisas, não dá para saber de antemão para onde elas levarão. Desvendar os seus caminhos é exatamente o objetivo da pesquisa. Tudo o que é possível fazer na elaboração de um projeto é delimitar minimamente o que é que se segue e indicar o ponto de partida.

No caso desta tese, é possível delimitar as coisas que segui no decorrer da pesquisa em três níveis. No mais geral está todo o escopo de coisas compartilhadas por evangélicos. Há grande variedade de crenças e igrejas, mas isso não impede que eles compartilhem produções. Versões da Bíblia, panfletos, livros e uma série de outras coisas. Entre elas, as músicas. Elas constituem o segundo nível de observação, mas não podem ser consideradas totalmente à parte do mais geral, pois circulam no mesmo meio em que as demais coisas, embora tenham suas especificidades. Mas há ainda um nível mais específico. O do conjunto de canções atreladas a isso que os crentes chamam de adoração. Como é nelas que a tensão com lazer e com o consumo se torna mais evidente nos discursos, são as que me coloco a perseguir mais detidamente. E, nesse processo, optei por não definir previamente o que seja a adoração, mas descrever como ela se constitui em meio ao trânsito de canções, deixando para fazer sua caracterização ao longo da tese. No fundo, descobrir o que é isso que os crentes chamam de adoração é também um dos objetivos. E seguir o trânsito das canções a ela associadas é o procedimento. É de onde virá a resposta de como a música se torna religião.

O ponto de partida tinha que ser a composição. Como surge uma canção? Isso demandou uma aproximação mínima a pessoas de renome na música gospel. Esse era um grande desafio. Para superá-lo, adquiri livros dessas pessoas, alguns publicados antes da tese, outros durante o seu processo de produção. Penso que tive um pouco de sorte. As obras são escritas com o objetivo de transmitir uma mensagem de fé, mas, nesse propósito, cada autor, cantor ou compositor em questão utilizou vários relatos autobiográficos. É a alternativa que encontrei para superar dificuldades que Márcia Pinheiro (2006), Dolghe (2007), De Paula (2008), Rosas (2015) e Sant'Ana (2017) encontraram para conseguir entrevistas para as suas pesquisas. O teor dos livros não é muito diferente do que esses artistas adotam nas entrevistas que concedem. Encontrei neles muitas respostas que eu precisava.

A partir das obras, descobri diferentes contextos suscetíveis a observação participante. Meu propósito inicial era conseguir relatos de como surgiram as canções, mas acabei conseguindo mais que isso. Como encontrei várias menções a contextos ligados de alguma

maneira à circulação da produção musical dos artistas, pude usar os livros como uma espécie de mapa para identificar locais passíveis de observação participante. Assim, peregrinei por eles, com foco nos mais ligados ao que evangélicos chamam de “louvor e adoração”, observando e participando na medida do possível. Isso me levou a passar por diversos cultos, igrejas, shows, eventos, ensaios de bandas, empresas e um internato de nove dias em uma “escola de adoração”, espaço dedicado à formação daqueles que trabalham com música em diferentes igrejas evangélicas. É nele que vivi a situação do início dessa introdução.

Com essa peregrinação realizei o segundo ciclo de investigação, entre 2015 e 2018, “seguindo coisas” (MARCUS, 1995). Foi um tanto acidental e um pouco caótica em alguns momentos, reconheço, mas é a forma que encontrei para enfrentar o problema que me coloquei a resolver. Espelha a própria condição das canções investigadas, pois em vários momentos o seu trânsito também se revela algo desordenado. De qualquer forma, o resultado aqui apresentado advém da confluência do que foi descoberto nas duas etapas de pesquisa, primeiro seguindo os crentes, depois seguindo as canções<sup>5</sup>. No fim das contas, para descrever as circunstâncias em que a produção musical gospel se torna religião, combinei observações obtidas através do acompanhamento de jovens crentes em seu lazer com as obtidas percorrendo diferentes espaços ligados à parcela dessa produção mais rodeada de discursos em tensão com o lazer e com o consumo.

Essa é a estrutura a partir da qual a tese foi construída. É em busca de aprimorá-la que entrei em diálogo com demais autores e autoras de referência em religião, lazer ou consumo, as linhas mestras do trabalho. Foi necessário o recurso aos trabalhos de Benjamin (1996) e Baudrillard (2008) para diferenciar posicionamentos em relação ao consumo, bem como aos de Bauman (2001), Hervieu-Léger (2015, 2005) e Sanchis (1995), além dos já citados Smith (2006) e Asad (2001, 2002), para destacar aspectos da relação entre religião e modernidade. E, quanto ao lazer, dialoguei com os trabalhos de Almeida e Gutierrez (2011), Cuenca Cabeza (2014, 2000), Dumazedier (2002, 1999, 1994, 1976), Gutierrez (2001), e Christanne Gomes (2014, 2008, 2004), Gomes e Elizalde (2012), Huizinga (2007), Marcelino (1987), Pronovost (2011) e Taschner (2000). Mesmo reconhecendo profundas diferenças entre eles, é combinando-os que consegui diferenciar o lazer entre o lúdico e o tempo-livre criado como sua instituição, uma ideia que tem muitas implicações para o que será discutido.

Ainda sobre o lazer merecem destaque os trabalhos de Magnani (2012, 2003, 2002) que me auxiliaram não apenas teoricamente, mas também na construção de categorias

---

<sup>5</sup> As duas etapas serão mais bem detalhadas durante a tese, inclusive com quadros de resumo das ocasiões de observação. O da primeira está na [página 74](#) e o da segunda na [página 91](#).



alternativas para descrever o que eu observava entre crentes e canções. As noções de pedaço e de circuito me permitiram descrever evangélicos de uma forma diferente da que tem sido adotada na literatura sobre eles. A parte dela que mais levei em consideração nessa discussão é formada pelos textos de Alencar (2018, 2012), Almeida (2011, 2009), Rubem Alves (2005), Barrera Rivera (2016, 2005, 2002), Bittencourt Filho (2003), Leonildo Campos (1999), Camurça (2013), Dreher (2013), Rubem César Fernandes (1999), Ferreira (2017), Freston (1993), Frossard (2013, 2006), Giumbelli (2014b, 2002, 2000), Jecov (2017), Mafra (2011, 2009, 2001), Mansilla (2012), Mariano (1999, 1998), Mariz e Gracino Júnior (2013), Antônio Mendonça (2005, 1995, 1989), Mendonça e Velasques Filho (1990), Mesquita (2012, 2007, 2003), Moreira (2016), Portella (2012), Rocha e Tepedino (2011), Sanchis (1996), Jorge Santos (2012), Carlos Siepierski (2001), Paulo Siepierski (1997), Marselha Souza (2016), Rosa (1978). Também nessa literatura, quando precisei detalhar aspectos mais relacionados à música gospel no Brasil, recorri aos trabalhos de Bandeira (2017), Cunha (2013, 2007, 2004), De Paula (2016, 2008, 2007), Dolghie (2007, 2006, 2004), Eberle (2008), Joêzer Mendonça (2009), Márcia Pinheiro (2006), Rosas (2015, 2013), Rumstain (2007), Sant'ana (2017, 2014, 2013), Euridiana Souza (2009), Souza Júnior (2001) e Vicentini (2007).

Na execução do trabalho também acionei algumas discussões auxiliares. Preocupei-me nessa introdução em apontar a hierarquia das preocupações, mas na complexidade dos fatos, me vi obrigado a entrar em debates que embora não estejam imediatamente ligados aos problemas principais, contribuem para a percepção de relevantes implicações. Não dava para descrever as disputas de direitos autorais em torno das canções sem uma discussão de base sobre a legislação pertinente, tal como a de Mello (2013). Da mesma forma, para descrever os impactos das renovações tecnológicas na história da música precisei recorrer à teoria das desconexões entre o espaço e o tempo, de Giddens (1991). É o que também aconteceu quando percebi que clivagens de classe influenciavam os sentidos que as canções adquiriam para os crentes e incorporei análises de Laura Carvalho (2018), Jessé Souza (2009, 2012, 2015, 2017, 2018a, 2018b) e Arenari (2017). São discussões que não estavam no primeiro plano, mas que percebi como impreteríveis para a compreensão das circunstâncias em as canções se tornam religião.

O resultado foi um trabalho que buscou uma interpretação o mais completa e mais objetiva possível. Lembrando sempre que não procurei explicar o que é a religião, nem o que ela faz, mas como ela é no contexto que observei. Isso implica em uma análise mais formal e menos avalista do conteúdo em si. Busquei me afastar ao máximo do julgamento de qual é a melhor vertente religiosa, o lazer mais autêntico ou o consumo mais adequado. É a postura

que considere mais adequada para esse trabalho. As pessoas com quem convivi na pesquisa fazem esses julgamentos e inclusive podem discordar de minhas interpretações exatamente por isso. Inspirado na tradição fenomenológica que vai de Rudolf Otto (2007) a Ninian Smart (1977, 1995), entendo que pesquisar a religião sempre exige algum grau de empatia, porém, como lembra Michael Pye (2017), os crentes nem sempre têm razão. Por isso, sempre que me vi diante de uma divergência, apresentei diferentes lados em disputa, sem necessariamente tomar partido de nenhum, expondo a polifonia, onde a minha voz é só mais uma, mas é aquela submetida aos critérios formais colocados nessa introdução.

E por falar em som, cabe destacar que as canções aqui descritas não podem ser compreendidas apenas por sua letra. Notas, harmonia, ritmo, compasso e melodia fazem parte do objeto, tanto quanto a poesia aqui descrita<sup>6</sup>. Há aspectos que não são completamente traduzíveis em palavras. Isso me obrigou a deixar a tese também multissituada, por assim dizer. Todas as músicas citadas podem ser acessadas em uma lista de reprodução que criei no *YouTube*<sup>7</sup>. Considero que a melhor maneira de ler essa tese é com esse site ou aplicativo aberto em segundo plano. À medida que uma canção for citada, ouvir pelo menos algum trecho na plataforma pode entregar nuances que não consegui descrever plenamente. De qualquer forma, a avaliação artística é uma discussão derivada. É mais central no trabalho a avaliação das músicas como expressões de fé em forma de canção, com maior atenção aos aspectos que podem ser percebidos como religião, lazer e consumo. E, quanto a isso, a iniciação musical não será uma condição *sine qua non* para a compreensão das circunstâncias que procuro descrever.

A tese é de que as instituições voltadas para o lazer e para o consumo permitem que expressões de fé circulem à revelia das igrejas, gerando duas versões da mesma religião. Paralelo ao mundo das denominações, em que cada uma sistematiza a seu modo um estoque de expressões de fé, surge o circuito evangélico, em que os estoques se dispersam por outros espaços institucionais, entrando em liquidação. Um multiverso com conexões nem sempre pacíficas entre esses dois mundos. Quem quiser entender o que significa ser crente no Brasil

---

<sup>6</sup> Lembrando que nota é a unidade mínima do som, formada por um modo único de vibração do ar, melodia é a combinação de notas entoadas sucessivamente, harmonia é a combinação de notas tocadas simultaneamente, ritmo é a série de intervalos regulares em que os sons ocorrem e, compasso, a divisão quantitativa do ritmo em grupos de tempos de duração.

<sup>7</sup> A lista segue a sequência em que as canções aparecem na tese e contém tanto as que foram descritas de maneira mais densa, às quais se aplica o comentário que fiz acima, quanto as comentadas mais ligeiramente, inclusive na epígrafe. Tem o título da tese, *Curtindo a presença de Deus*. Está disponível em: < [https://www.youtube.com/playlist?list=PLqkPYxdv\\_Y2PdDNlsqGILASO3R5I89DCI](https://www.youtube.com/playlist?list=PLqkPYxdv_Y2PdDNlsqGILASO3R5I89DCI) >. Acesso em: 3 jan. 2019.

precisa levá-las em consideração. É nelas que a experiência que os adoradores tanto anseiam, o “estar na presença de Deus”, ganha conotações de religião, lazer e consumo, tornando a adoração, simultaneamente, “estilo de vida” e “estilo musical”.

O escopo das descrições que permitiram chegar a essa conclusão foi dividido em três capítulos. O primeiro aglutina discussões de base. Hipóteses, perspectivas teóricas, problemas na concepção dos evangélicos e da música gospel e, principalmente, o detalhamento das condições etnográficas em que a pesquisa foi realizada. Uma seção foi especialmente dedicada à escola de adoração na qual fiquei em internato porque julguei sua descrição um importante recurso para apresentar de forma concentrada o que se dá de maneira dispersa entre os crentes em relação à música. Esse foi o ponto de partida para o segundo capítulo no qual descrevo os dilemas que surgem em torno da adoração a partir da constante tensão entre religião e lazer/consumo. Exploro isso combinando descrições do que observei em campo com a história das canções observadas. Chamo de dilemas porque toda tentativa de reduzir a fé ao escopo da religião institucional é sempre frustrado e produz respostas insuficientes. Eles são tomados de base para o terceiro capítulo, que é onde as interpretações são amarradas e acabam conduzindo às conclusões acima. Considerando que os crentes vivem sua fé entre o mundo da igreja e o mundo do circuito compartilhado, descrevo a circulação e as conexões circuito-igreja para enfim apresentar os diferentes sentidos disso que os crentes chamam de adoração, reservando uma seção para tratar de um significado que é especial para os que se encontram nos estratos mais baixos e têm usado as canções como um recurso na batalha por uma vida melhor. Eles mantêm uma expectativa positiva diante do sofrimento de rotina, cantando em meio a dor. Na igreja ou fora dela, seguem, “sentindo a presença de Deus”.

Antes de ir aos capítulos, cabe algumas ressalvas. Fiz um esforço para manter todas as identidades em sigilo, salvo os casos em que estava lidando com informações públicas. Entrevistas de circulação nas mídias, relatos autobiográficos nos livros publicados, postagens nas redes sociais abertas a qualquer visualização... Mesmo no caso da entrevista que fiz com um empresário em que o sigilo não foi possível, procurei aproveitar mais os dados públicos aos quais me despertei após a entrevista. Também optei por usar designações genéricas, do tipo “músico na igreja em que visitei”, a fim de evitar a identificação. Como ficará mais claro no decorrer da tese, há disputas não apenas entre empresas, mas também entre músicos e pastores, o que me deixou desconfortável. A depender da situação, sobretudo com igrejas menores, até o uso de nomes fictícios permitiria que pessoas em seus contextos descobrissem de quem estou falando. Com as designações genéricas os dados ficam mais embaralhados.

O problema é que com tanto dado embaralhado, o leitor pode sentir-se um pouco perdido. Para amenizar a situação, optei por dar preferência a casos publicizados, mesmo quando tive acesso a casos semelhantes através de observação participante ou entrevistas. Por isso cito amplamente os livros que os cantores escreveram. E também criei três apêndices. Para lançar luz sobre as conexões, precisei retirar o foco de instâncias que geralmente recebem maior atenção. Como falo de muitas pessoas, instituições, empresas e igrejas diferentes, e nem sempre exponho quem são, criei listas com breves currículos e descrições ao final. Assim, se em algum momento eu citar alguém, alguma música ou algum ente coletivo, se quem estiver lendo tiver dificuldade para encontrar sua descrição pela tese, pode consultar a lista ao final. Concordo que a sistematização é desafiadora, mas isso é comum em etnografias multissituadas. Novas interpretações demandam a realocação das informações de forma não convencional. Isso é importante na geração de novas hipóteses. É o que pretendo nas páginas a seguir.

## 2 A ADORAÇÃO NO MULTIVERSO QUE OS CRENTES HABITAM

Quando falamos em religião, quase sempre vem à mente uma igreja, uma mesquita, uma sinagoga, um terreiro, enfim, um templo ou local reservado para culto. Mas o espaço reservado para o exercício da fé não equivale a todas as suas possibilidades. Só que num contexto moderno, nem sempre é fácil captar as nuances. Evangélicos, por exemplo, possuem duas noções de igreja. Há momentos em que fazem referência à instituição quando dizem algo como “vou à igreja hoje” ou “o pastor lá da igreja”. Mas quando falam “a Igreja do Senhor ao redor do mundo” ou “a Igreja tem que fazer diferença na sociedade” se referem a outra coisa. Entre os crentes, há “igrejas” e “Igreja”, algo maior do qual as igrejas são apenas uma parte. Mas as duas dimensões se confundem. Quando alguém diz que “entrou para a igreja”, de qual delas está falando? Esse capítulo é sobre isso. Embora abrindo mão da discussão teológica sobre o sentido espiritual da “Igreja”, o assunto principal é o conjunto mais amplo de possibilidades de vivência da fé compartilhado por cada crente nas e para além das igrejas. Apresento a minha peregrinação por esse conjunto, com enfoque no lugar ocupado pelas canções percebidas como ligadas à adoração.

### 2.1 ENTRE CRENTES E CANÇÕES: A FÉ EM LIQUIDAÇÃO

Fernando Jerônimo dos Santos Júnior nasceu em Aracaju (SE), em março de 1973, quando seus pais ainda eram adeptos do candomblé, mas muita coisa mudou quando, aos sete anos, sua família migrou para São Mateus, município situado ao norte do Espírito Santo, sudeste do Brasil<sup>8</sup>. Ele conta que, após a insistência de um colega com quem jogava bola, visitou uma Igreja Adventista do Sétimo Dia e ficou encantado com uma cerimônia em que as pessoas lavavam os pés umas das outras. Era sua primeira experiência com um cristianismo não católico. Na época estranhou, pois aquela cena não lhe fazia o menor sentido, mas hoje entende que havia algum propósito divino naquilo. Coincidência ou não, o fato é que pouco depois desse dia, seu pai decidiu levar toda a família para visitar uma igreja batista. Neste culto, ao final da pregação, o pastor perguntou se alguém queria aceitar Jesus. Fernando, meio que por brincadeira, foi à frente e logo foi seguido de toda família. Inclusive sua avó e seu tio com quem morava naquela época. Hoje, aos 44 anos, ele é um dos pastores da Segunda Igreja Batista de Campos do Goytacazes, em São Paulo, uma denominação ligada à Convenção

---

<sup>8</sup> Todas as informações utilizadas neste parágrafo, bem como outras utilizadas a seguir, tem origem nos relatos autobiográficos contidos em seu livro (FERNANDINHO, 2013).

Batista Brasileira (CBB) e liderada pelo pastor Eber Silva. Contudo, desde 2001 tornou-se mais conhecido por sua produção musical. E nessa trajetória o nome que ganhou projeção nacional é Fernandinho, pecha que havia recebido por ter o mesmo nome de seu pai.

Em março de 2015, na Igreja Batista Central da Barra (RJ), mais conhecida como Igreja Batista Atitude, também filiada à CBB, Fernandinho<sup>9</sup> gravou ao vivo a canção a qual deu o título de *Galileu*<sup>10</sup>, nome que também atribuiu ao álbum gerado com as canções gravadas naquela data. Era seu 11º e foi lançado em setembro de 2015, mas havia sido imaginado cerca de três anos antes<sup>11</sup>. É o próprio Fernandinho quem explica o que tinha em mente ao criar o álbum e a canção:

Quando a gente pensou em fazer este CD eu estava numa conferência junto com a minha esposa e eu estava com as mãos levantadas, cantando, adorando ao Senhor, e de repente eu me sentei, eu olhei pra ela e disse: “eu quero fazer um CD que eu possa falar só dele, que eu possa falar só sobre ele”. [...]. E a partir daquele momento eu comecei a pegar Mateus, Marcos, Lucas e João e comecei a ler sobre ele. E a cada dia que eu lia junto com a minha esposa, a cada manhã, a gente ficava deslumbrado. E a gente muitas vezes chorava e muitas vezes eu lia coisas que a gente estava acostumado a ler desde a nossa adolescência e eu parava e olhava de novo e eu falava assim: “nossa!”. Parecia que eu nunca tinha lido aquilo! Aquilo renovava no meu coração aquela paixão, aquele fervor, aquele fogo, aquele amor de ver quão maravilhoso é o meu Jesus! Quão bom é o meu Jesus! E tudo o que a gente quer com esse CD é que as pessoas entendam que ele é maravilhoso, que ele é grande, que ele é o príncipe da paz pras nossas guerras. Pra tudo aquilo que a gente não consegue entender, que ele é a resposta. A gente tem tantos conflitos na nossa alma e ele já deu a resposta. Está lá na Cruz. Ele é a resposta. E que cabe a mim e a você se entregar a esse amor. Essa canção diz “eu me rendo ao seu amor, eu me rendo ao seu amor” (A HISTÓRIA..., 2015, 1:14-3:04, não paginado, sic).

Gravação, lançamento e distribuição dessa canção aconteceram durante o primeiro ano da minha pesquisa de doutoramento. Em pouco mais de três meses de lançamento o álbum já havia vendido 76 mil cópias (RIBEIRO, 2016). Era uma expressão de fé, posso concordar, mas seu sucesso de vendas torna impossível negar sua feição de consumo. E levando em consideração que ela se dispersou por rádios, programas de TV, vídeos na internet e uma série de outras instâncias de ocupação do tempo livre, fica difícil não aceitar que ela também possua uma dimensão de lazer.

<sup>9</sup> No decorrer da tese, optei por me referir aos artistas da forma como são conhecidos pelo seu público.

<sup>10</sup> A letra será apresentada no decorrer dessa seção e também consta no apêndice B. O áudio pode ser acessado através da lista criada no YouTube. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=bOFbr2RpLek&list=PLqkPYxdv\\_Y2PdDNlsqGILASO3R5I89DCI&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=bOFbr2RpLek&list=PLqkPYxdv_Y2PdDNlsqGILASO3R5I89DCI&index=3) >. Acesso em 20 jan. 2019.

<sup>11</sup> Informação disponível em: < <http://www.opropagador.com/fique-sabendo-alex-e-alex-andre-e-felipe-daniela-araujo-fernandinho-e-trazendo-a-arca/> >. Acesso em: 23 maio 2015.

Era esse tipo de coisa que eu tinha em mente nesta pesquisa. No início, eu planejava trabalhar com a etnografia multissituada proposta por George Marcus (1991, 1995), “seguindo pessoas”. Pensava eu que a melhor forma de investigação era acompanhar pessoas em suas práticas, algo que eu havia aplicado durante o mestrado (COSTA, W., 2015). Foi a canção *Galileu* que me mostrou como isso não seria suficiente.

Em 2016, ainda não tão consciente de como eu precisaria trabalhar, fui aprovado num concurso para professor do departamento de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Até então a pesquisa era realizada majoritariamente em Minas Gerais. Em Belo Horizonte eu identifiquei duas empresas voltadas para músicas ligadas à adoração: a OniMusic<sup>12</sup>, que é a que distribui os álbuns do Fernandinho, e a Editora Adorando<sup>13</sup>, que administra os valores referentes aos seus direitos autorais, inclusive aqueles relativos à composição e à interpretação de *Galileu*. E, a partir dessas empresas, consegui participar em um evento voltado para a formação de músicos evangélicos em Contagem, do qual Fernandinho já havia participado em outras edições. Além disso, grande parte das igrejas e dos eventos que visitei para completar as descrições ficam em Juiz de Fora, onde situa a universidade em que cursei o doutorado. Tudo isso será mais bem explicado no decorrer da tese. Por hora, importa saber que, quando cheguei em Natal (RN), tinha em mente buscar pessoas que trabalhavam nos departamentos de música de igrejas evangélicas, a fim de entender como são escolhidas canções para o culto.

*Galileu* havia sido lançada em DVD há pouco, em dezembro de 2016. O produto era fruto da gravação audiovisual das faixas do álbum de 2015, agora realizada no Rio Arena (hoje chamado Jeunesse Arena), um estádio localizado no Parque Olímpico da capital fluminense (FERNANDINHO, 2016). Durante o mês de janeiro de 2017, quando a canção ganhava projeção cada vez maior, eu morei em uma espécie de república. Era uma casa com quatro quartos, em que a proprietária alugava cada um em separado e compartilhávamos as áreas comuns (sala, cozinha, varanda). Demais locatários eram estudantes que geralmente passavam as férias no interior do Estado e o período letivo na capital. Para minha sorte, um deles era crente e trabalhava com música em sua igreja. A convivência foi curta, pois ele só chegou da casa dos pais na última semana de janeiro, quando eu já preparava a mudança para outra casa. Mas foi muito receptivo, cedendo uma entrevista e me convidando para participar de ensaios do grupo de que fazia parte.

---

<sup>12</sup> Site disponível em: < <https://onimusic.com.br/> >. Acesso em 20 jan. 2019.

<sup>13</sup> Site disponível em: < <https://adorando.com.br/editora/> >. Acesso em 20 jan. 2019.



Essa era uma igreja evangélica autônoma<sup>14</sup>. Um grupo que havia se desligado de uma das denominações protestantes tradicionais por conta de divergências teológicas após terem contato com o que no Brasil é conhecido como Teologia Reformada. É um modo de interpretar o cristianismo bem específico e que destoa de boa parte da teologia praticada pela maioria das igrejas evangélicas presentes no Brasil. Um dos principais pontos de discordância, mas não o único, é que, num universo em que a igrejas estão acostumadas a chamar não crentes a “aceitem Jesus” (como foi feito com Fernandinho quando criança), os reformados, em sua inspiração calvinista, defenderão que a vontade humana não participa da salvação, pois não são as pessoas que “aceitam”, mas Deus que chama a quem elegeu. A igreja chamava-me a atenção exatamente porque a maioria da produção musical gospel não segue essa corrente teológica. Estava eu no ensaio do grupo de louvor, música vai, música vem, e quando menos espero, o violonista estava fazendo o *riff* de introdução de *Galileu*. Trata-se de uma sequência de notas<sup>15</sup> que cria identidade em uma composição, geralmente feita em guitarras. No caso da composição de Fernandinho, é feita com teclados em sua versão original, mas o *riff* é tão característico que, enquanto o violonista a executava, logo um dos rapazes reconheceu e começou a entoar os primeiros versos: “Deixou sua glória, foi por amor, foi por amor / E o seu sangue derramou, que grande amor / Naquela via dolorosa se entregou / Eu não mereço, mas sua graça me alcançou” (FERNANDINHO, 2015, np.).

A partir daí, realizei várias visitas a essa igreja e a outras da capital potiguar no decorrer de 2017. No decorrer dessa peregrinação, descobri um show do Fernandinho a realizar-se no dia 4 de maio, quinta-feira, na Igreja Pentecostal Assembleia de Deus Bom Refúgio<sup>16</sup>, situada na região central da cidade. Eu adquiri o ingresso ao valor de trinta reais através de um site especializado em vendas para espetáculos em geral<sup>17</sup>. Ao chegar no evento, vi o quarteirão da igreja tomado por veículos. Muitos ônibus, micro-ônibus e vans, oriundos de cidades da Região Metropolitana de Natal, também do interior. Alguns jovens usavam camisas com logos de suas igrejas. Algumas desconhecidas nacionalmente, pois são típicas da região, como Chama Pentecostal e Sopro do Espírito. Também havia quem estivesse com uniforme de algum grupo específico, como o motoclubê Fé na Estrada. Nesse dia eu consegui

---

<sup>14</sup> Como expliquei na introdução, não darei muitas informações sobre as igrejas menores que possuem características mais específicas a fim de não comprometer o sigilo da identidade dos pesquisados.

<sup>15</sup> Alguns conceitos no âmbito musical serão acrescentados ao longo da tese, mas evitei fazer notas desse tipo para não desviar a atenção dos processos que interessam mais imediatamente.

<sup>16</sup> Site disponível em: < <http://adbomrefugio.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

<sup>17</sup> Disponível em: < [https://www.sympla.com.br/fernandinho---lancamento-dvd-galileu-em-natal\\_\\_126233](https://www.sympla.com.br/fernandinho---lancamento-dvd-galileu-em-natal__126233) >. Acesso em 2 jan. 2019.



cerca de duas horas de observação, tanto das barracas de diferentes empresas, como a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) e a Faz Chover Produções Artísticas e Musicais (empresa com a qual Fernandinho exerce seu trabalho), fixadas na entrada da igreja; quanto do show em si. E a última canção da noite, aquela que o artista geralmente deixa para o final para terminar de forma memorável, *Galileu*. Pessoas de diferentes idades, mas com uma parcela nítida de jovens, emocionavam-se e falavam em línguas durante a canção<sup>18</sup>. Em um momento de comoção, juntas, cantavam como que em uma só voz: “Eu me rendo ao seu amor / Eu me rendo ao seu amor / Eu me rendo ao seu amor / Eu me rendo / Eu me rendo” (FERNANDINHO, 2015, np.).

Foi naquele momento que me apercebi da necessidade de adequação metodológica. Não era suficiente seguir os crentes por diferentes lugares. As canções em si mesmas tinham algo a ensinar. Era preciso reconsiderar o que eu havia produzido para tese até ali. No fundo, eu estava abordando em minha pesquisa, uma coisa que, em certas circunstâncias, transita livremente entre evangélicos, quer sejam batistas, reformados ou pentecostais, por mais diferentes que sejam suas igrejas e opções teológicas. Não importava se a música foi criada por um batista. Para além das discordâncias, *Galileu* tinha algo sobre o qual diferentes crentes em diferentes regiões do país concordavam. Mais que isso, algo que lhe legitimara como expressão de fé entre eles.

Quando estive em Juiz de Fora (MG) em junho de 2017, no dia 11, domingo, participei de um culto numa Igreja de Deus no Brasil<sup>19</sup> situada no bairro Ipiranga. Era um culto de apresentação de crianças recém-nascidas, uma cerimônia comum entre pentecostais em substituição ao batismo infantil, já que, em sua maioria, só batizam pessoas depois de certa idade. Eu fui a convite da mãe de uma delas. Pouco antes da apresentação, entrou um grupo de “teatro das mãozinhas”, como era chamado. Trata-se de uma espécie de pantomima realizada com luvas com uma irradiação especial que as deixam fluorescentes no contraste com luz negra. Como os integrantes todos ficam vestidos de preto, cobrindo inclusive o rosto, a técnica permite que, ao apagar as luzes, só as mãos dos participantes apareçam com uma luz

---

<sup>18</sup> Também conhecida como glossolalia, falar em línguas é uma prática de oração na qual as sílabas são combinadas de maneira aleatória, não possuindo um sentido semântico específico. É prática considerada um dos diferenciais do pentecostalismo. Há discussões sobre isso nas teses de Alencar (2012), Ferreira (2017) e Albuquerque Júnior (2018).

<sup>19</sup> Essa denominação surgiu no Brasil na segunda metade do século XX quando os líderes de uma igreja pentecostal local decidiram se unir à *Church of God* nos EUA que tem origem no movimento pentecostal de lá. Desde então se espalhou por diversas regiões do Brasil, com atenção especial ao Triângulo Mineiro. Mais informações em seu site. Disponível em: < <https://igrejadedeus.org.br/novoImpreza/institucional/> >. Acesso em 20 jan. 2019.

fluorescente azulada. O movimento sincronizado causa uma espécie de balé das mãos que permite uma interpretação musical bem peculiar<sup>20</sup>. E adivinhe: essa técnica foi utilizada para dar vida a qual canção? *Galileu*. As mãos bailavam ao vento com gestos e símbolos que juntas formavam para remeter os crentes àqueles que, para Fernandinho inspirado em textos bíblicos, eram os títulos de Jesus: “Deus Emanuel, Estrela da Manhã / Cordeiro de Deus, Pão da Vida / Príncipe da Paz, Grande El Shaddai / Santo de Israel, Luz do mundo” (FERNANDINHO, 2015, np.).

Ao terminar a apresentação, o pastor da igreja pediu a todos para orarem pelo grupo, pois havia sido formado recentemente e estava ganhando repercussão, tendo conseguido apresentar-se na Marcha para Jesus realizada na cidade no dia anterior. Sobre isso, cabe lembrar que essas caminhadas realizadas pelos crentes cada vez mais têm sido reconhecidas pela população em geral como um espaço voltado para a política. Esse aspecto é relevante, como tem demonstrado Raquel Sant’ana (2014). Porém, essa mesma antropóloga chama a atenção para o quão importante é o som nesse tipo de evento. Ela, que acompanhou diferentes marchas realizadas na região sudeste, observa que:

A Marcha em si consiste num grande cantar, entremeado por momentos de fala que não ultrapassam 30 minutos. Mais de uma dezena de trios elétricos guiam a multidão em canções que orientam o tempo da caminhada e dos ânimos pela cidade, chegando-se a um espaço de concentração no qual há um grande palco em que se realizam os principais shows do dia. (SANT’ANA, 2014, p. 215-216).

Sendo assim, o som é central neste tipo de evento de aparente intuito político. E um teatro que depende de todo ambiente estar escuro só poderia ter ocorrido em meio aos principais shows do dia, aqueles realizados no palco principal, à noite, depois da caminhada. Disso deduzo que, num dos momentos mais importantes da Marcha para Jesus de 2017 em Juiz de Fora, quando o público já estava concentrado em um só lugar, através da coreografia das mãos, o refrão composto por Fernandinho deve ter encantado muita gente que, enquanto assistia, possivelmente cantou por repetidas vezes: “Galileu, Jesus, Jesus!” (FERNANDINHO, 2015, np.). Gente essa que também deve ter, assim como eu no culto, assistido as mãos se juntarem para formar vagarosamente a frase “foi por você” logo após o refrão, no momento da gravação em que Fernandinho recita o texto bíblico:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus. Pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se

<sup>20</sup> Exemplo disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DXRE3yliIS4> >. Acesso em 3 jan. 2019.

em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu ao nome que está acima de todo nome para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho nos céus, na terra e debaixo da terra; e toda língua confesse: Jesus Cristo Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai (BÍBLIA, 1993, Fl. 2.5-11, p. 211; *apud* FERNANDINHO, 2015, 3:34-4:15, np.).

Nesta mesma semana em Juiz de Fora (JF), aproveitando a ocasião do feriado municipal do dia 13, data em que se dão as comemorações de Santo Antônio (considerado o seu padroeiro), a Primeira Igreja Batista da cidade – instituição a partir da qual eu havia realizado minha pesquisa do mestrado –, promoveu, na véspera, um evento com a presença de Talles Roberto e Fernandinho. Foi uma interessante oportunidade, pois eu poderia observar o mesmo show que havia participado em Natal (RN), em um contexto diferente. Em JF, bandas da região apresentaram no início, depois o Talles e, por fim, Fernandinho. Já passava de 1h quando o *riff* de Galileu foi entoado pela primeira vez naquele lugar. Ao final de um evento mais longo e cansativo, vi uma multidão de jovens pulando como se tivessem acabado de chegar, cantando os brados melódicos criados por Fernandinho como uma espécie de ponte para a volta da segunda parte: “Ô ô ô ô / Ô ô ô ô / Ô ô ô ô!” (FERNANDINHO, 2015, np.).

Na semana seguinte, na noite da sexta-feira, dia 23 de julho de 2017, consegui participar de um ensaio de um grupo de louvor de uma igreja pentecostal pequenina situada na região nordeste de JF, no Bairro Grama. Tinha aquele formato típico das periferias. Uma placa, uma garagem, algumas cadeiras brancas de plástico, algumas dezenas de pessoas e pronto. Já parece lotada. Fiquei admirado com a parafernália de equipamentos de som e instrumentos. Por que uma congregação tão pequena investiria tanto no som? Não que eles fossem de última geração ou os mais sofisticados, mas é que parecia um investimento não compatível com o tamanho da igreja. Volto a isso no último capítulo.

Para além dessa primeira impressão, pareceu-me que a minha presença atrapalhou o ensaio. Os instrumentos pertenciam à igreja e alguns integrantes haviam começado a aprender a tocar há pouco. Eles não estavam atingindo a performance desejada pelo líder, que é quem me convidou para o ensaio. Foram vários desentendimentos por conta das sucessivas vezes em um ou outro instrumentista entrava fora do tempo, o que me preocupava por conta do volume elevado do som que estavam fazendo. Até que decidiram, por sugestão do baterista, passar algumas músicas com as quais já estavam entrosados para não ficar sem nada definido, pois aquele era o último ensaio antes de tocarem no culto da terça-feira seguinte. Entre as mais entrosadas, tocaram *Galileu*. Já perto das 22 horas, ecoava pelo bairro, nas esquinas e

provavelmente dentro das residências dos vizinhos da igreja, um último refrão: “Galileu, Jesus, Jesus!” (FERNANDINHO, 2015, np.).

Passado esse período de observação, já em Natal (RN), em agosto de 2017 eu tirei uma quinta-feira para descansar com minha esposa na praia de Ponta Negra, uma das mais frequentadas pelos turistas da cidade. Enquanto caminhávamos próximo ao local conhecido como Morro do Careca, eu estava distraído olhando para um coqueiro quando reconheci ao fundo um som que me pareceu familiar. Demorei um tempo procurando até que reconheci sua fonte. Era um vendedor ambulante, especializado em CD e DVD gospel pirata. Da sua caixa de som ecoava o *riff* com o qual inicia e termina a canção *Galileu*. Confesso que nesta hora eu fiquei confuso. Nesse tipo de observação, eu que participo da vida da música ou a música que resolveu invadir a minha? Qual o nível de agência de uma canção? O fato é que *Galileu*, de tanto me acompanhar, virou meu toque de celular.

Gracejos à parte, o que foi descrito até aqui precisa ser mais bem qualificado, mas julguei necessário condensar descrições nestas primeiras páginas para demonstrar com o que estamos lidando. *Galileu* e os crentes que com ela se relacionam nos ensinam coisas sobre a fé que muitas vezes escapam a uma abordagem focada em crenças e igrejas. Dito de outra forma, se quisermos entender de religião, não basta examinar ideias e instituições, é preciso integrar teoricamente pessoas e coisas.

Estas são as unidades de análise dessa tese. Optar por elas não implica necessariamente em ignorar as outras. A canção *Galileu* é uma coisa que só pode ser compreendida se levamos em conta os diferentes âmbitos institucionais nos quais ela se insere. Da mesma forma os crentes que cantam *Galileu*, incluindo seu compositor, não serão entendidos sem referência às instituições a que estão ligados ou às crenças com as quais se identificam. A diferença é no foco. Entre crentes e canções surgem relações das mais diversas com crenças e igrejas que divergem entre si e tais relações ganham luz nesta perspectiva.

Como expliquei na introdução, nas pesquisas a respeito das controvérsias religiosas, tem-se evitado uma definição de religião. Entretanto, embora canções como *Galileu* estejam presentes em diferentes âmbitos que lhes tornam passível de controvérsia, sem uma caracterização, ainda que primária, é impossível lançar luz sobre as circunstâncias que lhe permitiram chegar a isso. É por isso que nessa tese lanço mão da contribuição teórica de Cantwell Smith (2006). Seu argumento de que o conceito de “religião” é uma invenção do Ocidente vem ganhando cada vez mais força. Tem-se demonstrado que é a própria modernidade que demandou a categoria religião (PIEPER, 2015; ASAD, 2001, 2002). Smith (2006) sustenta isso reconsiderando a história e demonstrando como o termo, irrelevante na

Idade Média, tornou-se central no desenvolvimento intelectual dos últimos séculos na região do Atlântico Norte, quando passou a significar um sistema abstrato e impessoal ao qual fosse possível chamar de “uma religião” e comparar com “outras religiões”.

O problema é que quando reificamos sistemas de crenças, contrapondo-os a outros, ignoramos relações, passagens e influências mútuas entre eles, bem como as suas divergências internas. Talvez o conjunto que chamamos religião nem seja sistematizado como pressupomos. Tendo isso em conta, Smith (2006) argumenta pela insuficiência do conceito e apresenta uma alternativa, transformando religião numa espécie de adjetivo. Para ele, o que existe de fato não é a religião, mas “pessoas religiosas”. Gente que vive a sua fé percebida como religiosa tomando como referência tradições tidas como religiosas. Esse seria o formato dual da religião. O autor entende que grande parte das inadequações do conceito ocorre porque os teóricos não distinguem essas duas dimensões ou reduzem uma à outra. Na verdade, religião é uma relação em que a fé de pessoas surge a partir do que conhecem da tradição com a qual têm contato (SMITH, 2006).

E o que é fé? Smith (2006) evita a discussão sobre o que ela é, para descrever como ela é, de modo semelhante ao posteriormente adotado por Asad (2003, 2010). Em suas palavras: “A fé de uma pessoa é o que a tradição significa para ela [...] [e] o que o universo significa para ela à luz dessa tradição” (SMITH, 2006, p. 147). O autor entende que, embora não seja gerada individualmente, ela é sempre pessoal e de difícil apreensão alheia, independente de quão próximo seja o observador, o que torna também difícil a sua submissão à ciência. Entretanto, considera que é possível contornar o problema abrindo mão da avaliação de seu conteúdo e optando por uma abordagem formal, observando como seres humanos expressam sua fé.

Para o autor, embora não saibamos ao certo o que é a fé, podemos assumir que ela é um sentimento distinguível que pode ser expresso em palavras (prosa ou poesia), instituições, leis, comunidades, arte, entre outras (SMITH, 2006, p. 158). Se por um lado a fé é pessoal, por outro, sua expressão pode influenciar a fé de outrem, de modo intersubjetivo. É do acúmulo de expressões que surge a tradição a ser tomada como referência. Por isso elas são mais passíveis de análise, desde que não se perca de vista que não são o sentimento, mas algo em relação com dele. Nesse horizonte, as canções que pesquiso podem ser pensadas como expressões artísticas de fé. Parafraseando Smith (2006), ao analisa-las é preciso enxergar na arte algo mais do que um conjunto de sons. O “algo mais” que o compositor quis expressar.

A principal diferença entre fé e tradição é que esta é diretamente observável. Cada tradição é um “depósito histórico” público, resultado da ação que pessoas realizaram no

passado em matéria de fé (SMITH, 2006, p. 145). Smith (2006) considera que o maior erro das pesquisas sobre religião é quando confundem essas duas dimensões. Os “ismos” descrevem as tradições, não a fé. Mas ele usa o adjetivo “cumulativa” para deixar claro que não se trata do mesmo conceito empregado em diferentes teologias, sobretudo cristãs. Quando fala em tradição, refere-se a um aglomerado de expressões de fé, sem unidade muito clara. No conjunto, os itens não estão organizados a não ser por abstração (SMITH, 2006, p. 154). Toda sistematização das práticas, emoções e opiniões produzidas com as expressões acumuladas é posterior. Assumindo isso, o conceito se desvencilha das sistematizações particulares concebidas em cada contexto e capta uma gama variada de expressões que podem ser, inclusive, divergentes, rivais. Abre-se à possibilidade de pensar a tradição em mudança, observando heresias que deixaram de sê-lo ou o contrário. Em suma, tradições cumulativas são observáveis, diversas e dinâmicas e, assim, podem condicionar a fé pessoal, mas nunca de modo cabal, já que esta é parcialmente livre (SMITH, 2006).

Asad (2001) tem simpatia por essa caracterização, mas reclama a falta de atenção com as materialidades e com o mundo repleto de instâncias não religiosas particulares da qual a fé é inseparável. Ele defende que é preciso explorar com mais afinco como a fé e a tradição se formam. Se Smith (2006) enfatiza como a tradição depende da fé, Asad (2001) se pergunta pelo sentido inverso. Como as materialidades em que a fé foi expressa por uns condicionam a fé de outros? Para Asad (2001), essa questão permite investigar o papel das práticas na consolidação da fé. E ela implica em outra. Como se dá a relação entre as tradições que servem de base para colocar a fé em prática e as instâncias seculares, ou seja, não percebidas imediatamente como religiosas? O antropólogo levanta essa questão por conta de sua preocupação geral com o secularismo, mas ela é de grande valia para a adaptação da teoria de Smith (2006) ao que foi observado nesta tese. Um horizonte que torna inteligível a pergunta a respeito de como as canções, enquanto expressões artísticas de fé, são incorporadas ou não a uma tradição.

Mesmo não compartilhando todas as ideias de Smith (2006), vejo que a diferenciação entre “fé pessoal” e “tradição cumulativa” é útil na descrição das diferentes instâncias em que se dá o trânsito das canções que pesquiso. As instituições religiosas se colocam como guardiãs da tradição. São elas que, à luz do repertório acumulado até então, buscam definir quais são as ideias corretas (ortodoxia), as práticas corretas (ortopraxia) e os sentimentos corretos (ortopatia) em matéria de fé. *Galileu* me ensinou que, embora instituições batistas, reformadas e pentecostais projetem a fé cristã de modos razoavelmente distintos, tanto crentes quanto canções possuem um grau de liberdade em relação a esses projetos. Para captá-lo é



preciso refletir sobre a relação entre a fé e a tradição para além de uma perspectiva institucional. A análise de uma canção pode revelar fatos que um olhar atento às igrejas ou denominações não conseguiria alcançar.

Instituições são espaços reservados para determinado âmbito da vida. A Escola é reservada à educação, o Estado à política, o Mercado à economia, etc. Dessa forma, surgem locais, normas, especialistas; todos especificamente voltados para certa área, âmbito, sistema ou campo, variando a designação conforme a tradição teórica. Mas o que neste momento importa destacar é que essa é uma criação recente na história humana. É típica da modernidade. Um resultado do processo de racionalização específico do Ocidente (WEBER, 2016). Logo, se institucionalização é algo tipicamente moderno, as instituições religiosas não podem ser entendidas sem esta chave interpretativa.

Penso que a Modernidade pode ser compreendida de duas maneiras. Como período ou como projeto. De modo geral, historiadores falam em Idade Moderna como aquela caracterizada pelas revoluções intelectuais e civilizatórias que aconteceram após o século XV, sucedendo a Idade Média<sup>21</sup>. Mas recentemente, tem-se concebido modernidade como um projeto de sociedade que, gestado na região banhada pelo Atlântico Norte, expandiu-se pelo mundo de forma a se tornar hegemônico, embora nunca tenha se realizando em sua plenitude. Argumentos sobre essa irrealização são levantados por Bruno Latour (1994). Como projeto, a Modernidade pode ter iniciado sua gestação bem antes do século XV, numa expansão da racionalização que começa no próprio âmbito hoje reconhecido como religioso (WEBER, 2016). A despeito disso, o fato é que no mundo em que nos encontramos, a racionalização inerente a este projeto gerou instituições diferenciadas, cada qual voltada para um âmbito da vida, como antecipei na introdução<sup>22</sup>.

Esse movimento foi interpretado de diferentes maneiras. Bauman (2001) argumenta que se tratava de uma grande reconstrução da vida social até então. Houve um tempo na Europa Ocidental em que instituições que agora concebemos como religiosas acumulavam o poder de definir arte, educação, lazer, economia, política... Tal estrutura até então consolidada entrou em crise. Daí advém a máxima marxista que diz que tudo o que é sólido se dissolve no ar (MARX, ENGELS, 1998, p. 43). Mas Bauman (2001) argumenta que essa dissolução era apenas o primeiro estágio. Se os sólidos pré-modernos estavam se desintegrando, era por conta do desejo de “descobrir ou inventar sólidos de solidez *duradoura*” (BAUMAN, 2001, p.

---

<sup>21</sup> Os períodos não têm fronteiras precisas, mas suas diferenças são nítidas. Ver, como exemplo, Burke (2010).

<sup>22</sup> Sobre a origem religiosa dessa especialização, ver a teoria das rejeições religiosas do mundo de Weber (2016). Para uma discussão dessa teoria no contexto mais amplo da obra do autor, ver Pierucci (2003).

10, grifo original). Uma nova ordem que tornasse o mundo administrável sob uma nova perspectiva, considerada mais justa.

É assim que a redução da religião à crença, ou melhor, a um sistema de crenças, integrou o projeto moderno. E à instituição religiosa, agora despojada de seu poder de definir outras áreas da vida, restaria apenas um único poder, o de modelar quais as ideias corretas em relação ao transcendente, a ortodoxia. Essa seria a saída da religião (GAUCHET, 2005), ou seja, ela sairia do eixo da vida social para se tornar apenas um âmbito entre outros.

Por conseguinte, a perspectiva científica moderna tem reservado especial atenção às instituições e crenças quando lida com religião. No mundo moderno, elas são os espaços reservados para que a religião aconteça. Por isso igrejas e templos em geral são tomados como unidades de análise. E com igrejas, também podemos contar as confrarias e denominações. Cada uma, com seus vários elementos, entre eles os especialistas, sistematiza a tradição acumulada até então, ao definir emoções, práticas e ideias mais adequadas em matéria de fé. Contudo, *Galileu* é uma expressão da fé do Fernandinho e não da fé de um pastor batista. Embora ele o seja, quando compõe, não concebe sua música como “denominacional” (FERNANDINHO, 2013, p. 235). As instituições religiosas consolidam a tradição acumulada, mas a fé não se expressa apenas nas instituições que foram reservadas para tal. Lembremo-nos que ela possui relativa liberdade (SMITH, 2006).

É com este ponto que a analogia de Bauman (2001) pode contribuir. Para ele, no primeiro estágio de modernização, derreteu-se para gerar formas tão duras quanto às derretidas. Marx (1996) critica o fato de que a progressiva liberação da economia dos embaraços externos sedimentaria uma nova ordem tão injusta quanto a anterior. Weber (2004) também alertou que a expansão da razão iria nos deixar imersos em uma “crosta de aço”. É nessa etapa que o conceito de religião deixa de ser usado como piedade pessoal para adquirir a “dureza” da conotação de sistema impessoal separado do restante da vida (SMITH, 2006). Bauman (2001) explica que o projeto era substituir o que era sólido por sólidos melhores, mas a nova ordem, pautada na racionalização e na economia capitalista, tornou-se rígida a ponto de impedir alternativas a ela. Essa rigidez a tornou suspeita de limitar a liberdade individual de escolha e ação. E aí, ao invés de ser deposta em prol de uma terceira, a própria questão da ordem saiu da agenda. Surgiu uma espécie de segunda modernidade, que seria tanto um segundo momento como uma segunda fase do projeto. A modernidade líquida. O autor concebe essa metáfora como adequada para a nova fase no sentido de que não se trata mais de derreter para consolidar formas alternativas, mas da própria manutenção do estado fluido daquilo que antes se pretendia consolidar.



Após se aperceber dessa analogia, o sociólogo polonês investiu o restante de sua carreira em descobrir o que ela poderia render para a descrição do estágio atual do mundo em que vivemos. Não creio que uma revisão deste extenso trabalho ajudaria no que proponho nesta tese. Quero apenas aproveitar a analogia para criar um horizonte de interpretação que possa ser testado ao final. Se quando falamos em religião, falamos da relação entre fé pessoal e tradição acumulada e sistematizada de diferentes maneiras por instituições dedicadas a isso, como se daria essa relação num estágio da expansão do projeto moderno em que há um desapego das instituições? Essa é uma resposta que não pode ser dada apenas com análise institucional. A atenção às pessoas e as coisas nas quais elas expressam sua fé pode revelar como elas se relacionam com as instituições na construção do que chamamos de religião. É o que pretendo ao tomar crentes e canções como unidades de análise.

A canção *Galileu*, expressão de fé não apenas de Fernandinho, mas de todo crente que com ela adora ao seu Deus, percorreu diferentes espaços institucionais. No âmbito das instituições dedicadas mais especificamente à religião, ela passou por diferentes igrejas batistas, reformadas e pentecostais. Mas quando feita objeto de consumo, passou a ser mediada também por instâncias outras, não especializadas em matéria de fé, mas em lazer, consumo e mídia. E o que representariam estas expressões de fé para além do espaço institucional religioso? Esse é um problema crucial na compreensão das circunstâncias atuais da religião, meu objetivo neste trabalho. Diante de tudo o que observei, minha tese, apropriando livremente da analogia de Bauman (2001), é de que a fé está numa espécie de liquefação. Ou, numa reformulação que coloque o consumo em evidencia, destacando seu papel no processo, tem-se que a fé está em liquidação.

Se cada instituição religiosa detém um estoque sistematizado de expressões de fé, vivemos um tempo em que os estoques estão se fragmentando e fluindo por diferentes espaços institucionais. Como espero deixar claro, não é que as igrejas não sejam importantes, mas elas passam a conviver em paralelo com outras possibilidades de exercício da fé. No âmbito da modernidade, instituições religiosas são aquelas dedicadas à sistematização de uma tradição, indicando o que é certo ou errado, num esforço para consolidar a relação com a fé. Mas desconfio que exista hoje uma insatisfação com esse tipo de consolidação e uma busca por alternativas que ampliem a liberdade individual. Como essa busca é central na tese da “modernidade líquida” de Bauman (2001), penso que exista hoje também uma espécie de religião líquida, no sentido de que a relação entre fé e tradição passa a ser mediada também por institucionalidades cuja preocupação em consolidar, eliminando contradições inerentes ao repertório acumulado, não está em questão. Se *Galileu* fosse uma sólida expressão de fé

batista não teria a fluidez que lhe permite a entrada entre pentecostais e reformados. Questões de ordem, como as convicções que uma vez estabilizadas separam os crentes entre calvinistas e arminianos<sup>23</sup>, são colocadas de lado nesta canção. É uma expressão de fé que se mantém líquida e assim permeia diferentes formas de consolidar a tradição cristã.

Tal liquidação só é possível porque a canção flui por espaços institucionais alternativos, como é, para a religião, o lazer e o consumo. Embora reconheça que existam outros espaços desse tipo, esses são os que mais me interessam neste estudo. É por isso que opto pela expressão liquidação. Mas o mais importante é a defesa da ideia de que existe hoje certo nível de religião líquida entre nós. É a isso que cheguei ao acompanhar crentes e canções. O restante deste trabalho conta o percurso que permitiu chegar a essas ideias e busca qualificá-las, com descrições de suas origens e aprofundamento das reflexões que nesta primeira parte só pude sinalizar a fim de dar uma noção geral.

## 2.2 NEM SÓ DE IGREJA VIVE O CRENTE: O MULTIVERSO DA FÉ

“O crente não vai só da casa pra igreja e da igreja pra casa. Tem muito mais coisas que a gente faz”. Assim uma jovem reagiu em 2013 quando lhe contei sobre a pesquisa que eu estava realizando para a minha dissertação de mestrado (COSTA, W., 2015). Na época, o enfoque na relação entre religião e lazer levou-me a percorrer diferentes lugares, de forma que não pude concentrar minha observação participante apenas em uma igreja e em suas atividades. Mas a fala desta jovem revela seu incômodo com a percepção comum de que a igreja é o principal referente para se entender o que é um crente. O agravante é que essa também é uma percepção corrente entre especialistas acadêmicos e a tese que proponho só é viável enfrentando o desafio de colocar isso em questão. É o que pretendo nesta seção.

Uma nebulosa de expressões de fé dos evangélicos paira sobre o Brasil e, recentemente, vem atraindo parcela significativa de sua sociedade. O IBGE registrou isso em sucessivas pesquisas censitárias. Com base em seus dados, o percentual de brasileiros que assim se identificavam passou de cerca de 6,6% em 1980 para 9,0% em 1991 e para 15,5 % em 2000, chegando a 22,2% em 2010. Logo, embora ela não estivesse desde sempre no cerne das preocupações acadêmicas, começou a chamar a atenção. Quem estudava religiões de matriz africana, por exemplo, teve que lidar com a presença de rituais de exorcismo de entidades espirituais afro-brasileiras em cultos televisionados. E o novo fenômeno influenciou até as

---

<sup>23</sup> Descrevo melhor essas diferenças no terceiro capítulo.

pesquisas de quem não se interessava imediatamente pelas religiões. Exemplifico com o fato de que se tornou impossível abordar as cidades sem falar em algum momento das pequeninas igrejas que se multiplicavam na periferia e os grandes templos que surgiam no centro (MAGNANI, 2009). Estas foram as principais expressões a ganhar atenção acadêmica.

Não é uma tarefa simples mapear no Brasil a vasta gama de expressões religiosas de matriz protestante. Utilizo esses termos numa busca por não reificar a divisão interna, mas elas são mais comumente abrigadas na tarja “evangélicos”. A diversidade que a expressão tenta abarcar é grande. Contudo, profissionais das Ciências Humanas encontraram uma possibilidade de mapeamento que é bastante didática, sobretudo para apresentá-la a quem não tem familiaridade com o assunto. Trata-se do mapeamento histórico-institucional, ou seja, realizado com enfoque no surgimento das igrejas no território nacional.

Em síntese, os grupos foram separados em protestantes e pentecostais. Os primeiros, representando as igrejas protestantes que primeiramente surgiram no Brasil, foram divididos em Protestantismo de Imigração (sobretudo luteranos e reformados oriundos de diferentes países), presentes no Brasil praticamente desde o século XVI, e Protestantismo de Missão (sobretudo presbiterianos, metodistas, batistas e congregacionais), que chegaram com a abertura dos portos na primeira metade do século XIX. Os outros, representando as igrejas que surgiram durante o século XX, foram separados em Pentecostalismo Clássico (as igrejas Assembleias de Deus e a Congregação Cristã no Brasil), Deuteropentecostalismo (com destaque para a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Deus é Amor) e Neopentecostalismo (em que se destacam a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Renascer em Cristo).

Essas tipologias tornaram-se amplamente utilizadas para mapear os evangélicos no Brasil. Um dos precursores da proposta é Antônio Gouvêa Mendonça que em sua tese de doutorado em Sociologia, defendida na USP em 1982, estudou a inserção do protestantismo no Brasil, fazendo uma importante revisão historiográfica. Publicada como livro (MENDONÇA, 1995), a obra apresenta a primeira clivagem mais elaborada entre protestantes e pentecostais, fornecendo maior número de informações sobre a vertente protestante. Essa ainda é dividida entre protestantismo de imigração e de missão, sendo esta última a real preocupação do autor e a principal vertente pesquisada por ele.

Outro pesquisador que muito contribuiu para a formulação das tipologias foi Paul Freston, em sua tese de doutorado em Ciências Sociais (ênfase em Sociologia), defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 1993. Freston (1993), ao analisar a participação dos protestantes na vida política do país, percebeu a proeminência daqueles que tinham características

pentecostais. O autor se viu desafiado a apresentar o movimento pentecostal à Academia e, para tanto, inspirado na sociologia de David Martin (1990), propôs a tipologia das três ondas em que cada uma corresponderia a um período de sua expansão no país. A primeira denotaria o movimento no início do século XX, a segunda onda surgiria na década de 1950 e a terceira representa igrejas mais recentes que introduziram uma série de inovações após a década de 1970.

A estas três ondas se equivalem às categorias Pentecostalismo Clássico, Deuteropentecostalismo e Neopentecostalismo respectivamente, mas quem contribuiu para a formulação nesses termos foi Ricardo Mariano a partir do estudo realizado por ocasião de sua dissertação de mestrado em Sociologia, defendida em 1995 na USP. Mesmo antes de essa obra vir a público como livro (MARIANO, 1999), o termo “neopentecostalismo” já havia ganhado popularidade no meio acadêmico por conta de artigos publicados pelo autor.

Esse é o *mainstream* dos estudos sobre os evangélicos no Brasil. Ainda que existam disputas em torno das categorias de classificação, as alternativas que se surgem seguem a mesma postura teórica de privilegiar a análise das igrejas, como é o caso do termo “pós-pentecostalismo” proposto por Siepierski (1997). Para Ronaldo Almeida (2011), até hoje, neste nível de análise, não parece ter surgido no Brasil nada tão impactante quanto a mudança que ficou condensada no termo “neopentecostalismo”. O curioso é que neste mesmo texto ele fala da circulação e da flexibilização que se tornarão centrais nesta tese, mas não confere a elas o mesmo status da inovação que emergiu no final do século passado.

Nota-se que as categorias disponíveis dão especial atenção às denominações, ou seja, “famílias de igrejas” (MENDONÇA, 1995). Esse procedimento foi empregado primeiramente nas abordagens sociológicas, como ficou evidente na indicação das áreas em que os percursores das propostas defenderam suas teses. Tal classificação é inspirada na teoria weberiana sobre seita e igreja (WEBER, 2000). No Brasil, a sociologia de Weber foi privilegiada na abordagem das religiosidades de matriz protestante (MONTERO, 1999). O problema é que, como bem pontuou Giumbelli (2000), as tipologias que surgiram com essa inspiração também refletiram disputas teológicas. Primeiramente estava em jogo certa “autenticidade” protestante com os princípios da Reforma, face aos pentecostais. Depois, questionava-se as inovações ditas neopentecostais tendo em vista um pentecostalismo cujo qualitativo “clássico” tornou-se quase sinônimo de “autêntico”. Segundo Giumbelli (2000), tais disputas afetaram a classificação independente do envolvimento pessoal do pesquisador, ou seja, tanto Mendonça que foi pastor presbiteriano e Freston que

militou no *Movimento Evangélico Progressista*<sup>24</sup>, quanto Mariano que se diz ateu. Assim, surgiu um tipo de *continuum* igreja-seita em que quanto mais uma igreja apresentava-se alinhada com o tipo ideal de protestantismo puritano (WEBER, 2004), mais se aproximava da ideia de igreja e, quanto mais afastada, mais era percebida na noção de seita, fazendo destes conceitos mais do que o intuito weberiano inicial pretendia, conferindo uma conotação própria e até criando certa “antipatia” para com crentes de vertentes mais recentes (GIUMBELLI, 2000). Não é difícil reconhecer que hoje, sobretudo entre os próprios crentes, mas não só, neopentecostalismo tem servido mais como categoria de acusação que de análise.

Com pouca clareza dessas questões, certas abordagens foram fortemente influenciadas pelo enquadramento institucional disponível. No caso das de viés antropológico, as igrejas recebem especial atenção, eleitas como ambientes passíveis de observação participante. Ora, que outro ponto de partida para estudar evangélicos seria melhor que os lugares em que eles aparentemente mais se reúnem? É verdade que existem análises transversais – como a de Mafra (2009), por exemplo –, mas os estudos de maior fôlego concentraram-se nas igrejas e nas “famílias de igrejas” (leia-se denominações) em detrimento de uma abordagem mais ampliada.

O melhor exemplo desse processo é a dissertação de mestrado em Antropologia Social de Ronaldo Almeida, defendida na USP em 1996. É um dos primeiros trabalhos do período em que Antropologia se abre para mais abordagens dos evangélicos. O objetivo era realizar um estudo etnográfico da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)<sup>25</sup>. Ao longo do primeiro capítulo, para apresentar um panorama evangélico, com ênfase em sua vertente pentecostal, Almeida (1996) cita sistematicamente textos de Mendonça, Freston e Mariano. Era a Antropologia lançando mão das tipologias sociológicas disponíveis para construir seus objetos de análise e delimitar os temas que seriam alvo de atenção.

Neste ponto é preciso recuperar a crítica de Montero, quando afirma que a área da antropologia das religiões:

[...] parece também se ressentir da falta de uma análise comparativa e transversal capaz de superar a aparente descontinuidade das crenças,

<sup>24</sup> É uma associação informal que surgiu nos anos 1990 a partir da união de crentes de diferentes igrejas que queriam se colocar em oposição às posturas que deputados evangélicos adotaram na assembleia constituinte formada entre 1987 e 1988.

<sup>25</sup> Denominação que surgiu em 1977 de um grupo que se reunia em uma praça no Méier, bairro do Rio de Janeiro (RJ), sob a liderança de Edir Macedo. R. R. Soares, cunhado de Macedo, participou desse início, mas logo se desligou para fundar outra igreja. A Universal teve rápido crescimento e visibilidade, estando no centro de várias controvérsias, especialmente porque Macedo aglutina influência midiática, empresarial e política. É considerada a principal representante do neopentecostalismo. Seu site está disponível em: < <https://www.universal.org/> >. Acesso em 16 jan. 2019.

crystalizada quando as religiões são tratadas como universos simbólicos relativamente autônomos (MONTERO, 2004, p. 127).

A autora se apercebe do mesmo problema que Smith (2006) identifica quando a religião é tratada como um sistema abstrato impessoal. É verdade que existem esforços para superar isso como, por exemplo, o estudo sobre trânsito religioso de Silva (2011), mas esta não é a tendência geral descrita por Montero (2004). Minha impressão é que nos estudos dos evangélicos o problema se agrava. O olhar lançado sobre eles, além de tratar protestantismo, pentecostalismo e neopentecostalismo como blocos, privilegia as discontinuidades entre protestantes e pentecostais e entre estes e os neopentecostais, no limite, supervalorizando as denominações como chaves interpretativas privilegiadas do exercício da fé. Até Clara Mafra (2001) que se esforçou para lançar um olhar mais geral, dá pouca atenção à experiência comum, destacando a fragmentação.

Um olhar sobre a produção mais recente pode ajudar a clarear a questão. Das 33 teses e dissertações defendidas em 2013 e 2014 que versaram sobre evangélicos nas áreas de Antropologia e de Ciências Sociais com ênfase antropológica, 29 demonstravam o interesse em estudá-los através do método etnográfico<sup>26</sup>. As demais (4) tinham enfoque em outros grupos e/ou questões, sendo essa fé um incidente sobre o campo pesquisado. Desses 29 trabalhos, apenas dois tratavam de questões gerais sobre evangélicos. 21 tinham igrejas (16) ou vertentes de igrejas (5, protestantes, pentecostais ou neopentecostais) como o referente principal para construção do objeto. E os seis trabalhos que escapavam a essa classificação versavam sobre grupos bem específicos, étnicos ou identitários (COSTA, W., 2016b).

Falta realizar uma análise de como evangélicos têm sido abordados em outros campos, tais como a Geografia, a História, a Psicologia e a própria Ciência da Religião. Porém, é importante levar em consideração a forte influência das Ciências Sociais nos estudos de religião no Brasil (ALVES, R., 1984; GROSS, 2012). Diante dessa produção recente, parece razoável pensar que o enquadramento tipológico oferecido pela Sociologia tem conduzido de certa forma boa parte dos recortes utilizados nas pesquisas. É óbvio que essa produção auxilia bastante na construção de uma perspectiva sobre evangélicos, porém, ao analisar esse quadro, vejo que mesmo na Antropologia, o campo em que se pressupõe um olhar mais empático, há significativa preocupação em compreender o que é ser um crente membro da Igreja Mundial do Poder de Deus, um crente da Bola de Neve Church, um crente protestante, um crente pentecostal, um crente adventista, um crente gay, um crente transexual, um crente roqueiro, um crente chinês, um

---

<sup>26</sup> Dados colhidos na plataforma Sucupira. Para mais informações metodológicas ver Waldney Costa (2016b).



crente indígena, um crente cigano, um crente traficante, entre outros; mas não há um esforço de compreensão do que significa ser crente em um sentido mais geral.

Recentemente, Raquel Sant'Ana (2017) fugiu à regra. Através de observação participante em Marchas para Jesus, investigou a forma como a categoria “evangélicos” tem sido mobilizada em prol de projetos de nação, destacando disputas e articulações em torno dela. Para a antropóloga, embora o termo tenha aspecto metonímico, no sentido de tomar uma parte pelo todo, não deixa de gerar sensibilidades e agregar práticas em torno de uma unidade (SANT'ANA, 2017, 2014). Ela diz que “a aparente novidade das participações *enquanto* evangélicos nos debates públicos têm mais relação com a ausência desse grupo nas narrativas nacionais, do que em sua atuação conjunta no espaço público de fato” (SANT'ANA, 2017, p. 42). Na construção do argumento, ela recorre a dados históricos que remontam o compartilhamento de repertório desde que as missões protestantes chegaram por aqui. É uma inovação. Entretanto, na construção da tese, ela trabalha evangélicos como “coletividade imaginada”, por conta das disputas identificadas em torno da categoria. Mas como essa imaginação possível? Com coisas. A própria autora demonstra que a categoria não é uma ideia desconexa do mundo.

Também uma tese defendida no campo da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) se aproximou desse horizonte. Ferreira (2017), inspirado na perspectiva teórica de Paul Tillich (1974, et al), procurou entender o que significa ser crente, ainda que fazendo um recorte em torno do pentecostalismo. Ele compartilhava as preocupações do sociólogo chileno Mansilla (2012) que afirma que a sociologia do pentecostalismo latino parece uma “sociologia sem pentecostais”, no sentido de ser desatenta às pessoas e focada em igrejas. Reclama o sociólogo que, quando alguém ganha voz, é o pastor ou algum líder institucional (MANSILLA, 2012). Atento a isso, Ferreira (2017) buscou dar mais voz aos crentes comuns em sua tese, o que rendeu dados e abordagens relevantes. Porém, o que mais me chama atenção é que a influência do enquadramento institucional é tão grande que, mesmo em busca de uma alternativa, ele tomou as igrejas como ponto de partida. Sua abordagem é construída majoritariamente em cima de entrevistas, mas o modo como concebeu foi entrevistar primeiramente pastores, depois pessoas indicadas por eles e, por fim, outras indicadas por elas (FERREIRA, 2017). Será que as igrejas são tão importantes assim para entendermos o que é um crente? O quão justificável é essa necessidade constante que temos, nós cientistas, de sempre partimos da instituição para a interpretação da fé? O que aconteceria se tomássemos outros pontos de partida, como fez Sant'Ana (2017)?

Sob o aspecto em questão, a estratégia adotada por Ferreira (2017) é semelhante à que adotei na pesquisa do mestrado (COSTA, W., 2015), quanto não havia me sensibilizado dos problemas que agora coloco. Mas como sugeriu Mansilla (2012), a abordagem conforme tem sido

feita parece limitar nossa compreensão dos crentes. Os limites tornam-se mais evidentes quando contrastamos a abordagem que privilegia as denominações com o fato de que mais de 9 milhões de pessoas deste universo não declararam a que denominação pertencem por ocasião do Censo 2010. É um novo dado que gera certa perplexidade, já que tem vigorado na História e nas Ciências Sociais uma percepção de que desde o início de sua inserção no Brasil, o protestantismo foi marcado pelo que alguns autores chamam de “denominacionalismo”, a divisão que existe entre as igrejas evangélicas, fruto de disputas teológicas e políticas<sup>27</sup>.

Como explicam Mariz e Gracino Júnior (2013), o procedimento adotado no Censo 2010 tinha um condicionamento metodológico que pode ter favorecido esse tipo de autodeclaração. Por um lado, o agente censitário recebia instruções específicas para não registrar expressões genéricas como católica ou evangélica nas respostas. Por outro, não podia fazer outra pergunta a não ser a do formulário – “Qual a sua religião ou culto?” –, facultada a possibilidade de repeti-la, e precisava registrar exatamente o que foi respondido. Sendo assim, “o respondente evangélico, por exemplo, poderia não compreender que se esperava que mencionasse sua igreja ou denominação” (MARIZ, GRACINO JÚNIOR, 2013, p. 164).

Para além dessa ressalva, o fato é que o número de evangélicos que não declarou sua igreja saltou de 1,7 milhão em 2000 para 9,2 milhões em 2010, o que constitui uma das perplexidades do “Brasil religioso emergente” (CAMURÇA, 2013). Tais pessoas ou não estavam filiadas à igreja alguma ou estavam e não julgaram isso relevante para identificar sua “religião ou culto”. Numa análise mais antiga, César (1987) lembra que alguns fiéis, levando em conta a imprecisão de termos generalizantes como protestante ou evangélico até preferiam identificar-se pela denominação a que estão filiados – metodista, batista, assembleiano, quadrangular... Como é diferente a postura que podemos constatar agora! É apressado dizer que igrejas não têm mais importância para os crentes, mas está ficando cada vez mais difícil saber até onde a instituição, dedicada a sistematizar a tradição, o influencia a fé. Existem outras influências? Quais seriam? Como compreendê-las teoricamente? A tese de que existem formas líquidas de religião talvez possa contribuir para responder tais questões.

Para Marcelo Camurça, ser evangélico atualmente:

[...] significa poder circular entre suas igrejas em um trânsito interno: ir ao culto de libertação da Iurd, participar dos eventos do “Diante do Trono” na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte, se for jovem, frequentar a igreja “Bola de Neve” dos surfistas ou a “Sara Nossa Terra” dos artistas; no caso de ser um pequeno empreendedor, os cultos da Adhonet ou as palestras de prosperidade

<sup>27</sup> Ver Antônio Mendonça (1995) e Mendonça e Velasques Filho (1990).



da Igreja “Renascer em Cristo” do Bispo Estevam Hernandes e da Episcopisa Sônia Hernandes. No caso do consumo e lazer, fazer uma peregrinação a Jerusalém na Agência de viagens do Apóstolo Renê Terra Nova, e consumir os CDs e DVDs das *pop stars* Rose Nascimento, Lúcia Lombardi ou Ana Paula Valadão. Mas é a conversão destas múltiplas frequências em uma *identidade pública* de evangélico que parece fazer a diferença (CAMURÇA, 2013, p. 76, grifo original).

Essa ideia de “identidade pública” é útil para entender quem são as pessoas em questão e, a partir daí, pensar a relação delas com as instituições. De acordo com os dados disponíveis, não podemos afirmar que aqueles que têm sido chamados de “evangélicos não determinados” ou “evangélicos genéricos” realmente não são membros de igreja alguma. Mas o que podemos afirmar com certeza é que, entre 2000 e 2010, cresceu bastante o número de pessoas que não recorreu à instituição para se identificar em matéria de religião. E isso só foi possível porque havia uma identidade pública que podiam acionar na resposta. Embora existam disputas em torno da estabilização do que essa identidade representa (SANT’ANA, 2017), milhares de milhares se reconheceram deliberadamente em termos mais genéricos e esse não é um dado sem importância. Ele não diz quase nada a respeito de as pessoas estarem ou não frequentando igrejas, mas diz algo sobre o papel das denominações na identificação pública. Está reduzindo.

Não se pode deixar de reconhecer que o termo “evangélico” tem sido explorado política e comercialmente, de forma que nem tudo o que circula entre as pessoas em questão se reconhece ou pode ser reconhecido nele. Mas não se trata apenas de uma miragem produzida por marketing político e comercial. Do contrário, trata-se de algo concreto, real. Mesmo Sant’Ana (2017,2014) tratando-o como algo imaginado, reconheceu que agrega práticas em torno de uma unidade. Eu completaria dizendo práticas e coisas. A canção *Galileu* é uma delas! E não está sozinha. Mendonça (1995), analisando os primeiros hinários, identifica a presença de múltiplas vertentes teológicas nas canções que eram cantadas pelas mesmas pessoas, já no início da presença protestante/evangélica no país. Também Dolghie (2007) chama a atenção para o fato de que era comum, por exemplo, igrejas presbiterianas de teologia reformada, só manterem isso nas pregações, cantando canções de cunho teológico oposto. Música de crente, em geral, nunca teve denominação. Ela obedece a outra lógica.

A meu ver, quem se converte a uma igreja evangélica hoje, passa a lidar com versões paralelas e complementares da realidade da fé. Uma é a da igreja, congregação ou denominação, com suas definições específicas dentro de certo alcance. A outra é mais abrangente, composta por aquilo que é compartilhado em múltiplas igrejas e para além das igrejas. Nenhum crente fica imune a ela, precisando participar, repudiá-la ou assimilar aquilo que lhe parecer conveniente.

Evangélico é a forma como qualificamos esse outro mundo e ainda não encontramos uma melhor. Desde a minha dissertação tenho preferido a expressão “crente”, por ser aquela mais empregada pelas pessoas a quem me refiro quando se relacionam entre si, mas o que importa é chamar a atenção para o fato de que as expressões de fé constituídas nessa segunda versão são muito significativas e ainda pouco teorizadas. A canção *Galileu* nos ensina que pessoas de opiniões teológicas aparentemente distintas podem ter experiências conjuntas, em que as diferenças não farão diferença alguma.

Isso pode ser mais bem compreendido com atenção a trajetórias individuais. Fica evidente na análise das biografias de pessoas de renome na música gospel no país. Talvez alguém questione se não é o fato de terem se tornado célebres que faz com que não estejam atreladas a uma igreja, aproximando da noção de “evangélico genérico”. Porém, suas trajetórias revelam que, muito antes da fama, sua relação com as igrejas era mais complexa do que geralmente se supõe.

Fernanda Brum, por exemplo, tornou-se conhecida no meio evangélico após sua ligação com a Comunidade Evangélica da Vila da Penha, no Rio de Janeiro (RJ), igreja de onde também provém Aline Barros, outro nome bem conhecido, até fora desse meio. Porém, sua trajetória desde a infância é marcada por conexões diversas com as igrejas: Assembleia de Deus de Madureira, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Internacional da Graça de Deus, Primeira Igreja Batista de Irajá, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Batista Ebenézer, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus (bairro Vista Alegre) e Igreja Batista Central (Barra da Tijuca), todas no município do Rio de Janeiro (RJ).

É interessante que a cantora tenha exposto tais dados em seu livro (BRUM, 2013), pois entre evangélicos, de maneira geral, a troca de igrejas não é bem quista. Alguns fazem gracejos sobre o “crente macaco”, que seria aquele que fica “pulando de galho e galho” (COSTA, W., 2015). As trocas poderiam não ser citadas para evitar esse tabu. Algumas até foram atenuadas, quando ela não cita nomes de igrejas em que pastores se envolveram em escândalos, por exemplo. Mas, para Fernanda Brum, tornou-se impossível contar sua história sem citar as diferentes denominações com as quais interagiu durante a sua vida. Ela percebia a igreja como “corpo de Cristo”, e explica: “todos já eram nossa família, então em qualquer igreja sentíamos em casa, até firmarmos definitivamente em uma denominação” (BRUM, 2013, p. 210).

E a trajetória dessa cantora ainda é marcada por três instituições envolvidas em questões de fé, mas que não se colocam como igrejas: a Adhonet, a Jocum e a Portas Abertas. Elas seriam o que Mendonça (1995) designa como “paraeclesialística”. Embora não pertençam a nenhuma igreja evangélica específica, possuem uma atuação voltada especialmente para questões de interesse de evangélicos. Existem várias instituições desse tipo. Algumas são dedicadas à publicação de

Bíblias (Ex.: Sociedade Bíblica do Brasil), outras são dedicadas à formação teológica (Ex.: Seminário Unido), outras são organizações sociais (Ex.: Adhonet) e outras possuem um enfoque no trabalho missionário entre povos não cristãos (Ex.: Jocum).

Entidades com esse perfil são compostas por adeptos de diferentes igrejas e podem ter grande influência sobre a forma como crentes vivenciam a fé. Todavia têm recebido pouca atenção da Academia brasileira. Sobre as agências missionárias só tenho conhecimento de uma dissertação de mestrado sobre o engajamento político de jovens ligados à Jocum (GOULART, 2010). Não é que tais instituições não sejam estudadas, mas, além de existirem poucos trabalhos sobre o assunto, não existe um esforço de reflexão sobre a interface entre elas e as igrejas. Embora nem todos evangélicos se envolvam com esse tipo de atividade, aqueles que se envolvem não abandonam suas igrejas ao fazê-lo, articulando as duas possibilidades de exercício da fé.

A trajetória de Ana Paula Valadão Bessa, reconhecida no meio pela sua grande influência na música de adoração no Brasil, revela outra dimensão dessa realidade. Filha do pastor Márcio Valadão, líder da Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte (MG), Ana Paula sempre foi atuante na igreja liderada por seu pai. Contudo, em um de seus livros (BESSA, 2003), revela que desde a infância tem sido ligada a diferentes instituições com o perfil acima descrito. Ainda na década de 1980, aos oito anos, Ana diz ter participado de “um grupo interdenominacional chamado ‘Louvores da Garotada’” (BESSA, 2013, p. 26). Já no início da adolescência começou a participar de um trabalho missionário ligado à Jocum (BESSA, 2013, p. 33). E aos dezessete anos foi para os Estados Unidos, onde passaria um ano estudando no *Christ For the Nations Institute* (CFNI), em Dallas (BESSA, 2003, p. 38). A cantora cita tais entidades para demonstrar como desenvolveu a sua vocação para a música. É interessante que aquilo que iria nortear a sua atuação, inicialmente na sua igreja e depois em algo que influenciaria as mais diversas denominações no Brasil, desenvolveu-se exatamente fora da igreja. Dados como este escapam à análise dos evangélicos, quando esta é feita com enfoque institucional.

Se considerarmos que Fernanda Brum e Ana Paula Valadão representam, antes da fama, a trajetória de crentes comuns, tem-se que, quer as pessoas mudem de igreja ou não, esse tipo de instituição não é suficiente para a compreensão de como um crente vive a sua fé. Há implicações do que acontece em outros espaços institucionais. É verdade que nenhuma abordagem opera tamanha redução. Mendonça (1995), Freston (1993) e Mariano (1999) reservaram em seus principais trabalhos algum espaço para as paraeclesiais. O problema é que como o foco recai sobre as igrejas, essas outras instituições entram quase como um apêndice. Falta integrá-las teoricamente e refletir sobre o que significa em matéria de religião a existência de organizações

que criam espaços de exercício da fé, mas não estão dedicadas a sistematizar a tradição e sim a objetivos outros. Alguns alheios à própria questão religiosa.

O termo paraeclesiástica, empregado após o trabalho de Mendonça (1995), traz em si a ideia de que as entidades em questão atuam em paralelo às igrejas, mas diz pouco sobre o que elas representam teoricamente para a religião. Outros termos comumente empregados, primeiro entre os próprios crentes e depois em algumas reflexões acadêmicas, são “ecumênica” ou “interdenominacional”. Estes traduzem a ideia de encontro ou intercâmbio entre diferentes formas consolidadas de fé cristã e dizem algo sobre o trabalho de algumas instituições, mas eu gostaria de propor outra perspectiva. Se assumirmos que as opções tomadas em relação às questões de ordem da tradição cristã, quando consolidadas, diferenciam e separam os crentes de acordo com tais expressões. Uma igreja pode ser muitas coisas, mas nunca perde o caráter de ser referência de uma opção. É verdade que ela pode ser frequentada e ter a contribuição de pessoas de opções divergentes, mas não deixa de ter a sua, geralmente expressa em seu estatuto. Sendo assim, as instituições criadas para produzir a aproximação entre opções diferentes podem ser reconhecidas como interdenominacionais ou ecumênicas. Mas não parece ser esse o objetivo principal de entidades como a Adhonet e a Sociedade Bíblica do Brasil. A rigor a Adhonet é uma associação profissional e a Sociedade Bíblica do Brasil uma editora. Ambas não pertencem a nenhuma igreja. Elas não focam na aproximação entre opções divergentes, embora o façam, mas sim retiraram a própria questão da opção de suas agendas para poder focar em outros aspectos. Dispensando a preocupação em consolidar expressões de fé, elas se permitem permear por diferentes alternativas, favorecendo com que a fé entre em liquidação, no sentido proposto anteriormente. Logo, aquilo que tem sido chamado de paraeclesiástica é, na verdade, a expressão mais clara do que entendo como religião líquida, embora não seja a única e talvez nem a mais importante.

Isso só faz sentido se, seguindo a linha interpretativa de Smith (2006), compreendermos que a fé é sempre pessoal. Isso significa que, a rigor, duas pessoas que sentam lado a lado num banco de uma mesma igreja não possuem a mesma fé. Elas podem ter feito a mesma opção em relação à tradição acumulada a que têm acesso, porém, sendo afetadas por processos diferentes, podem ter práticas e reações distintas, algumas inclusive contradizendo a própria opção estimulada pela instituição a qual estão filiadas. Institucionalizar é sempre criar modelos, mas uma coisa é o modelo, outra é a ação, ideia ou emoção concebida a partir dele. Bauman (2001) explica que num ambiente típico do novo estágio da modernidade, a insatisfação com os modelos é uma constante. É a insatisfação com o “denominacionalismo” que está na origem do que tem sido chamado de paraeclesiásticas (MENDONÇA, 1995). Sendo assim, instituições que concebem expressões de fé em espaços institucionais não dedicados à consolidação da tradição estão

alinhadas com a liquidez característica da modernidade recente. É por conta dessa relação que elas podem ser vistas como uma forma líquida de religião.

Perceba que a dualidade da teoria de Smith (2006) foi mantida. Religião ainda está concebida em termos de um intercâmbio entre fé pessoal e tradição acumulada. Só que as trajetórias individuais dos crentes revelam que essa interação pode se dar de dois modos. Um primeiro, em que uma pessoa se relaciona com uma tradição por intermédio de uma instituição especializada em sua sistematização. E outro, aparentemente novo, em que a própria questão de como sistematizar tornando-a coerente é deixada de lado e outros aspectos, práticos e emocionais, passam a ser valorizados mais do que a lógica interna do conjunto. Num modelo, o exercício da fé é realizado em uma instituição reformada que tem uma opção consolidada, por exemplo, em relação à vontade humana não participar da salvação. No outro, abre-se mão dessa polêmica para celebrar de forma mais fluida valores cristãos mais abrangentes. E o mais interessante é que um modelo não necessariamente anula o outro. A religião líquida não substitui a consolidada pelas instituições. Constituem duas versões de uma mesma realidade. Um multiverso.

Falo de dois modelos, mas não de dois universos porque não se trata de duas realidades paralelas, como a noção de paraeclesiástica acaba induzindo o raciocínio. É uma mesma realidade. Por isso a noção de multiverso, mais comum na literatura de ficção é a que melhor descreve como os crentes de fato vivem. É a que reflete a possibilidade de existirem diferentes versões da mesma realidade. Ao longo da tese discutirei a multiplicação das referências de uma certa forma líquida de fé evangélica recentemente no Brasil. Sua publicização fez com que todo crente, hoje, tivesse que lidar com ela de alguma forma. Ele passa a ter maior contato com duas versões da realidade da tradição à qual refere a sua fé, uma consolidada na igreja da qual faz parte e a outra na qual existe um nível de desinteresse em consolidar. O “mundo que os crentes habitam”, expressão conhecida de Rubem Alves (2005), tornou-se, em tempos de modernidade líquida, um multiverso.

Há tensão entre as duas versões, é verdade, mas como a fé é sempre pessoal, cada crente possui razoável nível de liberdade no seu exercício. Se é verdade que ele compõe a sua fé na identificação com a tradição, como explicou Smith (2006), não faz diferença se essa tradição está fixa ou fluida, porque a identificação nunca é completa. Engana-se quem pressupõe que um crente concorda com tudo o que acontece em sua igreja. Da mesma forma, é também um equívoco presumir que ele recebe passivamente tudo o que acontece em matéria de fé em outros espaços institucionais. Quando expressões de fé se tornam líquidas, a relação entre fé e tradição é afetada, mas isso em nada altera o fato de que se trata de uma relação entre coisas distintas.

Ademais, embora modelos conceituais e institucionais influenciem as ações, estas costumam se alterar em uma velocidade maior do que é possível modelar, e, segundo Bauman (2001), a própria ideia de criar modelos parece estar hoje em questão. Sendo assim, para entender como canções se tornam religião, é preciso ter uma noção prévia da realidade em que ela se insere e, a partir daí, buscar as articulações mais do que a descrição minuciosa de elementos que compõem esse multiverso. Uma vez tomando crenças e canções como unidades de análise, o que mais pode contribuir com o objetivo principal é a descrição de como eles se relacionam, seja lá quais forem os espaços institucionais em que essa relação se dá.

Seguindo essa direção, para pesquisar práticas que surgem entre crenças e canções é importante levar as igrejas em consideração, mas antes de tudo é preciso articular essa dimensão com diferentes possibilidades de experiência da fé. Esse é um caminho para sair de uma crítica social dos evangélicos para uma etnografia do crente. E aí a expressão é crente mesmo. Se por um lado, houve um período em que esse termo tinha conotação pejorativa, como destacou Mariano (1999), por outro, é aquele utilizado por eles entre si. A identificação como evangélico é usada geralmente para com os de fora do grupo. Entre eles, preferem o termo crente, sobretudo quando vão fazer algum gracejo ou brincadeira, celebrando a intimidade (COSTA, W., 2015). Só uma etnografia “de perto e de dentro”, nos termos de Magnani (2002, 2012), pode adentrar essa intimidade para desvendar o crente que existe em cada um daqueles mais comumente reconhecidos como evangélicos. O problema é que para isso, é preciso superar a “antipatia” apontada por Giumbelli (2000), especialmente para com as versões mais recentes desta fé. A observação com maior proximidade só é possível com o contrário disso, a “empatia” que Otávio Velho (2007b) diz ser tão necessária para evitar os extremos entre “tornar-se nativo” e ser totalmente alheio ao que se pesquisa. É isso que busquei na trajetória descrita a seguir.

### 2.3 MÚSICA PARA SENTIR A PRESENÇA DE DEUS? UMA ABORDAGEM MULTISSITUADA

A atenção a crenças e canções é um exercício de colocar as igrejas em segundo plano, sem perdê-las de vista. A aposta é que esse procedimento possa revelar novos aspectos religiosos e estimular novas formas de integrar teoricamente aqueles já conhecidos. Se os crenças vivenciam a sua fé em um multiverso, as canções com as quais vivenciam são expressões disso. No enquadramento teórico realizado até aqui, dizer que são expressões pessoais de fé soa como pleonasma, mas não é demais enfatizar. Cada canção de fé é sempre



a expressão pessoal de um ou vários compositores. Expressam sua relação com a tradição com a qual essa fé se identifica, seja a relação sólida ou líquida.

Bem é verdade que os crentes não compõem apenas canções sobre sua fé, tendo uma produção musical razoavelmente diversificada. Em meio a esta diversidade, interessam a este trabalho as canções de louvor e adoração, mas elas são atravessadas por questões que permeiam o universo cujo termo gospel tem servido de referência para identificá-lo aqui no Brasil. Ele tem chamado à atenção de profissionais de diferentes campos de conhecimento: Antropologia (PINHEIRO, 2006; SANT'ANA, 2017, BANDEIRA, 2017); Ciências da Religião (DOLGHIE, 2007); Ciências Sociais (DE PAULA, 2008), Comunicação (CUNHA, 2004); História (VICENTINI, 2007); Música (MENDONÇA, 2009; SOUZA, 2009); Sociologia (ROSAS, 2015) e Teologia (EBERLE, 2008). Balanços recentes da literatura acadêmica disponível foram realizados por Rosas (2015) e Bandeira (2017). Nessa primeira caracterização, destaco apenas três aspectos que julgo essenciais para compreensão do lugar que as canções de adoração ocupam em meio ao gospel a fim de facilitar o entendimento das estratégias que adotei para pesquisá-las. Mais do que dar uma definição do que seja gospel, as características são descritas para indicar problemas que surgem em torno do termo, numa estratégia semelhante à indicada por Bandeira (2017, p. 209).

Em primeiro lugar é preciso destacar que gospel aqui no Brasil não parece ter o mesmo significado que possui no contexto estadunidense, de onde o termo foi importado. Nos Estados Unidos refere-se basicamente a um gênero musical específico que se tornou cada vez mais desconectado da esfera religiosa, embora tenha nela a sua origem. Já no Brasil, trata-se de uma produção religiosa dos/para os evangélicos que não se limita à música, constituindo um “movimento cultural religioso” (CUNHA, 2004, 2007). Isso não quer dizer que não existam passagens entre os dois contextos. Mendonça (2009) percebeu traços comuns, como, por exemplo, a influência pentecostal na origem. Cunha (2007) sinaliza para a inspiração norte-americana dos agentes que desencadearam os processos por aqui. Em sentido diferente, mas semelhante, Sant'ana (2014), identificou que a origem estadunidense foi um dos argumentos utilizados por parlamentares na defesa do gospel como cultura. Mas a despeito desses intercâmbios, os próprios crentes em geral entendem coisas bem diferentes quando se fala em gospel no Brasil e nos Estados Unidos. Tanto que quando alguns escrevem sobre a produção musical preferem evitar o termo, como faz o colecionador de discos Salvador de Sousa (2011) ao escrever seu livro *História da Música Evangélica no Brasil*. Diante disso, para distinguir os dois sentidos, tenho empregado o termo em itálico (*gospel*) para referir ao estadunidense e em grafia comum (gospel) para o brasileiro.

Também cabe pontuar que, embora o movimento presente no Brasil não se limite à música, tem nela sua maior expressão. A esfera musical é tão importante dentro do gospel que não raras vezes ele é reduzido a ela. Como exemplo cito uma pesquisadora que, ao estudar hábitos de lazer de jovens evangélicos paulistas, apresentou o gospel como sendo “um estilo musical que tematiza a bondade divina, as investidas do diabo, as batalhas entre o bem e o mal, a vitória dos fiéis de Deus presentes nas letras dos mais variados ritmos” (RUMSTAIN, 2007, p. 136). Concepção semelhante adota Dolghe (2004, p. 203), quando diz que o termo se refere a música “que fala de Deus ou, pelo menos, das coisas de Deus”.

Essa segunda característica expõe um pouco da dinâmica em questão. As músicas não englobam todos os sentidos do gospel, mas constituem um importante eixo para a sua compreensão. Elas são tocadas nos shows, estão presentes nos programas de TV, seus intérpretes são entrevistados por revistas, seus versos são estampados em camisetas e bonés, entre outras coisas. Um grande exemplo dessa conexão ainda pouco pesquisada é o símbolo fé em formato de escudo (vide Figura 1). Ganhou popularidade depois do lançamento do álbum *Fé* de André Valadão em 2009, gravado ao vivo em Vila Velha (ES). Hoje é estampado nos mais variados tipos de produtos, incluindo camisas, adesivos cromados para automóveis, pingentes para cordões, brincos, entre outros.

Figura 1 - Capa do álbum *Fé* de André Valadão



Fonte: Site de vendas da Livraria Palavra de Paz. Disponível em: <  
<http://www.lojapalavradepaz.com.br/>>.  
 Acesso em 20 out. 2015.

Ainda sobre esse aspecto, não deixa de ser contraditório tratar as músicas que integram o universo gospel como canções que, independente do estilo, possuem conteúdo religioso



(BANDEIRA, 2017, p. 208). Por um lado existem canções que falam de religião e não são percebidas pelos sujeitos do movimento como parte dele, ainda que abordem temáticas cristãs. São exemplos as canções de Roberto Carlos<sup>28</sup> e dos padres cantores em geral<sup>29</sup>. Por outro lado, existem canções que são percebidas dentro do universo gospel, ainda que só falem indiretamente sobre religião ou, em alguns casos, não falem. Como exemplo cito que desde 1995, todos os anos, por ocasião do dia dos namorados, a gravadora gospel *MK Music* lança um álbum com seus mais conhecidos intérpretes da música gospel cantando canções que tematizam o amor entre casais ou entre amigos, o que deu origem a coleção *Amo Você*<sup>30</sup>. Acrescenta-se a isso o fato de que há artistas que cantam músicas tidas como gospel, mas rejeitam esse rótulo por percebê-lo muito atrelado às questões do mercado, o que veem de forma negativa. Para Dolghe (2006) o gospel pode ser percebido como apenas uma parte da produção musical dos crentes, diferenciando-se, por exemplo, de “hinos” e “corinhos”. Algo que discutirei no segundo capítulo.

Esse conjunto de contradições leva à terceira característica do gospel no Brasil, que talvez seja a principal: a constante necessidade de demarcação. Trata-se de uma clivagem entre o que é e o que não é, que, como era de se esperar, tem forte expressão na dimensão musical. Como destacou De Paula (2008, p. 12), a música gospel se “encontra marcadamente articulada a partir de categorias morais: o que está ‘dentro’ é a música de Deus, que constroe (sic) a pessoa; o que está ‘fora’ é do ‘mundo’, do Demônio”. As várias disputas nesse meio surgem exatamente das divergências a respeito de como essa clivagem deve ser realizada, mas ela é uma constante, de forma que agentes que borram as fronteiras de alguma forma acabam envolvendo-se em polêmicas.

Esse último aspecto é importante porque a demarcação não afeta apenas o culto das igrejas, mas toda a forma como o crente se relaciona com música, sobretudo em seu lazer. Como alerta Menezes (2017), materialidades religiosas são poderosas, mas também são suscetíveis a concepções divergentes que podem entrar em choque. É o que acontece com a produção musical. À medida que o termo gospel se populariza e, com ele, os problemas de demarcação, encontrar prazer em canções que não são reconhecidas dentro do espaço

---

<sup>28</sup> Roberto Carlos Braga (1941-) é o artista solo com mais álbuns vendidos da história da música brasileira. Iniciou no samba, ganhou maior visibilidade quando passou pelo rock nos anos 1960, mas desde os anos 1970 fixou-se em música popular romântica e é como tal que se mantém até hoje, realizando apresentações especiais de fim de ano, exibidas na Rede Globo por ocasião do natal. É nessa virada dos anos 1970 que ele começa a compor músicas com temáticas cristãs. A canção *Jesus Cristo* é um exemplo.

<sup>29</sup> Falo mais sobre os padres cantores no próximo capítulo.

<sup>30</sup> Disponível em: < <https://www.mkshopping.com.br/cd/coletaneas/amo-voce.html> >. Acesso em 17 jan. 2019.

demarcado torna-se tabu. Assim, o gospel pode ser descrito como uma vasta produção cultural brasileira que tem na música sua maior expressão, embora não se limite a ela, e é voltada para um segmento religioso específico, os evangélicos, o que envolve adeptos, curiosos e simpatizantes de suas igrejas. Tal produção é marcada por uma disputa constante, pois se expande através do que ocorre não só nas igrejas, mas também no lazer do crente. Foi por essa via que se deu a minha primeira aproximação a ela na condição de pesquisador.

No início do primeiro ciclo de investigação, realizado no mestrado, antes das questões em torno do gospel me chamarem a atenção, interessava-me a relação entre religião e lazer e, mesmo com o objetivo de dar voz a crentes comuns, a referência institucional era tão importante em minha concepção inicial que tomei igrejas como pontos de partida, à semelhança do que fez Ferreira (2017). Mas através de um custoso exercício de tentativa e erro, as igrejas foram gradativamente reduzindo sua importância na análise do que as pessoas pesquisadas faziam em seu lazer e a mudança ficou registrada nas publicações. Se num primeiro momento me interessava o “lazer em igrejas evangélicas” (COSTA, W., 2013), logo passei para análise do que seria a diversão num “culto jovem” (COSTA, W., 2014) e, só depois de muito trabalho de campo, para as noções mais elaboradas de “pedaço dos crentes” e de “circuito de eventos evangélicos” (COSTA, W., 2015). Foi ao longo dessa trajetória que a relação entre crentes e canções chamou minha atenção.

No início, eu estava influenciado pelas teorias de Jofre Dumazedier (1976, 1994, 1999, 2002), referência influente no Brasil. Ele defende o lazer como um objeto autônomo de estudo sociológico que deve ser analisado em sua especificidade e não apenas tangencialmente pela sociologia do trabalho. Não é sem motivo que uma de suas principais obras chama-se *Sociologia Empírica do Lazer* (DUMAZEDIER, 1999). O empirismo é evocado para destacar a autonomia do objeto. Trabalhando dessa forma, o sociólogo buscou destacar o lazer das demais atividades humanas, opondo-o àquelas caracterizadas pela obrigação. Quando uma prática apresenta-se híbrida, com aspectos de lazer, mas guardando feições de obrigatoriedade, é chamada de “semilazer”. Nas palavras do autor, “semilazer é uma atividade mista em que o lazer é misturado a uma obrigação institucional” (DUMAZEDIER, 1999, p. 95). É assim que ele via sua relação com a religião.

Dumazedier (1976. p. 31) teve a preocupação de separar um conjunto de atividades às quais não subsistisse qualquer dúvida de não serem lazer, entre as quais englobou “atividades rituais ou ligadas ao cerimonial, resultantes de uma obrigação familiar, social ou espiritual (visitas oficiais, aniversários, reuniões políticas, ofícios religiosos)”. Destacando o caráter desinteressado do lazer, o autor assume que “se o lazer obedece parcialmente a um fim

lucrativo, utilitário ou engajado, sem se converter em obrigação, já não é mais totalmente lazer” (DUMAZEDIER, 1999, p. 95). É assim que práticas como as aglutinadas em torno do gospel seriam alocadas em sua teoria. Ele destacava que:

[...] observa-se, principalmente em certos meios e grupos de jovens, formas de atividades ambíguas de caráter religioso ou pseudo-religioso, de inspiração muitas vezes oriental, onde se mesclam o ideal e a mística, o sonho e a metafísica, o erotismo e o transnatural, etc. Tais atividades são exercidas dentro de pequenos grupos ou de grandes ajuntamentos em fins de semana ou em férias: a celebração, a festa, o lazer coletivo aí se imbricam em proporções variadas: semiculto, semilazer. Não nos parece cómodo reunir sob o vocábulo lazer fenômenos que devemos separar e que precisamos analisar ora com a sociologia religiosa, ora com a sociologia do lazer (DUMAZEDIER, 1999, p. 90).

Dumazedier (1999) percebeu a emergência de práticas na interface entre religião e lazer, indicando inclusive a possibilidade de uma invasão dos “modelos culturais do lazer” na esfera religiosa. Porém, não se sente à vontade para chamá-las de lazer, preferindo “semilazer”, por entender que ainda estão afetadas por estruturas que, por definição, foram colocadas em oposição ao fenômeno sobre o qual lhe interessa teorizar.

Além disso, Dumazedier (2002) destaca que a queda do controle religioso institucional sobre o tempo das pessoas é tão parte da dinâmica do lazer, quanto a liberação do trabalho. A redução da jornada de trabalho é simultânea ao arrefecimento do controle eclesiástico. Práticas do tempo livre deixaram de ser orientadas por uma autoridade religiosa para serem escolhidas. O autor destaca que o domingo, o “dia do Senhor”, transformou-se, para muitos, no “dia do churrasco” (DUMAZEDIER, 2002, p. 169). E acrescenta:

Esta regressão do controlo institucional do lazer dos fiéis foi, em contrapartida, acompanhada por uma progressão de actividades recreativas e culturais, organizadas por vezes nos próprios locais de culto, tanto para um público de fiéis, como de não crentes, como concertos, clássicos e de jazz, exposições, viagens turísticas, etc. (DUMAZEDIER, 2002, p. 169, português de Portugal).

E ainda faz uma provocação: “esta influência dos motivos de lazer na utilização dos locais e dos cenários de culto não terá um significado ambíguo para a fé?” (DUMAZEDIER, 2002, p. 169). No desenvolvimento do argumento tem-se que o “semilazer” de viés religioso é tido como uma espécie de submissão da religião ao lazer. Nesta perspectiva as práticas de lazer que surgem no âmbito do gospel são tidas como uma dupla redução. Reduzem o lazer por estar imbuído de aspectos religiosos e a religião por contemplar motivações específicas do

lazer. Essa seria a sua melhor descrição. “Só que não”, como diriam os jovens com os quais convivi durante o mestrado.

Essa oposição entre as duas esferas deu origem às primeiras preocupações de pesquisa. Isso porque eu conhecia algumas igrejas em Juiz de Fora (MG) que promoviam práticas com os mesmos conteúdos culturais que foram apresentados como característicos do lazer pelo próprio Dumazedier (1976), como espetáculo, dança, música, esporte... Minha impressão era de que esta perspectiva teórica estava distante da realidade que podia ser observada. Por isso, no início, escolhi três igrejas para pesquisar as práticas que proviam: a Igreja Metodista Central (IMC), a Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã (IBREM) e a Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora<sup>31</sup> (PIB-JF). A princípio, mapeei atividades que ocorreram entre maio de 2012 e maio de 2013, utilizando sites<sup>32</sup> e boletins informativos das igrejas, bem como o Facebook<sup>33</sup> (COSTA, W., 2013). Após essa etapa, diante da grande quantidade de eventos promovidos, restringi a pesquisa a uma só igreja, pois vi que a pesquisa de campo seria a melhor estratégia para entender como as pessoas viviam esse tipo de lazer. Como a PIB-JF era a que eu havia constatado o maior número das atividades com os conteúdos elencados por Dumazedier (1976), foi a que escolhi para pesquisar.

Passei a monitorar os eventos que aconteciam na PIB-JF utilizando os mesmos meios da pesquisa inicial – sites e boletins informativos. Eu imaginava que as atividades eram promovidas com intuito proselitista<sup>34</sup> e que, por isso, a igreja veicularia as informações, facilitando o acesso. Logo percebi que não era tão simples. Várias vezes tomei conhecimento dos eventos depois que eles já tinham ocorrido. Isso provavelmente aconteceu por uma desatenção com a maneira como as atividades eram veiculadas. Algumas atividades só tinham o título abertamente comunicado. Em alguns anúncios, comunicava-se o dia, mas não o horário. Lembro de uma vez em que eu me preparava para fazer a pesquisa à noite e o evento já havia acontecido pela manhã. Em meio aos mal-entendidos, notei que as atividades não tinham apenas o objetivo de atrair adeptos para a igreja. Grande parte acabava fomentando

---

<sup>31</sup> Nesta tese, utilizarei a sigla PIB-JF a fim de evitar que ela seja confundida com alguma outra PIB, mas os jovens com quem desenvolvi o primeiro ciclo de investigação preferiam o termo “PIB”, que é tomado como o nome da igreja e, por isso foi o adotado na dissertação (COSTA, W., 2015). Lembro-me uma ocasião em que um jovem com relativa frequência nos cultos de sábado ficou admirado quando eu lhe expliquei que se tratava da “Primeira Igreja Batista”. Ela é uma instituição vinculada à vertente mais tradicional dos batistas, a Convenção Batista Brasileira. Em 2016, completou 90 anos de sua fundação.

<sup>32</sup> IMC: < <http://www.metodistacentrajf.com.br> >; IBREM: < <http://ibrem.com.br/2014/> > e PIB: < <http://www.pibjf.com.br/> >. Acessados no início de 2013.

<sup>33</sup> Acessando páginas das respectivas igrejas, de seus grupos jovens e de alguns de seus membros.

<sup>34</sup> Intuito de captar mais membros para a igreja, também chamado de evangelístico.

práticas de lazer para os próprios crentes, já “convertidos”, de forma que as informações só eram ditas a eles, não aos de fora.

Para compreender esta realidade, precisei fazer outro recorte. Ao invés de realizar um estudo generalizado sobre as atividades da PIB-JF, foquei em um de seus grupos, acompanhando-o mais de perto para saber em que medida elas se tornavam uma forma de lazer. Assim, eu comecei a frequentar os cultos de sábado, organizado pelo grupo de jovens da igreja, chamado Fixados em Cristo. Boa parte das atividades que mapeei na primeira fase da pesquisa girava em torno dele, por isso o escolhi. Entretanto, o lazer dos jovens que frequentavam os cultos de sábado estava permeado de outros tipos de atividades. Só tive acesso a elas após uma melhor inserção no campo.

No período de junho a dezembro de 2013 frequentei os cultos celebrados pelo grupo. Durante esse período alguns jovens me adicionaram às suas redes sociais eletrônicas, o que possibilitou outro tipo de observação. Porém, na convivência com eles, deparei-me com um novo problema: o que entendiam como lazer não era aquilo que eu procurava inicialmente pesquisar. Quando lhes perguntava sobre seu lazer, também faziam referência a práticas que não eram intermediadas pela igreja a qual estavam filiados, mas nem por isso deixavam de ter interface com a sua fé. Muitas tinham relação com esse universo gospel que aqui nos interessa. Chamou-me a atenção que algumas dessas práticas não pareciam ter nenhum dos conteúdos comumente percebidos como típicos do lazer (DUMAZEDIER, 1976), como quando alguém visita a uma igreja diferente da sua, por exemplo. A relação entre religião e lazer não era plenamente captada através das práticas fomentadas por uma igreja e nem por um grupo jovem, mas apenas acompanhando como os crentes de fato viviam o seu lazer. Era preciso uma abordagem etnográfica “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002).

Em matéria de religião, quando se pressupõe que instituições determinam práticas, à pesquisa qualitativa resta a qualificação dessas instituições para desvendar os diferentes aspectos da vivência da fé. Nesse prisma, a igreja é referência privilegiada. Mas quando colocamos isso em questão, o espaço institucional passa a ser percebido como um daqueles em que a fé acontece. Não o único, talvez nem o principal. Aí surge o desafio de encontrar categorias de mediação, pois não se pode perder a igreja de vista.

Esse é um problema semelhante ao enfrentado pelos estudos urbanos que se recusam a justapor o indivíduo microscópico com a imensidão da metrópole, reconhecendo que existem apropriações específicas dos diferentes espaços da urbe. Para MAGNANI (2002), deve-se evitar o choque dessa comparação imediata, sem rejeitar a totalidade da cidade enquanto problema de pesquisa e isso só é possível trabalhando com totalidades intermediárias em que

o ator, ou melhor, conjuntos de atores estejam inseridos. São totalidades que os atores já experimentam em seu cotidiano e, por isso mesmo, podem ser percebidas por quem os pesquisa. É a alternativa que encontrei para descrever a relação entre religião e lazer nas práticas dos jovens com quem convivi. Eu estava seguindo um conjunto de atores em busca de entender práticas que intercambiavam lazer e religião. Usar categorias de mediação parecia uma estratégia oportuna. Havia uma dupla contingência espacial: a cidade, visto que eu pesquisava em espaço urbano; e a igreja, uma vez que eu pesquisava os jovens a partir de uma igreja específica. Era preciso descrever as práticas dos crentes sem perder de vista como se relacionavam com a instituição a que estavam filiados, as outras igrejas e todas as demais instâncias envolvidas, incluindo as vinculadas à produção gospel. Isso foi possível voltando o foco para a apropriação que eles faziam desses diferentes espaços.

Em busca de mediação, Magnani (2002) propõe algumas categorias que correspondem a totalidades intermediárias: pedaço, circuito, mancha, pórtico e trajeto. Constituem uma espécie de modelo. Dotadas de plasticidade, elas servem de catálogo, para, em um momento futuro, chegar a uma antropologia que trate da cidade como um todo. Ou seja, é uma proposta de Antropologia na cidade que tem em seu horizonte uma Antropologia da cidade (MAGNANI, 2012). A noção de pedaço foi a que abriu caminho para as demais. Ela foi cunhada a partir da pesquisa da tese de doutorado do autor, em 1982, quando ele trabalhou para descrever a vivência do lazer de moradores da periferia de São Paulo e com eles aprendeu o que era “o pedaço”, até então um termo nativo.

Em pesquisas posteriores, o autor efetuou ajustes, testando a possibilidade de transformar esse termo em categoria analítica. Assim foi descoberta sua potencialidade. Como tal, não se define por um grupo. Tampouco por um lugar. É aquilo que surge na interação entre um grupo e um espaço, no momento em que seus integrantes fazem uma apropriação específica para o lazer. Trata-se de uma categoria socioespacial (MAGNANI, 2002, p. 21). É um lugar que só surge quando há um grupo que o possa compor. Um espaço intermediário entre o público e o privado. Não é a casa do sujeito, mas ainda assim é um lugar que lhe é familiar, pois é onde se encontra com seus chegados. Além disso, a existência de um pedaço pressupõe certo grau de afinidade entre aqueles que o compõem, mas isso pode dar-se em diferentes níveis entre pessoas que se conhecem e se reconhecem. Assim, através de sua linguagem, das vestimentas, de certo padrão de consumo ou de referências musicais, os atores podem indicar o pedaço a que pertencem. Tais referentes são usados para reconhecer os pares.

Essa categoria utilizada para pesquisar a sociabilidade na cidade revelou-se útil para superar uma grande dificuldade de mediação em que eu me encontrava diante do grupo jovem



da PIB-JF. Nos cultos de sábado eu não estava diante de um agrupamento homogêneo, mas presenciava uma reunião de uma média de quinhentos jovens em que pessoas de diferentes níveis de comprometimento (com o grupo formalmente constituído e com a igreja) produziam diferentes tipos de interações. Tais interações eram fragmentadas de forma a dificultar a obtenção de um relacionamento mais próximo com as pessoas. Durante o período em que frequentei os cultos de sábado, vi os próprios pastores líderes, em diversas ocasiões, se queixarem desta mesma dificuldade. Aumentei o número e variei o tipo de reuniões da igreja a serem observadas, esperando discernir os jovens mais frequentes, mas tudo o que consegui foi aumentar a quantidade de vezes em que observava a mesma complexidade. Eu, como pesquisador, estava à deriva, procurando regularidades as quais eu pudesse descrever, mas tudo o que eu observava me era muito difícil de sistematizar.

Essa situação se manteve até o dia em que um dos jovens me convidou para “sair” com eles depois do culto. Saída significava ir para algum lugar (como uma lanchonete ou pizzaria), para lanche após o culto. Cerca de vinte jovens, distribuídos em alguns carros e motos dirigiram para algum estabelecimento em outro ponto da cidade. Em todas as saídas das quais consegui participar/observar, estava diante de um grupo que me tratava com maior intimidade, de maneira que eu conseguia ter uma relação um pouco mais próxima a ponto de conseguir informações mais precisas sobre o lazer desses jovens.

Entretanto, uma questão se impunha: o que eu estava observando? Era o grupo de jovens da igreja? Não exatamente. É verdade que os membros dessa instituição eram a maioria, mas alguns que não eram também se faziam presentes nas saídas. Seria um grupo de jovens batistas? Também não, pois entre os que saíam também havia os que se declaravam membros de outras denominações. Agravava o problema casos como o de uma moça que ia ao culto da sua igreja e, assim que acabava, pegava um ônibus em direção à igreja em que eu estava pesquisando para “encontrar com o pessoal da PIB”. Impunha-se a dificuldade de nomear esse espaço específico que surgia em pontos diferentes da cidade, com relativa regularidade de seus integrantes.

Foi neste ponto da pesquisa que a categoria pedaço tornou-se salutar. Cunhada para mapear usos da cidade para o lazer, ela permitiu que eu trabalhasse com um objeto razoavelmente claro, sem ficar preso às categorias que têm sido empregadas na interpretação dos evangélicos no Brasil (protestantismo de imigração, protestantismo de missão, pentecostalismo, neopentecostalismo). Estas foram cunhadas a partir das igrejas e os jovens com quem eu convivi faziam algo que estava para além delas.

Sendo assim, trabalhei com a noção de pedaço dos crentes como aquilo que resulta da junção de um pequeno grupo de amigos que frequentam certa igreja (no caso, a que eu pesquisava), os amigos dos amigos (que são aquelas pessoas que são amigas de alguém que pertence ao núcleo do pedaço e acabam participando dele, embora nem sempre sejam da mesma igreja) e um espaço que por eles é apropriado (no sentido de apossado) para o lazer. Por acontecer para além das igrejas, fazia sentido deixar de pensar em batistas, para pensar em evangélicos em sentido largo. E como crente era o termo mais utilizado por eles, empregá-lo refletiria a intimidade exigida no pedaço. O pedaço dos crentes foi uma categoria facilitou o estudo da maneira como pessoas que se identificam em matéria de fé, embora não sejam filiados a uma mesma igreja, apropriam-se de determinados espaços na cidade para o seu lazer. Inclusive espaços típicos do universo gospel.

Ao seguir o pedaço dos crentes por diferentes espaços, deparei-me com outro desafio. Havia uma série de lugares dispersos pela cidade que, em certas ocasiões, tornavam-se pontos de encontro, lazer e sociabilidade desses jovens. A diferença desses espaços em relação aos que eram utilizados nas “saídas” é que eles não estavam abertos ao público em geral, mas eram especialmente voltados para crentes. São os eventos evangélicos. Entendo com esse termo qualquer acontecimento excepcional que gera um grande envolvimento de evangélicos, englobando adeptos, curiosos e simpatizantes das tradições de matriz protestante. Podem ser pensados como estratégias de captação de fiéis para as igrejas, mas não se pode negar que também se fazem lazer para os crentes neles presentes. Os crentes se divertem, e muito, quando se encontram. O evento é uma oportunidade para que isso aconteça.

Essa noção implica em uma compreensão larga da realidade. Não apenas igrejas ditas neopentecostais, comumente vistas como mais afeitas ao lazer, seriam provedoras de eventos. Qualquer igreja de matriz protestante que promova um culto especial ou reunião diferenciada, quebrando a rotina institucional e gerando maior envolvimento de crentes, estaria promovendo isso que chamo de evento evangélico. Mas não só igrejas fomentam eventos. Juntam-se a elas as diferentes instituições caracterizadas pela forma líquida de religião. Muitas atividades promovidas pelas igrejas que abordei no primeiro momento são parte de um universo maior de eventos agenciados por instituições de outra ordem, tais como a Adhonet, as gravadoras de música gospel ou até mesmo a prefeitura da cidade.

Esses diferentes tipos de agências disponibilizavam eventos aos jovens com quem eu convivía. Ao perceber como alguns eventos os atraíam, eu me vi diante de uma situação semelhante à vivenciada por Rumstain (2007) ao realizar um estudo inicialmente na Igreja



Renascer em Cristo, em São Paulo (SP)<sup>35</sup>. O estudo da sociabilidade de jovens de uma igreja evangélica projeta o pesquisador para fora dela (RUMSTAIN, 2007, p. 141). Para entender o conjunto de ambientes frequentados pelos jovens que observava, Rumstain trabalhou com a ideia de que existiria um “circuito gospel” disponível aos evangélicos paulistas. Em Juiz de Fora (MG) encontrei algo parecido. Porém, para destacar que esse conjunto não se articula apenas em torno do gospel, prefiro nomeá-lo como circuito de eventos evangélicos. Usar este adjetivo é um esforço para não perder as igrejas de vista, já que o termo gospel parece sugerir algo que está à parte delas. Na realidade, elas têm um relevante papel na dita “cultura gospel” (CUNHA, 2013). E como muitos eventos são promovidos visando a expressão pública dessa fé, não apenas para atrair não crentes, mas também para a afirmação da identidade (SANT’ANA, 2017), a categoria deveria refletir a forma como os crentes apresentam-se para quem não é. A lógica é diferente da que gere o pedaço, que é o espaço da celebração da intimidade já conquistada. Só os “chegados” se chamam de crentes. Quando se expressam para não crentes preferem os termos cristão ou evangélico. E chamá-lo dessa forma é também valorizar a própria predileção dos sujeitos, uma vez que há, desde a década de 1930, um incômodo com o termo protestante, concebido até então no imaginário nacional como aquele aliado de missões estrangeiras que queriam roubar a nação (SANT’ANA, 2017, p. 44, 45).

Uma forma de observar o circuito é através das diferentes agências articuladoras de eventos. Elas fazem a conexão entre o adepto, simpatizante ou curioso do multiverso evangélico e os eventos promovidos na cidade. Existem pelo menos três agências deste tipo. As empresas de publicidade especializadas neste marcador identitário, como a Top Gospel JF<sup>36</sup>, que disponibilizam através de sites, blogs e redes sociais eletrônicas a programação especificamente voltada para evangélicos na região. As rádios comunitárias evangélicas, que, embora nem sempre legalizadas, cumprem um importante papel anunciando os eventos. E as livrarias evangélicas que são frequentadas por crentes de diferentes igrejas em busca de Bíblias, revistas de escola dominical, livros, camisetas, bijuterias, DVDs, CDs, entre outros. Elas disponibilizam nas lojas espaços específicos para a divulgação de eventos, tornando-se essenciais nessa articulação.

---

<sup>35</sup> A Igreja Apostólica Renascer em Cristo foi fundada no final dos anos 1980 pelo casal Estevan e Sônia Hernandes que efetuaram uma profunda renovação na música gospel ao inseri-la mais amplamente na mídia, algo que também ampliou a popularidades da igreja. O segundo capítulo apresentará uma descrição desse processo.

<sup>36</sup> Empresa de publicidade especializada na divulgação de tudo o que ocorre em torno dos evangélicos em Juiz de Fora e região através de seu blog e suas redes sociais. Nos últimos anos tem-se responsabilizado também pela filmagem e produção dos DVDs da Marcha para Jesus na cidade.

Como se pode perceber, é uma totalidade composta por diferentes mecanismos próprios da urbe, articulando religião e lazer. Sendo assim, boa parte da minha dissertação consistiu em seguir o pedaço dos crentes em seu deslocamento pelo circuito de eventos evangélicos<sup>37</sup>. Nessa nova etapa, entre janeiro e julho de 2014, observei muita coisa em igrejas, mas grande parte das observações foi realizada fora delas. Em suma, uma igreja foi tomada como referência inicial, mas, a partir dela, segui a sociabilidade dos jovens por diferentes espaços, tais como lanchonetes, restaurantes, shoppings, atividades promovidas por outras igrejas, shows gospel e eventos evangélicos em geral.

Quadro 1 – Pesquisa etnográfica realizada entre 2013 e 2014 (seguindo pessoas)

Ocasão de observação	Quantidade	Breve descrição
Reuniões da igreja a partir da qual a pesquisa foi realizada	28	Cultos de domingo (manhã, tarde ou noite), de quarta-feira à noite e aulas de Escola Bíblica Dominical.
Cultos dessa igreja especialmente voltados para jovens	35	Cultos realizados aos sábados à noite.
Eventos dessa igreja	19	Que ocorreram em seus espaços ou não (espaços alugados, por exemplo), organizados pela igreja ou por grupos ligados a ela.
Outros eventos que aconteceram em seus espaços	3	Que ocorreram em espaços que pertencem à igreja, mas foram organizados por outros grupos ou instituições que não estão ligados diretamente a ela.
Outros eventos	5	Promovidos por outras instituições em outros espaços.
“Saídas”	8	Ocasões de mobilidade após um culto
<b>Total de ocasiões</b>	98	-

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

A noção de circuito de eventos evangélicos será alterada significativamente no terceiro capítulo dessa tese. Ela foi gerada seguindo pessoas por diferentes espaços de uma cidade. Quando me coloquei a seguir as canções, percebi que os eventos são apenas um ponto em que

<sup>37</sup> Para descrições mais detalhadas sobre diferentes pedaços dos crentes e das agências que concebem através de sua interação o circuito de eventos evangélicos, consultar o segundo capítulo da dissertação (COSTA, W., 2015).

as trocas materiais acontecem de maneira mais concentrada. Há uma intensa circulação de coisas que estão em movimento na ausência de eventos e elas muito excedem o âmbito de uma cidade. Isso foi captado observando o trânsito das canções, desde a composição até o uso no culto das igrejas. O evento coloca pessoas em movimento, mas até que isso aconteça, as canções usadas nos eventos já estão circulando há muito tempo. Por isso passo a falar em circuito evangélico e não mais pensado como restrito a uma região, mas contendo vários níveis de circulação que podem se ater a um bairro, uma região, uma cidade, o país ou até atingir dimensões internacionais. Tudo será mais detalhado adiante, mas a tese é de que o mundo do circuito e o mundo da igreja é o que constitui o multiverso que os crentes habitam.

De qualquer forma, para os jovens com quem convivi no primeiro ciclo de investigação, ser crente era bem mais do que assumir determinados credos e frequentar uma igreja. Era também poder comprar o ingresso para um show gospel em uma livraria evangélica, ir a um evento na igreja de um amigo, participar do culto que iria receber algum pastor por qual tem admiração em outra, juntar os amigos, também crentes, em um restaurante para comemorar o aniversário de alguém ou para assistir aos jogos da Copa do Mundo no Brasil... Enfim, ter à sua disposição uma vasta gama de possibilidades de lazer dispersas pela cidade. Possibilidades que não são imediatamente identificáveis através das igrejas. Era comum, por ocasião de eventos de diferentes proporções, um amigo visitar a igreja de outro, sem ter nenhuma intenção de filiar-se a ela. Eles interpretavam essa experiência de fé como uma forma de lazer.

Aí estamos diante de um entrave teórico. Embora existam conteúdos que possam ser considerados típicos do lazer, no limite, eles só podem ser definidos em contexto. Por conseguinte, opor teoricamente religião e lazer não parece refletir a realidade. A categoria “semilazer” torna as práticas de interface entre lazer e religião uma anomalia. Como religião, são sintoma de uma tradição que se esgotou e busca algum fôlego num aparato tipicamente moderno; como lazer, o são apenas parcialmente, pois não atingem o ideal moderno de liberdade (DUMAZEDIER, 1999). Esse é o resultado da redução do lazer ao tempo livre, a forma como a Modernidade o institucionalizou. Mas a prática do lazer em muito excede essa criação moderna (GOMES, C., 2004; GOMES, ELIZALDE, 2012). Pensar práticas de interface entre lazer e religião como uma redução tanto de uma esfera quanto da outra não está em sintonia com a forma com que os sujeitos mais diretamente envolvidos as vivenciam<sup>38</sup>. Apesar da concepção bastante idealizada das práticas externas como “não

---

<sup>38</sup> Para uma discussão mais pormenorizada dessas dimensões, ver Costa (2016).

saudáveis”, o lazer em meio à religião, para quem dele desfruta, é tão lazer quanto qualquer outro. A referência da fé comum não descaracteriza a dimensão de “busca por prazer” (GUTIERREZ, 2001).

Mas há um complicador. O inverso também acontece. Experiências vividas no âmbito do lazer ganham importância primordial no exercício da fé. É o que eu observei entre os jovens com quem convivi especialmente na sua relação com a música que eles percebem como ligada à adoração. Ela se faz presente nas diferentes práticas que surgem quando crentes se reúnem, quer escutada, cantada, dançada ou apenas “de fundo”. Do culto na igreja à beira da piscina usada durante um feriado. Seguindo o pedaço dos crentes percebi que muitos eventos que os atraíam orbitavam os termos “louvor” ou “adoração”. Cito como exemplo o *SELA* (Seminário de Louvor e Adoração) promovido pela IMC, Congresso *de Louvor e Adoração*, realizado pela PIB-JF, *Grande Adoração* com Kleber Lucas, promovido pela IEQ; apresentação do *Ministério de Louvor Quatro por Um*, promovido pela empresa *PraiseMusic*, *Louvorção no Parque Halfeld*, promovido pela *TheCall Brasil*, entre outros<sup>39</sup>. Desde o trabalho de Cunha (2004), diferentes pesquisadores têm reconhecido que em meio ao universo gospel, nessa imensa produção que vai de CDs a bijuterias, há um recorte específico feito em torno da tarja “louvor e adoração”. Mas a dimensão musical merece destaque. É ela que se colocava como principal atrativo dos eventos.

A princípio eu pensei que havia uma diferença clara na produção musical gospel entre aquela voltada para o lazer e aquela voltada mais especificamente para o exercício da fé. Esta seria a percebida como adoração. As expectativas quanto à participação de uma *Noite de Louvor e Adoração com a Eyshila*<sup>40</sup> não pareciam ser as mesmas daquelas em torno de um evento como *A Festa Santa*, com a apresentação dos MC’s Tiago e Diogo<sup>41</sup>. Mas não é bem assim, como ficará claro do decorrer da tese. A clivagem é mais um discurso do que algo que possa ser observado nas práticas. Advém do interesse na distinção entre fé e lazer que, embora nunca seja exata e determinante, sempre é construída em torno dos sentidos que os crentes

<sup>39</sup> Breves apresentações de pessoas e entes coletivos envolvidos nesses eventos estão disponíveis nos apêndices.

<sup>40</sup> Eyshila Oliveira Santos (1972-) iniciou-se na música no grupo Altos Louvores, mas em 1995 direcionou-se à carreira solo, integrando a MK Music. Desde 2012, Eyshila está ligada à Central Gospel, empresa liderada por Silas Malafaia, seu concunhado. Suas composições também foram gravadas por outros artistas. Algumas delas surgiram meio à luta contra a dependência química de seu marido que hoje é pastor em uma das Assembleias de Deus também liderada Malafaia. Mais informações em seu site. Disponível em: < <http://www.eyshilaoficial.com/biografia.cfm> >. Acesso em 21 jan. 2019.

<sup>41</sup> Os gêmeos trabalharam com MCs conhecidos nos bailes funk do Rio de Janeiro, se afastaram da atividade quando se tornaram crentes e, depois de alguns anos, em 2010, lançaram um álbum de gospel funk de maneira independente que se tornou muito conhecido nas rádios evangélicas da Região Metropolitana do Rio. Isso chamou a atenção da Sony Music, que lhes integrou em seu cast por um breve período (AZEVEDO, 2012)

acionam no termo adoração. Daí advém o problema de entender como isso que os crentes percebem como música de adoração se torna religião.

Uma das coisas que me chamou a atenção é que a música percebida como adoração era sempre acompanhada de uma prática específica. Digo isso porque os jovens com quem convivi no mestrado eram vorazes por uma experiência que chamam de “sentir a presença de Deus”. Ela só será mais bem compreendida no terceiro capítulo. Importa agora destacar que não ficava circunscrita ao ambiente das igrejas, sendo muitas vezes experimentada mais intensamente fora dele. Em alguns casos, a busca pelos eventos acontecia exatamente por conta disso. Sendo assim, o que mais me intrigou ao final dessa primeira etapa de investigação é que os crentes pareciam perceber certo tipo de música como intimamente relacionado a essa experiência. Esse é o aspecto que me permitiu perceber como algumas frequências são combinadas na composição do que significa ser crente hoje. São aspectos que não dizem respeito apenas à religião, nem só ao lazer. É daí que vem a hipótese de que a música percebida como adoração, referendada no gozo e no prazer de se “estar na presença de Deus”, não apenas circula no lazer do crente, mas tornou-se central na própria compreensão da sua fé. O fator musical parecia fundamental para entender o sentido de declarar-se evangélico e esse fator estava intimamente atrelado ao consumo.

Essa conclusão só foi possível mediante a observação direta de comportamentos, algo que parece estar em falta nas reflexões sobre consumo. Reclama-se a escassez de:

[...] análises históricas baseadas em fontes primárias, pesquisas de campo e etnografias sobre práticas, padrões e rituais de consumo de diferentes grupos sociais, faixas etárias, gêneros, religiões; mecanismos de mediação aos quais se encontra submetida a cultura material e seu papel no mundo contemporâneo [...], entre outros. (CAMPBELL, BARBOSA, 2006, p. 10).

No entanto, não cheguei a esses resultados trabalhando da forma como a pesquisa etnográfica geralmente é concebida, embora tenha usado amplamente as técnicas que lhe são características, a saber, a observação participante e a escrita do caderno de campo. Chiesa e Fantinel (2014) alertam para o fato de que conduzir observação participante e escrever diários de campo, embora sejam técnicas fundamentais empregadas por quem faz etnografia, em si mesmas não traduzem a prática etnográfica. Não adianta a observação sistemática, ainda que participante, nem a descrição detalhista do que se observa, se isso não se traduzir em outra coisa. Um novo arranjo que não é mais o que o pesquisador tinha ao iniciar a pesquisa, nem o que ele encontrou entre os pesquisados, mas uma reorganização dos dados fragmentados que carrega a marca de ambos, criada após o “*insight*” de que fala Magnani (2002, p. 17).

Alguém pode passar anos observando a vida social e escrevendo diários sem conseguir chegar a isso. É preciso deslocar-se de sua experiência do mundo, passar pela experiência de outrem e voltar à anterior com novos dados sobre a realidade que permitam reavaliá-la. Mesmo quando se adapta tal método à própria experiência é preciso “estranhar o familiar” (VELHO, 1978, p. 45). Nos dois sentidos é necessário produzir não apenas dados, mas também teoria, no sentido de refazer (muitas vezes desfazer) enquadramentos teóricos com os quais se inicia. E, para isso, pode ser necessário incorporar técnicas adicionais, tais como entrevistas, análise de discurso, análise de conteúdo, grupo focal, ferramentas estatísticas, entre outras (MAGNANI, 2002). É assim que trabalhei nos dois ciclos de pesquisa.

A etnografia surgiu na Antropologia, disciplina que se firmou como campo especializado tomando como objeto de reflexão os grupos humanos aparentemente mais exóticos, de pequena escala e fixados em lugares remotos. É assim que ela gerou expertise em fenômenos religiosos não acessíveis através das fontes textuais e passou a ser considerada importante parceira dos cientistas que se dedicavam prioritariamente às religiões (TIELE, 1897). Teorias importantes surgiram do estudo das aldeias e nas aldeias. Mas o avanço da Modernidade trouxe novos desafios. Os “nativos” outrora estudados entraram em articulação com o “mundo do homem branco”. A distância foi reduzida e o “nativo” que não se integrou, basicamente desapareceu. Esse processo abalou o campo antropológico e o incômodo chega ao ponto de alguns antropólogos essencializarem seus nativos, minimizando as mudanças em seus relatórios de campo (VELHO, 2007b).

Em geral, o campo adaptou-se de duas maneiras: pesquisando como o “nativo” assimilou a Modernidade ou voltando seu olhar para os de perto, as sociedades ditas complexas. Nesse processo, categorias anteriormente utilizadas, como “cultura”, “identidade” e “comunidade”, precisaram ser atualizadas (MAGNANI, 2012). Elas foram cunhadas num momento em que a experiência de mundo pesquisada estava atrelada quase exclusivamente ao local em que ela se dava, mas os processos modernos criaram articulações a nível mundial: Quando isso acontece:

*A identidade de alguém, ou de algum grupo, se produz simultaneamente em muitos locais de atividades diferentes, por muitos agentes que têm em vista muitas finalidades diferentes. A identidade de alguém no local onde mora, entre vizinhos, amigos, parentes ou pessoas estranhas, é apenas um dos seus contextos sociais, e talvez nem seja o mais importante na formação de uma identidade. Uma abordagem etnográfica modernista da identidade requer que este processo de dispersão da identidade em muitos lugares de natureza diversa seja apreendido.* (MARCUS, 1991, p. 204, grifos originais)



É assim que nos encontramos e é assim que se encontram os crentes. Por isso esse desafio precisa ser encarado. Não dá mais para reificar universos religiosos como autorreferidos e descontínuos, sem que haja reflexão sobre seus fluxos (MONTERO, 2004, p. 126). É a isso que estamos sujeitos se tomamos igrejas, denominações ou conjuntos de denominações como referências principais do que significa ser evangélico no Brasil e não encontramos uma forma de articular teoricamente esse âmbito da prática da fé com diversos outros com os quais o crente se envolve.

Não é possível compreender o que significa ser crente com observação participante apenas nas igrejas. Não apenas suas práticas de lazer que se dispersam por diferentes espaços. Evangélicos têm se caracterizado por uma diversidade de instituições e espaços, algo que desafia a noção clássica de trabalho de campo como realizado em um local específico. É certo que o próprio Malinowski, tido como um dos fundadores do método, já levava em consideração diferentes espaços (MARCUS, 1995). Para ele era preciso analisar um grupo social em sua totalidade, onde cada aspecto fizesse sentido no todo (MALINOWSKI, 2016). Mas como realizar tal tarefa com um grupo cuja identidade social é forjada em espaços tão diversos? Se não enfrentarmos o problema colocado por Marcus (1995), como poderemos entender a forma como o crente vive a sua fé?

As totalidades, como a cultura, a identidade ou a religião, até mantêm certa referência local, mas mostram-se cada vez mais “multissituadas” (MARCUS, 1995). A localidade, referência importante inicialmente, precisa ser repensada. Para encarar esse desafio, Marcus (1991) propõe testar os limites da etnografia repensando o “campo” no qual se realiza o trabalho. Para ele, cabe alterar a convencional contextualização em um único lugar para uma construção que leve em consideração uma ordem social mais ampla, como o capitalismo global, articulando dicotomias transversais, como “global” e “local” ou “mundo da vida” e “sistema”. É preciso que o campo pesquisado seja concebido como afetado pelo que acontece em outros contextos e a pessoa que pesquisa se desloque a fim de captar as conexões. Como eu fiz ao seguir os crentes em seu lazer. Quando o pesquisador não se fixa em um lugar específico pode levar em conta diferentes interpretações de uma mesma realidade social. Esse procedimento adotado no primeiro ciclo de investigação é que foi integrado à esta tese.

A perspectiva multissituada, que também tem sido chamada no Brasil de multilocalizada<sup>42</sup>, parte do reconhecimento de que grandes processos como a globalização e o capitalismo se expandem a partir de lógicas locais específicas, de forma que não são

---

<sup>42</sup> Como exemplo cito Miraglia (2007) que, em sua pesquisa sobre conflitos socioambientais, traduziu como “multilocalizada”, e Sciré (2014) que preferiu usar “multissituada” em sua pesquisa sobre telefones celulares.

facilmente abrangidas por métodos quantitativos, devido à falta de categorias específicas de tradução, e nem por métodos qualitativos que permaneçam focados em um único local de intensa investigação. É o que se acontece quando se pergunta como uma produção musical atravessada por processos de mercado se torna expressão de fé de um crente. Marcus (1995) entende que um trabalho desse tipo termina sendo tanto uma etnografia no contexto capitalista, quanto uma etnografia do próprio Capitalismo; no sentido de revelar efeitos mais específicos de sua expansão.

Ciente dessas provocações, logo no projeto preparado para a seleção de doutorado propus uma abordagem do tipo. Não adiantaria pesquisar uma igreja em que a música reconhecida como adoração se fizesse presente, pois desde a pesquisa anterior já observava que a prática que parecia acompanhá-la não se restringia a uma denominação. Além disso, o próprio consumo dessa música não parecia seguir uma clivagem denominacional. Os jovens batistas com quem convivi, por exemplo, tinham grande admiração pela assembleiana Eyshila que era vista como “mais que uma artista”, uma “verdadeira adoradora”, como tantas vezes ouvi o próprio pastor líder da PIB-JF aclamar. Isso que os crentes chamam de adoração e “sentir a presença de Deus” só seria compreendido levando em consideração outros contextos que interagem com o local em que pode ser observado.

Nenhum crente participa de todos os processos que permitem que exista uma música com a qual “sinta a presença de Deus”. Produção, circulação e consumo da produção musical voltada para a adoração dependem do envolvimento de pessoas diferentes, que não entram em contato direto umas com as outras. Logo, escolher algumas pessoas para seguir pode revelar algo, mas é pouco, como foi possível observar na descrição da canção *Galileu* no início desse capítulo. Por isso optei por “seguir a coisa” (“*follow the thing*”, MARCUS, 1995), sendo que as coisas a serem seguidas são as próprias canções de adoração. Isso foi feito observando e participando de contextos ligados à adoração, um após o outro, indo para o próximo a partir do que o anterior suscitava. Uma trajetória consideravelmente imprevista e inconsistente, aproveitando as oportunidades que se apresentaram, nos termos defendidos por Miller (2013, p. 15). Ela foi amarrada tomando as canções como verdadeiros sujeitos de pesquisa.

No caso, tomo canção no sentido de composição musical para a voz humana, cuja melodia é combinada com um texto, geralmente escrito em poesia, e acompanhada por instrumentos musicais melódicos e harmônicos. Quando as composições são voltadas para o que os crentes reconhecem como adoração, caracteriza-se o tipo de canção que interessa mais imediatamente a esta tese. Uma composição musical pode combinar notas de forma a tornar sua execução impossível para a voz humana, mas as canções constituem um espaço específico



na imensidão do mundo da música, já que são sempre criadas por alguém com o intuito de que pessoas possam cantá-las. É por isso que quando falamos em canções, de certa forma também falamos em pessoas. Seguir canções implica em buscar diferentes contextos em que pessoas compõem, cantam e executam, gravam essas composições em algum suporte físico ou digital, distribuem e acessam essas gravações, reproduzem, etc. A diferença é no foco. Se num primeiro momento seguir pessoas foi o que permitiu a concepção do problema, e exatamente por isso a primeira etapa de investigação teve que ser recuperada, tem-se agora que seguir canções é a melhor maneira de enfrentá-lo. São duas estratégias combinadas, seguindo pessoas e coisas, mas o que importa é a relação entre elas. Se existe uma música com a qual se “sente a presença de Deus” isso só pode ser compreendido na relação entre crentes e canções.

Quando se coloca o vínculo entre pessoas e coisas em questão, as relações de consumo vêm a reboque. Elas possuem uma instância especializada assim como a religião e o lazer. O tempo-livre é a forma moderna do desfrute de tudo o que é lúdico, ou seja, das práticas caracterizadas pela “busca pessoal por prazer” (GUTIERREZ, 2001), bem como o sistema abstrato impessoal, ao qual as igrejas representam é a forma moderna de pensar a religião (SMITH, 2006). Por semelhante modo, o capitalismo moderno institucionalizou o ato de compra como modelo de consumo, ou seja, de obtenção de tudo o que se precisa para viver (MILLER, 2002). Essas são as formas como esses três âmbitos da vida foram institucionalizados na Modernidade. Ou se tornaram “sólidos”, parafraseando Bauman (2001). Sendo assim, a compra se tornou algo imprescindível na discussão sobre a relação sobre como crentes exercitam a sua fé com canções criadas por outros crentes.

Quanto a isso, há grande interesse entre evangélicos, protagonizado pelos mais diretamente ligados às canções investigadas, de que a adoração não seja vista como produção musical voltada para a venda, invisibilizando as relações econômicas. Explorarei essa questão mais adiante, mas tal atitude não deve nos espantar. Como adverte Miller (2013, p. 78), as coisas não são importantes por que são evidentes, mas justamente o contrário. Em suas palavras, “elas funcionam porque são invisíveis e não mencionadas, condição que em geral alcançam por serem familiares e tidas como dadas” (MILLER, 2013, p. 79). O autor está falando da cultura material, composta por uma multiplicidade de “trechos, troços e coisas” que vão desde um celular, uma roupa, um *site*, um sapato, um e-mail, algumas mais tangíveis que outras. Uma vez que o sentido de material empregado por esse autor tem mais a ver com produção humana do que com o aspecto físico (o que o faz englobar objetos virtuais, por exemplo), em sua concepção, mesmo a mais tangível das coisas, aquela na qual podemos tocar e tropeçar, só se faz cultura obscurecendo seu papel e parecendo irrelevante (MILLER,

2013, p. 79). Se é assim com porcelanas e vestimentas, o que dizer da música, talvez uma das mais abstratas produções culturais? Tida comumente como cultura imaterial, ela não escapa a esse processo. Como coisa criada, as canções permeiam o ambiente que cerca os crentes, não apenas nos cultos, mas a forma como se relacionam com elas, mediada pelo lazer ou por relações econômicas, não é tão evidente para eles mesmos. E se isso pode acontecer por conta da própria natureza da relação entre pessoas e coisas, agrava-se quando se leva em conta as contradições do gospel. A busca pelo lucro, inerente ao grande sistema de distribuição de coisas gerado na Modernidade, muitas vezes é colocada como algo que se opõe à natureza da fé que o permeia.

O sistema capitalista moderno, caracterizado pelo dinheiro em permanente movimento, terminou por atrelar o lazer ao consumo, de modo que grande parte das práticas caracterizadas pela busca pessoal por prazer passaram a ser mediadas por atos de compra (TASCHNER, 2000). Os shoppings são a maior expressão disso. Nesse contexto, ao acompanhar o lazer dos crentes, vi que muitos eventos, inclusive aqueles voltados para adoração, são mediados por compras. A participação depende de ingressos, pagamento de inscrições ou coisas do tipo. O próprio acesso a canções de adoração frequentemente se dá através da compra de CDs ou DVDs, pagamento de serviços de *streaming*<sup>43</sup> ou algo parecido.

Diante disso, o consumo se tornou uma dimensão imprescindível na análise da relação entre crentes e canções. Embora eles reconheçam a adoração como atrelada ao seu relacionamento com o Deus em que acreditam, as canções são sempre criadas por alguém e quando esse alguém se vale do sistema econômico para disponibilizá-las a outros crentes, cria uma série de mercadorias atreladas a elas. Esses produtos permeiam a prática da fé, na igreja ou fora dela. Sendo assim, entender em que circunstâncias a música se faz religião só é possível mapeando as tensões que surgem quando religião, lazer e consumo são acionados na relação entre crentes e canções. Esse é o método aqui empregado.

Ainda não consciente de que as canções também deveriam ser unidades de análise, mas ciente da interface com o consumo e dos problemas inerentes a privilegiar as igrejas na compreensão dos crentes, no início do segundo ciclo de investigação resolvi tomar uma empresa como ponto de partida. Eu havia conhecido muitas voltadas especialmente para questões dos evangélicos na primeira etapa. Mas o ideal seria abordar uma especializada em adoração. Sendo assim, por meio de mecanismos de busca na plataforma do Facebook,

---

<sup>43</sup> Trata-se de uma tecnologia criada para tornar conexões mais rápidas permitindo o envio de informações multimídia, disponibilizada por alguns aplicativos de celular ou sites na internet aos seus usuários de forma gratuita, como o *YouTube*, ou mediante pagamento, como o *Netflix* ou o *Spotify*.

encontrei a página da Adore Produções LTDA – ME<sup>44</sup>. O trabalho dessa empresa não era exatamente promover eventos, mas facilitar o contato entre promotores e cantores ou bandas que se destacam no cenário nacional como “ministros ou ministérios de louvor e adoração”. Sediada em Goiânia (GO), liderada pelo casal Lorena e Kevin McIntyre e em atividade desde 2009, a empresa agendava em 2015 eventos com 19 “ministros/ministérios”: Aline Barros, André Valadão, Cassiane, Davi Sacer, David Quinlan, Diante do Trono, Fernanda Brum, Fernandinho, Heloísa Rosa, Kleber Lucas, Ludmila Ferber, Mariana Valadão, Nívea Soares, PG, Pr. Antônio Cirilo, Rodolfo, Thalles Roberto, Trazendo a Arca e Ludmila Ferber, sendo que, desta última, detém a exclusividade da agenda<sup>45</sup>.

Esses “ministros e ministérios de louvor” com os quais a Adore Produções trabalha estão no ponto inicial da cadeia de consumo. São eles que compõem, interpretam e gravam as canções que servem de inspiração a tantos outros “ministérios” espalhados pelo Brasil. É através deles que seria possível saber como surgem as canções. Sendo assim, embora a empresa não fosse o objeto primeiro da tese, as informações disponibilizadas em seu site oficial<sup>46</sup>, permitiram-me encontrar um primeiro grupo de crenças a partir do qual eu poderia investigar o problema da tese. Mas ele seria acessível?

Não se pode negar a dificuldade de estudar, de forma qualitativa mais aprofundada, a vida de pessoas que estão em condição social (o que inclui a fama), econômica ou política acima da condição de quem as pesquisa. Marcus (1995) critica o campo antropológico por se esquivar desse desafio. O autor reclama a falta de criatividade, mas é um problema nada fácil de ser contornado. Como antecipei na introdução, nas pesquisas sobre o gospel ou algum aspecto a ele relacionado, tem-se utilizado diferentes estratégias para qualificar dados sobre artistas de renome, mas por conta da agenda apertada de viagens, da desconfiança com relação aos objetivos da pesquisa ou de outro aspecto qualquer, a questão torna-se muito grave. É preciso investir meses de insistência para conseguir uma breve entrevista<sup>47</sup>.

Mas encontrei uma estratégia para contornar parcialmente essa situação. Ao pesquisar em sites de busca na internet mais dados sobre quem eram os ministros com quem a Adore Produções trabalhava, percebi que tem havido nesse meio certo empenho pela produção de

<sup>44</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/adoreproducoes/> >. Acesso em 17 mar. 2015.

<sup>45</sup> A empresa também agenda artistas do cenário internacional que desconsidereei essa parcela na análise. De toda forma, quando terminei a tese a empresa havia ampliado bastante o rol de artistas e bandas com quem trabalha, chegando a mais de 40 só recorte nacional. Muitos nomes foram adicionados e, à exceção de Rodolfo Abrantes, nenhum dos nomes vistos em 2015 foi retirado da listagem. Disponível em: < <http://www.adoreproducoes.com/> >. Acesso em 17 mar. 2018. Os citados constam no apêndice.

<sup>46</sup> Disponível em: < <http://www.adoreproducoes.com/> >. Acesso em 17 mar. 2018.

<sup>47</sup> Ver os casos de Pinheiro (2006), Dolghe (2007), De Paula (2008), Rosas (2015) e Santa’Ana (2017).

livros sobre adoração. São obras escritas por eles ou por pessoas autorizadas que contam vivências da carreira musical/ministerial. Elas buscam transmitir uma mensagem de fé mais do que contar a história desses crentes, mas contém relevantes aspectos dos eventos relativos a experiências antes da fama, participação em eventos, relações com outros crentes que contribuíram com sua trajetória ou que inspiram seu trabalho e, o que acabou sendo mais importante neste trabalho, a sua relação com as canções, explicando como algumas surgiram ou alguma outra vivência marcante dessa relação.

Pioneira nesse tipo de produção literária foi Ana Paula Valadão (BESSA, 2003), mas recentemente outras obras surgiram. Há livros em torno do ministério de Adhemar de Campos (2010, 2005), Aline Barros (2011, 2015), Anderson Freire (2015a), Asaph Borba (2012), Bruna Karla (2015), Cassiane (GUIMARÃES, 2018, 2010), Cristina Mel (2016), Emerson Pinheiro (2018), Eyshila (SANTOS, 2015), Fernanda Brum (2013), Fernandinho (2013), Ludmila Ferber (2012), Nívea Soares (2016), Regis Danese (2012), Ronaldo Bezerra (2008), Sônia Hernandez (2011), Soraya Moraes (2017) e Thalles Roberto (RAMOS, 2013)<sup>48</sup>. Uma vez que esse material transmite a visão dos próprios sujeitos sobre a relação a ser analisada, sua leitura interessada favorece a abordagem, apresentando-se como alternativa a pesquisas de campo ou entrevistas. Para isso, tomo como inspiração metodológica o trabalho de Florestan Fernandes (2006) que produziu um denso relato etnográfico dos povos tupinambá no Brasil a partir da leitura crítica de cronistas dos séculos XVI e XVII, bem como os ensaios recentes que exploram a convergência entre as tarefas de biografar e etnografar, organizados por Kofes e Manica (2015).

Esses livros tornaram-se para mim uma espécie de mapa de lugares que eu deveria observar e participar de forma multissituada, mas o de Fernandinho (2015) contribuiu de forma peculiar. Revelava pessoas que, embora não tão conhecidas no meio gospel, cumprem um papel significativo na irradiação da adoração no Brasil. Entre elas, o casal Chris e Nelson Tristão, apresentado como parte do círculo de amigos de Fernandinho (2015, p. 241), a despeito de não pertencerem a mesma igreja, nem residirem no mesmo Estado. Ela é a líder do Ministério de Louvor Asas da Adoração<sup>49</sup>. Ele é um empresário atuante em múltiplas tarefas a respeito da música de adoração, em diferentes áreas. São os proprietários de duas empresas. As que citei quando apresentei *Galileu*. A Editora Adorando tem a finalidade de

---

<sup>48</sup> Lembrando que no decorrer do trabalho optei por me referir às pessoas da maneira como são mais conhecidas no meio gospel.

<sup>49</sup> É um grupo musical que surgiu em 2000 em meio aos processos que serão descritos a seguir. É liderado por Christie Tristão, que compôs a maioria das canções gravadas pelo grupo. Seu nome deriva do título de uma delas. Não possui site oficial. Mais informações estão disponíveis no site da Onimusic.

gerenciar direitos autorais de compositores evangélicos e seus conexos (versionistas, cantores e músicos que gravam as composições). Atualmente cuida dos direitos de cerca de 80 mil canções. E a Onimusic, voltada para a gravação e distribuição de discos (CD ou DVD), presta serviços a um grande número de cantores, grupos musicais e compositores, de maior ou menor renome. Cito como exemplo o próprio Fernandinho, o pastor Antônio Cirilo, o David Quinlan e o Ministério de Louvor Diante do Trono, que é liderado por Ana Paula Valadão. Muitos coincidem com aqueles com quem a Adore Produções trabalha.

Acessando o site da Onimusic<sup>50</sup>, conheci sua ligação com a Escola Adorando, um projeto mantido pelo casal Tristão com o suporte do Asas da Adoração e das duas empresas, visando a formação de líderes para o trabalho com música em igrejas evangélicas. Confesso que tive dificuldades de entender o que era a Escola Adorando. Várias ideias apresentadas neste capítulo ainda não estavam sistematizadas. Mas o fato é que todos os anos, no mês de janeiro, ela reunia “ministros de louvor e adoração” de todo Brasil em um evento realizado na região metropolitana de Belo Horizonte (MG). Nessa reunião realizada em regime de internato por cerca de uma semana e meia, é oferecido um treinamento intensivo a respeito do papel da música na igreja e na vida cristã.

Por agregar líderes de diferentes igrejas evangélicas envolvidos com música, a Escola Adorando pareceu-me uma grande oportunidade para captar a dinâmica em torno da adoração. Eu quisera entender como os crentes se relacionavam com música e ela agregava pessoas exatamente em torno disso. Sendo assim, contatei sua administração a fim de conseguir participar da edição de 2016. O problema é que ao apresentar as intenções de pesquisa não obtive resposta sobre a viabilidade ou não da participação. Entrei em contato por diferentes meios e a secretária muito atenciosa me passava informações complementares às do site, mas quanto à possibilidade de participar ou não do evento, dizia que somente o Nelson, o diretor do projeto, poderia decidir. Paradoxalmente, estava eu enfrentando a mesma dificuldade que tentei contornar com os livros.

O acesso ao Nelson não foi fácil, nem mesmo à distância. Telefonei várias vezes sem conseguir encontrá-lo. Ao que parece, ele estava bem atarefado por conta do lançamento do CD *Galileu*, comentado no início deste capítulo. Só conversamos quando, em uma passagem por Belo Horizonte, visitei a sede das empresas. Isso aconteceu no dia 18 de setembro de 2015. Pude conversar informalmente com alguns funcionários sobre a pesquisa que estava desenvolvendo, captando algumas impressões e lapidando algumas ideias sobre adoração. No

---

<sup>50</sup> Disponível em: < <http://onimusic.com.br> >. Acesso em 17 mar. 2018.

decorrer da conversa, a secretária telefonou algumas vezes para o Nelson, que estava em uma viagem a trabalho. Após algumas tentativas, atendeu, e tive a primeira oportunidade de conversar com ele sobre a tese e minha intenção de participar da Escola Adorando 2016.

Ele disse que a participação no evento não seria problema, desde que eu me inscrevesse como um aluno e não gerasse nenhum entrave ao desenvolvimento do mesmo. Para o Nelson, a Escola é um ambiente espiritual especialmente preparado para a “imersão na presença de Deus”. Durante a conversa, ele me explicou que não via problema em minha interação com os líderes de louvor durante os intervalos, mas para entrar na Escola eu precisaria me submeter aos seus critérios de entrada e à rotina aplicada aos inscritos.

Uma das exigências para a matrícula do aluno é uma carta de seu pastor atestando sua “boa conduta cristã”. Eu tentei negociar com o Nelson a substituição desta carta, por uma do meu orientador ou de alguma comissão de ética que atestasse minhas intenções de pesquisa, mas ele não aceitou. Disse que isso era irrelevante, pois o tipo de garantia que precisava era outro. A carta é um dispositivo que dá certa segurança aos organizadores do evento a respeito de quais pessoas estarão sob sua responsabilidade. Na dinâmica do evento, crentes desconhecidos entre si convivem no mesmo alojamento, no mesmo quarto e por muitos dias. A carta é, para a diretoria, um meio de evitar que alguém tenha uma conduta inconveniente aos propósitos do projeto. Quanto a isso, o crivo de uma instituição eclesiástica lhe era mais confiável que o da universidade. E foi aí que eu me dei conta de que não se pode perder as igrejas de vista. Mesmo eu tentando não as privilegiar na pesquisa, elas eram, para os próprios crentes, uma referência muito importante. É como tenho procurado esclarecer neste capítulo. As igrejas não dizem tudo sobre a fé, mas dizem alguma coisa.

A situação me colocou diante de um novo problema. Qual pastor poderia atestar minha entrada na Escola Adorando? Quando terminei o primeiro ciclo de pesquisa, reduzi minha frequência aos eventos e cultos ligados à PIB-JF. Isso aconteceu por vários motivos, entre eles, a própria exigência da redação da dissertação e da seleção do doutorado. Eu ainda a visitava ocasionalmente, mas distanciado de uma forma que não me parecia adequado pedir algo desse tipo a nenhum de seus pastores.

Não se trabalha com etnografia, ainda que multissituada, sem envolvimento pessoal. O que varia, segundo Marcus (1995), são os níveis de envolvimento, pois, assim como as pessoas não se comprometem da mesma forma com os diferentes contextos em que vivem, quem pesquisa etnograficamente a vida social moderna pode variar o grau de aproximação de acordo com a forma como precisa multissituar. Qualquer proximidade sempre dependerá de envolvimento pessoal. É por isso que entre 2013 e 2014, acompanhando os jovens, tornei-me



um assíduo frequentador da PIB-JF à semelhança de tantos outros que se envolvem com essa igreja desta maneira, sem se tornarem membros. O problema é que em 2015, a entrada na Escola Adorando exigia algo diferente e nem assíduo mais eu era, apenas esporádico.

Quanto à religião, Smart (1995) destaca que qualquer pesquisa, não só etnográfica, traz em seu bojo a personalidade de quem investiga, pois não é possível colocar seu posicionamento em matéria de fé completamente entre parênteses para pesquisar. Nos termos de Smith (2006), em religião, a tradição é vista pelos olhos da fé, de modo que, se isso não é levado em consideração, a ciência acaba produzindo um discurso no qual a pessoa que crê não se reconhece. É preciso um método dual que conjugue empatia e apatia, buscando o máximo de aproximação à perspectiva da fé, da maneira que queriam fenomenólogos como Joachim Wach (1990) e Rodolf Otto (2007) e antropólogos como Otávio Velho (2007b) e Rita Segato (1992); mas até o limite que não demande adesão, mantendo distância dos interesses específicos da fé, como reclama Flávio Pierucci (1999, 1997). Os interesses devem ser afastados porque nos colocam na dimensão dos conflitos entre as diferentes sistematizações da tradição e existem dados que só são acessíveis aproximando-se de alguma forma da fé que a elas se refere. A realidade religiosa só pode ser abordada conjugando esses dois polos, fazendo um limitar o outro e isso demanda colocar o envolvimento pessoal em questão.

Sobre a minha fé, posso dizer que já passou por várias transformações. Houve um tempo em que minha família era católica, mas eu ainda era novo quando minha mãe se batizou em uma Igreja Universal do Reino de Deus e depois se tornou membro de uma Igreja do Evangelho Quadrangular. Foi acompanhando-a que me aproximei deste universo, passando boa parte da minha infância e adolescência como crente, envolvido em várias atividades, especialmente as que envolviam música. Darei mais informações sobre esse processo durante a tese, na medida em que ajudar a explicar algum aspecto em questão. Por ora interessa destacar que aconteceu um afastamento gradual deste universo que começou quando, ao terminar o ensino médio resolvi cursar Teologia e não tive a autorização do pastor da IEQ na qual eu era membro para ingressar no curso da denominação. Foi por isso que acabei cursando Teologia em uma faculdade batista.

No transcorrer desta graduação algumas crenças modificaram-se, especialmente após ter contato com o método histórico-crítico de interpretação da Bíblia<sup>51</sup>. Isso me trouxe algumas dúvidas que permaneceram durante todo o curso de Teologia. É, de certa forma, o que me trouxe para a Ciência da Religião, primeiro através do Bacharelado em Ciências

---

<sup>51</sup> Em linhas gerais, trata-se de um tipo de interpretação bíblica que trata este tipo de texto (que geralmente é tido como sagrado) como qualquer outro texto, desconsiderando as premissas dogmáticas cristãs.

Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)<sup>52</sup>. Logo no primeiro semestre dessa segunda graduação, na disciplina de Introdução à Filosofia, tive contato com as críticas marxistas à religião<sup>53</sup>. Minhas convicções de fé foram cada vez mais enfraquecidas e me afastei das atividades da igreja, até me tornar o que os crentes chamam de “desviado”<sup>54</sup>. Mas foi também no avançar dessa graduação que conheci a teoria de Dumazedier (1976, 1999), através da disciplina Fundamentos do Lazer, fornecida pelo departamento de Turismo. Foi assim que surgiram os questionamentos que deram origem ao Mestrado.

É verdade que nunca deixei de ter contato com crentes, mas durante a graduação em Ciências Humanas eu me via um tanto agnóstico. Porém, a pesquisa sobre religião e lazer afetou isso. A convivência com os jovens me fez envolver novamente com a fé, menos por convicção e mais pela dimensão prática e emocional. A crença é apenas um dos elementos que compõem a fé, de modo que se engana quem pensa que a reflexão sobre Deus é o que define a religião. Em suas vidas os crentes costumeiramente agem e sentem tomando Deus como uma realidade dada e não uma possibilidade de reflexão. É o que acontece com as religiões em geral, segundo Ninian Smart (1977). E por meio de práticas e sentimentos que me identifiquei novamente com a fé dos crentes, embora eu ainda tenha minhas dúvidas a respeito da plausibilidade desse Deus que é pressuposto.

Entre o período que me distanciei da PIB-JF e o que me aproximei da Escola Adorando, ainda tinha contato com outras igrejas. Mantinha, por exemplo, algumas visitas periódicas à IEQ que eu frequentara na minha adolescência. Seu pastor pareceu-me a alternativa mais plausível diante do condicionamento da entrada no campo que eu precisava pesquisar. Era quem me conhecia há mais tempo e poderia “dar testemunho” de minha conduta. Mas eis a questão: se dez anos antes, quando eu era mais frequente na igreja, ele não havia me fornecido a carta que me autorizaria a acessar o curso de Teologia da denominação, por que me daria algo do tipo agora? Passei dias aflito, pensando em como abordá-lo. Resolvi fazer isso ao término de um evento que a igreja realizou por ocasião de seu aniversário. Expliquei a minha proposta de pesquisa, a situação com a Escola Adorando e ele, para minha surpresa, prontamente assinou a carta.

---

<sup>52</sup> É uma proposta interdisciplinar que oferece ao acadêmico a oportunidade de cursar disciplinas de diferentes áreas das ciências humanas e humanidades (Filosofia, Artes, Antropologia, Letras, Turismo, Sociologia, Ciência da Religião, etc.) num primeiro ciclo e habilitava o bacharel para cursar uma segunda graduação, no segundo ciclo, nas áreas de Turismo, Filosofia, Ciências Sociais ou Ciência da Religião.

<sup>53</sup> De maneira geral são três críticas: religião como alienação, religião como ideologia e crítica total da religião. Para um panorama sobre estas críticas ver Lesbaupin (2011).

<sup>54</sup> Trata-se da pessoa que abandona a prática da fé, o que geralmente é reconhecido no afastamento da igreja.



De posse do documento, realizei a matrícula no módulo da Escola Adorando que aconteceu em 2016. A inscrição custou um investimento de R\$ 1.370,00 (mil trezentos e setenta reais). A edição deste ano aconteceu entre 9 e 17 de janeiro. A programação é sempre preparada com a participação de pessoas de reconhecidas pela sua organização como referências em questão de adoração, como se pode observar no cartaz na Figura 2. Isso permitiu outra forma de acessar alguns líderes para além de seus livros. Mas o mais importante foi o contato com pessoas responsáveis pela música em diferentes igrejas, a possibilidade de comparar aquilo que lhes era transmitido no evento com o que me contavam de suas experiências e a entrada em um ambiente de “profunda imersão na presença de Deus”, como os participantes falavam. Vivi situações intrigantes e momentos excepcionais que serão descritos no decorrer da tese. É através da Escola Adorando que consegui entender vários dados dessa pesquisa. Por isso separei o próximo tópico do capítulo para apresentá-la melhor.

Figura 2 – Programação da Escola Adorando 2016



Fonte: Site Adorando.com. Acesso em 29. Dez. 2015.

Antes disso, convém destacar que alguns alunos vêm de lugares distantes do Brasil para participar do evento e, por isso, optam por chegar a Belo Horizonte (MG) dias antes e voltar alguns dias depois, a fim de aproveitarem oportunidades da região. Quando o módulo terminou, ainda em Belo Horizonte, pude acompanhar um grupo de alunos em algumas

atividades. Nós participamos de um culto na Igreja Batista da Lagoinha, tida por eles como referência em adoração. Um aluno de Porto Alegre (RS) disse que era “um absurdo passar por Belo Horizonte e não visitar a Lagoinha”. Também visitamos uma loja de artigos evangélicos. Na ocasião pude acompanhar alguns jovens em situação de compra, suas escolhas e o desejo de adquirir alguns produtos que não podiam por conta da limitação de seus recursos.

A partir da Escola Adorando, também tive acesso a grupos do Facebook, criados especialmente para ex-alunos da edição de 2016. Assim foi possível manter contato com “ministros de louvor” de igrejas e regiões diversas do Brasil. Este se tornou outro contexto de observação. Ocasionalmente alguém publicava mensagens, contava situações em sua igreja, comentava questões envolvendo adoração e líderes de renome nesse meio, compartilhava alguma canção que havia criado, entre outras postagens, em sua maioria girando em torno da relação entre música e fé. A internet como campo de pesquisa etnográfico pode ser pensada como cultura, no sentido de um mundo em si mesma; como mídia, no sentido de plataforma de comunicação; ou como artefato cultural, no sentido de ser um artifício de prolongamento da vida cultural offline (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2013). No contexto em que pesquisei, trabalhei nesta última perspectiva, entendendo que o que eu visualizava através da plataforma do Facebook não era um mundo em si mesmo, nem só um meio de comunicação, mas uma extensão online da realidade em que os crentes viviam a sua fé. Extensão que não pode ser analisada desconsiderando a realidade offline. É mesclando inserções *off* com interações e buscas *on*, que consegui me inserir na “bolha” virtual da adoração, passando a receber as sugestões geradas pelos algoritmos de marketing dos recursos virtuais que uso.

Além disso, comecei a acompanhar alguns estudos publicados no site oficial da escola<sup>55</sup>. Comparando com algumas situações que coletei durante o módulo que participei ou depois, via internet, algumas questões intrigantes em torno da posição ocupada pelos “ministros de louvor” em suas igrejas chamaram-me a atenção. Isso é assunto para o próximo capítulo, mas posso adiantar que são eles a principal ponte entre a produção musical gospel e os cultos das igrejas. Foi aí que percebi que as canções eram um dos elementos principais de conexão do circuito evangélico. Eram elas que faziam o trânsito entre o lazer, o consumo e a religião. Só mapeando essa circulação seria possível entender a passagem entre as dimensões.

Desde então me voltei novamente para as igrejas, com especial atenção ao papel dos seus “ministros de louvor”. O trabalho deles culmina no culto, mas se estende por outros espaços. Na pesquisa de Eberle (2008) percebi que o ensaio pode ser propício a interações

---

<sup>55</sup> Disponível em: < <http://adorando.com.br> >. Acesso em 17 mar. 2018.

diferentes do ambiente do culto e passei a visitar diferentes igrejas evangélicas de Juiz de Fora (MG), estabelecendo contato com líderes de louvor a fim de participar dos ensaios. Neste momento eu já não pretendia seguir pessoas, mas coisas, as próprias canções, por isso esse contato foi feito com o objetivo de entender como as canções vão parar no culto. A pesquisa estava nesta etapa quando desloquei as observações para Natal (RN).

Ao fazer um movimento de investigação para fora das igrejas, acabei voltando a elas, mas a problematização permitiu-me integrar diferentes contextos, identificando conflitos internos ao ambiente eclesial que são centrais no entendimento do papel que o tempo livre e as relações de comércio desempenham na forma como os crentes vivem sua fé. Exatamente por isso era preciso não se distanciar de outros espaços vinculados a essas relações. Sendo assim, durante todo o período de doutoramento frequentei diferentes eventos evangélicos que aconteceram em Juiz de Fora (MG) ou Natal (RN) com a presença de pessoas tomadas como referência em adoração, tais como Aline Barros, Ana Paula Valadão, Anderson Freire, Bruna Karla, Eyshila e Fernandinho. E também procurei manter contato com o material de consumo criado em torno das canções em questão, acessando produtos lançados por “ministros de louvor”, quer alunos da Escola Adorando, quer reconhecidos no cenário nacional.

**Quadro 2 – Pesquisa etnográfica realizada entre dezembro de 2014 e dezembro de 2018 (seguindo coisas)**

Ocasão de observação	Quantidade	Breve descrição
Visitas a empresas	9	8 incursões em lojas de artigos evangélicos, uma delas em companhia de um grupo de consumidores, e 1 visita a uma empresa especializada em música de adoração
Internato	1	Módulo de uma escola de adoração com a duração de nove dias
“Saídas”	1	Ocasão de mobilidade após um evento (aconteceu após o módulo da Escola Adorando)
Visitas a igrejas evangélicas	34	Participação de cultos de 18 igrejas de diferentes denominações
Ensaaios	6	Participação da preparação das canções a serem utilizadas no culto em 5 grupos diferentes
Feira	1	Expo Evangélica 2017, evento que aglutina tudo o que diz respeito ao meio evangélico, repleto de apresentações musicais
Shows	11	Apresentações musicais, algumas no mesmo dia
Marcha para Jesus	1	Caminhada mediada por várias apresentações musicais
<b>Total de ocasiões</b>	63	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

No quadro não consta a análise de 22 livros com relatos autobiográficos, publicados por 19 pessoas de renome na música gospel e ligadas à adoração; nem as 5 entrevistas realizadas com foco na trajetória de vida de 2 consumidores, 2 empresários e 1 artista em início de carreira. Todas ações que integraram a estratégia de seguir as canções.

Fica evidente nessa trajetória que não sou um neutro observador do mundo gospel, mas alguém que trabalha em diferentes frentes, oscilando entre maior ou menor envolvimento. O que resguarda a condição de pesquisa é a busca pelo distanciamento. Meu olhar sobre os fatos busca atender as demandas da pesquisa, não as de alguma igreja. Ele está sensibilizado pelas teorias, como sugere Cardoso de Oliveira (2000, p. 19). O distanciamento é o modelo de ação de pesquisa criado no mundo moderno. Ainda que em algum momento, de forma consciente ou não, ele me escape, o estranhamento e a empatia que permitem captar a pluralidade de pontos de vista só são possíveis fixando esse horizonte.

Como ficará evidente, se não há consenso entre evangélicos sobre suas próprias questões de fé, menos ainda sobre a forma de articular a esfera religiosa com as demais. Para captar esses múltiplos sentidos, a neutralidade não necessariamente ajuda. Há questões que demandam mais sensibilidade que conscientização, ou seja, o desapego à racionalização no momento de observação para recuperá-la de outra forma no momento da escrita, como sugere Segato (1992). Tenhamos em vista as complexas situações levantadas por Silva (2006), ao revisar etnografias de religiões afro-brasileiras. Em alguns casos, dados importantes só puderam ser obtidos com a iniciação do pesquisador. Em outros, era exatamente por ser pesquisador e não pertencer ao terreiro que o etnógrafo conseguia acessar informações essenciais. Logo, em matéria de religião, esse movimento de aproximação e distanciamento revela-se profícuo na produção dos dados necessários. Como fazer do estudo das religiões uma área “puramente acadêmica”, como quer Pierucci (1999) no campo sociológico, se boa parte das informações que precisamos para compreendê-las só pode ser acessada por seus iniciados ou participantes?

No caso, não me vejo como Weber, que afirma ser totalmente desprovido de ouvido musical para religião (PIERUCCI, 2003, p. 72), mas estou longe de ser um crente típico. Minha própria profissão gera certa relativização dessa tradição, uma vez que o contato com diferentes expressões de fé é inerente à condição de especialista em religiões, ainda que isso se dê em variáveis níveis. Em meio a isso, se é válida a metáfora weberiana, também deveria valer a provocação de Rubem Alves (1981, p. 10): poderia um surdo de nascença estudar a música? A meu ver, ele contribuiria na avaliação do comportamento dos ouvintes, por conta do distanciamento inerente à sua condição, mas Alves (1981) adverte que, assim como existe

algo na música que surdos não podem acessar, há algo na fé que está vedado a quem nunca a experimentou, embora seja parte importante na sua compreensão. São metáforas sutilmente diferentes, mas que podem ser tomadas como complementares. Em matéria de religião, eu até me fiz de surdo por algum tempo, mas foi só passar uns meses com os jovens da PIB-JF e alguns dias com os alunos da Escola Adorando para perceber que ainda tenho ouvidos para a fé. No movimento de aproximação e distanciamento fica a pergunta: será que posso fazer dessa pequena parcela de ouvido musical uma ferramenta para a compreensão do que seja “entrar na presença de Deus”?

Seja qual for a resposta, a Escola Adorando foi de grande relevância para o amadurecimento da reflexão. É verdade que esta não é uma tese sobre escolas de adoração e, por isso mesmo, informações relevantes a esse respeito podem não ganhar visibilidade no trabalho. Porém, informações essenciais para o cumprimento dos objetivos traçados foram obtidas nela e a partir dela. Sendo assim, após expor minha peregrinação pelos vários ambientes em que crentes e canções estão em relação, peço licença para um breve pouso naquele que mais influenciou as interpretações.

## 2.4 ADORAÇÃO COMO ALGO QUE SE APRENDE: A ESCOLA ADORANDO

A Escola Adorando é algo complexo e instigante. Demandaria uma pesquisa à parte explorar todas as suas dinâmicas. Esse não é o objetivo dessa tese. Só quero destacar seu lugar na concepção teórico-metodológica aqui adotada. Em linhas gerais, ela não se apresenta como uma igreja, mas como um projeto que busca apoiar o trabalho de diferentes igrejas. É apresentada em seu site oficial como criada com o intuito de:

[...] treinar e equipar essa geração, cujo estilo de vida está centralizado em Cristo. Queremos cooperar para que esses adoradores tenham uma solidez na palavra de Deus, desenvolvam suas habilidades musicais com excelência, para que possam cumprir plenamente sua missão: ministrar a Deus e influenciar a igreja a uma vida de verdadeira adoração e alcançar os perdidos. (ESCOLA ADORANDO, 2016b, np.).

E o compromisso de apoio ao trabalho eclesial é reafirmado:

A Escola Adorando não tem como visão simplesmente transferir conhecimento, nem impor um modelo definido sobre o louvor congregacional e suas formas de expressão, mas procura estimular o aluno a encontrar sua identidade em Deus e a partir dela ser um instrumento de



influência em sua igreja local, fluindo os “rios de água viva” que existem em seu interior. (ESCOLA ADORANDO, 2016b, np.).

É verdade que existem algumas tensões entre o trabalho da Escola e o que é praticado pelas igrejas, algo que explorarei no próximo capítulo, mas a título de exemplo cito que o próprio discurso que a permeia caminha numa corda bamba, pois, embora visem o desenvolvimento do que chamam de “louvor corporativo”, ou seja, o louvor em cada comunidade, não podem se referir a nenhuma em especial para não passar a impressão de que estão estimulando uma denominação em detrimento de outra. É por isso que sempre utilizam uma noção mais abstrata de “Igreja” (grafada em com inicial maiúscula), compreendendo algo mais amplo que as denominações, como comentei no início do capítulo. Por vezes, parece se referir a toda a comunidade de crentes, como na sua própria chamada: “Se você ama Jesus e Sua Igreja e sente em seu coração essa chama pelo serviço da música, junte-se a nós nessa jornada” (ESCOLA ADORANDO, 2016a, np.). O pronome “Sua” em maiúscula indica que se trata da igreja de Jesus, não da pessoa convocada. Mas estratégias como essa nem sempre são suficientes para contornar mal-entendidos e amenizar tensões, uma vez que a instituição recebe matrículas de pessoas advindas de diferentes contextos locais, mas acaba enfatizando práticas específicas, em especial, o “entrar na presença de Deus”.

A despeito disso, a Escola Adorando não surge com o objetivo de criar uma nova denominação evangélica, nem de substituir algum trabalho realizado pelas igrejas, mas de prestar um serviço aos seus músicos. A atuação principal não se dá na religião propriamente dita. Focaliza-se treinamento e ensino, fornecendo uma série de produtos relacionados a isso, a começar pelos próprios cursos (módulos), passando por livros, CDs e DVDs; alguns deles com gravações das próprias aulas e encontros que ela promove.

Há outros projetos desse tipo no Brasil. A título de exemplo, cito a Escola do Clamor, dirigida por Ricardo Robortella e a Escola Ministerial Profetizando às Nações, dirigida pelo casal Emerson Pinheiro e Fernanda Brum, ambas voltadas para treinamento missionário. Diferente dos seminários teológicos, não trabalham com formações de maior duração, técnicas ou superiores em Teologia, e sim com treinamentos breves, permeados por cultos e reuniões de oração e não apenas aulas no modelo convencional. Um padrão que não foi criado no Brasil, mas vigora nos Estados Unidos pelo menos desde a década de 1980. Ana Paula Valadão passou por uma escola desse tipo, a CFNI, antes de criar o Ministério Diante do Trono (BESSA, 2003, p. 38). É a mesma escola para onde Soraya Moraes (2017) enviou sua filha para estudar por uns meses.

No Brasil é mais comum encontrarmos escolas de treinamento missionário, que visam preparar pessoas para “pregar o Evangelho aos não alcançados”, como dizem. A Escola Adorando diferencia-se pelo enfoque em adoração, mas há outras. Cito duas a título de exemplo. Uma é o Instituto Adoração e Adoradores, sob a direção de Massao Suguiara; outra é a Escola AbaPai, liderada por Daniel Souza. Muitos professores desses projetos coincidem com os da Escola Adorando. Porém, enquanto o Instituto possui módulos mais formais que duram, em seu conjunto, quatro semestres; a Escola AbaPai é realizada através de um evento itinerante de duração de três dias. A Escola Adorando é semelhante a esta última, mas tem duração maior, entre oito e quinze dias. Um evento realizado em regime de internato.

Ela foi criada pelo casal Nelson e Christie Tristão e sua origem remete a meados dos anos 1990. Em entrevista concedida ao site da Igreja Batista da Lagoinha (COSTA, W., 2005), Chris, como também é conhecida<sup>56</sup>, conta que o casal se converteu em 1980 e, desde então, sempre foi ativo nos trabalhos da igreja a que estavam filiados, em Belo Horizonte (NG). Porém, faltava o que ela chamou de “uma vida de intimidade com Deus” (*apud* COSTA, A. P., 2005, np.). Até que algo aconteceu nos anos 1990, quando tiveram contato com Martin e Dan Duke, um casal de missionários estadunidenses que desde 1983 têm visitado periodicamente o Brasil a fim de ensinar sobre adoração.

Essa atuação missionária é um eco do que ficou conhecido nos Estados Unidos como *Jesus Movement*, traduzido aqui no Brasil como “Movimento de Jesus” (CUNHA, 2007). Foi uma grande mobilização de protestantes estadunidenses, na virada da década de 1960 para a década de 1970, com o objetivo de evangelizar jovens. Ela gerou a conversão de uma grande quantidade de *hippies* que “ficaram conhecidos como *Jesus Freak* ou *Jesus People* (loucos de Jesus ou povo de Jesus)” (ROSAS, 2015, p. 149). Eles se convertiam, mas mantinham sensibilidades específicas da vida pregressa, de modo que “a dimensão contracultural passou a ser um componente do movimento religioso que se delineava” (CUNHA, 2007, p. 72).

Esse movimento de práticas foi institucionalizado na década seguinte, quando surgiram novas denominações protestantes nos Estados Unidos, chamadas de “igrejas do novo paradigma” (ROSAS, 2015, p. 150). Digo “protestante” a fim de dar uma referência, mas na época havia uma grande predileção pelo termo mais genérico de “cristão”, algo típico da fé em liquidação. Parece vir daí que crentes brasileiros hoje também usem este termo mais abrangente na identificação pública de sua fé. O problema é que dizer-se cristão em um país

---

<sup>56</sup> Em uma conversa na fila para o almoço em um dos dias do módulo da Escola Adorando de 2016, um rapaz fez um gracejo: “tem que chamar de Chris mesmo, o nome dela é muito enrolado. A gente acaba dizendo ‘triste cristão’ [gargalhada], isso é uma contradição. Quem tem Jesus vive alegre, poxa!”

de maioria católica transmite uma mensagem um tanto diferente do que dizer-se cristão em um contexto de maioria protestante. Desconfio que esse seja um dos motivos da opção local pelo termo “evangélico”. Entretanto, o fato é que grande parte o movimento em questão não se deu a partir de igrejas, mas de retiros, acampamentos e eventos em geral que reuniam crentes, independente da denominação. Nesse contexto surgiu um novo modelo de culto em que a música ganhou maior protagonismo em relação ao discurso. As equipes responsáveis pelo louvor passaram a ser menores, o tempo dedicado à música no culto, maior, e abriu-se mais espaço para improvisação e espontaneidade (ROSAS, 2015, p. 151).

Tal movimento desencadeou processos no Brasil, proporcionados pelo contato com estrangeiros. Se nos Estados Unidos alguns grupos criaram “comunidades alternativas” (CUNHA, 2007, p. 73), aqui surgiram novas igrejas sob a tarja de “Comunidades Evangélicas” que acabaram sendo interpretadas como neopentecostais, embora sigam propostas distintas do modelo da Igreja Universal do Reino de Deus. Foi assim que surgiram novos conjuntos, muitos ligados a instituições paraeclesiais e, com eles, um novo estilo de composição de canções para culto que ficou conhecido como “cânticos” (CUNHA, 2007). Sua difusão foi facilitada por ter se iniciado no país uma expansão das condições necessárias para a industrialização da música (DE PAULA, 2008). E se disseminaram as práticas de retiro espiritual, com acampamentos voltados para jovens (CUNHA, 2007; DOLGHIE, 2008).

Depois do Movimento de Jesus, diferentes líderes norte-americanos sentiram-se estimulados a viajar como missionários a outros países, não apenas a fim de converterem não crentes, mas principalmente para comunicar aos já conversos, novas possibilidades de exercício da fé. É com esse intuito que Dan e Martin Duke percorrem países latinos, mas acabam desenvolvendo um especial apreço pelo Brasil. Não eram os únicos. Ern Baxter<sup>57</sup>, por exemplo, em 1979 realizou uma passagem por Porto Alegre (RS) e acabou influenciando o trabalho de Asaph Borba (2012, p. 20), que se tornou uma grande referência como compositor dos chamados “cânticos”. Até hoje, canções como *Jesus, em tua presença* são entoadas em um grande número de congregações evangélicas.

O que diferencia o trabalho do casal Duke é que eles passaram longos períodos no país, especialmente na região de Belo Horizonte (MG), na certeza de que veriam no país o levantar de “uma nova geração de adoradores”<sup>58</sup>. Assim se deu o contato com o casal Tristão.

---

<sup>57</sup> Willian John Ernest Baxter (1914-1993) foi um evangelista pentecostal canadense cujas ideias a respeito do trabalho com música no âmbito da fé foram muito influentes em diferentes países, especialmente o Reino Unido.

<sup>58</sup> Disponível em: < <http://adorando.com.br/professores/dan-duke/dan/> >. Acesso em 4 jan. 2019.



Segundo o Nelson me relatou em entrevista durante o módulo de que participei, no início, reuniam-se amigos, não necessariamente das mesmas igrejas, em reuniões informais. Ele diz:

Aqui em BH, a gente e alguns amigos se reuniam em casa para reuniões de adoração, pra gente orar, pra adorar, pra buscar a Deus. Então a Chris, o Judson, o Gerson Freire, o Ricardo Robortella, o pastor Cirilo. [...] a gente era muito amigo, todo mundo. A gente começou a se reunir informalmente dentro de casa. [...] Todo mundo tinha algum envolvimento com música e todos daqui de BH. (Nelson Tristão, entrevista, 15/01/2016).

Outros começaram a se agregar a essas reuniões. Nelson comenta que, na época, Ana Paula Valadão era adolescente, com cerca de 14 anos, e que ele teve que entrar em acordo com o pai dela, pastor Márcio Valadão, para liberar sua participação. Também conta que David Quinlan, que ficava em Brasília (DF) e foi contratado inicialmente para trabalhar como intérprete do Dan Duke, foi integrado ao trabalho musical, liderando com voz e violão. O movimento tornou-se conhecido na região e cresceu, dando origem a conferências chamadas inicialmente de *Fogo e Glória*, nas quais se reuniam cerca de mil pessoas durante três dias. Um processo que foi acompanhado de produção musical intensa<sup>59</sup>.

Com tudo isso acontecendo, Dan Duke que a princípio viajava por diferentes regiões do país, passou a ficar mais tempo em Belo Horizonte. Mesmo antes disso, ele já havia pedido ao Nelson para administrar algumas de suas questões:

Quando tinha uma confraternização assim, ele precisava de coisas administrativas. O próprio visto religioso era um visto de turismo que ele tinha, então, não podia trabalhar aqui, ficava desempregado. Não tinha igreja, não tinha uma instituição montada aqui, não tinha CNPJ, conta bancária. Assim, coisas administrativas pra poder ter uma mínima organização. Eu comecei a ajudar voluntariamente. Fui me envolvendo muito com isso. (Nelson Tristão, entrevista, 15/01/2016).

Com todo esse envolvimento que só aumentou no decorrer dos anos 1990, Nelson se viu desafiado profissionalmente. Ele e seu irmão haviam herdado um depósito de couros, negócio que administrava até então. Mas algo havia mudado:

[...] chegou em 2001, eu sentava na cadeira pra trabalhar e já sabia que ali não era muito bem o meu lugar. Foi um ano que eu passei buscando de Deus o que é que estava errado, pra onde eu tinha que ir e nesse um ano eu tive várias confirmações, várias indicações, vários indícios de que era pra eu

---

<sup>59</sup> Aprofundarei a descrição adiante, mas antecipo que um dos principais produtos desse processo são os quatro álbuns *Som da Chuva*, que são gravações ao vivo de conferências de mesmo nome que reuniam músicos ligados a esse movimento com músicos norte-americanos. A primeira edição aconteceu em 2000, na Lagoinha.

largar tudo e ficar por conta da música evangélica. Foi um ano, não foi uma decisão por causa de uma coisa só, mas foram várias coisas espirituais que aconteceram, assim, pra me dar sinais de várias maneiras e com várias pessoas diferentes. (Nelson Tristão, entrevista, 15/01/2016).

Na entrevista ele não quis entrar em detalhes sobre o que lhe fez mudar de rumo. Disse que quem não crê veria tudo como obra do acaso, mas para ele eram sinais de que Deus havia lhe dado uma missão. Como resultado, deixou a empresa:

Eu e a minha esposa concluímos que a gente tinha que largar tudo que estava fazendo. Dar de presente para o meu irmão 20 anos de trabalho. Os recursos que eu tinha estavam todos dentro da empresa. Saí zerado. Fiquei totalmente na dependência de Deus. Eu tinha dois filhos entrando na adolescência, não tinha nem casa própria ainda... (Nelson Tristão, entrevista, 15/01/2016).

Nelson conta que nesse período o Dan Duke não estava no Brasil, mas havia voltado para os Estados Unidos, onde ficou por cerca de dois anos. Ao contatá-lo e relatar o ocorrido, o missionário reagiu dizendo que Deus o estava chamando de volta ao Brasil para realizar “coisas ainda mais fortes” e que ele ia precisar de alguém. Nascia a Escola Adorando:

[...] a gente queria compartilhar com outros grupos o que a gente tinha vivido. A gente colocou no papel o nome de várias pessoas que a gente não conhecia, mas que eram referências pra gente: Adhemar de Campos, Gerson Ortega, Asaph Borba. A gente nunca tinha visto na vida. Sabia quem era, influenciava muita gente, mas não eram nossos amigos [...]. Mas se a gente fizesse a escola a gente queria ter essas pessoas dando aula pros alunos. (Nelson Tristão, entrevista, 15/01/2016).

O processo de preparação durou até 2003. Tive acesso a narrativas sobre a primeira edição quando a Chris a lembrou no seu discurso de recepção dos alunos na edição de 2016. Eles contam que inicialmente previam um encontro com cerca de 30 pessoas envolvidas com música nas igrejas de Belo Horizonte, mas ao abrirem as inscrições no site, logo na primeira semana se inscreveram mais de 100 pessoas, nenhuma de BH. Nessa primeira edição, os professores foram os que já eram amigos, tais como o Judson de Oliveira<sup>60</sup>, o Ricardo Robertella<sup>61</sup> e o Gerson Freire<sup>62</sup>. Com o tempo, o Nelson e a Chris paulatinamente fizeram

<sup>60</sup> É hoje um dos pastores da Igreja Batista de Contagem (MG) e líder do Ministério Judá. Mais informações no site disponível em: < <https://www.juda.com.br/> >. Acesso em 17 mar. 2018.

<sup>61</sup> Hoje líder do Ministério Clamor pelas Nações e membro da Igreja Batista da Lagoinha, tem a adoração como uma forma de despertar crentes para a atividade missionária. Gravou álbuns ao vivo com composições que refletem isso em suas letras, contando com a participação de outros artistas envolvidos com adoração. Mais informações no site disponível em: < <http://escoladoclamor.com.br> >. Acesso em 17 mar. 2018.

contato com as pessoas que lhes eram referência e elas também passaram a fazer parte do rol de preletores que se alternaram a cada edição.

Com o crescimento da demanda, eles tiveram que se adaptar. Mas sempre procuram manter o clima caseiro de origem, evitando a divulgação muito ampla. Se o público crescesse:

A gente entendia que iria perder a qualidade de aprendizado de absorção. Eles não conseguiriam formar amizades, por que há um monte de gente entrando, um monte de gente saindo. Acaba que você perde o controle e a gente queria ter algum envolvimento com os alunos também. As primeiras escolas não tinham hospedagem, o pessoal que se virava e hospedava e a gente só se via nas reuniões. Depois o barco anda e a gente começou a oferecer também a hospedagem. E a gente muda pra cá junto com os alunos, mora aqui, come da mesma comida, senta na mesma mesa. O professor que entrar, não tem ninguém aqui estrela que vai ter um tratamento vip, nada disso. Todo mundo é igual. A gente trata os alunos de forma igual. O que a gente tenta fazer é uma família grande, duzentas e poucas pessoas vivendo uma semana juntos, pra aprender algo bem prático sobre o que é a música congregacional. E também inspirar as pessoas pra que elas entendam que é possível você buscar mais a Deus do que você ainda tem buscado. É possível conhecer coisas em Deus que você nunca tinha visto e se você se prender as experiências que você teve e não se abrir para algo novo você está perdendo por que é um Deus infinito. (Nelson Tristão, entrevista, 15/01/2016).

Busca-se manter um grupo mais restrito de alunos, a fim de proporcionar a eles algo similar ao que foi vivenciado no início. Também é notório que o tipo de ensinamento a que a Escola se pretende é mais do que teórico ou conceitual. Tem a ver com questões práticas, de forma que a própria noção de conhecimento toma outro significado, tornando-se sensitivo e intuitivo ao se enfatizar a experiência. Mais do que uma conscientização, busca-se uma sensibilização. É por isso que, embora tratem das questões técnicas, o foco primordial está em outro aspecto: nas experiências as quais não necessariamente os alunos têm em suas igrejas. Ao final, o intuito é transformar a Escola Adorando em uma grande “família de uma semana”, em que seus membros terão uma experiência extraordinária “na presença de Deus”.

O resultado é que, desde 2004, todos os anos, no mês de janeiro, a Escola Adorando reúne cerca de duzentos e cinquenta pessoas que trabalham com música nas igrejas. Esse é o

---

<sup>62</sup> Em parceria com Judson, Gerson gravou em 2001 o álbum *Ele vem*, que contém uma canção homônima que se tornou um hit entre evangélicos, embora seja mais conhecida como “*Incendeia*” e comumente atribuída a David Quinlan. Tive dificuldades para encontrar informações para além disso, exceto por um artigo no Wikipédia que ainda carece de fontes (GERSON..., 2017). Nele é dito que Gerson ajudou na criação do Ministério Clamor pelas Nações, mas se desvinculou por discordar de práticas adotadas no grupo. Talvez esse desacordo explique por que é um dos únicos que não é mais professor na Escola Adorando. No Wikipédia também descobri que ele defendeu uma dissertação em Ciências da Religião em 2014, sobre a história da Soter (FREIRE, 2014).

seu braço principal, mas ela também realiza eventos itinerantes chamados de *Adorando Express*. “Trata-se de uma versão compacta da escola que percorre o território nacional e dura em média dois dias, iniciando sexta-feira à noite, seguido pela manhã, tarde e noite do sábado” (ESCOLA ADORANDO, 2016b, np.).

Além dos eventos, há uma sala de estudos no ambiente virtual do site Adorando com vários textos de autores brasileiros ou versões de estrangeiros. Sempre abordam temáticas em torno dos objetivos da Escola, tais como *Organizando os ensaios do grupo de louvor*, com quase 5 mil visualizações; *Recebendo novos membros da equipe de louvor*, que está com mais de 3 mil; *O que líderes de louvor querem que seus pastores saibam*, com pouco mais de 2 mil; entre outras. Também em meio a estes textos, estão as seções “adorando indica” com lançamentos de vídeos, livros, canções ou álbuns que gravitam em torno da proposta.

Num primeiro momento a atuação da Escola Adorando se revela restrita. São poucas pessoas que participam das edições anuais, poucos são os módulos itinerantes, não são tantas visualizações do site. Porém, há grande potencial de ampliação de seu alcance, levando em consideração que cada aluno certificado sai influenciado pelo que ela propõe e, sendo liderança em sua igreja, pode transmitir parte disso para os demais líderes e membros. Logo, a instituição atinge potencialmente cerca de duzentas diferentes igrejas evangélicas a cada edição anual. Isso sem contar que, como a Chris comentou durante uma das últimas reuniões da edição de 2016, é comum que nos módulos itinerantes se reúnam líderes de diferentes igrejas da região em que é realizado: Ela convidou: “Se você sentir de Deus, faz o convite e junta as igrejas da sua região que nós levamos o *Adorando Express* pra ministrar ao coração de vocês e, assim, você pode sentir na sua cidade um pouquinho do que experimentou aqui”. Além disso, recentemente o evento tem sido transmitido ao vivo através de plataformas digitais, o que potencializa em muito seu alcance, inclusive internacionalmente, uma vez que parte dos preletores ministra em inglês. Sendo assim, ao tornar-se referência para líderes, a Escola influencia práticas de uma quantidade não subestimável de igrejas e crentes.

E que igrejas estariam sendo influenciadas? Essa é uma questão difícil. O Nelson não se sentiu à vontade para compartilhar comigo os dados internos que possui a respeito dos alunos, mas enfatizou que não há restrições a denominação alguma. Disse até que, embora nunca tenha recebido inscrições de católicos, eles seriam aceitos. Geralmente um ou outro aparece na conferência que acontece na parte final da Escola, mas nunca chegaram a se matricular no módulo completo. Uma das coisas que ele enfatizou é que quase não recebe inscrições de “neopentecostais”. No entanto, pareceu-me que Nelson esteja se referindo a igrejas que seguem o modelo específico da IURD, já que ele nunca recebeu matrículas de

peças oriundas da Universal, da Internacional ou da Mundial. Na entrevista, ele destacou forte presença batista, metodista, presbiteriana e assembleiana. Já na minha convivência também percebi crentes de igrejas autônomas recém-criadas, das Comunidades Evangélicas em geral e da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Como se pode perceber, a Escola Adorando conecta membros de diferentes igrejas. Mas destaca-se a intenção de prestar um serviço a elas, fornecendo treinamento aos seus cantores e músicos sobre o papel que desempenham no culto. Porém, o objetivo de fundo, que é talvez o mais primordial, é possibilitar aos alunos o que chamam de “imersão na presença de Deus”. É a vivência da adoração de forma intensa e extraordinária. E, para abrir-se ao extraordinário, a criação de um evento é sobremodo eficaz.

Eventos são ocasiões em que os espaços ganham novos sentidos durante determinado período de tempo, pois se abrem a relações que comumente não acontecem ali. Embora cada evento aconteça em um momento específico, pode estar conectado por padrões de comportamento. Foi em busca de padrões desse tipo que circulei com os jovens na primeira etapa de pesquisa (COSTA, W., 2015). Na época, o que mais me chamou a atenção nos eventos é o fato de que eles projetavam os cultos da esfera do lazer, criando uma percepção diferenciada do tempo que permitia o surgimento de novas práticas, diferentes das de um culto de rotina. Abria-se, por exemplo, a possibilidade de um não evangélico participar do culto, pois ele não se sentia imediatamente convertendo-se a uma nova religião. Porém, a Escola Adorando como evento tem certa especificidade, uma vez que, para matrícula, como já comentei, é exigida uma carta de recomendação. Procedimento ao qual tive que me submeter.

É possível pensar que a carta seja uma forma de evitar mal-entendidos a respeito de estarem supostamente ensinando algo que vá de encontro à prática da igreja do aluno. Só realiza o curso, a pessoa cujo pastor estiver de acordo. Mas isso não é tão simples. Em convivência com diferentes crentes no módulo de 2016, conheci casos muito variados. Uma pastora com empatia total com o evento pode realizar o curso junto com algum liderado seu; outro pastor pode incentivar e recomendar a Escola à equipe de louvor de sua igreja, outro pode custear a matrícula de seu liderado com as próprias ofertas da igreja, mas outro pode simplesmente permitir, ainda que não saiba ao certo do que se trata.

Entretanto, na conversa que tive com Nelson por ocasião de minha entrada como pesquisador, percebi a carta mais como um meio de evitar condutas consideradas inadequadas para o local, como o desacato a alguma restrição. Supõe-se que crentes “mais maduros na fé”, estejam mais preparados para esse ambiente. Em certa ocasião da edição de 2016, a Chris Tristão pediu que levantasse as mãos quem era convertido há mais de 20 anos e foi

decrecendo sucessivamente as alternativas. Embora não seja o melhor método de avaliar, tive uma impressão clara de que a maioria dos que ali estavam tinham mais de 5 anos de conversão e menos de 15. Tal situação não deixa de reforçar o caráter iniciático do evento, um aspecto pertinente às experiências em torno da adoração desde o Movimento de Jesus.

Como se pode perceber, embora seja um evento, o módulo da Escola possui uma formalidade um pouco maior, se comparada a um show. Dentre as suas formalidades, além da carta de recomendação da autoridade eclesiástica, tem-se um contrato entre o aluno e o Nelson, um termo de responsabilidade que deve ser assinado pelos pais ou responsáveis dos alunos que possuem entre 16 e 18 anos e o regimento interno, anexado ao material didático.

Há no segundo artigo do regimento uma declaração formal de que a Escola Adorando é mantida pelo Ministério Asas da Adoração (ESCOLA ADORANDO, 2016c, p. 5). Isso retira a visibilidade das empresas e coloca o grupo musical como protagonista do evento. Mas embora as empresas OniMusic e Editora Adorando não sejam destacadas no documento, isso não quer dizer que não sejam essenciais para sua execução. São ferramentas na captação de recursos. É através delas, por exemplo, que é realizado o pagamento das matrículas. É por possuírem um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas) junto ao Estado que não apenas possibilitam a contabilização dos valores e o recolhimento de impostos, mas também abrem possibilidades para o parcelamento do montante em prestações mensais através de cartões de crédito, boletos ou depósitos bancários, facilitando o custeio do projeto.

A lucratividade do evento não é nada evidente. O valor cobrado é utilizado para custear o material didático e a estrutura mobilizada para sua realização. Sobre o material, constitui-se basicamente de uma apostila física e um pacote de arquivos disponibilizados para download. Os arquivos são áudios em formato MP3 que servem de apoio aos diversos exercícios musicais indicados na apostila. Esta, de encadernação espiral, é composta por conteúdos trabalhados nos workshops e palestras, ou complementares a eles, e informações diversas; tais como o plano de ensino, o regimento interno, a programação geral e algumas páginas para anotações. Esse material apresenta-se como um custo menor diante da estrutura que é mobilizada para o evento. Nos últimos anos, o local de realização tem sido o CATRE (Centro Adventista de Treinamento e Recreação), um sítio que pertence a uma associação adventista de Minas Gerais e é alugado para este fim. Ele se localiza em Contagem (MG), na região metropolitana de Belo Horizonte. O centro por si só contém ampla estrutura, com diferentes espaços. Como se pode visualizar parcialmente na figura 3, há uma edificação em formato de “L”, o primeiro andar, pintado em verde, é dedicado à cozinha e ao refeitório e o segundo, em azul, aos dormitórios. Ao centro da foto encontra-se o masculino e à direita, o



feminino. Por dentro eles são separados por uma espécie de tablado que impede a passagem de um a outro. À esquerda, tem-se duas salas de treinamento e, no centro de tudo, o pátio. Este é muito frequentado pelos alunos nos intervalos entre uma programação e outra.

Figura 3 – Dormitórios, Refeitório e Salas de Treinamento do CATRE



Fonte: Fotografia tirada pelo autor no dia 10 jan. 2016.

Figura 4 – Cantina e apartamentos do CATRE

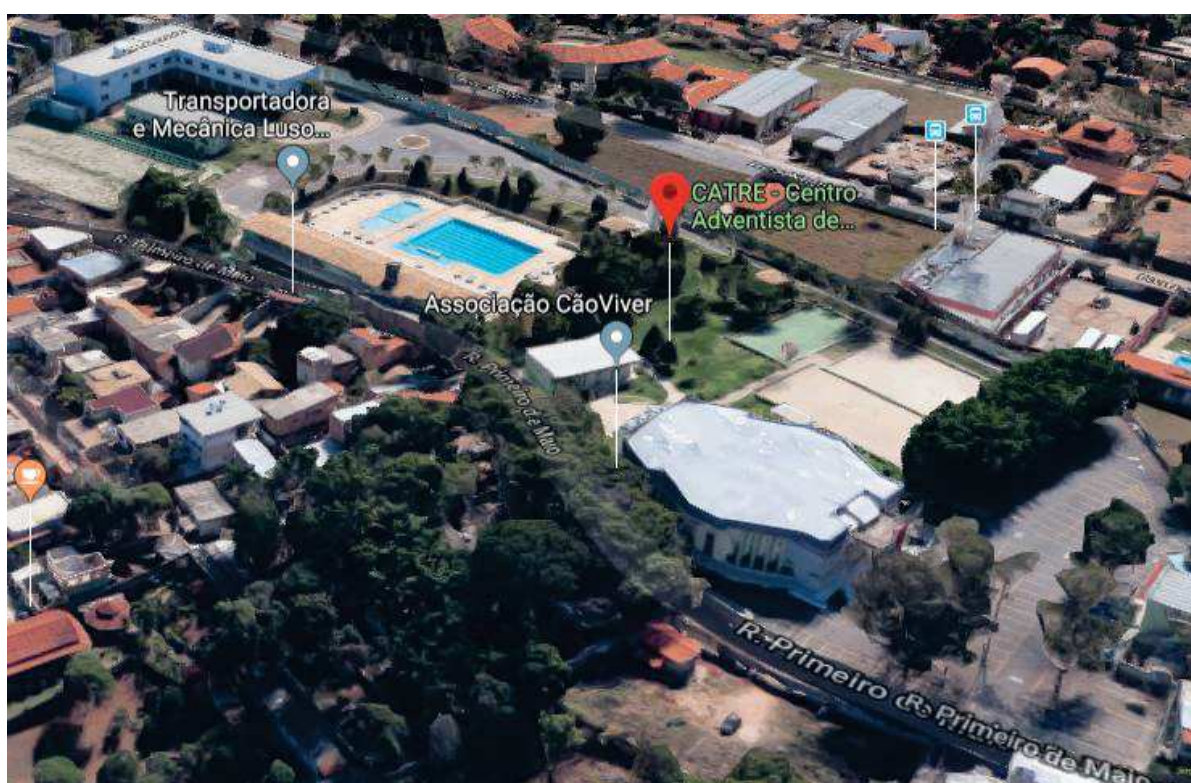


Fonte: Fotografia tirada pelo autor no dia 10 jan. 2016.



Do lado oposto a este, visualizado parcialmente na figura 4, encontra-se um espaço de estacionamento, a cantina (empresa terceirizada pelo CATRE), alguns banheiros e vestiários e no andar abaixo do solo, alguns apartamentos, onde se instala o grupo de voluntários e são recebidos os palestrantes. Em frente a esse espaço, onde não é possível visualizar na fotografia, existem piscinas, quadras e um campo. Tais recursos não foram utilizados em nenhum momento do módulo que participei. À direita da foto é possível enxergar a entrada da residência do caseiro do sítio, custeado pela Igreja Adventista a fim de dar a manutenção e supervisionar o uso dos espaços. No extremo à esquerda, onde já quase não é possível visualizar na imagem, fica a capela e, depois dela, um auditório. Ambos dedicados a cultos, mas o salão é o que a Escola mais utiliza. Podem ser vistos ao centro da imagem na figura 5, que contém uma visão mais geral do CATRE.

Figura 5 – Visão Geral do CATRE



Fonte: Minha produção a partir da combinação de recursos do Google Maps e do Google Earth. Disponíveis em: < <https://www.google.com.br/maps> >. Acesso em 20 jan. 2019.

Como a imagem na Figura 6 ilustra, o auditório possui sonorização especial, um telão e acústica adequada à realização de apresentações musicais. Algo que foi atestado por um especialista em um dos workshops, utilizando-o como exemplo do que deveria acontecer nas igrejas, para evitarem o que chamou de “vazamento acústico”. Mas para o módulo da



Escola Adorando, são adicionados elementos, melhorando a iluminação, incrementando a decoração com a temática da edição e fazendo outros ajustes que talvez eu nem tenha percebido.

Figura 6 – Auditório do CATRE



Fonte: Imagem fornecida pela Escola Adorando em CD que comprei ao final do módulo de 2016.

Além desses recursos, o evento mobiliza uma série de pessoas. Algumas de forma terceirizada, como os que trabalharam no transporte, na cantina e o próprio caseiro do sítio. Outras de forma mais imediata, como os palestrantes que são os responsáveis pela programação e demandam outra série de recursos em relação a seu transporte e estadia, e também uma gama de ex-alunos voluntários que atuam nas mais diferentes frentes, produzindo vídeos e fotos do evento, gravação e edição dos cultos e palestras, secretariado, controle de presença, montagem de equipamentos musicais e sonoros, tradução simultânea, além do serviço semelhante ao que “obreiros e diáconos” realizam nas igrejas, auxiliando e supervisionando os cultos. Cabe citar que o evento mobiliza outras empresas e não apenas aquelas de propriedade do casal Tristão. No módulo de 2016 destacaram-se a que administra o CATRE, o Hotel, a de transporte que realizou o traslado entre eles, uma outra que gerencia a cozinha do Centro, fornecendo a alimentação mais geral (café da manhã, almoço e jantar), e a lanchonete responsável pela cantina.

Nessa edição, foi montada uma banca da OniMusic com diversos produtos relacionados à adoração no fundo do auditório, em uma parte que a imagem acima não captou. Entre eles, destacam-se CDs, DVDs, livros e Bíblias. Ela é mais frequentada ao final de cada turno. Em determinadas apresentações, formam-se filas para comprar produtos antes mesmo do palestrante terminar, visto que é comum que ele traga poucos itens para vender. Isso aconteceu, por exemplo, com os produtos do Adhemar de Campos. Quando o culto terminou, seus livros já tinham esgotado. Eu, que por conta da pesquisa estava interessado em alguns produtos, mas fiquei, também por conta disso, constrangido de deixar meu assento antes do término da ministração, tive acesso a pouca coisa. Comprei a última Bíblia de Louvor e Adoração disponível, uma versão comentada por diferentes ministros de renome no Brasil, cujos comentários foram organizados pelo Adhemar e refletiam diferentes relações entre fé e música.

A compra durante o evento pode ser vantajosa. Há alunos vindos de regiões afastadas, cujo acesso aos produtos é mais difícil. Alguns livros estão esgotados nas editoras e, ainda que os produtos dos autores sejam vendidos em outros meios, são concedidos consideráveis descontos. Mas para além dessas explicações, não se pode negar o grande desejo de levar para casa alguma parcela do que é experimentado no evento. Após vivenciarem “momentos intensos na presença de Deus” durante o culto, ainda antes de acabar, os alunos correm para o fundo do auditório a fim de conseguirem algo que lhes ajude a prolongar a experiência quando voltarem para casa.

A programação de 2016 foi organizada de maneira a preencher todo o tempo. Isso inclusive me deixou em dificuldade para fazer anotações típicas de caderno de campo. Além de ser inconveniente ficar anotando durante alguns períodos do culto, especialmente quando todos “entram na presença de Deus”, os intervalos foram curtos. Em linhas gerais, durante a semana, do sábado em que chegamos à tarde de sexta-feira, as manhãs foram dedicadas a palestras, as tardes a workshops e as noites aos cultos. Na sexta-feira à noite deu-se o início da conferência *Mergulho em Deus*, um evento aberto a não alunos que podiam ir ao CATRE participar e voltar para suas casas. Nela, aconteceram cultos nos três turnos de sábado.

As manhãs iniciavam com o café da manhã às 7h30 e, como são muitas pessoas para tomar banho, era importante levantar antes das 7h. As 8h30 aconteciam os devocionais em pequenos grupos de cerca de dez alunos. No primeiro dia foi realizado um sorteio para definir os líderes que seriam responsáveis por conduzir a reflexão sobre um texto bíblico selecionado pela diretoria. Em linha com o tema escolhido para essa edição, *Lugar Secreto*, os alunos do primeiro módulo refletiram sobre parte do discurso de Jesus conhecido como *o Sermão do*

*Monte* (BÍBLIA, 1993, Mateus, 5: 1-48; 6: 1-34; 7: 1-29). A cada dia, era necessário discutir o texto em grupo e escrever algo sobre as conclusões a que chegávamos. Isso deveria ser convertido em um texto único entregue pelo grupo ao final da semana e cada aluno também precisaria entregar seu texto individual. Esta é uma das maneiras pelas quais os alunos são avaliados. O devocional é realizado de domingo a sexta, de modo que o trabalho individual é entregue na manhã desta sexta e o trabalho em grupo à noite do mesmo dia.

Após o devocional, aconteciam as palestras, previstas para o horário de 9h30 a 12h. Iniciava-se a reunião com algumas falas de cada aluno sobre o que haviam experimentado no dia anterior, cantava-se alguma canção e o preletor ficava à vontade para conduzir sua mensagem. As ministrações eram uma espécie combinação entre oração, canção e pregação, algo que explorarei no próximo capítulo, mas o fato é que o horário era quase sempre extrapolado, uma vez que não se parava a ministração se as pessoas estivessem mais sensibilizadas em oração. Com isso, o almoço também atrasava e esse intervalo ora foi reduzido, ora foi descontado, iniciando o turno vespertino pouco mais tarde que o previsto.

No almoço eu tive oportunidade de interagir com os alunos e voluntários. Conversávamos sobre diversos assuntos e eu buscava trazer a conversa para a forma como o que apreendiam na Escola Adorando poderia impactar a atuação em suas igrejas. Até então eu ainda não havia me atinado para a centralidade das canções. Aproveitava para anotar alguma coisa sobre a reunião da manhã e sobre essas conversas. Eu era o último a levantar da mesa. Alguns, na pressa de conseguir cochilar um pouco antes do turno da tarde, se despediam e me deixavam terminar o almoço sozinho. Ao término, era o tempo de encher a garrafa de água, escovar os dentes e partir para o início dos workshops. Importante salientar que parte da avaliação era feita pela presença computada na entrada do auditório com o código de barra dos nossos crachás e, como acordado com o Nelson, eu tinha que me submeter à condição de aluno.

O período da tarde era dedicado a questões mais técnicas do universo musical. Em algumas ocasiões os grupos se dividiam nas salas de treinamento e na capela. Os alunos em segundo módulo, ou seja, que participavam pela segunda vez, tinham reuniões específicas com alguns dos preletores nestas salas que, por serem menores, possibilitam uma interação mais aproximada. Os treinamentos de instrumentos e de canto eram simultâneos, o que também fazia os alunos se dividirem em grupos menores. Os temas eram voltados ao trabalho com a música na igreja, embora quase sempre abordassem aspectos que excedem essa questão. As temáticas mais trabalhadas foram composição musical, improvisação, direitos autorais e ministração em pequenos grupos.

Dessa forma, esse turno era mais preciso no horário, terminando cerca de 18h. O que abria o intervalo para o jantar que era servido entre 18h30 e 19h30, horário em que começavam as atividades noturnas. Mas não deixava de ser apressado. Para conseguir entrevistar pessoas, em dois dias não consegui jantar, pois para cada refeição eu perdia um tempo considerável na fila. O que salvou foi a cantina que sempre vendia algum lanche.

19h30 começavam os cultos. As noites eram preparadas para serem mais “intensas”. O site adorando descrevem-nas como:

Reuniões de adoração intensa, ministração da palavra e ministração na vida dos alunos, onde os ministros convidados estarão livres para fluir conforme o Senhor os dirigir. Essas reuniões acontecem todas as noites e são muito livres na presença de Deus, onde esperamos que Ele venha e manifeste a sua presença em nosso meio. (ESCOLA ADORANDO, 2016b, np.).

Embora a programação oficial diferenciasse as palestras das manhãs dos cultos noturnos, na prática, várias reuniões matinais foram realizadas com essa mesma imprevisibilidade já “esperada” para a noite. Por isso extrapolavam o horário. Uma vez ficamos cerca de quarenta minutos em uma mesma canção. Os alunos exercitavam a fé com seus corpos e suas emoções e os músicos eram sensíveis àquilo, acompanhando o que acontecia na medida em que se desenrolava. Presenciar tais momentos foi primordial para a formulação da hipótese da adoração como uma prática específica de fé.

Quando a reunião da noite terminava, diante do calor que faz em Contagem no mês de janeiro, era o tempo de tomar outro banho para conseguir dormir. Grupos se formavam na cantina, no pátio, na parte externa do refeitório ou nos próprios dormitórios. Os pedaços dos crentes. Os quartos tinham cerca de oito beliches. Ao acompanhar um rapaz que eu havia conhecido no traslado do hotel para o CATRE, eu acabei ficando em um grupo bem agitado, com jovens que levaram caixa de som, violão e uma série de apetrechos para o evento. Eles vinham de diferentes regiões: Minas Gerais, Tocantins, Maranhão e Santa Catarina. Mas esta animação não ia longe. Como regra, uma hora após o culto noturno terminar é dado um toque de recolher e voluntários passam desligando as lâmpadas e pedindo a todos para dormirem. Isso acontecia por volta de meia-noite e meia. Quando todos deitavam e as luzes se apagavam, surgia um momento mais tranquilo em que eu podia escrever o diário de campo, no celular, deitado.

Ocorreram duas exceções a essa regra. Na noite de quinta para sexta, muitos passaram acordados produzindo seus textos do devocional. Eu inclusive. Como alguns que já haviam terminado e queriam dormir, os rapazes iam para o corredor que ficou bem cheio e foi



esvaziando no decorrer da madrugada. Ademais, na última noite, de sábado para domingo, após a conferência, uma parcela dos alunos ficou no pátio do refeitório. Alguns haviam levado instrumentos e, ao som de violões, escaleta<sup>63</sup> e instrumentos de percussão, cantavam com vozes harmonizadas. Caiu uma chuva forte e alguns jovens que ali estavam, abraçados, dançavam e cantavam debaixo dela. A euforia foi grande quando cantaram *Dançar na Chuva*, de Fernandinho, e se perceberam vivendo literalmente o refrão da canção<sup>64</sup>. Aquelas pessoas que no início do módulo, vindas de igrejas e regiões diferentes, eram desconhecidas umas das outras, agora celebravam como “amigos mais chegados que irmãos”. Era a Escola Adorando gerando uma espécie de “família de uma semana”, como disse a Chris em uma ministração.

Com o que foi dito, a Escola Adorando se aproxima do que a literatura tem chamado de paraeclesiástica. Como dito antes, toda organização desse tipo, embora cuide de assuntos que ocasionalmente possam ser tratados por igrejas, assume a feição de um modelo não eclesiástico de atuação. Embora a Escola e as igrejas estejam em relação e influência mútua, são relativamente independentes. Todavia, dizer que a Escola Adorando é paraeclesiástica é pouco para descrevê-la. É preciso dizer o que é isso que acontece em paralelo. Ela articula assuntos do interesse de evangélicos, mas sua institucionalidade é distinta das igrejas. E que institucionalidade é essa? Se o módulo é um evento que ocorre com a participação de pessoas durante as suas férias, o nome técnico disso é tempo livre. Se a participação nele depende do pagamento de uma inscrição, o termo técnico para isso é compra. No fim das contas, a Escola, em si, é um projeto tornado viável através das instituições do lazer e do consumo. É isso que lhe permite lidar com questões de fé de forma mais fluida do que aquela que divide as denominações. É o que significa o “para” do termo paraeclesiástica.

Essa é a base das interpretações a seguir. Os dados apresentados nesta seção devem ser vistos como uma introdução às dinâmicas que serão aprofundadas no decorrer do trabalho. Elas seriam ininteligíveis, sobretudo do ponto de vista da sua produção e das escolhas teórico-metodológicas, sem esse prelúdio. A Escola Adorando abriu caminhos para que eu pudesse distinguir diferentes sentidos da adoração no Brasil ao colocar o foco na relação entre crentes e canções que circulam pelas instituições da religião, do lazer e do consumo. O grande problema é que, no multiverso que os crentes habitam, essa circulação não se dá sem conflitos

---

<sup>63</sup> Também conhecida como melódica ou pianica, é uma espécie de teclado de sopro. Sopra-se a boquilha do instrumento, pressionando uma ou mais teclas. O som é gerado com a vibração que causa na palheta.

<sup>64</sup> “Novo caminho para andar / Novo sonho pra sonhar / O deserto não é o meu lugar // Nova vida Ele prometeu / A todo aquele que Nele crê / O mar à nossa frente se abrirá // Nova criatura sou / O velho homem já morreu / Eu vou dançar naquela terra / Que Ele prometeu / Eu vou, eu vou // [Refrão] Eu vou dançar na chuva / Eu vou dançar na chuva / Eu vou dançar na chuva” (FERNANDINHO, 2007, np.).

entre os sentidos característicos dessas três instâncias. Eles podem se contradizer e colocar quem trabalha com música nas igrejas diante de verdadeiros dilemas. É o que pretendo discutir no próximo capítulo.

### 3 É SHOW OU É CULTO? DILEMAS DA ADORAÇÃO NO BRASIL

Até este ponto foi estabelecida como chave interpretativa a clivagem entre práticas e instituições com base na diferença entre fé e tradição proposta por Smith (2006). Ela pode ser adaptada também ao lazer e ao consumo de modo que, assim como as instituições eclesiais não encerram tudo o que diz respeito à fé, o tempo livre como instituição do lazer e a compra como instituição do consumir não apreendem tudo o que é lúdico e tudo o que é preciso para viver. Instituir é criar modelos de previsibilidade de práticas, mas elas podem escapar ao previsto, gerando alguns dilemas. Este capítulo é sobre aqueles oriundos do entrelace entre religião, lazer e consumo nas práticas que surgem da relação entre crentes e canções, com foco em um tipo específico de crente, o chamado “ministro de louvor e adoração”. O ato de ministrar, assim como a própria adoração, só poderá ser compreendido no decorrer das descrições. Essa é também uma das tarefas reservadas ao capítulo que segue.

#### 3.1 QUE FAZER COM ESSES MÚSICOS? DESENCAIXE ENTRE CRENTES, CANÇÕES E IGREJAS

Em meio às visitas que fiz a instituições eclesiais de diferentes perfis, em uma das quintas-feiras de julho de 2017 estive em uma pequena igreja pentecostal da periferia de Juiz de Fora (MG), no que era conhecido naquela região como “culto de oportunidade”. A nomenclatura condiz com o formato litúrgico assumido em alguns ambientes pentecostais, em que integrantes da assembleia também têm um momento de participação, com preces, testemunhos e breves mensagens (PORTELLA, 2012). Só que o que me chamou a atenção é que todas as “oportunidades” foram concentradas no período inicial deste culto e todas as pessoas utilizaram seu momento para cantar alguma canção. Nesta seção, descreverei o contexto de criação de canções ali utilizadas, recuperando a origem da música gospel a fim de entender o dilema a ela inerente.

Muitos lugares estavam desocupados, cerca de quinze pessoas estavam presentes. É difícil enumerar com precisão por que algumas chegaram atrasadas e outras saíram mais cedo. Lembro-me de uma mulher que entrou, ajoelhou-se para orar reclinada em uma das cadeiras brancas de plástico ao meu lado, levantou após alguns minutos e, quando me dei conta, ela já tinha ido embora. Mas pelo menos dez pessoas participaram da maior parte do culto. No início, uma mulher subiu ao púlpito, um palanque de madeira com cerca de meio metro de altura colocado à frente do salão e revestido com um tecido de camurça. Ela tomou a direção



dos trabalhos, cumprimentou os presentes, fez uma oração e cantou uma canção. Logo após, disse que iria “dar a oportunidade” ao irmão fulano e pediu para o recebermos “aplaudindo ao Senhor”. Ele, sem subir no púlpito, à frente e ao chão, disse o nome da canção que iria cantar e cantou. Logo após, disse que iria “voltar a palavra à irmã” e que agradecia “a oportunidade em nome de Jesus” e devolveu o microfone. Ela, por sua vez, disse “que Deus abençoe a vida do irmão” e chamou outro. Esse procedimento se repetiu com quase todos os presentes, incluindo um guitarrista e um baterista que com os instrumentos esforçavam-se para acompanhar quem cantava.

Enquanto acontecia, uma mulher, uniformizada com um paletó azul tão escuro que era quase preto, uma saia de mesma cor e um crachá com o título “diaconisa”, passava perguntando algumas poucas pessoas se queriam “oportunidade”. Perguntou pra mim inclusive. Ela anotou os nomes em um papel e entregou à mulher que estava em cima do púlpito, mas não perguntou a todos. Parecia já prever quem iria querer ou aceitar a “oportunidade”. Sendo assim, uma senhora que não havia sido perguntada foi chamada pelo nome. Ela, meio que desconcertada, aceitou, mas ao pegar o microfone pôs-se a se desculpar. Disse que estava passando por um momento de dificuldade e que não havia conseguido “preparar nada para o culto dessa noite”. E explicou: “então vou cantar um corinho bem fácil para os irmãos poderem me ajudar”:

Fico feliz em vir em tua casa  
Erguer minha voz e cantar, aleluia!  
Fico feliz em vir em tua casa  
Erguer minhas mãos e adorar

[Refrão]  
Bendito é o nome do Senhor  
Bendito é o nome do Senhor  
Bendito é o nome do Senhor  
Pra sempre  
(FEITOSA, FEITOSA, 1998, np.).

Essa canção tornou-se conhecida no Brasil, não apenas entre evangélicos, através da interpretação de Aline Barros no final dos anos 1990. Frases curtas, harmonia simples, melodia intuitiva, ritmo dançante. A solução perfeita para a irmã que queria “aceitar a oportunidade”, mas não havia “se preparado” para tal. Talvez por este motivo ela tenha chamado a canção de “corinho”, contrariando a bibliografia especializada que situa os corinhos na década de 1960 (CUNHA, 2004, 2007; DOLGHIE, 2007, por exemplo). Volto a isso mais adiante. Antes pergunto pelo que esse formato de culto representa teoricamente.

A canção *Fico Feliz* pode ter se tornado conhecida na voz de Aline Barros, mas naquela quinta-feira, na periferia de Juiz de Fora (MG), ela era a expressão de fé de outra mulher. Naquele culto, cada pessoa que “aceitava a oportunidade” contribuía ativamente para a construção do que estava acontecendo, podendo interferir tanto no conteúdo, quanto na duração. Se a senhora tivesse “se preparado” como queria, talvez sua contribuição tivesse sido diferente. A situação dependia das escolhas de quem “aceitava a oportunidade”. Por isso o estado subjetivo de cada um que pegava o microfone influenciava todo o processo. A forma do culto fazia com que seu conteúdo dependesse diretamente do que acontecia fora da instituição, na vida de quem “aceitava a oportunidade”.

Sob esse prisma, ele se revela uma espécie de subjetivação da religião e esse é um dos processos gerais aos quais se tem dedicado Danièle Hervieu-Léger (2015). A pesquisadora francesa destaca em uma de suas obras que, na constituição da sociologia das religiões, a estratégia de legitimação adotada implicava que a pesquisa sobre religião ficasse restrita à análise das “comunidades aderentes” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 25). Era o que marcava a diferença em relação à Filosofia, à Ciência da Religião e às análises sociológicas que reduziam religião a outras esferas (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 25). O foco institucional, quando dirigido ao catolicismo, tido como religião por excelência, revelou queda em influência pública, participação de missas e número de vocacionados ao sacerdócio, uma estratégia que implicava que, para legitimar o interesse por religião, os pesquisadores se obrigassem a atestar seu desaparecimento (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 20).

A realidade é complexa de modo que não é possível abordá-la sem algum tipo de redução, como o foco na relação entre crentes e canções. Essas reduções acabam desconstruindo as realidades em que vivem os crentes e reconstruindo sobre outro prisma, muitas vezes tão diferente que os próprios pesquisados não se reconhecem. Projetos de “Ciência das Religiões”, como o de Émile Burnoulf na própria França, buscavam resistir a isso, mantendo a totalidade da religião de alguma forma, mas foram vistos de maneira controversa pelos pares de outras áreas, inclusive sociólogos, que assumiam que qualquer ciência humana sempre termina por elucidar e, no limite, criticar o senso comum (HERVIEU-LÉGER, 2005). Sendo assim, o foco institucional era uma estratégia teórica e normativa, pois a proteção contra a desconfiança de outras áreas dependia de se restringir a “historicizar instituições” e “contar participantes” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 30). Essa legitimação, que não ficou restrita à Sociologia, impediu que algumas questões fossem colocadas. Entre elas a própria forma como sujeitos lidam com instituições.

A duas realidades estão vinculadas. O culto acima descrito abriu grande espaço para a participação individual, mas não deixou de ser a realidade de uma instituição. O problema é que se esse vínculo for exagerado teoricamente, confunde-se o que acontece na instituição com o que acontece no geral. Essas criações comunitárias não existem à parte de seus membros e “é um exagero entendê-las como últimas ou elementares” (SMITH, 2006, p. 161). Durante algum tempo essa foi uma diferença entre perspectivas de cientistas especializados em religião e as perspectivas sociológicas hegemônicas. A fé não se restringe aos espaços nos quais se “manifesta de maneira compacta e concentrada” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 22). No âmbito do cristianismo as próprias instituições não sumiram, se multiplicaram. Chama à atenção a irrupção de novas expressões de fé em modalidades distintas, de forma que a velha identificação da religião com uma esfera especializada mostrou-se ineficaz como estratégia de abordagem (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 22). Diante disso, Hervieu-Léger (2015, p. 25) conclui que secularização é enfraquecimento institucional, mas não total da religião, pois a desregulação decorrente permite a disseminação dos “fenômenos de crença”. Essa é a virada decisiva que ela chama de “religiosidade em toda parte” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 20).

Para essa autora, a modernidade implica em racionalização e individualização, de modo que a pretensão de regência das igrejas tornou-se ilegítima em si mesma. A regência não é eliminada, mas não se impõe por si só e vale somente à medida que o sujeito se deixa reger, dependendo de “adesão voluntária” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 51). O indivíduo tornou-se central, o que implicou em subjetivação da fé. Os filhos não têm mais necessariamente a religião de seus pais e uma mesma pessoa pode passar por diferentes igrejas ou religiões ao longo de sua vida. A conversão tornou-se típica deste momento. Conjuntamente, o sujeito ficou liberado para compor a própria fé de modo distinto daquele apresentado pela instituição de referência, customizando elementos, combinando distintas referências e podendo inclusive não se fixar a elas, abrindo grande espaço para o trânsito e a experimentação. Por isso a peregrinação também é uma ação típica dessa “modernidade religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 22). Em suma, aos olhos de Hervieu-Léger (2015), modernização implica em uma grande transformação na forma de lidar com igrejas.

Casanova (2006) faz a ressalva de que todo esse processo não é aplicável ao contexto de algumas tradições orientais, já que nunca experimentaram o grau de institucionalização típico do cristianismo. Mas isso não muda o fato de que é uma novidade nos contextos cristãos e o culto pentecostal narrado acima se apresenta em sintonia com sua descrição. Há institucionalidade. Um horário previsto, um formato premeditado, possivelmente algum treinamento ou ensaio, entre outros fatores. Mas o conteúdo da celebração é flexível para

permitir que cada um expresse a sua fé. Essas expressões não são necessariamente dadas por essa instituição, o que permite que as inovações se expressem e que novas combinações aconteçam. A ligeira observação desse contexto não me permite afirmar que ele é isento de conflito. A “oportunidade” pode abrir espaço para expressões em desacordo com premissas da igreja. Mas o modelo de rito adotado reflete um mundo em que as pessoas querem ter mais agência em relação à forma como vivem a sua fé e não apenas reproduzir passivamente uma tradição já formatada. E esse desejo nem sempre encontra lugar no espaço institucional especificamente voltado para religião.

Se instituir é criar modelos de previsibilidade de práticas, grande parte do que acontece em igrejas existe para institucionalizar a fé. As rotinas, o calendário, os textos tidos como peculiares, os ritos, a hierarquia, o governo, entre outros aspectos. Entre eles, a questão da autoridade parece basilar para entender como esse modelo é estabelecido, pois, a rigor, a instituição eclesial é aquela criada para definir o que vale ou não em matéria de fé. O próprio culto acima descrito é resultado de uma acomodação que o permite ser aberto às individualidades, mas não deixa de estar inserido em uma igreja que apresenta seus modelos de expressão de fé. Num ambiente de progressiva subjetivação, a questão sobre como lidar com o que escapa ao modelo impõe-se cada vez mais.

Não se pode perder de vista que tudo o que circula pelas igrejas é expressão de fé e, por tanto, fruto de experiências subjetivas e intersubjetivas. Se a fé é a relação de pessoas com o que acreditam, ela é sempre pessoal, mas quando essa relação é expressa em textos, práticas, narrativas, objetos, ideias torna-se passível de ser sistematizada. A igreja é a consolidação dessa sistematização, guardiã da “tradição acumulada”, mas tudo o que é acumulado foi um dia uma “experiência pessoal” (SMITH, 2006). Isso vale para as canções utilizadas nos cultos. Elas são resultado de uma relação do compositor com o que ele acredita. Se o imaterial só ganha expressividade no que é material (MILLER, 2013), cada canção é a materialização desta relação concebida como espiritual. Sendo assim, faz parte do ato de definir quais relações pertencem ou não ao modelo a demarcação do que pode ou não ser cantado e executado no culto. Dessa forma, a igreja se faz instituidora de canções oficiais.

O protestantismo, de maneira geral, tem uma relação específica com a criação de canções. Ao surgir em tensão com o catolicismo, desenvolve uma tendência iconoclasta que se traduz em indisposição para com diferentes formas de arte (MENDONÇA, 1995). Mas algumas expressões artísticas escapam a isso. É o caso da música. Por seu caráter aparentemente mais abstrato, é eleita por essa vertente cristã uma de suas principais expressões de fé desde a sua origem. Contudo, à medida que surgem instituições protestantes,

também surgem diferentes modelos de canção. Logo no início do movimento de reforma já era possível perceber padrões em tensão. Se por um lado Martinho Lutero<sup>65</sup> estimulava adaptações das canções populares alemãs, chamadas de canções de rua, de cavaleiros ou de montanha, substituindo as letras por outras que falassem dos princípios reformadores; por outro, João Calvino<sup>66</sup>, em Genebra, acreditou que era necessário criar novas melodias e restringir-se aos salmos da Bíblia, fazendo uma clivagem mais clara para o que era cantado na igreja (DOLGHIE, 2006). E esses dois modelos, juntos, estão em tensão com modelos católicos anteriores, tanto pela harmonia mais simplificada, quanto pela composição em língua local e não mais em latim (DOLGHIE, 2006).

Esses não são os únicos modelos criados pelos reformadores, mas servem para exemplificar alguns aspectos importantes. Em resumo, desde seu surgimento na Europa, passando pela migração para a América do Norte até a vinda das missões para a América Latina, esta nova versão de cristianismo foi acompanhada de criações musicais. O próprio princípio do sacerdócio de todos os crentes favoreceu o processo<sup>67</sup>, pois cada um que se percebe em contato direto com seu Deus sente-se livre para expressar essa relação como queira e não se vê estritamente dependente da expressão que lhe é transmitida por outrem. Não seria demais supor que esse é um dos motores ocidentais da subjetivação da fé descrita por Hervieu-Léger (2015). No entanto, esse processo não impediu o surgimento de modelagens de quais cancioneiros são desejáveis e quais não. É daí que vem a própria ideia de hino recorrente entre os crentes no Brasil: a canção que foi oficializada institucionalmente (DOLGHIE, 2006). Disso decorre que aquilo que se inicia com o cancioneiro popular de Lutero e o saltério de Calvino, passa pela construção da hinódia batista e do saltério estadunidense, chegando aos cantos avivalistas de inspiração metodista que animaram as missões que vieram para o Brasil, um percurso histórico marcado por tensões entre diferentes formas de expressar a fé em forma de canção<sup>68</sup>.

---

<sup>65</sup> Martinho Lutero (1483-1546) foi um monge agostiniano que se insurgiu veementemente contra alguns dogmas do catolicismo de sua época, dando origem à Reforma Protestante. Tal insurgência que tem como um marco a publicação de suas 95 teses em 1517, tida como o estopim do movimento reformador. Foi excomungado da Igreja Romana em 1521 por se recusar a retratar-se de seus escritos.

<sup>66</sup> João Calvino (1509-1564) foi um teólogo que muito influenciou os desdobramentos da Reforma Protestante. Suas principais ideias remetem à teoria da predestinação, em que se acreditava que Deus já havia eleito (predestinado) algumas pessoas para a salvação e outras para a perdição.

<sup>67</sup> Também chamado de sacerdócio universal, esse princípio deriva dos escritos de Lutero em que ele questiona a excepcionalidade dos líderes da igreja em relação aos considerados leigos. Inspirado no Novo Testamento, na segunda carta do apóstolo Pedro, ele entendeu que “somos todos sacerdotes”.

<sup>68</sup> Uma descrição mais detalhada dessa história foi disponibilizada por Dolghie (2006).

No século XIX, as regiões norte e sul das Américas terão desenvolvimentos razoavelmente distintos. Segundo Dolghie (2007), nos Estados Unidos, os hinos batistas e metodistas foram apropriados pelos negros escravos que introduziram elementos musicais africanos e deram um sentido particular às narrativas bíblicas de libertação do povo hebreu. Assim surgiu o que por lá ficou conhecido como *spiritual*. Com a abolição da escravidão e a progressiva inserção dos negros no ambiente urbano os elementos característicos desse tipo de música terminaram por influenciar vários gêneros estadunidenses, como o blues, o jazz, o soul, o folk, o country e o próprio rock (DOLGHIE, 2007). Assim, a música afro-americana desprendia-se das narrativas religiosas e a expressão artística deixava de ser vista como expressão de fé. O chamado *gospel* é o fruto de uma recombinação efetuada na primeira metade do século XX nos EUA, quando começaram a surgir canções em inspiração musical do jazz e do blues com narrativas de fé e elementos típicos do ambiente eclesiástico, como o coral (DOLGHIE, 2007). As igrejas que existiam até então resistiram à incorporação dessa novidade nas suas canções oficiais, mas as gravadoras deram guarita a ela que, assim, foi projetada no mercado como um símbolo da “ascensão social da cultura negra” (DOLGHIE, 2007, p. 202). É por isso que nos EUA o *gospel* nunca foi visto como uma expressão especificamente religiosa. Em um ambiente cultural de maioria protestante, expressar esta fé não é necessariamente um marcador identitário ou institucional.

Enquanto isso, aqui no Brasil, a história é um pouco diferente, mas nem tanto. A principal diferença é que se trata de um ambiente majoritariamente católico, o que faz com que a grande maioria dos primeiros crentes sejam, antes de tudo, ex-católicos. Esse catolicismo aqui, assim como o protestantismo nos EUA, permeia as relações de modo a não ser percebido como uma esfera específica, mas um ambiente geral, confundindo-se com a cultura local (SANCHIS, 1996). Nesse contexto, hinos cantados no contexto estadunidense alimentaram as missões que aqui chegaram com o objetivo de transformar católicos em crentes. Algumas traduções destes cantos são conhecidas e utilizadas até hoje, embora tenham sofrido alterações ao longo do tempo, como, por exemplo:

Bendito seja o Cordeiro que na cruz por nós padeceu  
 Bendito seja o Seu sangue que por nós ali Ele verteu  
 Eis nesse sangue lavados com roupas que tão alvas são  
 Os pecadores remidos que perante seu Deus já estão

[Refrão]  
 Alvo mais que a neve  
 Alvo mais que a neve  
 Se nesse sangue lavado  
 Mais alvo que a neve serei

Quão espinhosa a coroa que Jesus por nós suportou  
 Oh quão profundas as chagas que nos provam o quanto Ele amou  
 Eis nessas chagas pureza para o maior pecador  
 Pois que mais alvo que a neve o Teu sangue nos torna, Senhor  
 [Volta ao refrão]

Se nós a Ti confessarmos e seguirmos na Tua luz  
 Tu não somente perdoas, purificas também, ó Jesus  
 Sim é de todo pecado, que maravilha de amor  
 Pois que mais alvo que a neve o Teu sangue nos torna, Senhor  
 [Volta ao refrão] (WRIGTH, 1999, np.).

Essa é a versão que foi cantada por uma senhora em uma das “oportunidades” do culto que tomo por referência nesta seção. Ao ser chamada pelo nome, ela pegou sua pasta preta que parecia um catálogo com várias letras de canções, foi à frente, saudou a assembleia reunida e, segurando o microfone com a mão direita e a pasta com a esquerda, pôs-se a cantar. A estrutura do que cantou é significativamente diferente da canção *Fico Feliz*, cantada na “oportunidade” anterior. Não apenas pela poética, já que a letra maior demandava um suporte escrito para ser lembrada, mas também pela melodia que possuía mais variações que demandaram um arranjo mais elaborado do guitarrista e pelo ritmo ao qual o baterista teve dificuldade para se adequar. Mas me pareceu incrível como, num mesmo culto, surgiram expressões de fé tão diferentes artisticamente e que refletiam momentos tão distintos da história protestante.

*Alvo mais que a neve* surgiu em meio ao clima avivalista estadunidense caracterizado pela disseminação da ideia de que os protestantes daquele país estavam destinados a levar a salvação a outros países. Sua letra, que tematiza a transformação de pecadores, é de Eden Reeder Latta (1839-1915), compositor cuja obra era bem recebida nas campanhas que ali surgiram (DANIEL, 2012, p. 280). A poesia foi criada especialmente para o músico Henry Southwick Perkins (1833-1914), que elaborou a melodia e a publicou pela primeira vez em 1881 (DANIEL, 2012, p. 280). Já a versão em português foi feita pelo evangelista Henry Maxwell Wright (1849-1931) que, nascido em Portugal, sentiu despertar sua vocação evangelística associando-se a batistas britânicos e, a partir de em uma passagem por uma área de imigração portuguesa nos EUA caracterizada por forte presença de igrejas presbiterianas que o próprio Wright ajudou a criar, empreendeu viagens missionárias ao Brasil no final do século XIX, com passagens por Rio de Janeiro e Pernambuco<sup>69</sup> (CARDOSO, 2014). Salvo a

---

<sup>69</sup> A biografia de Henry Whigth é caracterizada por um itinerário bem volátil e repleto de viagens decisivas. Mais detalhes podem ser encontrados em Cardoso (2014).



frase “seja bendito” em lugar de “bendito seja”, essa versão em português é a mesma cantada até hoje, mas não teria se tornado tão conhecida no Brasil sem a contribuição de Sarah Poulton Kalley (1825-1907), uma missionária escocesa congregacional que se dedicou à criação do compêndio de canções *Salmos e Hinos*, publicado pela primeira vez em 1861 e compartilhado por diferentes vertentes protestantes<sup>70</sup> (DOLGHIE, 2006, 2007). Ela era esposa de Roberth Kalley (1809-1988), um dos pioneiros na introdução do protestantismo no Brasil e em Portugal, amigo de Henry Writh (CARDOSO, 2014, p. 65). É Sarah quem introduz *Alvo mais que a neve* em uma das edições do *Salmos e Hinos*, sob o número 605<sup>71</sup>. É claro que a história das pessoas citadas carece de qualificação, mas essa não é a descrição delas e sim de uma canção surgida do encontro de crentes ligados a diferentes instituições e contextos.

O hinário de Sarah Kalley é um catálogo de músicas dedicado ao trabalho de conversão de brasileiros católicos em protestantes. Pessoas se converteram, igrejas e confrarias de igrejas surgiram em território nacional e, com elas, foi necessário oficializar quais canções são expressões adequadas de fé. *Salmos e Hinos* teve um papel importante nesse processo, pois, embora a maioria das letras catalogadas expressasse uma teologia tipicamente metodista, caracterizada pelo apelo emocional, foi assumido quase indiscriminadamente por todo o protestantismo de missão (MENDONÇA, 1995). É quase, mas não todo. Batistas, por exemplo, tinham seu próprio hinário, o *Cantor Cristão*. Foi criado por Salomão Luiz Ginsburg (1867-1927), um judeu polonês que imigra para a Inglaterra e lá, causando desgosto à família, converte-se ao cristianismo e sai pelo mundo como missionário congregacional, chegando até o Brasil, onde se filia aos batistas e realiza a primeira compilação de canções para essa denominação, em 1891 (SALOMÃO..., 2012). Mas Salomão Luiz Ginsburg era amigo de Sarah Kalley, veio para o Brasil a seu convite<sup>72</sup>. A mútua influência, mantida nas edições seguintes, resultou que várias canções estejam presentes nos dois hinários. *Alvo mais que a neve* é hoje a de número 123 do *Cantor Cristão* (2014).

O surgimento do hinário oficial de uma denominação reflete a necessidade de adequar o que se canta às opções teológicas, o que é, no fim das contas, regulação da fé. Mas se o hino é a canção oficializada, nunca cessam de surgir novas criações, resultantes da relação entre novos crentes e o que acreditam. As características inovadoras podem entrar em tensão com o que já foi estabelecido, algo que tem um significado específico no Brasil. Os ritmos e

<sup>70</sup> A dissertação de Lima Neto (2010) contém um detalhamento dessa contribuição.

<sup>71</sup> Na versão mais recente do hinário em questão é o de número 438 (SALMOS, 2009).

<sup>72</sup> Mais informações sobre Salomão disponíveis no site disponível em: < <http://www.luteranos.com.br/textos/salomao-luiz-ginsburg-1867-1927> > . Acesso em: 30 maio 2018.

instrumentos locais, por exemplo, associados ao catolicismo, são rejeitados oficialmente. Essa barreira pode gerar grande insatisfação entre os crentes que utilizam ou querem utilizar esses elementos em suas práticas de fé (DOLGHIE, 2007). Esse é um tipo de rejeição artística, mas também pode acontecer uma rejeição da própria experiência de fé enquanto tal se a mensagem veiculada contradiz o modelo institucional estabelecido.

A reivindicação do direito à própria expressão de fé é uma das consequências da progressiva subjetivação da religião (HERVIEU-LÉGER, 2015). A consequência é que, se a instituição não está adequada, pode acontecer uma ruptura. Mas esse regime individualista não se traduz necessariamente em completa negação à instituição, podendo dar origem a novas comunidades (HERVIEU-LÉGER, 2015). Logo, no ambiente moderno, quem está descontente em sua igreja, pode se desligar e criar outra, reunindo outros que compartilhem esse descontentamento e a afinidade com as inovações propostas. Esse movimento de ruptura contínua é uma das razões para a multiplicidade de igrejas evangélicas brasileiras com sua variedade de nomes e práticas. Esses rearranjos institucionais são oportunos para que novas canções tornem-se hinos.

Como exemplo, cito que Gunnar Vingren e Daniel Berg, dois pastores batistas suecos, vindos para o Brasil a partir dos Estados Unidos, foram recebidos na Primeira Igreja Batista em Belém (PA) como missionários<sup>73</sup> (ALENCAR, 2012). Eles começaram algumas reuniões no porão do templo, caracterizadas pelas manifestações pentecostais, em especial, o “falar em línguas”, a glossolalia. Isso contribuiu para uma série de desentendimentos na instituição e uma divisão entre os membros. O resultado foi a fundação da Assembleia de Deus. Do lado assembleiano, tem-se a interpretação de que os pastores foram expulsos da instituição (ALENCAR, 2012). Do lado batista, interpreta-se o feito dos suecos como um ato de traição, visto que, ao invés de pregar para não crentes, resolveram “perturbar a igreja existente” (SANTOS, J., 2012, p. 211). Em meio a tudo isso, a nova denominação trouxe para os que lhe deram origem novas possibilidades quanto à expressão de fé em forma de canção.

Essa é gênese da *Harpa Cristã*, o hinário oficial das Assembleias de Deus, adotado por várias outras igrejas pentecostais (ALENCAR, 2012). Os primeiros assembleianos usavam o *Salmos e Hinos*, mas logo surgiu a “oportunidade” de oficializar canções que falassem das experiências típicas do universo pentecostal e que incorporassem elementos brasileiros<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> Hoje conhecida como PIB-PA (Primeira Igreja Batista do Pará), essa igreja surgiu do trabalho de missionários suecos que chegaram à Amazônia no final do século XIX, antes de Berg e Vingren. Há mais informações em seu site. Disponível em: < <https://pibpa.org.br/sobre-nos/>>. Acesso em 2 jan. 2019.

<sup>74</sup> Informações disponíveis em: < <http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=3>>. Acesso em 30 maio 2018.

Assim surgiu, com um título em relação clara com o hinário batista, o *Cantor Pentecostal*, primeiro nome do hinário assembleiano, editado em 1921 por José Manoel Cavalcante de Almeida (1875-19??), conhecido como Almeida Sobrinho, que na ocasião era um ex-batista que tentava se aproximar da Assembleia de Deus, embora nunca tenha, de fato, se fixado, oscilando também entre a criação de outra denominação e o retorno aos batistas (ALENCAR, 2012). Em 1922 seu trabalho foi transformado na *Harpa Cristã*, sob a edição do pastor Adriano Nobre (1883-1938), o professor de inglês que ingressou no movimento interpretando os pastores suecos, mas que, logo após a edição, teve vários conflitos com a denominação que o levaram ao desligamento (ALENCAR, 2012). Apesar disso, esse hinário é até hoje o oficial da denominação e quando surgiu, apresentava novidades em relação aos anteriores, não apenas em relação ao conteúdo teológico, mas também na maior proporção de composições de brasileiros e de mulheres (ALENCAR, 2012). Só que essa inovação não deve ser entendida como ruptura total, pois algumas canções continuam sendo compartilhadas. *Alvo mais que a neve* é o hino de número 39 da versão mais recente da *Harpa Cristã* (1999).

Como visto, a criação do hinário é uma forma de manter a memória da tradição. Só que a tradição é sempre acumulada seletivamente (SMITH, 2006). Ao instituir as canções oficiais seleciona-se aquilo que é desejável, criando um modelo. Mas a todo o momento, novos crentes compõem novas expressões de fé, podendo fugir a este modelo. É aí que surge no contexto institucional eclesiástico a dúvida sobre o que incorporar. É por isso que hinários são revisados, sofrendo acréscimos e exclusões. No caso da *Harpa Cristã* já ocorreram várias edições, sempre influenciadas por Paulo Leivas Macalão (1903-1982), um dos principais nomes envolvidos na controvérsia que deu origem às Assembleias de Deus – Ministério Madureira (ALENCAR, 2012).

Essa institucionalização não consegue acompanhar a dinâmica da fé, especialmente quando se amplia o número de conversos e, por conseguinte, potenciais criadores de expressões de fé. Entre elas, as canções. É uma tensão acentuada na crise de transmissão geracional típica do contexto moderno (HERVIEU-LÉGER, 2005). A última edição da *Harpa Cristã*, por exemplo, acrescentou novos cantos em resposta a novas questões, mas não foi bem recebida pela geração anterior e a resistência foi tal que até hoje circulam duas versões, a velha e a nova (ALENCAR, 2012). Os motivos dessa reação são vários, alguns inclusive de apego afetivo à numeração da versão anterior (ALENCAR, 2012). Ainda hoje são comuns frases do tipo “vamos cantar o 22” ou “me converti no 330”. Mas tudo culmina no fato de que não é tarefa fácil consolidar quais canções são adequadas aos cultos de uma igreja. Os

próprios hinários tomados como oficiais refletem o trabalho de pessoas cuja relação com as denominações nem sempre é pacífica.

Na subjetivação típica da modernidade, crentes são estimulados a criar suas próprias expressões artísticas de fé, agravando o quadro. O sentimento de estar em relação direta com seu Deus serve de impulso às composições. Assim surgem mais e mais canções não oficiais, ou seja, não incorporadas ao modelo de nenhuma denominação. É claro que no decorrer do tempo elas podem ser oficializadas, mas até lá elas estão desamparadas pela instituição religiosa. E é então que esse processo é influenciado pelo surgimento de tecnologias capazes de capturar, gravar, reproduzir e distribuir música, pois podem dar às canções não oficiais o suporte necessário para que não se percam no tempo.

A partitura, uma escrita criada especialmente para a notação musical, pode ser pensada como a primeira tecnologia a permitir que produção e reprodução musical ganhassem escala (DIAS, 2008, p. 37). Surge de um processo de racionalização típico do mundo moderno e nada semelhante é encontrado fora do contexto ocidental (WEBER, 1995). Também resulta desse processo a cifra, notação musical criada com foco na harmonia, e a tablatura, notação que indica a posição dos dedos em um instrumento ao invés das notas em si. Tais recursos contribuíram para a transmissão e distribuição de músicas, mas a reprodução ainda não era automatizada e dependia de conhecimento técnico especializado. Isso muda no final do século XIX quando surge o fonógrafo, um aparelho que podia reproduzir sons a partir de um cilindro (DIAS, 2008). Canções puderam ser transmitidas através das pequenas perfurações de cilindros. Assim surgia uma espécie de “ficha simbólica”, no sentido de Giddens (1991). Quando a reprodução musical deixa de depender da apresentação do músico, sua relação sofre “desencaixe”, pois o espaço-tempo entre a execução e a audiência é alterado (GIDDENS, 1991). Esses suportes mudaram muito ao longo dos anos fazendo com que o século XX experimentasse sucessivas revoluções tecnológicas que facilitassem cada vez mais a reprodução em série e o ganho de escala. A música que começou fixada em cilindro passou por disco de vinil (LP), fita cassete, CD até chegar ao atual MP3. Mas em todas essas mídias, uma consequência se mantém. Ao ser fixada em um suporte, a canção se torna portátil e, assim, pode se tornar mercadoria.

Muito se discute a respeito dos impactos dessa nova condição. É muito conhecida a tese de que a arte perde sua “áurea” quando submetida à “reprodutividade técnica”, formulada por Walter Benjamin (1996). Ela serviu de inspiração para que Ortiz (1980) afirmasse que essa espécie de “dessacralização” da arte também aconteceria com a religião. Mas o próprio Ortiz reconhece a ambiguidade da condição, no sentido de que a indústria cultural também

pode servir à “afirmação de grupos normalmente marginalizados” (ORTIZ, 1980, p. 61). Isso é o que ocorreu com a música *gospel* estadunidense, se levarmos em consideração sua origem conflituosa com as igrejas de lá. Essa é uma característica que parece ser compartilhada com o *gospel* brasileiro, apesar das grandes diferenças que existem entre os contextos.

Digo isso porque os formatos litúrgicos adotados pelas igrejas evangélicas brasileiras não dão tanto protagonismo aos participantes como o que venho descrevendo neste texto<sup>75</sup>. Mesmo naquela igreja pentecostal, o “culto de oportunidade” é apenas na quinta-feira; os demais dias da semana seguem outro formato. Ele está mais para uma exceção do que para uma regra e foi isso que me atraiu a pesquisá-lo, uma vez que as “oportunidades” permitiam imprevisíveis inovações, ainda que parciais. O formato corrente entre as igrejas dá menos protagonismo aos participantes comuns, não especialistas, e exerce controles específicos sobre os responsáveis pela música (DOLGHIE, 2007). A própria definição de hino, a canção oficializada, funciona como um desses controles.

Antes da reprodutividade técnica, o acesso a novas canções dependia da presença na execução, o que, no caso dos crentes, atrelava-se ao culto, ainda que não totalmente. A inovação sofre constrangimentos quando ele acontece no âmbito institucional. Os ritos zelam pela tradição acumulada (SMITH, 2006). Tais constrangimentos ganham contrapesos com as novas ferramentas de armazenamento de áudio. Nos Estados Unidos, berço da maioria dessas novas tecnologias, o cilindro e principalmente o vinil tiveram um papel relevante no suporte ao *gospel*, inicialmente condenado pelas igrejas. As empresas de gravação foram as instituições responsáveis por projetar esse tipo de música no âmbito das compras durante a primeira metade do século XX. Rejeitado no âmbito da religião, através do qual as canções de fé eram transmitidas até então, se perderia caso não migrasse para outro. É transformando-se em mercadoria que essa expressão artística de fé subsiste.

Já o Brasil demora um pouco mais a ser afetado por essas tecnologias. É no início do período conhecido como nacional-desenvolvimentismo<sup>76</sup> que o Estado nacional implementa políticas de incentivo à criação e expansão da indústria cultural no país (ALMEIDA, GUTIERREZ, 2011). Neste contexto, surgiram as primeiras gravadoras, especializadas na produção de discos de vinil. Porém, diferente do contexto estadunidense, os crentes daqui estão em maior tensão com a cultura que os cercam, uma vez que ela é permeada pelo

---

<sup>75</sup> Para uma discussão sobre os diferentes formatos de culto protestante consulte Dolghie (2007).

<sup>76</sup> Grosso modo, essa é a qualificação dada à postura política em que o Estado participa ativamente do crescimento da produção industrial e da infraestrutura, predominante no Brasil no período que vai do primeiro governo Vargas até o regime militar.

catolicismo majoritário. É o que faz com que, nesse primeiro momento, as empresas de música em geral não sejam atrativas. A guarita ao cancionário evangélico não oficial dependerá da criação de gravadoras especialmente voltadas para essa vertente religiosa e elas só surgem com o trabalho das instituições leigas, conhecidas como paraeclesológicas.

Tenho dito que a tarja e a forma pela qual estas instituições têm sido caracterizadas são pouco explicativas. Dizer que são paraeclesológicas equivale a dizer que os sindicatos são instituições “paraeconômicas”. Assim como as pessoas no sindicato fazem coisas bem distintas do que fazem nas empresas, também os crentes estão em outro mundo quando estão nas instituições em questão. Elas precisam ser entendidas como associações leigas que podem agir em paralelo, contra ou a despeito das igrejas, ignorando-as. Focadas em questões de interesse dos crentes, elas não deixam de estar em relação com o espaço institucional religioso, mas são tomadas como espaço alternativo de vivência da fé. E elas se multiplicaram no Brasil após os anos 50 (MENDONÇA, 2005).

As primeiras eram especialmente voltadas para o trabalho com jovens, promovendo encontros específicos que reuniam pessoas filiadas a diferentes denominações em ambientes mais informais abertos à celebração com novas canções (DOLGHIE, 2007). Tal espaço era percebido pelos participantes como algo bem distinto do que acontecia nas igrejas. Não é demais lembrar que o desprendimento da tutela eclesológica é tão parte da dinâmica que cria o tempo livre, quanto a redução da jornada de trabalho (DUMAZEDIER, 1994). Liberados das obrigações que tinham em suas igrejas, os crentes percebiam os acampamentos mais como lazer do que religião. Uma esfera incidiu sobre a outra. Esse é o cenário do surgimento daquilo que aqui no Brasil ficou conhecido como corinho. São canções de fé que animavam esses jovens mais que os hinos tradicionais, tanto pela melodia intuitiva quanto pela letra mais curta e menos erudita (DOLGHIE, 2007). Organizações leigas como a Mocidade para Cristo, estabelecida no Brasil no início da década de 1950 em São Paulo<sup>77</sup>, criaram um espaço em que jovens podiam cultuar com adaptações de canções do contexto do *gospel* estadunidense que não eram oficiais por aqui, mas que haviam se disseminado por lá no início do século. Algumas adaptações ainda estão vivas entre os crentes. Entre elas:

Caminhando eu vou para Canaã  
Caminhando eu vou para Canaã  
Caminhando eu vou para Canaã  
Glória a Deus! Caminhando eu vou para Canaã

<sup>77</sup> É a versão brasileira da organização *Young for Christ*, que surgiu nos EUA em meio ao clima do Movimento de Jesus. Consolidou-se no Brasil em 1954 e está em funcionamento até hoje. Mais informações sobre seu histórico estão disponíveis em: < <http://www.mpc.org.br/sobre-a-mpc-brasil/> >. Acesso em 1 jun. 2018.



Se você não vai, não impeça a mim  
 Se você não vai, não impeça a mim  
 Se você não vai, não impeça a mim  
 Glória a Deus! Caminhando eu vou para Canaã  
 (CAMINHANDO..., 2011, 0:00-1:04, np.).

Essa composição é uma adaptação de *I'm On My Way to Canaan's Land*. É difícil precisar quem a compôs. Na época em que surgiu, não havia a concepção de direitos autorais que temos hoje. A primeira gravação que consegui rastrear foi realizada por Alvin Pleasant Delaney Carter (1891-1960), que adotava o nome artístico de A. P. Carter e trabalhou parte de sua vida viajando pelos Estados Unidos, coletando canções e produzindo-as com a sua família<sup>78</sup>. Ela foi criada em uma espécie de *folk*, mas é a versão *gospel* que se torna mais conhecida nos EUA, quando gravada por Mahalia Jackson (1911-1972), a cantora negra que abriu o famoso discurso *I Have a Dream* de Martin Luther King<sup>79</sup>.

Adaptada ao Brasil, *I'm On My Way to Canaan's Land* ganhou um significado especial para os crentes novos convertidos de pais católicos, por conta da frase “se meu pai não vai, não importa a mim” (MENDONÇA, 1989, p. 59). Mas hoje, quando cantada, geralmente fica restrita às estrofes que estão na citação anterior. Imagino que com o passar dos anos, a segunda e terceira geração se incomodaram com a sugestão de ignorar a fé dos familiares. De toda forma, essa não é a única contextualização que a canção sofreu. Quando recebida entre pentecostais foi acrescida de características rítmicas típicas do baião. É assim que foi entoada no “culto de oportunidades” que visitei em Juiz de Fora (MG). Ao final das “oportunidades”, a mulher dirigente pediu para ficarmos de pé, cantou uma canção, fez uma oração e exortou a todos para “passar a palavra para o pastor dizendo glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo de Deus”. Assumindo o microfone, o pastor agradeceu, cumprimentou a assembleia, pediu para abriremos as Bíblias em um versículo e disse: “vou cantar um corinho enquanto os irmãos procuram”. Ele cantou *Caminhando Eu Vou Para Canaã* e, entre as estrofes, exclamou: “os irmãos que já encontraram podem me ajudar com as palmas”! As pessoas colocaram as suas Bíblias nas cadeiras, começaram a bater palmas de forma empolgada.

Ganhando conotações lúdicas semelhantes, o clima nos acampamentos leigos voltados para jovens tornou-se diferente do culto das igrejas a que seus participantes estavam ligados. Alguns instrumentos se “converteram”! “A maior novidade foi a introdução do violão, que

<sup>78</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=H47DO2aPAqE> >. Acesso em: 1 jun. 2018.

<sup>79</sup> Martin Luther King Júnior (1929-1968) foi um pastor batista conhecido por sua militância não violenta pelos direitos civis dos negros estadunidenses e contra a segregação racial, motivo pelo qual foi assassinado. O discurso em questão foi realizado por ocasião de uma marcha realizada em 1963 por uma multidão estimada em duzentos mil militantes em direção à Casa Branca reivindicando direitos políticos.



acentuou um novo jeito de cantar que [...] tinha um caráter mais alegre e marcado ritmicamente” (DOLGHIE, 2007). Era isso que os corinhos estavam permitindo. Eles foram submetidos a julgamentos diversos, alguns focados na questão da arte, feitos por músicos eruditos ligados às igrejas que reclamavam da estrutura vista como excessivamente simplificada (DOLGHIE, 2007). Mas era assim que se democratizava a produção, facilitando a iniciação de jovens à formação musical. Várias organizações leigas criaram cursos de música e advém daí a conexão hoje comum entre a juventude e a responsabilidade pelo louvor em variadas igrejas (DOLGHIE, 2007). É com o desenvolvimento dessa formação que vão surgir composições mais elaboradas musicalmente que os corinhos.

É o que acontece entre jovens em sua maioria ligados a igrejas protestantes de missão nos anos 1970. Mas simultaneamente, outra coisa acontece entre pentecostais. É período em que se dá o avanço da urbanização do país, a partir do qual vai se assentar cada vez mais a afinidade entre pentecostalismo e periferia (BARRERA RIVERA, 2016). Com o auge da industrialização do Brasil, uma multidão de imigrantes pobres que se desloca para a cidade em busca de uma vida melhor encontra um lugar entre pentecostais (ALENCAR, 2012, p. 164). Clara Mafra (2009) toma como referências para entender essa afinidade, a visão teológica, que asseguraria uma concepção do novo mundo, e as redes de solidariedade que emergem entre os crentes. Para Novaes (1985), essas redes inclusive estimulam a migração de quem se converteu em outra região. Alencar (2012) destaca que as Assembleias de Deus, que para ele constituem uma matriz do pentecostalismo brasileiro, sempre esteve atrelada à migração nordestina. Ela atinge seu auge no período em questão.

*Asa Branca* é a canção que talvez melhor traduza esse drama nordestino. Lançada em 1947, ela ganhou o afeto dos migrantes nas décadas seguintes a ponto de hoje ser tida por muitos como o “hino do Nordeste”. A composição é de Luiz Gonzaga, um dos maiores intérpretes da cultura da região<sup>80</sup>. Ele é conhecido “o rei do baião”, gênero que surgiu do encontro de elementos musicais do sertão nordestino com a dinâmica da produção musical do Rio de Janeiro (ALVES, 2012). Elementos que estavam em movimento com os migrantes e que não necessariamente formam abandonados pelos que se converteram. É verdade que, nas Assembleias, a *Harpa Cristã* era a maior baliza para o que se poderia cantar no culto (ALENCAR, 2012). Mas é nessa época que aflora o “pentecostalismo autônomo” (BITTENCOURT FILHO, 2003). Igrejas que surgem sem ligação a nenhuma confraria

---

<sup>80</sup> Nascido em Pernambuco é tido como um dos mais criativos músicos brasileiros, destacando-se pelas canções que retratam o sertão nordestino, com destaque para as letras que falam do sofrimento que envolve a migração que lhe é característica.

pentecostal, adotando livremente o nome de Assembleia de Deus ou criando algum outro e mantendo apenas algumas características comportamentais típicas do “assembleísmo difuso” (ALENCAR, 2012). É nelas que vai se dar a abertura a composições próprias que podem incorporar elementos sonoros vindos do Nordeste. E aí surgem canções de fé com características semelhantes ao baião (DE PAULA, 2016).

Algumas dessas canções se tornaram mais conhecidas. Desconfio que foi por conta do surgimento da Igreja Pentecostal Deus é Amor, que as colocou em circulação através de um pioneiro investimento em rádio nos anos 1960. Elas também ganharam a alcunha de corinhos. A métrica dos versos e a letra mais curta e menos erudita são aspectos similares. Mas os traços do baião combinados com o enredo pentecostal lhes fizeram ganhar uma adjetivação complementar. Tornaram-se os corinhos de fogo, em que “fogo” é uma alusão tanto as temáticas das canções, que usavam essa metáfora para se referir ao Espírito Santo, quanto à alegria despertada por sua musicalidade. Pentecostais dizem que esses corinhos “mexem com a gente” (FERREIRA, 2017, p. 105).

Foi o que eu vi acontecer no culto da pequena igreja que visitei em Juiz de Fora. Durante a pregação, os músicos se afastaram dos instrumentos, pegaram suas Bíblias e tomaram acentos entre os demais. Todos ficaram sentados durante a pregação, exceto por alguns gritos dados em confirmação a algo que o pastor falava. Após uns quarenta minutos, os músicos retornaram aos instrumentos, como se já soubessem o que estava para acontecer. Ao fim do sermão, o pastor fez o pedido das ofertas e, depois de orar rogando bênçãos sobre quem daria alguma contribuição e melhoras na vida de quem não poderia ajudar, cantou corinhos de fogo enquanto a diaconisa recolhia as ofertas. Os irmãos batiam palmas e “se mexiam” tão animados que ele continuou cantando depois de as ofertas serem recolhidas. Um conjunto de versos atrás do outro:

Pisa no chão com coragem, com poder  
 Pisa no chão com coragem, com poder  
 Pisa no chão com coragem, com poder  
 O poder vem lá do alto, Satanás tem que correr

Põe um anjo ali, Senhor, põe um anjo lá  
 Põe um lá na porta e outro no altar  
 Põe um anjo ali, Senhor, põe um anjo lá  
 Põe um lá na porta e outro no altar

É mistério, é mistério, mistério de Jeová  
 É um rolo de mistério querendo desenrolar  
 O inimigo é furioso, tá querendo impedir  
 Mas meu Pai a obra é tua, deixa o fogo cair

O fogo lá do céu não faz mal pra ninguém  
 O fogo lá do céu não faz mal pra ninguém  
 O fogo lá do céu não faz mal pra ninguém  
 O fogo lá do céu não faz mal pra ninguém<sup>81</sup>

São cantigas<sup>82</sup> e refrãos de canções cujo rastreamento da autoria é bem difícil. Os corinhos de fogo, quando usados no culto, mesclam canções prolongando a execução. Talvez advenha daí a dificuldade. Em meio às múltiplas combinações possíveis, fica difícil de acompanhar. Muitos corinhos desse tipo surgiram em meio às comunidades que não se preocuparam em registrar autoria. Foram transmitidos oralmente, à semelhança dos pontos de terreiro<sup>83</sup>. Como desenrolar esse mistério? Dos conjuntos de versos acima, só consegui rastrear parcialmente o último, num LP do dueto Duo Celestial, desconhecido da maioria dos crentes (DUO CELESTIAL, 198-). É o refrão da canção *O Fogo lá do Céu*<sup>84</sup>, a quarta faixa, mas a capa envelhecida pelo tempo não me permitiu visualizar a autoria.

De Paula (2016) destaca que esses corinhos não apenas expressam a cosmologia pentecostal em suas letras, mas também geram práticas indispensáveis ao culto. É com eles que se tem feito a busca pelo Espírito Santo e os exorcismos, a despeito de serem geralmente tratados como meros adereços (DE PAULA, 2016). Ferreira (2017) que se apercebeu da importância da música na prática da fé pentecostal, não confere a ela centralidade. Até Albuquerque Júnior (2018, p. 230), que se dedicou especificamente aos corinhos de fogo, conclui que o conteúdo musical é “um importante pano de fundo”. Mas provocado por Vásquez (2011), Miller (2013) e Meyer (2019) eu fico me perguntando se não estamos subestimando a dimensão material da religião. O que seria do culto pentecostal de hoje sem música? Os sons graves, criados em frequências abaixo de 60 hertz, são captados na parte

---

<sup>81</sup> Pelos motivos elencados adiante, os corinhos que foram executados nessa ordem não estão disponíveis em faixa alguma. O que consegui para a lista da tese no *YouTube* é [uma aproximação](#), a partir de canções cujos refrãos são versões do que foi cantado no culto.

<sup>82</sup> Cantigas são canções compostas em dois, três ou quatro versos, sem refrão.

<sup>83</sup> Pontos de terreiro também chamados de cantigas de candomblé ou pontos de umbanda são cantigas utilizadas pelas religiões de matriz africana no exercício de sua fé. Sobre isso, é interessante que o baião é comumente tido como derivado do baiano, uma variação do lundu, que por sua vez é um conjunto de cantos introduzidos no Brasil através do batuque dos escravos vindos de Angola. Predomina neles o compasso binário, dois por dois (2/2), que é também o adotado em muitos corinhos de fogo, a despeito de fazer pouco presente nos hinários oficiais – veja, como exemplo, o caso da *Harpa Cristã* no trabalho de Souza Júnior (2011). Talvez o baião e o lundu tenham algo a relevar sobre a afinidade entre pontos de terreiro e corinhos de fogo que tanto intrigou Albuquerque Júnior (2018).

<sup>84</sup> Letra: “Eu fico triste quando eu entro numa igreja / E aí não vejo o poder pentecostal / Eu logo vou dando um jeito de sair, porque? / Porque eu gosto é de ver o fogo cair // Porque o fogo lá do céu não faz mal pra ninguém / Porque o fogo lá do céu não faz mal pra ninguém / Porque o fogo lá do céu não faz mal pra ninguém / Porque o fogo lá do céu não faz mal pra ninguém [...]” (DUO CELESTIAL, 198-, np.)

mais interna dos ouvidos, atingindo em cheio o labirinto<sup>85</sup>, o que faz o corpo se mexer e coloca o coração para bater literalmente no ritmo da música (BERSAN, 2008). Eles vibram no corpo humano de um jeito que são mais sentidos que ouvidos. Só são escutados acima de 80 decibéis, o que ajuda a explicar porque muitas vezes o volume do culto incomoda os vizinhos das igrejas (BERSAN, 2008). Se isso é verdade, não seriam os sons parte constitutiva da fé? É com corinhos de fogo que se “converte” o pandeiro, um dos instrumentos mais baratos para a produção de graves. De toda forma, quando toca um corinho de fogo, De Paula (2016), Ferreira (2017) e Albuquerque Júnior (2018) concordam que há grande alegria entre os crentes pentecostais. É o que vi no culto que tomei por referência.

Enquanto isso, os jovens vão se sofisticando musicalmente nos acampamentos (só nos acampamentos). Até os anos 1970, ainda havia nas igrejas protestantes de missão uma discussão a respeito da possibilidade de se compor o que não está nos hinários, pois criar alguma coisa para além deles “era algo quase herético” (HISTÓRIA..., 2018). Esse é o testemunho de Gerson Ortega<sup>86</sup>, que integrou uma das equipes de um projeto que seria decisivo na mudança do cenário, o Vencedores por Cristo. Surge no Brasil como instituição paraeclesiástica através de Jaime Kemp, um missionário estadunidense que aqui chegou em 1968 com o objetivo de treinar uma equipe de jovens para o anúncio de sua fé através da música (HISTÓRIA..., 2018). O êxito que enxergou na primeira equipe lhe despertou o desejo de formar outras, de modo que Gerson Ortega integrou a décima sexta (HISTÓRIA..., 2018). Ano após ano, jovens de diferentes igrejas se reuniam no período de férias escolares para o estudo da Bíblia e da música, dividindo-se em equipes que compunham e faziam versões de canções estrangeiras. Jaime Kemp se retirou da liderança em 1978 a fim de que o projeto passasse a ser comandado por brasileiros, estimulando a criação local (HISTÓRIA..., 2018).

Esses grupos se apresentavam em espaços públicos, atraíam pessoas, pregavam e oravam por elas. Um processo que corre em paralelo à Cruzada Nacional de Evangelização, um movimento pentecostal de cultos de intercessão por cura divina realizados em tendas ao som de guitarras, que deu origem à Igreja do Evangelho Quadrangular (ROSA, 1978). É o clima em que surgem as primeiras bandas de rock dos crentes. Vez em quando aconteciam grandes encontros de equipes e bandas. Diz Ortega que foi num deles, realizado em 1985 em

---

<sup>85</sup> Conjunto das estruturas do ouvido interno repleta de tubos cheios de um líquido cujo movimento está relacionado ao equilíbrio do corpo.

<sup>86</sup> Médico e músico paulista dedicado ao trabalho relacionando fé e música desde os anos 1970, hoje trabalha com foco em adoração. Foi um dos palestrantes no módulo da Escola Adorando de que eu participei em 2016. Mais informações no site disponível em < <http://www.hinologia.org/gerson-ortega/> >. Acesso em 3 jan. 2019.

Brasília, que o então presidente José Sarney<sup>87</sup>, ao visitar e receber uma oração, teve a ideia de inserir nas cédulas do dinheiro a inscrição “Deus Seja Louvado” (HISTÓRIA..., 2018).

As igrejas seguiam em discussão. Segundo Ortega, alguns pastores chegaram a quebrar LPs de Vencedores por Cristo no púlpito (HISTÓRIA..., 2018). Os jovens, por sua vez, seguiram inovando nos encontros de férias. Em termos de harmonia, é quando as nonas e as sétimas aumentadas “se convertem” (HISTÓRIA..., 2018). Elas chegam à igreja antes das próprias composições em que eram usadas. Como ainda não se podia usar aquilo que se compõe no culto da igreja, resolve-se renovar harmonicamente os hinos então oficiais. Só que até isso dá problema. Volta em meia algum irmão questionava: “essa nota aí tá errada, não tá não?” (HISTÓRIA..., 2018). De toda forma, a complexidade harmônica e poética das novas canções as distanciava da noção de corinho. Todavia, não atingiam o status de hino, ganhando a acunha de cânticos.

O aparente critério da sofisticação musical utilizado para separar os corinhos dos hinos não se aplica à relação destes com os cânticos. Apesar da introdução de novas nuances harmônicas, o “estilo formal muito se parecia com o próprio hino oficial” (DOLGHIE, 2007, p. 208). Sendo assim, o único motivo para corinhos e cânticos serem tomados em conjunto e classificados em oposição aos hinos é o fato de serem marginais ao ambiente institucional. Tal clivagem era e ainda é comum entre crentes, mas o critério dificilmente é colocado nestes termos. É essa produção não oficial que vai paulatinamente compondo o que hoje é conhecido como gospel no Brasil.

As canções oficiais tinham a segurança dos hinários, as novas não. Sua sobrevivência demandou distanciamento da tutela eclesiástica, o que se tornou viável quando leigos, alguns sob influência das organizações paraeclesiásticas, criaram as primeiras gravadoras brasileiras voltadas para a sua produção. Como instituições de mercado, as empresas de gravação proporcionaram às expressões de fé não oficializadas a possibilidade de serem fixadas, primeiro em LPs, depois em fitas cassetes. Transformá-las em mercadorias foi essencial para que pudessem ser trocadas, transmitidas para além dos acampamentos e, assim, disseminadas entre os crentes. Adquirir álbuns com canções utilizadas nos encontros era essencial para que pudessem aprender a cantá-las e executá-las em seu próprio lazer (DOLGHIE, 2007).

As equipes de Vencedores por Cristo fomentaram os primeiros grupos de louvor. É delas que surge, por exemplo, o primeiro conjunto musical a se chamar de “Ministério de

---

<sup>87</sup> Foi o 31º presidente do Brasil. Na verdade, era vice e assumiu após a morte de Tancredo Neves, então o primeiro presidente eleito por voto direto após a redemocratização. Sarney governou o país durante o conturbado período da constituinte e, mesmo católico, tinham aproximação com a bancada evangélica.

Louvor e Adoração” no Brasil, o Milad<sup>88</sup>. Músicos formados por instituições leigas, de posse de canções diferentes das até então utilizadas nos cultos, começaram a transformar esse trabalho em profissão, criando álbuns para a venda e shows mais profissionalizados (HISTÓRIA..., 2018). Com o sucesso no meio evangélico, esse formato inspirou outros crentes a se reunir no tempo livre para ensaiar e criar apresentações. Na ausência de instrumentistas, muitos criavam grupos vocais e, para isso, foi essencial chegada ao Brasil do *playback*, o tipo de gravação musical que contém todos os arranjos sem a voz principal, utilizada hoje nos karaokês (DOLGHIE, 2007). Essa tecnologia veio a se tornar usual no âmbito das pequeninas igrejas pentecostais periféricas com dificuldade no acesso a músicos e aos próprios instrumentos. Há um exemplo no documentário de João Moreira Salles sobre o surgimento de uma igreja no Rio de Janeiro (SANTA CRUZ, 2000, 00:34:23).

Uma das características dos primeiros grupos de louvor era o fato de serem interdenominacionais (DOLGHIE, 2007). A paixão pela música excedia as diferenças institucionais e teológicas. Contudo, isso entrava em tensão ao penetrar no ambiente eclesial. A tese de Dolghie (2007) detalha a difícil adaptação das igrejas presbiterianas do Brasil a essa nova realidade, apresentando diversos conflitos entre a juventude inovadora e os anciãos tradicionais. As novas canções, diz um dos relatos: “não eram os hinos cantados pelos nossos pais, pelos nossos avós, eles simbolizavam uma ruptura com o passado” (DOLGHIE, 2007, p. 209). É a crise de transmissão religiosa de que nos fala Hervieu-Léger (2005, 2015). Instaurou-se então um dilema nas instituições religiosas: o que fazer com esses músicos?

No caso dos evangélicos de missão, as respostas foram ambíguas, pois, embora fosse interessante manter os jovens “na presença de Deus, longe do mundo”, muitas práticas que vinham a reboque da nova produção musical causavam desconforto, tais como bater palmas e levantar as mãos, especialmente porque o emocionalismo despertado era associado às práticas pentecostais (DOLGHIE, 2007, p. 210). Mas não vejo motivos para acreditar que essas reações tenham sido menos problemáticas em igrejas pentecostais estabelecidas há mais tempo. Lembremos que a nova produção musical, incluindo os corinhos de fogo, também não constava na *Harpa Cristã*. O resultado é que as igrejas tiveram dificuldade para acomodar novas canções e, não raras vezes, o resultado foi ruptura e criação de novas denominações nas quais elas pudessem ser utilizadas no culto. É o que parece estar na origem das diversas comunidades que surgiram no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, tais como o Projeto Vida

---

<sup>88</sup> Gerado da 41ª equipe de Vencedores que continha componentes que vinham discutindo a possibilidade de viverem apenas de música e assim o fizeram a partir de 1985. Mais informações no site disponível em < [http://www.vpc.com.br/website/exibe\\_txt.asp?conteudo\\_txt=132](http://www.vpc.com.br/website/exibe_txt.asp?conteudo_txt=132) >. Acesso em 3 jan. 2019.



Nova de Irajá (Zona Norte), a Comunidade Internacional da Zona Sul, a Comunidade Evangélica de Nilópolis, a Comunidade Evangélica da Vila da Penha, todas inicialmente associadas à música e à juventude.

Diante disso, penso que é questionável a ideia corrente de que o mercado fonográfico percebeu o crescimento das igrejas evangélicas e, em busca de lucro, se especializou para atender essa demanda. Os departamentos dedicados ao gospel nas grandes empresas fonográficas só surgem nos anos 2000 (BANDEIRA, 2017, p. 215). A relação entre oferta e demanda não é uma via de mão única, pois elas podem criar uma a outra, reciprocamente, por conta dos significados culturais que circulam com os produtos (MCCRACKEN, 2003). Logo, inspirado em Hervieu-Léger (2015) e Smith (2006), eu ousaria dizer o contrário. É o empreendimento mercantil leigo que abriga uma produção musical religiosa não oficializada pelas igrejas hegemônicas e a dota de publicidade via compra, estimulando tanto rupturas eclesiais, quanto novas conversões que, por sua vez, contribuem para a emergência de novas igrejas.

Antes de chamar a atenção da grande indústria fonográfica, a produção musical dos crentes foi abrigada em gravadoras criadas por eles mesmos. A MK Music, com sede no Rio de Janeiro, é uma das que mais cresceu<sup>89</sup>. Gerida por uma família ligada às Assembleias de Deus, estimulou o encontro dos corinhos de fogo com uma nova dinâmica musical. Assim surge o pentecostal como subgênero do gospel nos anos 1990. Instrumentos eletrônicos são incorporados e as letras se tornam mais complexas, mas mantendo as temáticas ligadas à cosmologia pentecostal:

Trata-se de músicas inspiradas, na maior parte das vezes, no ritmo do forró, com letras que explicitam especialmente o poder da divindade contra as investidas do demônio ou descrevem passagens da bíblia, quando Deus exorta os fiéis. Estes hinos são entoados com voz estridente e com muita personalidade (DE PAULA, 2016, p. 70).

É o contexto em que Rose Nascimento torna-se uma espécie de “diva pentecostal” (DE PAULA, 2016). Mas a MK Music cresceu trabalhando com um espectro mais amplo de sonoridades, não apenas pentecostais. O que tinha afinidade com as comunidades fluminenses, já que seus fundadores evitaram nomeá-las como protestante ou pentecostal,

---

<sup>89</sup> Empresa criada por Marina de Oliveira, juntamente com uma sócia chamada Kathia (daí o MK). A princípio era uma agência de publicidade. Marina ficou com a empresa quando seu insucesso levou ao fim da sociedade. Com o apoio dos pais, Arolde e Yvelise, ela, que já havia gravado um trabalho como cantora, reformulou a empresa como gravadora. O pai adquiriu uma rádio em 1992 e isso deu origem ao Grupo MK de Comunicação, presidido pela mãe. Site disponível em: < <http://www.mkmusic.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.



buscado apresentar-se com maior generalidade. O título de “evangélica” refletia isso. Elas se desenvolveram favorecendo a relação entre diferentes matrizes teológicas e estimulando a produção de seus músicos. Essa é a origem de vários protagonistas do mundo gospel de hoje. Quando algumas dessas comunidades se associaram à MK Music nos anos 1990, parte de sua produção se tornou amplamente conhecidas entre os crentes.

Entre as canções que se tornaram hits nessa época, destaco a que cantei no “culto de oportunidades”. Na ocasião, todos estavam contribuindo com o louvor e pareceu-me uma falta de consideração com as pessoas que me receberam dizer que estava ali “apenas para pesquisar”. Por isso, quando a diaconisa perguntou se eu queria a “oportunidade”, num primeiro momento disse que não, mas quando ela insistiu, fiquei constrangido de não aceitar. Ela indicou para a mulher que estava coordenando as apresentações e desse momento até ser chamado, eu, desprevenido, fiquei revirando as minhas memórias, aflito em relação ao que ia escolher para cantar à frente de uma igreja, uma coisa que eu não fazia há bastante tempo... Pouco antes de isso acontecer veio à minha mente a canção que minha mãe tanto gostava de ouvir no rádio e cantar quando se converteu ao pentecostalismo: *Rompendo em Fé*<sup>90</sup>.

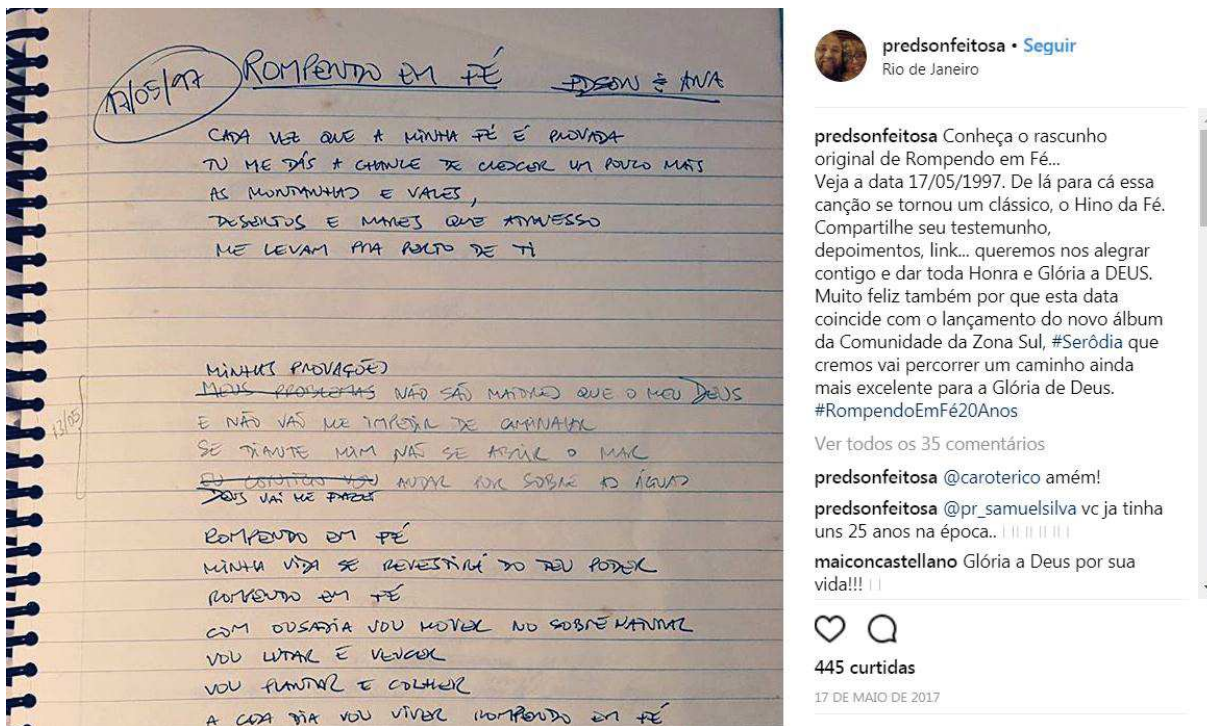
Assim se deu a minha escolha. A maioria dos presentes cantou comigo essa composição de Edson Feitosa, um dos fundadores e atuais líderes da Comunidade Evangélica da Zona Sul, fundada no início dos anos 1980. Ele e sua esposa, Ana Feitosa, podem não ser tão conhecidos no multiverso dos crentes, mas suas canções o são, especialmente aquelas que foram gravadas por Aline Barros. É do casal a composição de *Fico Feliz*, citada anteriormente. Quanto a *Rompendo em Fé*, Edson exibe em uma de suas publicações no *Instagram*<sup>91</sup>, o rascunho da letra escrita entre os dias 13 e 17 de maio de 1997 (vide figura 7). O comentário à publicação dá uma dimensão do que aconteceu. A “canção se tornou um clássico, o Hino da fé”. É via mercado, com grande contribuição da empresa *MK Music*, produzindo e distribuindo álbuns com canções criadas no âmbito da comunidade em questão, que uma delas adquiriu o status de “hino”.

---

<sup>90</sup> Letra: “Cada vez que a minha fé é provada / Tu me dás a chance de crescer um pouco mais / As montanhas e vales, desertos e mares / Que atravesso me levam pra perto de Ti // Minhas provações não são maiores que o meu Deus / E não vão me impedir de caminhar / Se diante de mim não se abrir o mar / Deus vai me fazer andar por sobre as águas // Rompendo em fé / Minha vida se revestirá do Teu poder / Rompendo em fé / Com ousadia vou mover no sobrenatural / Vou lutar e vencer, vou plantar e colher / A cada dia vou viver rompendo em fé” (FEITOSA, FEITOSA, 1998, np.).

<sup>91</sup> Recurso virtual que permite a publicação de imagens e vídeos, criando redes sociais. Disponível em: <<https://www.instagram.com/?hl=pt-br>>. Acesso em 19 jan. 2019.

Figura 7 – Rascunho da canção *Rompendo em Fé* de Edson Feitosa



17/05/97 ROMPENDO EM FÉ EDSON FEITOSA

CADA VEZ QUE A MINHA FÉ É PROVADA  
TU ME DÁS A CHANCE DE CRESCER UM POUCO MAIS  
AS MONTANHAS E VALES,  
DESERTO E MARES QUE ATRESSO  
ME LEVAM PRA ROLTO DE TI

~~MINHAS PROVAÇÕES~~  
~~MEUS PROBLEMAS NÃO SÃO MATHIAS QUE O MEU DEUS~~  
E NÃO VÃO ME IMPEDIR DE CAMINHAR  
SE TRAVE MIM NÃO SE TRAVE O MAR  
~~EU CORTAREI O MAREL POR SOBRA DO ÁGUA~~  
~~DEUS VAI ME PROTEGER~~

ROMPENDO EM FÉ  
MINHA VIDA SE REVESTIRÁ DO TEU PODER  
ROMPENDO EM FÉ  
COM OUSADIA VOU MOVER NO SOBRENATURAL  
VOU LUTAR E VENCER  
VOU FANTASIA E COLHER  
A CADA DIA VOU VIVER ROMPENDO EM FÉ

predsonfeitosa • Seguir  
Rio de Janeiro

predsonfeitosa Conheça o rascunho original de Rompendo em Fé...  
Veja a data 17/05/1997. De lá para cá essa canção se tornou um clássico, o Hino da Fé. Compartilhe seu testemunho, depoimentos, link... queremos nos alegrar contigo e dar toda Honra e Glória a DEUS. Muito feliz também por que esta data coincide com o lançamento do novo álbum da Comunidade da Zona Sul, #Serôdia que cremos vai percorrer um caminho ainda mais excelente para a Glória de Deus. #RompendoEmFé20Anos

Ver todos os 35 comentários

predsonfeitosa @caroterico amém!

predsonfeitosa @pr\_samuelsilva vc ja tinha uns 25 anos na época. | | | | | | | | |

maiconcastellano Glória a Deus por sua vida!!! | |

445 curtidas

17 DE MAIO DE 2017

Fonte: Publicação do compositor em seu perfil público no Instagram, disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BUMeOmwIj2/?taken-by=predsonfeitosa> >. Acesso em 2 jun. 2018.

O pressuposto da centralidade institucional pode ofuscar aspectos da relação entre crentes, canções e igrejas. Quando a literatura especializada trata da passagem dos cânticos ao gospel, geralmente coloca a Igreja Renascer em Cristo no centro da análise. Magali Cunha afirma que “Gospel é uma expressão relacionada à música que se popularizou no Brasil no início dos anos 90 [...] diretamente relacionada à Igreja Renascer em Cristo” (CUNHA, 2007, p. 67). Até quando é apresentado o responsável por isso, tal informação vem atrelada ao fato de ser fundador da igreja. É o que faz Dolghe quando coloca que “o cântico ganhou nas mãos hábeis do especialista de marketing e líder da Igreja Renascer em Cristo, Estevam Hernandes, o salto conceitual e transformou-se em ‘música gospel’” (DOLGHIE, 2007, p. 228). Isso acaba sugerindo a informação errônea de que é uma instituição eclesial que está no centro da transição. A história é diferente quando contada pelo próprio Apóstolo Hernandes, como se tornou conhecido:

[...] aconteceu uma reviravolta na minha casa que quase matou de desgosto a minha avó materna: meus pais se converteram e fomos para uma igreja evangélica pentecostal. Fui também; a princípio resistente, só para acompanhar meu pai, até que um dia fui alcançado pelo amor de Deus na porta da igreja mesmo. Entrei, ajoelhei-me e tive uma forte experiência com Deus, senti a presença do Espírito Santo e tive a certeza que era isso que eu queria.

[...] Meu pai nunca me obrigou a ir à igreja. Eu fui com eles, mas permaneci por uma convicção, por uma experiência que tive com Deus. [...] ficava preocupado com as pessoas que chegariam à igreja e teriam que passar pelas mesmas coisas que eu, enfrentar a incoerência dos religiosos. Queria pregar sobre o amor de Cristo, mas como seria quando essas pessoas viessem à igreja com todas aquelas imposições? Nem todo mundo suportaria.

[...] Apesar de tudo, não pensava em deixar a igreja. [...]. Organizei uma votação, fiz uma eleição com cédula, urnas, campanha, tudo o que uma democracia tinha direito. Os religiosos, mais uma vez, ficaram escandalizados, especialmente porque fui eleito.

Ao tomar posse como presidente da mocidade, comecei a mudar tudo. Mudei a *forma do louvor*, comecei a fazer reuniões e acampamentos, coisas que eles nunca tinham feito. [...] Estávamos em 1971 e eu tinha 17 anos. (HERNANDES, 2013, p. 94, 96, 97, destaque meu).

O relato reflete um contexto em que a fé é validada mais pela experiência individual que pela instituição, com teoriza Hervieu-Léger (2015). Quando surgem novas experiências, elas exercem pressão sobre o que está instituído e isso pode se tornar extremamente desconfortável. O inovador se sente no direito de exercer sua liberdade. Os responsáveis pela guarda da tradição sentem suas referências ameaçadas. O desgaste da relação leva a uma ruptura. É o que aconteceu no dia em que os “religiosos” solicitaram que a família de Estevam, agora casado com Sonia Hernandez, grávida na ocasião, não viesse mais à igreja, “pois a sua presença causa constrangimento” (HERNANDES, 2013, p. 99).

A história do multiverso dos crentes não é a história de instituições e sim de pessoas criando e recriando, instituindo e desinstituindo. No caso de Estevam, a área musical sempre foi um dos setores que queria transformar desde a sua juventude. Ele conta que, após o episódio citado, abriu a sua própria casa para “todos que desejassem conhecer a revolução de Jesus Cristo” (HERNANDES, 2013, p. 103). Ali já estava em germen a igreja que ele fundou, mas os primeiros a frequentar a casa ao ponto de passarem a morar com o casal foram doze jovens músicos roqueiros que buscavam se recuperar do vício em drogas (HERNANDES, 2011). Acabaram se tornando Katsbarneia, tida pelo casal Hernandez como a “primeira banda de rock gospel do Brasil” (HERNANDES, 2011, p. 13, 14).

Vista dessa forma, a passagem dos cânticos ao gospel soa mais como fruto de contingências, sejam elas obra do acaso ou providência divina, do que uma ação premeditada de um especialista em marketing. Quando a bibliografia enfatiza a formação de Hernandez em marketing e sua atuação na área comercial da *Xerox do Brasil*, sugerindo que é isso que o inspira a patentear o “gospel”, essa informação deveria vir acompanhada do fato de que ele nunca conseguiu de fato fazer valer os seus direitos sobre a marca (BANDEIRA, 2017).

A meu ver, a contribuição do casal Hernandez é outra. É ter mudado a tecnologia padrão de distribuição da nova produção musical dos crentes, fazendo-a se desprender da necessidade do armazenamento do áudio ao projetá-la via rádio, algo que a IPDA já havia proporcionado aos corinhos de fogo. Isso barateou o acesso, porque não dependia mais da compra de discos de vinil, fitas cassete ou CDs, bem como os equipamentos necessários para a reprodução (DIAS, 2008). Bastava um aparelho de rádio. Era a desinstitucionalização do consumo das canções que agora se acomodavam em outra esfera, a midiática. Ela surge com os meios de reprodução que não dependem mais da aquisição do suporte fixo do conteúdo.

É através desse tipo de mídia que minha mãe, em um cenário de dificuldade financeira, teve acesso às novas canções, como a *Rompendo em Fé*. Lembro-me até hoje uma das vezes em que tivemos um desentendimento, aos 14 anos, quando recebi meu primeiro salário e minha atitude imediata foi passar em uma loja de artigos evangélicos e comprar o CD original *Exaltado*, do ministério Diante do Trono. Ela achou um absurdo eu gastar dinheiro com aquilo, enquanto ela tinha dificuldade para comprar comida. Sua revolta demonstrava não apenas nossa condição de classe, mas também sua indisposição para adquirir os meios que por muito tempo foram necessários para acessar novas canções. E sua posição fazia todo o sentido, pois, na época, nem aparelho de reprodução de CDs a gente tinha em casa. Eu comprei pensando em escutar no aparelho da igreja, fora do horário dos cultos. Mas o fato é que via rádio o custo do acesso à produção musical dos crentes era bem mais baixo. A tarja gospel tornou-se a identidade midiática da produção marginalizada que, com o aumento exponencial do consumo, inviabilizou qualquer reivindicação de direito à marca.

Diz Estevam Hernandez (2013) que antes de se inserir na mídia, as transmissões evangélicas no rádio eram mais voltadas a não crentes, com pregações visando a conversão, ou se limitavam a transmitir o próprio culto, tal como acontecia. De outra forma, ele realizou transmissões com conteúdo essencialmente musical, criando programas dedicados à veiculação de novas canções, o que impactou crentes e não crentes:

Naquela época, se alguém quisesse escutar música cristã tinha que recorrer às fitas cassetes ou LPs. A partir dessa programação que assumimos na Rádio Imprensa – e que passou a se chamar Imprensa Gospel –, as pessoas ligavam seus rádios no carro, em casa, onde fosse, e ouviam música cristã de todos os ritmos, em português, em inglês. Ficavam impactadas e ligavam emocionadas para a rádio, contando milagres que estavam vivendo, as mudanças que *a rádio estava provocando* em suas vidas, casas, famílias. Uma verdadeira revolução! (HERNANDES, 2013, p. 159, destaque meu).

O relato é sobre o final da década de 1980. Não demorou para que eles, na década seguinte, se inserissem em outros meios, como a televisão, e foi por essas frequências que Magali Cunha realizou a pesquisa que vem servindo de base para grande parte da bibliografia sobre o gospel no Brasil (CUNHA, 2004). É isso que tornou corrente na Academia a ideia de que o gospel brasileiro conforma uma cultura, caracterizada pelo entrelace entre religião, mídia e entretenimento (BANDEIRA, 2017). Na dança entre as esferas, as canções ganharam o suporte que as igrejas nem sempre deram. Os crentes puderam compor seus próprios cantos e, de certa forma, se tornavam independentes das instituições eclesiásticas. A bem da verdade, é preciso dizer que muita gente que tinha resistência em entrar em igrejas evangélicas teve o primeiro contato com a fé dos crentes fora delas:

A partir de nossa entrada na Rádio Imprensa e do momento em que começamos a anunciar o endereço da igreja, as reuniões das segundas-feiras à noite na Lins de Vasconcelos ficaram superconhecidas [sic] em toda a cidade. Apareciam pessoas de todas as religiões e credos; *muitos músicos*, drogados, *roqueiros*, *sambistas*, cabeludos, jovens e famílias inteiras. Era algo *alternativo* que explodiu, definitivamente. Então, passamos a ocupar a parte principal do prédio da Lins de Vasconcelos – que anteriormente abrigava um cinema.

Construímos uma plataforma bem alta, que *funcionava como palco*, arrancamos o carpete velho e deixamos o piso no cimento bruto, no contrapeso. A cada semana, bandas diferentes se apresentavam ali, alternando vários estilos, mas *nenhum ritmo era proibido*; o *rock*, no entanto, acabou prevalecendo. (HERNANDES, 2013, p. 165, destaque meu).

Antes de ser apóstolo, Estevam Hernandes tornou-se radialista. A mídia fazia o consumo das canções ganhar escala. O que reverbera na criação de uma igreja “alternativa”. Sobre as primeiras reuniões a que Estevam se refere, sua esposa conta que são as que passaram a ser realizadas no porão de uma igreja árabe de São Paulo, quando sua casa já não comportava mais o número de participantes (HERNANDES, 2011). Não seria demais supor que crentes de outras igrejas também frequentavam. Dolghe (2007) conta que a tentativa de utilizar o rock no culto era um dos grandes motivos do conflito geracional que se estabeleceu entre presbiterianos paulistas. Mas esse estilo era bem aceito no ambiente fomentado pelo casal Hernandes.

Quando se cria uma inovação como essa, um leque de possibilidades se abre e várias restrições tradicionais podem ser subvertidas. Isso está no âmago da infinidade de estilos que passaram a ser utilizados em canções de fé compostas a partir da década de 1990 no Brasil. Mas quando se coloca uma igreja no centro do processo, tem-se a ilusão que umas são menos institucionais que outras. Quando um modelo se estabelece, passa a servir de parâmetro e,



com os anos, surgem guardiões da nova tradição criada, que muitas vezes nem são ligados ao líder da instituição. A própria Renascer em Cristo, fruto do processo inovador descrito acima, não escapa a isso, o que é percebido pelo Apóstolo Hernandes quando diz que “mesmo em uma igreja em que a religiosidade é denunciada e combatida constantemente, como a nossa, pode nascer uma erva daninha em meio ao concreto” (HERNANDES, 2013, p. 100). O que ele chama de religiosidade é o que eu chamo de guardar a tradição.

No fundo, uma igreja, ainda que inovadora, também tem sua institucionalidade. No ambiente moderno, é essa característica que as torna ambientes de constante tensão entre gerações (HERVIEU-LÉGER, 2015). O multiverso dos crentes é um excelente contexto para perceber como inovações tecnológicas influenciam esse processo, gerando “desencaixe” (GIDDENS, 1991). Crentes de diferentes opções teológicas estão em relação, mas de modo tão distanciado que escapa a si mesmos. E, em meio a tudo isso, estão aqueles responsáveis pela música das igrejas. Eles podem viver em universos paralelos aos demais crentes e é isso que preocupa *Marcos With*, cantor mexicano influente na música cristã a nível internacional, quando escreve *¿Que hacemos com estos musicos?* (WITH, 1995). A obra se tornou influente por tocar esse drama institucional que não pertence apenas ao Brasil. É por isso que a obra ganhou várias versões, inclusive para o português (WITH, 2008). Entretanto, esse autor foca nos dilemas morais que podem surgir quando os músicos levam uma vida da qual as igrejas não têm conhecimento. Diferentemente, o que me interessa nesse estudo é que, em matéria de fé, o músico, em contato com outras esferas, pode se atrair por conteúdos divergentes daqueles acumulados na tradição de sua igreja, instaurando questões que não possuem respostas prontas. No fim das contas, uma das características fundamentais do multiverso que os crentes habitam é o fato de que a fé que é cantada na igreja sofre influência direta do que os músicos fazem em seu lazer e em seu consumo. Algo que não parece ser especificidade do contexto brasileiro. E esse é apenas o dilema básico do qual decorrem outros.

### 3.2 É “PADEIRO” OU “PALHAÇO”? MINISTROS DE LOUVOR NA DANÇA DAS INSTITUIÇÕES

O contexto que descrevi até aqui é complexo e repleto de nuances que não foram apresentadas. Fazer pesquisas multissituadas é reconstruir totalidades vividas de modo a captar contextualizações específicas de fenômenos de escala global (MARCUS, 1995). É impossível fazer isso sem deixar lacunas e pontas soltas. A descrição nunca consegue traduzir a totalidade por completo, por mais densa que seja (GEERTZ, 2008). É bastante difícil

reconstruir o conjunto de relações que de tão distanciadas no espaço-tempo, se desencaixam (GIDDENS, 1991). Mas é possível desvendar regularidades em meio ao caos aparente (MARCUS, 1995). No caso estudado, uma delas é o dilema do músico, alguém que é liminar entre o conjunto de expressões de fé da tradição de sua igreja e a nuvem de outras expressões que circulam por distintas esferas institucionais. Sobretudo porque cada uma delas possui lógica própria e não cessa de se desenvolver, gerando outros dilemas derivados. É possível rastreá-los através da trajetória pessoal de crentes envolvidos com música.

Quando a produção musical ainda não institucionalizada religiosamente foi disponibilizada via rádio, desprendendo seu consumo do ato de compra, tornou-se, também, midiática. Logo também foi exposta via televisão, o que deu margem a questionamentos entre os crentes a respeito da legitimidade desse processo. Quem via o aparelho como pecaminoso em si mesmo, questionava até os programas especialmente criados por evangélicos, mas a controvérsia acentuou-se sobremaneira quando suas canções de fé surgiram em programações criadas por não crentes nas redes de televisão de maior escala.

Uma das primeiras canções a passar por isso estava na voz de *Aline Barros*. Ela faz parte da nova geração de crentes criada na década de 1990 no ambiente das novas comunidades que abriam espaço para a produção musical própria. Ela conta como vivia:

Meu pai já fazia parte do louvor da Comunidade da Vila da Penha. E todos me viam cantando com ele na igreja nos intervalos do culto, me achavam afinadinha e começaram a me chamar para cantar em casamentos. Eu tinha 5 anos, uma voz fininha, aguda e cantava sempre a mesma música, uma adaptação do Salmo 128. Meu pai amava essa música, que é muito alta e só uma vozinha de criança mesmo para alcançar as notas.

[...] Eu ensaiava em casa, colocava o vinil, cantava com o grupo, para aprender também a música. Depois, meu pai chegava em casa, pegava o violão, e ficávamos os dois na sala do nosso apartamento na Rua Belisário: meu pai passava comigo a música, ajudava, me corrigia, me mostrava onde eu havia semitonado<sup>92</sup>. Ele sempre foi muito perfeccionista e não deixava que eu cantasse errado, mesmo sendo criancinha. Dizia com carinho: “Preste atenção nessa notinha”.

[...] além de cantar em casamentos, vivia grudada ao meu pai nos ensaios do grupo de louvor da nossa igreja. Ficava fascinada com algumas cantoras, como a Ludmila Ferber – na época ela liderava o grupo de música e eu a chamava de Mila –, que tinha uma voz linda. Quando ela subia para dirigir um louvor, eu ficava quietinha, observando-a, admirando-a. gostava de passar perto dela, porque sabia que ela ia falar comigo, e eu ficava buscando uma oportunidade para poder estar juntinho dela. No dia em que o grupo da igreja foi gravar em um estúdio, pedi para entrar na sala de gravação, onde a

---

<sup>92</sup> Semitonar é soar uma nota abaixo do que rege a melodia de uma canção, geralmente acontece quando a voz é emitida de modo falho, não alcançando a nota desejada.



Mila ia colocar a voz. Prometi que não ia fazer barulho algum, e eles deixaram que eu ficasse vendo-a cantar com enorme deslumbramento. Era um mundo que me fascinava. (BARROS, 2010, p. 55-57).

Essas novas igrejas evangélicas criaram aparatos para desenvolver a nova produção, criando um ambiente que entrelaçava a vivência da fé com a vivência musical. Algumas crianças inseridas nesse contexto se iniciaram à música muito cedo. E esse é o caso de Aline. Na adolescência ela já estava gravando CDs profissionalmente e não demorou a ganhar publicidade:

Voltando à minha história, aos 12 anos, depois do batismo, me juntei ao louvor e dois anos depois gravei uma música em um elepê da igreja. Era um trabalho coletivo e cantei *A Tua Palavra* (Marcelo Mattos). Um ano e pouco depois, quando estava com 16 anos, gravei *Consagração*. Essa música estourou e ficou nove meses em primeiro lugar nas rádios evangélicas. (BARROS, 2010, p. 59).

Ainda que Aline cantasse em casamentos desde a infância, ela só passa a fazer parte da equipe responsável pela música no culto da igreja após se batizar. Esse é um marco de que, embora as práticas cotidianas fossem repletas de nuances, havia diferenciação interna entre música no lazer e música no culto, mesmo numa igreja inovadora. Serve de exemplo de como se mantém a ideia de que tempo livre e igreja são instituições distintas, mesmo que as práticas sejam fluídas. Todavia, as canções escorrem pelas duas esferas. Aquilo que era cantado na comunidade foi gravado em CD e disperso pelas rádios evangélicas. Assim surgiu *Tempo de Adoração*, lançado em 1994 e tido por alguns como um dos álbuns mais impactantes da história do gospel no Brasil<sup>93</sup>. Pouco a pouco ele se tornou conhecido de diferentes crentes cariocas e logo surgiu a ideia de marcar uma apresentação especial para lançá-lo, a fim de produzir uma filmagem em VHS. O local de gravação ficou lotado, muitos não conseguiram entrar. E a repercussão foi tanta que logo chamou a atenção da mídia de maior escala:

Foi um lançamento muito bonito, havia uma foto minha toda de branco ajoelhada no palco. Marlene Mattos, que dirigia o programa da Xuxa, viu essa foto estampada nas primeiras páginas dos jornais, escutou a música e me convidou para participar do programa.

Eu estava na casa do pastor Ari [líder da Comunidade Evangélica da Vila da Penha] com minha família e, não sei como, descobriram que estávamos lá. O telefone tocou e era alguém dizendo que era da produção da Xuxa para fazer um convite pra mim. Fala sério gente, eu achei que alguém estava me passando um trote. A ficha custou a cair, mas finalmente caiu. E ali mesmo

<sup>93</sup>Disponível em: < [https://www.supergospel.com.br/noticia\\_sites-cristaos-produzem-lista-dos-100-maiores-albuns-nacionais\\_7212.html](https://www.supergospel.com.br/noticia_sites-cristaos-produzem-lista-dos-100-maiores-albuns-nacionais_7212.html) >. Acesso em 8 jun. 2018.

demos pulos de alegria e agradecemos a Deus a oportunidade que estávamos tendo, como igreja, de cantar o amor de Deus para o Brasil na Rede Globo. Foi demais! (BARROS, 2010, p. 59).

A consequência é que no dia 29 de junho de 1996 Aline Barros apresentou-se no *Xuxa Park*, programa de auditório que na época era transmitido pela Rede Globo às manhãs de segunda a sábado. Ela estava entusiasmada com a ideia de “cantar o amor de Deus” em rede nacional. Mas antes de ser chamada, a apresentadora comentou:

Acho que vai ser a primeira vez que ela vai aparecer não apenas aqui no nosso programa, mas também em alguns programas, já que esse tipo de música fica mais restrito na televisão evangélica ou nas rádios evangélicas e é muito interessante a história, mas a música é muito bonita, a voz dela é uma coisa encantadora... (ALINE..., 2009, 00:00:05).

Xuxa Meneghel teve que preparar o público para a apresentação transferindo o foco da letra da canção para a voz de quem canta, a Aline Barros, que entrou no palco com os músicos com quem convivia em sua igreja. Ela cantou *Consagração e Louvor ao Rei*, criadas respectivamente por Anderson Mattos e Marcelo Mattos, dois irmãos muito envolvidos com o trabalho musical da Comunidade Evangélica da Vila da Penha. Mas desde a gravação original que as reuniu em faixas sequenciais, dificilmente são apresentadas em separado:

Ao rei dos reis consagro tudo o que sou  
De gratos louvores transborda o meu coração  
A minha vida eu entrego nas tuas mãos meu Senhor  
Pra te exaltar com todo o meu amor

Eu te louvarei conforme a tua justiça  
E cantarei louvores pois tu és altíssimo

Celebrarei a ti ó Deus com meu viver  
Cantarei e contarei as tuas obras  
Pois por tuas mãos foram criados terra céu e mar  
E todo ser que neles há  
Toda Terra celebra-te com cânticos de júbilo  
Pois tu és o Deus Criador (MATTOS, A., 1994).

A honra, a glória, a força e o poder ao Rei Jesus  
E o louvor ao rei Jesus (MATTOS, M., 1994a).

Isso era algo distinto do que a Rede Globo costumava transmitir pelas manhãs e poderia ser rejeitado como entretenimento, “mas a música é bonita demais” e “a voz é encantadora”, justifica Xuxa, assumindo o risco de a inovação não ser compreendida. Ela

parecia estar mais preocupada com uma má recepção do que a adolescente que cantava empolgada com a possibilidade de apresentar-se na TV. No fim das contas, Aline Barros tornou-se uma das primeiras pessoas a se tornarem conhecidas dentro e fora do multiverso dos crentes. E isso aconteceu quase que simultaneamente.

Ao apresentar-se em rede nacional, Aline não foi vista apenas por não crentes. Muitos evangélicos de outras regiões, do Rio de Janeiro e do Brasil, foram surpreendidos com o tipo de louvor entoado e com o próprio movimento que acontecia na região fluminense. Desde então “portas que eu não conhecia começaram a se abrir para mim, surgiram os primeiros convites para viajar. Eu ia com meu pai e era maravilhoso, apenas voz e violão, geralmente em igrejas (BARROS, 2010, p. 59). Como os músicos que se apresentaram na TV eram necessários à comunidade, no início da carreira, seu pai era o único que a acompanhava, mesmo depois de gravar seu primeiro CD solo: “Eu não tinha uma banda, algumas músicas cantava em playback e outras fazia voz e violão com meu pai, como sempre fizemos desde minha infância” (BARROS, 2010, p. 63). Mas o que mais me chama atenção é que foi por via do entretenimento que a cantora começou a ser chamada para cantar em igrejas. Crentes que tiveram acesso a ela via lazer queriam trazer algo desta experiência para o contexto eclesial em que viviam. Vista por este prisma, a ideia corrente de que tudo isso aconteceu porque a Rede Globo estava tentando se aproximar das igrejas evangélicas perde muito de seu potencial explicativo.

Isso não ocorre sem contradições. Num dos comentários ao vídeo dessa apresentação disponibilizado no *YouTube*, um dos inscritos na plataforma explica:

Lembro-me perfeitamente que os próprios evangélicos na época criticaram a menina. Disseram que ela estava se vendendo e indo para o lado do diabo, pois esta era a fama da Xuxa na época. Os anos se passaram e Aline continua sendo um fenômeno gospel. Obs. Não tenho religião, mas gosto de Aline Barros (ALINE..., 2009, np.).

Essa anotação reflete a influência da cantora entre não crentes, algo que volto a comentar ao longo da tese. Por hora, chamo a atenção para a percepção do internauta de que nem todo crente comemorou o que aconteceu. A apresentação se deu num programa especial intitulado *Minha Rainha* em homenagem à Xuxa, o que foi interpretado por alguns como um louvor de Aline à apresentadora. A crítica parece não ter se apercebido de que, embora estivesse diante da “rainha dos baixinhos”, a adolescente cantava sua consagração ao que para ela era o “rei dos reis”. Aline diz que na época “não pensava em carreira, tinha cabeça de menina, era só apaixonada por música, gostava de cantar, e de cantar pra Deus” (BARROS,

2010, p. 59,60). Parece que só alguém com esse perfil poderia passar por cima dos constrangimentos e encarar aquela nova situação com aparente naturalidade.

E essa foi apenas a primeira apresentação. Aline voltou outras vezes ao programa da Xuxa. Em uma delas, por ocasião de um especial preparado para o natal de 1999, Aline cantou *Fico Feliz*. Não seria totalmente absurdo supor que Xuxa teve alguma contribuição na escolha desta canção para ser cantada no “culto de oportunidades”, citado no início do capítulo, por alguém que queria um “corinho bem fácil para os irmãos poderem ajudar”:

É uma música simples, muito gostosa de cantar, pequenininha, de letra bem fácil, com várias repetições, uma música que parece não ter nada demais. Às vezes, porém, na simplicidade também se encontra a grandiosidade. E essa música aconteceu. Ela foi gravada com um coro de crianças, bem alegre, festivo. Em qualquer parte do Brasil até hoje, em todas as igrejas, se perguntar, tenha certeza, todos sabem cantar *Fico Feliz*. (BARROS, 2010, p. 76).

Essa participação infantil pareceu adequada ao programa da Xuxa e Aline Barros apresentou sua coreografia à frente de um grupo de homens vestidos de papai-noel<sup>94</sup>. Se surgiram alguns crentes que se opunham a esse tipo de exposição é porque eles estavam antenados com o que estava acontecendo na Rede Globo. E se alguns não gostaram, outros se agradaram. Tanto, que queriam trazer a Aline para se apresentar nos eventos de suas igrejas. Esse caso demonstra a direção do processo. Se até quando é apresentada na mídia mais geral, a canção pode atrair os jovens músicos das igrejas, muito mais a mídia especificamente criada por evangélicos. Desde que a produção musical dos crentes permeou as ondas do rádio, o impacto do lazer e do consumo naquilo que é cantado nas igrejas só cresceu, deixando de ser uma demanda só dos músicos.

As canções dos crentes, como expressões de fé, não são apenas uma relação com o que acreditam, mas também uma forma de se relacionarem entre si e com a própria vida. Os hinos nunca foram usados apenas nas igrejas, tendo papel central em diferentes situações (ALENCAR, 2012). Nas ocasiões de morte, por exemplo, podem ser uma forma de lidar com a dor. É o que conta Fernanda Brum a respeito do velório de seu avô paterno, com quem passou parte da infância realizando periódicos “cultinhos caseiros” ao som de “hinos consagrados”. Ela diz: “cantamos ao redor do caixão o hino *Alvo Mais Que a Neve*, da *Harpa*. Aquela música embalou nossas lágrimas por todo o culto fúnebre” (BRUM, 2013, p. 53). Sendo assim, as revoluções tecnológicas que facilitaram a transmissão da produção musical

---

<sup>94</sup> Apresentação disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=4mBk\\_y8bnmM](https://www.youtube.com/watch?v=4mBk_y8bnmM) >. Acesso em 5 jun. 2018.

não oficial permitiram que ela fosse incorporada à vida de diferentes tipos de crentes. Volto a isso no próximo capítulo. Mas essa realidade fez com que a incorporação das novas canções ao âmbito das igrejas se tornasse do desejo de diferentes tipos de crente.

Quando a demanda pelas novas canções surgiu sobretudo entre os jovens músicos, várias igrejas realizaram diferentes negociações e acomodações. Essa é a origem daquilo que ficou conhecido entre os crentes como “culto jovem”. Uma programação separada do restante da programação da igreja, na qual os jovens possam fazer o culto do seu jeito, com as canções que lhes agradavam. Na igreja a partir da qual realizei o primeiro ciclo de investigação, era nítido que as canções tocadas no culto de sábado não eram as mesmas executadas nos demais cultos, com poucas exceções. Especialmente voltado para jovens, ele acabava ganhando contornos diferenciados. Igrejas que adotaram esse procedimento a partir da década de 1980, amenizaram a tensão entre gerações. Os grupos mais tradicionalistas ficavam afastados das inovações, alocadas estrategicamente no espaço dos jovens. O problema é que, com o tempo, a demanda deixou de ser apenas deles.

Citei anteriormente que os assembleianos antigos tanto se apegaram a alguns hinos da *Harpa Cristã*, que isso complicou a recepção da própria edição do hinário (ALENCAR, 2012). Momentos chave como a “decisão por Cristo”, o batismo, o casamento e o enterro eram marcados por essa trilha sonora. Com sua mediação mais autonomizada, a produção não oficializada pôde ocupar também esse lugar. A própria decisão de mudar de religião muitas vezes não se dava na igreja, mas em outro local, motivada pelo que era cantado no rádio ou na TV. Ainda hoje é comum entre os crentes a noção da “canção que marcou minha conversão”, algo que descreverei melhor no próximo capítulo. Uma nova geração queria cultuar ao som daquilo que a havia encantado quando em seu lazer e consumo e percebia essa demanda como legítima. Muitos não haviam se deixado levar pelo gospel, como alguns críticos internos colocam, mas se tornado crentes exatamente a partir dele.

É mais um traço da subjetivação tipicamente moderna, pois ela implica em autogestão. Bourdieu (2007b) tornou-se conhecido nos estudos de religião no Brasil pelo seu artigo sobre o campo religioso. Nele, a religião é tratada como um campo relativamente autônomo da vida social, aspecto que tem sido mais enfatizado e que está no seio da noção de campo religioso brasileiro. Mas o autor também explora as abordagens sociológicas clássicas e deriva uma teoria sobre a disputa pelo monopólio dos “bens de salvação” (BOURDIEU, 2007b). Sua base teórica é a de que, no campo religioso, os especialistas que disputam entre si, só o fazem porque expropriam os leigos. O problema é que à medida que a modernidade avança, ocorre o que o próprio Bourdieu chamou de “dissolução do religioso” (BOURDIEU, 2004). Quando a fé se

escorre por outros campos, a busca pelo monopólio fica cada vez mais comprometida. A ampliação das condições de produção das próprias expressões de fé cria ajustamento da demanda e possibilita a “autogestão espiritual” (BOURDIEU, 2004, p. 124). Esse pesquisador diz isso a respeito da elevação do grau de instrução, mas pode ser estendido às inovações tecnológicas. É um contexto que cria pressão sobre o especialista religioso que de “dominante tende a se tornar dominado” (BOURDIEU, 2004, p. 125). Aplicando ao tema pesquisado, tem-se que, o nível local, cada autoridade eclesial foi coagida a assimilar na igreja as experiências de fé que os novos crentes tinham experimentado na autogestão de seu tempo livre.

Dumazedier (2002) já havia advertido que incorporar o lazer na religião pode ter resultados contraditórios. Gomes e Elizalde (2012) têm razão quando dizem que o lazer não tem fronteiras muito definidas com outros campos ao nível das práticas vivenciadas como fruição da cultura. A conclusão de minha pesquisa de mestrado foi exatamente na direção da fluidez entre religião e lazer (COSTA, W., 2015). Entretanto, ao nível institucional, o tempo livre gera valores próprios. Ao autonomizar certas práticas, ele permite que ganhem formatos específicos que, ao retornarem à esfera religiosa, podem se tornar bem controversos. Mas, nesse nível, a religião que é afetada pelo lazer também pode afetá-lo. Ainda que nesta tese eu esteja propositalmente descentralizando as divergências teológicas, elas são reais e podem gerar constrangimentos diversos. Cada músico fez suas opções, estejam elas em acordo ou não com a sua igreja. E é aí que surge o dilema: quando um pastor convida um cantor gospel para uma programação especial de sua igreja, ele quer o artista ou o crente?

Essa opção é impossível, pois se trata da mesma pessoa, mas nem todo crente se apercebe disso e daí podem surgir situações bem constrangedoras. Como a que passou Fernanda Brum no início de sua carreira, quando ela diz que acabava “confundindo sucesso com unção, chamado com arte, ministério com música” (BRUM, 2013, p. 196). Aconteceu em uma igreja da Flórida em 1999, num evento preparado como lançamento do álbum *O Que Diz Meu Coração*. Ela havia acabado de chegar do enterro de sua avó paterna e, sentindo sua perda, tinha vontade de mudar a direção de sua carreira. A descrição é longa, mas vale a pena pelo detalhamento:

À noite, ao chegar à igreja encontrei um sistema de iluminação montado no púlpito. Meu lançamento era esperado como um grande show. Eu estava sem banda, e quando olhei para o púlpito rejeitei imediatamente a ideia do show. Pensei com meus botões: “Eles estão equivocados quanto ao meu chamado”. O clima era bom, todos estavam vidrados no que seria cantado. Mas eu estava desconfortável, como se uma bomba ministerial estivesse pronta para explodir dentro de mim.

A igreja era bem tradicional, mas eu sempre soube entrar e sair desses lugares com destreza. Porém, nesta noite estava difícil suportar o que se



passava dentro de mim. Cantei algumas canções com o Emerson [Pinheiro] ao teclado e *playback*. Entre uma canção e outra, testemunhei; o culto estava comigo. Preguei como se fosse a última vez. Conteí meu testemunho de arrebatamento, conteí sobre o batismo com o Espírito Santo, quando falei em línguas aos quatro anos de idade. Conteí como havia confessado Jesus publicamente e como havia recebido a chama ministerial para voar aos quatro cantos da Terra pregando o Evangelho do Reino e do poder de Deus aos dezesseis anos.

Fiz o apelo, e vários jovens lotaram a plataforma com lágrimas nos olhos e joelhos dobrados, se arrependendo de seus pecados e clamando pelo poder do Espírito Santo. Fiquei muito feliz, pois o Deus da minha avó estava se manifestando através da minha vida de maneira inédita.

[...] Tudo parecia perfeito, quando fui interrompida pelo pastor da igreja que, aparentemente transtornado, tomou o microfone da minha mão e começou a “despregar” tudo o que eu havia pregado naquela noite – especificamente a parte sobre falar em línguas aos quatro anos de idade. A teologia dele não podia conceber que, aos quatro anos de idade, antes de confessar publicamente Jesus como Salvador, eu pudesse ter sido batizada com o Espírito Santo e falado em línguas. Eu nem falei em línguas no púlpito dele, apenas narrei uma experiência que me marcou a ponto de impedir que, aos dezesseis anos, eu continuasse no mundo sem Jesus. Foi um grande balde de água fria. Os jovens que choravam copiosamente não entenderam o que estava acontecendo e, confusos, se levantaram enxugando os olhos.

Fiquei gelada. O pastor me disse “Depois você vai embora, e eu fico aqui com problemas com a liderança, os diáconos e ministros”. Ele parecia ignorar o mover que acontecia no templo. Como uma espada fria a religiosidade teológica cortou ao meio toda a obra do Espírito Santo naquela noite. Ele seguiu esbravejando e repregando teologicamente todos os pontos em que podia pontuar seu pensamento contrário ao que eu havia dito ali. Quando terminou de me detonar publicamente, me perguntou: “Você poderia cantar *Amar você*<sup>95</sup>?”

Meus olhos pareciam saltar do rosto. Peguei o microfone e me desculpei diante da igreja. Em lágrimas, declarei: “Nunca foi minha intenção ofender a teologia de vocês. Também faço parte de uma igreja histórica e sou submissa à minha liderança. Lamento profundamente o transtorno”. Abaixei a cabeça e cantei *Amar você*. Desci daquele púlpito como se estivesse amputada de ambas as pernas. Agora não havia uma bomba, mas um rio de lágrimas pela vergonha e pelo zelo do Espírito Santo. Eu iria para a fogueira com minhas convicções e com minhas experiências profundamente verdadeiras – nunca, nunca, nunca inventadas.

Fomos para o gabinete. Eu não tinha condições de atender a ninguém; chorava como se um rombo varasse meu tronco. O pastor olhou para mim e,

---

<sup>95</sup> Essa canção foi incorporada à coleção *Amo Você* da MK e se tornou muito usada pelos crentes nas cerimônias de casamento. Letra: “Quando o amor toca o coração/Traz um sentimento maior que a paixão/Basta um olhar, um toque e nada mais/Pra fazer feliz, como só você me faz/Deus uniu as nossas vidas de uma vez/E cada dia é o primeiro outra vez/Como o primeiro olhar, nada nunca vai mudar/Não vai mudar, não vai mudar/Quando o amor toca o coração/O tempo para, a vida vira uma canção/E não há nada melhor do que amar você/Eu nunca vou te perder/Foi Deus quem me deu você/É como poder sonhar/E nunca acordar” (PINHEIRO, GUEDES, 1995, np.).



para me consolar e tirar a má impressão, disse: “Fernanda, minha querida, eu creio em tudo o que você disse, mas não podia ficar mal com a liderança”. “AAAAAAAAAAAAIIIIIIIIIIII!!!!” Chorei alto, como se Deus tivesse morrido. Não havia consolo para mim naquela noite. O pastor falou que, no dia seguinte, me enviaria para outra igreja onde tudo aquilo era normal. Emerson saiu comigo da igreja. Não havia nada que estancasse meu choro. Meu primo conhecia uma igreja avivada ali perto; seguiu para lá, parou o carro na porta e disse: “Aqui é diferente”. Eu saí correndo como quem corre para os braços do Papai, vasei violentamente as portas que davam acesso ao local de culto. Havia uma grande manifestação do poder de Deus: todos levantavam as mãos e adoravam enquanto um jovem profetizava no púlpito. Eu me joguei no chão, atrás das últimas cadeiras, enfiei o rosto no carpete bege que logo ficou alagado de lágrimas. Logo a notícia de que eu estava estirada no chão, lá atrás, chorando copiosamente, chegou ao pastor da igreja, que parecia adivinhar o que estava acontecendo. Depois, só me lembro de ser conduzida ao púlpito. Lá eu recebi uma palavra de refrigério, e o pastor pediu que eu cantasse uma canção.

Voltamos para a casa do meu primo. Eu não sabia o que me doía mais: ser chamada a atenção em público de maneira tão inédita ou ouvir do pastor que ele se condenava naquilo que aprovava. Era um contrassenso. Como ele podia negar publicamente o poder no qual ele acreditava e eu vivia? Meu estômago embrulhava, e eu fazia ânsia de vômito. Eu estava começando a amadurecer e ainda tinha muito o que aprender. Como menina, fui pega de surpresa.

Aprendi a ter mais cautela ao aceitar convites: ou avisava antecipadamente, sem perder minhas verdades, sendo sempre oportuna para falar do poder do Espírito Santo, ou simplesmente não aceitava o convite a fim de não viver situação constrangedora similar.

Hoje as pessoas que me chamam para ministrar sabem exatamente no que eu creio. Correm o risco e me levam mesmo quando discordam da minha maneira de crer. Eu creio no Batismo com o Espírito Santo, no dom de maravilhas, na ressurreição dos mortos, nas línguas estranhas, na interpretação de línguas, nas revelações e profecias segundo a Palavra de Deus, mas acima de tudo, no amor. Essas verdades estão para sempre fincadas como verdades eternas no meu ser. Essas verdades eu levo para a minha geração. Todos que saírem de mim aprenderão a unguir com óleo, a orar pelos enfermos, a expulsar demônios, a ouvir profeticamente a voz do Espírito Santo (BRUM, 2013, p. 203-206).

Nunca se tem certeza do que vai acontecer quando se entrega um microfone a um crente pentecostal. Credo que o Espírito Santo é com ele, pode agir de modo imprevisível. O caso demonstra que a abertura à nova produção musical não garante a ausência de conflitos. A cantora pode estranhar a estrutura gerada na expectativa de alguém para entreter. A canção que o pastor pediu, *Amar Você*, não é focada numa relação de fé, mas de amor entre um casal. O âmbito eclesiástico, por sua vez, pode ser hostil às convicções de quem é chamado a cantar. Enquanto cantora, Fernanda sempre conseguiu entrar e sair de igrejas não pentecostais sem grandes complicações, mas quando assumiu o papel de pentecostal, a confusão se estabeleceu.

Surgiram várias crises como essa e isso precisou ser racionalizado de alguma forma. A contribuição veio de Minas Gerais.

Já comentei dois principais eixos de irradiação do gospel no Brasil. O primeiro com epicentro na região metropolitana do Rio de Janeiro, a partir da multiplicação de igrejas mais afeitas à produção musical local, e o segundo estimulado a partir da região metropolitana de São Paulo, com a midiaticização de novas canções. A região metropolitana de Belo Horizonte (MG) constitui um terceiro. Se a partir do Rio irradiariam as novas instituições eclesiásticas e, da vanguarda paulista, novos meios de acesso a canções não oficiais, de Minas viria uma nova compreensão que daria aos músicos e às canções o sentido do seu novo papel.

Tudo começa no início dos anos 1980 com as visitas periódicas do casal Dan e Martin Duke e culmina na criação da Escola Adorando, o histórico descrito na última seção do capítulo anterior. Mas a escola não é a única consequência. Surgiu também uma espécie de teologia da adoração que se disseminou pelo multiverso dos crentes. Algo nesse sentido já existia nas novas comunidades evangélicas que surgiram a partir do RJ. Lembremo-nos que o CD da Comunidade Evangélica da Vila da Penha que projeta Aline Barros na mídia chamava-se *Tempo de Adoração*. É que a inspiração para o que acontece no contexto fluminense e o que acontece no contexto mineiro é a mesma, o Movimento de Jesus, ao qual tecei breves comentários no capítulo anterior ao descrever minha inserção na Escola. A diferença é a forma como foi adaptado no Brasil.

Com características *hippies* que lhe fazia insurgir contra as instituições vigentes, o Movimento de Jesus teve diferentes consequências no contexto estadunidense. Destaco duas: a disseminação de eventos criados a partir de formas leigas de associação e o surgimento de novas organizações eclesiásticas, as chamadas “igrejas do novo paradigma” (ROSAS, 2015). Nas duas inovações há centralidade musical. Nas novas igrejas, cujos líderes também eram músicos, as fronteiras entre o louvor e a pregação foram borradas, as expressões corporais foram estimuladas e valorizou-se a espontaneidade em detrimento da formalidade. Rosas (2015) fez uma lista das mais proeminentes nos Estados Unidos. Em sua avaliação, representam um “pentecostalismo mais brando” (ROSAS, 2015, p. 151). Essa nova forma de lidar com a música nos cultos oficiais é uma característica compartilhada pelas novas comunidades disseminadas a partir do Rio de Janeiro.

Já os eventos estão na própria origem dessas novas igrejas, uma vez que também se relacionam com a falta de espaço institucional para as novas práticas. É que a insatisfação não necessariamente leva à ruptura, algo que também ocorre no Brasil, como apresenta Dolghie (2007). Tratando dos encontros periódicos criados por associações leigas, ela descreve uma

juventude que vivia sua fé em dois mundos paralelos, o dos acampamentos e o das suas igrejas (DOLGHIE, 2007). Essa pesquisadora usa tal informação para defender a existência de uma demanda represada pela produção musical não oficializada. Contudo, há também a implicação de que, via lazer, é possível ter experiências de fé diferentes das fomentadas pelas igrejas, atenuando a divergência até que as próprias instituições assimilem as novas práticas. É isso que se tornou mais comum em Minas Gerais.

O casal Duke não desenvolveu sua missão em Belo Horizonte a partir de igrejas, mas de “cultos caseiros” que reuniam pessoas leigas envolvidas com música oriundas de diferentes tradições. Eles não eram vistos sem desconfiança. É só lembrar que Nelson Tristão disse-me em entrevista que teve negociar com o pastor Márcio a participação de Ana Paula Valadão, sua filha. Mas ela era adolescente e, nesse período, muitos pais crentes preferem seus filhos envolvidos com as coisas “de Deus” do que “do mundo”, sejam elas fomentadas pela igreja ou não. Em um de seus livros, Ana Paula diz que desde a infância participa de atividades que entrelaçavam fé e música realizadas fora do ambiente eclesiástico e que isso teve um papel central no que ela se tornou. Ela diz que: “dançando, cantando, evangelizando, intercedendo, tendo contato com pessoas de diferentes denominações e culturas, pessoas de outros países, tudo isso acendeu a chama do propósito de Deus pra mim” (BESSA, 2003, p. 34).

Como eu disse no capítulo anterior, esses grupos cresceram e se transformaram em eventos maiores, que se tornaram conhecidos em Minas Gerais. Entre eles, as conferências *Fogo e Glória*, que estão na origem do turismo evangélico mineiro estudado por Frossard (2006). Muitas pessoas, oriundas de diferentes ambientes eclesiásticos, encontravam-se periodicamente nestas conferências em busca de um espaço alternativo de exercício da fé. E aqui está a diferença primordial em relação à adaptação que se hegemoniza no Rio. Em Minas, ela se institucionaliza no lazer, vinculada ao tempo livre dos crentes que não precisavam necessariamente abandonar suas igrejas e isso lhe permite desenvolver características peculiares, que não seriam desenvolvidas no ambiente eclesiástico.

Igrejas, ainda que mais afeitas a novas experiências, precisam de um mínimo de regramento em suas rotinas. Os rituais se repetem ao longo do tempo e isso é muito comum. Escola Bíblica uma vez por semana, Santa Ceia uma vez por mês, batismo a cada três ou quatro meses. Ainda que as instituições não pratiquem as temporalidades exatamente como descritas, não conseguem se desvencilhar de certos ciclos. Dizia Eliade (2001) que a própria percepção diferenciada do tempo, da qual emergiu a noção de tempo livre, foi concebida inicialmente a partir dos ritos. Sendo assim, as novas comunidades evangélicas abriram espaço para novas experiências de fé guiadas por canções, mas, à medida que se

formalizaram, um mínimo de previsibilidade foi criado, numa espécie de “rotinização do carisma” (WEBER, 2000). A nova produção musical foi valorizada e parcialmente oficializada, é verdade, mas gerida por certa modelagem, algo comum em qualquer igreja.

Algo diferente acontecia nos eventos, especialmente quando assumiam o formato de acampamento. Se as pessoas, em seu lazer, já haviam se engajado em passar alguns dias num espaço no qual inclusive iriam dormir, a previsibilidade deixa de ser tão necessária. Não há motivo de ter horário preciso para terminar celebrações se todos iriam ficar por ali mesmo. Haviam reservado um tempo específico para isso e não precisavam dividi-lo com as demais esferas, como o trabalho ou a contribuição com a própria igreja. Ainda que existam nuances práticas, os modelos são distintos. O exercício da fé era regulado de outra forma e isso criou condições para que novas práticas emergissem desses encontros. Na contradição da vida moderna, os eventos aparentemente mais afeitos ao lazer foram institucionalizados no tempo livre, viabilizando experiências de fé que não estão disponíveis nas instituições religiosas. Elas não tinham as melhores condições para fomentá-las.

Se isso já acontecia de certa forma nos acampamentos dos anos 1970 Brasil a fora, no decorrer dos anos 1980 e 1990 se intensificou na região metropolitana de Belo Horizonte. Os cultos começaram a ter hora para começar, mas não necessariamente para terminar. Isso se aplicava de maneira especial às celebrações musicadas. Passavam vários minutos e até horas com uma mesma canção, oscilando entre canto, oração e discurso, efetuados com fundo musical. Naquele ambiente de lazer<sup>96</sup>, estimulados por Dan e Martin Duke, os músicos se tornavam líderes, exercendo certo tipo de trabalho sacerdotal, ainda que informal. O sentido dessa vivência foi condensado na categoria teológica de “ministério” com a qual se compreendia um serviço relacionado à fé, mas que pode ser exercido dentro ou fora da igreja.

Isso, de certa forma, já acontecia nos Estados Unidos e permeava vários eventos no Brasil. Mas assim como ocorreu uma concentração das versões brasileiras das igrejas do novo paradigma no Rio de Janeiro, muitos eventos ficaram concentrados em Belo Horizonte, Contagem e cidades próximas. Isso chamou a atenção de pessoas de diferentes lugares, como os juizforanos, mineiros situados mais próximos ao Rio, que se engajaram em uma nova modalidade de turismo criada por ocasião das conferências e acampamentos (FROSSARD, 2006). A região passou a ser percebida no país como eixo irradiador de um movimento. Tanto que a carioca Fernanda Brum dedicou um dos capítulos do seu livro à descrição de Belo Horizonte como uma “terra de benção” (BRUM, 2013). É também por esse motivo que alguns

---

<sup>96</sup> Essa é a caracterização que faço a partir da combinação das noções de práticas caracterizadas pela busca por prazer como conteúdo e tempo-livre como sua forma institucional moderna.

alunos da Escola Adorando da qual participei em 2016, vindos de diferentes regiões do país, adiaram as datas de suas passagens para poder visitar alguns lugares na região.

Mas o que acontecia nesses eventos? Muitas vezes os participantes iam com a expectativa condicionada pelo que já conheciam das novas canções midiáticas. Estavam habituados com a ideia de apresentações mais afeitas ao que acontecia em seu lazer, inclusive fomentadas pelas próprias igrejas, que incorporaram a criação de eventos a pedido de seus jovens. O problema é que os eventos de adoração tinham algo significativamente distinto. Veja o que diz Fernandinho a respeito do primeiro do qual participou, após tecer elogios à qualidade musical de alguns artistas de renome no cenário da música cristã internacional que lá iriam se apresentar:

[as] qualidades faziam deles os participantes mais esperados pelos músicos naquele acampamento. Todos nós, instrumentistas, queríamos mesmo era vê-los de perto, ouvi-los tocar e aprender com eles. Deus, porém, tinha anotado aqueles dias em seu livro e queria me tornar muito mais do que um músico melhor. Ele reservou aquele tempo para me mostrar o que era ser adorador e, em seus desígnios santos, me transformar em um ministro de adoração também, como aqueles palestrantes (FERNANDINHO, 2013, p. 141).

Por que essa percepção? Fernandinho explica a partir de um dos artistas internacionais, o Abraham Laboriel, um exímio contrabaixista mexicano conhecido por já ter tocado com artistas como Aretha Franklin e Michael Jackson:

[...] eu, que imaginava um músico espetacular, encontrei um adorador que espelhava Cristo em seu viver [...] Abraham tocava e ministrava ao mesmo tempo. Orava pelas pessoas com problemas de saúde e trazia revelações da parte de Deus. Eu assistia àquilo tudo extasiado e percebia que ele não era um multi-instrumentista, mas sim *um profeta de Deus disfarçado de músico* (FERNANDINHO, 2013, p. 141, destaque meu).

Quão grande foi a surpresa dos participantes desses eventos ao ver que não apenas cantores, mas até os instrumentistas podiam fazer coisas que a divisão do trabalho eclesial até então reservava aos pastores. É difícil rastrear como isso começou. Desconfio que quando os eventos musicais começaram a ser articulados por leigos, surgiram demandas religiosas num contexto em que não havia nenhum pastor para suprir. Os músicos devem ter assumido esse papel por serem protagonistas nos eventos. Independente de como tenha acontecido, eles perceberam que quando o culto era realizado como evento, a liderança em torno da fé podia ser alterada. A caracterização que Fernandinho faz de Laboriel assemelha-se à descrição weberiana do profeta como alguém que modela a fé de modo distinto do sacerdote.

Em sua teoria da religião, criada com atenção à ação dos indivíduos, Weber (2000) tipifica o sacerdote como alguém ligado à liderança na fé através de uma instituição,

entendida pelo autor como “empresa de salvação”, que o coloca sempre na posição de conservar os modelos já estabelecidos. O profeta afastando-se da modelagem prévia, abre-se para uma experiência mais pessoal, o que o coloca em posição de inovar, renovar, reformar a fé<sup>97</sup>. “Ministrar” é isto. A especificidade é que acontece via música. O músico, quando profeta, torna-se “ministro de louvor”. Alguém que com sua arte tem uma nova experiência de fé e se dedica a levá-la a outrem, renovando sua tradição ao assumir práticas semelhantes às dos pastores, mas que podem se dar na igreja, no tempo livre ou no consumo, já que são expressas com essa arte<sup>98</sup>.

Esse é o clima que vai permear o gospel nos anos 2000, gerando um novo vocabulário. Cantores e músicos não quiseram mais ser chamados de artistas, mas de ministros, como quem exige que se reconheça que cumprem um papel em relação à fé e não apenas no lazer. Também rejeitaram que suas apresentações fossem vistas como shows. Entendendo que isso dava a impressão de que elas eram apenas entretenimento, lutaram para que passassem a ser anunciadas como ministrações. E a ideia de banda foi colocada em xeque. É aí que, na cultura gospel, “saem os conjuntos jovens, entram os ministérios de louvor” (CUNHA, 2007, p. 111). Esse novo conjunto de palavras, pensado ora como estratégia de marketing no âmbito do consumo, ora como resquício da velha rejeição protestante ao lazer, relaciona-se diretamente com as tensões eclesiásticas, quando artistas se veem no direito e na obrigação de serem tão “usados por Deus” quanto seus pastores. Lembremo-nos do que passou Fernanda Brum quando quis assumir o seu papel como liderança crente e não só atração de evento.

O vocabulário não é a única coisa que mudou quando eventos realizados no tempo livre dos crentes passaram a ser concebidos como formas alternativas de culto. Alterou-se a própria maneira de lidar com a música. Isso surpreendeu quem se dispunha a participar dos acampamentos e das conferências (eventos que não forneciam alojamento). É o que aconteceu com Nívea Soares. Ela se apresenta em seu livro:

Sou de origem batista renovada e, desde que eu me lembre, sempre estive em contato com as manifestações do Espírito Santo, com a liberdade da adoração de alguma forma – se não na igreja local, em lugares em que a Palavra de Deus fosse pregada (SOARES, 2016, p. 67).

---

<sup>97</sup> Lembrando que para Weber os tipos nunca possuem correspondência imediata com o que de fato existe. O artigo de Bourdieu (2007b) contém um anexo com um quadro interpretativo dessa teoria, levando em consideração outros tipos, como o mago.

<sup>98</sup> Como, enfim, tem-se uma especificação do que é ministrar, deixarei de usar aspas nos termos relativos a essa prática a partir desse ponto.



Reconhecendo os acampamentos como lugares deste tipo, participou de um, onde David Quinlan, que havia começado como interprete de Dan Duke, já tinha maior protagonismo. Nívea descreve esse contato como um momento bem peculiar:

David Quinlan era um dos palestrantes do acampamento, e ele colocava, em suas ministrações, uma grande ênfase sobre a adoração, o ato de estar diante de Deus. Apesar de toda a qualidade musical do David, que tem uma voz muito afinada e bonita, quando ele pegava o microfone para conduzir o momento da adoração, sua preocupação não era com a música, tecnicamente falando. Isso fazia dele alguém muito diferente dos cantores e ministros de louvor que eu estava acostumada a ver em meu contexto. A preocupação do David não era em apresentar e seguir uma lista de canções, mas em nos levar à presença de Deus. Por isso, não era incomum que ele ministrasse uma única canção durante quase uma hora, focando naquele que era a razão de estarmos lá. A presença do Senhor era sentida de tal forma que a gente nem via o tempo passar.

Essa maneira de conduzir a música me marcou muito. “Deus, é isso que eu quero, quero trazer sua presença quando eu cantar”, foi a minha oração. Nesse ambiente, David ministrou a mim a palavra de que Deus me daria canções, e que essas canções tocariam a vida de muitas pessoas [...] Comecei a compor quase que de imediato (SOARES, 2016, p. 37-38).

Nívea descobriu em seu lazer, no acampamento, uma experiência de fé que não conhecia nas igrejas, mesmo aquelas mais receptivas às novas produções musicais. E também uma nova forma de trabalho musical. O mais importante não era se as canções ou as vozes eram bonitas, mas o tipo de experiência que elas proporcionaram. Elas precisam “trazer a presença de Deus”. É por isso que escolhi para o título desta tese um verbo comumente aplicado às práticas lúdicas típicas do lazer, o curtir. Defendo que essa esfera da vida social, em sua relação com o consumo de músicas, é o que permitiu uma nova experiência de fé em relação de justaposição ou até de oposição às práticas tradicionais das igrejas.

É no âmbito de seu tempo livre que Nívea e Fernandinho sentiram que poderiam se tornar ministros de louvor e essa é uma característica compartilhada por muitos que, passando pelos eventos da grande BH, assim como eles, saíram desejosos de levar essa experiência adiante. A recepção disso nas igrejas não foi totalmente amistosa. Nívea exemplifica com uma situação que viveu no início de seu ministério, quando as igrejas, ainda em processo de adaptação, deixavam de promover shows para a juventude, optando por “congressos de louvor e adoração”:

Lembro-me de um congresso de louvor no qual Deus desconstruiu geral. As coisas aconteceram de tal forma que a experiência que tivemos causou em



mim, e também naquela igreja, um impacto que dura até hoje. Ele se deu numa igreja na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Bento Ribeiro.

Quando lá cheguei, deparei-me com uma realidade cultural muito diferente daquela à qual eu estava acostumada em Minas Gerais. O Rio tem toda uma cultura musical bastante refinada, em cujo meio lançaram grandes gravadoras e cantores cristãos de renome, o que colocou as igrejas cariocas, em minha opinião, na vanguarda de quase tudo o que está acontecendo no ambiente musical cristão. Aquela igreja de Bento Ribeiro, por exemplo, havia recebido grandes nomes da música cristã para ministrar em edições anteriores do congresso para o qual eu havia sido convidada naquele ano. Havia muita expectativa em relação à música naquele lugar.

Deus, porém, tinha outros planos. O que ele mostrou àquela igreja foi uma menina descabelada, de pés descalços, cantando nenhuma música conhecida deles. Ministrei a partir da realidade que estávamos vivendo em Minas Gerais, a adoração espontânea, e muitos se chocaram quando nós começamos a ministrar, embora não tivéssemos a intensão de causar qualquer mal-estar.

Alguns ficaram irados porque não conseguiam entender o que estava acontecendo. Pensavam: “Essa menina veio aqui e não está fazendo nada do que a gente esperava. Não é isso o que a gente queria.” Cadê a letra da música? Cadê a divisão de vozes? Como eu vou saber quando a música terminou?

As palavras ministradas por meio das canções eram de muito confronto, principalmente sobre vaidade e a verdade de que o que agrada a Deus não é a canção do momento, mas o coração quebrantado e contrito. Parecia que as pessoas nunca tinham ouvido aquilo antes, mas era o que eu estava vivendo, tanto em família, com o Gustavo [Soares], quanto em equipe. Nós vivíamos um mover do Espírito Santo muito forte que estava mudando, chacoalhando a nossa vida, e foi isso que ministramos. (SOARES, 2016, p. 67).

A “adoração espontânea” foi um choque para algumas igrejas, mesmo as mais afeitas à nova produção musical que, por isso mesmo, promoviam eventos especialmente abertos a ela. Nela, a música é criada de forma a permitir que os crentes orem ou discurssem de improviso, como os pastores sempre fizeram, mas cantando. Quando os ministros o fazem, tem a expectativa de que os ouvintes também o façam e não fiquem apenas assistindo. É no complexo de vozes cantando cada uma a sua oração que surge o que os “ministros” chamam de “clima de adoração”. Embora estejam fazendo aquilo que os pastores de certa forma sempre fizeram, estimulam a maior participação dos leigos na criação de sua própria experiência. Não querem apenas apresentar, querem criar junto. O problema é que essa subjetivação demanda aprendizado e exercício. Sem isso, a prática perde o sentido. Ela surgiu

em acampamentos que atraíam majoritariamente jovens iniciados à música. Mas quando isso é levado a outras pessoas, talvez não seja tão fácil assimilar.

Essa espécie de espontaneísmo musical, que mais parece uma expressão artística da modernidade religiosa, era central nos eventos que aconteciam em Minas. É um dos motivos pelos quais as primeiras canções geradas no processo eram extremamente simplificadas em sua harmonia, a fim de valorizar o canto espontâneo do público. Quanto à letra, muitas vezes chegava a ter uma poesia ainda mais ligeira que os corinhos, já que o principal era o longo período espontâneo. Isso tornava essas canções de difícil inserção nas rádios, mesmo as evangélicas, uma vez que os ouvintes foram acostumados ao padrão de duração entre 3 e 5 minutos. Talvez esteja aí um dos motivos da polêmica interna entre adoração e gospel. Foi então que as novas tecnologias entraram em cena novamente.

Enquanto tudo isso acontecia entre os crentes, a sociedade em geral experimentava a revolução dos CDs. Esse novo mecanismo de armazenamento de áudio foi introduzido no Brasil juntamente com novas tecnologias de captação de som ao vivo com maior qualidade. Esses dois recursos combinados, quando ganharam escala nos anos 1990, permitiram aos mineiros, com a contribuição particular de Nelson Tristão, gravarem o que acontecia nos eventos de forma a refletir, da melhor maneira possível, o que neles acontecia. Também foi importante o emprego de técnicas de áudio conhecidas como *Fade*. *Fade-in* é aumentar o volume gradativamente do silêncio até a altura desejada e, *fade-out*, reduzi-lo aos poucos até que silencie. O CD, ainda que tivesse maior capacidade que cassetes ou discos de vinil, era limitado. O início da canção nos eventos era fácil de captar, com introduções inclusive, porém, como não se sabia ao certo como ia se desenvolver, o *fade-out* contribuiu para que pudesse ser adaptada à mídia. Assim surgiam os primeiros produtos transmissores daquelas experiências até então marginais. É via consumo de CDs que ministrações espontâneas se tornaram conhecidas no multiverso dos crentes.

As gravações eram mais precárias no início, mas com o tempo foram aperfeiçoadas. O auge desse desenvolvimento é *Fogo e Glória em Curitiba*, o quarto álbum de David Quinlan, lançado em 2002. Foi um marco da disseminação do que acontecia no contexto mineiro. As faixas têm uma média de dez minutos e, com letras muito curtas, o que se destaca é o canto espontâneo. [Uma das faixas que excedem essa duração](#), por exemplo, tem pouquíssimos versos em sua canção:

Quero te conhecer, quero te conhecer mais e mais  
Quero te conhecer, quero te conhecer como tu és

Eu quero olhar em teus olhos, ser consumido pelo teu olhar  
 Quero subir no teu colo, como criança me embriagar  
 Do teu amor (QUINLAN, FREIRE, OLIVEIRA, 2002, np.).

A recepção foi controversa, como sempre. Talvez o que mais assustou não foi a letra, mas a própria música que mantinha mais de dez minutos em apenas quatro acordes. O álbum foi selecionado por profissionais do mundo gospel para ser incluso no catálogo dos cem mais importantes para esse nicho no Brasil (REDAÇÃO SUPER GOSPEL, 2015, np.). Está em centésimo lugar. O primeiro é ocupado por um álbum de uma das equipes de Vencedores por Cristo que refletiu sua sofisticação musical. Um extremo contraste com a posição de David, cuja justificativa para inclusão diz:

Disco que representa o movimento *worship* ocorrido em Contagem, o simplório violão de David Quinlan se tornaria um padrão intensamente – e irritantemente – copiado. Deste movimento, há de se destacar, como influenciados, Santa Geração e o cantor Fernandinho. Heloisa Rosa e Nívea Soares colocam seus vocais, imprimindo uma parceria que duraria por outros discos (100..., 2015, np.).

A disseminação do que David fazia irritava os ouvidos dos especialistas da arte. A semelhança com o tratamento dado aos corinhos não é mera coincidência. Só que a novidade também encontrou resistência como expressão de fé. Alguns crentes reclamavam das repetições, acusando os cantos espontâneos de inspiração Nova Era. Elas de fato se assemelham aos mantras típicos de tradições religiosas orientais que estão dispersas pelos circuitos neo-esotéricos (MAGNANI, 1999), o que causou estranhamento em muitos pastores. Canções gravadas com repetição dos versos de forma atípica foram acusadas de “mantra gospel”, como o faz, avaliando uma gravada por Nívea Soares em 2002, o pastor Renato Vargens (2009). Ele, que fundou uma igreja<sup>99</sup> em 2001 com a proposta de “fundamentar-se nas doutrinas defendidas pela Reforma Protestante”, sem permitir que o “neopentecostalismo” e o “liberalismo teológico” influenciassem a fé (COMO..., sd., np.), também ficou bem incomodado com as letras, que, para ele, ganhavam uma conotação sensual e erótica (VARGENS, 2009). E algumas performances que surgiram em meio à nova música causaram mais estranhamento ainda, até em Edir Macedo, que respondeu numa entrevista que em sua igreja “é proibido proibir” (*apud* MARIANO, 1999, p. 210). Para o bispo, algumas práticas que surgiam em meio às ministrações demonstravam que os cantores estavam

---

<sup>99</sup> Mais sobre a instituição estão disponíveis em: < <http://igrejadaalianca.com.br/nossa-historia/> >. Acesso em 4 jan. 2019.

“endemoniados” (ROSAS, 2015). Parece que há um padrão: toda nova expressão de fé em forma de música sofre desqualificações tanto na esfera artística, quanto na esfera religiosa. Enquanto não é aceita na igreja, pode ser acessada pelos crentes via consumo e lazer.

Algo do que acontecia em Minas já era experimentado nas novas comunidades do Rio e alhures. Na apresentação que Aline Barros fez pela primeira vez no *Xuxa Park*, a transição entre as canções *Consagração* e *Louvor ao Rei* é feita através de um breve período de canto espontâneo, mantido ao som de dois únicos acordes. Acordes que inclusive são feitos numa mesma tônica, variando apenas a presença ou não de uma nona. Mas a soma das canções com esse período fica em torno de cinco minutos e a melodia tem contornos mais complexos em relação ao que era gravado pelo grupo mineiro que, na comparação, apresenta-se mais ousado.

Também os termos relativos à ministração já estavam presentes, de certa forma, nas comunidades evangélicas, sobretudo por que muitos pastores também eram músicos. Porém, a partir do que aconteceu em Minas, eles se disseminaram pelo Brasil. Das comunidades surgiram pessoas de renome no gospel, como Ludmila Ferber, Alda Célia, Kleber Lucas, Fernanda Brum, Aline Barros, entre outros, mas nelas, no início, o ministério ainda não era desatrelado à igreja como o Milad, descrito na seção anterior. Tanto que dificilmente os grupos musicais apresentavam-se fora. É por isso que Aline Barros inicia sua carreira apenas com *playback* e seu pai ao violão. Os músicos não podiam acompanhá-la e desfaltar o serviço eclesialístico de uma igreja cuja música tinha um papel central. O *playback* foi essencial no início da carreira de todos os nomes citados anteriormente, mas quando foram impactados pelo movimento com o epicentro em Minas, buscaram criar bandas próprias e fundar ministérios. Ludmila Ferber (2012), por exemplo, cria o Adoração Profética. Fernanda Brum (2013), por sua vez, funda o Profetizando às Nações. Fizeram inclusive regravações de canções que haviam surgido dos eventos mineiros, como, por exemplo, *Jesus, Meu Primeiro Amor*, composta por Antônio Cirilo naquele contexto e gravada em 2006 por Fernanda Brum com a participação de sua prima Arianne<sup>100</sup>:

Abre os meus ouvidos, eu quero ouvir  
 Abre os meus olhos, eu quero ver  
 Abre o meu coração, quero sentir  
 Teu grande amor, teu grande amor

<sup>100</sup> Essa foi a participação que lhe abriu a oportunidade de gravar álbuns solo, ao chamar a atenção da MK Music. Mas já passou pela Onimusic e em 2019 segue em contrato com a Sony. Ela nasceu no Rio de Janeiro, mas passou parte da vida em Juiz de Fora (MG) e é nora do pastor líder da PIB. Seu nome é Ariane de Souza Bertho, adota Arianne como nome artístico. Mais informações no site disponível em: < <https://ariannemusic.com/> >. Acesso em 10 jan. 2019.

[Refrão]  
 Eu quero me apaixonar outra vez  
 Eu quero me desesperar outra vez  
 Eu quero perder o sono outra vez  
 Queimando de amor por ti<sup>101</sup>  
 (CIRILO, 2006, np.).

A incorporação desse vocabulário tem sido vista como uma estratégia de marketing das gravadoras e distribuidoras, a fim de se adequar à nova demanda. Pode até ter sido. Só que aos olhos de quem vivia o processo era uma forma de colocar sua arte a serviço da fé, reivindicando um lugar de liderança religiosa, não apenas de animação de plateias. À medida que isso foi assimilado, algumas estruturas de poder dentro das próprias igrejas foram impactadas. Giddens (2005) já havia alertado para o fato de que secularização implica na criação de novos espaços de atuação religiosa para pessoas antes desempoderadas, pobres, negras, mulheres e gays. Na divisão sexual do trabalho religioso, por exemplo, o cristianismo tem sido afetado pela dominação masculina que permeia a sociedade como um todo. Todavia, como ministras, mulheres como Fernanda Brum ganharam espaço de liderança. É na articulação via lazer e consumo que o multiverso dos crentes concebe uma protagonista como Nívea Soares que, negra e mulher, reconhece que para muitos nas igrejas ela era uma das mensageiras “improváveis de Deus” (SOARES, 2016).

Com esse potencial transformador, as tensões entre “ministros de louvor” que atuavam fora de suas igrejas e seus pastores acentuaram-se. Cristina Mel (2016), conhecida a partir de suas participações no *Programa do Raul Gil*, conta que no início ficava apavorada com a possibilidade de seu pastor descobrir os lugares em que ministrava. Cada “ministro” ou “ministra” teve que descobrir como ganhar mais espaço de atuação sem que isso fosse percebido como uma afronta ou insubmissão às suas lideranças eclesiásticas. Eles não queriam tomar a igreja para si, nem fundar novas igrejas, apenas serem livremente “usados por Deus”. E queriam fazê-lo dentro e fora das igrejas.

Diante dessa realidade, é compreensível que tenham ofuscado o papel do lazer e do consumo no processo e lançado o foco sobre a esfera eclesiástica, supervalorizando-a como se fosse o epicentro de tudo. É aí que se dissemina a ideia de que a música criada pelos ministérios de louvor é voltada ao canto congregacional, como se fosse feita para os cultos das igrejas. Como assim congregacional se ela surge no âmbito do tempo livre dos crentes,

---

<sup>101</sup> Nota-se a presença de termos que remetem ao tal erotismo criticado por Vargens (2009). Volto a isso no próximo capítulo.

fora das igrejas? Chamá-las dessa forma era um jeito de mostrar para as instituições eclesiais que isso que os ministros de louvor chamam de adoração não estava em desacordo com o que acontecia por intermédio delas, ao mesmo tempo em que sugeria que incorporassem essa nova produção aos cultos oficiais.

A diferença entre o “padeiro” e o “palhaço”, que aprendi na Escola Adorando, é a que melhor traduz esse dilema. Ela reflete a clivagem entre necessidade e futilidade que permeia grande parte das teorias do lazer e do consumo. Nela subjaz tanto o receio de que o lazer se torne nocivo, quanto um ideal de lazer mais adequado. Isso aparece de forma mais sutil ou mais explícita. Mesmo as perspectivas que se pretendem mais culturalistas, como Christianne Gomes (2014, p. 12), acabam se apegando à utopia de um “lazer crítico, criativo, inovador, participativo, etc.”. É também o que acontece com o “ócio criativo” de De Masi (2000). Com essa postura, surgem categorias de acusação como “antilazer” (CAVALCANTI, 1982), “ócio nocivo” (CUENCA CABEZA, 2000, 2014) e “lazer passivo, acrítico ou alienante” (GOMES, C., 2014). Até a ideia de “semilazer” de Dumazedier (1994) possui certo ar de denúncia das práticas que não atingem o ideal de autonomia. De que adianta mudarmos o conceito de recreação para lazer e depois para ócio se mantemos o fenômeno sob esse olhar conservador? Numa pesquisa que busca a suspensão do julgamento moral das práticas e crenças em matéria de religião, essa atitude em relação ao lazer também não parece ser a mais adequada.

Em relação ao consumo o quadro é o mesmo. Categorias como consumismo e consumista acabam se tornando de acusação mais do que de análise. A relação é tão próxima que uma noção de “antilazer”, por exemplo, é caracterizada como “simples atividades a serem consumidas alimentando a alienação” (MARCELLINO, 1987, p. 37). Toma-se o consumo como algo essencialmente ruim, de modo que ele é utilizado para deslegitimar certas práticas de lazer como “mero entretenimento”, “ócio de consumo” (CUENCA CABEZA, 2000, 2014) ou “lazer consumista” (GOMES, C., 2014). Associa-se consumo, alienação, ostentação e compulsão. Dizia uma antropóloga que:

Temas como materialismo, exclusão, individualismo, hedonismo, lassidão moral, falta de autenticidade, desagregação dos laços sociais e decadência foram associados ao consumo desde o início do século XVII e ainda hoje permeiam as discussões, dificultando e misturando conceituação e análise sociológica com moralidade e crítica social (BARBOSA, 2004, p. 12).

Talvez seja por isso que apesar de ser fundamental no funcionamento do capitalismo, o consumo foi menosprezado como tema de investigação (LIMA, Diana, 2010). Até a virada do milênio não havia tese ou dissertação sobre consumo nos principais centros de pesquisa do

Brasil (BARBOSA, CAMPBELL, 2006, p. 8). E o assunto é ambíguo no cenário internacional. Barbosa e Campbell (2006, p. 10) comentam que a associação citada acima, de pouca base empírica, foi privilegiada tanto nas abordagens nas pós-modernistas, tipo as de Baudrillard (2008), Featherstone (1995), Lipovetsky (2007) ou Baulman (2008); quanto nas de inspiração marxista da Escola de Frankfurt, como fica explícita em Horkheimer e Adorno (2002) e Marcuse (1996, 1973). Ela também é basilar em Debord (1997). Até Bourdieu (2007a) em sua abordagem inovadora por problematizar as preferências de quem consome, ainda não se distancia explicitamente em relação aos pressupostos assumidos pelas elites que pesquisa, como observou Diana Lima (2010). Essas são as influências predominantes no recente olhar brasileiro sobre o assunto e isso fica evidente nas reflexões organizadas por Vilhena e Passos (2012). Fala-se cada vez mais em consumo, mas quase sempre de forma depreciativa. E é por essa via que também os ministros de louvor encontraram um caminho que conformar suas identidades. É um preconceito que cega sobre as implicações do fenômeno, tanto para os crentes, quanto para boa parcela da Academia.

Não é que não se deva assumir um ponto de vista crítico, mas numa pesquisa que conjuga empatia e apatia metodologicamente, a preocupação primeira é compreender, não denunciar e censurar. A crítica deve ser tomada no sentido de abordagem com critério, o que, nesta pesquisa, é a diferenciação entre práticas e instituições. Quando isso é feito, o papel do lazer e do consumo na disseminação da adoração se sobressai. O problema é que se isso for assumido, a tensão entre os ministros e as igrejas se destaca. Aí surge o imperativo que tanto escutei na Escola Adorando: “Deus te chamou para padeiro, não pra palhaço”.

Essa frase condensa um dilema musical que se dispersou pelo multiverso dos crentes. A ideia de que as canções são dadas por Deus, presente nas declarações dos crentes desde o século XIX, radicaliza-se como aquelas dadas na expectativa de “um avivamento da igreja nesta geração”. Ela é recorrente em várias passagens dos livros que os “ministros de louvor” escreveram. Isso coloca as canções num patamar de “pão”, ou seja, uma necessidade para o sustento da fé. É daí que vem o slogan da Onimusic como “o som que alimenta”. O que rivaliza com outras canções que são vistas, entre quem integra o movimento, como “mero entretenimento”. Para essas pessoas, apresentar para divertir é coisa de palhaço e animador de plateia. Assim, foi colocada em questão grande parte da nova produção que até então circulava pelas rádios, desde que Estevam Hernandez começou a atuar. O problema não estava necessariamente nos estilos, como rock, samba, baião, forró, sertanejo. A grande questão era que as bandas atreladas a eles sempre faziam apresentações que não tinham o caráter sacerdotal das ministrações. A oração e a pregação espontânea pouco acompanhavam



as canções. Essas bandas são todas impactadas pelo avanço do movimento em torno da adoração e isso contribuiu para que algumas se reformulassem como ministérios.

Nesse contexto o que se perdeu de vista é o lugar que o consumo e o lazer ocupam nesse tal “avivamento” desejado. Quando as igrejas ainda não o assimilaram, é através das compras e do tempo livre que os membros dessas mesmas igrejas têm acesso a ele e, a partir daí, podem trazê-lo a elas. Era comum, durante a Escola Adorando, eu encontrar jovens que haviam comprado CDs na banca da Onimusic, comentando como esses produtos ajudariam a levar as ministrações às suas igrejas. Isso quando não topava com alguém pelos corredores, na folga do horário do almoço, com seu violão tentando reproduzir o que tinha acontecido pela manhã, atento à gravação que tinha feito com o celular. E muitos só participaram do evento em janeiro, porque estavam de férias. O dilema é que o “avivamento” até podia ser para as igrejas, mas não começou por elas. Suas lideranças ficariam bem desconfortáveis se isso ficasse evidente, exatamente o que ministros de louvor tinham que evitar se quisessem oficializar o que experimentavam em seu lazer.

A essa altura, alguém pode perguntar: com todas as controvérsias, a ministração foi assimilada? Não totalmente, mas se tornou mais comum que crentes responsáveis pela música tivessem algum protagonismo em relação à oração e à pregação. Para isso, foi fundamental uma contribuição que também veio de Minas, mas concebida de modo um pouco diferente: o Ministério de Louvor Diante do Trono. É ele que é visto pela Academia como paradigma para os demais (CUNHA, 2007; DOLGHIE, 2007, ROSAS, 2015). É o que revelou Nívea Soares, mas sempre foi liderado por Ana Paula Valadão que, embora tenha passado pelos eventos fomentados pelo casal Duke durante a adolescência, terminou sua iniciação ao universo da adoração nos Estados Unidos (BESSA, 2003).

Ana Paula conta que, ao completar dezessete anos, ingressou em uma faculdade de direito e logo abandonou com o desejo de dedicar-se inteiramente às questões de fé (BESSA, 2003). Diz também que seu pai havia recebido um cassete com uma gravação realizada por uma escola de adoração em Dallas e que passou “meses adorando o Senhor com aquela fita” (BESSA, 2003, p. 38). A partir daí ela migra para os EUA, onde fica um ano em formação, integrando um dos ministérios a partir do segundo semestre (BESSA, 2003). Viajando por eventos em diferentes regiões daquele país, presenciando a gravação de CDs e tendo contato com outros ministérios, ela logo quis trazer parte daquilo para o Brasil. Aliás, primeiramente para a sua própria igreja, que ainda não vivia aquela realidade:

Eu me lembro das tardes que passei orando e sonhando em regressar ao Brasil e ver Lagoinha experimentando aquela liberdade em adoração. Eu queria ver todos pulando, celebrando livremente ao Senhor e cantando cânticos espontâneos como eu havia aprendido; fluindo dons proféticos e tendo maior sensibilidade ao mover do Espírito (BESSA, 2003, p. 40).

Lagoinha é uma referência à Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte. Ela esteve no centro da controvérsia que gerou a Convenção Batista Nacional, criada na década de 1960 a partir da união das igrejas que foram expulsas da Convenção Batista Brasileira por terem adotado práticas pentecostais (MOREIRA, 2016). Mas, pentecostalizada ou não, ainda não conhecia a nova experiência descrita por Ana Paula. É provável que alguns membros da igreja já a experimentassem nos eventos criados pelo casal Duke, mas aquilo ainda não era uma prática institucionalizada, no sentido de se tornar comum nos cultos oficiais.

Pelo que pude entender das narrativas de Ana Paula e Nívea, o “avivamento” da igreja começou pelos ensaios dos músicos. Essas reuniões pouco a pouco deixaram de ser apenas voltadas para o preparo das canções. Esse é um traço muito importante. No multiverso dos crentes, o ensaio, realizado em estúdios ou salas menores das igrejas, pode se tornar um espaço alternativo de culto, ganhando feições diferentes das reuniões oficiais (EBERLE, 2008). Lembro-me de uma conversa que tive com alguns rapazes na Escola Adorando em que um deles lamentava o fato de que muito do que faziam no ensaio não era aceito no culto de sua igreja. Essa parece ter sido a primeira porta de entrada dos cânticos espontâneos na Igreja Batista da Lagoinha. Quando a filha do pastor líder chegou dos EUA defendendo a ideia de que isso poderia ser levado aos cultos, contribuiu para a oficialização da prática.

Contratempos pessoais de Ana Paula atrasaram a criação de seu ministério de louvor, mas, em 1997, ela foi convidada para uma nova gravação da escola de adoração em que havia estudado e, nessa viagem, seu pai enviou o maestro da orquestra da igreja, Sérgio Gomes, a fim de que aprendessem “tudo sobre o processo de gravação” (BESSA, 2003, p. 60). Quando retornaram, ela apresentou aos músicos algumas composições que havia criado até ali e começaram um intenso trabalho de preparação que permitiu que em três meses surgisse o álbum Diante do Trono, gravado e filmado ao vivo na própria igreja, na noite de 31 de janeiro de 1998 (BESSA, 2003, p. 65).

Esse álbum marcou a identidade do ministério de Ana Paula, conferindo-lhe renome, não apenas na igreja, como também no mercado fonográfico. Foi recebido como um trabalho próximo ao realizado pelas comunidades, o que facilitou sua recepção da mídia. Mas algumas inovações chamaram a atenção. Ele foi produzido a partir de uma igreja com mais recursos e todos foram combinados em sua produção. Os cantores que mais se destacavam no louvor

tornaram-se o *back vocal*, alguns se tornaram solistas, como Nívea Soares, e os demais formaram um coral. A estes, juntou-se a orquestra e um grupo de dança, que com a divulgação do VHS acabou incentivando muitos crentes a formarem grupos semelhantes em suas igrejas. O álbum demonstrava o potencial de inovação e influência do Diante do Trono, mas isso só se ratifica no desenvolvimento seguinte.

Até aí, o trabalho de Ana Paula Valadão não possuía traços distintos do realizado, como exemplo, por Sônia Hernandez, no Renascer Praise. Este último surgiu em São Paulo cinco anos antes como uma espécie de banda de rock (HERNANDES, 2011), mas logo adquiriu feições de ministério, combinando elementos semelhantes ao Diante do Trono. Mas duas diferenças chamam a atenção. A rigor, Sônia é bispa, ou seja, uma pessoa oficializada religiosamente como líder. É claro que ser filha do pastor dirigente da sua igreja deve ter facilitado algo da jornada de Ana Paula, mas, na época, seu pai era menos conhecido que Estevam Hernandez e ela não tinha título algum. Quando o público a vê ministrar, enxerga uma mulher comum, jovem e leiga, liderando uma congregação através da música. Fico imaginando o que as cantoras crentes sentiram diante dessa cena. É impossível não reconhecer seu impacto num contexto marcado por progressiva subjetivação e autogestão da fé. Crentes “improváveis”, para usar a expressão de Nívea Soares, se despertaram para a liderança nesse processo. As moças se inspiravam em Ana Paula, inclusive imitando sua voz extremamente aguda através de falsetes, não apenas para cantar, mas para orar e discursar ao público das igrejas, com uma fala musicada através da extensão do tempo das vogais, como algo do tipo “Senhoooooooo” e “Aleluuuuuia”... Vejo isso como uma espécie de busca por reconhecimento que talvez diga mais sobre a religião do que sobre o mercado. Advém daí a pecha de “anapauletes”, até hoje recorrente entre os crentes. Ela deu origem a diferentes piadas que escutei dos alunos da Escola Adorando. Um dos rapazes que dormiu no mesmo quarto que eu, disse em certa ocasião que “toda igreja tem sua anapaulete”.

Contudo, vejo que o Diante do Trono teve ainda outra diferença. A cada álbum, o ministério foi reservando mais espaço para os cantos espontâneos. O que era tímido no primeiro álbum, ganha lugar no segundo, *Exaltado*, lançado no ano seguinte. Em sua gravação, as canções foram executadas como de costume e, ao final, reservou-se um espaço para espontâneos. Os dois períodos foram alocados em separado no álbum, de forma semelhante ao que já era feito por algumas comunidades. O Renascer Praise também reservava faixas com o título de “ministração” que não tinham propriamente canção alguma, apenas o discurso de Estevam Hernandez com um fundo musical executado no teclado. Entretanto, quando o Diante do Trono lança *Águas Purificadoras* em 2000, deixando a faixa

que dá título ao álbum com mais de dezesseis minutos e repleta de passagens entre canção, oração e pregação, projeta no mercado e na mídia gospel aquilo que já era realidade nos eventos fomentados pelo casal Duke e outros que Ana Paula acompanhou nos Estados Unidos. Quem escutava a faixa recebia, juntamente com a canção, momentos dedicados a cantos espontâneos em que Ana Paula e seu irmão mais novo, André Valadão, se alternavam realizando pregações e orações pela cura de doenças, sempre de maneira musicada em harmonia com a base executada pela orquestra. A letra da canção dizia:

Existe um rio, Senhor, que flui do Teu grande amor  
 Águas que correm do Trono  
 Águas que curam, que limpam

Por onde o rio passar, tudo vai transformar  
 Pois leva a vida do próprio Deus  
 E esse rio está neste lugar

[Refrão]  
 Quero beber do Teu rio, Senhor  
 Sacia a minha sede, lava o meu interior  
 Eu quero fluir em Tuas águas  
 Eu quero beber da Tua fonte  
 Fonte de Águas Vivas  
 Tu és a fonte, Senhor  
 (BESSA, 2000, np.).

Mas no decorrer da faixa eram apresentados cantos espontâneos como o entoado por André a partir dos nove minutos:

E como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e o poder  
 Que curou e que sarou, libertou os cativos e essa noite Ele quer  
 Te libertar, Ele quer libertar  
 Levante suas mãos e todo câncer vá embora, toda dor vá embora  
 Levantamos nossas mãos e tocamos a unção  
 Todos problemas no seu sangue eu declaro vá embora em nome de Jesus  
 A restauração no seu lar, restaura as nossas casas, Senhor  
 Deus vem sarar nossas famílias, nossas feridas  
 Todo cansaço, toda fadiga tira Senhor, limpa o nosso coração  
 Restaura os pulmões e dá vista aos cegos  
 Surdos ouçam, aleijados andem em nome de Jesus  
 Louve ao Senhor, louvamos ao Senhor  
 E beberemos mais, pois há um bálsamo do Senhor que é derramado  
 Um bálsamo com óleo durador que cura as feridas e tira toda dor  
 Tira, tira, tira Senhor, toda dor (BESSA, 2000, 8:55-11:22, np.).

Quando esse canto termina a faixa já passa dos onze minutos e ele imediatamente inicia uma oração, em que fala ao invés de cantar:

Em nome de Jesus nós não aceitamos nenhuma enfermidade no meio do Teu povo. Nós mandamos embora no nome de Jesus. Deus o Senhor levou sobre si. Jesus levou sobre si a nossa dor, o nosso cansaço, a enfermidade, o câncer, a dor, a dor muscular, o Senhor já levou, todo aleijado o Senhor já curou. Pai, em nome de Jesus o coxo anda, o surdo ouve ou os cegos enxergam, porque nós cremos no teu poder, na tua unção que em nós opera. O mesmo poder que ressuscitou Jesus de dentre os mortos mora dentro de nós, vivificará os nossos corpos. Pai como seu bálsamo agora cura, cura... (BESSA, 2000, 11:23-12:01, np.).

Neste momento a Ana Paula canta a frase “cura Senhor”, o que faz a transição para o retorno ao refrão. Em seguida, ela ainda faz um discurso em que fala partes de um versículo bíblico e pede para o público repetir em seguida. O áudio passa da canção à oração e da oração à pregação, serviço cútico tipicamente prestado por sacerdotes, e retorna à canção.

André Valadão havia terminado sua formação pastoral pouco antes dessa gravação, mas até hoje seu pastorado pode causar surpresa<sup>102</sup>. Sempre foi mais conhecido como cantor, ou melhor, ministro de louvor. Entre crentes, ouvi-lo e vê-lo se apresentar com as características descritas acima, era ver um músico ser “tão usado por Deus” quanto um pastor ou um líder eclesiástico poderia ser. O período espontâneo da canção tornava isso possível. Legitimava, de certa forma. Essa abertura aos espontâneos culmina no quarto álbum do Diante do Trono, o *Preciso de Ti*, gravado no Estádio Mineirão e até hoje um dos discos mais vendidos da história da música brasileira. Esse foi o álbum que tornou ministério um ideal de grupo musical de crentes ao disseminar a prática das ministrações entre músicos leigos. Sua grande vendagem em 2001 abriu caminho para a recepção de David Quinlan no ano seguinte, com seu *Fogo e Gloria Curitiba*, um álbum ainda mais repleto de cantos espontâneos.

A entrada das ministrações no ambiente dos cultos oficiais das igrejas marca o auge de um processo de busca de participação dos músicos jovens leigos na produção de suas próprias expressões de fé e de reivindicação de um papel de liderança outrora apartados da liderança eclesiástica. A oficialização das novas canções foi acompanhada da oficialização de músicos como ministros, um processo permeado de conflitos. A Escola Adorando é uma das instituições que têm buscado mediar os impasses, não só através da educação para a ministração, mas também via divulgação de estudos do tipo *O que Deus deseja que pastores e líderes de louvor saibam* em seu site a fim de sensibilizar que “estamos na mesma equipe e temos o mesmo objetivo” (KAUFIN, 2016, np.). A mediação depende de que se acredite que aquilo que os ministros fazem é dado pelo Espírito Santo, para que não seja visto como algo

---

<sup>102</sup> É o que diz a reportagem especial sobre a comemoração de seus dez anos de consagração pastoral (AMÂNCIO, 2010).

fútil, mas necessário. Não é feito contra a igreja, mas para suprir sua necessidade. Isso gera uma polêmica com o lazer e o consumo, a despeito de tanto terem contribuído com as novas experiências de fé geradas no processo. Outro dilema.

### 3.3 É DE DEUS OU É DE CÉSAR? A CONTROVERSA RELAÇÃO ENTRE O AUTOR E SUA CANÇÃO

Bailando entre as instituições da religião, do lazer e do consumo, ministros de louvor passaram a insistir cada vez mais que seu trabalho vinha diretamente de Deus. Muito contribuiu a premissa pentecostal de que o Espírito Santo pode usar quem quiser independente de ter ou não formação teológica. Quando surgiu uma espécie de teologia da adoração que aplicou essa ideia ao que os ministros produziam, enfatizou-se que as canções são criação divina. Assim, o discurso que ofuscou o papel do lazer e do consumo também o fez com os próprios compositores, o que deu origem a desentendimentos entre os próprios crentes músicos. Sendo assim, se na primeira seção deste capítulo apresentei o cenário de origem de algumas canções e na segunda explorei o relato de alguns cantores, nesta terceira trabalharei com a descrição de controvérsias envolvendo canções.

Canções amplamente conhecidas, como *Faz um Milagre em Mim*<sup>103</sup>, parecem mais propensas a contendas públicas, mas a controvérsia que melhor consegui detalhar não está circunscrita ao multiverso evangélico. Enquanto o que foi descrito na seção anterior acontecia em meio aos crentes, surgia entre os católicos o fenômeno dos “padres cantores” (SOUZA, A., 2005). Desde o Concílio Vaticano II na década de 1960, o Catolicismo Romano oficializou a possibilidade de formas litúrgicas alternativas, algo que de certa forma já acontecia. Contudo, a partir daí, as canções oficialmente puderam ganhar maior espaço nas missas e isso serviu de estímulo para que nas décadas seguintes alguns padres mais afeitos a isso ficassem famosos. Mas de onde vieram as novas canções cantadas nas missas? Como elas se desenvolveram? Será que elas expressam tensões institucionais semelhantes ao gospel? Todas são questões para outra pesquisa<sup>104</sup>. Por hora, parece que quando alguns padres

<sup>103</sup> Lançada em 2009, tornou-se a canção mais conhecida de Regis Danese, sendo bem quista por crentes e não crentes. É assinada por Joselito e Kelly Danese, amigo e esposa de Regis, mas a autoria foi alvo de um processo no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro que terminou arquivado. Letra: “Como Zaqueu eu quero subir / O mais alto que eu puder / Só pra te ver, olhar para Ti / E chamar sua atenção para mim // Eu preciso de ti Senhor / Eu preciso de ti oh Pai / Sou pequeno demais / Me dá a Tua paz / Largo tudo pra Te seguir // Entra na minha casa / Entra na minha vida / Mexe com minha estrutura / Sara todas as feridas / Me ensina a ter santidade / Quero amar somente a Ti / Porque o Senhor é meu bem maior / Faz um milagre em mim” (JOSELITO; DANESE, 2008, np.).

<sup>104</sup> Embora não enfoque as canções, André Souza (2005) fornece uma base importante para pensar o fenômeno.

perceberam uma efervescência musical entre evangélicos, sentiram-se atraídos pelas canções e quiseram introduzi-las nas missas. O que não necessariamente contradizia a especificidade de sua fé, já que alguns documentos Concílio citado reconheciam que o Catolicismo tinha algo a aprender com as “comunidades separadas pela Reforma” (WOLFF, 2012).

Nesse cenário, o padre Marcelo Rossi é um dos que mais se destacou. Inspirado em Santo Agostinho, desenvolveu sua vocação sacerdotal sob o lema “quem canta, reza duas vezes” (ON LINE EDITORA, 2016, p. 19). Isso levou ao lançamento de seu primeiro álbum, o *Músicas para louvar ao Senhor*, em 1998, que, passando de 3 milhões de cópias, segue como um dos álbuns mais vendidos da história da produção musical brasileira. Muitas canções deste álbum se tornaram amplamente conhecidas, entre elas, a faixa 8, *Anjos de Deus*:

Se acontecer um barulho perto de você  
É um anjo chegando para receber  
Suas orações e levá-las a Deus  
Então abra o coração e comece a louvar  
Sinta o gosto do céu que se derrama no altar  
Que um anjo já vem com a resposta nas mãos

[Refrão]  
Tem anjos voando neste lugar  
No meio do povo, em cima do altar  
Subindo e descendo em todas as direções  
Não sei se a igreja subiu ou se o céu desceu  
Só sei que está cheio de anjos de Deus  
Porque o próprio Deus está aqui

Quando os anjos passeiam a igreja se alegra  
Ela canta, ela vibra, ela ri e congrega  
Abala o inferno e dissipa o mal  
Sinta o vento das asas dos anjos agora  
Confia irmão chegou a tua hora  
A benção chegou e você vai levar  
(GOMES, E., 1998, np.).

Não se sabe ao certo qual o critério que o padre utiliza na escolha de suas músicas, mas esta parece lhe ter sido entregue pela editora *Warner/Chappell*. Uma das formas mais comuns de pessoas ou grupos de pessoas assegurarem seus direitos sobre as suas composições é transferir a uma editora a representação a obra para fins burocráticos e mercadológicos. Por isso algumas gravadoras e editoras são criadas em articulação. É o caso da MK Music com a MK Editora e da Onimusic com a Editora Adorando. Mas a relação entre editores e compositores pode assumir formatos diferentes conforme os contratos. A depender da situação, uma editora pode, por exemplo, ceder uma canção para a gravação de um artista sem aviso prévio a quem a criou, que só recebe pelos seus direitos após a venda dos álbuns, se isso



ocorrer. Em alguns casos, os cantores e músicos descobrem as canções nas editoras e acabam nem tendo contato com os compositores, o que nem sempre gera conflitos, mas quando gera, a polêmica pode ser grande. Esse parece ter sido o caso de *Anjos de Deus*.

A canção já havia sido gravada duas vezes. Deu título ao terceiro álbum de Keila Miranda (1993), uma adolescente cujo pai percorria o interior de Minas Gerais a fim de abrir igrejas, sempre a deixando “cantar para atrair pessoas”<sup>105</sup>. Também foi incluída no primeiro álbum de Elaine de Jesus (1993), a cantora paranaense assembleiana tornada uma referência em música pentecostal. Com o título *Pentecoste Divino*, o álbum de Elaine foi produzido em LP, K7 e CD, já que a indústria da música estava em uma fase de transição. Mas este último formato tinha a novidade de trazer as canções e seus respectivos *playbacks* em uma mesma mídia. Talvez por isso tenha se tornado mais conhecido nas pequenas igrejas pentecostais caracterizadas pelo assembleísmo difuso.

A partir desses trabalhos, a canção *Anjos de Deus* tornou-se conhecida entre os crentes do Sudeste, sobretudo os pentecostais. Ela por si só já gerou reações controversas no decorrer dos anos 1990. Silas Malafaia, pastor assembleiano que na época já era razoavelmente conhecido nesse meio, começou a introduzir em alguns de seus sermões, gravados e distribuídos em VHS, críticas à ênfase em anjos, em detrimento de Jesus, como o faz até hoje<sup>106</sup>. Mas as próprias críticas favoreciam que a canção se tornasse ainda mais conhecida.

Imagine a surpresa que os crentes tiveram quando apareceu um padre cantando-a. Com Marcelo Rossi, ela ganhou nova vida e atingiu um público diferente. Também foi surpreendido o assembleiano Elizeu Gomes, um pastor que sempre foi mais conhecido pela sua arte do que sua ordenação. Não sei se a princípio ele se alegrou, já que o padre tornara sua composição uma das mais tocadas no Brasil, o que deveria reverter em alguma renda repassada por seus direitos. Mas logo estaria envolvido em situações delicadas em relação à sua fé. Relembrando o caso, um comentarista conta que:

Muitos interpretavam mal achando que Elizeu estaria cooperando com o movimento carismático católico. Seus discos foram alvos de comentários em diversas imprensas evangélicas, houve um momento bem delicado onde a convenção de uma denominação grande no país, solicitou que seus fiéis destruíssem os discos de Elizeu Gomes (COSTA, J., 2012, np.).

A controvérsia cresceu. Elizeu reagiu publicando uma carta na *Revista Veja* número 1573 na qual explicava que a canção não fazia parte do “repertório católico”, mas do

---

<sup>105</sup>Disponível em: < <https://keilamiranda.weebly.com/biografia.html> >. Acesso em 09 jun. 2018.

<sup>106</sup> Ver a disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BOafkYEEpPQ> >. Acesso em: 08 jun. 2018.

“repertório evangélico” e que a sua editora havia autorizado a gravação sem o seu conhecimento (COSTA, J., 2012, np.). Essa foi uma das primeiras vezes que um crente veio a público no Brasil reclamar ser o dono de uma canção. Em geral, evita-se isso. Ser vista como entregue por Deus contribui para legitimar uma música como expressão de fé, bem como o trabalho de quem a compôs. A reação de Elizeu Gomes só aconteceu por conta da polêmica com o catolicismo. Mas alguém poderia ter questionado: se a canção é de Deus, qual o problema de serem cantadas por católicos? A grande questão é que, sendo ou não de Deus, elas também são de pessoas que com elas expressaram a sua fé. Esta é sempre criada em diálogo com uma tradição acumulada de maneira específica (SMITH, 2006). Quando cantadas por pessoas que se orientam por uma tradição concebida de outra forma, surge o desconforto em relação à diferença entre as maneiras de acumular. Essa sensação de expropriação é um lembrete desagradável de que aquilo que se julga ser de Deus, também é de César. Aliás, de um César evangélico, não católico.

Ao que parece, esse conflito de direitos foi resolvido com um acordo entre as partes, a fim de que o padre passasse a reconhecer em público que a canção era composta por um evangélico. Os crentes entendiam que a confusão foi criada porque Marcelo Rossi afirmava que a canção era de domínio público (COSTA, J., 2012). Não consegui rastrear nenhuma situação em que o padre tenha feito isso. Talvez ele tenha somente evitado falar sobre a origem da canção a fim de não ser rejeitado pelos próprios católicos. Também não se pode descartar a possibilidade de que, nesse primeiro momento, ele tenha acessado as canções diretamente com a editora, sem se preocupar com a origem.

Para além dessas imprecisões, ao longo de sua carreira o padre Marcelo vem incorporando canções do “repertório evangélico”<sup>107</sup>. E também se envolveu em diferentes conflitos de direitos autorais. Não são todos, mas alguns acabam decididos na justiça. Um dos mais recentes se deu em relação à canção *Noites Traíçoeras*, quando se estabeleceu uma disputa entre o senhor que é tratado como compositor nos trabalhos do padre Marcelo e uma moça pentecostal que reclamou danos morais e materiais por conta da suposta autoria e terminou condenada a indenizá-lo. Conflito que se encerrou com a sentença de uma juíza do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro que a negou um recurso em 2016<sup>108</sup>. Casos como esse

---

<sup>107</sup> Consegui identificar na discografia do padre pelo menos vinte regravações de canções que inicialmente se fizeram conhecidas no meio evangélico na interpretação de Aline Barros, Cassiane, Diante do Trono e outros.

<sup>108</sup> Disponível em: <http://www1.tjrj.jus.br/gedcacheweb/default.aspx?GEDID=00041AD868A823735C6A3CB6372323B100EDC505432F0743> >. Acesso em: 09 jun. 2018.

demonstram como a esfera política é acionada na mediação de conflitos envolvendo recursos necessários ao exercício da fé.

Antes de se tornarem objeto de qualquer contenda pública, as canções em questão já estavam envoltas em controvérsias internas ao multiverso em que circulavam. No decorrer dos anos 2000, assistiu-se entre os crentes a estandardização dos ministérios como o ideal de trabalho musical cristão e isso afetou tudo o que circulava pelo gospel, seja em assimilação ou oposição. As canções ganharam cada vez mais status de algo dado por Deus, mas volta em meia, quando algum compositor ou intérprete fazia algo visto como pecaminoso, alguém colocava em questão se a sua produção ainda poderia ser usada na prática da fé. Aí, diferentes respostas levam a diferentes dilemas. Se as canções de um crente pecador podem continuar em uso porque vieram de Deus, a utilização pode ser interpretada como convivência com seu erro. Se, ao contrário, elas não podem mais ser usadas porque remetem ao pecador, é porque também são dele, nunca vieram somente de Deus.

Na polêmica com o padre Marcelo, Elizeu Gomes experimentou esse dilema quando a liderança de uma denominação pediu aos crentes que destruíssem seus discos. O aparente pecado era a aproximação com Igreja Católica, mas outros tabus podem gerar reações semelhantes. Diversos artistas do meio gospel já se viram em situações desse tipo. A própria aparição na Rede Globo, como fez Aline Barros, foi motivo de discórdia. Pessoas ligadas ao Diante do Trono, quando fizeram aproximação semelhante também geraram polêmicas. Um dos ministros de louvor de uma igreja que visitei em Natal (RN) disse-me em uma conversa que seu ministério tinha uma preocupação especial em analisar as novas canções que Ana Paula e André Valadão criaram ao se aproximar da Globo e filiar à Som Livre para conferir se isso não estava “tirando o foco”. Há também casos de divórcios que, quando se tornam notícia no meio gospel, impactam as escolhas musicais dos crentes, tanto em seu lazer quanto nos cultos das igrejas. Kleber Lucas experimentou isso, assim como Lauriete, Ludmila Ferber e outros (REDAÇÃO IBAHIA, 2016).

Esse dilema ficou mais evidente no caso de Talles Roberto. Ele diz que na sua infância sempre teve “a igreja como extensão da casa, e a casa como extensão da igreja; até porque filho de pastor não tem muita escolha. Quando está na igreja, o assunto é igreja; quando está em casa o assunto é igreja; quando está na escola, ele é o ‘da igreja’”<sup>109</sup> (RAMOS, 2013, p. 12). Seu pai era líder de uma Comunidade Sara Nossa Terra, uma denominação que surgiu em Brasília, derivada de uma comunidade evangélica que realizava em Goiânia um trabalho

---

<sup>109</sup> Tomei a obra citada como fala do próprio cantor, já que ela foi redigida pelo seu amigo Daniel Ramos a partir de gravações que o próprio Talles fez com seu celular.

semelhante ao das comunidades Estado fluminense, dando maior atenção à música<sup>110</sup>. É o pai de Talles que leva a denominação ao interior de Minas Gerais, fundando uma comunidade em Passos (MG). É o contexto em que ele começou a desenvolver suas habilidades musicais, sempre em meio a outros músicos que tocavam em outras igrejas evangélicas ou em eventos evangélicos da região, mas incomodado pelas coisas que não podia fazer pelo fato de ser crente (RAMOS, 2013).

Seu desenvolvimento como músico levou-o a mudar para Belo Horizonte, a fim de integrar o ministério de louvor de uma Comunidade Sara Nossa Terra maior, na capital. Foi dali que ele assistiu a ascensão do Diante do Trono como modelo de grupo musical, integrando uma banda, na qual também participava, por exemplo, Nívea Soares (RAMOS, 2013). A banda realizava um trabalho paralelo ao eclesiástico, apresentando-se em festivais de música gospel, mas acabou se desfazendo. Ele foi morar com um amigo e deixou de participar da igreja, passando a viver de aulas de canto e gravação de comerciais para uma estação de rádio (RAMOS, 2013). Foi assim até que recebeu o convite para cantar na gravação ao vivo de uma “grande banda de Belo Horizonte, famosa no Brasil inteiro” (RAMOS, 2013, p. 62). Ele não conta em seu livro, mas a banda é Jota Quest e a gravação, realizada entre 1 e 2 de maio de 2003, deu origem ao álbum *MTV ao Vivo*<sup>111</sup>.

A informação é omitida propositalmente porque ele não quer atrelar o que aconteceu em sua vida a partir daí a nenhum dos componentes da banda. Talles fala que eles sempre lhe repreendiam por seus excessos (RAMOS, 2013). O “cara da igreja”, em repúdio a essa pecha, diz que resolveu ir de um extremo a outro quando passou a viajar pelo Brasil para cantar com Jota Quest. Dali em diante, ele faz uma narrativa que vai de drogas leves às mais pesadas, até o extremo de uma overdose. Ele diz que já experimentou “de tudo”, mas que só depois de “apanhar muito” é que se lembrou que “não existe nada que se compare à presença de Jesus” (RAMOS, 2013).

No decorrer da carreira, apareceu a oportunidade de tocar com Jamil e Uma Noites. Grupo musical baiano dedicado ao axé, conhecido nacionalmente por suas gravações em praias e seus hits de verão<sup>112</sup>. É outra banda que Talles evita citar o nome em seu livro. Ele diz que a mudança de ares lhe permitiu andar por lugares diferentes e isso lhe ajudou a começar a se afastar dos seus excessos (RAMOS, 2013). O problema é que não conseguia se desprender

<sup>110</sup> Site disponível em: < <http://saranossaterra.com.br/historia-da-sara/> >. Acesso em 3 jan. 2019.

<sup>111</sup> Na filmagem da canção *Encontrar Alguém*, Talles pode ser visto uma vez ao fundo da imagem do guitarrista, e duas vezes ao lado de outro *back vocal*, respectivamente em 1:37, em 2:29 e 3:03 do vídeo. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SeDMHbFGmvQ> >. Acesso em 17 jan. 2019.

<sup>112</sup>. Site disponível em: < <http://www.jammileumanoites.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

das drogas, especialmente maconha e cocaína (RAMOS, 2013). Ele diz que num dia em São Paulo, enquanto tomava um banho tentando se livrar da ressaca da noite anterior, sentiu-se tomado de vergonha e, meio que num ato de desespero, começou a orar e esfregar seu corpo (RAMOS, 2013). Aos prantos, ali mesmo, ele conta que berrou uma oração cantada que daria origem à primeira parte da canção *Arde outra vez*:

Eu não quero mais viver longe da tua presença  
 Meu Senhor hoje quero voltar, voltar ao início de tudo  
 De quando eu era feliz, sentia a tua presença  
 Caminhava ali no seu jardim, te encontrava todo dia

Mas me perdi, Senhor, no caminhar  
 Tentei andar sozinho, na aventura dessa vida  
 Foi só ilusão  
 Confesso que andei perdido, sim

Mas, hoje, eu te devolvo um coração  
 Arrependido de tudo o que fez  
 Quero voltar, Senhor, para os Teus rios  
 Voltar, Senhor, para os Teus rios

[Refrão]  
 Me molha, me lava  
 Me ensina, me inspira  
 E arde outra vez no meu coração  
 (ROBERTO, 2009a, np.).

Assim Talles começou sua jornada de progressivo afastamento de seus vícios, mas isso não se deu de forma imediata e, nesse, processo surgiram outras canções, como *Casa do Pai*<sup>113</sup> e *Deus da Minha Vida*<sup>114</sup>. Para Talles, para mudar realmente, precisava abandonar o espaço que tinha conseguido na música até ali e buscar outro horizonte, com novas companhias. É assim que se dá a sua passagem ao gospel.

O problema é que quando crentes olham para ele, enxergam alguém que já tinha certo sucesso no “mercado secular”. Esse meio nunca foi generoso com quem havia adquirido fama antes de se tornar crente. A suspeita dos reais interesses que levavam à conversão é um fardo carregado pelos “artistas convertidos” (DE PAULA, 2008). Seria a inserção no gospel apenas

<sup>113</sup> Letra: “Eu sinto falta da Sua voz / Me chamando pra entrar / Eu sinto tanta saudade / De caminhar Contigo / Saudades do meu Amigo / Saudades do meu Pai // Pai, eu sei que não mereço mas / Eu não tenho pra onde ir / Eu sinto tanta saudade / De conversar Contigo / Saudades do meu Amigo / Saudades do meu Pai // Eu vou voltar pra casa do Pai / Eu quero o amor da casa do meu Pai / E repousar tranquilo nos braços do meu Pai” (ROBERTO, 2009b, np.).

<sup>114</sup> Letra: “Deus meu / Pai meu / Amor meu / Tudo, razão de tudo // Deus meu / Ar meu / Farol, o farol que eu / Preciso, como eu preciso // Eu preciso Te sentir todo dia / E olhar pra Tua luz pra não me perder / Meu Senhor, Tu és a minha alegria / E eu preciso // Deus da minha vida fica comigo / Sou a sua casa mora em mim / Deixa eu te dizer o que eu preciso, Pai / Eu preciso do Senhor” (ROBERTO, 2009c, np.).

uma estratégia para reciclar uma carreira à beira da falência? Como se não bastasse, ele compunha de modo distinto, incorporando referências musicais variadas. Isso lhe fez receber várias negativas de gravadoras e distribuidoras do meio gospel, ao mesmo tempo em que lhe complicava a relação com os próprios crentes (RAMOS, 2013). Os ouvidos treinados estranhavam as inovações e não se aperceberam do potencial dessa novidade. Que crente vai querer escutar seu swing na era dos ministérios e das canções de dez minutos com três acordes? Quando, enfim, ele consegue gravar e lançar o álbum *Na Sala do Pai*, em 2009, obtém grande sucesso e impacta o desenvolvimento do gospel nos anos 2010.

Entre os dois ciclos dessa pesquisa, estive em cinco shows de Talles Roberto. Me impressionava a quantidade de crianças e adolescentes que lhe ficam esperando ao final da apresentação para tirar uma foto. O autógrafo é algo que os ministérios haviam transformado em um tabu, mas a nova geração não quer uma assinatura, pois prefere uma *selfie*. E esse é só um dos aspectos aparentemente mais afeitos ao show do que ao culto que Talles reinventou.

Uma das moças com quem conversei durante um dos shows disse-me que tinha “saudades do tempo em que a gente ia em show só pra ver gente mesmo. Hoje é tudo ministração, oração, pregação... Isso a gente tem na igreja”. Talles atendeu de certa forma a essas insatisfações ao trazer algo um pouco diferente. Além disso, foi acompanhado de novos convertidos que ainda não haviam sequer experimentado aquilo que os crentes chamam de adoração. A canção *Escrita pelo Dedo de Deus*, da qual um dos versos foi escolhido para intitular sua biografia como “Olha o que ele fez comigo”, consistia numa mensagem clara de que, se ele havia conseguido se afastar das drogas através da fé, outros também podiam<sup>115</sup>. Mais uma vez temos motivos para pensar que são as canções que atraem conversões e depois às entregam para as igrejas.

De toda forma, consciente ou não, Talles parecia inovar bastante, o que fez com que aquela suspeita característica dos artistas convertidos nunca se afastasse completamente dele. Isso parecia estimular críticas de bastidores. Muitos desconfiavam que ele escrevia suas composições pensando na lucratividade e não em “levar as pessoas à presença de Deus”.

---

<sup>115</sup> Essa é uma composição de Talles em parceria com R. R. Soares. Letra: “Jesus pode escrever a sua história de novo / Olha o que ele fez comigo / A chance de dar tudo errado era tudo o que eu tinha em mim / Mas olha o que ele fez comigo // No olhar eu carregava um pouco de morte / E a minha festa estava tão vazia de sorriso / E quando eu pensei que o rio ia secar / Olha o que ele fez comigo / E vai fazer assim contigo hoje // Um dia já cansado eu disse ‘Pai não quero ser mais prisioneiro da maldade’ / E ele me chamou de filho // Pedi perdão me humilhei chorei, como eu chorei / E ele foi fiel comigo // Arrancou aquela tristeza que doía / Me lavou com o seu sangue, perdoou / E a minha festa agora é cheia de sorriso / Olha o que ele fez comigo / E vai fazer assim contigo hoje / Ele é meu melhor amigo / Viver com Jesus é lindo // Junte suas forças e clame a Deus / Ele escuta o grito do seu fraco coração / Eu não tinha nada agora eu tenho vida / E uma história nova linda escrita pelo dedo de Deus / Escrita pelo dedo de Deus / Escrita pelo dedo de Deus” (SOARES; ROBERTO, 2011, np.).



Um dia, em meio a um show realizado em 2015, Talles se apropriou da narrativa bíblica de José do Egito e fez um desabafo:

[...] não é por ser o melhor dos meus irmãos que eu tenho que ser morto por eles [...] eu tô falando hoje porque eu cansei e a partir de hoje eu vou cantar o que eu quero, vou postar o que eu quero, vou falar o que Deus me mandou falar. [...] Deus me deu mais que todos os cantores gospel. Eu sou rico [...] E sabe o que eles fizeram, os outros cantores, ficaram de mal de mim. Por que incomoda? [...] Deus mudou a minha vida e eu não devo nada a ninguém (TALLES..., 2015, np.).

A soberba, o pecado da vez. Mais um criador de canções aparentemente caído. Foi assim que essa fala foi recebida no multiverso dos crentes. É o que aparece nos comentários ao vídeo citado acima. Na era das câmeras móveis espalhadas por todo lugar, aquilo que era para ser a fala de um show, tornou-se um vídeo no *YouTube* e logo se disseminou, especialmente entre músicos. Ninguém conseguia entender direito porque ele tinha feito um discurso aparentemente tão arrogante. O interessante é que no momento em que ele fala isso, participantes dizem “glória a Deus” e “aleluia” em franca concordância. Se eu compreendi algo disso, é que diferentes fatores contribuíram para aquele desabafo. Levando em consideração que Talles estava dando à música e ao lazer um papel de maior protagonismo nas apresentações, desconfio que deve ter sido pressionado com exortações de que o mais importante é a ministração.

Mas o mais relevante é o que vem a seguir. Quando estive na Escola Adorando em 2016, a polêmica ainda estava no auge. Desde o primeiro dia eu escutava gracejos sobre isso, especialmente nos intervalos das atividades programadas. Quando alguém pegava um violão e perguntava o que queria que tocasse, outro já encaixava uma piada “só não vale o Talles, ele está acima da média”. No dia do Workshop sobre ensaios em grupo, na parte final, abriu-se um período para perguntas. Havia a restrição de que se evitasse falar o nome de algum artista, já que era transmitida ao vivo pelo *YouTube*. Um rapaz pediu a palavra, pegou o microfone e perguntou: “Vocês falaram de como escolher as músicas para levar para a igreja, mas e quando a igreja já conhece uma música, nós já tocamos no culto, mas o cara que fez ela caiu em pecado? A gente pode continuar tocando?”. Nesse momento boa parte dos ouvintes deu uma gargalhada, porque era impossível não saber que era uma referência a Talles Roberto. O palestrante, desconcertado, explicou que a canção era algo distinto do autor, mas que as pessoas acabam confundindo, por isso, o melhor a fazer era “ficar um tempo sem tocar as músicas que ele fez”. Neste dia, na fila do jantar, eu perguntei ao rapaz porque tinha feito a



pergunta e ele disse que não sabia o que fazer em sua igreja, pois desde que soube que o Talles havia “caído no pecado do orgulho”, queria parar de cantar as músicas dele nos cultos, mas os irmãos lhe procuravam querendo que ele tocasse canções como *Mesmo Sem Entender*<sup>116</sup> e *Deus Me Ama*<sup>117</sup>, com a justificativa de que “sentiam a presença de Deus” com elas.

Como um meio para “entrar na presença de Deus”, canções de fé tornaram-se parte importante da vida de muitos crentes e é essa experiência que caracteriza isso que chamam de adoração. Ela não está restrita apenas ao âmbito das ministrações. Essas características ofuscam completamente o papel das pessoas envolvidas na criação, o que pode se tornar controverso ainda no âmbito da própria religião, na hora de decidir quais estão habilitadas para viabilizar a adoração. Mas podem se asseverar quando entram em cena dos conflitos de propriedade intelectual.

Diante da regulamentação estatal, cada canção, ainda que ocupe um lugar especial numa relação de fé, é sempre produzida por alguém. A pessoa ou o conjunto de pessoas que a compôs detém a autoria sobre a obra. E a pessoa que a interpreta, fixando-a em uma mídia, também está conectada a essa titularidade. A produção musical é regrada no Brasil do ponto de vista dos direitos autorais e direitos conexos, em que autores e intérpretes devem receber uma contrapartida pelo uso da obra (MELLO, 2013). Isso, de certa forma, tem a legitimação colocada em questão quando na esfera religiosa. Quando diferentes interesses entram em desacordo num ambiente democratizado é o Estado que tende a ser chamado a mediar a disputa, ainda que ela esteja ligada a questões religiosas. Algo que aparentemente contradiz uma definição restrita de laicidade.

Para Giumbelli (2013), diante da realidade empírica e do debate teórico atual, avaliar se uma sociedade é mais ou menos laica é menos produtivo do que examinar que tipo de laicidade se configura em determinada realidade social. Seu projeto de estudo nesse cenário é

---

<sup>116</sup> Letra: “Mesmo sem entender / Mesmo sem entender / Eu confio em ti / Mesmo sem entender / Eu sei que é o melhor pra mim / Mesmo sem entender // Deus, mesmo que eu não consiga entender / E queira tudo do meu jeito, eu até choro / E as vezes até chego a dizer / Por que é que tem que ser tão difícil pra mim / Parece que é difícil só pra mim // Eu sei, seus pensamentos são mais altos que os meus / O teu caminho é melhor do que o meu / Tua visão vai além do que eu vejo / O Senhor sabe exatamente o que é melhor pra mim / E mesmo que eu não entenda o seu caminho, eu confio // E, Deus, porque sou tão pequenino assim / Vou ficar quietinho aqui em seu colo esperando o tempo certo de tudo / Porque eu sei que vais cuidar de mim / E o seu melhor está por vir / Eu sei que é o melhor pra mim / Mesmo sem entender” (ROBERTO, 2011c, np.).

<sup>117</sup> Letra: “Mesmo sendo assim, pobre pecador, Deus me ama / Mesmo sendo falho, mesmo sem merecer, Deus me ama / Se eu estou forte, se eu estou de pé, Deus me ama / Se eu estou fraco, se eu estou caído, Ele não deixa de me amar // Sem o Seu amor, Sem o seu perdão, o que seria de mim? / Deus me amou tanto que entregou Seu filho pra morrer em meu lugar // Deus me ama e o Seu amor é tão grande incondicional / Deus me ama e Ele está sempre de braços abertos pra mim” (ROBERTO, 2011a, np.).

sintetizado com a fórmula “para estudar a laicidade, procure o religioso” (GIUMBELLI, 2013). Trata-se de procurar a religião no Estado, ou seja, as formas como a esfera política de uma sociedade regula o que é percebido nessa mesma sociedade como religioso. Isso levando em conta que tal regulação é nem sempre formal e nem sempre estatal. O autor exemplifica suas aplicações com análises das configurações estatais da França, do Uruguai, do México e do Brasil, apontando que laicidade é resultado de regulação religiosa (GIUMBELLI, 2013).

Já discuti neste capítulo que o avanço da modernidade implicou na perda do poder de regulação que as igrejas tinham (HERVIEU-LÉGER, 2015). Mas essas instituições não apenas perdem o papel regulador que tinham, como também passam a ser reguladas por outras, concebidas pelo Estado, a fim de que tenham seu poder controlado. Vista por esse prisma, a laicidade não se mostra como ruptura completa entre religião e política, nem mesmo entre igreja e Estado, mas como uma relação específica em que uma esfera regula a outra, estabelecendo limites e gerenciando conflitos. Numa democracia, a que assume esse papel é concebida como a que busca a contribuição do maior número de pessoas possível, religiosas inclusive. É por isso que Casanova (2006) diz que apartar pessoas religiosas da política pode ser um ato paradoxalmente antidemocrático. Proteger minorias contra maiorias tirânicas independe da religião (CASANOVA, 2006).

Nessa perspectiva, a controversa participação de deputados evangélicos nas questões políticas deixa de ser vista como necessariamente ameaçadora à laicidade do Brasil para ser tratada como inerente ao jogo democrático e parte da configuração de laicidade específica do contexto brasileiro atual. A pertinência ou não das suas propostas precisa ser julgada por outros critérios, pois o argumento de que são pessoas que agem tendo em vista a própria fé não é suficiente e, por vezes, nem necessário, para descredenciá-las. É assim que a regulação de canções religiosas, assim como outras questões conexas, é tratada nesta seção. Não como uma intromissão da religião na esfera política, mas como uma busca por fixar politicamente o lugar da religião.

Se Estados democráticos ampliarem cada vez mais a participação de sua sociedade e ela é composta de diferentes grupos religiosos, é provável que a quantidade de questões públicas contenciosas envolvendo a fé cresçam ao invés de diminuir (CASANOVA, 2006). A penetração de políticas públicas nas esferas mais privadas da vida, tais como a sexualidade, pode estimular isso (CASANOVA, 2006). A democracia está imbuída de um ideal de regulação dos desacordos. Sendo assim, a busca por fixar o trato com elementos até então restritos ao âmbito privado pode gerar sua publicização. É o que acaba acontecendo com a produção musical dos crentes.

O projeto de lei número 3.364 de 2012 (BRASIL, 2012), proposto pelo deputado e pastor Marco Feliciano, deixa evidentes os pontos de tensão em torno dos direitos autorais dos crentes. O proponente elegeu-se pela primeira vez em 2010 pelo Partido Social Cristão (PSC/SP) com mais de um milhão de votos e reelegeu-se pelo mesmo partido em 2014 com quase 400 mil. Não bastasse a sua votação expressiva que por si só o torna alvo do debate político, desde o primeiro mandato envolveu-se em disputas diversas entre evangélicos e outros grupos. Mas o que o tornou nacionalmente conhecido foi sua eleição como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) em março de 2013, pouco antes das mobilizações de junho, o que o fez alvo de parte dos protestos. Campos, Gusmão e Maurício Júnior (2015) comentam o seu papel na controvérsia que ficou conhecida como “cura gay”, na qual polemizaram o pastor Silas Malafaia e o deputado Jean Wyllys<sup>118</sup>.

Nos seus dois mandatos, Feliciano procurou apresentar projetos de lei sobre temas que fossem mais ligados ao interesse dos evangélicos, grupo que ele pretende representar. Porém, como o grupo não é homogêneo, em certas circunstâncias, surgem interesses divergentes em seu interior. É o que fica evidente no projeto de lei em questão. É proposto pelo parlamentar com o intuito de proteger da cobrança por direitos autorais certos usos de música que são entendidos como religiosos.

É importante ressaltar que o debate sobre direitos autorais acontece em escala global e possui algumas questões de difícil resolução. O trabalho de Mello (2013) apresenta um panorama de como isso se dá no âmbito nacional. A primeira legislação sobre direitos do autor e os que lhe são conexos no Brasil é de 1973, sancionada pelo governo Médici em plena ditadura militar. Ela criou o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), instituição não governamental incumbida da gestão dos valores devidos a autores, e o Conselho Nacional de Direito Autoral (CNDA), responsável por fiscalizá-lo e auxiliá-lo fixando seu regramento (MELLO, 2013, p. 6).

Passada a redemocratização, surgiu o projeto de lei 5.430/1990, que ao longo de sete anos foi debatido sob a relatoria do deputado Aloysio Nunes Ferreira<sup>119</sup> (então PMBD/SP) para, enfim, dar origem à lei 9.610 de 1998, hoje conhecida como LDA, a lei de direitos

---

<sup>118</sup> Para um panorama dessa controvérsia na perspectiva de embates semelhantes que ocorrem desde a constituinte, ver o trabalho de Marselha Souza (2016).

<sup>119</sup> Formado em Direito, iniciou-se na política nos anos 1960, em resistência armada contra o Regime Militar. Por conta dessa luta, foi condenado e saiu do país. Regressou ao Brasil em 1979 e esteve envolvido na mobilização pela redemocratização. Desde então vem exercendo cargos públicos, sobretudo em São Paulo. Em 2014 foi candidato à vice-presidência pelo PSBD e, entre 2017 e 2018, foi Ministro das Relações Exteriores. Seu site está disponível em: < <http://www.aloysionunes.com/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

autorais (MELLO, 2013, p. 9). Ela introduziu importantes modificações na legislação anterior, sendo a mais proeminente a extinção do CNDA (MELLO, 2013, p. 10). Devido ao grande conflito de interesses, acabou publicada com graves omissões, tais como, por exemplo, extinguir o CNDA e não designar um substituto, deixando o ECAD completamente sem fiscalização (MELLO, 2013, p. 10). Tais omissões abriram discussões que se prolongam com os anos. Por isso a temática é constantemente debatida. A última reunião deliberativa de que tenho notícia ocorreu em julho de 2016<sup>120</sup>. São muitos pontos polêmicos que se tornam alvo de projetos de lei, mas o que nos interessa nesta tese é a discussão sobre quais os casos de exceção à cobrança por uso das obras.

Ainda antes da promulgação da LDA, foi proposto pelo deputado Serafim Venzon<sup>121</sup> (então PSDB/SC) o Projeto de Lei 9699 de 1997, que visava resguardar algumas instituições da obrigação de pagamento dos direitos autorais pelo uso de obras musicais. Ele é alvo de amplo debate, tendo reunido até hoje pelo menos 44 apensados, que são projetos de matéria semelhante que ficam provisoriamente agrupados para deliberação em conjunto.

O projeto de lei 3364/2012 proposto pelo pastor Feliciano é um desses. Se o projeto de Venzon visa “isentar órgãos públicos e as entidades filantrópicas do pagamento de direitos autorais pelo uso de obras musicais e litero-musicais em eventos por eles promovidos” (BRASIL, 1997, p. 672), o do pastor intenta estender a isenção aos “eventos religiosos” (BRASIL, 2012, p. 5849). Na justificativa do projeto, o pastor considera que “a cobrança de direitos autorais às igrejas por eventos realizados com mera finalidade de evangelização e louvor sem fins lucrativos, representa um abuso no poder de fiscalização do Ecad” (BRASIL, 2012, p. 5849).

É importante destacar que a LDA é omissa em relação às entidades que gozarão de isenção do pagamento, apenas manifestando-se no seu Artigo 46 sobre os usos que não ferem os direitos autorais. Isso confere autonomia ao ECAD para decidir sobre que instituições irá isentar, o que significa que poderia cobrar direitos autorais de igrejas sobre o uso de música em suas celebrações se assim decidisse. Porém, essa não tem sido a prática da agência. Em um dos workshops realizados na Escola Adorando sobre direitos autorais, Nelson Tristão explicou que “A lei não proíbe o ECAD de [...] cobrar, mas ele não vai [...] cobrar porque ele

---

<sup>120</sup> O vídeo da sessão está disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=1tejbPz7GVE> >. Acesso em 19 jan. 2019.

<sup>121</sup> Político catarinense que foi deputado federal entre 1995 e 1999. Seu site está disponível em: < <http://www.aloysionunes.com/> <http://www.serafimvenzon.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

entende que ali é um lugar de culto e ele respeita como liberdade religiosa” (TRISTÃO, 2016, 01:17:19).

Se o ECAD não agisse dessa forma, a pequenina igreja pentecostal que descrevi no início do capítulo teria que pagar algum valor pelo uso de *Rompendo em Fé* em uma de suas reuniões. Valor esse que seria transferido a Edson Feitosa através da editora em que ele estivesse registrado, a agência que faz a mediação entre o ECAD e os compositores. Até a própria ideia de um “culto de oportunidades” talvez precisasse ser revista, pois, via de regra, para calcular o valor cobrado nas apresentações públicas, o escritório de arrecadação exige que se informe de antemão quais músicas serão executadas. É para evitar o constrangimento às igrejas que elas são isentadas informalmente.

Essa prática do ECAD foi reafirmada em meio a uma polêmica se estabeleceu quando uma agência internacional iniciou suas atividades no Brasil. A *Christian Copyright Licensing International* (CCLI) é uma corporação que recolhe direitos autorais nas igrejas de matriz protestante ao redor do mundo e distribuí-los aos compositores e conexos. Mas não apenas isso. Ela se especializou em orientar igrejas a cumprir outras obrigações não econômicas, como a exibição do nome dos compositores juntamente com as letras quando projetadas para o público. Em 2016, em seu site<sup>122</sup>, anuncia possuir mais de 250 mil igrejas afiliadas em 28 países. Iniciou suas atividades no Brasil em 2008, instalando uma sede em São José do Rio Preto (SP), mas gerou polêmica quando intensificou seu trabalho, enviando cartas às igrejas brasileiras para que se filiassem ao seu programa.

Cada carta tinha um cabeçalho que colocava em destaque a frase “regularize a sua igreja”<sup>123</sup>. Quando foi recebida pela Igreja Cristã de Nova Vida, Walter McAlister, seu líder máximo, utilizou seu perfil no Facebook e sua conta no Twitter para publicar seu desagravo à possibilidade de uma igreja pagar pelo uso de música nos cultos (REDAÇÃO..., 2012, np.). Ele a recebeu como uma notificação e questionou a legitimidade do que se pretendia. Esse foi o estopim de uma controvérsia que se espalhou pela mídia gospel. Críticos internos se levantaram contra os músicos, como percebido nas palavras ferinas do comentarista a seguir:

Dizem “essa letra dessa canção foi o Senhor Deus que me deu quando eu estava no monte depois de três dias em jejum e oração”. Mas quando alguém canta a letra que ele recebeu do próprio Deus que é o autor da letra que deu a ele no monte, ele vai a juízo contra o irmão pra tentar arrancar dinheiro do irmão no processo judicial. Por que o irmão que também está pregando o

<sup>122</sup> Disponível em: < <http://www.ccli.com.br/> >. Acesso em 20 ago. 2016.

<sup>123</sup> Disponível em: < <http://leandropedras.blogspot.com/2012/09/igreja-e-o-direito-autoral.html> >. Acesso em: 3 jun. 2018.

evangelho não pode usar a letra para granjear almas para o Reino de Deus? [...] O Evangelho não é de graça? (MÚSICA..., 2014, 00:05:39).

Nesse contexto, a CCLI foi alvo de denúncias, algumas delas ao próprio ECAD, que foi obrigado a se pronunciar sobre o caso. Na ocasião, enfatizou ser a única agência com poderes legais para recolher direitos autorais no Brasil com base no Artigo 99 da LDA e buscou desvincular sua atuação da CCLI, deslegitimando-a, além de afirmar que “o Ecad não efetua a cobrança de direitos autorais de obras musicais executadas publicamente durante *cultos religiosos* de qualquer natureza” (ECAD, 2012, sp., destaque meu). Em suma, a CCLI conquistou o apoio de pessoas de renome no meio gospel e continua atuando com regime de voluntariado ao qual adere a igreja que quiser, mas precisa enfatizar cada vez mais isso para não entrar em um impasse com o ECAD<sup>124</sup>. Para além dessa realidade, importa destacar a posição da agência brasileira em relação aos “cultos religiosos”. A diretriz geral é não cobrar, embora isso não conste em regramento algum.

O problema é que a forma como se desenvolveu a música gospel tornou a fronteira entre o lazer e a religião de difícil definição, o que complicou as possibilidades de o ECAD manter coerente a sua posição. Ginásios poliesportivos, estádios de futebol, antigos cinemas, teatros, praças públicas, casas de shows e a própria rua, com as Marchas para Jesus. Esses espaços se tornaram lugares de culto, tornando evangélicos uma “cultura pública” (GIUMBELLI, 2014b). Nessa publicização, como destaca Sant’ana (2014), o som é um elemento primordial. Acrescento que as canções de fé se tornaram um componente central da própria experiência de ser crente. Na dança das instituições, a música tornou-se parte da definição do que significa ser evangélico no país e a sua publicização não é só uma forma de proselitismo, mas também de culto, pois muitas vezes é o que o viabiliza na forma como é desejado. Volto a isso no próximo capítulo. Mas é por conta dessa complexidade que Feliciano buscou fixar legalmente uma isenção.

Qual critério o ECAD deveria utilizar para separar o show, sobre o qual incide a cobrança, do “culto religioso”, que é isento? Na justificção de seu projeto de lei, o deputado argumenta que:

No caso de eventos religiosos a cobrança de direitos autorais fere o princípio fundamental do livre exercício de culto religioso e proteção de suas liturgias, contidos no art. 5º, VI da Carta Política. A Carta Magna admite a fiscalização do aproveitamento comercial e econômico das execuções musicais.

---

<sup>124</sup> Advém daí que apoiadores de renome sejam expostos no site. Entre eles, o pastor Márcio Valadão.



Levando em consideração o fato dos eventos religiosos não possuir intuito lucrativo é que se faz necessário incluir esses eventos no rol dos assuntos elencados no inciso VI do art. 46, da lei dos direitos autorais, que já prevê não constituir ofensa aos direitos autorais a execução musical no recesso familiar e em estabelecimentos de ensino com fins didáticos, não havendo em qualquer dos casos a pretensão de lucro. (BRASIL, 2012, p. 5849).

Ele propõe que “casas de festas (clubes ou associações) quando utilizadas com finalidade exclusiva de comemoração privada ou eventos religiosos, [...] sejam isentas do pagamento de direito autoral ao ECAD” (Brasil, 2012, p. 5849). Com a noção de “evento religioso” pretende-se desconectar a ideia de culto do templo, ampliando a isenção que o ECAD vem concedendo às igrejas. No projeto é destacada a controversa situação de uma pessoa que irá se casar. Se o casamento for realizado na igreja, o ECAD não cobraria o valor referente aos direitos autorais. Porém, se o espaço de culto da sua igreja for pequeno para comportar os convidados, já que o casal convoca toda a família e não apenas os membros da mesma igreja, e for preciso locar um salão para a realização da cerimônia, o valor seria cobrado. A não ser que a pessoa resolvesse fazer o casamento sem executar música alguma, o que no cenário evangélico atual tornou-se algo difícil de imaginar.

Na convivência com alunos da Escola Adorando, conheci outras situações desafiadoras. Sigamos com a suposição de que o ECAD utilize os templos como critério, recolhendo os direitos apenas dos cultos realizados fora desse ambiente. É comum em periferias do Brasil, alguns grupos jovens das igrejas de um mesmo bairro ou região combinarem um encontro para apresentação de suas bandas. Isso é conhecido como “Louvorzão”. Meinerz (2004, p. 128) comenta algo do tipo em sua pesquisa em uma Igreja do Evangelho Quadrangular. Essa prática, além de propiciar algum tipo de proselitismo em relação aos convidados não crentes, cria um ambiente em que a pessoa que geralmente está trabalhando durante os cultos de sua igreja, cantando ou executando algum instrumento, é liberada para participar de uma celebração em que se sente mais livre para “entrar na presença de Deus”. O problema é que se muitas igrejas pequenas forem reunidas, logo, nenhuma delas terá espaço suficiente para comportar o encontro. A solução será locar ou tomar emprestado algum espaço. Nesse caso, segundo o critério hipotético, caberia a cobrança por direitos autorais, ainda que os jovens só quisessem realizar o culto à sua maneira.

Em contrapartida, imaginemos uma igreja de maior porte, com um templo de grande capacidade, situado na região central de uma cidade, como a que frequentei por ocasião do mestrado. Diante do desafio de se custear o aluguel do seu espaço de culto, os dirigentes da



denominação resolvem investir em um evento com algum cantor de renome no cenário gospel. Para tal, são colocados ingressos à venda nas livrarias evangélicas da cidade e são atraídos crentes de outras denominações, vindos das mais diversas regiões da cidade e até de seu entorno. Se a apresentação desse ministro de louvor ocorrer no ambiente dessa igreja e o critério for o templo, não caberia a cobrança por direitos, embora fosse um evento com intuito nitidamente lucrativo.

Para além do aspecto financeiro, não é fácil decidir que tipo de culto religioso em espaço público gozaria de isenção. A questão é controversa, ainda que o ECAD mude o critério. Se utilizar o ingresso, por exemplo, recolhendo o valor referente aos direitos apenas dos eventos nos quais ocorrer algum tipo de cobrança pela entrada, como ficaria o caso das Marchas para Jesus? Tem sido comum, sobretudo após a promulgação da Lei nº 12.590/2012, conhecida como lei da música gospel, o custeamento de eventos musicais das Marchas para Jesus com recursos públicos<sup>125</sup>. Há uma execução pública, alguns artistas recebem um valor pelas suas apresentações, muitas empresas da região emplacam suas estratégias de marketing e os criadores das canções, componente central do encontro, não teriam seus direitos recolhidos por conta de não ser cobrado nenhum ingresso.

Não tendo clareza sobre o que tratar como religião, o ECAD está em um impasse e, enquanto não for fixada uma lei, é difícil avaliar sua atuação. Por isso a iniciativa de Feliciano foi elogiada<sup>126</sup>. Por hora, tem-se dado uma espécie de desconto nos eventos religiosos controversos. A diretriz do seu regramento de arrecadação mais atual é:

Art. 30. Em caso de execução pública musical produzida por entidades religiosas ou evento de caráter religioso, os preços fixados para a concessão da licença sofrerão redução de até 25% (vinte e cinco por cento), desde que o produtor encaminhe ao Ecad o requerimento e o roteiro musical das obras que serão executadas, com antecedência mínima de 72 (setenta e duas) horas à realização do evento. (ECAD, 2016b, p. 14)

Esse é o reconhecimento de que existem eventos que, na prática, não podem ser vistos só como religião, nem só como lazer. A única posição política encontrada é intermediária. Mas situações delicadas não deixam de aparecer. Há diversas disputas na justiça que, ora decide em favor do ECAD, entendendo que a cobrança é pertinente por conta dos direitos dos autores, ora em favor dos litigantes, entendendo que a cobrança fere a liberdade religiosa.

---

<sup>125</sup> Essa lei é uma controvérsia à parte, embora pertinente. Para uma análise detalhada das questões que a envolvem ver Sant'ana (2013).

<sup>126</sup> Veja como exemplo os elogios disponíveis em: < <http://www.genizahvirtual.com/2012/09/conheca-os-fatos-ignore-os-boatos-taxas.html> >. Acesso em 16 jun. 2018.

Casos decididos contra o ECAD são citados por Feliciano na justificção de seu projeto, como, por exemplo, um envolvendo uma comunidade católica carismática na justiça de Brasília (BRASIL, 2012, p. 5049). Mas há outros decididos a favor do ECAD, como, por exemplo, contra os Gideões Missionários da Última Hora, organização ligada às Assembleias de Deus que realiza encontros anuais que reúnem dezenas de milhares de evangélicos em Camboriú (SC)<sup>127</sup>. Em sua 25ª edição, uma juíza da cidade chegou a proibir a execução de músicas (ECAD, 2007).

A busca de Feliciano por fixar isenções visa ajustar os termos do debate em favor do que entende como “uso religioso” das canções, mas não se leva em consideração o fato de que um uso, ainda que “religioso”, de uma canção é fruição do trabalho de outrem. Como negar o fato, por exemplo, de que a execução musical torna os cultos de uma igreja mais atrativos, inclusive para não crentes, aumentando potencialmente a sua arrecadação nas ofertas? As canções sempre são criadas por alguém que trabalhou no processo de composição e qualquer que seja seu uso é uma apropriação desse trabalho. Esse fato não diz respeito apenas às canções de composição recente, mas se estende àquelas que fazem parte dos tradicionais hinários, seja o *Cantor Cristão*, a *Harpa Cristã* ou qualquer outro. Como foi alertado no workshop sobre direitos autorais da Escola Adorando:

A gente na igreja pensa que por que está no hinário ou no Cantor Cristão é de domínio público. Não é isso? Tem um monte de gente que grava e depois [fala] ‘ah, mas porque está no hinário’. [...] Mas aquilo ali não é um cemitério não! [...] Tem gente que está naquele hinário que está vivo ainda!<sup>128</sup> (TRISTÃO, 2016, 01:06:15).

Todavia, no multiverso dos crentes, suas canções não são tão facilmente percebidas como criações de alguém. Advém disso, que os ministros de louvor e adoração que compõem e interpretam as canções que conformam boa parte da identidade evangélica atual são incompreendidos em seu trabalho. Se “caem em pecado” suas canções são evitadas, mas se tudo vai bem, seu direito é deslegitimado. Um compositor de longa trajetória no meio gospel confessa: “Fomos chamados muitas vezes de mercenários por cobrar aquilo que nos era de

<sup>127</sup> Ela surgiu com o intuito de despertar crentes pentecostais para a atividade missionária, mas seus encontros acabaram adquirindo uma conotação de fonte de renovação da fé. Suas gravações em DVD tiveram boa recepção entre os crentes nos anos 2000. É através delas que nomes como Marco Feliciano se tornaram conhecidos. Site disponível em: < <http://www.gideoes.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

<sup>128</sup> Um exemplo é o casal Bill Gaither (1936-) e Gloria Gaither (1942-) que compôs *Because He Lives* nos anos 1960, cuja versão em português foi integrada aos hinários oficiais e hoje corresponde ao número 70 do Cantor Cristão (2014) e ao número 545 da Harpa Cristã (1999). Ela será citada mais adiante, na página 199.

direito, porque alegavam justamente isso, ‘é pra obra de Deus’ e essa coisa toda” (DEBATE..., 2014, 00:08:25).

Bem é verdade que os próprios ministros de louvor se veem de maneira ambígua, o que fica evidente nas suas próprias falas, como no discurso de Fernandinho em seu livro. Em certa passagem ele se posiciona:

Quando passei a ministrar também na igreja local, meus pastores puderam ver antes de ser *um artista – um termo, aliás, que me desagrada* – meu coração estava no trono de Deus. Isso me deu respaldo para continuar cantando e escrevendo canções. Antes de chegar aos púlpitos e palcos, eu já era identificado pelas pessoas como alguém com intensa atividade de doação e dedicação nos bastidores da comunidade. Antes de ministrar diante da comunidade, eu já havia alcançado o coração das pessoas com o trabalho que realizava na minha igreja local. (FERNANDINHO, 2013, p. 151, destaque meu).

Já em outra, em meio a uma situação que considerou delicada, assume:

[...] certa vez fui contratado para tocar em uma apresentação promovida por uma prefeitura de uma cidade. Quando chegou a minha vez de subir ao palco, o prefeito me abordou e disse para eu cantar duas canções, chamá-lo até a plataforma e apresentá-lo com toda a pompa e circunstância e, só depois, continuar o show. Ele falou que estava com pressa e não queria perder tempo ali.

Não preciso dizer como me senti profundamente desrespeitado. [...]. disse que não faria o que o prefeito havia me pedido porque meu contrato não prevê nenhum tipo de bajulação. [...]

*É certo que eu estava ali como artista, recebendo cachê por minha atividade cultural*, mas nem por isso eu iria baratear minhas convicções cristãs. Mesmo que minha atitude represente portas fechadas no futuro e que dificilmente eu seja convidado para um evento municipal enquanto aquele homem for prefeito. (FERNANDINHO, 2013, p. 211-213, destaque meu).

Mafra (2011) já alertava que os evangélicos no Brasil têm grande dificuldade em lidar com o léxico da cultura, mas neste caso a motivação é mais específica. Para serem reconhecidos como líderes em questões de fé, os músicos crentes não podem deixar o seu trabalho ser reduzido à arte. É por isso que, embora compositores e cantores sejam artistas de fato, serem tratados como tal lhes desagrada. Se a cobrança por direitos autorais depende disso, logo, ela atenta contra os próprios objetivos que possuem na esfera religiosa. Via de regra, cada ministro quer ser uma referência de fé, mais do que uma referência musical. Como

venho descrevendo neste capítulo, a maior honra para um crente que expressa sua fé em forma de canção é vê-la elevada ao status de hino, sendo oficializada, o que acontece quando ela passa a ser cantada em igrejas. E se esse é um dos motores da música gospel, a cobrança prejudica o marketing, tornando-se contraproducente também na esfera econômica. Vender milhões de cópias de CDs e vários shows é mais lucrativo do que recolher pequenas taxas das igrejas. E isso só acontece na interação com elas.

Mas se a cobrança não é interessante, o que é que os criadores das canções reclamam? O reconhecimento. Muitos crentes tiveram marcantes experiências de fé com canções as quais não fazem a mínima ideia de quem fez. É mais comum a identificação do intérprete, mas em vários casos ele não coincide com o compositor. É bem conhecido entre eles as canções *Oferta Agradável a Ti*<sup>129</sup>, na voz de Cassiane, *Sonda-me, Usa-me*<sup>130</sup>, na interpretação por Aline Barros e *Rompendo em Fé*, na gravação feita em nome da Comunidade Internacional da Zona Sul; mas poucos sabem que Ana e Edson Feitosa trabalharam nestas composições. Isso sem falar no grande número de outros compositores com visibilidade ainda menor. O que eles querem é o reconhecimento de que “prestaram um serviço ao Reino de Deus”. Quando igrejas reproduzem em seus panfletos ou projetores as letras das canções sem informar a autoria, além de ignorarem esse serviço, violam a lei brasileira de propriedade intelectual. Essa era uma das preocupações da CCLI, o direito moral.

Quando a polêmica se estabeleceu, alguns executivos se manifestaram dizendo que se engana quem pensa que as empresas não estão atentas às questões de fé, pois a carreira gospel depende de que as canções sejam aceitas nas igrejas, o que implica em certo zelo teológico. Mas também censuraram os casos em que outras atividades se confundem com a eclesiástica. Maurício Soares, dirigente do departamento gospel da Sony Music, reclama que poucas são as rádios evangélicas que pagam devidamente os direitos autorais<sup>131</sup>. Quando uma estação de

<sup>129</sup> Letra: “A tua palavra escondi / Guardada no meu coração / Pra eu não pecar contra Ti, Senhor / A Tua palavra escondi // Minhas vestes no sangue lavei / E das Tuas águas bebi / Pra ser uma oferta agradável a Ti / Minha vida a Ti consagrei // Meus dons e talentos são pra Te servir / Meus dons preciosos são Seus / Não vejo razão na minha vida sem Ti / Tu És meu Senhor e meu Deus // Assim como o fogo refina o ouro / Vem Tua obra em mim completar / Até que o mundo possa ver / Tua glória em meu rosto brilhar” (FEITOSA, FEITOSA, 1999, np.).

<sup>130</sup> Letra: “Sonda-me, Senhor e me conhece / Quebranta o meu coração / Transforma-me conforme a Tua palavra / E enche-me até que em mim / Se ache só a Ti, então / Usa-me, Senhor / Usa-me // Como um farol que brilha à noite / Como ponte sobre as águas / Como abrigo no deserto / Como flecha que acerta o alvo eu / Quero ser usado da maneira que te agrada / Em qualquer hora e em qualquer lugar / Eis aqui a minha vida / Usa-me, Senhor / Usa-me // Sonda-me / Quebranta-me / Transforma-me / Enche-me / E usa-me / Senhor” (FEITOSA, FEITOSA, 2004, np.).

<sup>131</sup> Comentário disponível em: < <http://www.genizahvirtual.com/2012/09/conheca-os-fatos-ignore-os-boatos-taxas.html> >. Acesso em 16 jun. 2018.

rádio veicula uma canção, fica sujeita à cobrança pelos direitos, independente dela também ser executada em igrejas. Entendendo que as canções vêm de Deus e que a rádio está evangelizando, muitos nem cogitam a possibilidade de pagar pela execução. Isso sem contar que, desde a origem do gospel, a disseminação da produção musical não oficial que lhe permite ser introduzida nas igrejas, dependeu bastante da mídia. Qualquer tensão com esta esfera pode se tornar prejudicial.

No fim das contas, ao olhar para os crentes que lidam com música, vê-se pessoas que querem atuar em questões de fé, mas permanece o fato de que a obra de seu trabalho está em uso por uma comunidade, o que, não raras vezes, gera situações adversas que os colocam em oposição aos interesses das próprias igrejas. O projeto de Feliciano visa mediar esse conflito através dos mecanismos do Estado, mas essa é a face pública de uma tensão inerente ao multiverso dos crentes e que vem de longa data. Saber em que medida as canções são criação divina ou humana é só mais um dilema dos ministros de louvor. Diante da lei, eles produzem cultura, mas sua produção só se torna viável se for percebida entre os pares como um precioso elemento no exercício da fé. O que foi razoavelmente conquistado, uma vez que a música gospel hoje dita boa parte do que significa ser evangélico no país. Tem-se um sistema que envolve empresas, igrejas, organizações sem fins lucrativos e o próprio Estado nacional como mediador. Rastrear essas várias frequências é o desafio de quem quiser entender essa vertente de fé.

A música gospel foi forjada na oscilação do consumo de músicas entre o lazer e a religião. A consequência é que saber se um evento é show ou é culto tornou-se uma questão crucial na implementação da política do ECAD. Só que essa é uma questão que não diz respeito apenas à questão dos direitos autorais, ou mesmo aos músicos, mas também à teoria da religião. É preciso compreender a relação desse processo com o cenário geral de subjetivação religiosa e desregulação das formas de crer (HERVIEU-LÉGER, 2015). Se o lazer foi a esfera que permitiu aos músicos o exercício da autogestão de sua fé no decorrer de todo o processo que culmina na cultura gospel, à medida que se desenvolve, o tempo livre se torna cada vez mais determinante na forma como os crentes em geral vivem a sua fé. Apresentei isso em várias passagens ao longo deste capítulo, desde a descrição das “oportunidades”. Por outro lado, no próximo, tomo a experiência dos ministros de louvor de base para adensar a descrição, analisando demais crentes, que não são pastores, nem músicos.

## 4 A ADORAÇÃO COMO RELIGIÃO, LAZER E CONSUMO

Espero ter deixado claro até aqui que ser crente, pelo menos para aqueles mais dedicados a produção e reprodução de música, é muito mais do que pertencer a uma igreja ou denominação. Neste capítulo estendo o argumento para os crentes em geral e adenso as descrições do que significa esse “muito mais” que a sentença anterior sugere. Na primeira parte recupero algo que encontrei no primeiro ciclo de investigação, mas no horizonte que me foi aberto com o procedimento adotado na segunda. Se acompanhando pessoas eu desvendei um circuito de eventos em uma cidade, seguindo as canções eu descobri que os eventos são apenas uma parte de um circuito mais amplo e mais complexo. É a partir dessa constatação que discuto as passagens entre esse circuito e as igrejas, destacando as tensões e o lugar das canções nessa trama. Logo após, apresento diferentes sentidos que a adoração adquiriu conjugando religião, lazer e consumo, se fazendo religião de uma forma peculiar que lhe permite ampla disseminação pelo circuito e permeabilidade em diferentes denominações. É o que aponta a direção de como a tese será concluída. Mas antes, dediquei uma última parte a reflexão sobre como esses sentidos são vividos pelos crentes que experimentam mais de perto a profunda desigualdade social do Brasil. A vida em condições de luta por ascensão social faz com que a adoração ganhe sentidos adicionais.

### 4.1 O CIRCUITO EVANGÉLICO E AS CANÇÕES EM MOVIMENTO

Desde o trabalho pioneiro de Cunha (2007), o gospel tem sido trabalhado como uma confluência da religião com outros campos (arte, mídia, consumo, lazer). Sendo assim, para entender como uma canção se faz religião, expressão artística de fé, no meio evangélico, optei por investigar as tensões, as passagens e os encontros entre eles. Por outro lado, teses mais recentes sobre música gospel têm chamado atenção para o significado antropológico que ela assumiu. Fala-se em “cultura evangélica” (ROSAS, 2015), “identidade evangélica” (BANDEIRA, 2017), “coletividade evangélica” (SANT’ANA, 2017). Cunha (2007, 2013) também apontava para isso com a noção de “cultura gospel”. Cada noção empregada tem seus sentidos particulares, mas têm em comum a ideia de que os crentes criaram um mundo que excede o das igrejas. Como argumentei anteriormente, eles parecem viver num multiverso e qualquer entendimento do que significa ser crente no Brasil dependerá da compreensão de como os diferentes mundos se relacionam. São dois desafios distintos, mas relacionados.

Esse mundo para além das igrejas também se apresentou como um problema quando comecei a investigar as intercessões entre religião e lazer e, como antecipei no primeiro capítulo, parte da solução que encontrei foi utilizar categorias da antropologia urbana de Magnani (2012) para caracterizar o movimento dos crentes pela cidade. Assim, surgiu a noção de circuito de eventos evangélicos. Ela me ajudou na argumentação de que o lazer de um crente, mesmo quando atrelado à sua fé, não se limita ao que vive na sua igreja ou com os da sua igreja. Na época, eu seguia pessoas por diferentes ambientes. Mas quando se pergunta como as músicas se fazem religião, seguindo sua circulação, o quadro fica mais complexo. Há canções que ficam circunscritas a uma igreja, outras que circulam em uma denominação ou em apenas uma cidade ou localidade. Porém, a maioria das canções com as quais os crentes vivem a sua fé possui um âmbito de circulação mais abrangente. Como descrito no capítulo anterior, desde antes da formação dos hinários, há música compartilhada por diferentes tipos de evangélicos.

No entanto, aconteceu um adensamento recente. Sant'Ana (2017, p. 96) reconhece que havia circulação de repertório comum desde os primórdios do protestantismo no Brasil, mas destaca que se avolumou após a “terceira onda do pentecostalismo”. Para lidar com isso, ela utiliza a noção de indústria cultural<sup>132</sup>. Embora tenha seu potencial explicativo, ao sintonizar evangélicos com o desenvolvimento cultural geral no capitalismo recente, tal categoria não me parece suficiente para iluminar como o que essa indústria produz se encarna localmente, na experiência de cada crente. Sendo assim, para apresentar o mundo resultante dos dilemas expostos no capítulo anterior, prefiro recuperar o circuito de Magnani (2012), adaptando-o a esse problema. Sigamos as canções para testar se isso faz sentido.

A canção *Galileu*, que descrevi no primeiro capítulo, surgiu da inspiração de um pastor batista, mas que já não era só pastor. Como alguém que também fez da música a sua profissão, ele compôs a canção a partir da sua experiência de fé, orando e lendo a Bíblia, mas também tendo em mente seu trabalho: “quero fazer um CD que eu possa falar só Dele” (A HISTÓRIA..., 2015, np.). E também não pensava apenas na sua prática particular. “Tudo o que a gente quer com esse CD é que as pessoas entendam que Ele é maravilhoso [...]” (A HISTÓRIA..., 2015, np., sic). Há canções que já nascem para circular. Neste caso, o CD era o meio para tal.

---

<sup>132</sup> Essa noção tem origem na Escola de Frankfurt, em autores que, adotando uma postura crítica em relação a Marx (1996, por exemplo), feitas com noções da teoria de Weber (2000, 2004, por exemplo), enxergavam que a expansão do capitalismo afetava as esferas não econômicas, submetendo a cultura à condição mercadológica. Nesse horizonte são expoentes os trabalhos de Benjamin (1996), Marcuse (1996, 1973), Horkheimer e Adorno (2002).



Mas a canção não começa seu trânsito nas mídias. Pelo que conheci na Escola Adorando, o primeiro deles é a apresentação ao pedaço. Nos primeiros dias do módulo de 2016, os alunos ainda se estranhavam. Poucos eram os que já se conheciam. Mas à medida que conviviam, ganhavam intimidade uns com os outros. No terceiro dia já havia quem fizesse algum gracejo ou trote, não com todos, mas com alguns “chegados”. Era o pedaço dos crentes se formando. Pequenos grupos surgiam, fazendo coisas em conjunto. Marcavam horário comum para tomar café, guardavam lugar nas filas uns para os outros, emprestavam roupas. A intimidade aumentava e com ela a confiança para se expor. A partir disso, esporadicamente, nos intervalos das programações, alguém pegava um violão e apresentava aos do seu pedaço: “deixa eu mostrar pra vocês a música que eu fiz”. Vi isso acontecer algumas vezes. Geralmente alguém opinava sobre a música, elogiava (ou não), sugeria alterações, comparava com alguma outra. Houve uma tarde que parte do alojamento masculino ficou um tempo considerável apresentando músicas uns aos outros e o que começou com uma simples conversa numa roda de amigos terminou como uma verdadeira feira, onde uns vendiam seus CDs para outros. Alguns chegaram atrasados no culto da noite nesse dia.

O que quero extrair desse relato é o fato de que quando um crente faz uma canção, ele provavelmente vai apresentá-la aos seus chegados primeiro, os do seu pedaço. É plausível que Fernandinho tenha cantado a canção *Galileu* primeiro para sua esposa ou para alguns amigos a fim de que avaliassem. Esse é um primeiro âmbito de circulação. Ela pode surgir de uma prática particular. Alguém se entretendo com algum instrumento musical ou em oração, lendo a Bíblia, ou tudo isso ao mesmo tempo, não importa. O fato é que essa experiência pessoal, quando expressa em forma de arte, pode ser apresentada a outros que por sua vez podem incorporá-la ao seu repertório.

Há canções que nunca passam desse nível de circulação. Ficarão sempre restritas a um grupo de amigos. Lembro-me que na Escola Adorando um rapaz apresentou-me através do seu celular uma gravação caseira com uma composição de seu amigo. Talvez ela nunca passe de um círculo restrito de pessoas, mas já está em trânsito, por conta da tecnologia de gravação do aparelho. Para que seja possível apresentá-la sem a presença de um músico, a fixação numa mídia é essencial. Quando se quer fazer isso com uma qualidade melhor, vários músicos procuram um estúdio ou gravadora. Pode ser ou não especializada em gospel, não faz diferença. Assim, uma empresa já toma parte no espectro de circulação dessa expressão artística de fé.

Há quem apresente suas composições à sua igreja. No culto, em meio às canções utilizadas que já são de conhecimento dos demais membros, introduz alguma de sua autoria que pode ser bem aceita ou não. Nos cultos da igreja reformada que frequentei em Natal (RN), ocasionalmente cantava-se uma ou outra composição interna. A canção ganhava outra mídia, o projetor de imagens. Sua letra é projetada numa tela branca enquanto grupo musical apresenta e, quanto mais essa experiência se repete, mais os frequentadores do culto podem se habituar à composição. O grupo geralmente testa a recepção observando se há irmãos e irmãs cantando. Quanto mais pessoas cantam a música, mais o grupo se sente à vontade para usá-la novamente. Num dos cultos que participei, utilizaram uma composição local e grande parte dos presentes cantou junto com a banda, da mesma forma como acontece com as mais conhecidas no meio evangélico. Eu me arrisco a dizer que essa é uma forma como artistas do meio gospel podem testar a recepção de suas canções, sobretudo àquelas percebidas no espectro da adoração. Observa-se a experiência na própria igreja. Talvez bem antes da gravação do CD ao vivo na Igreja Batista Atitude, Fernandinho tenha utilizado a canção Galileu em algum culto da sua igreja, a Segunda Batista de Campos dos Goytacazes. E, cabe lembrar, há comunidades que se organizam para investir nos seus próprios ministros ou ministérios de louvor, a fim de que consigam produzir seu CD. Como vimos no capítulo anterior, foi assim que trabalharam as comunidades evangélicas que surgiram no Rio de Janeiro durante as décadas de 1980 e 1990.

Seja como for, a circulação, ainda que restrita, já compromete os direitos de autoria. Se alguém registrar a composição antes do próprio autor, isso pode dificultar a comprovação, o que implica em perdas não só econômicas, mas morais. O compositor quer o reconhecimento de que foi “usado por Deus” para abençoar a vida de seus irmãos. Para assegurar seus direitos, ele pode acionar os órgãos que fazem registro de música no Brasil, a Biblioteca Nacional<sup>133</sup> e a Escola de Música da UFRJ<sup>134</sup>. Neste ponto, aquilo que era uma expressão de fé, inicialmente pessoal e privada, já passa a interagir com instituições públicas através das quais é possível comprovar qual é a autoria da obra utilizada nos cultos das igrejas e nas experiências particulares de outros crentes.

Essas relações se ampliam exponencialmente quando os meios de comunicação de largo alcance são inseridos na descrição, mas tomo essa aproximação mais restrita para

---

<sup>133</sup> Mais informações no site disponível em: < <https://www.bn.gov.br/servicos/direitos-autorais> >. Acesso em 10 jan. 2019.

<sup>134</sup> Mais informações no site disponível em: < [http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=97:como-registrar-a-sua-musica-&catid=49:registro-autoral&Itemid=129](http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=97:como-registrar-a-sua-musica-&catid=49:registro-autoral&Itemid=129) >. Acesso em 10 jan. 2019.

demonstrar que não é preciso estar no *mainstream* da indústria cultural para que uma canção circule em diferentes espaços institucionais. Logo, se uma igreja ou denominação é uma instituição responsável pela sistematização de uma tradição, o fato é que as expressões de fé que fazem parte ou que podem ser incorporadas a essa tradição não se restringem ao âmbito eclesial. Elas circulam em uma rede mais ampliada de relações. A produção de canções não oficiais acompanhou o surgimento dessa rede. É ela que constitui a segunda dimensão do multiverso que os crentes habitam.

O mundo que emerge dessa dinâmica pode ser melhor compreendido adaptando a noção de circuito:

[...] designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade [...] (MAGNANI, 2002, p. 24).

É um conjunto de espaços urbanos situados em diferentes pontos que estão conectados por um uso comum que carrega certo padrão de sociabilidade.

Geralmente a noção de circuito é aplicada a espaços fixos conectados por determinadas interações sociais (MAGNANI, 2012). São redes de bares, casas de *shows*, lanchonetes e restaurantes, entre outros espaços que possibilitam o encontro entre pessoas que compartilham determinados códigos linguísticos e comportamentais. Ela é útil para mapear deslocamentos pela cidade e foi nesse horizonte que a aproveitei quando pesquisei jovens evangélicos em Juiz de Fora (MG).

Contudo, não é preciso que as pessoas circulem para que estejam em relação. Cabe lembrar o trabalho que inspirou Magnani, a clássica etnografia feita por Malinowski (2016). Para desvendar o que era o *kula*, esse antropólogo investigou meticulosamente as regras, os costumes, as crenças e as práticas, mas para atingir o objetivo da descrição julgou importante oferecer um panorama mais abrangente e sintético:

[...] o *kula*, em certa medida, parece constituir um novo tipo de fato etnológico. Sua novidade reside em parte em sua extensão sociológica e geográfica. Grande relação intertribal, unindo com vínculos sociais definidos uma vasta área e grande número de pessoas, ligando-as com laços definidos de obrigações recíprocas, fazendo-as seguir regras e observações minuciosas, de maneira combinada [...] (MALINOWSKI, 2016, p. 115,116).

O autor não conseguiu esse resultado observando apenas pessoas, mas também a circulação de braceletes e colares, chamados de *vaygu'a*. Malinowski (2016) ficou

impressionado com a extensão do fato que observava. A meu ver, o que acontece com as canções que os crentes compõem é algo semelhante ao que acontecia com esses artefatos. O fato de se dar em maior proporção e num ambiente mais complexo, capitalista, não apaga a realidade de que pessoas estão em relação e se influenciando mutuamente através das suas expressões de fé. Parafraseando o clássico antropólogo eu diria que o que chamamos de evangélico no Brasil é resultado de grande relação interdenominacional e/ou não denominacional, unindo com vínculos sociais definidos uma vasta área descontínua e grande número de crentes, ligando-os com laços definidos de obrigações recíprocas, fazendo-os seguir regras e observações, de maneira combinada. Mas isso muitos já sabem. Falta acrescentar que esse fato só ocorre por conta de um circuito enorme de coisas trocadas. Que tipo de coisas? Principalmente canções, expressões artísticas de fé.

Sendo assim, ser crente no Brasil não é apenas ser membro de alguma igreja protestante ou pentecostal, mas também relacionar-se com um circuito evangélico. Crente é a caracterização da experiência pessoal de cada um, pentecostal ou protestante formas de descrever instituições eclesiais ou conjuntos sistematizados de tradições e evangélico uma maneira de designar a imagem pública, compartilhada, que em alguns momentos também tem sido chamada de gospel ou cristã. A contragosto de alguns, sobretudo em ambiente urbano, mas não só, o circuito evangélico tornou-se tão parte da experiência de ser crente quanto sua própria igreja. E nesse circuito, as canções estão por toda parte.

Os eventos, sobretudo os shows, foram os primeiros espaços onde consegui captá-lo na minha primeira pesquisa, mas essa é apenas a parte mais visível. Uma ocasião em que as conexões inicialmente ocultas se apresentam com maior nitidez. É como se os eventos fossem as cerimônias de troca do *kula* observado por Malinowski (2016). É apenas um ponto importante numa rede mais ampliada de relações. Algo que na minha visão circunscrita aos jovens de Juiz de Fora não consegui abstrair, mas que, observando o que ocorre com as canções pude compreender melhor. Mal comparando, elas fazem a vez dos *vaygu'a*.

Isso não foi nada óbvio para mim. Só me dei conta retomando anotações de campo e gravações que eu havia realizado nas ocasiões de observação. Reparei que em shows do Fernandinho, ocasionalmente, ele repreendia algumas pessoas para que não ficassem fixadas nos instrumentos ou na forma como a banda tocava, mas que se “rendessem à presença de Deus”. Mas por que ficam tão atentas à execução da canção? Talvez alguns até estivessem apenas admirando, mas uma coisa que descobri em meio a isso é que muitos músicos ficam reparando a forma como os que estão se apresentando trabalham, a “levada” da bateria, os acordes no violão, o solo e os *riffs* da guitarra, em busca de aprender o que está sendo feito

para reproduzir em suas igrejas. É claro que em tempos de recursos de gravação no celular e aplicativos especializados essa prática pode se alterar, mas uma descrição de uma situação peculiar pode ajudar a captar como se dá a troca.

Em uma das manhãs do módulo da Escola Adorando do qual participei, a parte musical do culto ficou sob a liderança de uma moça que ainda não tinha nenhum CD gravado ou gravação conhecida. Por conseguinte, suas canções não são de fácil acesso. Ela utilizou algumas já amplamente conhecidas no meio evangélico, mas adicionou composições suas, inclusive contando como surgiram em meio às suas experiências de conversão e de pregação a não crentes. Uma canção em especial comoveu as pessoas presentes. Com ela, realizou-se uma ministração que durou cerca de meia hora. Quando a reunião acabou e fomos para a fila para o almoço, muitos comentavam como se sentiram “cheios da presença de Deus” naqueles momentos. Depois do almoço, quando eu fui para o alojamento a fim de escovar os dentes, encontrei um rapaz com um violão no corredor e ouvindo uma gravação de seu celular. Ele estava ali por que não queria incomodar seus colegas de quarto que estavam cochilando. Quando lhe perguntei o que estava fazendo, respondeu que tentava “pegar aquela música que derrubou a gente hoje de manhã”. Ele ouvia a gravação e tentava reproduzir os acordes no violão e acrescentou: “vou levar isso aqui lá pra igreja no próximo sábado, já estou pensando no versículo que vou ler, o que eu vou falar, vou fazer uma ministração poderosa”. Pronto, a canção já estava circulando. Esse é apenas um dos casos que observei durante o evento. Na maioria das vezes, os músicos descobriam qual era a música utilizada e consultavam a cifra na internet, em aplicativos como o *Cifra Club*<sup>135</sup>, mas o evento em si ainda é importante para que conheçam novas canções e levem para suas igrejas, na tentativa de reproduzir a experiência extraordinária que por lá tiveram. Foi só quando me deparei com este fato que me dei conta que cada evento é apenas uma situação numa rede maior. Através dos eventos é possível enxergar momentos cruciais do circuito, mas este em muito os excede.

Principais componentes desse circuito evangélico são as mídias de todo tipo. Elas facilitam a circulação de conteúdo. No caso da música, é preciso lembrar de que foram recursos de mediação, capazes de armazenar e reproduzir áudio, que facilitaram sua disseminação entre crentes, embora tenham se alterado com o tempo. Vinil, K7, CD e MP3 são meios diferentes de armazenamento, mas todos permitem que expressões de fé circulem

---

<sup>135</sup> Ainda não há uma padronização para a citação de aplicativos para smartphones, nem seu conteúdo, já que variam enormemente. Por hora, deixo os endereços para a compra no site da loja do Google. O *Cifra Club* está disponível em: < [https://play.google.com/store/apps/details?id=com.studiosol.cifraclub&hl=pt\\_BR](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.studiosol.cifraclub&hl=pt_BR) >. Acesso em 10 jan. 2019.

sem total controle das instituições religiosas. No caso do rapaz citado acima, a gravação no celular foi essencial para que ele pudesse escutar a ministração novamente e planejar como adaptar à sua igreja. Aquilo que ocorre com rádios, TVs, *YouTube*, aplicativos de celular e outros recursos não é muito diferente disso, embora ocorra de modo mais especializado e mais acessível, permitindo que o consumo não passe necessariamente pela compra. Pode ser que o canal seja todo voltado para evangélicos ou tenha apenas uma programação específica, não importa. No fim das contas, crentes, curiosos e simpatizantes podem acessar expressões de fé através de uma mediação alternativa em relação às igrejas.

As mídias tornam o acesso adaptável a diferentes situações. Uma empregada doméstica crente pode escutar uma rádio evangélica ou algum canal do *YouTube*<sup>136</sup> ou uma lista gospel do *Deezer*<sup>137</sup> enquanto faz seu trabalho. Qualquer crente taxista ou motorista de *Uber*<sup>138</sup> pode fazer o mesmo enquanto aguarda a chamada de algum passageiro. Também estudantes a caminho da escola ou faculdade. As canções podem se fazer presentes em diferentes momentos e isso é potencializado com os recursos de internet móvel. De acordo com os dados do Latinobarômetro de 2017, enquanto o uso do *YouTube* entre brasileiros fica em torno de 38%, entre evangélicos sobe para quase 54%<sup>139</sup>. Grande parte do que circula nesse aplicativo é relativo à música. Músicos evangélicos fazem uma apropriação específica de recursos desse tipo, mas o uso é comum a diferentes crentes.

Com isso, a própria residência de cada crente torna-se um espaço de circulação de expressões de fé. Numa conversa, um dos participantes da Escola Adorando me disse que em sua casa, a TV ficava ligada o tempo todo na *Rede Super*, uma emissora de televisão ligada à Igreja Batista da Lagoinha. “Não concordo com tudo o que passa lá, mas pelo menos é um conteúdo cristão”, é o que ele me disse. “É melhor do que deixar minha filha assistir a Globo”, completou. Esse tipo de comportamento cria situações peculiares. Cada crente, numa simples visita a um amigo também crente, pode ter contato com conteúdos diferentes dos que circulam em sua igreja, caso ele esteja ouvindo ou assistindo em sua casa uma programação algum conteúdo ainda não conhecido. Nas denominações em que se fazem cultos nas próprias

---

<sup>136</sup> Neste caso me refiro ao aplicativo do *YouTube* e não ao site, já que como tal ele pode ser acessado no celular enquanto se realiza alguma tarefa. Ele está disponível em: < <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.google.android.youtube> >. Acesso em 10 jan. 2019.

<sup>137</sup> Aplicativo de streaming de rádio e música, disponível em: < <https://play.google.com/store/apps/details?id=deezer.android.app> >. Acesso em 10 jan. 2019.

<sup>138</sup> Aplicativo de comunicação entre motoristas autônomos e passageiros, permitindo o pagamento, disponível em: < <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ubercab> >. Acesso em 10 jan. 2019.

<sup>139</sup> No caso considerei evangélico quem respondeu para sua religião as alternativas “evangélica sin especificar”, “evangélica batista”, “evangélica pentecostal”, “adventista” ou “protestante”. Os dados podem ser consultados em: < <http://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp> >. Acesso em 5 dez. 2018.



casas dos fiéis, chamados de “cultos domésticos”, “cultos nos lares”, “cultos primitivos” ou “células”, não é incomum que o crente anfitrião convide seus vizinhos, membros de outras igrejas, para participarem da reunião em sua casa. Essa é uma situação de contato que esporadicamente venho observando desde a minha pesquisa de mestrado. Já vi inclusive empréstimos de CDs ou DVDs acontecerem após essas reuniões. Isso quando alguém não ligava um computador ou notebook e fazia uma cópia ali mesmo, no momento de confraternização após o culto. Assim, um espaço aparentemente privado entra no circuito.

É o que também acontece com os automóveis. Em geral, esses objetos são singularizados na experiência dos proprietários, dotados de afeto ao entrar no espaço familiar de modo bem distinto da impessoalidade com a qual eles saem das fábricas (DA MATA, 2010). Isso também ocorre entre evangélicos, mas de maneira específica. Uma Bíblia no painel, cartões do Smilinguido<sup>140</sup> no porta luvas, um adesivo na traseira com algum símbolo ou dizer que remeta à sua fé. Alguns mais ousados colocam frases inteiras em tamanhos bem chamativos, tais como “foi Deus que me deu” ou outra do tipo. Em meio a isso, louvor, muito louvor. Carro de crente quase sempre tem música tocando. Durante a pesquisa, em diferentes ocasiões peguei carona com evangélicos. Para voltar de um culto, visitar uma “célula”, ir ao ensaio de um ministério de louvor... Algumas vezes escutamos CD ou pendrive com canções selecionadas, ou alguma rádio da região. Certa vez perguntei a um pastor que me dava carona como ele fazia para selecionar a estação que escutava no carro e ele me disse que ficava passando de estação em estação até encontrar “alguém falando de Jesus”, sem se preocupar muito com qual. “Mas e se tocar uma coisa que você não goste?”, perguntei eu. Ele disse: “ai a gente espera acabar ou então volta a passar de estação em estação”.

Com as mídias e seus próprios automóveis ou residências, crentes diferentes convivem com canções comuns. Isso faz com que sejam amplamente conhecidas entre eles, ainda que nem sempre cantem em suas igrejas. Veja, por exemplo, o curioso caso do pastor batista, crítico contundente do pentecostalismo, em meio a uma Marcha para Jesus pesquisada por Sant’Ana (2014, p. 221). Cantava empolgado a canção *500 graus* de Cassiane, a qual tematiza

---

<sup>140</sup> É o personagem principal de um universo fictício criado nos anos 1980, em pleno movimento de experimentação de novas expressões artísticas de fé puxado pela música. O mundo é uma espécie de Turma da Mônica dos crentes. Foi criado por Marcia d’Haese e Carlos Tadeu Grzybowski, que assina as ilustrações como “Catito”. Os direitos autorais pertencem à Editora Luz e Vida, em Curitiba criada pelo casal para administrá-los. Já virou tirinha, história em quadrinhos, livro, capa de caderno, caneca, filme, almofada, agenda e até videogame, mas se popularizou mesmo foi como pequenos cartões com versículos bíblicos, usados tanto para evangelizar, quanto como marcador de Bíblia. É comum os crentes utilizarem nos presentes que trocam entre si, enviando mensagens de afeto no verso. Mais informações no site disponível em: < <http://www.smilinguido.com.br/> >. Acesso em: 10 jan. 2019.



o batismo com o Espírito Santo com versos que dizem que “vai chover línguas estranhas por todos os lados” (SIQUEIRA, 2001, np.). Um crente termina por conhecer parte do que se canta em outras igrejas, ainda que não seja o que se canta na sua e que se posicione criticamente em relação ao conteúdo do que se canta. Isso só é possível por que eles interagem entre si num circuito comum.

Para que esse circuito seja viável, são acionadas uma série de instâncias especializadas. Em relação às próprias mídias, surgem empresas, como a Rede Super, citada anteriormente. Ainda que ligada a uma igreja batista, ela tem uma atuação focada no público evangélico em geral, chamado em seus meios oficiais de “cristão”. Foi através dela que o rapaz que a assistia assiduamente conheceu a canção *Galileu*. Ele era membro de uma Igreja do Evangelho Quadrangular. Gostou tanto da canção que quis adicioná-la ao repertório do seu ministério de louvor. Perceba o que ocorre. O clipe de uma canção criada pelo pastor de uma igreja é visto pelo membro de outra através de uma rede de tevê ligada a uma terceira. Embora exista a ligação com as igrejas, no circuito surgem relações que ultrapassam o âmbito denominacional.

Isso ocorre com diversas empresas, ainda que elas não sejam percebidas como paraeclesiais. Bandeira (2017) lembra o fato de que gravadoras ligadas a denominações específicas, como a Line Records<sup>141</sup> da Universal e a Graça Music<sup>142</sup> da Internacional da Graça de Deus, mantinham em seu *cast* artistas ligados a outras igrejas. Empresas ligadas a uma igreja, caso tenham a pretensão de prestar serviços ou fornecer produtos a evangélicos em geral, terminam por integrar o circuito mais ampliado. Assim, as igrejas de maior porte e com mais recursos participam elas mesmas do circuito. A Lagoinha, por conta do processo descrito no capítulo anterior, ocupa um espaço privilegiado nele, mas não é a única. Há igrejas que alternam seu trabalho entre o foco interno, denominacional, e a participação no circuito. É o caso da PIB-JF e da Assembleia de Deus Bom Refúgio em Natal. Elas têm capacidade de fazer eventos que atraem crentes de outras igrejas menores, localizadas na periferia da cidade, como descrevi em outra ocasião (COSTA, W., 2016a). Sendo assim, as formas de participação das diferentes denominações neste circuito não são as mesmas.

Para além da dinâmica interna às igrejas, da qual tratarei no próximo tópico, a própria lógica do circuito implica que a produção depende de investimentos específicos que nem toda

---

<sup>141</sup> Criada em 1991, inicialmente com um escopo mais amplo, depois reformulada para o trabalho com foco na música gospel. Site disponível em: < <http://www.linerecords.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

<sup>142</sup> Criada em 1999, faz parte do Grupo Graça de Comunicação, liderado por R. R. Soares, que também conta com uma editora e emissoras de rádio e TV. Por ela passaram nomes como Talles Roberto e André Valadão. Site disponível em: < <http://www.gracamusic.com.br/portal/index.php> >. Acesso em 22 jan. 2019.

denominação quer ou tem condições de fazer. É uma lógica que também se faz presente em associações de igrejas ou líderes. Mesmo quando são criadas estruturas para que denominações diferentes tenham um trabalho conjunto, como os conselhos de pastores, não são todas as comunidades que conseguem ser influentes, alcançando posições de liderança. Há lideranças e comunidades que não participam de conselhos desse tipo por motivos de sua visão particular e outras que querem participar mais ativamente, mas não conseguem. É uma característica do circuito. Muitas igrejas só vão participar como consumidoras, outras buscarão se afastar ao máximo por questões internas.

Antes, cabe lembrar instituições que não estão ligadas a igrejas. É o caso da Onimusic, da Editora Adorando e de uma gama de outras organizações espalhadas Brasil a fora. Desde Mendonça (1995), nos habituamos a chamá-las de paraeclesiásticas, uma nomenclatura que considero pouco explicativa pelos motivos descritos no primeiro capítulo. Nesse momento me interessa mais caracterizar a posição que elas ocupam no circuito. Como não são controladas por denominação alguma, possuem uma atuação diferenciada, conforme seus líderes, proprietários e interesses particulares.

Aquelas que não possuem fins lucrativos claramente definidos vivem em constante tensão com as igrejas, pois possuem as mesmas fontes de financiamento: a doação dos fiéis (ALENCAR, 2018). Sendo assim, elas precisam evitar as polêmicas teológicas. Calvinismo/arminianismo<sup>143</sup>, amilinalismo/pré-milenarismo/pós-milenarismo<sup>144</sup> e embates do tipo não entram em pauta. São buscados mínimos denominadores comuns para que crentes de diferentes vertentes possam contribuir juntos com alguma causa. É o que ocorre com os conselhos interdenominacionais, mas a novidade destas entidades é que geralmente são organizadas por pessoas que não se apresentam como representantes de suas igrejas, o que favorece a participação, uma vez que um crente pode contribuir independente de sua denominação ser ou não entusiasta da causa em questão. Por meio disso, muitos podem conhecer novas canções e integrarem-nas à sua prática particular ou levarem-nas para suas igrejas, como o rapaz que gravou uma ministração da Escola Adorando em seu celular. Mas pode acontecer mais que isso. É possível fazer amigos de outras igrejas ou até encontrar um

---

<sup>143</sup> Mais informações sobre essa polêmica no decorrer do capítulo.

<sup>144</sup> Essa polêmica se dá em torno a interpretação de um texto bíblico que diz que Cristo voltará para reinar sobre a Terra por mil anos. Em linhas gerais, pré-milenaristas entendem que Jesus voltará duas vezes, primeiro para levar os salvos a fim de que não passem por um período em que o mundo passará por grande tormenta, depois para instalar esse reino milenar; pós-milenaristas entendem que o milênio é uma metáfora e Jesus voltará apenas uma vez para reinar pela eternidade; e amilenaristas, por sua vez, expandem o sentido metafórico, entendendo que o reino já está em plena atividade e Jesus não voltará, já está entre nós.

par romântico. Foi assim que se conheceram Emerson Pinheiro e Fernanda Brum (2013). Uma reunião da Adhonep serviu para aproximar dois jovens membros de igrejas diferentes. O resultado é que quando se casaram, passaram a frequentar apenas uma delas, ocasião em que a outra perdeu um membro. Essa é mais uma fonte de tensão com o circuito. Enquanto o aspecto financeiro pode ser amenizado criando formas adicionais de financiamento, como a Missão Portas Abertas o faz quando cria a assinatura de suas revistas, a questão da possibilidade de trânsito entre igrejas é bem mais difícil de ser atenuada.

Enquanto isso, as organizações que se anunciam com finalidade mais abertamente lucrativa se integram com mais facilidade ao sistema em questão. No interesse financeiro, por exemplo, um crente que é dono de uma loja de artigos evangélicos pode vender CDs com canções que ele não gosta e talvez nunca cantasse em sua igreja. A lógica de mercado permite que cada empresa focada em evangélicos, seja ela da indústria, do comércio ou dos serviços, participe mais livremente da rede em questão. Como empresa, é possível não apenas se eximir da dependência de donativos dos crentes, quanto vender para as próprias igrejas. Isso é o que ocorre com a Diasom, empresa de prestação de serviços relacionados à engenharia acústica. Pode ser contratada por pessoas individualmente, mas atende sobretudo igrejas<sup>145</sup>. Também é o que acontece quando a Sociedade Bíblica do Brasil produz panfletos de evangelismo, propositalmente com um espaço em branco para que cada igreja carimbe com o seu nome e endereço<sup>146</sup>. Ela pode vendê-los tanto para lojas de artigos evangélicos que por sua vez vão distribuir para os crentes de forma avulsa, quanto para as denominações interessadas na distribuição de panfletos como forma de evangelismo. É também o caso da empresa Adore Produções, quando media a participação de ministérios de louvor em eventos e das próprias empresas que cuidam das carreiras dos envolvidos, como a Faz Chover Produções Artísticas e Musicais, do Fernandinho. É nesta empresa que foram resolvidas as questões em torno da canção *Galileu* e do álbum que leva seu nome.

No fim das contas, como empresa, uma organização pode fornecer um mesmo produto ou serviço para uma quantidade grande e variada de crentes e igrejas. São desse tipo as

---

<sup>145</sup> Além do serviço de assessoria e consultoria, voltados para criação de soluções para a sonorização em templos, auditórios e espaços abertos, a Diasom Professional Audio também fornece treinamento para técnicos de som e manutenção de equipamentos de áudio de igrejas, bem como a locação e operação de equipamentos do tipo para shows, casamentos e eventos evangélicos em geral. Foi criada por Marcelo Dias que por quase uma década foi técnico de som na Igreja Batista da Lagoinha, trabalhando também nas gravações ao vivo do Diante do Trono. Já participou de gravações de David Quinlan, Nívea Soares, Antônio Cirilo e outros. Mais informações no site disponível em: < <https://www.diasomproaudio.com.br/> >. Acesso em 10 jan. 2019.

<sup>146</sup> Disponíveis em: < <https://www.sbb.com.br/livretos-e-folhetos/folhetos> >. Acesso em 10 jan. 2019.

organizações midiáticas que se profissionalizam em vender algum serviço de mediação entre crentes. E como empresa é até possível que algumas organizações adotem alguma posição teológica mais específica, sem com isso perder o contato com as posições divergentes. Se, em alguma cidade, só existir um curso de teologia reconhecido pelo MEC e ele tiver uma tendência calvinista, é possível que atraia pessoas de outras tendências teológicas que com o objetivo de conseguir o diploma aceitem o contato com a posição contrária.

A atuação das organizações sem fins lucrativos e das empresas permite que expressões de fé percam algumas amarras eclesiásticas e isso é essencial para que outro tipo de instituição integre o circuito de forma aparentemente inusitada. Falo das instituições públicas. Elas já participam como instâncias reguladoras, como a Biblioteca Nacional, onde se pode registrar a autoria das canções, ou o ECAD, que recolhe valores relativos aos direitos de autoria<sup>147</sup>. Porém, há casos de incentivo e não apenas regulação. Como discuti no capítulo anterior, na ocasião do reconhecimento da música gospel como cultura, para resolver a questão da laicidade, a solução encontrada foi impedir o financiamento estatal de eventos promovidos por igrejas. Sendo assim, via de regra, igrejas não podem receber do Estado recursos para a promoção de eventos, ainda que sejam focados em música gospel. São as empresas que viabilizam o subsídio estatal. A título de exemplo cito que a Prefeitura de Juiz de Fora não pode pagar nada à Igreja Batista de Campos do Goytacazes pela participação de Fernandinho em uma Marcha para Jesus na cidade. Ela não pode financiar um pastor batista. Mas ele vive em dois mundos. Não é só pastor, é também um artista. Como tal, ele possui uma empresa de forma similar às de artistas de renome em outros meios. É por essa via que a prefeitura entra no circuito. Quando realiza um pagamento à empresa Faz Chover, subsidia a participação de Fernandinho de modo similar à forma como trata outros artistas em ocasiões semelhantes. O subsídio da prefeitura permite que diferentes crentes cantem juntos no evento as canções de Fernandinho, incluindo Galileu. Pode ser até que alguém tenha na Marcha para Jesus o seu primeiro contato com ela e se encante a ponto de querer utilizá-la não apenas em sua prática particular, mas também no culto de sua igreja.

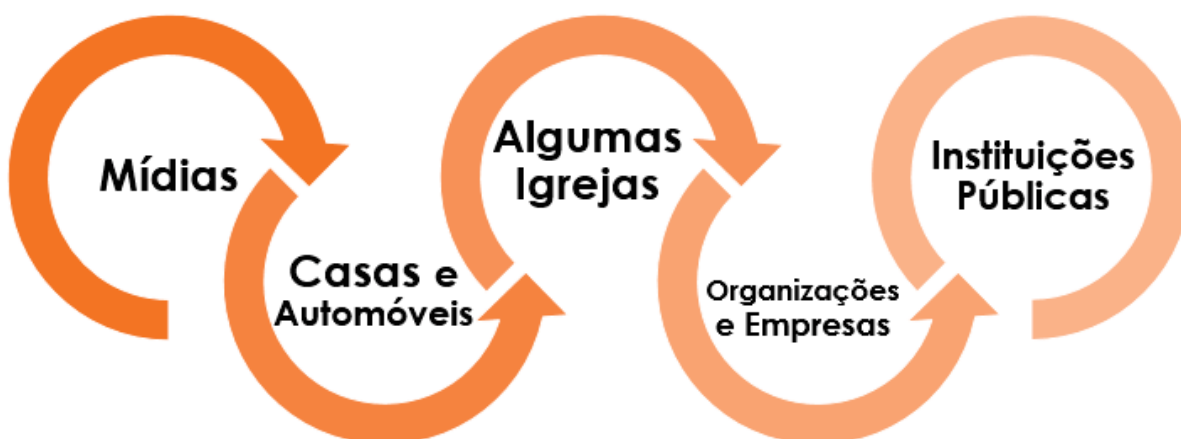
Com isso, entidades públicas se integram a um sistema em que estão em relação diferentes mídias (especializadas ou não, profissionais ou amadoras), residências e automóveis dos próprios crentes, suas igrejas e associações de igrejas ou pastores, organizações sem fins lucrativos e empresas. É assim que se estabelece um quadro complexo

---

<sup>147</sup> No caso do Ecad, considero pública por conta de sua atuação, mesmo não sendo do ponto de vista da gerência. Embora seja oficialmente uma instituição privada, surge de uma designação estatal para cumprir um papel de regulação, atividade típica de instituições públicas.

de trocas de produtos e serviços e, com ele, uma densa circulação de expressões de fé que não necessariamente coincidem com aquelas que um crente encontra em sua igreja. Isso ocorre em situações específicas, através de alguma mídia, visitando a casa de um amigo, pegando carona com outro ou participando de algum evento, seja ele promovido por uma igreja, um conselho de pastores, uma organização não lucrativa ou uma empresa. E tal evento ainda pode ser subsidiado através de instâncias públicas. Ao final, tem-se que, no circuito é possível ter contato com canções que são compartilhadas por uma grande quantidade de crentes, ainda que não pertençam aos hinários oficiais das igrejas. É possível inclusive que não crentes tenham o seu primeiro contato com essa vertente religiosa sem nunca ter pisado propriamente em uma igreja protestante ou pentecostal. Essa ampla rede de circulação é o que tento retratar na figura a seguir.

Figura 8 – O circuito evangélico



Fonte: Minha produção com um recurso do PowerPoint, em dez. 2018.

Esse circuito é permeado de uma profunda desregulação da religião. Não que as expressões de fé deixem de ser regradas, mas passam a não atender somente ao regramento estabelecido pelas instituições propriamente religiosas. As igrejas se mantêm como instâncias de sistematização da tradição, mas o controle sobre a forma como crentes vivem a sua fé em particular é alterado. Há uma versão rarefeita da tradição que circula obedecendo a regras outras. O estoque concentrado e sólido das igrejas entrou em liquidação e se dispersou por uma rede complexa, institucionalizada através da compra e do tempo livre. É com este formato que surgem eventos dos mais variados. Encontros de jovens, “louvorção” na praça, campeonatos de futsal entre igrejas, encontros de motoqueiros de Jesus, reuniões de empresários evangélicos, entre outros. Há momentos em que algumas igrejas vão elas mesmas criar eventos para evangélicos em geral, projetando seu feito na esfera do lazer. Esse lugar



ocupado pelos eventos é essencial para compreender os shows gospel. Representam um momento e uma parte de um conjunto muito maior.

A melhor forma de ver esse conjunto materializado é nas diferentes feiras evangélicas que surgiram no Brasil. Elas geralmente concentram tudo o que diz respeito ao circuito evangélico. Lojas de artigos religiosos, editoras, marcas de camisas com dizeres específicos desse meio, empresas que produzem bancos para igrejas, lojas de equipamentos de som e instrumentos musicais, enfim, tudo o que se possa ser do interesse de quem está no circuito. Na imagem abaixo, reproduzo o mapa da Parnamirim Expocristã, uma feira que aconteceu na região metropolitana de Natal (RN).

Figura 9 – Mapa da Parnamirim Expocristã



Fonte: Disponível em: < <https://www.parnamirimexpocrista.com/pec/mapa-da-feira/> >. Acesso em 15 nov. 2018.

Essas feiras são espaços privilegiados para conhecer esse segundo mundo que os crentes habitam. Ao concentrarem o que ocorre de maneira difusa pelo circuito, elas atraem muitas pessoas e instituições. O que acontece por lá potencialmente reverbera no circuito e nas igrejas. É por isso que durante as disputadas Eleições presidenciais de 2018, em busca de

apoio, o candidato Geraldo Alckmin<sup>148</sup> visitou a Expo Cristã de São Paulo (SP)<sup>149</sup>. É um espaço atrativo para quem quer criar uma interlocução com evangélicos. É uma característica marcante desse espaço é que a música sempre é colocada em destaque. Tanto que na ocasião da visita de Alckmin os jornais da noite tiveram que exibir sua entrevista ao som de Renascer Praise, na voz da Bispa Sônia Hernandes, que no momento ocupava o palco principal da feira. Esses eventos sempre reservam um espaço desse tipo (veja no mapa acima). É nele que se apresentam as principais atrações da noite. Há até apresentações de teatro, dança, *stand ups* e palestras sobre variados temas. Mas o que mais parece atrair o público são cantores e bandas, ministros e ministérios de louvor. Na imagem a seguir apresento o cartaz da Expo Evangélica, feira que pesquisei em Fortaleza, Ceará.

Figura 10 – Cartaz da Expo Evangélica

13ª Edição  
**EXPO EVANGÉLICA**  
Centro de Eventos do Ceará

**4 a 7 | JULHO | 2018**

QUARTA A SEXTA | SÁBADO  
DAS 14H ÀS 22H | DAS 10H ÀS 22H  
**FAÇA SUA CARAVANA!**

ENCANTANDO AS PASTORES: Pr. Costa Neto  
ENCANTANDO AS MULHERES: Soraya Moraes  
EXPO INFANTIL: Cristina Mel

Leonardo Bonfatti, Eli Soares, Daniela Araújo, Marquinhos Gomes, Komily Santos, Sarah, Gabriela Cordeiro, Mayra Pires, Willy Gregory, André e Felipe, Juriho Black, Bruso Lee, Priscila Rocha, Cid Guarniero, Carlos Tómer, Rafa Manville, Debora Garza, Nivea Siqueira, Jéfferson Santos, Juninho Lima, Michael e Annyla Sullivan, Priscilla Toledo

ENTRADA: 1 KG ALIMENTO POR DIA

(85) 3469-9276

APÓIO: Vivo Ceará, Tokosound, Guame, Deezer, F. Everton Feiras de Negócios

REALIZAÇÃO: F. EVERTON FEIRAS DE NEGÓCIOS

Fonte: Disponível em: < [https://www.supergospel.com.br/noticia\\_a-13-edicao-da-expoevangélica-acontece-de-04-a-07-de-julho-de-2018-no-centro-de-eventos-do-ceara\\_9775.html](https://www.supergospel.com.br/noticia_a-13-edicao-da-expoevangélica-acontece-de-04-a-07-de-julho-de-2018-no-centro-de-eventos-do-ceara_9775.html) >. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>148</sup> Um dos fundadores do PSDB (Partido da Social democracia Brasileira), partido pelo qual foi governador de São Paulo entre 2001 e 2006 e entre 2011 e 2018 e concorreu à presidência do Brasil nos pleitos de 2006 e de 2018. É católico, mas sempre buscou uma relação mais aproximada com evangélicos.

<sup>149</sup> Detalhe que na ocasião o candidato foi recebido com vaias e gritos de “Bolsonaro”, mas percebeu a plateia dividida. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/alckmin-minimiza-vaia-e-gritos-bolsonaro-durante-evento-evangelico-em-sp,fb7bc96fec6a62529610476cc428de6idmqxmi.html> >. Acesso em: 8 dez. 2018.



Há trinta cantores, duplas ou grupos musicais e apenas um pastor. E além dos artistas anunciados para o palco principal, esta feira também abrigou outros palcos menores. Alguns stands foram alugados por um artista ou grupo de artistas pouco conhecidos a fim de divulgarem seu trabalho. Outros foram montados por empresas fonográficas de produção, como a Sony, ou de mediação, como a Deezer, que recebem artistas em ascensão. Cada pequeno palco mantém sua escala de apresentações e elas podem coincidir entre si. Quando isso se soma às atividades do palco principal, o resultado é uma enorme polifonia, fruto das exibições simultâneas com banda ou *playback*. Trata-se de algo costumeiro em feiras desse tipo. Sendo assim, embora aconteçam diferentes atividades, a exibição de música ao vivo é a que mais ganha atenção e isso parece expor características do circuito que a feira concentra. Embora circule uma gama variada de produtos e serviços, aqueles ligados a música têm protagonismo. Por conseguinte, na ampla rede de coisas trocadas, as canções são o principal elemento, à semelhança do que acontecia com os *vaygu'a* dos trobriandeses de Malinowski (2016).

Faço a comparação em busca de recuperar a realidade dessas trocas. Ela é de difícil observação num sistema capitalista moderno, sobremodo abstrato. Cabe lembrar que antes de surgirem essas feiras, as canções já circulavam, ainda que de forma mais artesanal. De Paula (2008) destaca que nos anos 1980 e 1990 predominou um modelo de artista que quando conseguia gravar seu álbum, peregrinava de igreja em igreja apresentando seu trabalho na expectativa de uma oportunidade de divulgação, uma prática que persiste ainda hoje em algumas regiões. O que se observa no circuito evangélico atual é essa circulação com ganho de escala, possibilitado pela expansão do número de instituições envolvidas e pelo surgimento de uma mídia especializada.

Tomar esse mundo criado pelos evangélicos como um circuito ao invés de uma indústria favorece a compreensão não apenas das coisas que circulam, mas também das pessoas e instituições envolvidas. O circuito é uma rede de círculos policêntricos em progressiva inclusão. É claro que ele inclui de forma desigual, uma vez que nem todos que querem conseguem entrar e se manter na faixa de maior influência, mas isso não quer dizer que não integrem o circuito em faixas menos abrangentes.

O grupo que compõe o ministério de louvor de uma pequena igreja da periferia de uma cidade quando convidado para apresentar num evento em outra igreja ou local qualquer, participa do circuito, ainda que em um âmbito muito restrito. Outros grupos podem participar de forma pouco mais estendida, como o Ministério Celebre Ao Rei, ligado à PIB Juiz de Fora, que tem circulado em diferentes eventos, majoritariamente na Zona da Mata mineira. E a

faixa pode se ampliar quando cantores ou grupos conseguem alargar o alcance de alguma composição própria, como o fez o Ministério Vinho Novo<sup>150</sup>. Atuando principalmente na Região Sudeste, essa banda tem conseguido ocasionalmente colocar alguma composição própria em uma faixa de circulação mais ampla, via emissoras de rádio, como, por exemplo, ocorreu com a canção *Preciso Crer*<sup>151</sup>, gravada em 2006. Romper essa barreira e atuar no circuito a nível nacional é muito difícil. Em alguns casos, depende da ajuda de alguém que já está nessa faixa de atuação, como foi o caso de Arianne. Também juizforana, nora do pastor Aloisio Penido, líder da PIB-JF, ela tornou-se nacionalmente conhecida não através do apoio de uma igreja específica, mas a partir de sua participação num dos álbuns do ministério liderado por sua prima, a Fernanda Brum, que já era amplamente conhecida.

Esse circuito se agiganta quando cresce a ponto de atingir patamares internacionais. Não é novidade que parte significativa do que evangélicos cantam no Brasil é versão de canções estrangeiras, mas os brasileiros não são apenas consumidores. Há canções feitas por aqui que são exportadas. Vasquez e Rocha (2016) chamam a atenção para a posição de destaque do Brasil na cartografia global da religião, descrevendo que a diáspora dos cristianismos brasileiros não está ligada apenas a proselitismo missionário, mas também a expansão de meios de comunicação e fluxos de migração internacional. Uma enorme materialidade religiosa circula em ambientes de migração, criando a possibilidade de que migrantes não só vivam a sua fé, como também atraiam a população anfitriã a ela (VASQUEZ, 2011). As canções fazem parte disso. A título de exemplo cito que *Galileu* já faz parte do repertório de alguns crentes japoneses<sup>152</sup>. É o circuito se estendendo a nível global.

Sendo assim, é possível adaptar essa categoria de diferentes maneiras, aplicando-a conforme o contexto. O circuito evangélico em um bairro, em uma região, em uma cidade, no país ou em nível internacional. Cada recorte sempre será artificial para fins de análise, mas

---

<sup>150</sup> Liderado por Luiz Cardoso, um dos pastores da Igreja Missionária Filadélfia de Juiz de Fora, o grupo se tornou conhecido para além dessa região no decorrer dos anos 1990. As gravações ao vivo têm sido atreladas a projetos de assistência social apoiados com recursos públicos da prefeitura através da Lei Murilo Mendes, criada no município para incentivo à cultura. Chama a atenção sua atuação em casamentos comunitários. Mais informações no site disponível em: < <http://www.vinhonovo.com.br/> >. Acesso em 10 jan. 2019.

<sup>151</sup> Letra: “Às vezes tudo parece tão claro / Às vezes tudo parece confuso / Pensamentos, atitudes, fatos se confundem / Razão e emoção // Tantas dúvidas, incertezas, medos / Ansiedade / Saudades de um sonho que ainda não aconteceu / Oh, Deus me ajuda! // Não preciso entender, preciso crer / Entregar ao Senhor o meu caminho e confiar / Descansar naquele que tem em suas mãos / Tanto o querer quanto o realizar // Às vezes eu quero entender o que se passa em minha vida / Às vezes Deus prefere ficar em silêncio / Como fatos que têm por trás de si um propósito / Muito maior” (CARDOSO, L., 2006, np.).

<sup>152</sup> Há um pequeno trecho de um culto realizado na Igreja Apostólica Restaurando Nações, situada na cidade de Kamisato, há cerca de 100 quilômetros da capital Tóquio, disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oKIGGhK-fAU> >. Acesso em 16 dez. 2018.

um único elemento circulante pode participar de diferentes faixas de integração. Logo, uma canção que começa como expressão de fé de uma pessoa pode ser vista como parte do repertório de um grupo de amigos ou de crentes de uma cidade ou de milhares ao redor do globo. A diferença é o foco da análise. No caso desta tese, faço um esforço pelo mapeamento do que acontece a nível nacional. Porém, esse recorte pode ser alterado conforme outras intenções de pesquisa. Um show gospel, por exemplo, pode ser visto como parte do que acontece numa cidade específica ou como parte da rede nacional. Cada apresentação de Fernandinho integra o circuito naquela cidade em que ministra ao mesmo tempo em que faz parte de uma agenda de apresentações em diferentes cidades, integrando o circuito a nível nacional. Nessa perspectiva, a participação no circuito em si, inclusive criando expressões de fé, não é algo tão inacessível aos crentes em geral. O que é desigual é o ganho de escala nas sucessivas faixas de influência. É relativamente fácil uma cantora iniciante ou uma pequena banda entrarem no circuito em um bairro ou região. As amizades entre pessoas de igrejas diferentes podem abrir o caminho. Mas pouquíssimos são os crentes que conseguirão criar algo que seja consumido nacionalmente. Uma grande maioria vai recriar aquilo que outros fizeram. Volto a isso no próximo tópico.

O circuito evangélico é experimentado por cada crente principalmente no âmbito de seu lazer e seu consumo, podendo ser mais ou menos absorvido pela igreja a que está filiado. Esse é o multiverso da fé. Vive-se a religião simultaneamente em dois mundos. Um é o da igreja, a comunidade mais imediata que zela por regras e sistematizações teológicas específicas. O outro é do circuito que, regrado de outra maneira, é permeado de expressões de fé que possuem tendências teológicas distintas e até mesmo antagônicas, embora algumas tenham hegemonia sobre outras. O resultado é que cada igreja ou denominação sempre tem algum nível de tensão com o circuito. Onde quer que ele se estabeleça, será necessário que a instituição eclesiástica defina sua relação com ele. No próximo tópico descreverei situações polissêmicas típicas desse multiverso e algumas tensões da interação circuito-igreja.

#### 4.2 “A CANÇÃO QUE MARCOU MINHA CONVERSÃO”: CONEXÕES CIRCUITO-IGREJA

Até aqui venho descrevendo como o lazer e o consumo são importantes para o entendimento do que significa ser evangélico no Brasil e para a compreensão das atuais condições em que canções se fazem religião. É verdade que existe um contexto em que essas dimensões precisam ser negadas, já que muitos músicos querem que seu trabalho seja

reconhecido como expressão de fé mais que de entretenimento. É o contexto que foi descrito no capítulo anterior. Ele não apaga o fato de que as canções estão circulando em diferentes registros, o que dá origem a fenômenos que possuem mais de um sentido, ganhando conotação de religião, lazer e consumo ao mesmo tempo. Esse tópico é sobre eles. Muitas vezes os próprios ministros de louvor, a despeito da tensão em que vivem, dão declarações marcadas por essa polissemia.

“Compre esse CD por que ele vai abençoar a sua vida” é uma delas. Essa foi uma frase proferida por Judson de Oliveira ao final de sua ministração durante o módulo da Escola Adorando de 2016. Isso aconteceu justamente no dia do workshop em que Nelson Tristão advertiu os alunos que não ficassem tão ansiosos pela produção de seus CDs e DVDs, mas procurassem verificar se isso era “da vontade de Deus”. É que no ministério a dedicação exclusiva às questões de fé depende de criar meios de fazer da música uma profissão e não só um biscate. A venda de produtos é um deles. As inovações tecnológicas que facilitam a captação e reprodução de música ao vivo com razoável qualidade têm parte na dispersão práticas ligadas à adoração. Comprar um CD de louvor e adoração tem sido comprar também uma forma de cultivar. Nele são comunicadas práticas que não necessariamente estão disponíveis nas igrejas. É por isso que considero seu conteúdo religiosamente desregulado, ou seja, não regulado por intuições propriamente religiosas, mas por outras.

Esse aspecto das canções de adoração não lhes é exclusivo. Expressões artísticas de fé podem ser comunicadas fora da lógica eclesial e isso permite não apenas que crentes acessem conteúdos diferentes, como também que não seja necessário entrar numa igreja para ter contato com o multiverso dos crentes. Essa é a principal novidade introduzida pelo circuito evangélico que se adensou a partir dos anos 1980. Ele viabiliza uma série de instâncias mediadoras do contato com essa vertente religiosa, de modo a facilitar a aproximação de curiosos e simpatizantes. Até pessoas que possuem uma resistência inicial podem experimentar essa fé sem a necessidade de uma conversão imediata. Peço licença para transcrever o extenso relato de Nívea Soares a seguir a fim de demonstrar o argumento:

[...] Criado por um devoto de Aparecida, papai ia regularmente à missa aos domingos de manhã, com seu traje safari bege. Em casa, em vez de imagens, o que ele colecionava era “objetos de sorte”: patuás, cabelos de ancestrais, simpatias, santinhos de pessoas já falecidas e outros “apetrechos” mais.

Apesar do homem bom e íntegro que ele era, o relacionamento com a família não era dos mais fáceis por causa da religião. Mamãe fora criada em uma igreja evangélica; saiu dela na adolescência, mas retornou e se firmou nos primeiros anos do casamento. Criou os quatro filhos nos caminhos do Senhor, e a gente, cada um na sua idade, se envolveu de verdade com a

igreja. Assim, num país de maioria católica, lá em casa éramos maioria evangélica, e isso deixava meu pai muito insatisfeito. Os conflitos com minha mãe e meus irmãos eram constantes – eu era bem novinha nessa época, mas meus irmãos já eram adolescentes – e papai colocava muitas limitações para que frequentassem a igreja. Ele dizia constantemente, a quem quer que estivesse ouvindo, em casa ou no trabalho: “Odeio esses crentes!”

Poucos dias depois do meu aniversário de 6 anos, no Dia dos Pais de 1982, mamãe chegou até ele com um presente: enorme embrulho quadrado e fininho. Logo de cara papai soube que se tratava de um disco. Ele gostava de música, e gostava muito; dizia que, quando era jovem, tocava cavaquinho na roda de amigos. Ele olhou com surpresa o álbum novo e o rosto do cantor, Luiz de Carvalho, bem diferente do Nat King Cole e Frank Sinatra que estavam em sua coleção de discos. O título do disco era também inesperado: *Alvo mais que a neve*.

Minha mãe havia orado a Deus nas últimas semanas para saber o que deveria dar ao papai naquela data. Nos anos anteriores, o presente era um pijama, uma cueca ou um par de meias. Naquele ano, porém, ela sentiu o espírito Santo direcionando-a para ir a uma livraria evangélica e comprar um disco. O fato de aquele álbum ser “crente” pareceu não incomodar muito o papai, que foi estrear seu presente. Logo, a possante voz do Luiz de Carvalho começou a ecoar pela casa através do toca-discos, às 7h30 da manhã de domingo:

[Alvo mais que a neve](#)

Alvo mais que a neve

Sim, nesse sangue lavado

Mais alvo que a neve serei

E continuou:

[Porque ele vive](#)

Posso crer no amanhã

Porque ele vive

Temor não há [...]

Meu pai estava sozinho na sala, e nós, cada um escondido em outro cômodo da casa, observávamos por detrás da porta. Aquele foi um presente bem ousado para uma pessoa que detestava crentes! O que nós, vimos, porém, cada um atrás da sua porta, foram lágrimas escorrendo dos olhos do papai. Foi a primeira vez que eu o vi chorar.

Após esse episódio, ninguém disse nada. Fomos nos arrumar para ir à igreja. Meu pai, como de costume, vestiu seu traje safari bege e foi para a missa.

O que a gente não sabia é que aquele vinil deixara um vazio muito grande no peito de papai, e ele esperava que o padre dissesse alguma coisa que fizesse a diferença. Mas tudo o que ouviu naquele Dia dos Pais foi um discurso sobre política. Ele resolveu, então, celebrar a data com a família, e voltou para casa para almoçarmos fora. Ao fim da refeição, meu pai se lembrou de um amigo seu que morava ali perto, e pensou em ir fazer-lhe uma visita. Porém, ao chegar lá, qual não foi a nossa surpresa ao encontrar os familiares do tal amigo retornando do enterro dele!

Meu pai ficou absolutamente chocado. Sandra, minha irmã mais velha, não perdeu a oportunidade: abriu a bíblia e começou a falar de Jesus para aquela família que tinha acabado de perder o pai. Eles ouviram com o coração aberto, e meu pai também, com os olhos cheios de lágrimas. Mas não disse nada na hora, só alguns minutos depois: “Precisamos ir embora. Os meninos têm igreja eu quero ver o jogo do Galo!”

Chamou um táxi, colocou a gente dentro e pediu para o motorista: “Será que dá pra ligar o rádio!? Acho que o jogo já começou.” A voz do interlocutor e o zum zum zum do rádio nos acompanhou até o portão da igreja, onde finalmente descemos. “Vejo vocês em casa!”, disse o papai, sem sair do carro.

Entramos na igreja e mamãe e eu procuramos um lugar para nos assentar, enquanto meus irmãos ocupavam seus postos na galeria dos músicos, à frente do templo. O sol entrava pelo vitral das janelas e refletia suas cores sobre alguns bancos vazios ao nosso redor – aquele era o culto da tarde e, justamente por causa do sol e do calor, era pouco frequentado. Mesmo assim, o período de louvor começou animado; as palmas, o som dos instrumentos, das vozes, tudo era inspirador. Assim que o pastor retornou a palavra e falou pra igreja se sentar, meus olhos encontraram o olhar espantado de uma das minhas irmãs lá na frente. Ela olhava fixamente para o homem vestido de safari bege que se assentava suavemente ao meu lado, tremendo dos pés à cabeça. Eu gelei e não me atrevi a olhar para ele: sabia que era o papai. Meus irmãos pareciam atônitos na galeria. Minha mãe, assentada ao meu lado, também não perguntou nada, e continuou olhando para o pastor.

Como fizemos naquela manhã, fingimos que nada acontecia, mas borbulhávamos por dentro, pensando: “Pronto! Papai pirou e vai matar o pastor!” – nos dias em que se irritava mais com os crentes de sua casa, papai dizia que iria até a igreja dar um fim no pastor. O culto seguia normalmente, e o pastor, sem saber do perigo que corria naquele momento, começou a pregar um sermão do qual não lembro uma única palavra. Tudo o que esperávamos era o momento em que papai se levantaria para atacar o pastor ou arrancar meus irmãos da galeria.

Mas nada aconteceu, pelo menos não durante o sermão. Foi apenas quando este acabou, e o pastor fez um apelo para quem quisesse receber a Jesus como Senhor e Salvador que papai se moveu. Ele se levantou e foi lá para frente, chorando copiosamente. Tantas lágrimas derramadas num único dia por um homem que nunca havia chorado.

Naquele dia minha casa passou de maioria evangélica para totalmente evangélica. (SOARES, 2016, p. 90-93, sic, destaques originais).

Nívea Soares faz esse relato no intuito de demonstrar um processo de mudança que, aos seus olhos, foi radical. As páginas seguintes narram como seu pai, que trabalhava cortando cabelo em Belo Horizonte, passou visitar clientes que de tão doentes não conseguiam ir ao salão a fim de orar pela cura deles. Essa é uma prática que, para ela, ratifica a total transformação de alguém que outrora “odiava crente”. Mas é no circuito, através de um



disco de vinil vendido por uma livraria evangélica que ele experimentou essa fé pela primeira vez. É esse tipo de experiência que eu tinha em mente quando afirmei no capítulo anterior que muitas vezes a conversão não começa na igreja.

O senhor Zé Pinto, pai de Nívea Soares, não está sozinho. São muitos os que tiveram o primeiro contato com a fé dos crentes através de suas canções. É isso que legitimava a narrativa dos cantores que se tornaram celebridades no meio evangélico no decorrer dos anos 1980 e 1990, quando afirmavam que cantavam para atrair “almas para a casa do Senhor” (DE PAULA, 2008). O discurso fazia sentido porque ressoava na experiência pessoal de muitos crentes recém-convertidos. Esse processo deu origem a um fenômeno inusitado. Hoje, quase todo crente possui uma canção que marcou sua conversão, ou seja, aquela que lhe faz refletir sobre esse momento peculiar de sua vida. Quando não é uma composição específica, é um cantor, uma banda ou um conjunto de canções que eram cantadas na época.

Canções que marcam conversões constituem um dos principais fenômenos polissêmicos gerados no circuito evangélico. A música serviu de passaporte para que muitas pessoas ingressassem posteriormente nas igrejas. É intrigante o silêncio da literatura especializada a esse respeito. Esse fenômeno e o relativo silêncio sobre ele não são típicos apenas do Brasil, mas também de outros países latinos (BARRERA RIVERA, 2016). Ao que me parece, quem realiza pesquisas nas denominações mantém o foco nas igrejas e quem realiza a pesquisa no circuito mantém sua atenção às características observáveis no circuito, de modo que a passagem entre as duas realidades não ganha luz. É nela que se encontra a forma como os crentes vivem.

Tudo começa quando alguém cria uma canção com o objetivo externalizado por Judson de Oliveira: abençoar vidas. Esse intuito não fica apenas na composição, mas reverbera em tudo o que é associado a ela. Quem executa (cantor ou banda), aquilo que media sua execução (seja um LP, um CD, uma rádio ou um canal do *YouTube*), a loja em que se pode adquirir alguns dos meios para acessá-la, um evento em que ela é apresentada ao vivo (seja uma igreja ou outro espaço qualquer), tudo isso se torna um canal para “abençoar a sua vida”. Esse é o ponto de partida para que os eventos, com seu potencial de aglutinar várias relações que estão dispersas pelo circuito, adquiram uma segunda conotação. A de que são extraordinários.

“Você jamais será o mesmo” é a expressão que sintetiza essa etapa. É um jargão comum em diferentes tipos de eventos, mas uma marca registrada dos shows gospel em geral. Sua própria articulação com o tempo livre facilita essa noção. Por um lado, quando alguém os vê como lazer pode aceitar participar sem se comprometer imediatamente a mudar de religião.

É só uma atividade diferente que se faz em um momento de folga. Por outro, o diferencial da atividade pode ser surpreendente, inesperado, transformador e é com isso que os crentes contam. Eles compartilham a noção de que o que ocorrer naqueles momentos tem o potencial de mudar o rumo de pessoas, tal como aconteceu com o seu Zé Pinto. Quando as próprias letras das canções não estimulam essa direção, uma palavra do próprio cantor ou do líder da banda o faz. E ela vem acompanhada da noção de que “Deus te trouxe aqui”. Mas trouxe pra quê? Para mudar a sua vida. Isso pode adquirir o significado de superação de um problema, de uma crise emocional ou financeira, da cura de uma doença... Só que a preferência é que se mude de religião, algo que pode ser ratificado no momento do “apelo”, quando artistas chamam à frente do palco as pessoas que “aceitaram Jesus” (estão dispostas a adotarem a fé dos crentes) ou que se “reconciliaram com Deus” (já adotaram em outro momento, se afastaram, e agora querem voltar), fazendo orações especificamente para elas.

Mas o que fazer após essa decisão? A principal característica do evento é acontecer apenas uma vez. Quando ele acabar, o artista pode nunca mais ter contato com aqueles que ali decidiram tomar novos rumos na fé. Eles vão precisar de um espaço para exercitar a fé com certa regularidade, a fim de cultivá-la. Também de acompanhamento em seus primeiros passos, e de conviverem com outros crentes. Aí se tem a cereja do bolo. Um fenômeno que demonstra toda a polissemia do circuito. O momento em que o artista dá a instrução: “procure a igreja evangélica mais próxima da sua casa!”.

Essa frase não faz nenhum sentido dentro da proposta evangelística de uma denominação específica, a menos que ela trabalhe de forma articulada com outras igrejas de uma região. Ela é uma criação típica do circuito. Mais precisamente da relação circuito-igreja. Diferentes instituições se envolvem na viabilização de eventos. Dependendo do porte, têm apoio de diferentes igrejas ou pelo menos de pessoas filiadas a elas. A instrução em questão é uma solução diplomática. Não se privilegia nenhuma, não se desfavorece nenhuma. É claro que há variações como: “procure a igreja evangélica da sua preferência” ou “uma igreja evangélica que você consiga frequentar”, o que não varia é que soluções desse tipo são bem frequentes. Foram utilizadas em eventos dos quais participei, inclusive alguns realizados em igrejas. Nunca faltam numa Marcha para Jesus. É expressão da diplomacia não só entre igrejas, como também entre elas e aquilo que ocorre no circuito.

Essa forma específica de passagem é comum, sobretudo porque não depende dos eventos para que aconteça. O contato com as canções criadas para “transformar vidas” pode se dar através da mídia e também por lá em algum momento se escutará a locução diplomática final. É a ocasião em que o mundo religiosamente desregulado, regido pelas lógicas do lazer e

do consumo abre o caminho para as instâncias propriamente religiosas. Há um reconhecimento difuso de que há coisas em matéria de fé que somente igrejas podem oferecer. No entanto, esse processo deixa um registro importante na história de quem fez a passagem. Agora podemos compreender Anderson Freire quando canta sobre as “canções que marcam toda uma geração” (FREIRE, 2008, np.). Cada geração de novos crentes terá um conjunto de canções com as quais identifica a importante transformação pela qual a sua vida passou ao mudar de religião.

Na verdade, essa identificação não é apenas musical. Há uma gama de serviços e produtos que, circulando em uma determinada época, “marcam” uma conversão. Mas há uma relação afetiva muito grande com as canções. Quando reproduzidas nos cultos de rotina das igrejas, permitem que se reviva, ao menos imaginativamente, a experiência marcante. Esperanças são alimentadas, desejos reavivados, compromissos reafirmados. Por isso há um forte apego às canções que pode inclusive gerar conflitos geracionais dentro de uma congregação.

As canções que marcaram uma geração não são necessariamente as mesmas que marcam a seguinte. Se os músicos, que em regra são mais jovens, ou os novos crentes, jovens em matéria de fé, tiverem uma predileção pelas canções de uma época, a geração mais antiga, seja em idade ou em “tempo de igreja”, mais cedo ou mais tarde reivindicará a presença das canções de seu tempo. E quando se estabelece essa disputa, argumentos dos mais variados surgirão, desde o âmbito da arte até o teológico, passando pelo lazer. A geração que acaba de chegar está empolgada com suas canções. “Mas elas são pura diversão”, reclama a anterior. “Elas não são bíblicas”, “é barulho demais”, “muita repetição”, “sentir a presença de Deus mesmo era com os louvores do meu tempo”. Os mais jovens reagem. “Mas eles são muito antigos”, “Noé deve ter cantado isso na arca”, “como nós vamos evangelizar o mundo de hoje com eles?”, “como assim vocês não sentem a presença de Deus com as canções tão abençoadas que estamos tocando?”.

Para além das questões artísticas e teológicas, subjaz o problema da forma que a religião tomou. Gerações diferentes são marcadas por canções diferentes e isso foge do controle das igrejas. Se aqueles responsáveis pela música não forem solidários com a experiência da geração anterior, que sente sua fé reavivada com as canções que marcaram seu tempo, a rivalidade se estabelece. Contra isso, pude perceber na Escola Adorando um grande esforço de conciliação. Ensina-se para os ministros de louvor que é possível “sentir a presença de Deus” com as canções antigas, estimulando-os a esse exercício. Num dos cultos realizados

no módulo de 2016, o pastor Samuel Fratelli<sup>153</sup> dirigiu toda a parte musical usando canções mais antigas, em sintonia com essa proposta. Quando fomos para o quarto, escutei comentários de alguns rapazes admirados com a forma como viram as canções, não só pelos arranjos musicais, mas pela experiência que tiveram. No caso, de forma combinada. “Nunca imaginei que eu pudesse ser tão cheio da presença cantando esses louvores antigos”, dizia um. “A sacada de fazer a música e segurar dois acordes no final pra fazer o espontâneo foi muito boa”, responde outro. Por essa via, o evento conseguia gerar naqueles jovens, majoritariamente sintonizados com o que há de mais recente na música gospel, uma experiência contemporânea de fé com canções do tempo de uma geração anterior. Despertava a sensibilidade dos mais jovens para com expressões de fé que já são sensíveis aos que têm mais tempo de conversão.

Esse exemplo ilustra que o momento em que um crente se converte não é apenas o único passível de ser marcado por uma canção. Se esses rapazes resolverem tocar essas canções antigas em suas igrejas, o que eles terão em mente não é conversão da geração anterior, mas aquilo que eles mesmos viveram de forma extraordinária no módulo da Escola Adorando. O que acaba reestabelecendo a cadeia de memória, como diria Hervieu-Léger (1993, 2015).

A expressão de fé, em si, é a mesma, e passa a ser compartilhada por diferentes gerações. Porém, é vivenciada com sentidos diferentes que, no limite, são particularizados na experiência de cada um. A conversão, como momento extraordinário que depois é rotinizado na igreja, é apenas uma das situações excepcionais que um crente vai viver ao longo de sua vida. Momentos de dificuldade, como crises emocionais ou financeiras, de transição, como a troca da igreja em que congrega ou da cidade onde mora, de estabelecimento de novos relacionamentos, como quando faz amigos de outra igreja ou encontra um par romântico, são circunstâncias que podem ser marcadas por canções. Entre elas, destacam-se as ligadas à experimentação, típicas dos eventos. É o que aconteceu na Escola Adorando.

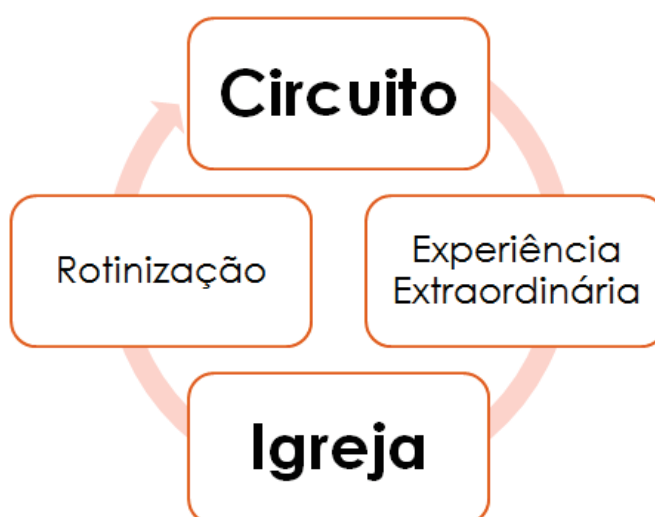
A excepcionalidade dos eventos possibilita que algumas regras cotidianas sejam colocadas em suspensão, algo típico das práticas de lazer. Como exemplo, cito que eles podem flexibilizar até as normas de igrejas que possuem restrições específicas nos usos e costumes. É no retiro realizado por ocasião do carnaval que o rapaz vai excepcionalmente participar do culto usando bermuda (ALENCAR, 2018). O evento foge à regulação

---

<sup>153</sup> Pastor auxiliar de uma igreja evangélica em São Paulo (SP) e guitarrista do Ministério Asas da Adoração. Estudioso de música desde os oito anos, também realiza palestras sobre harmonia, improvisação, composição e prática de conjunto. Seu site está disponível em: < <http://samuelfratelli.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

eclesiástica mais imediata e isso permite uma experiência de fé diferenciada, fora da rotina, o que pode ser marcante. Mas essa característica não é exclusiva dos cultos eventuais, podendo ser identificada em todo o circuito evangélico. Como ele cria uma rede de interferências mútuas, mesmo o crente já convertido pode entrar em contato com algo que transforme a sua fé. Isso pode ser dar num show ou num evento qualquer, mas também assistindo um programa na TV ou um vídeo no *YouTube*, escutando um programa de rádio ou um CD que pegou com um amigo de outra igreja, lendo um livro de uma vertente teológica que ele não conhecia, ou qualquer coisa do tipo. Num ambiente desses as canções podem marcar diferentes momentos das vidas dos crentes, não apenas a conversão. Ao final, tem-se uma circularidade entre a igreja e o circuito, como o esboço da figura a seguir.

Figura 11 – A relação circuito-igreja



Fonte: Minha produção com um recurso do PowerPoint, em dez. 2018.

Sendo assim, se a relação circuito-igreja tem um lugar na geração de novos crentes, ela também está associada àquilo que os crentes já convertidos experimentam como extraordinário. Isso ocorre sobretudo por conta das conotações de lazer e consumo que o circuito possui. Enquanto a instituição propriamente religiosa tem a função de guarda da tradição, as expressões de fé em circulação podem se associar às experiências particulares de forma não convencional, marcando situações excepcionais que os crentes vivem.

O resultado é que mesmo aquele com muito tempo de converso pode ter um momento específico de sua vida marcado por uma canção mais recente, o que vai despertar o desejo de incluí-la na rotina de sua igreja, assim como ocorre com os novos convertidos. A vivência que

Samuel Fratelli possibilitou aos alunos da Escola Adorando segue essa mesma lógica, mas no sentido inverso. No circuito, viabilizou que uma geração mais nova tivesse uma experiência extraordinária marcada pelas canções que, de outra forma, marcaram a geração anterior. Isso age de forma a atenuar o conflito geracional.

Esse não é o único problema que surge com a emergência e a expansão do circuito evangélico. Há conflitos de ordem teológica. As expressões de fé que circulam entre os crentes podem não ser aprovadas no controle de qualidade teológica exercido pelas igrejas. Nesse caso, o grande problema de não absorver o que circula entre os crentes em geral é que, como já expliquei, alguns deles tiveram suas experiências de fé fora do ambiente eclesiástico e gostariam de tê-las integradas à rotina da igreja de alguma forma. Ao se fechar para o circuito, uma instituição eclesiástica termina por vetar aos ali presentes o cultivo daquele sentimento despertado lá fora. Há casos inclusive que os próprios músicos precisam ceder àquilo que demais membros da congregação desejam.

Os ministros de louvor da igreja reformada que frequentei em Natal (RN) já passaram por situações desse tipo. Eles trabalham em forte sintonia com seu líder, uma necessidade de uma igreja de tendência calvinista diante de uma gama de canções de vertente teológica oposta que estão em circulação. Alguns têm formação em teologia reformada e sempre são seletivos quanto às canções que escolhem para os cultos, vetando algumas preferidas dos crentes em geral. Quando a canção *Meu Barquinho*, gravada por Giselli Cristina em 2010, “estourou” nas rádios evangélicas de Natal e região, eles não cogitaram introduzi-la na liturgia da igreja. Até porque, essa cantora, ligada à Assembleia de Deus, é caracterizada pelo estilo pentecostal, evitado por eles. O problema é que a membresia igreja começou a pedi-la. Um dos músicos me disse que eles começaram a ser abordados no final do culto, com pessoas mostrando, no celular ou no som do carro, a canção linda que lhes “abençoava tanto”. Eles tiveram que marcar uma reunião com o pastor para resolver isso. E, após uma “análise criteriosa da letra”, como me disse o músico, resolveu-se inseri-la nos cultos. O que muito alegrou os membros da igreja. Em uma das reuniões que participei, era nítida a satisfação quando cantavam:

O vento balançou, meu barco em alto mar  
 O medo me cercou, e quis me afogar  
 Mas então eu clamei, ao filho de Davi  
 Ele me escutou, por isso estou aqui

O vento Ele acalmou, o medo repreendeu  
 Quando Ele ordenou, o mar obedeceu



[Refrão] Não temo mais o mar, pois firme está minha fé  
 No meu barquinho está, Jesus de Nazaré  
 Se o medo me cercar, ou se o vento soprar  
 Seu nome eu clamarei, Ele me guardará

Não temo mais o mar, pois firme está minha fé  
 No meu barquinho está, Jesus de Nazaré  
 Se o medo me cercar, ou se o vento soprar  
 Seu nome eu clamarei, Ele me socorrerá  
 (CLEYTON, 2010, np.).

Foi assim que essa composição do assembleiano Moisés Cleyton, irmão da Giselli Cristina, começou a ser utilizada no culto de uma igreja reformada. O exemplo é típico de como se dão as passagens circuito-igreja. As conexões entre esses dois mundos permitem experiências que podem fortalecer a ambos, mas existe uma constante tensão. A gama de novidades que nele circula é diversa e não obedece às (teo)lógicas internas das igrejas. Aquilo que se revela oportuno, também pode ser arriscado. Será preciso equilibrar a volatilidade dos conteúdos que circulam com a manutenção da identidade particular.

Quanto a isso, a relação com o circuito não é pacífica nem mesmo nas igrejas aparentemente mais integradas a ele. Tomo como exemplo a PIB de Juiz de Fora. Seu crescimento é recente, após 2002 e após a chegada do pastor Aloizio Penido. Ele chegou à liderança da igreja através de votação popular, traço típico batista, mas é alguém que está em sintonia com o que acontece no circuito. Sua própria forma de administração eclesial tem como inspiração uma obra que circula sem vinculação específica com nenhuma denominação, o livro *Uma Igreja com Propósitos* de Rick Warren<sup>154</sup> (2008). Uma descrição mais adensada dos efeitos dessa postura do líder está disponível na minha dissertação (COSTA, W., 2015). Para o propósito desse tópico é mais importante o resultado na interação com o circuito.

Hoje, a PIB-JF está vinculada ao circuito evangélico no âmbito de Juiz de Fora e região. Seus membros, principalmente os mais jovens, têm contato com atividades religiosas não vinculadas a ela, como tem sido a regra entre os crentes em geral. Porém, a igreja mesma promove eventos para evangélicos em geral, como os shows de Arianne, Talles, Fernandinho e Anderson Freire dos quais participei durante a pesquisa. Eventos estes para os quais ela coloca ingressos à venda nas livrarias evangélicas e anuncia nas mídias da região. O próprio pastor Aloizio tem seus programas nas rádios locais<sup>155</sup>, dá entrevistas em nome dos

<sup>154</sup> É um pastor estadunidense que se tornou amplamente conhecido após publicar o livro *Uma Vida com Propósitos*. Já foi traduzido para mais de 50 idiomas.

<sup>155</sup> Cito como exemplo o programa do Pastor, disponível em: < <https://www.transmundial.com.br/podcasts/pastor-aloizio-penido-5/> >. Acesso em 22. Jan. 2019.

evangélicos em geral e já presidiu o CONPAS, o conselho de pastores da cidade, o que faz com que ele seja convidado para eventos em outras igrejas, assim como outros pastores da PIB-JF e seus próprios conjuntos musicais, como a orquestra e o coral.

Um dos grupos, o Ministério Celebre ao Rei, já comentado, é especialmente voltado para o trabalho fora da igreja, em outras igrejas ou em eventos não vinculados a igreja alguma. Aliás, o galpão em que são realizados os principais cultos tem sido alugado para eventos deste tipo, como o Celebra JF<sup>156</sup> que contou com a presença da cantora Eyshila e foi promovido por um empresário local. Nesse espaço, há uma livraria evangélica ao lado de um dos portões. Nela são vendidos produtos e anunciados eventos, não somente aqueles ligados à igreja. Entre os eventos não denominacionais em que o Celebre Ao Rei se faz presente, podemos contar a Expofeira Agropecuária de Juiz de Fora<sup>157</sup>, que recebe apoio da prefeitura e sempre estimula a presença de músicos locais, tais como a banda Onze 20 e a dupla sertaneja Leonardo de Freitas e Fabiano.

Tudo isso só foi possível após a chegada de um pastor que, convencido das mudanças necessárias, conseguiu ganhar o apoio da congregação local, abrindo-se paulatinamente às novidades do circuito evangélico. Nesse processo a igreja saltou de trezentos para dois mil membros, segundo os dados divulgados em seu site em 2015<sup>158</sup>. Mas isso não quer dizer que a relação com o circuito seja desprovida de tensões. Como essa igreja é vinculada à Convenção Batista Brasileira (CCB), há uma oposição formal a práticas pentecostais, aquelas comunicadas por muitas das expressões de fé que estão em circulação.

Um dos traços mais marcantes do pentecostalismo é a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo. Acredita-se que ele se manifesta naqueles que creem e que o “falar em línguas” é uma das evidências. Durante a pesquisa, eu escutei diferentes frequentadores da igreja “falando em línguas” em alguns momentos de oração, principalmente nos cultos de sábado e nos congressos Vigia Varão<sup>159</sup>. Contudo, eles falavam em meio às

---

<sup>156</sup> Evento anunciado em uma página no *Facebook* que já foi extinta. Há uma descrição dele em Costa (2015, p. 110-114). Uma comunicação indireta está disponível em: < [http://radiosomdoceugospel.com/default.php?pagina=blog.php&site\\_id=329&pagina\\_id=5837&tipo=post&post\\_id=59](http://radiosomdoceugospel.com/default.php?pagina=blog.php&site_id=329&pagina_id=5837&tipo=post&post_id=59) >. Acesso em 11 jan. 2019.

<sup>157</sup> Evento criado com enfoque em questões da produção agropecuarista de Juiz de Fora e região, sempre realizado com artistas que atraem o público em geral. Nas últimas edições tem-se reservado seu primeiro dia para uma “noite gospel”, das quais participei nas edições de 2015 e 2016. Programação disponível em: < <https://www.acesa.com/cultura/arquivo/noticias/2016/08/17-expofeira-agropecuaria-juiz-fora-comeca-nesta-quinta/programacaoespofeira.pdf> >. Acesso em 11 jan. 2019.

<sup>158</sup> Disponível em: < <https://www.pibjf.com.br/index.php/celulas-pib/> >. Acesso em: 11 jan. 2019.

<sup>159</sup> Trata-se de um congresso realizado por alguns grupos da PIB que apresentam traços pentecostais mais nítidos, compostos por pessoas que já foram membros de igrejas pentecostais. Acontecia uma vez por ano.

orações de todos, em momentos em que a banda estava tocando, o que tornava a prática bem discreta. Durante toda a pesquisa não vi ninguém “falar em línguas” ao microfone, como é comum em cultos pentecostais.

Uma das moças da PIB-JF me disse que “pelo menos 70%” dos jovens membros da igreja “fala em línguas”, mas que entendem que isso não é o mais importante. Ela, que já foi de uma igreja pentecostal, entende que essa é uma das principais diferenças entre a PIB-JF e a sua igreja anterior. Em suas palavras: “Não que eu não acredite que alguém possa ser usado por Deus, não tem essa de que a pessoa que fala em línguas é mais crente que a pessoa que não fala [...]. Lá [na PIB-JF] eu aprendi que o que importa é a Palavra”. Quanto a isso, cabe destacar que, na PIB-JF, havia reuniões específicas em que as pessoas se reunem para ler a Bíblia e não exatamente cultuar. Os próprios jovens organizavam alguns “rolezinhos” em que ocupavam a praça de alimentação de um shopping para ler a Bíblia em público. No contexto essa prática entra em relação dialética com a glossolalia pentecostal, que não é negada, mas reinterpretada sobre uma nova ótica produzida a partir de uma filiação a uma igreja batista.

Ainda sobre o “falar em línguas” é ilustrativo um fato ocorrido em 2008, quando o pastor Aloizio convidou o pastor Silas Malafaia para pregar. O culto em que o convidado pregou foi realizado no ginásio do Sport Club que, na ocasião, fora alugado pela PIB-JF. Como Malafaia é conhecido por seu entusiasmo assembleiano, o convite despertou desconfiança de alguns batistas da convenção que fizeram um debate em um grupo do site Yahoo. Após o evento, o pastor Aloizio postou na lista de discussão uma defesa usando como argumento o fato de que o pastor Silas “não falou em línguas”<sup>160</sup> (INFORMATIVO, 2008).

Essa tensão é típica da relação circuito-igreja e se reflete na absorção de canções ainda não oficializadas. Lembro-me de um dos cultos do grupo de jovens desta igreja, no qual a banda executava algumas músicas de ampla circulação. Estava tudo bem até cantarem *Vitória no Deserto*. Essa composição de Luciano Lima, já foi gravada por outros artistas, mas tornou-se amplamente conhecida entre os crentes na voz de Aline Barros:

Quando a noite fria cair sobre mim  
E num deserto eu me encontrar  
Me ver cercado por egípcios e por faraó  
Sendo impedido de prosseguir

---

<sup>160</sup> Um texto oficial da Convenção Batista Mineira, então presidida pelo pastor Aloizio, diz “ser uma farsa o movimento atual de línguas nas igrejas neopentecostais e carismáticas. Infelizmente estas manifestações são fruto de mero êxtase emocional e indução de certos líderes” (CONVENÇÃO BATISTA MINEIRA, 2013, p. 83). Nota-se que, embora uma gama de membros da PIB “fale em línguas” não se pode atribuir a prática à instituição, visto que se posiciona de maneira clara contra a mesma.

Sei que o teu fogo cairá sobre mim  
 Sei que o teu fogo cairá sobre mim  
 E me levará a em ti confiar  
 E me levará a em ti confiar

[Refrão]

Então eu direi, ô ô, abre-se o mar  
 E eu passarei pulando e dançando em sua presença

Por isso eu pulo, pulo, pulo, pulo, pulo  
 Na presença do Rei  
 Por isso eu danço, danço, danço, danço, danço  
 Na presença do Rei  
 Por isso eu grito, grito, grito, grito, grito  
 Na presença do Rei  
 Por isso eu corro, corro, corro, corro, corro  
 Na presença do Rei  
 (LIMA, L., 2011, np.).

Quando chegou à parte em que se canta “o teu fogo cairá sobre mim”, eis que surgiu o pastor líder dos jovens e interrompeu a banda. Ele tomou o microfone e começou a fazer um discurso sobre o livro bíblico de Êxodo, explicando que o fogo não caiu sobre o “povo de Deus”, mas sobre os egípcios que lhe perseguiam. Segundo o pastor, o que acontecia no deserto era que Deus enviava o fogo para aquecer à noite, mas não caindo sobre o povo a fim de consumi-lo e sim pairando suavemente sobre ele. Nesse momento, os crentes que estavam à minha volta olhavam uns para os outros como quem pergunta; “como assim?!”. A banda ficou meio sem saber o que fazer e olhava espantada para o pastor. Ao término dessa interrupção, ele disse para a banda retomar a canção, mas mudar a letra, cantando “sei que o teu fogo paira sobre mim” ao invés da letra original. Foi o que aconteceu. Porém, os jovens ao meu lado continuaram cantando “cairá sobre mim”, que é a forma como já haviam se habituado.

É desse tipo de tensão que falo. Nenhuma igreja parece estar isenta disso. Até as que são tão envolvidas no circuito evangélico quanto a PIB-JF, não estão desprovidas de tensões com as novidades em circulação. No caso em questão, a canção continuou sendo tocada no culto, mas houve uma tentativa de discipliná-la. É uma espécie de curto-circuito, em que há um mau funcionamento na passagem entre os sistemas. Há estranhamento por que os presentes já naturalizaram a canção e não veem plausibilidade no incômodo do pastor. Isso sem contar que a alteração solicitada atenta contra os direitos do autor. De acordo com a legislação, só ele mesmo pode alterar sua obra, embora seja permitido a qualquer um criar paródias, desde que anunciadas como tal.

De qualquer forma, o mais importante aqui é destacar aspectos mais elementares da relação circuito-igreja. Ela é sempre contextual e pode variar muito. Para lidar com esse nível da diversidade evangélica, não parecem suficientes as diferenças históricas e teológicas que constituem o fundamento da tipologia que é mais aceita. A clivagem entre protestantismo, pentecostalismo e neopentecostalismo sugere de forma mais ou menos explícita que quanto mais recente o surgimento da denominação, mais afastada ela está daqueles que seriam os princípios teológicos da Reforma Protestante (GIUMBELLI, 2000). Essa abordagem histórico-teológica contribui para a compreensão da heterogeneidade evangélica no Brasil, mas como ela poderia ajudar na forma como as igrejas definem sua relação com um circuito de expansão recente, teologicamente múltiplo?

A grande nuvem de novas canções que nele circulam reflete uma variedade de opções teológicas que vão desde a guarda adventista do sábado até a batalha espiritual contra entidades veneradas nas religiões de matriz africana. Elas são acompanhadas de práticas que circulam de maneira difusa e religiosamente desregulada. Embora sejam importantes na experiência particular de cada crente, controlar a entrada dessas influências será sempre uma necessidade institucional das igrejas. Mesmo as de constituição recente, como a reformada que pesquisei, podem não estar em sintonia com o que está em circulação. E as opções teológicas vividas pelos membros a partir do circuito podem não corresponder às opções de uma igreja, como ocorre na PIB-JF. Isso deixa tudo mais complicado. Como compreender as diferentes relações circuito-igreja?

Sem a pretensão de dar uma explicação final, mas não me eximindo do desafio de interpretar essas relações, eu apostaria na análise dos membros que estão em posição de controlar que novidades em circulação podem ser aceitas ou não nas igrejas. No caso das canções, muitas vezes os músicos têm razoável liberdade para introduzir, mas conforme for, eles podem ser repreendidos por isso. O caso da PIB-JF é elucidativo, mas além numa igreja em que os músicos estão mais preocupados em seguir à risca a visão de seu pastor, pode haver algum conflito. Na igreja sobre a qual narrei a introdução da canção *Meu Barquinho*, já ocorreu de os músicos introduzirem uma canção e serem convocados para uma reunião após o culto, na qual o pastor lhes repreendeu, explicando quais os erros teológicos da letra e sugerindo que ela não fosse mais tocada. Esses são casos em que os pastores buscam exercer diretamente algum tipo de controle e eles são muito comuns. Lembro-me que quando os comentei com uma de minhas alunas, ela reagiu: “nem a pau meu pastor deixa cantar o barquinho lá na igreja!”. Entretanto, há igrejas que permitem que outros membros participem dessa seleção.

A meu ver, a análise das diferentes formas como isso ocorre é o que pode iluminar a relação circuito-igreja. Para tanto, é preciso partir do reconhecimento de que no interior de qualquer instituição, podem surgir novos conteúdos que escapam ao modelo de referência conforme a criatividade de seus integrantes. A pertinência da novidade precisa passar pelo crivo institucional, mapeando conceitualmente sua compreensão. Só que nem sempre instituições conseguem acompanhar a velocidade da propagação de novos conteúdos. No caso religioso, o contato entre diferentes crentes coloca diferentes expressões de fé em circulação que serão recebidas como inovação onde elas ainda sejam estranhas. É o que acontece com as canções que ainda não foram oficializadas pelas igrejas, mas não só. Dessa forma, toda pesquisa etnográfica com evangélicos hoje lida com o desafio de observar práticas que escapam aos seus modelos e clivagens institucionais. Não é difícil, por exemplo, encontrar e assembleianos que não “falam em línguas” e metodistas que falam, ainda que filiados às vertentes mais antigas dessas denominações. Nesse contexto, a expansão de um circuito evangélico introduziu uma grande complexidade, pois ela é acompanhada de acelerada criação de novidades e multiplicação das situações de contato.

Uma alternativa para lidar com essa questão é tomar distância das diferenças teológicas por um momento e aplicar a distinção entre práticas e instituições. Assumindo que a religião em muito excede aquilo que acontece em igrejas, podemos tomá-las como agências de controle de qualidade teológica, independente de que teologias estejam em circulação. Com esse critério formal, elas podem ser classificadas pela forma como decidem quais práticas, crenças e emoções são ou não adequadas à tradição que sistematizam. Nesse aspecto, o que está em jogo é a viabilidade de uma mudança. Quando uma nova prática surge no seio da comunidade de crentes, via uma nova canção que começou a circular entre eles, por exemplo, é preciso avaliar se ela é legítima, ou seja, se é ortodoxa ou heterodoxa, fidedigna ou herética.

As igrejas não são unânimes na forma de fazer isso. Esse nível de heterogeneidade pode ser captado através de tipologias eclesiais elaboradas segundo aquilo que a Ciência Política tem chamado de “*veto players*”. São as pessoas com poder de veto, ou seja, aquelas com autoridade institucional para impedir uma mudança. É verdade que instituições, como modelos, visam salvaguardar práticas. Formais ou não, constituem uma maneira de garantir a continuidade social. Porém, instituições, não apenas as religiosas, mudam mais do que geralmente estamos dispostos a admitir (REZENDE, 2012). Num contexto de emergência de novos conteúdos, avalia-se o que é ou não legítimo. Diante da heterogeneidade das expressões de fé dispersas pelo circuito evangélico, cada igreja, caracterizada pela busca por fixar quais são adequadas, precisa avaliar quais deve ou não incorporar ao seu modelo. Isso é regulado por quem tem poder de veto.



Quanto a isso, a principal diferença denominacional é o governo eclesiástico. Esse é um assunto recorrente em cursos de Teologia, mas pouco considerado no ambiente das demais áreas das Humanidades. No campo teológico fala-se dos modelos sem nenhuma referência a algum autor ou sua origem<sup>161</sup>. Há três que são mais recorrentes nessas discussões. Um deles é o centralizado, ou seja, aquele em que o poder de vetar está concentrado em um único centro de decisão, geralmente uma única pessoa, líder da denominação. Entre os crentes é chamado de “episcopal”. Nele, o líder pode delegar a alguns subordinados alguma autoridade administrativa e financeira sobre filiais, mas é ele que detém a palavra final em muitas decisões importantes no sistema como um todo. Na maioria das vezes tal modelo é apresentado nos seminários como herdado do formato católico romano. Foi adotado pela grande maioria das igrejas evangélicas no Brasil que surgiram na segunda metade do século XX. Suspeito que seja por conta da razoável facilidade de absorver novidades, sobretudo quando aplicado a pequenos grupos.

Quando o poder decisório está nas mãos de um único líder, a mudança é formalmente facilitada, pois só ele precisa se convencer de sua legitimidade. A IURD, por exemplo, já mudou bastante desde o seu surgimento. Penso que seja por conta do poder de deliberação concentrado em uma única pessoa, Edir Macedo (CAMPOS, 1999; MARIANO, 1999). Sendo assim, ela já passou por um processo de assimilação de práticas comuns ao catolicismo, outro de maior absorção, inversão e combate a expressões de fé de matriz africana e, mais recentemente, um processo de revalorização de elementos veterotestamentários (JACOV, 2017). Isso não quer dizer que esse modelo faça com que a igreja seja necessariamente mais aberta a mudanças, mas apenas que elas são facilitadas pela forma de governo, pois há menor quantidade de pessoas com poder de vetá-las. Se o líder não julgar pertinente, as mudanças não são legitimadas. É o caso do bispo Macedo quando polemiza com algumas novas práticas introduzidas por Ana Paula Valadão (ROSAS, 2013). Outras denominações que trabalham neste modelo são a Metodista, a Quadrangular, a Nova Vida, a Deus é Amor e um tão grande número de congregações do chamado “pentecostalismo autônomo” (BITTENCOURT FILHO, 2003) ou “assembleísmo difuso” (ALENCAR, 2012), ou seja, as pequeninas de igrejas pentecostais de nomes criativos espalhadas pelas periferias das metrópoles. O modelo em questão também é adotado na maior parte das comunidades evangélicas que surgiram no Rio de Janeiro e alhures.

Outro modelo de governo também apresentado nos seminários teológicos é o representativo. Nos desdobramentos da Reforma Protestante na Inglaterra, surgiram movimentos

---

<sup>161</sup> Algumas informações que darei sobre a forma de governo, consegui através de conversas que tive pelas igrejas que visitei, mas a fim de dar uma referência mais sistematizada, tomarei por base um vídeo do bispo McAlister, líder da Igreja Cristã Nova Vida (FORMA..., 2012).

religiosos que, insurgindo contra a igreja estatal, questionaram a legitimidade de uma autoridade eclesiástica sancionar qual seria a procedência mais correta em termos de fé (WEBER, 2004). Essa é a origem da própria democracia moderna. Dessa contestação, surgiu um novo modelo de governo eclesiástico que buscou ampliar o poder de decisão. É conhecido entre teólogos como modelo “presbiteriano” (FORMA..., 2012). É uma espécie de parlamento. Diante da inviabilidade de todos decidirem, alguns são eleitos para tal. Num ideal de governo a partir da base, membros de uma comunidade elegem seus representantes, que podem eleger um pastor líder que por sua vez pode representá-los num conjunto de comunidades e assim por diante (FORMA..., 2012). Esta é a forma das igrejas presbiterianas em geral, mas também é o modelo praticado pelos adventistas. Representantes da base são chamados no primeiro caso de presbíteros e, no segundo, de delegados.

Tal modelo, aparentemente mais generoso na repartição do poder, carrega em si a contradição de dificultar mudanças, pois aumenta o número de pessoas com poder de vetá-las. Isso foi o que causou o maior descontentamento entre jovens presbiterianos que queriam introduzir a produção musical não oficial nos seus cultos (DOLGHIE, 2007). Não bastava convencer o pastor líder, era preciso ter o aval de membros do presbitério. Dolghie (2007, p. 227) relata um caso em que a abertura só foi possível com a organização dos jovens em torno da eleição de um presbítero mais favorável. Se mais pessoas precisam ser convencidas de sua pertinência, a assimilação de expressões de fé que estão em circulação entre os crentes em geral pode ser impedida ou retardada. Os representantes, presbíteros ou delegados, geralmente pessoas mais idosas que se veem com a obrigação de zelar pela sua tradição, podem ficar incomodados com a novidade que se apresenta, criando resistência a inovações sugeridas pelo grupo de louvor ou por qualquer outro membro da congregação.

Há ainda um terceiro modelo, o repartido. É aquele praticado no Brasil, sobretudo entre batistas e assembleianos. No ambiente teológico ele é conhecido como o modelo da “autonomia da congregação local”, mas, a meu ver, esta é uma percepção equivocada. Penso que do ponto de vista do governo eclesiástico, autonomia local mesmo só possuem as novas denominações quando conformam uma única igreja. Elas inclusive se desvencilham das nomenclaturas das denominações que as precedem, inventando outras criativamente. O que acontece com as Assembleias de Deus e Batistas é outra coisa. Salvo casos em que essas tarjas são acionadas apenas no nome, as congregações locais aparentemente autônomas estão ligadas a convenções ou ministérios que limitam parte de seu poder decisório. Essa divisão de poder é o que caracteriza um sistema repartido, emulando uma federação.

Esse modelo é a grande invenção política moderna. Trata-se de uma divisão de poder entre um governo central e governos regionais (LIJPHART, 2003, p. 214). É uma engenharia institucional criada no final do século XVIII, nos Estados Unidos. Após a conquista de sua independência, as 13 colônias agora unificadas tinham interesses comuns quanto a pacificação, defesa das fronteiras e inserção no comércio internacional, mas guardavam forte identificação territorial (SOARES, M., 1998, p. 139). A saída encontrada foi fatiar o poder decisório, separando algumas decisões para o Estado nacional e outras para os Estados locais. É isso que permite a unificação (SOARES, M., 1998, p. 139). Quando os batistas cresceram no contexto estadunidense, adoraram esse modelo no governo eclesiástico, o que deu origem às convenções, cujo objetivo era definir algumas questões mais básicas em torno da fé, deixando outras (como a forma e horário do culto, por exemplo), a cargo das congregações locais. Não é demais lembrar que eles chegam ao Brasil através da atuação missionária da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos (SANTOS, 2012). Ao se originar de uma ruptura batista, a Assembleia de Deus manteve inicialmente esse modelo.

No governo eclesiástico repartido, o poder de veto é distribuído entre diferentes pessoas. As que ocupam a autoridade local podem decidir a respeito de pequenas mudanças, sem gerar rupturas com o governo central de convenções ou ministérios. Mas se aprovarem uma mudança muito grande, a polêmica pode se estabelecer e se tornar insolúvel a ponto de a igreja ser desligada da organização maior a que está filiada. Esta é a origem das Assembleias de Deus no Brasil (ALENCAR, 2012; SANTOS, 2012). E ainda hoje, surgem polêmicas com potencial de divisão, como, por exemplo, a de uma igreja batista em Maceió (AL) que passou a receber homossexuais como seus membros e acabou expulsa da Convenção Batista Brasileira (GUSTAVO, 2016). Isso deixa evidente que o que acontece de fato não é uma autonomia da congregação local, mas uma repartição do poder de decisão. Neste tipo de governo eclesiástico, as novidades do circuito evangélico, como a emergência de novas canções, podem ser absorvidas localmente, variando conforme a região, desde que não causem grandes rupturas com o governo central. Como, a nível local, o poder decisório é centralizado, a quantidade de pessoas que precisam ser convencidas de uma pequena mudança é menor. Isso facilita inovações e impede viradas radicais. A relação com o circuito não está garantida, mas está formalmente favorecida. O risco é que se for aceita uma expressão de fé que indique uma mudança profunda demais, pode culminar na expulsão da convenção e, como há crentes apegados a ela, isso implica em divisão da própria comunidade local. Um processo bem penoso que os líderes tentam evitar ao máximo.

Em suma, levando em consideração a possibilidade de mudança institucional, têm-se três tipos de igrejas evangélicas. Elas são de poder representativo, repartido ou centralizado, variando

da forma que mais dificulta à que mais facilita mudanças. Antes de avançar, é preciso ponderar que essa tipologia deve ser entendida como complementar e não oposta àquela desenvolvida por autores como Mendonça (1995), Freston (1993) e Mariano (1999). A clivagem entre protestantes, pentecostais e neopentecostais tem sido um recurso importante para clarear a nebulosa evangélica que cresceu sobre o Brasil, sobretudo após a década de 1970, quando aumentou exponencialmente a quantidade de brasileiros que se identificam com ela. Esses autores forneceram os primeiros óculos com os quais conseguimos enxergar a realidade. O problema é que a lente eclesiástica que nos foi fornecida não integra uma imensa gama de fenômenos que ocorrem de forma dispersa, sem o controle eclesiástico imediato, inclusive implicando no desencaixe entre crentes e igrejas em que congregam.

O que faço aqui é descer essa lente para a ponta do nariz e olhar por cima, repensando o lugar das igrejas, a fim de captar o amplo circuito de expressões de fé que os crentes compartilham. Mas não se pode perder as instituições de vista, já que os próprios evangélicos reconhecem sua importância. É necessário mantê-las no horizonte, reconstruindo-as de outro modo. É por isso que segui a abordagem a partir da forma como elas buscam filtrar o que está em circulação, sistematizando as expressões de fé, independentemente de quais opções teológicas estejam em jogo. A implicação é que os tipos de governo representativo, repartido ou centralizado são modelos que gradativamente variam da menor à maior abertura ao circuito evangélico.

Nesse horizonte termos como pentecostalismo perdem seu sentido de tipo de igreja. Passam a nomear não instituições eclesiásticas propriamente ditas, mas conjuntos de expressões de fé que podem ser legitimadas ou não por elas. Correspondem, na verdade, a grandes movimentos de difusão de práticas, crenças e emoções. Assim seria o movimento celular, que expandiu a realização de cultos nos lares dos crentes (SOUSA, ARENARI, TORRES, 2012; FROSSARD, 2013); o movimento revalorização do Antigo Testamento, que introduziu uma série de referências judaicas nos cultos de várias igrejas (FROSSARD, 2013), a teologia da prosperidade, que introduziu uma nova forma dos crentes lidarem com as riquezas (MARIANO, 1999), a teologia do domínio, que introduziu uma forma de buscar a ocupação do espaço público (ROSAS, 2015) e uma série de outros. Entre eles, aquele em torno da adoração que será descrito no próximo tópico. Eles não se dispersam apenas via igrejas, mas também e principalmente através do circuito. Por isso pode influenciar crentes ou grupos de crentes diretamente a despeito das opções teológicas das igrejas em que congregam, bem como serem recebidos em congregações específicas a despeito das convenções ou ministérios a que estão ligadas. Abstraindo o conteúdo teológico, é possível concluir que o formato do poder decisório influi na assimilação do circuito, de modo que denominações com governo centralizado ou repartido estão

mais propensas incorporar inovações em circulação. É claro que essa é uma declaração sobre tendências gerais e existem situações particulares que se distanciam dela, no entanto, descreve uma tendência na dinâmica da interação entre o circuito e as igrejas. Aquelas com maior número de pessoas com poder de veto estão propensas a terem maior dificuldade para lidar com ele.

Essa análise do formato que a religião adquiriu talvez forneça respostas que a análise das diferenças teológicas das igrejas não conseguiu produzir. Ela pode complementar a explicação do crescimento evangélico nas últimas décadas. Ele é acompanhado de certa hibridização e afrouxamento de fronteiras, o que não é um fenômeno tão recente, como explica Barreira Rivera (2002). Contudo, esse mesmo autor destaca que interpretações do crescimento pentecostal no século XX raramente dão atenção ao seu ritmo diferenciado, uma vez que só acelera a partir dos anos 1970 e 1980, quando pela primeira vez a maioria da população latina passa a viver em ambiente urbano (BARRERA RIVERA, 2016, p. 16). Por que isso ocorreu? Eu diria que por causa do circuito evangélico cuja emergência e progressiva densidade dependeu de condições específicas em relação ao lazer e ao consumo que só são criadas com a urbanização.

Além disso, muito se fala sobre a ascensão pentecostal, mas os batistas, geralmente contados com os protestantes de missão, seguem em franco crescimento. De acordo com os dados dos recenseamentos do IBGE, só na variação entre 2000 e 2010, batistas cresceram mais de 17%, enquanto a pentecostal Congregação Cristã no Brasil teve queda de pelo menos 8%. Por que? Bem, vários fatores concorreram para isso, mas uma das principais diferenças entre essas denominações é a forma de governo. Ela torna uma mais propensa do que a outra a incorporar o que acontece no circuito. Analisando os mesmos dados, se somarmos as Assembleias de Deus e Batistas, caracterizadas pelo modelo repartido de poder, com a miríade de igrejas pentecostais classificadas como “outras”, que adotam majoritariamente um governo centralizado, têm-se quase dois terços de todos os crentes que declararam a qual igreja pertenciam em 2010. São mais de 21,3 milhões (de 33). Sem contar que a expansão do circuito ajudaria a explicar por que muitos crentes não têm julgado importante dizer a que igrejas pertencem quando os agentes censitários do IBGE lhes perguntam qual a sua religião ou culto. Em 2010 foram mais de 9 milhões de brasileiros nessa condição<sup>162</sup>.

Isso não quer dizer que as diferenças teológicas não são importantes, mas talvez elas mesmas sejam afetadas pelas novas formas institucionais que a religião adquiriu. Na pesquisa mais influente na literatura sobre gospel, notou-se forte tendência pentecostalizante, interpretada como consequência do crescimento das igrejas pentecostais (CUNHA, 2004,

---

<sup>162</sup> Os dados comentados nesse parágrafo foram obtidos a partir do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1489> >. Acesso em 10 dez. 2018.

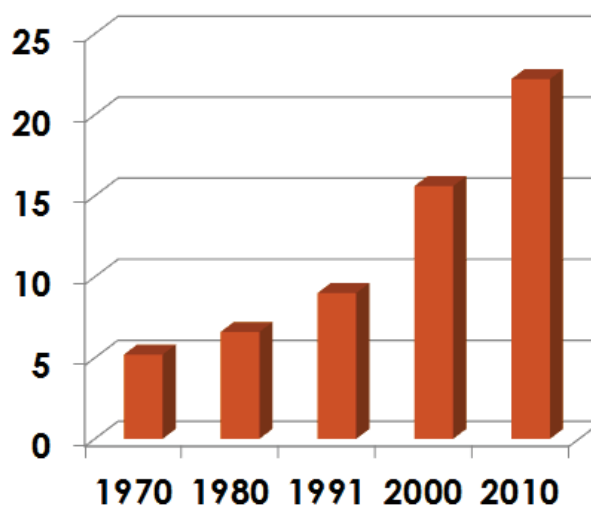
2007). Só que eu fico me perguntando se não foi o contrário. E se as igrejas pentecostais cresceram porque surgiu um circuito religiosamente desregulado, em que as expressões de fé de caráter pentecostal, incluindo suas canções, começaram a circular sem a conotação propriamente religiosa, atraindo curiosos, simpatizantes e rompendo resistências até dos crentes não pentecostais?

Até os anos 1950 o pentecostalismo segue às margens. Ele é marginal por seus traços brasileiros face à centralidade estadunidense, marginal por seus aspectos protestantes face ao catolicismo hegemônico e marginal por suas ênfases emocionais em comparação com a suposta centralidade da racionalidade no protestantismo (ROCHA, TEPEDINO, 2011). No horizonte desses embates, não me parece desprovido de sentido supor que ele jamais aumentaria sua influência disputando no campo específico da religião. Como o lazer e o consumo, ainda que desinstitucionalizado via mídia, ampliaram a liberdade de expressões de fé não oficiais, aquelas marcadamente pentecostais podem ter sido as que mais ganharam com isso, estimulando rupturas e a criação de novas igrejas. Se essa não for a melhor explicação, no mínimo deveríamos falar em afinidade eletiva, no sentido de atração recíproca (WEBER, 2004).

A indústria da música gospel cresceu junto com a expansão das igrejas e não por causa dela. O aumento na proporção da população brasileira que se declara evangélica, visível na Figura 12, acompanha as datas de fundação das empresas do setor. Em 1975 surge a Bompastor, em 1986 a MK Music, em 1990 a Gospel Records, em 1991 a Line Records, em 1996 a TopGospel, em 1999 a Graça Music, em 2002 a Onimusic e em 2005 a Central Gospel Music. Destas, as que seguem com maior influência no setor não estão ligadas imediatamente a nenhuma denominação. É claro que quando o crescimento chama a atenção, os próprios evangélicos são vistos como nicho de mercado. As grandes empresas de música em geral criaram seus departamentos especializados em gospel a partir disso. O Você Adora (Som Livre) em 2009, o Sony Gospel Music (Sony Music) em 2010 e o Universal Music Christian Group (Universal Music) em 2013, todos dirigidos por profissionais evangélicos (BANDEIRA, 2017). Mas o paradoxo é que a canção vendida para o consumo de um crente, como não depende das igrejas para circular, torna-se exatamente o que pode atrair um não crente, tornando-o mais curioso ou simpatizante dessa fé. É um sistema que se retroalimenta. É por causa dele que todo crente tem uma ou mais canções que marcaram sua conversão. Algumas dominações têm mais dificuldade do que outras na adaptação à essa conjuntura, embora todas estejam relativamente em tensão.



Figura 12 – Proporção de evangélicos na população brasileira



Fonte: Minha produção com um recurso do PowerPoint e com base nos dados dos Censos realizados pelo IBGE, dez. 2018.

Como venho explicando durante a tese, a música é apenas parte de um universo maior. Aliás, um multiverso. Se as canções não oficializadas em circulação estão nessa tensão constante entre o circuito e as igrejas, o mesmo acontece com uma gama variada de expressões de fé. É algo que valeria a pena explorar em trabalhos futuros. Mas sem uma compreensão mínima da dinâmica dessa relação não é possível avançar no entendimento de como as canções se fazem religião. A disputa em relação ao seu significado, se são religião ou mero entretenimento, resulta de um processo em que elas adquiriram mais um sentido. É essa polissemia que pretendo descrever no próximo tópico.

#### 4.3 A POLISSEMIA DA ADORAÇÃO: O “ESTILO MUSICAL” E O “ESTILO DE VIDA”

Até aqui, espero ter demonstrado que as interações circuito-igreja são oportunas, mas nem sempre pacíficas. Há uma variedade de expressões de fé circulando através do lazer e do consumo que podem ou não ser aceitas em cada congregação local, a depender de muitos fatores, sendo um dos principais o modelo de governo eclesiástico da denominação. Agora acrescento que o adensamento dessas passagens do circuito às igrejas e vice-versa faz com que as expressões de fé se tornem ambíguas. Elas não são religião ou entretenimento (lazer e consumo), mas as duas coisas. Isso não ocorre apenas com as canções, mas a partir daqui quero me deter a elas. Na verdade, o objetivo é descrever os sentidos adquiridos por uma parte delas, aquela reconhecida como adoração.

No multiverso que os crentes habitam, fala-se em “CDs de adoração”, “Cultos de adoração”, “entrar em adoração”, “Bíblia de Estudo Louvor e Adoração”, “livros sobre adoração”, “momento de adoração” e uma “teologia da adoração”. Em torno dessa tarja organizam-se diferentes práticas, objetos e instituições. Mas trata-se de um termo em disputa. Tudo o que está ligado a ele está em constante movimento pelo circuito evangélico, conjugando, pelo menos do ponto de vista do consumo, os sentidos do lazer e da fé.

Algumas descrições de shows que participei podem ajudar na compreensão disso. Quando um evento é anunciado, logo os interessados começam a trocar informações, expressando expectativas variadas: “Vai ser bom demais!”, “Vai ferver de benção”, “Eu e um povo abençoado por Deus estaremos lá compartilhando a glória de Deus”, “Demais, muita curtição e adoração ao Espírito Santo”, “Eu e o meu amor estaremos lá”, “Eu te amo Fernandinho, adoro ouvir você cantar”, é o que se vê nos comentários dos sites que os anunciam. A expectativa é de que algo bom vai acontecer, mas é em relação à fé ou à diversão? Às duas, eu diria. É inegável que existam anseios mais feitos ao lazer.

Há expectativas pela sociabilidade, seja saindo com o namorado (“eu e o meu amor”) ou encontrando “um povo abençoado por Deus”. E pode ser a chance de encontrar uma celebridade (“Eu te amo Fernandinho”), ainda que os artistas mais ligados à adoração geralmente repudiem este comportamento. Expectativas que se realizarão no tempo livre dos crentes. Mas não se perdeu a fé de vista. Espera-se receber uma “benção” ou “compartilhar a glória de Deus”, ainda que não seja na instituição propriamente religiosa. É ilustrativo quando se conjuga “curtição e adoração” na mesma sentença, destacando o duplo registro.

Na verdade, o que se busca é conciliar os sentidos de religião, lazer e consumo, de modo que quando o sentido religioso fica um pouco apagado, os crentes se colocam em circunstâncias conflituosas. Lembro-me de um show em especial no qual vi um ministro de louvor ficar quase uma hora tentando conter os participantes, repreendendo-os por sua “falação” e por sua “andação” enquanto ele cantava, o que tornou a situação extremamente desagradável. Ele dizia: “Isso aqui era pra ser um culto e vocês estão agindo como em uma balada!”. Alguns à minha volta lamentavam: “É uma pena que ficou assim, mas ficar dando sermão desse jeito não vai resolver”. No final, alguém reclamou: “adorar que é bom a gente não conseguiu direito”. Ao que uma moça respondeu “pelo menos a gente viu gente de outra igreja que não via há um tempão, isso foi legal”.

Em outra ocasião, próximo aos banheiros que ficavam ao fundo do galpão onde o show acontecia, entre adolescentes “rolava uma azaração”, como alguns disseram. Durante as apresentações eles “ficavam”, expressão que usam em referência à troca de beijos e carícias

entre um casal. O cantor principal advertiu contra esta prática, mas alguns não pareciam se importar. Paradoxal é o fato de que, minutos antes, um adolescente de doze anos havia sido contemplado com o sorteio de uma viagem e o apresentador do evento, ao entregar o cupom que dava direito ao prêmio, fez o gracejo: “Meninas, ele tá solteiro heim!”.

Via de regra, os ministros de louvor se incomodam com situações desse tipo. Não que elas não aconteçam, mas há um esforço para que sejam exceções. É a forma como eles lidam com o formato do show. É decorrente do processo descrito no capítulo anterior. Os artistas, empenhados em se portarem como “padeiros” mais do que “palhaços”, vão repudiar coisas que em eventos semelhantes talvez fossem banais. Já vi um ministro pedir para uma moça descer das costas do seu namorado, outro interromper uma música e instruir os participantes a gritarem “Jesus” ao invés de “uhuh” em um refrão, uma cantora se recusar a dar autógrafos. Se bem que neste último caso os smartphones estão fazendo os autógrafos serem substituídos por *selfies*, que aparentemente incomodam menos.

De toda forma, essas situações demonstram um esforço pela apropriação do formato típico do lazer, o show, de um modo específico. No fundo, muitos que organizam e lideram esse tipo de evento têm em mente uma espécie de culto. O evento continua sendo show. Crentes solteiros se animam com a possibilidade de encontrar um par, encontram seus amigos, se divertem com as canções. Porém, há um desejo difuso de que essa não seja a sua face mais visível. Nessa dissonância é possível perceber que a adoração possui sentidos diferentes em conflito, embora haja entre os crentes um esforço de conciliação. Seguindo as canções pude discernir inicialmente pelo menos dois sentidos principais que se rivalizam. Quando crentes falam em adoração, ora se referem a um “estilo de vida”, ora falam de um “estilo musical”. Há uma produção musical reconhecida como adoração e os profissionais ligados a ela defendem que ser adorador é adotar uma forma específica de se viver.

Essas duas noções não são categorias de análise que escolhi, mas noções internas com as quais me deparei entre os crentes. São sempre pensadas com algum grau de tensão. Quando se fala em adoração, tende-se a enfatizar o estilo de vida em detrimento do musical. A título de exemplo cito Asaph Borba, o metodista tido como referência por Fernandinho (2013) e vários outros. Ele escreveu um livro com o principal objetivo de apresentar a “adoração como estilo de vida, muito mais do que um estilo de música” (BORBA, 2012, p. 21). Frases como essa são recorrentes em toda a obra. Ele enfatiza: “adoração é um estilo de vida, e não um estilo de música” (BORBA, 2012, p. 24). Escutar isso de um dos maiores compositores de canções reconhecidas como adoração soa algo paradoxal, mas essa é uma constante em todo o meio. É uma ideia recorrente em Adhemar de Campos (2005), Ronaldo Bezerra (2008), Aline

Barros (2010), Fernanda Brum (2013), Nívea Soares (2016), Ana Paula Valadão (BESSA, 2003, 2013), Fernandinho (2013) e outros. Tais pessoas, filiadas a diferentes igrejas, possuem um mesmo discurso afinado sobre o tema. Esse é o ponto de partida para entender os sentidos em disputa.

Com a exceção das comunidades evangélicas que surgiram nos anos 1980, tal discurso não se propaga via igrejas específicas e sim de forma difusa pelo circuito evangélico. O principal texto bíblico em que ele se fundamenta é o mesmo em todo caso: o encontro de Jesus com uma mulher samaritana, descrito no Evangelho Segundo João. Na passagem, ela lhe pergunta qual seria o lugar adequado para adorar a Deus, se onde estavam ou em Jerusalém. Ao que ele responde:

Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis ao pai. [...]. Mas a hora vem e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão ao Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade<sup>163</sup>. (BÍBLIA, 1993, João, 4: 21-28).

Esse texto é tomado como uma espécie de narrativa fundante da adoração como “estilo de vida”. O ponto chave do discurso é de que “se Jesus falou sobre uma verdadeira adoração, é porque existe uma adoração falsa” (BESSA, 2003, p. 160). A noção de verdade empregada no Evangelho é interpretada como sinônimo de autenticidade. Em comentário a esse texto bíblico disponível na *Bíblia de Estudo Louvor e Adoração*<sup>164</sup>, Adhemar de Campos afirma que “a adoração verdadeira flui de adoradores autênticos, cuja vida e testemunho significam mais que suas palavras” (CAMPOS, A., 2015, p. 150). Em outro comentário ao texto nessa mesma edição da Bíblia, Jônatas Liasch, um dos fundadores da Associação de Músicos Cristãos do Brasil<sup>165</sup>, reclama que “muitos dos que se apresentam diante do povo não estão vivendo o estilo de vida da adoração” (LIASCH, 2015, p. 150).

<sup>163</sup> Embora eu tenha consciência de que há importantes deficiências nas traduções bíblicas amplamente comercializadas no Brasil, nesta pesquisa é mais importante o estudo da forma como evangélicos se apropriam do texto bíblico, do que o estudo do texto em si. Por isso, opto por sempre citar o texto na versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) que tem sido uma das mais utilizadas entre crentes.

<sup>164</sup> Bíblias de estudo geralmente apresentam comentários paralelos ao texto bíblico e outras ferramentas (tais como mapas e imagens) introduzidas com o objetivo de direcionar sua aplicação à prática da fé. São produzidas de forma temática, tais como a *Bíblia de Estudo Pentecostal*, a *Bíblia de Estudo da Mulher*, entre outras. A *Bíblia de Estudo Louvor e Adoração* traz comentários de vários nomes reconhecidos como referência em adoração e foram organizados por Adhemar de Campos.

<sup>165</sup> Não consegui encontrar nenhum site ou qualquer outro canal oficial de comunicação dessa associação. Descobri que ela foi criada em 1997, promove eventos e cursos de capacitação e mantém uma rede de descontos

O que está em jogo é a relação dos crentes com as músicas. A preocupação primordial é de que os temas cantados não fiquem apenas nas canções, mas que sejam colocados em prática. Preocupa-se com todos os crentes consumidores de música, mas especialmente com aqueles que são dedicados à sua reprodução. É quem trabalha com música que está no foco do discurso. Dado que esse tipo de crente, por conta da posição que ocupa, geralmente é muito visado em sua comunidade, lhe é cobrado um estilo de vida condizente com o que as canções irão dizer aos ouvintes. Isso faz com que quem pretende ser um “verdadeiro adorador” assuma algumas premissas que não necessariamente seriam assumidas pelo crente comum. Mas quais seriam as premissas desse estilo?

Em busca de traduzir o que é a adoração como “estilo de vida”, busquei separar conjuntos de características com as quais me deparei ao longo da trajetória de pesquisa reunidos a partir de afinidades que possuíam com traços mais gerais de vertentes teológicas cristãs ou protestantes mais conhecidas. Há uma gama variada de referências desse “estilo” dispersas no multiverso que os crentes habitam, mas elas não deixam de ter alguns padrões e é a partir deles que farei a aproximação. Reconheci dois em especial, e seus referentes já apareceram de forma esporádica pela tese, nas letras das canções, nas declarações dos crentes e em fatos específicos. Eu os percebi afeitos ao pietismo e ao gnosticismo

A canção que citei logo no início dizia que “não existe nada melhor do que ser amigo de Deus” (CAMPOS, A., 1995, np.). Assim conjugava num mesmo verso o prazer e a intimidade que os crentes buscam em adoração. Era desse gozo que Talles sentia falta quando compôs canções sobre o período em que era feliz porque “sentia a presença de Deus”. A felicidade sobre a qual falavam Ana e Edson Feitosa (1998) nos versos do corinho interpretado por Aline Barros. É uma alegria obtida pela fé, já que sempre combinada com a busca pela intimidade com o Deus dessa fé. Uma busca que vista até como uma forma de superar momentos não tão contentes. Aqueles que, em outra composição, o mesmo casal diz que podem levar para perto desse Deus quando superados, atravessados, “rompidos em fé” (FEITOSA, FEITOSA, 1997). E quando a fé cresce em intimidade, os crentes se sentem à vontade para usar pronomes possessivos que traduzam isso. “Quão bom é o meu Jesus” é o que disse Fernandinho a respeito do que queria comunicar com CD *Galileu*.

Vejo afinidade entre esses padrões e o pietismo. Embora o movimento puritano, surgido no século XVII, seja bem mais conhecido por conta do destaque que teve na obra de Weber (2004), o pietista é igualmente importante para se compreender “a complexidade do

mundo protestante-evangélico” (DREHER, 2013, p. 39). É uma das correntes que mais ganharam força no Cristianismo do século XVIII, sucedendo o puritanismo. Ela surgiu ainda no século XVII, na Alemanha, sob a liderança de Phillip Jakob Spener, como reação à ortodoxia luterana (DOLGHIE, 2007, p. 106). Quando Spener publicou a obra *Pia Desideria* (Desejos Pios) em 1675, apresentou propostas de reforma da igreja alemã, abalando sua unidade. O “pietismo alemão foi um dos movimentos que [...] buscou uma religiosidade mais subjetiva e menos controlada pela Igreja” (DOLGHIE, 2007, p. 106). Sendo assim, embora não tenha gerado um cisma, projetou a vida religiosa para além da vivência institucional, principalmente através de reuniões nos lares, lideradas por leigos (DOLGHIE, 2007).

À medida que se expandiu o movimento inaugurado na Reforma Protestante, surgiram diferentes formas institucionais e, com elas, discussões acirradas a respeito de qual seria a mais perfeita. Na época, o pietismo veio “acentuar a Teologia da Experiência contra a Teologia do Saber” (DREHER, 2013, p. 40). Relativizou-se a importância da instituição, acentuando a prática religiosa de cada um. Não vejo a semelhança com a realidade brasileira atual como mera coincidência. Desde sua primeira ocorrência na Alemanha, a expressão pietista de fé surgiu e ressurgiu em diversos contextos ao longo dos séculos, sempre gerando “a individualização e a interiorização da vida religiosa, desenvolvendo novas formas de piedade pessoal e de vida em sociedade” (DREHER, 2013, p. 40).

Elementos pietistas alteraram o puritanismo de tal forma que Campbell (2001, p. 143) chega a falar em uma “outra ética protestante”. Da mesma forma que Weber (2004), esse autor também se preocupa com o capitalismo em sua forma moderna, mas seu foco recai sobre o consumo, tido como essencial para alimentar a produção. Para Campbell (2001), produção e consumo seriam os dois pilares que sustentam o sistema capitalista. Chama a atenção o fato de que ele analisa os mesmos grupos estudados por Weber um século depois e conclui que surgiu “um desejo de prazer, algo que parece especialmente difícil de acreditar, entre os herdeiros de uma perspectiva protestante” (CAMPBELL, 2001, p. 144).

O autor chama a atenção para Armínio<sup>166</sup>, um calvinista<sup>167</sup> ortodoxo que mudou radicalmente de posição, entendendo que Deus queria que todos fossem salvos, sendo a vontade humana um co-determinante necessário na salvação (CAMPBELL, 2001, p. 156). A influência do pietismo o levava a valorizar a experiência subjetiva e, com ela, a decisão

---

<sup>166</sup> Jacó Armínio (1560-1609) nasceu em uma província dos Países Baixos e ficou órfão ainda muito jovem, sendo adotado pelo pastor Theodorus Aemilius. Estudou Teologia na Universidade de Leiden com professores que questionavam algumas premissas do calvinismo, tais como Johann Kolmann. Partiu para uma crítica mais radical, entendendo que a vontade do homem corrobora para sua salvação.

<sup>167</sup> O calvinismo é um movimento que tem origem em João Calvino (1509-1564).



pessoal. Isso gerou uma revolta contra o calvinismo na Holanda. Arminianos holandeses assumiram que os homens não estavam predestinados, mas deveriam decidir eles mesmos pela salvação. Tal posicionamento trouxe uma renovação teológica protestante que iria repercutir na obra de um pequeno grupo de intelectuais de formação puritana conhecido como os “Platonistas de Cambridge”<sup>168</sup> (CAMPBELL, 2001, p. 157). Algumas ideias nele compartilhadas iriam atravessar todas as expressões protestantes de uma época (CAMPBELL, 2001, p. 158).

Sob influência pietista arminiana, eles acentuavam a experiência individual, reagindo contra a visão negativa sobre os sentimentos que havia sido estabelecida pelo puritanismo precedente (CAMPBELL, 2001, p. 165). Não que a ascese fosse abandonada. A reação foi contra a excessiva contenção do prazer. Esse grupo revalorizou o gozo, mas, por estarem balizados por uma ética puritana, abriu-se somente àqueles prazeres advindos dos “sentimentos corretos” (CAMPBELL, 2001, p. 181). O prazer passou a ser permitido e até buscado no sermão (CAMPBELL, 2001, p. 177), mas com um motivo específico. As emoções (como o chorar de alegria, por exemplo) eram tidas como sinal de que uma pessoa possuía verdadeira santidade e virtude, de modo que se tratava de um gozo pela fé, o que, justaposto ao pensamento puritano, gerou uma “ética emocionalista da sensibilidade cristã” (CAMPBELL, 2001, p. 169). É esse tipo de sensibilidade que está em jogo quando hoje se defende a adoração como o “maior prazer”.

Ademais, o pietismo, como um movimento que deu novo sentido à prática religiosa, também enfatizou mais o vínculo comunitário que o institucional. Ainda não é o período de aprofundamento da subjetivação de que fala Hervieu-Léger (2015), mas a nova ênfase já deu margem a um separatismo dentro das próprias congregações, produzindo “igrejinhas na igreja” (DREHER, 2013, p. 40). Alguns crentes, através de atos piedosos, procuravam maior santidade. Sendo assim, da mesma forma que evitavam algumas práticas dos não crentes, na busca por santificação, passaram a evitar vivências comuns a seus próprios pares, impondo-se restrições mais pesadas. Ao valorizar a convivência com os que caminhavam em santidade, alguns grupos buscaram ser mais santos que outros, gerando o tal sectarismo.

Essa pode ser uma chave interpretativa de um dos padrões da adoração como “estilo de vida”. Fala-se em constante oração, meditação na Bíblia, jejum, entre outras práticas que

---

<sup>168</sup> É um nome generalista dado a um grupo informal de filósofos e teólogos que surgiu na Universidade de Cambridge na segunda metade do século XVII repensando a relação entre fé e razão com base em estudos neoplatônicos. Também eram conhecidos como “latitudinários”, já que muitos defendiam uma compreensão mais alargada das diferentes formas de colocar o cristianismo em prática, adotando certo inclusivismo.

remetem diretamente a esta busca piedosa por santidade. É claro que também subjaz um componente de moralidade, herdado do puritanismo, no sentido de que se espera de um adorador que ele seja honesto, digno, leal, etc. É nesse sentido que Aline Barros (2010, p. 125) diz que a vida do adorador deve ser “como uma carta lida e conhecida por todos os homens”. Porém, a vida dele deve ser acompanhada por uma série de ações através das quais é possível obter uma “maior intimidade com Deus”, tornando-se uma espécie de crente 2.0. Mas isso, não necessariamente no sentido de ser mais envolvido com as atividades de uma igreja. Fernanda Brum é categórica: “minha religiosidade precisava morrer diante da glória Deus”. O que importa é a vivência pessoal da fé. Uma grande sintonia com o pietismo.

É recorrente no discurso sobre adoração como “estilo de vida” a ideia que há diferenças entre crentes. Diz-se que existem aqueles que “apenas” creram para a salvação em Cristo. Ana Paula Valadão conta que “uma pessoa pode ir à igreja, pode aprender a cantar as músicas, fazer orações bonitas, mas ela ainda não consegue ter um relacionamento com Deus. Ela pode ser uma pessoa religiosa, mas sem conhecimento pessoal de quem é o Senhor” (BESSA, 2003, p. 156-157). Não é o que acontece com aqueles que, desejosos de uma vida cristã “mais profunda”, desenvolvem “maior intimidade com Deus”. São estes a quem “o Pai procura como seus verdadeiros adoradores”. Eles vivem de modo piedoso. São os que não exercitam a fé apenas no momento de culto, mas também no “lugar secreto”, como em seu quarto, tal como destaca Asaph Borba (2012, p. 70). Esse foi o tema do módulo da Escola adorando do qual participei.

É um dos principais padrões da vida em adoração, mas não é a único. Parece haver nela uma insatisfação constante. Entende-se como ideal, não apenas uma busca por intimidade, mas uma busca feita com muita vontade. As metáforas usadas para falar disso remetem às necessidades fisiológicas. “Eu tenho sede, eu tenho fome, fome de Ti” é o que dizem Arianne e Fernanda Brum em um canto espontâneo feito na gravação de uma composição do pastor Antônio Cirilo (2006). Também é acionada metáfora similar à que adjetivou os corinhos de fogo. Se neles se diz que “fogo lá do céu não faz mal pra ninguém” (DUO CELESTIAL, 198-, np.), “eu quero me desesperar/outra vez/queimando de amor por Ti” (CIRILO, 2006, np.) é o tipo de coisa que se diz nas canções criadas para fazer da adoração um “estilo de vida”.

Vejo algo de gnóstico nisso. Esse um tema delicado nesse contexto, pois sua associação pode desagradar crentes que se querem “verdadeiros adoradores” e até motivar seus detratores. Isso porque o termo esteve associado a crenças e práticas não oficializadas pelas instituições cristãs, tornando-se uma forma de acusar alguém ou algum grupo de herege.

Ele foi criado por Henry Moore, um dos platonistas de Cambridge, e utilizado como rótulo de práticas e crenças do Cristianismo em seu período emergente que não foram legitimadas posteriormente pela instituição romana. A despeito disso, em sintonia com Smith (2006), entendo que elas não devem ser pensadas como exteriores à tradição cristã e sim uma parte dela, pois entre o que era considerado gnóstico e o ortodoxo sempre ocorreram passagens e traduções, de forma que não é nada fácil definir com precisão o que é gnosticismo (SILVEIRA, 2014, p. 26).

Para essa tese, não tomo a gnose pelas suas formas históricas que quase sempre foram acusadas de heresia<sup>169</sup>, mas por um princípio comum a grande parte delas: a noção de conhecimento iluminado, no sentido de não ser obtido pelo exercício da razão, mas por revelação. É neste aspecto que ela contribui para a compreensão da adoração como estilo de vida. É observando-o que Otávio Velho (2007a) destaca importância fundamental da gnose na contemporaneidade, ao atravessar várias religiões e até mesmo formas seculares de humanismo, rompendo os limites entre grupos intelectuais e de elite.

Velho (2007a) defende a atualidade da gnose fazendo uma releitura do seu significado, para além das versões rejeitadas pela ortodoxia cristã. Para isso, retoma Bloom (1996), para quem o cerne da gnose estaria na abertura ao conhecimento de Deus no interior do *self*. Velho (2007a) expande essa concepção cotejando-a com algumas questões levantadas por Han Jonas (1978) em torno do existencialismo. Assim, toma a gnose como experiência caracterizada pela fluidez das fronteiras entre o humano e o que é percebido como divino, sobre-humano (TIELE, 1897). Deste ponto de vista, vários fenômenos atuais poderiam ser entendidos como gnósticos, entre eles, os movimentos carismático e pentecostal, uma vez que professam uma busca constante pelo Espírito Santo manifesto nos corpos. O grande marco da face contemporânea da gnose é a sua tendência ao largo alcance, o que faz com que, pela primeira vez, não possa ser detida pelas instituições religiosas (VELHO, 2007a).

Tal perspectiva é profícua na análise de expressões de fé marcadas por uma relação mais aproximada entre o que é percebido como divino e o humano, como é a adoração quando tomada por “estilo de vida”. Neste contexto, apregoa-se a necessidade de maior intimidade com Deus, o que é um aspecto tanto pietista, quanto gnóstico. A especificidade da gnose é que Deus passa a ser visto como uma fonte inesgotável de conhecimentos ocultos. É por aí que se entende Aline Barros quando diz que “um coração disposto a adorar é um coração disposto a conhecer e desfrutar sua grandeza na própria vida” (BARROS, 2010, p. 122). Uma face

---

<sup>169</sup> Silveira (2018) faz um esboço da emergência dessa polêmica no cristianismo e desenvolve a hipótese de que a noção de imanência da gnose é útil na compreensão da sociedade contemporânea.

gnóstica que fica clara quando se tem em conta que o que ocorre em torno da adoração não envolve apenas de um conhecimento do divino, mas também um autoconhecimento. Chris Tristão enfatizou em uma das suas ministrações na Escola Adorando de 2016 a necessidade de o adorador descobrir “quem ele é em Deus”.

Esse saber é buscado com a leitura da Bíblia, mas feita de outra maneira. A convicção de que existem segredos que não estão evidentes no texto, mas carecem de revelação divina introduz uma nova disposição mais afeita às emoções. Adoradores não apenas leem. Sentem o texto. É o que acontecia com Fernandinho quando preparava o álbum *Galileu*. Permita-me relembrar, já que a citação está no início da tese:

[...] eu comecei a pegar Mateus, Marcos, Lucas e João e comecei a ler sobre ele. E a cada dia que eu lia junto com a minha esposa, a cada manhã, a gente ficada deslumbrado. E a gente muitas vezes chorava e muitas vezes eu lia coisas que a gente estava acostumado a ler desde a nossa adolescência e eu parava e olhava de novo e eu falava assim: “nossa!”. Parecia que eu nunca tinha lido aquilo! Aquilo renovava no meu coração aquela paixão, aquele fervor, aquele fogo, aquele amor de ver quão maravilhoso é o meu Jesus! (A HISTÓRIA..., 2015, np., sic).

Essa fala explicita a combinação entre pietismo e gnosticismo na metáfora do “fervor” e do “fogo”, mas a gnose acrescenta um componente de insaciabilidade. Os conhecimentos ocultos são considerados altamente desejáveis. Daí a outra metáfora, fisiológica. Para Ana Paula Valadão, “a vontade de Deus não é que a Igreja seja uma estátua nem uma fotografia de algo que aconteceu no passado. Ele nos quer vivos, cheios de fome e sede por ele” (BESSA, 2003, p. 86). Quem adota a adoração como “estilo de vida” se considera sedento e faminto pelo que Deus tem a ensinar. É por conta desse desejar que Adhemar de Campos fala que “verdadeiros adoradores sempre têm um cântico novo” (CAMPOS, 2005, p. 38). Surgem muitas composições em torno da busca insaciável por um conhecimento em Deus. E na insaciabilidade altera-se até a duração da música para que se prolongue a revelação. “Quero te conhecer/Mais e mais” é o que se canta (QUINLAN, FREIRE, OLIVEIRA, 2002, np.). Com esse foco, algumas gravações chegam a 10, 15, 20, 30 minutos. Regis Danese (2012, p. 16) diz que pessoas que não são evangélicas “não têm paciência para ficar ouvindo” ministrações desse tipo e por isso evita. É algo para iniciados que queiram dar um passo adiante.

Essas afinidades com a gnose deixa a defesa da adoração como “estilo de vida” próxima àquilo que no Brasil temos chamado de Nova Era. Sanchis (1997), já no final do século passado, identificava que as religiões em geral estavam entrando numa atmosfera comum chamada por ele de “clima newage”. Se a Nova Era for pensada como um movimento

em que todas as expressões de fé outrora rejeitadas pelas instituições religiosas ganham nova vida através de institucionalidades alternativas, tais como o lazer e o consumo (AMARAL, 2000, 1999), não é difícil encontrar a semelhança entre sua dinâmica e a da adoração. É só lembrar que todo o movimento que resulta no que hoje é conhecido como louvor e adoração no Brasil tem origem na conversão de *hippies* estadunidenses que passaram a viver o cristianismo protestante a partir de uma lógica contracultural típica da Nova Era (CUNHA, 2007). Na verdade, esta era a hipótese que eu tinha no projeto da tese. A de que a adoração é uma espécie de “nova era gospel”. Contudo, depois de tudo o que observei, essa não me parece ser a melhor interpretação. Reconheço a relação entre a Nova Era e adoração como estilo de vida, mas são diferentes em conteúdo. A gnose é um ponto de contato, mas o que elas mais compartilham é o formato de dispersão de expressões de fé pelo lazer e pelo consumo, possibilitando acesso independente de instituições propriamente religiosas.

Assim, a adoração tornada um “estilo de vida” ideal se traduz em uma insaciável busca por conhecimento de Deus e de si mesmo em Deus. Mas não um conhecimento formal, teológico racional. É um saber sobre o qual se acredita ser concedido pelo próprio Deus via revelação. Advém do pietismo a própria ideia de um Deus cuja presença pode ser percebida. E via gnose, essa presença não só é percebida, como também buscada incansavelmente. Recuperando a passagem bíblica usada como base, tem-se que “adorar em espírito” é viver a fé de modo pietista, não limitando o seu exercício ao ambiente da igreja e “adorar em verdade” é vivê-la de modo gnóstico, ou seja, desejando o conhecimento de Deus de forma intensa e contínua, nunca satisfeita.

A metáfora mais utilizada na confluência desses aspectos é o amor. A princípio, entre pais e filhos. Ronaldo Bezerra diz que “adoração é relacionamento com Deus. Sua presença deve ser desejada assim como um filho aguarda com expectativa o momento de estar com seu Pai” (BEZERRA, 2008, p. 32). Depois, aquele entre amigos, como o versado por Adhemar de Campos na canção *Amigo de Deus*. Mas o tipo de amor que melhor vai traduzir o “estilo de vida” em questão é outro. É aquele fogo que arde sem doer. A paixão. É ela que combina os traços de prazer e intimidade, mais afeitos ao pietismo, com os de insaciabilidade e segredo, típicos da gnose. Aglutinando esses quatro padrões alguns vão dizer que estão “apaixonados” pelo seu Deus. Daí as metáforas que tanto incomodam o pastor Renato Vargens (2009). Ele as considera eróticas e sensuais demais para serem usadas como expressão de fé, mas é a maneira que alguns crentes encontraram de traduzir o seria uma vida em adoração.

Esse é o “estilo de vida” que se espera de um “verdadeiro adorador”. Para os que o defendem, quem só exercita sua fé no templo ou a reduz a um aspecto de sua vida está longe

de uma adoração autêntica. Ela precisa se tornar central em sua existência. Nas palavras de Nívea Soares: “Tudo isso é tremendo demais, profundo demais para estar restrito apenas ao que vivemos na igreja. Essas verdades nos acompanham a cada segundo, e devem influenciar quem somos em todas as ocasiões” (SOARES, N., 2016, p. 103). É o que se espera do trabalho musical que circula fora das instituições religiosas.

Só que o discurso da adoração como “estilo de vida” se opõe veementemente à ideia de “estilo musical”. Há um desejo de que adoração não seja reduzida à execução de música: “Adoração é um modo de vida, não uma forma prática de adorar. Não adoramos quando estamos no palco” (LIASCH, 2015, p. 150), é o que se fala. Se pensadas dessa forma, as noções de “estilo musical” e “estilo de vida” não são conciliáveis. Porém, não é exatamente isso o que acontece. Elas estão conectadas e para entender a passagem de uma à outra é preciso observar como os crentes colocam esse “estilo de vida” em prática.

A expressão pietista e gnóstica de fé toma forma prática em algo que os crentes chamam de “entrar da presença de Deus”. Para Ana Paula Valadão, embora Deus seja onipresente, em certas circunstâncias é possível “sentir experimentar a realidade de sua presença” (BESSA, 2003, p. 172, sic). Nesse sentido, a “presença de Deus” tem mais a ver com a percepção humana em adoração do que com o ser adorado. Quando adoradores se dão conta da presença de seu Deus, eles sentem. E que como isso acontece? Vejamos:

As mãos se erguem para o céu. É um sinal de rendição, de dependência. Às vezes, as pernas não se aguentam e ele [o adorador] cai de joelhos, prostrado em reverente adoração.

Outras vezes, uma *alegria* inunda o seu ser, e ele começa a *pular e saltar* diante de um Deus tão maravilhoso! Em meio a brados de júbilo, o adorador *parece que vai explodir* de amores.

Ele está diferente. Algo mudou em seu interior desde o momento em que se dispôs a adorar. A presença manifesta de Deus é *sensível* para ele e para todos os que, juntamente com ele, estão adorando em espírito e em verdade. (BESSA, 2013, p. 83, 84, meu destaque).

São emoções repletas de prazer! É isso que observei nos mais variados eventos em que estive. É algo que coloca a adoração em outro nível de afinidade com o lazer, uma vez que o prazer é um componente central das práticas que lhe são características (GUTIERREZ, 2001). Se num primeiro momento identifica-se uma afinidade formal, uma vez que estas práticas se propagam no tempo livre dos crentes e não apenas quando se dedicam às suas igrejas, agora é possível encontrar uma afinidade de conteúdo. Há algo de lúdico nisso que os crentes chamam de “sentir a presença de Deus”. Quando em adoração eles adotam uma prática caracterizada



pela busca pessoal por prazer. A bem da verdade, “entrar na presença de Deus” tornou-se, para muitos crentes, o seu maior prazer. Canta-se:

É o meu maior prazer  
Te Adorar Senhor  
Prostrado aos Teus pés  
Canto uma nova canção  
E Adoro a Ti

Levanto as minhas mãos  
Te dou o meu coração  
Quando tua voz ouvir  
Quero então dizer  
Eis me aqui, Senhor  
(SILVA, 2002, p. np.).

Esse é o refrão da canção *Maior Prazer*, de composição de Davi Silva, ministro de louvor hoje ligado à Comunidade da Graça em Londrina (PR). Ele é irmão mais novo de Armando Filho, cantor ligado à uma igreja presbiteriana. São compositores de muitas canções conhecidas entre os crentes e essa é uma delas. Já foi gravada por Arianne e pelo Ministério Trazendo a Arca, e segue no repertório de outros ministérios pelo Brasil. Talvez por que ela expresse o quão agradável é o sentimento entendido como característico da adoração. Diz a Ana Paula Valadão que o “adorador fica extasiado diante da santidade de Deus” (BESSA, 2003, p. 175). E esse é um estado que pode se conformar em uma série de práticas com conotações lúdicas. Veja a forma Emerson Pinheiro lhe caracteriza na canção *Diante de Ti*:

Vem, Senhor, encher este lugar  
Vem, Senhor, encher este lugar  
Com tua glória, com tua glória  
Com tua glória, com tua glória

Fala-me, eu quero te ouvir  
Toca-me, eu quero te sentir  
Vem e abraça-me, vem e abraça-me  
Vem e abraça-me, vem e abraça-me

Todo dia é dia de adorar ao Senhor  
Eu conto os segundos só pra te encontrar  
Quando estou em tua presença

[Refrão]  
Dá vontade de pular, dá vontade de dançar  
Dá vontade de gritar, dá vontade de correr  
Diante de ti  
Dá vontade de pular, dá vontade de dançar  
Dá vontade de gritar, dá vontade de correr  
Dá vontade de pular, dá vontade de dançar  
(PINHEIRO, 2004, p. np.).

Gravada pela primeira vez pela banda *Quatro por Um* em 2004, essa canção descreve o que ocorre: ao sentir-se na presença de Deus, o adorador não se contém de alegria. O gozo desse momento pode ser celebrado de diferentes maneiras e não apenas as que essa canção coloca. Seja qual for, há sempre uma certa ludicidade no ar. Descolado de seu cotidiano, o crente, em adoração, experimenta algo extraordinário. E lúdico, no sentido de interação prazerosa com si mesmo, com sua produção cultural e com pessoas à volta (GOMES, C., 2004, 2014). Huizinga (2007) reclamava a falta de um vocábulo que pudesse traduzir esse interagir que para ele parecia uma espécie de jogo. Mas hoje no Brasil temos o verbo curtir. É uma tradução para essa interação prazerosa dos crentes com si mesmos, sua música e com pessoas à volta. Lembrando que entre eles, não apenas os amigos de fé, mas também Deus é uma pessoa. Se lazer é fruição da cultura (GOMES, C., 2004; GOMES, ELIZALDE, 2012), essa é a maneira dos que se querem adoradores. Sentir-se diante de Deus é algo que lhes alegra enormemente. É por isso que digo que esse “sentir a presença de Deus” de que os crentes falam é, de certa forma, curtir a presença de Deus.

Entretanto, procura-se associar essa prática a uma comoção específica. A esse respeito, a fala de evangélicos assemelha-se àquilo que Otto (2007) designa como a “experiência do numinoso”. O grande mérito da teoria desse autor é destacar aspectos da religião que não são dados à razão. A noção de numinoso é criada para destacar os aspectos não racionais do sagrado, categoria que dá título ao livro. Esta última é a que conjuga aspectos racionais e não racionais, o ético e o experimental. É questionável que a experiência do numinoso seja aquilo que define as religiões em geral e é mais problemática ainda a presunção de que ele de fato exista, posições adotadas pelo autor, ainda que nem sempre de forma explícita. Mas há uma série de maneiras como religiões são colocadas em prática que possuem as características atribuídas a elas na narrativa do numinoso feita por Otto (2007). Sendo assim, é possível dar uma certa cortesia a Otto, como advoga Smart (1977). Embora a construção teórica desse autor não seja aplicável a todas as religiões, pode ajudar a compreender alguns casos, como os relacionados aos crentes em adoração.

Posto isso, aproveito as caracterizações de Otto sem compactuar com sua pertença universalidade, muito menos assegurar a existência do numinoso. Dizer que os crentes “sentem a presença de Deus” não implica na afirmação de que esse Deus de fato exista. Pode ser que sim, pode ser que não, mas não vem ao caso. Do ponto de vista científico é preciso abrir mão dessa questão e agir com “agnosticismo metodológico” (SMART, 1977). Só que nesse procedimento, não é suficiente dizer que os crentes acreditam que exista um Deus,

como se ele de fato não existisse. Não se trata apenas de crença, uma assertiva racional, mas de uma relação. É por isso que Ninian Smart (1997) advoga que na abordagem científica da fé é necessário diferenciar existência e realidade, sob a pena de não captar todas as nuances da situação em que vivem as pessoas religiosas. No caso que pesquiso, a existência de Deus é uma questão de segunda ordem. Mais imediatamente o que nos interessa é que os crentes estão em relação com um Deus que, entre eles, é real.

Essa relação implica em sentimento e não apenas discurso, por isso é importante não apenas conferir o que se diz sobre ela, mas também distinguir quais emoções lhes são características. É com isso que a teoria do numinoso nos ajuda. Assim como Otto (2007, p. 45) fala de um aspecto de fascínio, fala-se que “o adorador começa a contemplar um pouco mais da glória do Senhor e fica maravilhado” (BESSA, 2013, p. 82). Se Otto (2007, p. 40) discorre sobre um “sentimento de criatura” que também lhe confere um aspecto majestático, tem-se que o adorador “começa a ter um pouco mais de noção da grandeza de Deus” (BESSA, 2013, p. 82). É a partir disso que se chega ao estado extasiante descrito por Ana Paula anteriormente e chamada por Otto (2007, p. 55) de excitação energeticamente causada.

Para este autor, a música pode assumir um importante papel no despertar para a experiência em questão (OTTO, 2007, p. 64). Ele cita exemplos tirados do judaísmo e do cristianismo para afirmar que existem hinos e orações “numinosas”. Seu argumento implica que existem músicas com as quais é possível experimentar um estado de completa alteridade (*mysterium*), profundo respeito e apreensão (*tremendum*) e paradoxal atração (*fascinans*). Essa é a posição de quem se vê diante do numinoso e o fato de haver canções com as quais se chega a ela é o que ajuda na compreensão da adoração como “estilo musical”, outra noção em circulação entre os crentes, considerada menos importante, mas não menos real. A exemplo de Ronaldo Bezerra (2002, p. 15, destaque original) quando diz que “a música não é o item mais importante na adoração. É apenas *um* dos muitos elementos que a compõem”, a oposição ao “estilo musical” não impede seu reconhecimento. Ministros de louvor como ele podem insistir em outros aspectos, mas o fato é que não se pode negar que há músicas em relação direta com a forma como colocam a adoração em prática.

Nesse novo horizonte é possível vislumbrar três noções de adoração, inicialmente distintas, mas em relação. Da noção de estilo de vida é possível derivar a noção de experiência específica através da qual é possível entender o surgimento da noção de adoração como um estilo musical. É comum entre evangélicos a ideia de que “Deus habita em meio aos louvores”. Sobre o adorador, Ana Paula explica que “as canções entoadas por esse coração apaixonado fazem com que o Senhor venha ao encontro dele, tornando a sua presença

sensível e indiscutivelmente notada” (BESSA, 2003, p. 174). As músicas estão no centro de um processo em que certas emoções são percebidas como resposta humana a uma presença sobre-humana. A própria Ana Paula diz utilizar certas músicas quando quer orar (BESSA, 2003, p. 248). Na medida em que há canções específicas com as quais se “entra na presença de Deus”, experiência que por sua vez é central no estilo de vida do adorador, faz sentido pensar a adoração como dotada destes três significados.

Diante disso, tendo a concordar com a proposição de Nina Rosas (2015, p. 35) quando distingi as canções de adoração como as “músicas cuja finalidade [é] promover a experiência do fiel com a divindade”. Embora seja mais comum entre evangélicos a percepção da adoração como o tipo de música utilizado nas reuniões da igreja, como fez Fernandinho (2013, p. 140) e Salvador de Sousa (2012, p. 144), parece-me mais verossímil entender esse “estilo musical” a partir da experiência vivida no seu consumo. O que causa essa percepção, a meu ver equivocada, é que quando as canções de adoração se espalharam pelo circuito evangélico, muitos crentes buscaram reproduzir em suas igrejas aquilo que experimentavam, fazendo com que elas se tornassem também as mais executadas nos cultos dos templos.

A percepção de evangélicos de que a adoração é um recorte específico da produção musical gospel é algo que já chamava a minha atenção desde o primeiro ciclo de investigação. Convivendo com evangélicos em diferentes ambientes, percebia que isso era algo presente na vida de crentes, embora nem sempre fosse perceptível aos seus próprios olhos. Quando parte dessa produção adquire determinada estética, é reconhecida como específica em relação às demais. Assim é o rap gospel, o *black* gospel, o gospel funk, o *whitemetal*, o axé gospel, o pentecostal, cada com suas questões específicas. São entendidos como subgêneros do gospel. É nessa chave que as canções atreladas ao “estilo de vida” acima descrito foram interpretadas nas instituições do consumo. Emergiu o subgênero designado como “adoração” ou “louvor e adoração”.

Das três noções aqui abordadas, essa é a mais controversa entre crentes, pois estão negando-a em seu discurso e reafirmando-a com sua prática. Há um interesse, protagonizado pelos ministros de louvor de maior visibilidade de que a adoração não seja vista como produção musical, ofuscando tal noção. Se as coisas em geral são importantes para seres humanos porque não são evidentes e obscurecem seu papel (MILLER, 2013, p. 79), as canções ligadas à adoração não fogem à regra. Há práticas que são organizadas em torno da ideia de “estilo musical”, mas nem sempre ganham atenção entre os crentes, seja por questões internas ou pela própria natureza da cultura material. Elas podem ser percebidas seguindo as canções pelo circuito evangélico.

Para falar de uma parcela da música gospel, é útil observá-la em um dos principais lugares ambientes especializados, as lojas de artigos evangélicos. Elas são muito presentes nos centros urbanos brasileiros. Em uma das atividades da Escola Adorando, Nelson Tristão comentou que existem cerca de 1200 lojas desse tipo no Brasil, mas são pouco consideradas em pesquisa. As poucas incursões que consegui encontrar foram feitas por Oro e Steil (2003) e Giumbelli (2008). Esse tipo de estabelecimento comercializa diversos produtos de interesse de crentes, mas a música gospel (ou cristã, como alguns círculos preferem) ocupa centralidade no negócio. Em uma pesquisa sobre comércio de artigos religiosos em Natal (RN), encontrei indícios de que os estabelecimentos evangélicos estão inclusive num princípio de crise gerada pelo aumento da quantidade de crentes que passaram a consumir música diretamente no celular, através da internet (SANTOS, ROCHA NETO, COSTA, 2018). De toda forma, parte do espaço das lojas sempre tem sido destinada a exposição de CDs e DVDs. Essa atividade está imbuída de uma questão: como organizar de forma que facilite o acesso do cliente? Nasce a necessidade de classificar essa produção musical em categorias que confirmem ao cliente maior visibilidade do que possa lhe interessar. Na Figura 13 apresento um exemplo de como geralmente isso é feito:

Figura 13 – Loja de artigos evangélicos



Fonte: Disponível em: < <http://www.apd.com.br/blog/tendenciasmercado/livrariaevangelicasp/> >. Acesso em 21 jun. 2015.



Essa foto da Livraria Semente de Vida, localizada em São Paulo (SP), é típica de como a produção musical gospel é apresentada ao seu consumidor em ambientes especializados, embora nem sempre tal divisão seja expressa com tamanha clareza. A exposição é feita para que o crente, como consumidor, reconheça especificidades de seu agrado. Há seções específicas para estilos como o rock, o pop e o black, distinções que poderiam ser aplicadas à música em geral. Mas há também seções para recortes específicos do meio gospel, tais como harpa, pentecostal, louvor e adoração. Tal prática confere concretude à ideia de adoração como “estilo musical”. E não é a única.

Tal noção também é aplicada na formulação das programações de emissoras de rádio. Há no Brasil, especialmente nas regiões mais urbanizadas, uma grande quantidade de rádios voltadas para evangélicos ou curiosos e simpatizantes dessa fé. Descrevo um pouco de como isso se configura em Juiz de Fora (COSTA, W., 2015, p. 103-105), mas cabe acrescentar a essa realidade a significativa quantidade de rádios virtuais, disponibilizadas em sites próprios ou via sites oficiais de igrejas, empresas e organizações evangélicas sem fins lucrativos.

Embora o maior interesse expresso pelas pessoas envolvidas nessa atividade radiofônica seja levar a “mensagem do Evangelho” a não crentes, uma grande parte da programação das rádios é dedicada a pessoas já aderiram a essa tradição, constituindo uma importante alternativa de lazer para elas. Sendo assim, é comum que sejam criados programas musicais dedicados a subgêneros específicos do gospel<sup>170</sup>. Como exemplo, cito a programação da Rádio Big Gospel disponível em seu site<sup>171</sup>. Entre seus programas constam “Rap Edifica”, “Noite Black” e “Samba Fé”. Além destes, há o “Adoração”, transmitido de segunda à sexta ao meio dia.

Mas o ambiente das lojas e das rádios remete à produção musical e sua distribuição pelo circuito evangélico. Cabe perguntar se os consumidores a reconhecem como pertinente. Neste sentido, lembro-me de entrar em uma loja de artigos evangélicos com alguns alunos da Escola Adorando e uma moça logo perguntar “onde ficam os CDs de louvor e adoração?” e o atendente levá-la para uma seção em que se encontravam os CDs de Adoração e Adoradores, David Quinlan, Diante do Trono, Nívea Soares, Fernandinho, Trazendo a Arca, entre outros, reconhecendo o sentido da pergunta.

---

<sup>170</sup> Não há uma diferença muito clara entre as categorias de estilo e gênero musical. Para deixar mais clara a ideia de parte de um todo sem usar algo como “sub-estilo”, optei por subgênero.

<sup>171</sup> Disponível em: < <http://www.radiobiggospel.com.br/> > Acesso em 22 jun. 2016. Acesso em 22 jun. 2016. É uma rádio com sede em Sorocaba (SP). Funciona através da internet e possui uma programação em que busca, ao modo pietista, atender as diferentes vertentes da tradição protestante. Daí o “grande evangelho”.



O baiano Salvador de Sousa, membro da Igreja de Cristo em Ceilândia (DF), mais que consumidor, é um colecionador da produção musical dos crentes. Ao acumular para si uma grande quantidade de álbuns e em contato com outros colecionadores, escreveu um livro remissivo do que chama de “História da Música Evangélica no Brasil” (SOUSA, 2011). A obra apresenta uma espécie de catálogo com breves comentários aos álbuns e artistas desse universo. Até os anos 1980, a produção é comentada por Sousa em unidade, mas nesse período ocorre um intenso processo de ampliação e diversificação que foi descrito mais detalhadamente por De Paula (2008). Está em sintonia com aquilo que identifiquei como a expansão do circuito evangélico. Nele, a produção musical dos crentes adquiriu tamanha proporção e se diversificou tanto que Sousa, para descrevê-la, viu a necessidade de separá-la por subgêneros. Dessa forma, no livro, ao lado do “Rap”, do “Reggae”, do “Rock”, do “Samba e pagode”, do “Sertanejo”, entre outros, aparece aquele reconhecido como “Louvor e Adoração” (SOUSA, 2011, p. 144).

Acrescento o fato de que os próprios porta-vozes do discurso de adoração como estilo de vida acabam, em alguns momentos, reconhecendo-a como estilo musical, embora discurssem contra isso. É o que acontece especialmente quando falam como consumidores e não mais como produtores musicais. Fernandinho lança mão dessa distinção em seu livro. Ao contar sobre seu passado, distingue dentro do gospel o seu gosto e o de sua esposa:

Ela gostava das canções no estilo louvor e adoração, em que as letras e a melodia, aliadas à ministração facilitam o louvor congregacional. Eu me sentia mais atraído pelo som pesado de bandas como Petra, Bride, Delirious?, Katsbarnea, Oficina G3, entre outras bandas de rock. (FERNANDINHO, 2013, p. 140).

Isso também acontece com Ana Paula Valadão. Embora ela destaque em seu livro a ideia de adoração como estilo de vida, quando descreve sua prática, outra noção aparece:

Lembro-me de uma noite em que eu não conseguia dormir. Perguntei ao Senhor se ele queria me falar alguma coisa e por isso, fui para a sala a fim de orar [...]. Coloquei um CD de adoração e logo me percebi desligada de tudo o mais e “conectada” no Senhor. (BESSA, 2003, p. 248).

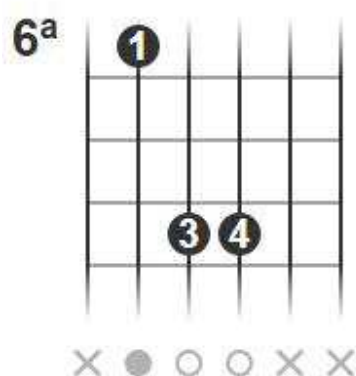
Ao escolher dentre os seus CDs, um para lhe acompanhar em sua oração, ela procura aquele que seja “de adoração”. É outro exemplo de como, a despeito do discurso de que o tema da adoração não deve estar atrelado à música, em meio às práticas de consumo, faz sentido entre evangélicos que certa parte da produção musical gospel seja percebida como sendo de adoração. E, sendo assim, é preciso reconhecer pertinência da noção de “estilo

musical”, no sentido de aceitar essa parcela como um subgênero, posição que defendo a contragosto de alguns crentes. A questão é saber como isso acontece.

Há aspectos artísticos em jogo, inclusive na manifestação das emoções. O caso dos sons mais graves pode ilustrar. O fato de serem “mais sentidos do que ouvidos”, foi me lembrado por um técnico que conheci na Escola Adorando. Ele me disse que após anos de trabalho trabalhos ligados à adoração, percebe que quando libera os sons mais graves os crentes se emocionam mais na “presença de Deus”. Aparentemente, sua vibração deixa as pessoas mais abertas à experiência em questão. Os sons produzidos têm parte nisso que os crentes chamam de adoração.

Só que a música é insuficiente como explicação. A produção ligada à adoração pode até ter alguns ritmos, melodias, instrumentos ou arranjos que lhe parecem mais afeitos em determinado momento, mas a clivagem é mais complexa que isso. Sobretudo porque os aspectos artísticos são voláteis. Como exemplo, cito que com o protagonismo de David Quinlan no Brasil, eles foram majoritariamente concentrados no violão. Até hoje os crentes fazem gracejos a respeito do “mi profético”<sup>172</sup>, uma forma desse acorde que foi utilizado em uma quantidade significativa de canções gravadas nos anos 2000. *Diante de Ti*, citada há poucas páginas é um caso.

Figura 14 – Tablatura do “mi profético”



Fonte: Importada do aplicativo Cifra Club. Disponível em: < [https://play.google.com/store/apps/details?id=com.studiosol.cifraclub&hl=pt\\_BR](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.studiosol.cifraclub&hl=pt_BR) >. Acesso em 10 jan. 2019.

Mas surgiu outra tendência nos anos 2010. O próprio David não arranja mais suas canções com essa base. O Brasil parece viver uma “invasão britânica”, expressão utilizada

<sup>172</sup> Quem souber ler tablaturas pode conferir sua estrutura na figura 14.

para caracterizar uma transformação estilística que ocorreu na música cristã nos Estados Unidos nos anos 1990 (ROSAS, 2015). Há uma predileção por composições na escala de dó maior ou lá menor e os arranjos colocam os pratos da bateria e as guitarras em maior evidência de forma semelhante ao que vem sendo feito há muito pela banda U2<sup>173</sup>. Os crentes brasileiros criaram uma série de vídeos no *YouTube* ensinando guitarristas e bateristas como tocarem no estilo “*worship*”. Um processo no qual o próprio Diante do Trono alterou o formato da banda que compõe o ministério, reduzindo integrantes e regravando antigas canções com novo arranjo.

O que há em comum entre essas duas tendências separadas pelo tempo é a experiência que elas procuram fomentar. A resposta sobre o que significa a adoração como “estilo musical” não pode ser dada fora da perspectiva da fé. Pode até existir ritmo, acorde ou arranjo específico com os quais os crentes “sentem a presença de Deus” em determinada época, mais isso pode mudar. O que é constante é essa espécie de dança entre a fé e os sons. É porque acreditam que as pessoas usam o som de determinada forma e, assim, sentem a fé. Como disse a Ana Paula Valadão, o que faz a diferença é a “conexão”. Certa produção musical é percebida como específica porque com elas os crentes “sentem a presença de Deus”.

É assim que a adoração ganha a conotação de “estilo musical”. Um paradoxo que Alda Célia transformou em poesia na canção *Vaso de Alabastro*, uma música de adoração que diz que adoração não é só música:

Adorar a Deus é mais que cantar  
 Adorar a Deus é mais que erguer as mãos  
 Não consiste em rituais e tradições  
 Adorar a Deus é mais  
 Mais do que vãs repetições

[Refrão]  
 O vaso de alabastro tem que ser quebrado  
 E o perfume tem que ser totalmente derramado  
 Só quem conhece a grandeza do perdão que recebeu  
 Entrega em amor todo tesouro seu  
 Para adorar a Deus

Adorar a Deus vai além das emoções  
 Do Santo Espírito tocando  
 E transformando os corações

---

<sup>173</sup> Banda de rock irlandesa formada em 1976, conhecida atualmente por combinar temas pessoais, preocupações sócio-políticas e o uso de expressões de fé em suas canções e apresentações. Mais informações em seu site. Disponível em: < <https://www.u2.com/index/home> > Acesso em 11 jan. 2019.

Pois a unção e o poder do Teu olhar  
Nos faz sorrir, nos faz chorar  
Nos faz perder para ganhar  
(CÉLIA, 2002, np.).

É no “mais” e no “além” cantados por Fernanda Brum desde que gravou essa canção pela primeira vez em 2004 que se pode compreender as articulações entre experiência, estilo de vida e estilo musical. Adorar é cantar, mas é mais. Adorar é erguer as mãos, se emocionar, sorrir, chorar, mas vai além. Adorar é também uma entrega total. Essa entrega é a forma como se traduz o estilo de vida desejado. São sentidos distintos, mas em constante relação. Parece que há uma retroalimentação, embora os próprios crentes não a percebam com clareza ou até mesmo cheguem a negá-la. Por um lado, há grande insistência em afirmar que um adorador é aquele que busca insaciavelmente a “presença de Deus” fazendo-a central em sua vida e não apenas um consumidor de músicas de adoração. Por outro, tais músicas têm parte nessa relação, não só porque suas letras comunicam essa centralidade, mas também porque seus sons sensibilizam à busca. É assim que a prática da adoração se torna um “estilo de vida”, como quer Asaph Borba (2012, p. 70). Ainda que líderes de maior renome insistam em dizer que as canções não são tão importantes, na prática, é ouvindo, cantando, tocando e dançando com essas músicas que crentes se fazem sentir isso que chamam de “presença de Deus”.

O que acontece entre evangélicos indica que a diferença entre meio e fim, tão comum nas reflexões sobre experiência religiosa, precisa ser repensada. Canções não são apenas um caminho para a adoração, mas substanciais a ela. É algo que Miller (2013) tem defendido em relação à forma como diferentes coisas participam das nossas vidas. Um livro, por exemplo. É conhecimento ou um meio para o conhecimento? Claro que não constitui um fim em si mesmo, pois de nada adianta ter livros se não forem lidos. Conhecimento não surge por osmose. É preciso interagir com eles de uma maneira específica. Entretanto, se os livros fossem apenas meios, ao atingir a finalidade desejada, poderiam ser descartados. Não é isso que acontece. Intelectuais profissionais tornam-se exímios acumuladores de livros, criando verdadeiras bibliotecas em seus lares. Como a racionalidade é limitada e a memória imperfeita, é preciso consultá-los ocasionalmente para, assim, renovar o conhecimento, que termina sendo algo que surge na interação entre sujeitos e objetos. Da mesma forma a música na adoração. Não existe um ápice de experiência de fé ao qual o adorador chega através da música e a partir daí pode descartá-la. Quando um crente quer a experiência, interage novamente com as canções e, assim, “entra na presença de Deus”. Logo, adoração é algo que surge na interação entre pessoas e coisas. Nem finalidade, nem meio, as canções são parte da

relação dos crentes com seu Deus. Ainda que o exercício da fé não dependa necessariamente da música, surgiu uma imensa afinidade. Mas não basta ter acesso às canções, é preciso interagir com elas de uma maneira específica. É aí que entra a adoração como estilo de vida, o modelo de interação idealizado pelos crentes.

Essa afinidade é tamanha que os músicos mudaram de posição. Não são mais pensados como leigos, mas como “especialmente usados por Deus”. Cresceram em prestígio e, com isso, novos conflitos surgiram. Criou-se até uma pecha, a de “crente estrelinha”, para aqueles que, sabendo da importância de seu trabalho para a igreja, deixam sua competência musical “subir à cabeça”, fazendo exigências descabidas e agindo com desdém em relação aos demais irmãos. Em contrapartida, os ministros de louvor que conseguem o reconhecimento de sua comunidade podem até alcançar o sacerdócio. É assim que Fernandinho, Aline Barros, Nívea Soares, Fernanda Brum e outros se tornaram pastores. Até Cassiane, a primeira mulher a ser consagrada pastora nas Assembleias de Deus da CGADB<sup>174</sup>. Com isso, surgirá pelas igrejas mais afinadas com a polissemia aqui descrita a figura do “pastor do louvor” ou “pastor de adoração”. Sacerdotes especializados no trabalho com música. E ao se difundir pelo circuito evangélico, esses sentidos afetarão uma grande variedade de igrejas. Até as pregações passaram a ser feitas com fundo musical. Curioso é o caso dos pentecostais que desenvolveram uma identificação particular com a música instrumental *Adagio em C Minor*, de composição do músico grego Yanni<sup>175</sup>. Lançada pela primeira vez em 1997, ela teve ampla circulação entre os crentes através dos DVDs dos encontros dos Gideões Missionários da Última Hora com pregações em que ela era usada como fundo<sup>176</sup>.

Com isso a escatologia foi afetada. Se perguntarmos aos crentes como imaginam a vida “no céu” ou quando “Jesus voltar”, nos deparamos com a expectativa de “adorar na eternidade” ou de “estar para sempre na presença de Deus”. Quando um crente dá respostas desse tipo o que ele tem em mente é que o gozo experimentado quando em adoração ainda

<sup>174</sup> Essa é a primeira convenção que surgiu nas Assembleias de Deus, a partir do desejo de institucionalizar o que até então era um movimento. A mobilização a ela se dá a partir de 1929, mas ela só se constitui pessoas jurídica em 1946. Mais informações em seu site. Disponível em: < <http://www.cgadb.org.br/2018a/> > Acesso em 11 jan. 2019. Há mais nuances desse processo na tese de Alencar (2012).

<sup>175</sup> Yanni – Yiannis Chrysomallis (1954-): Compositor dedicado à música por influência dos pais, amantes de música clássica. Aprendeu a tocar teclado de forma autodidata quando se mudou para os Estados Unidos e lá se tornou um dos artistas que mais venderam no segmento instrumental entre os anos 1980 e 1990. Apresentou-se no Brasil em 2010 e 2012. Seu site está disponível em: < <https://www.yanni.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

<sup>176</sup> Como exemplo cito a pregação de Marcos Feliciano com o título *Destronando Satanás*, realizada nos anos 2000. Está disponível no YouTube (PREGAÇÃO..., 2011, np.). São quase duas horas de um sermão em que a composição de Yanni é usada recorrentemente. No vídeo aparece nos minutos 21:33, 39:39, 51:36, 1:11:11 e etc. Aliás, alguns temas dessa pregação se relacionam com essa tese. Feliciano diz que Satanás odeia seres humanos porque “Deus é apaixonado por música” e lhes deu a “unção de adorador” (PREGAÇÃO..., 2011, 27:00, 48:40).

nesta vida um dia será eterno. Muitos pensam em música, como dito na *Canção do Céu*, de Anderson Freire (2012, np.):

Existe uma canção em cada um de nós  
Foi Deus quem escreveu pra Ele mesmo ouvir  
O inimigo quer tirar ela de mim  
Mas serei fiel até o fim

Integrante sou do coral celestial  
O meu Maestro disse que eu sou especial  
Não vivo mais eu, quem vive em mim é Ele  
Estou ensaiando pra cantar no Céu pra Ele

[Refrão]  
No coral eu quero cantar  
Declarar que Ele é Santo, Santo  
Infinidamente adorar  
Dizendo que Jesus é Santo, Santo  
A composição do céu  
Vai cantar quem for fiel  
O hino da vitória será o meu troféu

Adorado, Exaltado, Poderoso  
Magnificado, Jesus Cristo, Glorioso  
No grande dia esperado vou louvar  
Santo é o Senhor

Se aqui na Terra ainda subjaz a ideia de que o momento musical é aquele que “prepara o coração” para a pregação, esta sim pensada como o principal elemento do culto, a teologia da adoração lhe conferiu outro valor no pós-vida. O que vivem nos momentos musicais do culto são ensaios para o que ainda está por vir. Num mundo em que as pregações não forem mais necessárias, o que restará é o louvor. Grande parte dos crentes quer passar a eternidade curtindo a presença de Deus.

Tudo isso ocorre de forma integrada ao circuito evangélico. À medida que a produção musical vinculada à adoração circula entre os crentes, aqueles que com ela se sentem na “presença de Deus” buscam inseri-la nos cultos das suas igrejas que por sua vez são mais ou menos afetadas pelo discurso da adoração como estilo de vida. As canções são veículos desse discurso através de suas letras, mas o apego é afetivo. Não basta que a mensagem seja convincente. Os crentes também precisam se agradar da música. E como diferentes crentes acabam gostando das mesmas canções, elas se tornam uma instância de mediação de



divergências. Surge entre eles a ideia de que “cada um tem seu jeito de adorar”, suavizando as diferenças entre pentecostais e não pentecostais, aproximando suas expressões corporais.

A adoração é um meio termo. É como se fosse borrada a típica divisão entre a tradicional reticência protestante para com o corpo e a inovadora imprevisibilidade pentecostal, destacadas como tendências opostas por Barrera Rivera (2005). Os menos pentecostalizados se permitem alguma emoção no culto. Passam a fazer o louvor de pé, bater palmas, levantar as mãos, balançar os corpos ao ritmo da canção... Alguns até choram, se arrepiam, se comovem. A harmonia ao fundo permite que até os mais inibidos se sintam um pouco mais à vontade. Os mais pentecostalizados, por sua vez, atenuam suas expressões típicas. Pulos, gritos e línguas estranhas passam a ter compasso, ritmo. Os períodos aparentemente caóticos das orações em voz alta agora se alternam com momentos em que as vozes se unem num refrão. Todos terminam compartilhando as mesmas expressões de fé. Se “no céu não tem placa de igreja” é o mote do circuito, “logo estaremos todos juntos num grande coral” é a sua versão musical. No final, o mais importante é “estar na presença de Deus”.

É verdade que nem tudo é harmônico. Se a adoração é algo que acontece na confluência entre fé, lazer e consumo, surgem interpretações divergentes a respeito de como esse encontro deve acontecer, de forma que nem mesmo a ideia de que “cada um adora do seu jeito” pode impedir a discórdia. Quando um ministro ou ministério é convidado para se apresentar em uma igreja, é importante que as partes se conheçam, caso contrário podem se estranhar em costumes. Por semelhante modo, quando flutuam pelos diferentes ambientes do circuito, incluindo algumas igrejas, ministros e ministérios podem se encontrar com um público que se vale das apresentações como lazer de uma forma diferente daquela que eles idealizam. Como apresentei no início desse tópico, há situações que expõem um elevado grau de tensão<sup>177</sup>.

A despeito disso, o que mais me chama a atenção é que a polissemia da adoração pode abrir novas possibilidades de exercício da fé que não seriam viáveis dentro das igrejas. Na minha peregrinação pelos shows presenciei várias situações como a da figura 15. O casal chega ao evento e o rapaz se posiciona atrás da moça. Em dado momento, começam a adorar. Se juntos a situação é a da imagem. Caso somente a moça comece, o rapaz permanece segurando a cintura da moça ou até mesmo abraçado a ela. Se apenas o rapaz começar a orar, a moça permanece encostada nele.

---

<sup>177</sup> Vide o que aconteceu com Fernanda Brum no relato nas páginas 146 e 147 desta tese.

Figura 15 – Casal orando em um show gospel



Fonte: Fotografia que tirei em um dos eventos que participei durante a pesquisa em 2016

E isso pode se tornar ainda mais polissêmico. Lembro-me de uma ministração do Fernandinho em Juiz de Fora com a canção *Uma Nova História*. Na parte dedicada ao canto espontâneo, ele orou pelos casais que estavam enfrentando dificuldades na relação e pelos jovens que, noivos, estavam enfrentando problemas para concretizar o sonho do casamento. O momento de maior comoção aconteceu quando a música retornou ao refrão:

Uma nova história Deus tem pra mim  
 Um novo tempo Deus tem pra mim  
 Tudo aquilo que perdido foi, ouvirei de tua boca:  
 “Te abençoarei”<sup>178</sup> (FERNANDINHO, 2009, np.).

Na penumbra daquele ambiente, o que eu vi nesse ápice, não só da canção, como do show em si, é os casais à minha volta se abraçando e beijando no calor da oração. Eu fico me perguntando quando que uma experiência de fé desse tipo seria possível dentro de uma igreja. A feição de lazer permite ao culto realizado fora do templo superar constrangimentos de rotina. É isso que acontece quando diferentes sentidos são conjugados na adoração.

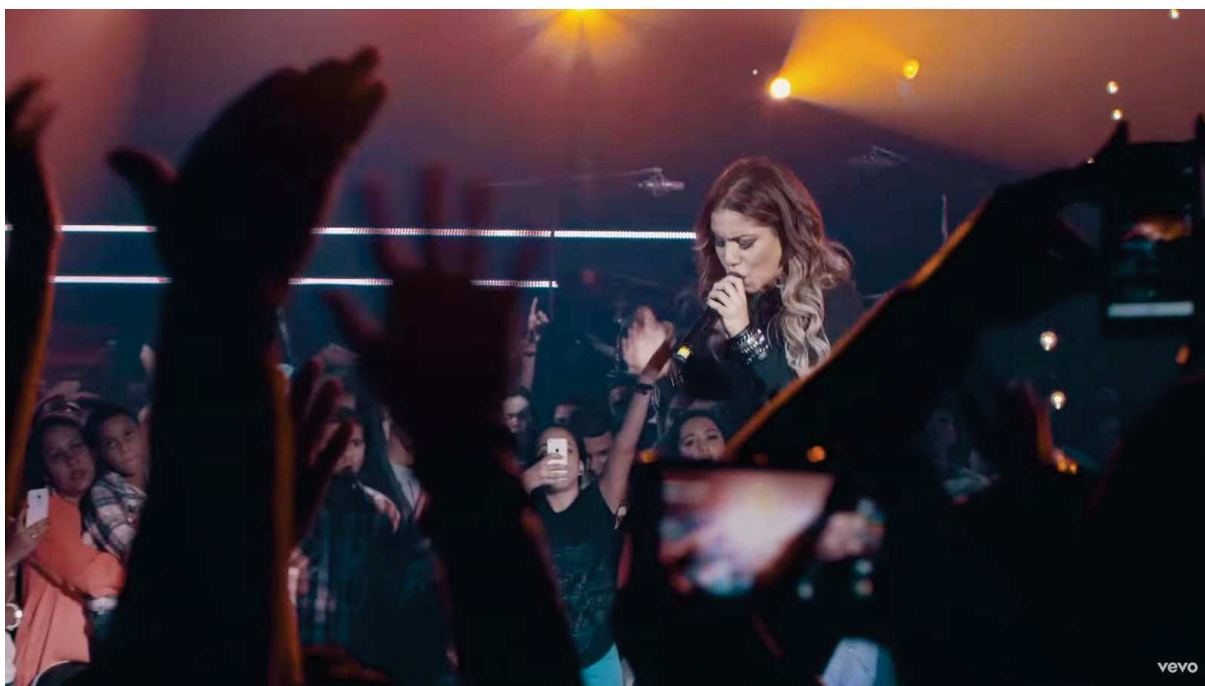
Essa situação vivida com a canção *Uma Nova História* foi bem peculiar, só observei nessa ocasião. Porém, uma prática mais corriqueira pode ilustrar o argumento. É muito

---

<sup>178</sup> Restante da letra: “Sai de tua tenda, oh filho meu / E te mostrarei as estrelas do céu / Sai de tua tenda, oh filho meu / E te mostrarei a areia do mar // Será que podes contar / Será que podes imaginar / Tudo aquilo que sonhei para ti, filho meu / O que minhas mãos fizeram para ti, filho meu / Minha benção será sobre ti” (FERNANDINHO, 2009, np.).

comum, em qualquer evento, as pessoas produzirem seus próprios registros dos momentos que julgam mais importantes. Quando é filmagem, as vezes a qualidade é afetada pelos muitos esbarrões que quem filma pode tomar em meio a uma aglomeração. Mas evangélicos têm um problema adicional. Geralmente os momentos mais marcantes são aqueles em que os crentes devem estar em adoração. Como colocar as lógicas diferentes em harmonia? A solução encontrada é alternar. Começa a orar, se algo chamativo acontece põe-se a filmar, depois pausa a filmagem e volta a orar de novo, de forma que quem quer que assista uma ministração em formato de show hoje provavelmente vai se deparar com uma paisagem híbrida de mãos erguidas em oração e celulares em gravação, como ilustra a imagem a seguir, colhida do clipe da canção *Teu Santo Nome*<sup>179</sup> de Gabriela Rocha. Se repararmos a moça que está ao centro da imagem nem há alternância. A gravação e a oração são feitas simultaneamente. Uma mão segura o aparelho e a outra é erguida ao céu, como se o corpo já estivesse tão habituado com a adoração que a prática se tornou tão evidente quanto respirar.

Figura 16 – Pessoas orando e filmando simultaneamente



Fonte: Vídeo no YouTube. Disponível em: <  
[https://www.youtube.com/watch?v=E3Y7sDChX9s&index=1&list=PLOY6XaZ9dvKeDNZYfJ7CtMExr\\_p4VMVb2](https://www.youtube.com/watch?v=E3Y7sDChX9s&index=1&list=PLOY6XaZ9dvKeDNZYfJ7CtMExr_p4VMVb2)>. Acesso em 21 dez. 2018 (aos 2:31 do vídeo).

<sup>179</sup> Letra: “Todo ser que vive louve o nome do Senhor / Toda criatura se derrame aos Seus pés / Ao som da Sua voz o universo se desfaz / Não há outro nome comparado ao Grande Eu Sou // E mesmo sendo pó / Com tudo que há em mim confessarei / Que céus e terra passarão / Mas o Teu nome é eterno // Todo joelho dobrará / Ao ouvir Teu nome / Teu santo nome // Todo ser confessará / Louvado seja o Teu nome / Teu santo nome” (VALENTE, 2014, np.).

É justamente porque o lazer viabiliza expressões de fé que não são as mesmas das consolidadas nas instituições religiosas que ficamos em dificuldade para definir o que pertence à esfera da religião. A observação de práticas que acompanham as canções de adoração revela a intercessão entre religião, lazer e consumo, a despeito das tensões percebidas. As disputas vão se dar exatamente em relação ao controle dessa intercessão de modo que jamais se perca a fé de vista. Esse é o esforço da teologia da adoração que a interpreta como um estilo de vida. Mas isso não impede que as canções com as quais os crentes colocam esse modo de viver em prática sejam percebidas como conformando um estilo musical específico. A transição ocorre porque existem canções com as quais eles “entram na presença de Deus”, a experiência na qual se consolida a maneira como vivem os “verdadeiros adoradores”.

Com essa descrição é possível compreender razoavelmente como canções se tornam religião no contexto em questão. Outros aspectos poderiam ser acrescentados. Descrevi apenas aqueles que me pareceram centrais. Porém, se quisermos entender o lugar da adoração no multiverso dos crentes, aproveitando essa descrição para avançar na compreensão do que significa ser crente no Brasil, ainda é preciso abrir um espaço para explorar um sentido adicional que a adoração adquiriu por essas bandas. Se bem que, na verdade, nenhuma das noções expostas nessa tese são exclusivas do contexto brasileiro. Mas aqui, um sentido tangencial ganhará centralidade. É com ele que eu gostaria de terminar a tese.

#### 4.4 A CANÇÃO DA BATALHA: EXPRESSÕES DE FÉ E DE CLASSE

Imagine um rapaz de 19 anos, crente e residente da periferia de sua cidade. Sua mãe está feliz agora que arrumou um “emprego de escritório” num *Callcenter*, mas ele não está gostando tanto. Terminou recentemente o Ensino Médio e tinha vontade de tornar-se médico, mas foi muito mal no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), sobretudo na redação. Acabou optando por um curso técnico de Enfermagem, apesar de alguns amigos da igreja fazerem piadas dizendo que isso é “profissão de mulher”. Mas ele não liga. O que importa é que poderia trabalhar na área da Saúde como desejava, tendo a chance de um retorno financeiro mais rápido do que se passasse pela faculdade.

Sua rotina ficou “pesada”. Ele acorda às 8h, se apressa para não perder o horário do ônibus e dar entrada em seu terminal pontualmente às 10h. Durante o expediente “o bicho pega”. As pausas são curtas, mal dá para ir ao banheiro. Acredita que ele tem só tem 20 min. pra almoçar!? E, como paga seu próprio curso e sobra pouco para ajudar em casa, ele leva

marmita, reservando o ticket alimentação para sua mãe comprar mantimentos. Isso o faz enfrentar todo dia a grande “fila do micro-ondas”. Tem vez que não dá nem para escovar os dentes. Supervisores e clientes parecem concorrer entre si para ver quem o pressiona mais. Todos querem que ele seja rápido e eficiente. A diferença é que os supervisores o ameaçam de demissão e os clientes o ofendem com xingamentos direcionados a ele ou a sua mãe.

A tensão se estende até às 16h20 quando acelera para chegar a tempo na Escola Técnica que fica do outro lado da cidade. A aula começa às 18h30. É o tempo de comer alguma coisa e entrar. Muitas vezes, de tão cansado ele acaba cochilando em cima carteira. Ah, e quando pega o ônibus de 22h50 para voltar pra casa, também costuma dormir. Se o cobrador não o chama, vai parar no ponto final. Seu tempo é curto. Como sua escala é 5x1 (uma folga a cada cinco dias), é costume trabalhar aos sábados, domingos e feriados. Ele já não era se sair. Desde que seu pai separou de sua mãe, ela “marca em cima” com medo de que ele se perca nas drogas, como aconteceu com outros jovens do seu bairro. Ela o “criou na igreja”. Mas com sua nova rotina, tem dia de folga que ele só pensa em dormir e nem ao culto vai. A não ser que esteja escalado para alguma tarefa no grupo de louvor.

Às vezes dá vontade de abandonar o curso. Principalmente quando algum cliente o ofende de maneira mais agressiva ao telefone. Ele não pode revidar, a ligação é sempre gravada. Quando isso acontece, esse jovem se lembra de uma canção da Bruna Karla que diz “estou sentindo minhas forças indo embora, mas sua presença me renova nesta hora” (FREIRE, 2009, np.). E quando termina o expediente e ele sai chorando do serviço, querendo ir para casa mais do que para o curso, canta “Deus, mais uma vez segure em minha mão” (FREIRE, 2009, np.), e resolve ir à aula. Tem dia que coloca o fone do seu celular *Samsung* e deixa essa canção repetindo a viagem inteira.

Outro dia esse rapaz recebeu pelo *WhatsApp*<sup>180</sup> uma mensagem de um amigo de outra igreja. Era uma imagem com o cartaz da Marcha para Jesus em sua cidade com a presença de Anderson Freire. Ele viu no Google que se trata do compositor da canção com a qual tem enfrentado sua rotina. Esse amigo o convidava para ir. Ele fez as contas. Não é que no sábado da marcha ele vai estar de folga?! Para ele, é certo que vai ter “uma falação” sobre política, mas também vão fazer uma oração pela cidade, contra as drogas e a corrupção, e isso de alguma maneira deve ser importante. Quer saber? O que importa mesmo é que vai poder sair com seus amigos e, quando o Anderson tomar a palavra, esse rapaz vai louvar ao Senhor com o cara que compôs a canção que tem sido tão importante nesse momento da sua vida. Se

---

<sup>180</sup> Aplicativo de troca de mensagens com texto, áudio ou vídeo. Disponível em: < <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.whatsapp> >. Acesso em 12 jan. 2019.

alguém perguntasse para ele por que ir à marcha, ele não entenderia por qual razão um crente, tendo essa possibilidade, pensaria em não ir.

Isso é parte da realidade vivida por um dos jovens com os quais convivi por ocasião da pesquisa. Conheci diferentes situações como essa, em que a adoração adquire uma conotação adicional. Para os crentes que se encontram em condições menos privilegiadas, as canções participam de suas lutas diárias em prol do “pão de cada dia” e da ascensão social. É isso que pretendo explorar nesse tópico. É claro que qualquer pessoa passa por situações de dificuldade. Doenças, crises emocionais e desavenças familiares são exemplos de problemas que podem atingir a todos independente da classe. Contudo, quem ocupa os estratos mais pobres não passa por dificuldades, vive em dificuldade. Crentes que vivem dessa maneira dão muito valor a uma ideia que no espectro da adoração pode se passar por tangencial. A noção de que é possível “vencer na presença de Deus”.

Não são poucos os crentes nessa condição. A pesquisa amostral do Latinobarômetro de 2017 identificou que aproximadamente 61% dos brasileiros se considera pertencente às classes baixa e média baixa. Quando selecionados apenas os dados dos evangélicos esse percentual sobe para cerca de 71%. E se levamos em consideração a conhecida correlação entre raça e classe, tem-se que, por semelhante modo, essa pesquisa projetou que cerca de 45% dos brasileiros se reconhece negro, mulato ou mestiço, enquanto entre evangélicos o percentual vai a aproximadamente 59%. São dados que corroboram com o argumento de que há uma correlação entre pessoas em situação de pobreza e a fé evangélica<sup>181</sup>.

Sobre isso, há muitas pesquisas em relação à vertente pentecostal. Embora para chegar aos percentuais acima eu tenha incluído os mais diferentes grupos, inclusive luteranos, batistas e “evangélicos sem especificar”, há uma gama de estudos qualitativos que exploram essa correlação entre pentecostais, desde a clássica investigação de Novaes (1985). Mais recentemente destacam-se os trabalhos de Barrera Rivera (2016) sobre a presença do pentecostalismo nas periferias urbanas da América Latina e de Arenari (2017) que, com uma leitura weberiana, identifica uma espécie de afinidade eletiva entre esse novo tipo de protestantismo e o “capitalismo periférico”.

A música também manifesta essa correlação. Uma pesquisa do Instituto Datafolha sobre os “hábitos culturais dos paulistas” identificou maior predileção pelo estilo gospel na região metropolitana e entre os mais pobres (LEIVA, 2014). Em 2015, outro levantamento

---

<sup>181</sup> No caso considerei evangélico quem respondeu para sua religião as alternativas “evangélica sin especificar”, “evangélica batista”, “evangélica pentecostal”, “adventista” ou “protestante”. Os dados podem ser consultados em: < <http://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp> >. Acesso em 5 dez. 2018.



realizado em 21 municípios de São Paulo pelo mesmo instituto em parceria com o SESC captou a preferência pelo gospel entre as classes D e E (CHAGAS, 2015). É a mesma direção apontada para o Brasil todo por sucessivas pesquisas de mercado. O Ibope Media captou em 2013 que pessoas que estão nas maiores faixas de renda têm preferência por rock e MPB, enquanto as que estão nas faixas intermediárias preferem sertanejo, samba e pagode e as que estão nas mais baixas têm predileção por funk e música religiosa<sup>182</sup>. Uma aparente clivagem de classe no gosto musical dos brasileiros que tem algo a dizer sobre os sentidos que a adoração adquiriu por aqui. Só que ela carece de qualificação, como comecei a fazer no início dessa seção. É preciso descrever em que circunstâncias sociais se dá o consumo das canções.

As descrições não podem ser compreendidas sem uma reflexão sobre a situação das classes no Brasil. Quando se fala em classe, a ideia mais comum entre nós é a de diferentes faixas de renda. É a forma como os gostos foram classificados acima. Esse viés econômico tem se revelado importante na averiguação de alguns fenômenos. Nele já é possível perceber um pouco da especificidade brasileira: a extrema desigualdade. Comparado com outros países semelhantes, o Brasil possui uma grande distância entre os que possuem os maiores rendimentos e os que possuem os menores. Há uma enorme quantidade de pessoas vivendo com muito pouco ou quase nada face a um pequeno grupo de endinheirados. Sucessivos relatórios econômicos da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) sobre o Brasil têm indicado uma distribuição de renda bem desigual, com alta densidade no menor percentil de renda. O mais recente, de fevereiro de 2018, indicou que “metade da população tem acesso a 10% da renda do total da renda familiar enquanto a outra metade tem acesso a 90%” (OCDE, 2018b, p. 6). Uma desigualdade que ainda tem distorções intergeracionais. Esse mesmo relatório identificou que a taxa de pobreza relativa é maior entre jovens e crianças. Trata-se do percentual de pessoas que se encontram abaixo de 50% da renda mediana da população<sup>183</sup>, lembrando que mediana é a renda obtida ao colocar todos os rendimentos numa espécie de fila imaginária e tomar o que se encontra ao meio. Uma diferença cujos efeitos foram deduzidos em um relatório de maio de 2018 que comparou diferentes países (OCDE, 2018a). Nele, calculou-se o ganho através das gerações, ou seja, quanto uma geração consegue ascender em renda comparada à anterior. O Brasil ficou na segunda pior classificação. Aqui, do jeito que está, os descendentes das famílias que estão na

---

<sup>182</sup> Confira o infográfico disponível em: < <https://www.kantaribopemedia.com/tribos-musicais/> >. Acesso em: 26 dez. 2018.

<sup>183</sup> Lembrando que a renda mediana é obtida ao colocar todas as rendas numa espécie de fila imaginária e considerar o valor aferido em quem está ao meio.

faixa dos 10% mais pobres em termos de renda vão demorar nove gerações para atingir a renda média da população (OCDE, 2018a, p. 26). São mais de 200 anos!

Esses dados dão uma dimensão da profunda desigualdade do país, sobretudo se comparado à média dos países ligados à OCDE<sup>184</sup>. Em relação à descendência dos mais pobres, por exemplo, a média deles é de quatro gerações e meia. O Brasil é uma das principais economias do mundo, mas não consegue traduzir isso em ganho para a sua população mais pobre. Só que já esteve em condições ainda piores.

Os mesmos relatórios da OCDE têm chamado a atenção para a leve melhoria que obtida nos últimos vinte anos. Embora o relatório de 2018 contenha várias críticas a programas que acabam não atingindo as camadas inferiores, comenta o Bolsa Família como “um instrumento fundamental para proteger os mais vulneráveis” (OCDE, 2018b, p. 37). E mesmo assumindo a combinação de diversos fatores, termina por reconhecer alguma ascensão social recente e o surgimento de “uma nova classe média brasileira” (OCDE, 2018b, p. 76).

Cabe lembrar que embora programas como o Bolsa Família tenham maior visibilidade, havia muito mais em jogo nos anos 2000. Como explica a economista Laura Carvalho (2018), o Brasil vivia uma combinação de sorte com algumas medidas acertadas. Com o crescimento chinês, fomos afortunados com a alta do preço internacional das *Commodities*, que são os produtos primários voltados para a exportação, sobretudo vindos da mineração e do agronegócio. Mas também tivemos um governo que estabeleceu três pilares que influenciaram diretamente no resultado. A distribuição de renda – com programas de transferência de renda e valorização do salário mínimo –, a ampliação do acesso a crédito e os investimentos públicos. É verdade que essas medidas eram limitadas, pois foram acompanhadas de desindustrialização, concentração de renda no estrato mais alto e perda de renda pelo estrato intermediário. Diz Carvalho (2018) que o que o estrato mais baixo viveu como valorização da mão de obra, o intermediário sentiu como inflação do setor de serviços. É um dos motivos do desgaste do modelo. Entretanto, uma parcela significativa da população passou a ter acesso a bens de consumo. É a que acabou sendo percebida como nova classe média.

É a classificação a partir da renda que permite essa interpretação. Um dos primeiros a perceber dessa forma foi Marcelo Neri (2008). Utilizando dados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME) realizada pelo IBGE, ele conseguiu observar os mesmos indivíduos ao longo do tempo, captando ganhos e perdas de renda interpretados como entrada e saída em situações de classe. Esse procedimento lhe permitiu separar os emergentes de quem já era classe média

---

<sup>184</sup> O Brasil tem constado nesses relatórios para fins de comparação, mas não é filiado oficialmente à organização. Está com seu pedido de entrada sob avaliação.

(NERI, 2008). Embora sua discussão também leve em conta outros fatores, em linhas gerais, o principal argumento a favor da ideia de nova classe média baseia-se na renda. Pessoas que estavam nos estratos inferiores aumentaram seus rendimentos durante os anos 2000.

Esse é justamente o período em que a adoração se difundiu no país. Coincide com a popularização da mídia em CD, fato discutido no capítulo anterior. Crentes que tiveram aumento em seus rendimentos puderam adquirir os aparelhos de reprodução e as mídias. Havia um encanto com a possibilidade de se escutar um som “mais limpo” advindo das gravações com maior qualidade. É nessa conjuntura que o álbum *Preciso de Ti* se tornou um dos mais vendidos da história do Brasil. Comprava-se não apenas música, mas um culto ao vivo captado com maior qualidade. Sendo assim, podemos dizer que uma das coisas que corroborou com a difusão de canções de adoração foi a melhoria das possibilidades de consumo dos crentes.

Mas será que a renda é suficiente para a compreensão do significado da classe? Não para o sociólogo Jessé Souza (2009, 2012, 2015, 2017, 2018a, 2018b). Ele entende que esse procedimento pode gerar interpretações equivocadas, pois as pessoas que ascendem ao potencial de consumo da dita classe média o fazem em condições muito peculiares. Seriam pelo menos 30 milhões de brasileiros nessa condição (SOUZA, 2012). Seu argumento é que a redução às faixas de renda resulta numa “universalização do padrão de comportamento da classe média para todas as outras classes” (SOUZA, 2017, p. 86). Essa é a classe da maioria dos pesquisadores (SOUZA, 2017). Ela possui certos padrões que não são reproduzíveis apenas pelo bolso. A leitura do rendimento como fator que determina a classe, tida por Jessé como “liberal” e “economicista”, perde de vista que duas pessoas na mesma faixa salarial podem ter escolhas individuais bem distintas (SOUZA, 2017). Essa percepção coloca esse autor em ferrenha oposição à ideia de “nova classe média”.

Qual a alternativa? Jessé Souza (2017) pondera a que ele chama de “leitura marxista”, mas conclui que não é melhor que a anterior. Grosso modo, ela permitiria ver a classe pelo lugar que se ocupa na produção, uma visão na qual o acesso à renda depende do lugar ocupado na produção das mercadorias (SOUZA, 2017). Para Jessé isso é uma vantagem, pois é possível perceber o rendimento e o consumo como dependentes e não mais como instâncias a partir das quais se determina a classe. Essa interpretação nos permite, por exemplo, destacar que as melhorias vivenciadas nos anos 2000, inclusive por muitos crentes, tem a ver com o acesso a melhores oportunidades de trabalho. Mas isso, para esse autor, é insuficiente. Se à perspectiva liberal ele pergunta por que brasileiros chegam ao final do mês com rendas tão diferentes, à leitura marxista ele questiona por que alguns de nós conseguem algumas

ocupações e não outras (SOUZA, 2017). Onde está o problema? “Ambas são economicistas, ou seja, estão convencidas de que a única motivação do comportamento humano é, em última instância, econômica” (SOUZA, 2017, p. 87).

Para o autor, a classe não pode ser percebida apenas por seu aspecto econômico. Em sua interpretação, inspirada em Max Weber, Pierre Bourdieu e Charles Taylor<sup>185</sup>, o que diferencia as classes é a sua socialização familiar. Essa é a sua aposta para compreender a gênese das faixas de renda e das ocupações diferenciadas. Para ele, a classe é, antes de tudo, sociocultural (SOUZA, 2017). Com esse ponto de vista, a divisão de classes no Brasil é redimensionada considerando não apenas o capital econômico, mas também outros “capitais simbólicos”, ou seja, conjuntos de recursos que exercem funções semelhantes às econômicas embora não as sejam efetivamente (SOUZA, 2017). Nesta perspectiva, o capital cultural é considerado tão importante quanto o econômico. Trata-se da proporção de prestígio e conhecimento útil que pode ser incorporada por cada um. Jessé chama a atenção para o fato de que todas as ocupações no Mercado ou no Estado exigem algum capital cultural em maior ou menor medida (SOUZA, 2017, p. 91). Mas não é o único determinante. Há também o capital social, expressão que condensa o conjunto de recursos advindos de relações pessoais geradas a meio caminho entre o interesse e o afeto (SOUZA, 2017, p. 91). Os privilégios de classe seriam gerados através do domínio e da reprodução desses três capitais (SOUZA, 2017).

Essa abordagem evidencia a distribuição desigual não apenas do capital econômico, mas também do cultural. É isso que permite uma reinterpretação da hierarquia social. No topo estaria a “elite”, classe dotada dos recursos econômicos e culturais. Geralmente fala-se que se trata do 0,1% mais rico da população, mas é apenas um recurso retórico. É bem menos de 0,1%. Uma fração que vive nas sombras dos dados (SOUZA, 2017). A melhor aproximação à sua realidade é a informação de que cinco brasileiros mais ricos concentram renda equivalente à metade da população<sup>186</sup> (OXFAM BRASIL, 2018). Mais abaixo está a classe média. Ela não detém o capital econômico, mas possui o capital cultural, e na maioria das vezes é percebida nas faixas de renda A, B. Na base da pirâmide estaria a “ralé”, termo que o Jessé Souza utiliza

---

<sup>185</sup> Neste caso não indiquei obras específicas por que Jessé Souza trabalha com a vasta obra dos autores. A título de ilustração, cito as de Weber (2000, 2004, 2016), Bourdieu (2007a, 2007b) e Taylor (1998)

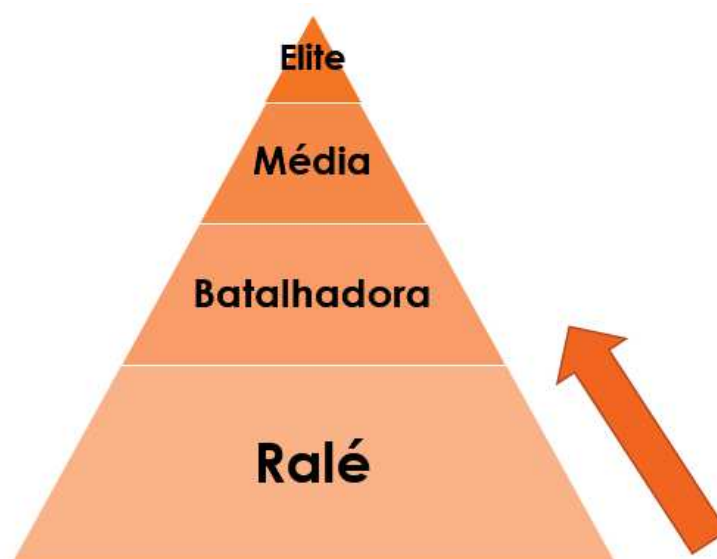
<sup>186</sup> Entre os cinco brasileiros endinheirados estão Jorge Paulo Lemann, Joseph Safra, Marcel Herrmann Telles e Carlos Alberto Sicupira que construíram fortuna a partir da atuação no mercado financeiro. O quinto, Eduardo Saverin, fugiria a regra, já que seu dinheiro advém de sua participação na criação da empresa responsável pelo Facebook, mas desde que a deixou, passou a se dedicar também ao mercado financeiro. Juntos, os cinco tem o mesmo que cerca de 100 milhões de brasileiros.

não para insultar essa classe, mas para denunciar o seu abandono, pois, além de não possuir o capital econômico, nem o cultural, enfrenta uma estrutura social que lhe veta as condições para adquiri-los. Ela é costumeiramente percebida nas faixas D e E. A implicação é que o tem sido chamado de “nova classe média” não o é pelo simples fato de que o ganho de renda, que faz com que seja vista na faixa C, não é acompanhado da aquisição de capital cultural.

Os índices de mobilidade social desconhecem seus custos. Na realidade, o ganho de renda da classe em ascensão é obtido através da submissão a condições sociais específicas. De maneira geral, os adultos possuem dois ou mais empregos, ocupações de fim de semana (“bicos”), seus filhos simultaneamente estudam e trabalham, não apenas em estágios, mas em ocupações de um expediente completo, entre outros hábitos nada comuns na classe média (SOUZA, 2012). É por conta desse condicionamento que integrantes dessa nova parcela da população foram chamados de “batalhadores” (SOUZA, 2012). É uma alusão às suas lutas diárias em prol de uma vida melhor. Lutas como a do rapaz que citei no início desse tópico.

Essa afinidade com o que observei entre os crentes é o que me faz privilegiar a abordagem de Jessé Souza (2009, 2012, 2015, 2017, 2018a, 2018b). Embora eu reconheça a necessidade de outras referências para uma discussão mais aprofundada sobre as classes no Brasil, esse autor é um dos que mais tem se dedicado ao papel dos recursos não econômicos na constituição das classes. Trata-se de um novo horizonte no qual as faixas de renda perdem o potencial explicativo e se tornam um problema a ser explicado a partir desses recursos, tomando a fé como um deles. Nessa perspectiva a pirâmide social brasileira atual ficaria:

Figura 17 – Classes sociais no Brasil



Fonte: Minha produção com recuso do PowerPoint, inspirado nas ideias de Jessé Souza (2009, 2010, 2017, 2018b), em dez. 2018.

Jesse Souza tem dedicado livros específicos a cada estrato, descrevendo suas frações internas. O mais recente é o dedicado à classe média (SOUZA, 2018a). Antes, escreveu sobre a “elite” (SOUZA, 2017). Os livros sobre a base foram escritos um pouco antes, com a colaboração de outros pesquisadores. Em 2010 lançou uma obra sobre os batalhadores, apresentando-os como uma nova classe trabalhadora bem diferente da classe média tradicional (SOUZA, 2012). Já o livro dedicado à “ralé” é do ano anterior (SOUZA, 2009). É o ponto e partida para a interpretação de todas as outras classes.

Embora existam muitos detalhes sobre a hierarquia social brasileira em cada uma dessas obras, o que mais importa nesta tese é a constatação da intensa presença do pentecostalismo entre as classes mais baixas e a interpretação dada nas obras em questão. Ela só pode ser entendida a partir de uma mínima compreensão da gênese das classes. Para Jessé Souza, o Brasil é filho da escravidão. Um livro anterior a todos estes, recentemente reeditado e atualizado, apresenta passo a passo do seu argumento (SOUZA, 2018b). O ponto de partida é uma reconsideração da narrativa hegemônica de que o país é, de certa forma, uma extensão do Portugal pré-moderno. É um paradigma que Jessé vê fundado em Gilberto Freyre (2003) e reproduzido em maior ou menor medida por grande parte do pensamento social brasileiro. Uma narrativa que descreve algo das desigualdades sociais do país, mas termina insuficiente em sua análise das causas, tópicos que foram aprofundados em outro livro (SOUZA, 2015). O que importa é que, em alternativa a esse paradigma, o autor se concentra nos efeitos da sociedade escravocrata, um modelo que nunca existiu no estado português e que, para ele, é uma espécie de certidão de nascimento do Brasil (SOUZA, 2018b).

Na reinterpretação do clássico *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (2003), Jessé Souza se concentra no tipo particular de colonização portuguesa nos trópicos e o toma como fio condutor da análise do país. Ele vê o modelo de sociedade que a escravidão criou como peculiar e chama a atenção para elementos que evidenciam isso (SOUZA, 2018b). Contrastando essa obra clássica com outras, evidencia o conjunto de disposições que os portugueses herdaram do período em que a península ibérica esteve sob o domínio dos mouros<sup>187</sup>. Na dificuldade de dominar uma grande extensão territorial relativamente pouco populosa, eles desenvolveram um sistema escravista que mesclava a forma europeia de tipo *platación*, caracterizada por latifúndio, monocultura e produção voltada ao mercado externo; com a forma árabe, marcada pelo domínio sexual; incorporando, a seu modo, a poligamia

---

<sup>187</sup> Em linhas gerais, desde o início do século VIII, quando povos muçulmanos advindos da África (mouros) iniciaram a invasão árabe, os portugueses tiveram alguma influência moura. Em meio às guerras e conflitos que se estenderam até o século XV a região foi marcada pela presença de governantes muçulmanos.



(SOUZA, 2018b). Isso se traduziu na transformação da família como unidade principal de produção, na qual o patriarca tinha a esposa oficial, mas também concubinas escravas, bem como uma divisão entre filhos legítimos e bastardos, ou seja, aqueles filhos das escravas que poderiam ou não serem adotados legalmente quando introduzidos no testamento do pai (SOUZA, 2018b). Esse é um componente sadomasoquista de proximidade entre desiguais (SOUZA, 2018b). A brutal desigualdade social não é experimentada apenas no espaço público, mas também no privado, dentro de casa. Essa é a origem da subcidadania brasileira (SOUZA, 2018b).

Não se trata de uma condição de pobreza material apenas. A total dependência do senhor de escravos criou uma realidade em que não havia a proteção do costume e da tradição, fatores que garantem alguma forma de reconhecimento social e de autoestima nas sociedades pré-capitalistas (SOUZA, 2018b). Tal condicionamento se estendeu a todas as pessoas que viviam formalmente livres, mas à sombra da escravidão, ou seja, aqueles que, não sendo escravos nem filhos de escravos, tinham liberdade formal, mas como agregados ou dependentes do senhor. É um contingente muito numeroso do Brasil colônia (SOUZA, 2018b). É o lugar ocupado pelos que, do ponto de vista da estrutura econômica, de branco, só têm a cor da pele. Pessoas de qualquer cor que eram livres do ponto de vista formal, mas despossuídas, viviam numa posição intermediária entre o senhor proprietário e os forçadamente escravizados, dependendo da ocupação de funções marginais na ordem produtiva para sobreviver (SOUZA, 2018b). Sua principal característica é ser dispensável, uma condição de total dependência que o impede de desenvolver padrões de conduta minimamente consensuais (SOUZA, 2018b). Riscos que eram para ser evitados são levados às últimas consequências, fazendo constante a violência. Falta uma noção preliminar de honra, o que, para Jessé, é fruto da “ausência de uma religiosidade ética que pressupõe alguma descentração da consciência” (SOUZA, 2018b, p. 181).

É claro que aqui faço uma extrema simplificação de uma tese que possui muitos elementos importantes dignos de uma resenha mais detalhada, mas o que me importa é destacar aspectos da gênese da “ralé” que ajudem na compreensão da forma como tudo o que foi descrito anteriormente sobre adoração é vivido pelas classes mais vulneráveis do Brasil. Para Jessé Souza, elas têm origem numa ordem social na qual os brasileiros viveram durante séculos em condições objetivas que lhes impediam o desenvolvimento de algo semelhante aos códigos éticos das “religiões mundiais” estudadas por Max Weber (2016). A escassez econômica é apenas uma das facetas da desigualdade. São igualmente escassos os recursos imateriais que o capitalismo premia.

Esse é um aspecto decisivo para entender a forma como o Brasil se modernizou. Quando a corte portuguesa abre os portos permitindo que os ingleses estabelecessem relações econômicas nos trópicos e atravessa o Atlântico trazendo consigo uma gama de funcionários burocratas, dá-se a formação, ainda que incipiente, do Mercado e do Estado liberal, as principais instituições criadas pela modernidade (SOUZA, 2017). A partir daí, há uma série de transformações no século XIX. É depois disso que vai se ampliar a presença protestante no país, principalmente pela atuação das missões estadunidenses. Só que o país se moderniza de maneira contraditória. Com a proclamação da independência (1822) e a abolição da escravidão (1889), a ordem anterior foi desestruturada e aqueles que viveram anos a fio na dependência dos favores do senhor de escravos foram entregues à própria sorte (SOUZA, 2018b). E pior. A nova estrutura instituída exigia de ex-escravos que se submetessem às mesmas tarefas que consideravam humilhantes na estrutura anterior, só que agora a troco de salário; tarefas que, em geral, acabaram assumidas por imigrantes (SOUZA, 2018b).

A transição de uma ordem pessoal para uma impessoal, dos serviços ao senhor para a venda da força de trabalho, mudou a forma de classificar e desclassificar pessoas. Jessé explica que a escrava negra com seus filhos bastardos e os dependentes de qualquer cor formalmente livres foram abandonados por completo, o que os condenou à inaptidão (SOUZA, 2018b). Salvo o caso de parte das mulheres que conseguiram trabalho doméstico, esses grupos não foram absorvidos pelo capitalismo emergente (SOUZA, 2018b). Numa combinação de pobreza e família desorganizada, sua descendência foi condenada a marginalização permanente, na qual a cor da pele, por conta do racismo em vigor, age como agravante, mas o núcleo do problema é outro (SOUZA, 2018b). O que está em jogo é que um grande contingente de brasileiros foi condenado a condições de vida que constroem a aquisição de recursos não econômicos que a estrutura capitalista recompensa com recursos econômicos. E por não desenvolver autoestima, disciplina, concentração nem pensamento prospectivo, pressupostos para aquisição de capital cultural, não apenas não consegue lidar com essa estrutura, como também sofre todo tipo de preconceito (SOUZA, 2018b). É nesse contingente que vai brotar o pentecostalismo.

Como diz Alencar (2018), a princípio, igrejas pentecostais não fazem opção pelos pobres, são criadas por pobres. Uma relação de afinidade que não necessariamente implica que a religião exista em função da classe. Mas não é possível avançar sem entender essa correlação. Arenari (2017), um dos colaboradores de Jessé, considera que discursos religiosos possuem relação com os dramas vividos por seus criadores, de forma que novos dramas são acompanhados de novos discursos. O que ele chama de discurso eu chamaria de expressão a

fim de englobar também os elementos não racionais, práticos ou emocionais, mas, numa interpretação weberiana, o que lhe importa é que componentes de uma religião tanto podem conferir sentido a dramas existenciais coletivos, quanto podem ser uma arma na disputa social por uma vida melhor (ARENARI, 2017). A implicação é que cada drama do desenvolvimento capitalista foi acompanhado da emergência de grandes transformações no protestantismo. Se o puritanismo de origem calvinista acompanhou a emergência da classe burguesa, o pietismo de origem metodista esteve junto à ascensão da classe trabalhadora, assim como o pentecostalismo é expressão dos estratos sociais subintegrados, deixados para trás (ARENARI, 2017).

Salvo exceções, essa tem sido a direção geral da fé pentecostal no Brasil e no mundo. É minoritária em regiões com altos índices de igualdade e mais presente na periferia da sociedade capitalista, nas classes que estão em desvantagem (ARENARI, 2017). Acrescenta-se a isso seu forte vínculo com a urbanização. Uma pesquisa realizada no final dos anos 1990 demonstrou que das muitas congregações que surgiam no Rio de Janeiro (5 por semana), a maioria se concentrava nas áreas mais carentes da região metropolitana (FERNANDES, R., 1999). É no pentecostalismo que muitos que migraram para as margens da cidade em busca de condições melhores de vida enfrentaram seus dramas, fazendo da conversão uma narrativa que tanto dava sentido à existência quanto empoderava para as lutas diárias (MAFRA, 2009).

Mas essa grande efervescência não se dá sem conflitos em matéria de fé. Barrera Rivera (2016) chama a atenção para a grande diversidade que acompanhou a urbanização. Na periferia urbana, além da maior variedade de opções religiosas de cunho pentecostal, há maior tolerância com a mudança de igreja (BARRERA RIVERA, 2016). Acredito que essa flexibilidade se dá a partir da emergência de um circuito compartilhado pelos crentes em paralelo às congregações. O problema é que tudo isso acontece numa sociedade que efetuou a clivagem em gente e sub-gente. Senso assim, se desde a origem, pentecostais enfrentaram preconceito e racismo de seus pares protestantes (ALENCAR, 2018), no ambiente urbano, com a pluralização dos frequentadores dos cultos, muitos crentes vão enfrentar situações constrangedoras dentro de suas próprias congregações. Veja o que conta sobre sua infância a interprete de *Sou Humano*<sup>188</sup>, canção comentada no início dessa seção:

---

<sup>188</sup> Letra: “Deus mais uma vez segure em minha mão / Minha alma aflita pede tua atenção / Cheguei ao nível mais difícil até aqui / Me ajude a concluir // Quando penso que estou forte, fraco eu estou / Mas quando reconheço que sem Ti eu nada sou / Alcanço os lugares impossíveis / Me torno um vencedor // Estou sentindo minhas forças indo embora / Mas Tua presença me renova nessa hora / Senhor vem / E me leva além // O meu sonho de chegar está tão longe / Sou humano não consigo ser perfeito / Senhor vem / E me leva além // Me ajude a ousar com minha fé / Sou pequeno eu não sei ficar de pé / Sou dependente, tão dependente / Vem Senhor ao

Minha mãe me contava que o chamado de Deus para minha vida aconteceu na rua... ela estava voltando de um lugar, grávida de sete meses, quando uma irmã em Cristo lhe disse: *“Eu não a conheço. E não é porque você está grávida que eu vou lhe entregar esta revelação. Mas quando você se virou, Deus me ordenou a lhe dizer que essa criança não é sua, essa criança é do senhor. E o Senhor vai usá-la grandemente para o Brasil”*.

Minha mãe não entendeu nada. “Somos uma família simples, não temos condições...” – ela pensou. Minha mãe reagiu assim porque vivemos numa sociedade que só enxerga o que está por fora. Infelizmente, as pessoas percebem apenas as coisas que os outros possuem. Se temos um bom sobrenome, um carro do ano, uma vida financeira próspera, então seremos interessantes para a sociedade. Mas se não temos nada disso, somos simplesmente desprezados e descartados.

Nossa família sofreu muito esse tipo de preconceito, até mesmo dentro de algumas igrejas. É triste, mas o preconceito também está presente entre os cristãos; não deveria, mas está. As pessoas que fazem isso precisam mudar sua postura. Quem tem um pouco mais não deve desprezar aquele que tem menos. Nós não tínhamos quase nada; eu usava praticamente o mesmo vestidinho nos cultos; nossas roupas eram doadas ou compradas em bazar. E, às vezes, nem roupas de bazar nós conseguíamos.

E havia pessoas que nos olhavam com indiferença, como se não tivéssemos o direito de participar do culto com elas. Raramente, alguém queria sentar do nosso lado. Éramos pobres sim, mas tínhamos dignidade; possuíamos quase nada, mas vivíamos em retidão diante do Senhor. (KARLA, 2015, p. 17-19, sic, destaques originais).

Esse relato demonstra como os crentes da “ralé” estrutural vivem a sua fé. Para entender o que ocorre com essas pessoas a análise a partir das igrejas não é suficiente. As próprias congregações não são homogêneas. Cabe colocá-las no horizonte do circuito. É por isso que prefiro falar de pentecostalismo tendo em mente pessoas de carne e osso com as suas expressões de fé mais do que os recortes denominacionais. A emergência de um circuito evangélico coloca cada vez mais crentes em contato, ampliando esse encontro entre pessoas de posições sociais diferentes e fazendo com que expressões de fé que refletem dramas diferentes se encontrem. Algumas que inclusive poderão ser reapropriadas de modo a destacar significados específicos. É o que acontece com as canções de adoração.

Quanto ao contato entre diferentes, o módulo de que participei na Escola Adorando em 2016 me foi pedagógico. Havia alguns ministros de louvor que só conseguiram participar através de “vaquinhas”<sup>189</sup> com amigos e irmãos na fé ou patrocínio de seu pastor. Gente que vivia em condições de dificuldade. A forma como o evento é organizado favorece a

---

meu favor // Me ajude a ousar com minha fé / Sou pequeno eu não sei ficar de pé / Me dá tua mão, me tira do chão / Vem me ajudar” (FREIRE, 2009, np.).

<sup>189</sup> Coleta de pequenas contribuições de cada um do grupo para atingir o montante necessário para um objetivo.

homogeneização dos participantes. A princípio, todos comem a mesma comida, bebem da mesma água, dormem em camas similares. Mas isso tem um limite. Até numa estrutura aparentemente igualitária como aquela, as desigualdades apareciam. Primeiramente no consumo. O violão que alguém possui enquanto outro ainda sonha em poder comprar, o livro do ministro de louvor de referência que alguns não vão poder adquirir, na Bíblia de estudos que alguém até está precisando para abençoar seu ministério, mas não vai poder levar pela falta de grana. Depois, no próprio conhecimento incorporado, sobretudo as habilidades musicais que não se possui. Embora haja um esforço para que pessoas de qualquer nível de iniciação musical consigam acompanhar tudo o que acontece, sempre há algum aspecto que depende de conhecimentos que as classes menos favorecidas, via de regra, não possuem. E esse conhecimento artístico é pensado como uma necessidade para bom exercício do ministério. É diante dessa realidade que eu me dei conta de que a transformação da música num componente central da fé foi realizada de modo específico entre elas.

Alguns críticos desse processo reagem, questionam. Surgem até estudos para explicar que não é verdade que “Deus só funciona com fundo musical”<sup>190</sup>. Mas é mais fácil questionar o trabalho dos músicos quando se tem os músicos e a possibilidade de dar-lhes ou não protagonismo. Se por um lado, ao abrir-se à nova realidade, as igrejas com melhor condição financeira adquirem melhores instrumentos e equipamentos de som, aquelas em pior condição vivem dramas mais básicos. Não basta ter o microfone para pregação e canto em capela. É bom que se tenha pelo menos um miniaparelho de som para executar algum *playback*, nem que seja emprestado por alguém nos dias de evento, como nos aniversários de fundação das congregações. Mas esse é o último caso, porque o ideal é a execução *in loco*, de preferência com banda, reproduzindo o que se sente com CDs ao vivo. As pequenas comunidades pentecostais, aquelas que com corinhos de fogo converteram o pandeiro, agora se esforçam para comprar uma bateria. É assim que várias crianças da periferia vão ter o primeiro contato com música. Há um esforço pela conversão de instrumentistas, ainda que iniciantes. Um violonista ou tecladista que possua seu próprio instrumento e possa levá-lo para a igreja, reduzindo o custo. Membros se juntam para pagar as primeiras aulas de algum adolescente ou enviá-lo para algum encontro de ministros de louvor. Há até pastores que compram instrumentos na expectativa de atrair músicos à sua congregação. Se o problema dos crentes em melhores condições é saber o que fazer com os músicos, com a “ralé” a situação se inverte. O que fazer sem eles?

---

<sup>190</sup> Veja o texto da Sala de Estudos virtual da Escola Adorando disponível em: < <https://adorando.com.br/porque-o-sintetizador-nao-e-o-espírito-santo/> >. Acesso em: 15 dez. 2017.

Músicos passaram a ser percebidos como pessoas importantes no culto. Como levitas ou ministros de louvor, são percebidos como usados por Deus para levar a igreja a “entrar em sua presença”. O culto já não é o mesmo sem eles. Eu tive a dimensão dessa situação quando visitei uma pequena igreja evangélica em Natal (RN) no dia em que seus jovens estavam num retiro. Como geralmente os músicos são os membros mais jovens, quase todos os que se dedicavam a isso estavam em uma granja e não participaram do culto, que foi feito com voz e violão, dirigido por um senhor que não tinha o hábito de fazer isso. O resultado é que ele passou o período do louvor se desculpando por não estarem com a banda completa. Embora tenha repetido algumas vezes que isso não era o mais importante, houve um momento em que ele orou pedindo perdão a Deus. Dizia que “não estamos com todo o ministério, mas o Senhor sabe o nosso coração”. Numa realidade teológica em que se entra na presença de Deus com canções ministradas ao vivo e com banda, as comunidades sem músicos ficam extremamente constrangidas.

Mas esse aspecto da relação com a classe nem me parece o mais relevante para o objetivo nessa tese. Importa mais os sentidos que a adoração adquire entre os mais vulneráveis. Uma das coisas que Jessé Souza (2010) chama a atenção em relação à “ralé” é que ela é sempre vista como um pouco menos humana pelas classes acima. Ela é invisibilizada ou tida como inferior. O caso da patroa que retira as carnes da feijoada para que a empregada crente não coma quando for a sua vez de se servir é um excelente exemplo que foi fornecido por Clara Mafra (2009, p. 69). O relato de Bruna Karla (2015, p. 16-17), logo acima ilustra, como isso ocorre também dentro de algumas igrejas, mas adiciona um componente importante. “Possuíamos quase nada, mas vivíamos em retidão diante do Senhor” é uma forma de resumir a dignidade conferida pela conversão. As pessoas sem lugar na sociedade de classes encontram um lugar em Deus. É com isso que as canções ajudam.

Quando se vive em condições como essa, a autoestima está sempre ameaçada. Na sociedade em que vivem, a noção de responsabilidade individual por sucessos e fracassos é muito forte. Em geral, integrantes da “ralé” se consideram com a “cabeça ruim”, não dignos, como se toda a desgraça que lhes ocorre só tivesse relação com suas escolhas pessoais e nunca com o tão diferente ponto de partida (SOUZA, 2010). Entre os que se convertem, a fé se torna uma fonte de dignidade, a certeza de que, independente das agruras que aqui enfrentam, irão para o céu caso se mantenha no reto caminho. Esse é um dos aspectos mais explorados pelos colaboradores de Jessé no capítulo dedicado à religião no seu livro sobre a “ralé” estrutural (ROCHA, TORRES, 2010). Aqui me cabe acrescentar que, para quem vive constantemente a humilhação, não é possível esperar pelo culto na igreja. A fé precisa ser



exercitada mais constantemente e é aí que entram as canções, pois os pequenos versos aprendidos podem ser entoados o dia todo ou trazidos à mente a qualquer momento de dificuldade. É o que ajuda a entender porque muitas empregadas domésticas, negras, pobres e crentes passam o dia inteiro sintonizadas nas rádios evangélicas. As canções, expressões de fé criadas por alguém, ajudam a manter acesa a fé de outrem.

Essas são as condições em que a polissemia da adoração, dispersa pelo circuito evangélico, é recebida entre os crentes mais vulneráveis. Eles eventualmente conseguem introduzir as canções com que passam os seus dias nos cultos que celebram à noite. É assim que igrejinhas da periferia, às vezes ao som de um pandeiro, um violão ou só à capela mesmo, começaram a cantar coisas do tipo:

Eu não preciso ser reconhecido por ninguém  
A minha glória é fazer com que conheçam a Ti  
E que diminua eu, pra que Tu cresças, Senhor, mais e mais

E como os serafins que cobrem o rosto ante a Ti  
Escondo o rosto pra que vejam Tua face em mim  
E que diminua eu, pra que Tu cresças, Senhor, mais e mais

[Refrão]  
No Santo dos santos, a fumaça me esconde, só Teus olhos me veem  
Debaixo de Tuas asas é o meu abrigo, meu lugar secreto  
Só Tua graça me basta e Tua presença é o meu prazer

Tua presença, Tua presença é o meu prazer  
Tua presença, Tua presença é o meu prazer  
(SACER, ARCANJO, 2009, np.).

*Tua Graça Me Basta* é o título dessa canção. Ela foi gravada em 2009 pelo então chamado Ministério Toque no Altar e, desde então, caiu no gosto de muitos crentes. Talvez Davi Sacer e Luiz Arcanjo estivessem pensando em suas carreiras no momento da composição dos primeiros versos, buscando dizer que elas não eram o mais importante para eles, mas isso importa pouco. O que vale é que cantar que não precisa ser reconhecido por ninguém gera outro sentimento em quem está inserido em uma estrutura que de fato lhe veda qualquer tipo de reconhecimento. Quando aqueles em situação análoga à da família da Bruna Karla ou da empregada crente descrita por Mafra (2009) cantam esse verso, pensam nas humilhações sofridas no emprego e nas situações discriminatórias que passam dentro de suas próprias igrejas. E quando as vozes dos despossuídos se juntam, a canção desperta a autoestima, pois lhes faz sentir, e não apenas pensar, que, quando tudo falta, inclusive a honra,

a graça é o suficiente. Assim as expressões de fé em circulação ganham novas conotações ou têm sentidos aparentemente secundários colocados em primeiro plano.

Em meio a isso, um sentido central se mantém. O prazer é encontrado “sentindo a presença de Deus”, como aconteceria em qualquer contexto envolvendo a adoração. Só que isso é apropriado de uma maneira particular pela “ralé”. Uma forma de expressar a fé que, até numa leitura marxista apressada, não se reduz ao “ópio do povo”, revelando-se também o “coração de um mundo sem coração”, o “suspiro dos oprimidos”, como nos chama a atenção Rubem Alves (1984). E vai além. Numa realidade extremamente hostil, “estar na presença de Deus” não é apenas uma forma de afastar-se dela, mas também de lhe dar sentido, interpretando-a do ponto de vista da fé. O que não produz efeitos econômicos imediatos e talvez por isso não seja tão relevante numa ótica marxista, mas levando em consideração que os recursos imateriais também estão distribuídos de modo desigual, talvez não seja tão inofensiva à estrutura quanto parece.

É que a “ralé”, constituída por pessoas condenadas à marginalização permanente, vive sempre à beira da delinquência (SOUZA, 2010). É nela que se concentram a alienação parental, majoritariamente do pai, a violência doméstica e o abuso sexual sistemático (SOUZA, 2010). Como nunca foi integrada à ordem vigente, ela convive em proximidade com o alcoolismo, o tráfico de drogas e o mundo do crime em geral (SOUZA, 2010). É um contingente em que as pessoas são divididas entre os chegados honestos e a bandidagem lá fora. Daí vêm as expressões do tipo “sou pobre, mas sou limpinho”. As demais classes olham para ela com medo, receio de sejam delinquentes (SOUZA, 2010). É nesse cenário que o pentecostalismo do tipo exercido na IURD entra com uma promessa mágica de um futuro nunca realizável, mas atrelada a uma luta pelo controle do “eu”, ainda que interpretada como combate a outros “eus” externos ao sujeito (ROCHA, TORRES, 2010). O livro sobre a “ralé” explora como as sessões de exorcismo trabalham essa questão.

Mas o que mais importa para compreender o consumo das canções é que a entrada do pentecostalismo permite que aconteçam algumas fugas bem-sucedidas do estigma da delinquência (ROCHA, TORRES, 2010). Um processo que demanda práticas vividas na instituição religiosa, mas não só. Ele é caracterizado por lutas intensas contra as próprias disposições para pensar, agir e sentir focadas na satisfação imediata (ROCHA, TORRES, 2010). Se por um lado não se deve analisar isso de um ponto de vista moralista, por outro não se pode perder a moralidade de vista. Não parece razoável justapor aqueles que na sua posição de classe média adquiriram o controle sobre os ímpetos, “bebendo socialmente”, e aqueles que vivem em condições que não lhes permitem adquirir disciplina e os colocam “a um gole”

de uma explosão de fúria que culmina em violência doméstica. É no âmbito moral que são gerados os sentimentos de culpa e de satisfação pelas implicações negativas ou positivas que o comportamento presente tem sobre o futuro e eles são a base do pensamento prospectivo que o capitalismo recompensa (ROCHA, TORRES, 2010). Sendo assim, o processo do afastamento do estigma da delinquência passa pela rejeição sistemática de oportunidades prazerosas que têm efeito nocivo. Ela é realizada pelos crentes com apelo moral permanente, muitas vezes cantado em versos como:

Senhor, eu nasci pra te chamar de Deus  
 Eu nasci pra te chamar de Pai  
 E andar do Seu Lado

Senhor, desde o ventre da minha mãe  
 Eu sou povo exclusivo Seu  
 Eu sou abençoado, se vivo obediente

Mas todo dia o pecado vem, me chama  
 Todo dia as propostas vêm, me chamam  
 Todo dia vêm as tentações, me chamam  
 Todo dia o pecado vem

[Refrão]  
 Mas eu escolho Deus  
 Eu escolho ser amigo de Deus  
 Eu escolho Cristo todo dia  
 Já morri pra minha vida e agora eu vivo a vida de Deus  
 (ROBERTO, 2011b, np.).

Essa é uma composição de Talles Roberto feita em meio ao seu processo de reconversão, quando lutava tanto para “voltar para a presença de Deus”, quanto contra a dependência química (RAMOS, 2013). Na verdade, essas lutas eram entendidas como uma só. As diferentes músicas com as quais ele expressou sua fé durante esse processo foram recebidas por pessoas que passam por problemas semelhantes. Em observação participante num dos seus shows realizados em Juiz de Fora em 2015, deparei-me com um pequeno grupo de jovens que, em meio à multidão, durante a execução de *Eu Escolho Deus*, abraçados, cantavam-na com uma ligeira, mas importante alteração: “todo dia a cocaína vem, me chama”. Uma expressão de fé e de classe.

Rocha e Torres (2010) chamam a atenção para dois mecanismos religiosos que se tornaram importantes para a fuga do estigma da delinquência na “ralé”. Se de um lado está a esperança mágica num futuro melhor estimulada pela teologia da prosperidade, do outro está

a frequência nos ritos para “o avivamento constante do estímulo psicológico ao comportamento não delinquentes” (ROCHA, TORRES, 2010, p. 229). Mas por mais horários de culto que uma igreja forneça, nunca preencherão todo o cotidiano de uma pessoa. É aí que entram as canções. Elas permitem vários “micro-cultos” durante o dia com os quais é possível constringer minimamente as disposições nocivas à espera do momento em que será possível se reunir com os pares e cantar em coro algo como a canção *Me ajude a melhorar*:

Meu Pai  
O mundo insiste em me comprar  
Mas eu não quero o que vem de lá  
Quero agora a glória de Deus

Eu cansei  
Já não quero mais viver pra mim  
De uma vez por todas, vou me esvaziar  
Vou mandar embora o que não é seu

Me perdoa  
Todas as vezes que eu te entristeci  
Não pensei em Cristo, eu só pensei em mim  
Me ajude a melhorar

[Refrão]  
Me ajude a melhorar  
Sozinho não consigo mais, já sei  
Eu sou humano, eu só sei errar  
Me ajude a melhorar  
(SOARES, E., 2013, np.).

Essa composição de Eli Soares vai na mesma linha da anterior, mas revela mais claramente como “escolher Deus”, nem sempre é a regra. Muitas vezes é a exceção. A condição social tem efeitos corrosivos que precisam ser combatidos constantemente para a manutenção do perfil de “pobre honesto”. Fora do culto formal, sozinho, é mais fácil “recair”. É o drama dos crentes que convivem em proximidade com o mundo do crime. Podem entrar num ciclo de afastamento e proximidade difícil de ser superado. Nesse contexto, canções como *Me Ajude a Melhorar* são verdadeiros pedidos de socorro que tanto podem servir de consolo no momento da “recaída”, quanto fonte de construção da vontade de não “cair” mais.

E o que tudo isso tem a ver com a adoração? Vejamos o que diz Eli Soares na sua ministração realizada quando gravou ao vivo a canção acima:

Antigamente os reis mandavam os levitas, os adoradores, os músicos à frente da guerra, porque eles acreditavam que o poder da adoração era muito mais

forte que o poder da espada. Eles mandavam os músicos, os cantores, os adoradores com seus instrumentos, com suas harpas à frente das guerras porque eles acreditavam que o poder da adoração era muito mais forte que o poder da espada, que o poder do cavalo. Era muito mais forte que o poder da guerra. Mas isso não mudou, a sua adoração ainda continua sendo mais forte que o poder de uma bala dum canhão. A adoração que sai dos seus lábios ainda é mais forte que o poder de uma tropa de choque. A adoração que sai da sua boca é mais forte que qualquer força armada do mundo. Porque a adoração que sai dos seus lábios tem o poder de mover o coração de Deus ao teu favor. A adoração que sai dos seus lábios tem poder, tem poder de mover o coração de Deus a respeito de alguém. Por isso nessa noite deixe a sua adoração guerrear as suas guerras. Deixe a adoração que sai dos seus lábios lutar as suas lutas. Diga para essa pessoa que está do seu lado: “não é na força do teu braço, não é na força do teu braço nem das tuas armas, mas é na força do teu Deus” (ELI..., 2018, 5:44-7:25, np.).

Não deveria ser necessário lembrar que essa é uma linguagem metafórica. Via de regra, os crentes não estão em guerra contra ninguém no seu sentido literal. Os mais vulneráveis é que estão em guerra contra sua própria condição de existência. E, em meio a isso, surgem canções de batalha. Cantarolando durante o dia tem-se uma pequena dose daquilo que vai ser expresso a plenos pulmões no momento do culto. Práticas nas quais o sentimento gerado em adoração é associado à possibilidade de superação da realidade. A possibilidade de “vencer na presença de Deus”.

Nesse contexto são acionados uma série de alternativas. CDs e DVDs piratas, rádios piratas, downloads ilegais na internet, apropriação do *wifi* alheio para uso do *YouTube* ou de aplicativos de rádio ou música, entre outros. De toda forma, o mais importante é o que se sente quando canta. Na “presença de Deus” o crente se sente gente, alguém amado e aceito como é, bem como se sente empoderado para a vida, ainda que em condições precárias. Algo que não se pode perder de vista nem mesmo após o ganho de renda, quando membros da “ralé” se tornam batalhadores.

Por conta da urgência de algumas necessidades nunca plenamente satisfeitas (O que comer hoje? Será que a luz vai ser cortada?), quem se encontra no estrato social mais baixo vive um eterno hoje que lhe torna incapaz de pensar a longo prazo (SOUZA, 2010). Isso tem implicações severas na educação e nas possibilidades de emprego. Membros dessa classe estão literalmente sem futuro. Entretanto, como descrito anteriormente, uma parte deles conseguiu superar algumas dessas dificuldades. Geralmente aqueles oriundos uma família um pouco mais organizada, com pai e mãe presentes ou alguém que cumpra essas funções sociais (SOUZA, 2012). Essa é a classe batalhadora (SOUZA, 2012). Aquela composta pelos que

conseguiram traduzir o sonho de uma vida melhor no futuro em práticas no presente capazes de conduzir paulatinamente a ela, um processo no qual o pentecostalismo tem estado em íntima relação (SOUZA, ARENARI, TORRES, 2012).

Alguns cantores ou ministros de louvor que ficaram em evidência durante os anos 2000 viveram essa realidade. Veja como Bruna Karla relata as batalhas enfrentadas pela sua família:

Minha vida foi marcada por muitos sonhos. Um deles nasceu no meu coração quando eu era bem pequena. Com apenas três anos de idade senti um desejo profundo de adorar ao Senhor, de louvar o Seu santo nome com hinos e canções. Eu cantava em casa, fazia cultos de brincadeira, e mesmo sem ter consciência da grandeza de Deus, eu já adorava com todo o meu ser. Foi uma fase muito especial da minha vida.

Um tempo depois, quando estava com cinco anos de idade, comecei a cantar na minha igreja e em eventos da escola. E não demorou muito para que eu fosse convidada para louvar a Deus em outras igrejas. Para uma menina tão nova eram oportunidades maravilhosas. Eu até tinha uma agenda de apresentações, mesmo sem ter CD gravado.

Ao ver meu sonho, minha mãe começou a investir no meu talento, porque ela entendeu que Deus me usaria através do louvor. Ela comprou *play-backs* em fita cassete, para que eu pudesse ensaiar as músicas de algumas cantoras gospel, como Cassiane, Aline Barros, Fernanda Brum e Cristina Mel. Eu simplesmente amava cantar aqueles hinos que exaltavam o poder de Deus.

Nossa família era bem humilde, não tínhamos nem telefone em casa, os brinquedos eram raros. Pra você ter uma ideia, eu nem sabia o que era computador.

Quando nasci, morávamos na casa da minha vizinha de consideração, dona Rosa, que recebeu minha mãe com muito amor ainda na juventude, para morar com ela.

Ter um ministério não era fácil; havia muitas limitações. No entanto, eu me sentia realizada; a felicidade fazia parte do nosso lar. Brinquei muito, me diverti muito... E cantar era a minha paixão.

Eu me dedicava ao máximo à música e continuava estudando firme na escola. Eu amava cantar, mas nunca me descuidei dos estudos. Por isso, eu estudava de manhã, e à tarde ensinava. Depois, é claro, havia o momento de brincar...

[...] Sempre que tinha oportunidade, minha mãe investia no meu ministério. Ela teve ousadia de bater na porta de algumas gravadoras, a fim de que eu tivesse uma chance de gravar um CD. Nós vivíamos na MK Music; quase toda semana íamos à gravadora para cumprimentar as pessoas, as recepcionistas. Também participei de muitos concursos: em rádios, igrejas. Naquela época, havia boas oportunidades para novos talentos.



[...] Ao perceberem meu sonho, algumas pessoas se dispuseram a gravar meu CD. Mas no meio do projeto, acabavam desistindo... Diziam que não daria certo, que era muito difícil uma criança ter sucesso cantando profissionalmente.

Hoje, eu entendo perfeitamente que ainda não era da vontade de Deus. Às vezes, muitas pessoas de talento erram ao tentar antecipar o tempo de Deus. Acabam se decepcionando e perdendo o rumo. O sonho, o chamado, o talento são muito importantes, porém tudo tem o tempo certo de acontecer. Mesmo passando por decepções, minha família e eu não deixamos de lutar, de acreditar que o tempo de Deus chegaria.

Minha mãe lutou muito; ela clamava a Deus incansavelmente, para que meu sonho se tornasse realidade. Ela e meu pai, seu Antonio, se dedicaram muito, porque o meu sonho era também o sonho deles. Sem meus pais eu não teria conseguido.

Quando me apresentava nas igrejas, nem sempre tínhamos o dinheiro da passagem de ônibus. Às vezes, conseguíamos o valor só da ida. Depois do culto, voltávamos a pé. Meu pai com a minha irmã Cássia no colo, e eu de mãos dadas com minha mãe depois das onze da noite, para subir o morro da comunidade onde morávamos. Eu faço questão de dizer isso para encorajar você, que tem um sonho no seu coração.

Quem tem um sonho precisa entender que as lutas existem. Muitas portas se fecharam para mim, mas nem por isso deixei de acreditar que o tempo de Deus chegaria. Houve uma época que tivemos que abrir mão de promessas de riquezas neste mundo que queriam nos afastar da vontade de Deus.

No meu coração, todo o nosso tempo e talento seriam somente para Deus. Este era o nosso desejo, que o dom que o Senhor havia me dado servisse, exclusivamente, para adorá-lo. Eu não queria ser apenas uma cantora; eu queria ser uma adoradora. (KARLA, 2015, p. 9-12, 15-17, sic, destaques originais).

A condição excepcional de cantora de sucesso não nos impede de identificar nessa trajetória, traços comuns a todos os batalhadores. A luta pela ascensão social passa por uma série de sacrifícios diários. Assim como a mãe da Bruna deixava de comprar brinquedos para adquirir equipamentos que desenvolvessem suas habilidades de canto, muitos estrangulam suas possibilidades de lazer para fazer sobrar algum dinheiro para investimento no futuro. Assim como, para aproveitar as oportunidades, muitas vezes iam cantar em igrejas sem o dinheiro da passagem de volta, uma miríade de estudantes batalhadores anda vários quilômetros todos os dias no retorno das aulas em cursos técnicos ou faculdades. Da mesma forma como tiveram decepções ao longo da jornada, os fracassos eventuais e os momentos em que as coisas “dão errado” são frequentes, de forma que encontrar forças para manter um sonho vivo é sempre um desafio.

Quando Arenari e Torres, em colaboração com Jessé Souza, analisam os pentecostais batalhadores, chamam a atenção para o fato de que a crença num futuro melhor não é algo com o qual se nasce, mas uma construção social (SOUZA, ARENARI, TORRES, 2012). A luta dos emergentes da “ralé” é sempre em duas frentes. É preciso “batalhar tanto pelo futuro como pelas condições necessárias para a manutenção da crença coletiva e individual no futuro” (SOUZA, ARENARI, TORRES, 2012). Um caso em que crença não tem a ver apenas com a convicção a respeito de uma assertiva, mas com um sentimento de confiança, tal como comentei no tópico anterior. Só luta pelo futuro quem também consegue, de alguma maneira, sentir o futuro antecipadamente.

Na perspectiva de Jessé Souza essa é a grande diferença entre a “ralé” e os batalhadores. No primeiro caso os sujeitos têm uma convicção a respeito do futuro, mas não conseguem senti-lo em seu cotidiano, ficando propensos a todo tipo de aposta mágica, desde a jogatina de azar, até as ofertas mirabolantes pedidas em algumas igrejas (SOUZA, 2010). Mas o que acontece com os batalhadores é outra coisa. Eles encontram maneiras de sentir o futuro em pequenas práticas cotidianas que apontam em sua direção (SOUZA, 2012). Se uns clamam por melhora sem saber ao certo como vai acontecer, outros conseguem perceber paulatinamente que estão melhorando.

Entretanto, muitas frustrações aparecem no caminho fazendo da manutenção do sentimento em relação ao futuro uma luta adicional nada desprezível. O capítulo sobre religião no livro sobre os batalhadores é um esforço para descobrir o lugar do pentecostalismo nessa jornada. Souza, Arenari e Torres (2012) chamam a atenção para a profecia exemplar. Igrejas que trabalham com cultos caseiros ou células permitem que os exemplos e contraexemplos relacionados ao “vencer na vida” sejam compartilhados face a face, atualizando constantemente a disposição para o futuro (SOUZA, ARENARI, TORRES, 2012). Esse é um elemento importante, pois tem implicações sobre a socialização familiar, a escolha de parceiros afetivos, as opções de negócio, entre outros fatores que estão mais bem detalhados no capítulo. Uma realidade em que o pentecostalismo se faz prática religiosa, mas também uma estratégia de classe, ainda que não consciente (SOUZA, ARENARI, TORRES, 2012).

Cabe observar que isso não se dá exatamente na igreja. É verdade que os cultos realizados nas casas estão sob a supervisão de uma instituição, mas os “exemplos” são costumeiramente compartilhados após o rito, nas conversas informais, quando uns aconselham os outros trocando experiências sobre as batalhas do dia a dia. Palpites sobre emprego e negócios, desabafos das escolhas erradas ou frustrações, aconselhamentos sobre

continuar ou não com um relacionamento, são exemplos citados pelos autores. Grande parte dos jovens da “ralé” são socializados em uma família monoparental, convivendo com violência doméstica e abuso sexual sistemático em resposta às sucessivas trocas do membro masculino (SOUZA, 2010). Na batalha, muitos deles passam a ver seus líderes na fé como “verdadeiros pais”, o que é um aspecto da retomada da preocupação com a sociabilização familiar (SOUZA, ARENARI, TORRES, 2012). Ela acompanha o modelo das reuniões domésticas que, ao adquirir ampla circulação entre os crentes, passou a ser adotado em diferentes denominações e não só nas declaradamente pentecostais. Essa “visão celular” é permeada da ideia de que “a ‘presença fervorosa no culto’ é o ponto alto da vida religiosa, ainda que com o suporte de um ‘trabalho escolástico’ de preparação individual fora do culto” (SOUZA, ARENARI, TORRES, 2012, p. 328).

Quanto a isso, exemplos citados pelos pesquisadores citados acima destacam a relação entre pessoas, mas há também relação entre pessoas e coisas, crentes e canções, de forma que a música também não se faz presente apenas durante o rito. Em diferentes ocasiões é acionada simultaneamente como religião, lazer e consumo através do circuito evangélico. Nele, são possíveis mediações teológicas. Onde circula a teologia da prosperidade, com suas promessas de riqueza, também circula a teologia da adoração com a noção de que o mais importante é “estar na presença de Deus”. Desse encontro surge a noção de que é possível “vencer na presença de Deus”, o que é acompanhado do reconhecimento de que melhoria de vida demanda sofrimento prévio. “Quem tem um sonho precisa entender que lutas existem” (KARLA, 2015, p. 16). É migrando de uma teodiceia da felicidade para uma teodiceia do sofrimento que se substitui a aposta mágica no futuro por uma expectativa realista (SOUZA, ARENARI, TORRES, 2012).

Muitas canções acompanharam esse processo gerando uma espécie de positivação do sofrer. *Vou Seguir*, composição do assembleiano Josias Barbosa, retrata o início da passagem:

Se você já pensou em desistir  
 Tenha fé, e não pare de sorrir  
 Você vai ver que o inimigo não vai entender  
 Que o crente até mesmo chorando ele canta porque

Se chorar, chora nos pés do Senhor  
 Tem Jesus como o teu consolador  
 Teu sofrer, uma noite até pode durar  
 Mas o crente sabe que a vitória vem pela manhã  
 Então cante assim

[Refrão]

Vou seguir os passos de Jesus  
 Vou levar comigo a minha cruz  
 Se espinhos ferem os meus pés  
 Eu vou descansar nos braços de Jesus

Quando o crente está firme nos pés do Senhor  
 Ele passa pela prova cantando louvor  
 O inimigo se levanta, mas tem que cair  
 O crente não deixa a cruz mas leva até o fim  
 Se cair mil ao seu lado ele não cede não  
 Sempre está protegido por um batalhão  
 Deus dá ordens aos seus Anjos para proteger  
 Bem guardado desse jeito, desistir por quê?  
 (BARBOSA, 1998, n.p.).

A gravação dessa canção rendeu à Cassiane seu segundo disco de platina, alcançando a venda de mais de 600 mil cópias do álbum *Para Sempre* lançado em 1998. Ela ecoou nas periferias através das rádios, algumas delas piratas, dos aparelhos de som que alguns crentes se esforçavam para comprar e das “irmãs do louvor” que cantavam em meio às suas atividades domésticas. Para além de todo aparato da indústria cultural, reside o fato de que muitas pessoas que de fato estão em dificuldade enfrentam a sua vida com a ideia de que o crente, até quando chora, canta.

Há canções que surgem das situações de sofrimento dos próprios compositores. Foi em meio ao drama da dependência química de seu marido que Eyshila escreveu *Posso Clamar* (SANTOS, 2015). *Tudo é Possível Ao Que Crê* foi criada por Fernandinho quando sua irmã enfrentou um câncer que a levou a falecer (FERNANDINHO, 2013). Das tentativas frustradas de gravidez, Ana Paula Valadão compôs *Esperança*, gravada pelo Diante do Trono, e Anderson Freire (2015a) compôs *Ressuscita-me*, gravada por Aline Barros. Era a situação em que se encontrava Fernanda Brum (2013) quando Ludmila Ferber lhe confiou a canção *Dá-me Filhos* para integrar um de seus álbuns. *Não é Tarde*, composição de Anderson Freire gravada inicialmente por Fernanda Brum com Ana Paula Valadão, tornou-se uma celebração de quando os três superaram seus respectivos dramas. A própria canção *Maior Prazer*, citada anteriormente, foi criada por Davi Silva em meio à dor da perda de seu pai (POR..., 2017). O sofrer parece ser uma grande fonte de inspiração musical.

Disse anteriormente que o sofrimento não é privilégio de nenhuma camada social, mas algo diferente acontece com os batalhadores. Ele não está relacionado a uma dificuldade a qual eles passam, mas a um conjunto de dificuldades as quais eles “escolhem” passar. Precisam escolher se quiserem a ascensão social futura. As alterações de comportamento que

lhes permitam mudar de vida são acompanhadas de sacrifícios diários e recorrentes. Isso vai das longas caminhadas diárias para economizar o preço da passagem do transporte coletivo às noites em claro para conseguir dar conta de trabalhar e estudar. Os crentes que vivem dessa maneira descobriram que cantar é uma forma de manter uma atitude positiva em relação ao sofrimento. É isso que adicionam à adoração como religião, lazer e consumo. Se uma vida melhor no futuro demanda que não se pare de lutar no presente, também demanda que não se pare de acreditar mesmo diante do alto custo emocional das batalhas, não se pare de fazer aquilo que permite manter a expectativa, ou seja, não se pare de adorar. As canções que os crentes tanto cantam, num volume que as vezes incomoda os vizinhos de suas igrejas, refletem essa condição. Algumas de forma clara, como a *Nunca pare de lutar*:

O que vem pra tentar ferir  
O valente de Deus  
Em meio às suas guerras?

Que ataque é capaz  
De fazê-lo olhar pra trás  
E querer desistir?

Que terrível arma é  
Usada pra tentar paralisar sua fé?

Cansaço, desânimo logo após uma vitória  
A mistura de um desgaste com um contra-ataque do mal  
A dor de uma perda, ou a dor da traição  
Uma quebra de aliança, que é raiz da ingratidão  
Se alguém está assim, preste muita atenção  
Ouça o que vem do coração de Deus

[Refrão]  
Em tempos de guerra, nunca pare de lutar  
Não baixe a guarda, nunca pare de lutar  
Em tempos de guerra, nunca pare de adorar  
Libera a Palavra, profetiza sem parar

O escape, o descanso, a cura, a recompensa vem sem demora  
(FERBER, 2005, n.p.).

Deste ponto de vista é possível compreender como Ludmila Ferber sucessivos prêmios pela venda de seus discos, como o que comentei na introdução. Essa compositora teve uma sensibilidade com as condições em que muitos crentes estavam vivendo. Algo que vem desde quando gravou seu primeiro álbum ao vivo a canção *Sonhos de Deus*:

Se tentaram matar os teus sonhos  
 Sufocando o teu coração  
 Se lançaram você numa cova  
 E ferido perdeu a visão

Não desista, não pare de crer  
 Os sonhos de Deus jamais vão morrer  
 Não desista não pare de lutar  
 Não pare de adorar  
 Levanta os teus olhos e vê  
 Deus está restaurando os teus sonhos  
 E a tua visão

[Refrão]  
 Recebe a cura  
 Recebe a unção  
 Unção de ousadia  
 Unção de conquista  
 Unção de multiplicação  
 (FERBER, 2001, n.p.).

É também nessa linha que surgiu um dos versos da canção *Ouçõ Deus Me Chamar* que mais causam comoção: “Meu coração se aperta/Eu ando tão cansado/Tenho trabalhado tanto”<sup>191</sup> (FERBER, 2004, n.p.). É assim que vivem os batalhadores. Muitas horas de trabalho durante o dia, serviços extras no fim de semana, alto engajamento em seus pequenos negócios, estrangulamento do lazer, sacrifício do tempo, inclusive de alguns dias de culto na igreja, entre outros aspectos que criam um modo de vida que demanda uma alta resiliência, um grande compromisso com aquilo que Ludmila chama de “indesistibilidade” (FERBER, 2012). Se desistir desse modo de vida, o batalhador verá as condições da “ralé” se perpetuarem em sua família e possivelmente na sua descendência. É com música que muitos estão enfrentando essas circunstâncias. A adoração se torna uma forma de lidar com condições de vida extremamente hostis. Com as canções os batalhadores se tornam “indesistíveis”. É “sentindo a presença de Deus” que se mantém viva a esperança.

Nesses casos, o consumo de música ganha conotações de lazer, sem perder o seu sentido de fé. As canções que são executadas na lojinha de roupa barata no centro da cidade

---

<sup>191</sup> Letra completa: “Alta madrugada vai / Já estou deitado, mas / Ouçõ Deus me chamar // Sua voz suave é / Como um sussurro / Ouçõ Deus me chamar // *Meu coração se aperta, eu ando tão cansado / Tenho trabalhado tanto / Meu coração se aperta / Ao ouvi-lo me chamando / Me chamando, me chamando, me chamando, me chamando // Eu vou / Já estou indo ao teu encontro, Senhor / Vou correndo ao teu encontro / Senhor // Nem que seja pra ficarmos em silêncio a sós / Senhor, só nós / Nem que seja simplesmente pelo prazer de ouvir tua voz // Não há como desprezar o teu chamado / Não há como rejeitar tua presença*” (FERBER, 2004, n.p., destaque meu).



não estão lá apenas na expectativa de converter alguma cliente, mas também para reavivar a própria fé da dona da loja. Fé em Deus, na vida e no bom andamento dos negócios. Assim também elas vão parar nos carros de taxistas e motoristas de Uber, no radinho de pilha do feirante e no celular do fone do rapaz citado no início desse tópico. Mas existe algo importante a acrescentar quanto aos batalhadores. O acesso à renda um pouco maior lhes permite investir, ainda que pouco, no desenvolvimento de competências musicais. Cursos rápidos, aulas avulsas rapidamente passadas ao autodidatismo, instrumentos, baratos ou nem tanto. Isso faz com que as canções de adoração ganhem escala não apenas na produção, mas também na reprodução.

Quando os crentes se tornam reprodutores da música que consomem, as canções ganham mais força no processo descrito acima. Uma coisa é alguém que está estudando para o ENEM escutar a música da Ludmila Ferber no rádio, outra é cantá-la com seu amigo violonista que foi aprovado no ano anterior. Sentir nas canções a possibilidade de sucesso é o que se dá com os crentes dos estratos mais baixos. Não é o suficiente para alterar sua condição. É preciso sentir essa possibilidade ao lado de pares que estão paulatinamente dando pequenos passos nessa direção, passos que servem de exemplo. E só servem de exemplo se forem conversados, se os crentes falarem sobre eles. A “profecia exemplar” de que falam Souza, Arenari e Torres (2012).

As canções têm um lugar na produção de autoestima. Esse é um recurso não econômico exigido pela estrutura capitalista, comum e banal para a classe média, mas escasso nos estratos abaixo (SOUZA, 2010, 2012). É com as canções que pequenos grupos que se reúnem em torno da fé “sentem a presença de Deus” e renovam suas forças para suas batalhas diárias. Quando a identificação é grande, mantém-se juntos até nos eventos de maior escala. Se em um olhar de fora e de longe tem-se uma multidão em shows e na Marcha para Jesus, olhando de perto e de dentro é possível enxergar que a “massa” está em “pedaços” (COSTA, W., 2015). Os pequenos grupos de amigos ficam juntos durante todo o evento, como aconteceu com o jovem citado no início do tópico. Em casos assim, a autoestima é gerada entre os “amigos mais chegados que irmãos” exatamente porque não apenas cantam, mas cantam a uma só voz conhecendo as histórias uns dos outros. E, “na presença de Deus”, oram uns para os outros falando sobre elas, particularizando aquilo que num primeiro momento era um “produto de massa”.

No contexto dos batalhadores, ainda que de forma nem sempre consciente, as canções são transformadas em um recurso de batalha. Não é econômico, mas nem por isso é menos importante no capitalismo recente. Foi nessa direção que a Associação Brasileira de

Anunciantes, com o apoio do governo federal, lançou em 2004 a campanha *O melhor do Brasil é o brasileiro*, inspirada na frase de Câmara Cascudo<sup>192</sup>. Ela contava as histórias de Herbert Viana e Ronaldo Fenômeno ao som da canção *Tente Outra Vez* de Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta, e terminava com a mensagem de que “eu sou brasileiro não desisto nunca”<sup>193</sup>. A “indesistibilidade” é um recurso importante para quem quer subir na vida. É só lembrar do gargalo de 2008, quando havia necessidade de mais trabalhadores ao mesmo tempo em que persistia uma proporção de significativa de desempregados<sup>194</sup> (SOUZA, 2012).

Os crentes têm sua forma peculiar de produzir a autoestima que faltava, mas é importante acrescentar que a presença da fé evangélica entre os mais pobres não se dá apenas pelas pessoas que a confessam. É claro que se tornou impossível retratar fidedignamente uma periferia sem fazer alusão à presença dos crentes (ALENCAR, 2018). Entretanto, suas expressões de fé também podem circular com relativa autonomia, atraindo curiosos e simpatizantes que se declaram de outras religiões. Na emergência do capitalismo nos países desenvolvidos, pessoas foram deixadas para trás, mas nas regiões de “modernização periférica”, a proporção de habitantes nessas condições é bem maior (SOUZA, 2018b). Eles podem adotar as expressões de fé em circulação sem que uma conversão declarada seja necessária. Aliás, ao passo que o capitalismo vai, com progressiva geração de circunstâncias de auto-exploração, nas quais os sujeitos se veem “empreendedores” ou “donos do seu próprio negócio” a despeito de viverem a serviço dos interesses dos que se encontram nos estratos acima, tem-se uma janela de oportunidade para que a música gospel seja cada vez mais reconhecida como cultura brasileira. Se ser brasileiro é não desistir nunca, nada mais brasileiro do que expressões de fé com as quais se cria “indesistibilidade”.

Ao final, tem-se que, em densa circulação entre os crentes, as canções ligadas à adoração foram absorvidas em diferentes denominações através das conexões circuito-igreja. Isso porque, defendida como “estilo de vida”, ela também se fez “estilo musical”, já que é com uma gama de expressões de fé em forma de canção que esse modo de vida é colocado em prática. Em meio a isso, brasileiros que se encontram nos estratos mais baixos têm encontrado na adoração um importante recurso de batalha, ao reconhecer que é possível vencer, mas só se manterem uma expectativa positiva diante do sofrimento de rotina, cantando em meio a dor. Curtindo a presença de Deus.

---

<sup>192</sup> Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) foi um natalense que se dedicou sua vida ao estudo das manifestações culturais brasileiras, tornando-se um importante nome na literatura. A frase em questão foi dita a um de seus biógrafos: “o melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro” (LIMA, Diógenes, 1998, p. 46).

<sup>193</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CEbEDheBVNY> >. Acesso em 30 dez. 2018.

<sup>194</sup> As apresentações das pessoas comentadas nesse parágrafo estão no apêndice A.

## 5 CONCLUSÃO

Nem religião, nem lazer, nem consumo, mas os três. Assim é a adoração. Foi o que encontrei em etnografia, seguindo crentes e canções. Para compreender em que circunstâncias isso acontece, inspirado na diferença entre fé e tradição proposta por Wilfred Cantwell Smith (2006), propus que assim como religião não se resume ao que ocorre em igrejas, o lazer não se reduz ao que se faz no tempo livre e o consumo não depende exclusivamente da compra, as formas institucionais criadas para esses três âmbitos da vida na Modernidade. Aceitar essa diferença entre formas e conteúdos foi o que me fez entender o que observei entre crentes e canções como implicação do fato de que as instituições voltadas para o lazer e para o consumo permitem que expressões de fé circulem à revelia das igrejas. O que tem implicações para o entendimento dos crentes, das canções e da religião em geral.

Tratando as músicas como expressões de fé em forma de canção, vi que algumas possuem certo grau de ubiquidade, no sentido de estarem em mais de um lugar ao mesmo tempo. Elas estão presentes nas instituições religiosas, nos estabelecimentos de comércio e no tempo livre dos crentes. Nos templos, sim; mas também nas lojas de artigos religiosos, nas feiras, nas emissoras de rádio, nos programas de TV, nos vídeos na internet, etc. Canções desse tipo estão em circulação e os eventos fomentados por igrejas, empresas, organizações sem fins lucrativos e até por instâncias públicas são situações nas quais o trânsito ocorre de maneira mais visível. Daí entendi esse mundo em que elas circulam como relativamente autônomo em relação ao mundo das igrejas, de forma que os crentes vivem em uma espécie de multiverso que emerge da integração entre eles. É nas passagens circuito-igreja que se entende como uma mesma canção se torna expressão de fé de diferentes crentes em diferentes igrejas e regiões do Brasil.

Essa produção musical emergiu com algum grau de tensão entre a instituição religiosa e a forma institucional do lazer e, nesse sentido, tenho que admitir que Dumazedier (1976, 1999) não me parece tão equivocado quanto já pensei (COSTA, W., 2015). A sua intuição a respeito de o tempo livre ter implicações ambíguas para a religião me parece plausível, pois o lazer permite o acesso a expressões de fé que não são encontradas no templo. Elas podem entrar em conflito com o modelo praticado nesse espaço. Ainda insisto na impertinência da categoria de “semilazer” (DUMAZEDIER, 1999), usada pelo autor para os casos da sua intercessão com a religião. Se os conteúdos fluem entre as formas institucionais, práticas lúdicas não as deixam de ser quando permeadas de fé. O lazer do crente é tão lazer como

qualquer outro. Entretanto, concordo que há uma contradição formal e que ela é importante na interpretação da configuração das práticas em análise nesta tese.

Essa contradição é o que permite compreender a clivagem que perpassa a produção musical dos crentes entre os hinos e os corinhos, corinhos de fogo e cânticos. Esses últimos três são conjuntos de expressões de fé que circularam pelo lazer e pelo consumo dos crentes sem a aceitação imediata das igrejas. Diferente dos hinos, aceitos como oficiais. Muitas vezes a diferença é pouco compreensível porque se perde de vista que todo hino já foi canção. Cada música teve uma história até ser integrada a um hinário. As que chegaram a isso foram legitimadas como expressões de fé, integradas a um modelo de culto. O problema é que aquelas que ainda não foram, circulam entre os crentes, fora do templo, mas nem por isso deixam de expressar a fé.

Em reuniões informais no final do dia, encontros de fim de semana ou em acampamentos de férias, fomentados por organizações não eclesiais, os crentes começaram a produzir suas próprias canções no Brasil. Essa produção dependeu muito do consumo de LPs e K7s e só paulatinamente uma parcela foi aceita nos cultos das igrejas, não sem gerar conflitos internos. Uma tensão que inclusive está na origem de denominações que surgiram nos anos 1980 assumindo os nomes de “comunidade” ou “comunidade evangélica”. Mais afeitas à produção musical própria, elas parecem estar para o contexto brasileiro, assim como as igrejas do novo paradigma estão para os Estados Unidos.

E se esse é um processo observado Brasil a fora, seus efeitos parecem concentrados na Região Sudeste. Sendo aquela em que mais se deu a urbanização acelerada que se viu no país após os anos 1970, foi onde surgiram várias inovações que culminaram na criação da música gospel como nicho de mercado. No Rio de Janeiro tem-se a proliferação das denominações evangélicas mais afeitas à música e a criação de uma das principais gravadoras, a MK Music. Em São Paulo tem-se, com a destacada atuação de Estevam Hernandes, a inserção da produção musical numa mídia mais barata, o rádio, que facilitou seu acesso, já que dispensava a aquisição dos discos. E, na virada dos anos 1990 para os anos 2000, em Minas Gerais, tem-se um movimento a partir do qual o trabalho dos crentes dedicados à música foi reinterpretado, ganhando um horizonte de diálogo com as igrejas.

Essa é a fonte da noção de ministério que acompanha os músicos até hoje. Ela tem origem no fato de que fazer da música a principal fonte de renda, não mais uma remuneração eventual, tornou-se também uma maneira de viver da fé, podendo dedicar-se a ela em tempo integral. Ministrado é a forma como os crentes traduzem a conjugação do trabalho artístico com a liderança na fé. É quando se assume algumas práticas geralmente atribuídas ao pastor, como

a intercessão e a pregação, mas exercidas com música. Porém, se o protagonismo lhes assemelha aos sacerdotes, ministros e ministérios de louvor têm ainda a possibilidade de se trabalhar fora da igreja de origem, em outras igrejas e em outros espaços. Ministrando é também o serviço relacionado à fé não exercido apenas no templo. Uma atividade que pode colocar músicos em conflito com os sacerdotes que encontram pelo caminho, pois, à medida em que se dedicam à composição de novas expressões de fé, abrem a possibilidade de renovação das tradições, o que nunca se dá sem alguma tensão.

Essa compreensão foi obtida com foco em uma parcela das composições emergentes percebida como adoração, tomada como um subgênero do gospel. Tal clivagem organiza práticas no lazer e no consumo, mas é constantemente protestada pelos ministros que querem a adoração como um “estilo de vida” mais que um “estilo musical”. É que a recepção de seu trabalho nas igrejas depende de que sua produção seja vista como expressão de fé mais do que do mercado fonográfico. Só assim uma canção pode ser legitimada como hino.

A despeito disso, ao perceber afinidades entre a caracterização que os crentes fazem da adoração como modo de viver e aspectos do pietismo e do gnosticismo, perguntei-me como esse modo é colocado em prática, o que me fez perceber passagens entre os dois “estilos” em questão. A combinação da valorização do prazer e da intimidade, em sentido pietista, com a insaciabilidade e a noção de conhecimentos ainda não revelados, típicos da gnose, resultou na busca constante nunca satisfeita por uma experiência que os crentes chamam de “estar na presença de Deus”. Lendo a Bíblia na chave interpretativa da adoração como “estilo de vida”, os músicos compõem canções com as quais se sensibilizam à presença do Deus em que acreditam. É ouvindo, cantando, tocando e dançando essas músicas que isso acontece. Por isso aquelas atreladas a essa experiência são vistas como um subgênero. Mas como a experiência que as acompanha também é buscada nos cultos das igrejas, também são entendidas como congregacionais, no sentido de dedicadas ao uso no templo, embora os crentes convivam com elas em vários outros espaços.

À medida que a adoração se transforma num ideal, seus traços afetam a produção musical gospel em geral, borrando fronteiras com os demais subgêneros. Isso acontece porque, via de regra, os músicos se voltam à busca por “sentir a presença de Deus” e assumem as premissas da noção de ministério. Assim, a adoração consolidou-se de tal maneira que, embora a categoria esteja sempre em disputa, ninguém a rejeita. O debate se dará em torno de qual é a “verdadeira adoração”.

Embora alguns digam que “Deus não precisa de fundo musical”, o fato é que o som se tornou importante no exercício da fé. E, assim, alguns ritmos, melodias, instrumentos ou

arranjos são percebidos como mais afeitos à adoração em determinada época, exatamente porque com eles se “sente a presença de Deus”. Mas essa estilização pode mudar de um período para outro. O que parece perene é a experiência. Acreditando ao ler a Bíblia que quem está diante de um Deus tão poderoso não pode ficar insensível à sua presença, os crentes combinam sons de forma a se sensibilizarem. Os sons mais graves inclusive têm maior potencial de sensibilização dos corpos, pois vibrando na parte mais interna do ouvido e atingindo o labirinto, estrutura responsável pelo equilíbrio, podem deixá-los mais afeitos ao movimento. Se a arte é contextual, o som é constante. Com ele os crentes parecem estar literalmente crendo com o corpo. Um sistema que envolve razão, emoção e prática. É a fé em sua materialidade.

Isso não se dá em condições iguais. Igrejas mais pobres ficam em dificuldade para acompanhar o ideal de adoração colocado. Algumas se esforçam pela aquisição de instrumentos musicais e equipamentos de som, bem como pela presença de músicos em seu meio. Outras não, o que pode deixar alguns de seus membros insatisfeitos. Mas isso não leva necessariamente a uma ruptura. Alguns crentes da periferia, sobretudo os mais jovens, seguem em seus cultos de rotina e, de tempos em tempos, fazem incursões, a partir do lazer, em outras igrejas de maior investimento musical ou em shows e Marchas para Jesus, conjugando duas possibilidades de exercício da fé.

A adoração tem ainda uma conotação que, ainda que acompanhe a circulação das canções nos mais diferentes contextos, torna-se especial para os brasileiros que estão na luta por ascensão social. Nos estratos inferiores há fortes impedimentos estruturais, de forma que a luta por uma vida melhor é acompanhada da luta para manter a crença em uma vida melhor a despeito das situações adversas. É nesse momento que “curtir a presença de Deus” ganha mais de um significado. O verbo pode ser usado tanto para a fruição, quanto para o ato de suportar situações desagradáveis. Em adoração, os crentes mais pobres mantêm uma atitude positiva diante do sofrimento a que precisam se submeter se quiserem alguma melhoria de vida. Fazem disso uma forma de “vencer na presença de Deus”.

Ainda sobre condições desiguais, chama a atenção que o ambiente em que circulam as canções operou uma certa desregulação da fé, pelo menos em relação às igrejas. Isso gerou alguma abertura a pessoas que a princípio não tinham protagonismo. Em sentido weberiano, os músicos saíram de leigos a profetas. Em meio a isso, há um aparente recorte de gênero que ainda precisa ser estudado com mais profundidade. Quando se fala das igrejas dos crentes, destacam-se, como protagonistas, homens em sua maioria, refletindo a dominação masculina que afeta a sociedade como um todo. Mas na música gospel, sobretudo na produzida nos anos



2000, a situação parece um pouco diferente. Cassiane, Ana Paula, Valadão, Aline Barros, Eyshila, Fernanda Brum, Bruna Karla, entre outras. Estariam as mulheres conseguindo alguma liberdade religiosa com o trabalho musical? Aliás, também chama a atenção a bibliografia sobre o gospel (Magali Cunha, Márcia Pinheiro, Jacqueline Dolghie, Nina Rosas, Raquel Sant'ana, Olívia Bandeira, entre outras). Existe alguma relação?

Seja como for, as igrejas seguem importantes na forma como os crentes vivem a sua fé. No segundo ciclo de investigação, mesmo me esforçando para não tomar as igrejas como referente inicial, a pesquisa por outras instâncias me reconduziu a elas. A instituição ainda diz bastante sobre a forma como os crentes organizam as expressões de fé, legitimando aquelas a serem tomadas como modelo. Por isso a preocupação de que as canções sejam recebidas no culto dos templos. Mas a instituição não diz tudo. Ao que parece, quem quiser compreender o que significa ser crente no Brasil, precisa levar em consideração a interação entre diferentes formas institucionais nas quais as expressões de fé podem circular. Se é nas conexões circuito-igreja que as canções se tornam religião, é também nelas que muitos brasileiros se tornaram evangélicos. Primeiro como curiosos, depois simpatizantes, até que se tornaram adeptos. As coisas transitam bem antes que trânsito religioso de pessoas aconteça. É o caso das canções. Sendo assim, convém repensar a noção de conversão. É uma categoria interna que obscurece esses aspectos.

Se o que ocorre nas igrejas é afetado pelo que ocorre fora delas em matéria de fé, é preciso uma abordagem que integre teoricamente o trabalho das paraeclesiásticas. Para isso, é útil considerar sua institucionalidade, pois dizer que atuam em paralelo não é o suficiente. Muitas se regulam como empresas. Operam com venda, ainda que sejam inscrições para eventos, o que obscurece esse aspecto. Até as que se anunciam sem fins lucrativos, criam produtos comercializáveis a fim de sustentar sua causa. É uma liberdade viável na sociedade capitalista em que estão inseridas.

Essa estrutura possui uma contradição inerente. Quando os produtos são vendidos à geração mais recente de crentes, a geração anterior pode se incomodar com as novas expressões de fé com as quais se depara, o que gera disputas no interior das congregações. No caso dessa pesquisa, viu-se que elas podem se dar não apenas entre músicos e demais membros ou entre eles e seus líderes, mas também entre diferentes músicos de uma mesma igreja. Em ambiente urbano há grande circulação de expressões de fé de forma que, ainda que a igreja seja considerada importante, não está nada fácil ser pastor. Como líder, espera-se dele algum grau de regulação, mas que precisa ser feita na convivência com muitas referências que

circulam em CDs, DVDs, vídeos na internet, programas de rádio e TV, livros, sites, etc. A qualquer momento sua posição pode ser colocada em questão.

As expressões que circulam são religiosamente desreguladas, pois passam a ser controladas por outras instituições. Na tese foquei no lazer e no consumo, mas caberia também considerar outras, como a mídia. Se as instituições religiosas tinham algum estoque de expressões de fé, o desenvolvimento do capitalismo coloca a fé em liquidação. As expressões se tornam fluidas, se dispersam pelas variadas formas institucionais modernas. Tornam-se uma espécie de religião líquida.

Embora eu reconheça que o foco na adoração e na música gospel me fez deixar alguns aspectos relevantes em segundo plano, as noções geradas me parecem com potencial de aplicação a variados contextos. Talvez pudéssemos inclusive conjugar a noção de sistema capitalista, criada com foco na produção, com a de circuitos capitalistas, com foco no trânsito dos produtos de consumo. De toda forma, quando o conjunto de expressões de fé que compõem uma tradição se dispersa pelo campo social, a religião torna-se líquida e aquilo que foi produzido em uma tradição pode ser incorporado por quem não se declara ligado a ela. Para alguns, curtir as experiências parece mais importante do que aderir a um conjunto sistematizado. É a forma como interpreto a recepção que o grupo Preto no Branco tem tido entre não crentes com a canção *Ninguém Explica Deus*:

Nada é igual ao Seu redor  
Tudo se faz no Seu olhar  
Todo o universo se formou no Seu falar

Teologia pra explicar  
Ou Big Bang pra disfarçar  
Pode alguém até duvidar sei que há um Deus a me guardar

E eu tão pequeno e frágil querendo Sua atenção  
No silêncio encontro resposta certa então

[Refrão]  
Dono de toda ciência, sabedoria e poder  
Oh dá-me de beber da água da fonte da vida  
Antes que o ar já houvesse Ele já era Deus  
Se revelou ao seus do crente ao ateu  
Ninguém explica Deus  
(PINHO, 2015, n.p.).

## REFERÊNCIAS

100 álbuns para ouvir antes de ir para o céu. 2015. Disponível em: < <https://melhoresdiscoscristaos.files.wordpress.com/2015/09/100-maiores-c3a1lbuns-cristc3a3os-nacionais.pdf> >. Acesso em: 8 jun. 2018.

A HISTÓRIA da música Galileu - Por Fernandinho [lançamento]. **YouTube**, Fernandinho Ministério Faz Chover. 7 out. 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=n2I0Ob1HWpQ> >. Acesso em: 15 jan. 2015.

ABPD - Associação Brasileira de Produtores de Discos. Top 20 CDs 2011. **Mercado Brasileiro de Música**, Rio de Janeiro, ano 12, p. 10, abr. 2012.

ABREU, Sabrina. Líder do grupo Diante do Trono, Ana Paula Valadão tornou-se a cantora mais famosa da música evangélica. **Veja BH**, Belo Horizonte, 20 jun. 2013. Perfil. Disponível em: < <http://vejabh.abril.com.br/materia/cidade/lider-grupo-diante-trono-ana-paula-valadao-tornou-se-cantora-mais-famosa-musica-evangelica> >. Acesso em 30 mar. 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Valdevino. **Fronteiras semânticas: o dialogismo das linguagens rituais pentecostais e umbandistas – uma análise das expressões gestuais**. 2018. 254 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

ALENCAR, Gedeon Freire. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

\_\_\_\_\_. **Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011**. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2012.

ALINE Barros - Consagração (Xuxa Park). **YouTube**, MK NEWS. 29 dez. 2009. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Hb431vNPNA4> >. Acesso em: 5 jun. 2018.

ALMEIDA, Marco Antônio Betinne; GUTIERREZ, Gustavo. **O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas à globalização**. São Paulo: Phorte, 2011.

ALMEIDA, Ronaldo. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENESES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 111-122.

\_\_\_\_\_. **A Igreja Universal e seus demônios**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

\_\_\_\_\_. **A universalização do Reino de Deus**. 1996. 197 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, 1996.

ALVES, Elder. **A sociologia de um gênero: o baião**. Maceió: Edufal, 2012.

ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. **O que é religião?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

AMÂNCIO, Elisandra. André Valadão: “O meu chamado tem se confirmado”. **Show Gospel**, 12 abr. 2010. Disponível em: < <https://guiame.com.br/musica/nacional/andre-valadao-o-meu-chamado-tem-se-confirmado.html> >. Acesso em: 12 jun. 2018.

AMARAL, Leila. Espiritualidade, diversão e consumo. In: \_\_\_\_\_. **Carnaval da alma: Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 123-144.

\_\_\_\_\_. Quando o espírito encontra-se na mercadoria. **Numen**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 91-104, jul./dez. 1999.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Trad. Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ARENARI, Brand. Um esboço de um programa weberiano para compreender o pentecostalismo. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 36, p. 174-194, maio/ago. 2017.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 19, n. 19, p. 263-284, 2010.

\_\_\_\_\_. **Formations of the secular: Chrstianity, Islam, Modernity**. Stanford, California (EUA): Stanford University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. Reading a modern classic: W. C. Smith's *The Meaning and End of Religion*. **History of Religions**, Chicago, v. 40, n. 3, p. 205–222, 2001.

AZEVEDO, Roberto. Os missionários do funk (Tiago e Diogo). **Supergospel**, 2 mar. 2012. Disponível em: < [https://www.supergospel.com.br/lancamento\\_tiago-e-diogo-os-missionarios-do-funk\\_3516.html](https://www.supergospel.com.br/lancamento_tiago-e-diogo-os-missionarios-do-funk_3516.html) >. Acesso em 21 jan. 2019.

BANDEIRA, Olívia. Música gospel no Brasil – reflexões em torno da bibliografia sobre o tema. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 200-228, 2017.

BARBOSA, Livia. Cultura, consumo e identidade: limpeza e poluição na sociedade brasileira contemporânea. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 107-137.

\_\_\_\_\_. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: CAMPBELL, Colin; BARBOSA, Livia (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 21-45.

BARRERA RIVERA, Paulo. Diversidade evangélica e periferia urbana latino-americana. In: BARRERA RIVERA, Paulo (Org.). **Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano latino-americano**. Curitiba: CVR, 2016. p. 11-30.

\_\_\_\_\_. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. **Numen**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 11-38, jul./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Hibridación y aflojamiento de fronteras entre evangélicos latinoamericanos. **Boletín Antropológico**, Mérida (México), ano 20, n. 55, p. 629-648, maio/ago. 2002.

BARROS, Aline. **Graça extraordinária**: o poder de Deus além da compreensão, mas ao nosso alcance. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

\_\_\_\_\_. **Fé e paixão**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. p. 165-196.

BERSAN, Fernando. Pancadão é bom d+. Mas dá um trabalho... **Som ao vivo**, 5 mar. 2008. Entretenimento. Disponível em: < <https://www.somaovivo.org/artigos/pancadao-e-bom-d-mas-da-um-trabalho/> >. Acesso em 30 dez. 2018.

BESSA, Ana Paula Machado Valadão. **A verdadeira adoração**: princípios para uma vida diante do trono. Belo Horizonte: Diante do Trono, 2013.

\_\_\_\_\_. Esperança. Intérprete: Ana Paula Valadão. In: DIANTE DO TRONO. v. 7. **Esperança**. Belo Horizonte: Diante do Trono, 2004. 1 CD. Faixa 6.

\_\_\_\_\_. Águas purificadoras. Intérpretes: Ana Paula Valadão e André Valadão. In: DIANTE DO TRONO. v. 3. **Águas Purificadoras**. Belo Horizonte: Diante do Trono, 2000. 1 CD. Faixa 8.

\_\_\_\_\_. **Adoração Diante do Trono**. Belo Horizonte: Diante do Trono, 2003.

BEZERRA, Ronaldo. **A excelência da adoração**: um estilo de vida de obediência à palavra de Deus. 2 ed. São Paulo: Editora Fôlego, 2008.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Louvor e Adoração**. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Editora Fôlego, 2015.

\_\_\_\_\_. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BILL & Gloria Gaither - Because He Lives [Live] ft. Gaither Vocal Band. **YouTube**, GaitherVEVO. 16 ago. 2012. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=2Oz\\_caE8oQE](https://www.youtube.com/watch?v=2Oz_caE8oQE) >. Acesso em: 21 jan. 2019.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**: religiosidade e mudança cultural. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BLOOM, Harold. **Presságios do milênio**: anjos, sonhos e imortalidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

BORBA, Asaph. **Adoração**: quando a fé se torna amor. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012.

\_\_\_\_\_. Jesus, em Tua Presença. Intérprete: Grupo Life. In: GRUPO LIFE. **Canções do Espírito Santo – Restauração II**. Porto Alegre: Life Produções, 1986. 1 LP. Faixa 9.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

\_\_\_\_\_. A dissolução do religioso. In: **Coisa ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 119-125.

BRASIL. Câmara Federal. Projeto de Lei da Câmara nº 3364, de 2012. Altera o inciso VI do art. 46 e o § 3º do art. 68 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 que dispõe sobre os direitos autorais. **Diário da Câmara dos Deputados**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 8 mar. 2012. Projetos de lei, p. 5848-5850. Disponível em: < <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD08MAR2012.pdf#page=260> >. Acesso em: 15 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Câmara Federal. Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Centro de Documentação e Informação**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 19 fev. 1998. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9610-19-fevereiro-1998-365399-normaatualizada-pl.html> >. Acesso em: 15 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Câmara Federal. Projeto de Lei da Câmara nº 3968, de 1997. Isenta os órgãos públicos e as entidades filantrópicas do pagamento de direitos autorais pelo uso de obras musicais e litero-musicais em eventos por eles promovidos. **Diário da Câmara dos Deputados**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 14 jan. 1998. Projetos de lei, p. 672-673. Disponível em: < <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD14JAN1998.pdf#page=18> >. Acesso em: 15 ago. 2016.

BRUM, Fernanda. **E foi assim...** Rio de Janeiro: Ministério Fernanda Brum, 2013.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa: 1500-1800. atual. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMINHANDO EU VOU PARA CANAÃ - SE ÉS SALVO E TEM CERTEZA - VANEYSE. **YouTube**, Vaneyse Cantora. 15 jul. 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=M3oCcM0bJik> >. Acesso em: 18 dez. 2018.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, Livia (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.



CAMPOS, Adhemar de. Adoração é a essência da vida cristã. In: **BÍBLIA. Bíblia de Estudo Louvor e Adoração**. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Editora Fôlego, 2015. p. 149-150.

\_\_\_\_\_. **O poder da música a serviço da adoração**: conhecendo os princípios para uma vida de adoração e serviço. São Paulo: Editora Fôlego, 2010.

\_\_\_\_\_. **Adoração, um estilo de vida**: o desafio de viver a plenitude de Deus. São Paulo: Editora Fôlego, 2005.

\_\_\_\_\_. Amigo de Deus. Intérprete: Adhemar de Campos. In: \_\_\_\_\_. **Templo Vivo**. São Paulo: Comunidade da Graça, 1995. 1 CD. Faixa 7.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing em um empreendimento neopentecostal. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Paulo: Edições Simpósio, 1999.

CAMPOS, Roberta; GUSMÃO, Eduardo; MAURÍCIO JÚNIOR, Cleonardo. A disputa pela laicidade; uma análise das interações entre Jean Wyllys e Silas Malafaia. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 165-188, 2015.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento**: o Censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 63-87.

CANTOR Cristão. Santo André, SP: Editora Geográfica, 2014.

CARDOSO, Douglas. Henry Maxwell Wrigth (1849-1931): o poeta do amor que salva. **Revista Caminhando**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 61-70, jan./jun. 2014.

CARDOSO, Ludmila. Preciso crer. Intérprete: Ministério Vinho Novo. In: MINISTÉRIO VINHO NOVO. **Preciso Crer**. Juiz de Fora, 2006. 1 CD. Faixa 7.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. Jesus Cristo. Intérprete: Roberto Carlos. In: CARLOS, Roberto. **Roberto Carlos**. Rio de Janeiro: CBS, 1970. 1 LP. Lado B. Faixa 9.

CARVALHO, Laura. **Valsa brasileira**: do boom ao caos econômico. São Paulo: Todavia, 2018.

CASANOVA, José. Rethinking secularization: a global comparative perspective. **The Hedgehog Review**, Charlottesville (EUA), v. 8, n. 1 e 2, p. 7-22, jan./dez. 2006.

CAVALCANTI, Kátia. **Esporte para todos**: um discurso ideológico. 1982. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

CÉSAR, Waldo. Ser protestante: mais perguntas que respostas? **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 4-14, 1987.

CHIESA, Carolina; FANTINEL, Letícia. “Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia”: notas sobre como não fazer uma “etnografia acidental”. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 8., 2014, Gramado. **Anais...** Gramado: ANPAD, 2014.

CHAGAS, Thiago. Pesquisa aponta que a música gospel é a preferida entre as classes sociais de menor renda. **Gospel Mais**, 30 jul. 2015. Disponível em: < <https://noticias.gospelmais.com.br/musica-gospel-preferida-classes-sociais-menor-renda-78242.html> >. Acesso em 3 dez. 2018.

CIRILO, Antônio. Jesus, Meu Primeiro Amor. Intérpretes: Fernanda Brum e Arianne. In: BRUM, Fernanda. **Profetizando às nações**. Rio de Janeiro: MK Music, 2006. 1 CD. Faixa 8.

CLEYTON, Moisés. Meu Barquinho. Intérprete: Giselli Cristina e Moisés Clayton. In: CRISTINA, Giselli. **Meu Barquinho**. Rio de Janeiro: Gospel Music, 2010. 1 CD. Faixa 4.

COMO foi nosso início? **Igreja Cristã da Aliança**, sd. Disponível em: < <http://igrejadaalianca.com.br/nossa-historia/> >. Acesso em 4 jan. 2019.

CONVENÇÃO BATISTA MINEIRA. **Fundamentos da nossa fé**. Belo Horizonte, 2013.

COSTA, Ana Paula. Christie Tristão fala ao Lagoinha.com – “Santa insatisfação”. **Lagoinha.com**, 17 jan. 2005. Disponível em: < <https://www.lagoinha.com/ibl-noticia/christiao-fala-ao-lagoinha-com-%E2%80%9Csanta-insatisfacao%E2%80%9D/> >. Acesso em 3 dez. 2018.

COSTA, Júnior. Relembrando: a polêmica em volta da autoria da música “Anjos de Deus” de Elizeu Gomes. **Vitrine Gospel**, 4 ago. 2012. Disponível em: < <https://vitrine-gospel.blogspot.com/2012/08/relembrando-polemica-em-volta-da.html> >. Acesso em 3 jun. 2018.

COSTA, Waldney. Crentes em movimento: da periferia ao centro, entre a religião e o lazer. **Plura, Revista de Estudos de Religião**, v. 7, n. 1, p. 164-197, jan./jun. 2016a.

\_\_\_\_\_. **Evangélicos em perspectiva antropológica**: notas para uma etnografia do crente. 2016. 27 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016b.

\_\_\_\_\_. **“Tem crente no pedaço”**: um estudo sobre religião e lazer entre jovens evangélicos. 2015. 267 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

\_\_\_\_\_. Notas Etnográficas sobre a música em um culto jovem evangélico: diversão, arte, liturgia e espiritualidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 11, p. 52-72, 2014.

\_\_\_\_\_. Lazer em igrejas evangélicas: uso dos espaços e estratégias de vivência religiosa e lúdica. In: JORNADA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2., 2013, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: PPGCSO/UFJF, 2013. 1 CD-ROM.

CUENCA CABEZA, Manuel. Aproximación al ócio valioso. **RBEL – Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 21-41, jan./abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **O ócio humanista**: os desafios da pesquisa sobre religião no Brasil. Bilbao (Espanha): Universidad de Deusto, 2000.

CUNHA, Magali Nascimento. Religiosidade midiática e novos paradigmas de cristianismo e de culto em tempos de cultura gospel. In: DIAS, Zwinglio; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. (Org.). **Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais**: história, teologias, igrejas e perspectivas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 203-213.

\_\_\_\_\_. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. 2004. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DANESE, Regis. **Faz um milagre em mim**. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.

DANIEL, Silas. **A história dos hinos que amamos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

DEBATE sobre direitos autorais na música gospel (TV Boas Novas). **YouTube**, Efrata Music. 20 ago. 2010. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=81C1\\_DKPT7Q](https://www.youtube.com/watch?v=81C1_DKPT7Q) >. Acesso em: 18 ago. 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEVE-SE pagar direitos autorais sobre hinos religiosos? Direto ao Assunto Rubens Teixeira. **YouTube**, Rubens Teixeira. 6 out. 2012. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=81C1\\_DKPT7Q](https://www.youtube.com/watch?v=81C1_DKPT7Q) >. Acesso em: 18 ago. 2016.

DE MASI, Domenico. **Ócio criativo**: entrevista a Maria Serena Palieri. Trad. Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DE PAULA, Robson Rodrigues. “Sinta esse fogo irmão”: uma análise das estratégias de marketing. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 23, n. 45, p. 53-64, jan./jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **“Audiência do Espírito Santo”**: música evangélica, indústria fonográfica e formação de celebridades no Brasil. 2008. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. “Os cantores do Senhor”: três trajetórias em um processo de industrialização da música evangélica no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 55-84, dez. 2007.

DIAS, Márcia Tosta. **Os donos da voz**: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. **Por uma sociologia da produção e representação musical do presbiterianismo brasileiro**: a tendência gospel e sua influência no culto. 2007. 356 f. Tese (Doutorado em Ciências da religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

\_\_\_\_\_. Um estudo sobre a formação da hinódia protestante brasileira. **Âncora**, São Paulo, v. 1, p. 83-106, maio 2006.

\_\_\_\_\_. A Igreja Renascer em Cristo e a consolidação do mercado de música gospel no Brasil: uma análise das estratégias de marketing. **Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p. 201-220, out. 2004.

DREHER, Martin. Protestantes-evangélicos: buscando entender. In: DIAS, Zwinglio; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. (Org.). **Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais**: história, teologias, igrejas e perspectivas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 25-72.

DUO CELESTIAL. **Passado esquecido**. v. 3. Santo André, SP: Novas de Paz, [198-]. 1 LP.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUMAZEDIER, Jofre. Lazer: valores residuais ou existenciais? In: POIRIER, Jean (Org.). **História dos costumes**: éticas e estéticas. Lisboa: Editorial Estampa, 2002. p. 147-222.

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 1994.

\_\_\_\_\_. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EBERLE, Soraya Heinrich. **“Ensaio pra quê?”**: reflexões iniciais sobre a partilha de saberes: o grupo de louvor e adoração como agente e espaço formações teológico-musical. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

ECAD - Escritório Central de Arrecadação e Distribuição. Autores com maior rendimento: distribuição de janeiro a dezembro de 2015. **Letras & Notas**, Rio de Janeiro, ano 10, v. 30, p.8, jan. 2016a.

\_\_\_\_\_. **Regulamento de arrecadação**. Rio de Janeiro, 2016b. Disponível em: < [http://www.ecad.org.br/pt/eu-uso-musica/regulamento-de-arrecadacao/Documents/Regulamento%20de%20Arrecada%C3%A7%C3%A3o\\_2016.pdf](http://www.ecad.org.br/pt/eu-uso-musica/regulamento-de-arrecadacao/Documents/Regulamento%20de%20Arrecada%C3%A7%C3%A3o_2016.pdf) >. Acesso em 15 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Posicionamento do Ecad - CCLI. 20 nov. 2012. Disponível em: < <http://www.ecad.org.br/pt/noticias/noticias-do-ecad/Paginas/Posicionamento-do-Ecad--CCLI.aspx> >. Acesso em 15 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Justiça proíbe execução de música nos Gideões – Tribuna Catarinense. 4 maio 2007. Disponível em: <

<http://www.ecad.org.br/pt/noticias/Clipping/Paginas/Justi%C3%A7apro%C3%ADbeexecu%C3%A7%C3%A3odem%C%BAasicasnosGide%C3%B.aspx> >. Acesso em 15 ago. 2016.

ELI Soares - Me ajude a melhorar (Ao Vivo na Penha, Rio de Janeiro). **YouTube**, Eli Soares. 28 nov. 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=89NeyF8qTIg> >. Acesso em: 7 jun. 2018.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESCOLA ADORANDO. História, 2016a. Disponível em: < <http://escola.adorando.com.br/> >. Acesso em: 12 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Sobre, 2016b. Disponível em: < <http://escola.adorando.com.br/> >. Acesso em: 12 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Treinamento de Músicos e ministros de louvor e adoração: módulo 1. Belo Horizonte: Escola Adorando, 2016c.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Trad. Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEITOSA, Edson; FEITOSA, Ana. Sonda-me, Usa-me. Intérprete: Aline Barros. In: BARROS, Aline. **Som de Adoradores**. Rio de Janeiro: MK Music, 2004. 1 CD. Faixa 2.

\_\_\_\_\_. Oferta Agradável a Ti. Intérprete: Cassiane. In: CASSIANE. **Com Muito Louvor**. Rio de Janeiro: MK Music, 1999. 1 CD. Faixa 9.

\_\_\_\_\_. Fico Feliz. Intérprete: Aline Barros. In: BARROS, Aline. **Voz do coração**. Rio de Janeiro: AB Records, 1998. 1 CD. Faixa 4.

\_\_\_\_\_. Rompendo em Fé. Intérprete: Comunidade Evangélica da Zona Sul. In: COMUNIDADE EVANGÉLICA DA ZONA SUL, Aline. **Rompendo em Fé**. Rio de Janeiro: Comunidade Evangélica da Zona Sul, 1997. 1 CD. Faixa 1.

FERBER, Ludmila. **Nunca pare de lutar**: palavras de superação, fé e esperança para aquecer o coração. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. Nunca Pare de Lutar. Intérprete: Ludmila Ferber. In: \_\_\_\_\_. **Nunca Pare de Lutar**. Col. Adoração Profética. v. 3. Rio de Janeiro: Kairós Music, 2005. 1 CD. Faixa 7.

\_\_\_\_\_. Ouço Deus Me Chamar. Intérprete: Ludmila Ferber. In: \_\_\_\_\_. **Ouço Deus Me Chamar**. Col. Para Orar e Adorar. v. 4. Rio de Janeiro: Kairós Music, 2004. 1 CD. Faixa 1.

\_\_\_\_\_. Dá-me Filhos. Intérprete: Fernanda Brum. In: BRUM, Fernanda. **Apenas Um Toque**. Rio de Janeiro: MK Music, 2003. 1 CD. Faixa 3.

\_\_\_\_\_. Os Sonhos de Deus. Intérprete: Ludmila Ferber. In: \_\_\_\_\_. **Os Sonhos de Deus**. Col. Adoração Profética. v. 1. Rio de Janeiro: Kairós Music, 2001. 1 CD. Faixa 6.

FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade tupinambá**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.

FERNANDES, Rubem César (org.). **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad X, 1999.

FERNANDINHO. **Galileu**. Belo Horizonte: Onimusic, 2016. 1 DVD.

\_\_\_\_\_. Galileu. Intérprete: Fernandinho. In: FERNANDINHO. **Galileu**. Belo Horizonte: Onimusic, 2015. 1 CD. Faixa 5.

\_\_\_\_\_. **Faz chover**: Deus transforma o deserto em terra fértil. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. A Alegria do Senhor. Intérprete: Fernandinho. In: FERNANDINHO. **Teus Sonhos**. Belo Horizonte: Onimusic, 2012. 1 CD. Faixa 2.

\_\_\_\_\_. Dançar na Chuva. Intérprete: Fernandinho. In: FERNANDINHO. **Sede de Justiça**. Belo Horizonte: Onimusic, 2007. 1 CD. Faixa 8.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. **Ser crente**: experiência e linguagem religiosa da vida pentecostal. 2017. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

FLAUSINO, Rogério; LARA, Marco Túlio. Encontrar Alguém. Intérprete: Rogério Flausino. In: JOTA QUEST. **MTV Ao Vivo**. Rio de Janeiro: Epic Records, 2003. 1 CD. Faixa 4.

FORMA de governo na Igreja. **YouTube**, Catedral da Igreja Cristã Nova Vida. 10 dez. 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ET5Cc1H5JiY> >. Acesso em: 11 jan. 2019.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Amanda. Abordagens etnográficas. In: \_\_\_\_\_. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 167-203.

FREIRE, Anderson. **Deus escolheu você**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2015a.

\_\_\_\_\_. Ressuscita-me. Intérprete: Aline Barros. In: BARROS, Aline. **Extraordinária Graça**. Rio de Janeiro: MK Music, 2015b. 1 CD. Faixa 10.

\_\_\_\_\_. Sou Humano. Intérprete: Bruna Karla. In: KARLA, Bruna. **Advogado fiel**. Rio de Janeiro: MK Music, 2009. 1 CD. Faixa 3.

\_\_\_\_\_. Não é Tarde. Intérprete: Fernanda Brum e Ana Paula Valadão. In: BRUM, Fernanda. **Cura-me**. Rio de Janeiro: MK Music, 2008. 1 CD. Faixa 11.

FREIRE, Gerson Bento. **Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER)**: constituição, percurso e abordagens. 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.



FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. 304 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48 ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

FROSSARD, Miriane Sigiliano. **“Caminhando por terras bíblicas”**: religião, turismo e consumo nas caravanas evangélicas para a terra santa. 2013. 416 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

\_\_\_\_\_. **Diante do altar**: um estudo sobre o turismo evangélico em Belo Horizonte – MG, 2006. 206 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

GAITHER, Gloria; GAITHER; Bill. Porque Ele Vive. In: CANTOR Cristão. Santo André, SP: Editora Geográfica, 2014. n. 70.

GAUCHET, Marcel. **El desencantamiento del mundo**: una historia política de la religión. Trad. Esteban Molina. Madrid: Editorial Trotta, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LHC, 2008.

GERSON Freire. **Wikipédia**, [2017]. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gerson\\_Freire](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gerson_Freire)>. Acesso em 10 jan. 2019.

GIDDENS, Anthony. Religião. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 425-454.

\_\_\_\_\_. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIUMBELLI, Emerson. **Símbolos religiosos em controvérsias**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2014a.

\_\_\_\_\_. Cultura pública: evangélicos e sua presença na sociedade brasileira. In: \_\_\_\_\_. **Símbolos religiosos em controvérsias**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014b. p. 189-207.

\_\_\_\_\_. Para estudar a laicidade, procure o religioso. In: BÉLIVEAU, Verónica; GIUMBELLI, Emerson (Orgs). **Religión, cultura e política em las sociedades do siglo XXI**. Buenos Aires: Biblos, 2013. p. 43-68.

\_\_\_\_\_. Lojas de Artigos Evangélicos: uma pesquisa sobre consumo religioso. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 7, n. 1 e 2, p. 213-236, 2008.

\_\_\_\_\_. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 87-119, jan.-jun. 2000.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **RBEL – Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. Verbete Lazer – Concepções. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126.

\_\_\_\_\_; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, Elizeu. Anjos de Deus. Intérprete: Padre Marcelo Rossi. In: ROSSI, Marcelo. **Músicas para louvar ao Senhor**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1998. 1 CD. Faixa 8.

GROSS, Eduardo. A Ciência da Religião no Brasil: teses sobre a sua constituição e seu desafio. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana et al (Org.) **Religião, política, poder e cultura na América Latina**. São Leopoldo: EST, 2012.

GUIMARÃES, Cassiane. **Quando Deus age**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. **Cassiane: uma vida com muito louvor**. Niterói, RJ: Omni Vincit, 2010.

GUMARÃES ROSA, João. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GUSTAVO, Derek. Convenção Batista expulsa igreja em Maceió por batizar homossexuais. **G1**, 11 jul. 2016. Disponível em: < <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/07/convencao-batista-exclui-igreja-em-maceio-por-batizar-homossexuais.html> >. Acesso em 22 jan. 2019.

GUTIERREZ, Gustavo. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

HARPA Avivada e Corinhos. Rio de Janeiro, 2005.

HARPA Cristã. v. atual. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

HERNANDES, Estevam. **Milagres: Deus faz coisas extraordinárias na vida de quem tem fé**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2013.

HERNANDES, Sônia. **Vivendo de bem com a vida: conselhos e histórias de uma mulher que escolheu ser feliz**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. 2. ed. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **La religión, hilo de memoria**. Barcelona (Espanha): Herder Editorial, 2005.

HISTÓRIA DA MÚSICA CRISTÃ NO BRASIL - GERSON ORTEGA. **YouTube**, Adorando. 16 ago. 2018. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=\\_wUx8JywY50](https://www.youtube.com/watch?v=_wUx8JywY50) >. Acesso em: 30 dez. 2018.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 169-214.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Religião e história no Brasil: disciplinas, identidades e políticas em jogo. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana et al (Org.). **Religião, política, poder e cultura na América Latina**. São Leopoldo: EST, 2012. p. 27- 39.

HUIZINGA, Johann. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JECOV, Wilson Flávio. **Igreja Universal do Reino de Deus: memória e tradição no Templo de Salomão**. 2017. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

JESUS, Elaine de. **Pentecoste Divino**. Paraná: Adonai Gospel Records, 1993. 1 CD.

JONES, Timothy Willem; MATTHEWS-JONES, Lucinda (Org.). **Material religion in modern Britain: the spirit of things**. Basingstoke, Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2015.

JONAS, Hans. **La religion gnostique**: Paris (França): Flammarion, 1978.

JOSELITO; DANESE, Kelly. Faz um Milagre em Mim. Intérprete: Regis Danese. In: DANESE, Regis. **Compromisso**. Rio de Janeiro: Line Records, 2008. 1 CD. Faixa 1.

KAUFLIN, Bob. O que Deus deseja que pastores e líderes de louvor saibam. **Adorando**, 9 set. 2016. Disponível em: < <https://adorando.com.br/o-que-deus-deseja-que-os-pastores-e-lideres-de-louvor-saibam/> >. Acesso em 5 abr. 2017.

KARLA, Bruna. **Muito além do que sonhei**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2015.

KOFES, Suely; MANICA, Daniela (Org.). **Vida e grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia**. Rio da Janeiro: Lamparina e FAPERJ, 2015.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEIVA, João (Org.). **Cultura, SP: hábitos culturais dos paulistas**. São Paulo: Tuva Editora, 2014.

LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEVINO, Rodrigo. Música gospel: trinados fé e dinheiro. **Veja**, São Paulo, 25 nov. 2011. Entretenimento. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/musica-gospel-trinados-fe-e-dinheiro> >. Acesso em 30 mar. 2016.

LIASCH, Jônatas. Músicos do palco ou ministros do altar? In: BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Louvor e Adoração**. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Editora Fôlego, 2015.

p. 150-151.

LIJPHART, Arent. Divisão de poder; os contrastes federal-unitário e centralizado-descentralizado. In: \_\_\_\_\_. **Modelos de democracia: desempenho e padrões de governo em 36 países.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2003. p. 213-225.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **Consumo: uma perspectiva antropológica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sujeitos e objetos do sucesso: antropologia do Brasil emergente.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: um brasileiro feliz.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lido, 1998.

LIMA NETO, Francisco Paiva. **Crer, aprender e sentir: o tripé estratégico para transmissão de visão de mundo do casal Kelley, na inserção do protestantismo no Brasil no século XIX.** 2007. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre uma sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAESTER, Lucas R. F. Série Fé – O mercado da fé (TV TEM). **YouTube**, 3 jan. 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xsjjReqAHs0&list=PLV7Y6dUrmZnR-5Di4eRwT478gpWwXypn8&index=5> >. Acesso em 22 mar. 2015.

MAFRA, Clara. A “arma da cultura” e os “universalismos parciais”. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 607-624, dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Distância territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal. In: ALMEIDA, Ronaldo; MAFRA, Clara. (Org.). **Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 69-89.

\_\_\_\_\_. **Evangélicos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

\_\_\_\_\_. Religião e metrópole. In: ALMEIDA, Ronaldo; MAFRA, Clara. (Org.). **Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 19-28.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.** 3. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 13-28, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole.** São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALINOWSKI, Bonislaw. Introdução. In: CASTRO, Celso. **Textos básicos de Antropologia: cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros.** Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 93-114.

MANSILLA, Miguel Ángel. Sociología y pentecostalismo: Intereses, énfasis y limitaciones de las investigaciones del pentecostalismo chileno (1990-2011). **Civitas**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 538-555, set.-dez. 2012.

MARCELLINO, Nelson de Carvalho. **Lazer e educação.** Campinas: Papirus, 1987.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 24, p. 95-117, 1995.

\_\_\_\_\_. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 34, p. 197-221, 1991.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** 5. ed. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996.

\_\_\_\_\_. **A ideologia da sociedade industrial.** 4. ed. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. Neopentecostalismo: um novo modo de ser pentecostal. In: ANJOS, Márcio Fabri. **Sob o fogo do espírito.** São Paulo: Paulinas, 1998. p. 19-37.

MARIZ, Cecília; GRACINO JÚNIOR, Paulo. As igrejas pentecostais no Censo 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 161-174.

MARTIN, David. **Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin America.** Oxford: Blackweel, 1990.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **O capital: crítica de economia política.** Livro primeiro. Tomo 1. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista.** São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

MATTOS, Anderson. Consagração. Intérprete: Aline Barros. In: COMUNIDADE EVANGÉLICA DA VILA DA PENHA. **Tempo de Adoração.** Rio de Janeiro: MK Music, 1994. 1 CD. Faixa 2.

MATTOS, Marcelo. Louvor ao Rei. Intérprete: Aline Barros. In: COMUNIDADE EVANGÉLICA DA VILA DA PENHA. **Tempo de Adoração**. Rio de Janeiro: MK Music, 1994a. 1 CD. Faixa 3.

\_\_\_\_\_. Tua Palavra. Intérprete: Aline Barros. In: COMUNIDADE EVANGÉLICA DA VILA DA PENHA. **Tempo de Louvor**. Rio de Janeiro: MK Music, 1994b. 1 CD. Faixa 3.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MEINERZ, Nádya Elisa. Sexo, oração e *rock'and' roll*: uma estudo antropológico das percepções de sexualidade de jovens a partir da vivência religiosa. **Numen**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 123-144, jan./jul. 2004.

MEL, Cristina. **Simplesmente Cristina Mel**: minha história, minha vida. Rio de Janeiro: Editora Betel, 2016.

MELLO, Patrícia Costa. **Os conflitos de interesses no direito autoral**: uma análise - sob a perspectiva política, jurídica e sociológica - da construção legislativa da lei 9.610/98 e seus reflexos na atualidade. 2013. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) – Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, v. 67, n.1, p. 48-67, set.-nov. 2005.

\_\_\_\_\_. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. In: LANDIM, Leila (org.). **Sinais dos tempos**: tradições religiosas no Brasil. Cadernos do ISER, Rio de Janeiro, n. 22, p. 35-86, 1989.

\_\_\_\_\_; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo, Loyola, 1990.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. **O gospel é pop**: música e religião na cultura pós-moderna. 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

MENEZES, Renata. Santos, vadias e fetos: manipulações políticas de imagens religiosas no Brasil contemporâneo. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 20, jun. 2017.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. Conversão na folia: o bloco evangélico no espaço do carnaval carioca. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania. (Org.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 105-118.

\_\_\_\_\_. Um pé no reino e outro no mundo: consumo e lazer entre pentecostais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 28, p. 3-20, 2007.



\_\_\_\_\_. **Correndo atrás da prosperidade: trabalho e empreendedorismo entre pentecostais.** 2003. 210 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – IUPERJ, Rio de Janeiro, 2003.

MEYER, Birgit. **Religião material: como as coisas importam** - em co-autoria com Dick Houtman. GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

\_\_\_\_\_. **A estética da persuasão: as formas sensoriais do Cristianismo Global e do Pentecostalismo.** **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 13-45, ago./dez. 2018.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos da cultura material.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **A teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores.** São Paulo: Nobel, 2002.

MIRAGLIA, Ana Beatriz. **“Desenvolvimento”, “meio ambiente” e “cultura”:** notas críticas sobre o debate socioambiental indigenista amazônico. 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MIRANDA, Keilla. **Anjos de Deus.** Curitiba: Melodias do Rei, 1993. 1 CD.

MONTERO, Paula. **Religiões e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discursos.** Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2015.

\_\_\_\_\_. **Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil.** **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 74, p. 47-65, mar. 2006.

\_\_\_\_\_. **Antropologia no Brasil: tendências e debates.** In: TRAJANO FILHO, Wilson; RIBEIRO, Gustavo Lins (Org.). **O campo da Antropologia no Brasil.** Rio de Janeiro: Contra Capa Editora; ABA, 2004. p. 117-142.

\_\_\_\_\_. **Religiões e dilemas da sociedade brasileira.** In: MICELI, Sergio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira.** São Paulo; Brasília: Anpocs; Capes, 1999. p. 327-367.

MORAES, Soraya. **Eu escolhi sorrir.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

MOREIRA, Thiago. **Da tradição à renovação na Igreja Batista da Lagoinha: um olhar sobre o protestantismo renovado.** 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

MORGAN, David (Org.). **Religion and material culture: the matter of belief.** Abingdon-on-Thames (Inglaterra): Routledge, 2014.

MÜLLER, Max Friedrich. **Introduction to the Science of Religion: four lectures.** Londres: Longmans, 1882.

MÚSICA Gospel (Direitos autorais). **YouTube**, Novo Pácto Evangelho sem cortes. 28 nov. 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=iY1Ze87o2xQ> >. Acesso em: 18 ago. 2016.

NERI, Marcelo Côrtes. (Coord.). **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: FGV; CPS, 2011.

\_\_\_\_\_. **Nova classe média**. Rio de Janeiro: FGV; CPS, 2008.

NOITE E CIA - Testemunho de Nelson Tristão - Parte 1/2. **YouTube**, Rede Super de Televisão. 13 jun. 2012a. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3QbJSNpi3-0> >. Acesso em: 3 dez. 2018.

NOITE E CIA - Testemunho de Nelson Tristão - Parte 2/2. **YouTube**, Rede Super de Televisão. 13 jun. 2012b. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=o4HpubUwZns> >. Acesso em: 3 dez. 2018.

NOVAES, Regina. **Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

NUNCA É TARDE – “Logo que me converti, fiz uma oração perigosa”, diz o empresário Nelson Tristão. **YouTube**, Rede Super de Televisão. 25 nov. 2013. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3QbJSNpi3-0> >. Acesso em: 3 dez. 2018.

OCDE. **A broken social elevator? How to promote social mobility**. Paris: OCDE Publishing, 2018a.

\_\_\_\_\_. **Relatórios econômicos OCDE: Brasil 2018**. Paris: OCDE Publishing, 2018b.

OLIVEIRA, Judson. Ele Vem. Intérprete: Judson de Oliveira. In: FREIRE, Gerson; OLIVEIRA, Judson. **Ele Vem**. Belo Horizonte: Onimusic, 2004. 1 CD. Faixa 2.

ON LINE EDITORA. **Padre Marcelo Rossi: a trajetória completa**. Barueri, SP: On Line Editora, 2016.

ORO, Ari Pedro et al (Orgs.). **A religião no espaço público: atores e objetos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

\_\_\_\_\_; STEIL, Carlos Alberto. O comércio e o consumo de artigos religiosos no espaço público de Porto Alegre. In: BIRMAN, Patrícia (Org.). **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar, 2003. p. 309-332.

OXFAM BRASIL. Super-ricos estão ficando com quase toda a riqueza, às custas de bilhões de pessoas. 23 jan. 2018. Disponível em: < <https://www.oxfam.org.br/noticias/super-ricos-estao-ficando-com-quase-toda-riqueza-as-custas-de-bilhoes-de-pessoas> >. Acesso em: 26 dez. 2018.

ORTIZ, Renato. Religiões populares e indústria cultural. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 51-93, jan.-jun. 1980.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. São Leopoldo; EST/Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PAPAE, Carlos José. Noites Traíçoeras. Intérprete: Padre Marcelo Rossi. In: ROSSI, Marcelo. **Minha Bênção**. Rio de Janeiro: Sony BMG, 2006. 1 CD. Faixa 7.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. Apresentação geral. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013. v. 1, p. 17-29.

PIEPER, Frederico. Problematizando o conceito de religião. In: SILVEIRA, Emerson; COSTA, Waldney (Org.). **A polissemia do sagrado: os desafios da pesquisa sobre religião no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 31-53.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. Sociologia da Religião: área academicamente impura. In: MICELLI, Sérgio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré; Brasília, DF: Capes, 1999. p. 237-286.

\_\_\_\_\_. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 249-262.

PINHEIRO, Emerson. **O inexplicável de Deus**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. Intérpretes: Marcus Sales e Emerson Pinheiro. In: QUATRO POR UM. **De Volta à Inocência**. Rio de Janeiro: MK Music, 2004. 1 CD. Faixa 1.

PINHEIRO, Emerson; GUEDES, Jorge. Amar Você. Intérprete: Fernanda Brum. In: BRUM, Fernanda. **Meu Bem Maior**. Rio de Janeiro: MK Music, 1995. 1 CD. Faixa 6.

PINHEIRO, Márcia Leitão. **Na “pista” da fé: música, festa e outros encontros culturais entre evangélicos do Rio de Janeiro**. 2006. 291 f. Tese (Doutorado em Ciência Humanas – Antropologia Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PINHO, Clóvis. Ninguém Explica Deus. Intérpretes: Clóvis Pinho e Gabriela Rocha. In: PRETO NO BRANCO. **Preto no Branco**. Rio de Janeiro: Sony Music, 2015. 1 CD. Faixa 9.

PLATE, Brent. **Key terms in material religion**. Londres (Inglaterra): Bloomsbury Academic, 2015.

POR TRÁS DE UMA CANÇÃO - Maior Prazer - Davi Silva. **YouTube**, davisilvaoficial. 31 jan. 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JruJgWbiODU> >. Acesso em: 30 dez. 2018.

PORTELLA, Rodrigo. Pentecostalismo clássico e valores de autonomia: sobre o poder simbólico das representações pentecostais. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 3-15, jul./dez. 2012.

PREGAÇÃO – pr marcos feliciano – destronando satanás. **YouTube**, sandro nascimento, 7 jun. 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=1od8N3tEg0M> >. Acesso em: 5 jun. 2018.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

PYE, Michael. Integração metodológica na Ciência da Religião. **Rever**, São Paulo, ano 17, n. 2, p. 162-177, maio-ago. 2017.

QUINLAN, David; FREIRE, Gerson; OLIVEIRA, Judson. Quero te conhecer. Intérprete: David Quinlan. In: QUINLAN, David. **Fogo e Glória Curitiba**. São Paulo: Aliança, 2002. 1 CD. Faixa 6.

RAMOS, Daniel. **Thalles Roberto: olha o que Ele fez comigo**. Rio de Janeiro: Graça, 2013.

REDAÇÃO GOSPEL+. **Gospel Mais**, 12 set. 2012. Disponível em: < <https://musica.gospelmais.com.br/ccli-pagamento-direitos-autorais-musicas-tocadas-igrejas-18016.html> >. Acesso em 23 jan. 2019.

REDAÇÃO IBAHIA. Traições e até triângulo amoroso: relembre as polêmicas que chocaram o mundo gospel. **Correio**, 6 jul. 2016. Disponível em: < <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/traicoes-e-ate-triangulo-amoroso-relembre-as-polemicas-que-chocaram-o-mundo-gospel/> >. Acesso em 8 jun. 2018.

REDAÇÃO SUPER GOSPEL. **Super Gospel**, 1 nov. 2015. Disponível em: < [https://www.supergospel.com.br/noticia\\_sites-cristaos-produzem-lista-dos-100-maiores-albuns-nacionais\\_7212.html](https://www.supergospel.com.br/noticia_sites-cristaos-produzem-lista-dos-100-maiores-albuns-nacionais_7212.html) >. Acesso em 8 jun. 2018.

REZENDE, Flávio da Cunha. Convergências e controvérsias sobre a mudança institucional: modelos tradicionais em perspectiva comparada. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Caxambu, v. 20, n. 41, p. 37-51, fev. 2012.

RIBEIRO, Tadeu. Os CDs gospel mais vendidos de 2015. **Portal do Trono**, 2016. Informação disponível em: < <https://www.portaldotrono.com/cds-gospel-mais-vendidos-de-2015/> >. Acesso em: 18 jan. 2019.

ROBERTO, Talles. Deus Me Ama. Intérprete: Talles Roberto. In: ROBERTO, Talles. **Uma História Escrita pelo Dedo Deus**. Rio de Janeiro: Graça Music, 2011a. 1 CD. Faixa 18.

\_\_\_\_\_. Eu Escolho Deus. Intérprete: Talles Roberto. In: ROBERTO, Talles. **Uma História Escrita pelo Dedo Deus**. Rio de Janeiro: Graça Music, 2011b. 1 CD. Faixa 7.

\_\_\_\_\_. Mesmo Sem Entender. Intérprete: Talles Roberto. In: ROBERTO, Talles. **Uma História Escrita pelo Dedo Deus**. Rio de Janeiro: Graça Music, 2011c. 1 CD. Faixa 8.

\_\_\_\_\_. Arde outra vez. Intérprete: Talles Roberto. In: ROBERTO, Talles. **Na Sala do Pai**. Rio de Janeiro: Graça Music, 2009a. 1 CD. Faixa 1.

\_\_\_\_\_. Casa do Pai. Intérprete: Talles Roberto. In: ROBERTO, Talles. **Na Sala do Pai**. Rio de Janeiro: Graça Music, 2009b. 1 CD. Faixa 7.

\_\_\_\_\_. Deus da Minha Vida. Intérprete: Talles Roberto. In: ROBERTO, Talles. **Na sala do Pai**. Rio de Janeiro: Graça Music, 2009c. 1 CD. Faixa 5.

ROCHA, Alessandro; TEPEDINO, Ana Maria. Vindos desde as margens do mundo: uma leitura do pentecostalismo a partir das teorias da marginalidade. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 37-53, jan./abr. 2011.

ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. O crente e o delinquente. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 205-240.

ROSA, Júlio. **O Evangelho Quadrangular no Brasil: fundação e expansão da Cruzada Nacional de Evangelização**. Belo Horizonte: Betânia, 1978.

ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e “dominação” no Brasil: música, mídia e gênero do caso do Diante do Trono**. 2007. 263 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

\_\_\_\_\_. Religião, mídia e produção fonográfica: o Diante do Trono e as disputas com a Igreja Universal. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 167-194, jul. 2013.

RUMSTAIN, Ariana. A balada do senhor. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p. 135-150.

SAHLINS, Marshal. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte 1). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, abr. 1997a.

\_\_\_\_\_. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte 2). **Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n. 2, p. 103-150, ago. 1997b.

SALMOS e Hinos. São Paulo: Bookmix, 2009.

SALOMÃO Luiz Ginsburg (1867-1927): obra e biografia. **Portal Luteranos**, 29 jun. 2012. Disponível em: < <http://www.luteranos.com.br/textos/salomao-luiz-ginsburg-1867-1927> > . Acesso em: 30 maio 2018.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 103-115.

\_\_\_\_\_. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 34-63.

\_\_\_\_\_. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo (org.). **História da igreja na América Latina (1945-1995): o debate metodológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 81-131.

SANT’ANA, Raquel. **A nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade “evangélica” a partir da Marcha para Jesus**. 2017. 262. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

\_\_\_\_\_. O som da marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 210-231, 2014.

\_\_\_\_\_. A música gospel e os usos da “arma da cultura”: reflexões sobre as implicações de uma emenda. **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 23-41, 2013.

SANTA CRUZ. Produção: João Moreira Salles. Rio de Janeiro: Videofilmes; GNT, 2000 (Coleção História Brasileiras vol. 6). 1 dvd.

SANTOS, Cláudio Ananias; ROCHA NETO, José; COSTA, Waldney. A presença pública das religiões na capital potiguar através de lojas de artigos religiosos. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UERN, 14., 2018, Natal (RN). **Anais...** Mossoró (RN): UERN, 2018. Disponível em: < <http://propeg.uern.br/sic/anais> >. Acesso em: 3 dez. 2018.

SANTOS, Eyshila. **Eyshila**: uma história de amor e perseverança. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2015.

SANTOS, Jorge Pinheiro. A emergência do pentecostalismo no campo religioso batista. In: \_\_\_\_\_; SANTOS, Marcelo (Org.). **Os batistas**: controvérsias e vocação para a intolerância. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 207-214.

SCIRÉ, Cláudia. **Vida em conexão**: celulares, usuários e mercado na construção do novo social. 2014. 188 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SCHLEIERMACHER, Fridrich. **Sobre la religión**: discursos a sus menospreciadores cultivados. Madrid: Editorial Tecnos, 1990.

SEGATO, Rita. Um paradoxo do relativismo: o discurso racional da antropologia frente o sagrado. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1 e 2, p. 31-46, dez. 1992.

SENRA, Flávio. O teólogo e o cientista da religião: Religiografia acerca das interfaces entre Ciências da Religião ou Religiologia e Teologia no Brasil. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, ano 16, n. 1, p. 109-136, jan./jun. 2016.

SIEPIERSKI, Carlos. **“De bem com a vida”**. **O sagrado num mundo em transformação**: um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. 2001. 226 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo (RS), v. 37, p. 47-61, 1997.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito – Continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 207-228.



\_\_\_\_\_. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVEIRA, Emerson Sena da. Religión y sociedad moderna: la Modernidad no realizada y la immanencia de la gnosis. **Theologica Xaveriana**, Bogotá, v. 68, p. 1-29, 2018.

\_\_\_\_\_. **Catolicismo, mídia e consumo**: experiências e reflexões. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_; MORAES JÚNIOR, Manoel. (Org.). **Religião, política e espaço público no Brasil**: discussões teóricas e investigações empíricas. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

SIQUEIRA, Wilmar. 500 graus. Intérprete: Cassiane. In: GUIMARÃES, Cassiane. **Recompensa**. Rio de Janeiro: MK Music, 2001. 1 CD. Faixa 7.

SMART, Roderick Ninian. **Wordviews, crosscultural explorations of human beliefs**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1995.

\_\_\_\_\_. The nature of the phenomenological objects of religion. In: \_\_\_\_\_. **The Science of religion and the Sociology of knowledge**: some methodological questions. Princeton: Princeton University Press, 1977. p. 49-73.

SMITH, Wilfred Cantwell. **O sentido e o fim da religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SOARES, Eli. Me ajude a melhorar. Intérprete: Eli Soares. In: SOARES, Eli. **Casa de Deus**. Rio de Janeiro: Um Entretenimento Ltda, 2013. 1 CD. Faixa 3.

SOARES, Nívea. **Os improváveis de Deus**: ele escolhe os imperfeitos para realizar sua vontade perfeita. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

SOARES, Márcia. Federação, democracia e instituições políticas. **Lua Nova, Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 20, n. 44, p. 137-163, ago. 1998.

SOARES, R. R.; ROBERTO, Talles. Escrita pelo dedo de Deus. Intérprete: Talles Roberto. In: SOARES, R. R. **Minhas Canções nas Melhores Vozes**. v. 4. Rio de Janeiro: Graça Music, 2011. 1 CD. Faixa 1.

SOUSA, Salvador de. **História da música evangélica no Brasil**. São Paulo: Ágape, 2011.

SOUZA, André Ricardo de. **Igreja in concert**: padres cantores, mídia e marketing. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005.

SOUZA, Euridiana Silva. **“E o verbo se fez canto”**: músicas, discursos e cultos evangélicos. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018a.

\_\_\_\_\_. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: Leya, 2018b.

\_\_\_\_\_. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2015.

\_\_\_\_\_. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. Rio de Janeiro: Leya, 2015.

\_\_\_\_\_. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_; ARENARI, Brand; TORRES, Roberto. Os batalhadores e o pentecostalismo: um encontro entre classe e religião. In: SOUZA, Jessé (Org.). **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 311-348.

SOUZA, Marselha. **Evangélicos e movimento LGBT na esfera pública**: a “Cura Gay” trazendo novas perspectivas. 2016. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SOUZA JÚNIOR, Milton. **Cantai e multiplicai-vos...**: estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da missão no pentecostalismo no Brasil (1910-1970). 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

TALLES Roberto diz que é melhor que todos os outros cantores gospel. **YouTube**, Photo Star. 25 jul. 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RQSiR-LuvNI> >. Acesso em: 5 jun. 2018.

TASCHNER, Gisela. Lazer, cultura e consumo. **Revista de Administração de Empresas – ESESP/FGV**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 38-47, out./dez. 2000.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1998.

TEIXEIRA, Humberto; GONZAGA, Luiz. Asa Branca. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz: **Vou pra Roça**. Rio de Janeiro: RCA Vitor, 1947. 1 LP. Lado A. Faixa única.

TIELE, Cornelius Petrus. Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, set./dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Elements of the Science of Religion**: part 1, morphological. New York: Charles Scribner’s Sons, 1897.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

TRISTÃO, Nelson. Som que alimenta e direitos autorais. In: ESCOLA ADORANDO 2016. Produção: Nelson Tristão. Belo Horizonte: OniMusic, 2016. 19 DVDs. n. 9004.

VALENTE, Felipe. Teu Santo Nome. Intérprete: Gabriela Rocha. In: ROCHA, Gabriela. **Pra Onde Iremos?** Rio de Janeiro: Sony Music, 2014. Faixa 4.

VARGENS, Renato. Mantra gospel. **Renato Vargens**, jul. 2009. Disponível em: < <http://renatovargens.blogspot.com/2009/07/mantras-gospel.html> >. Acesso em: 20 ago. 2015.

VÁSQUEZ, Manuel. **More than belief: a materialist theory of religion**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

VÁSQUEZ, Manuel; ROCHA, Cristina (Org.). **A diáspora das religiões brasileiras**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. p. 36-46.

VELHO, Otávio. Ensaio herético sobre a atualidade da gnose. In: \_\_\_\_\_. **Mais realistas que o rei: ocidentalismo, religião e modernidades alternativas**. Rio de Janeiro: ToopBooks, 2007a. p. 197-214.

\_\_\_\_\_. O que a religião pode fazer pelas ciências sociais? In: \_\_\_\_\_. **Mais realistas que o rei: ocidentalismo, religião e modernidades alternativas**. Rio de Janeiro: ToopBooks, 2007b. p. 247-257.

VICENTINI, Érica de Campos. **A produção musical evangélica no Brasil**. 2007. 1559 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio (Org.). **Religião e consumo: relações e discernimentos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

WACH, Joachim. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. Ed. Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os fundamentos racionais e sociológicos da música**. São Paulo: Edusp, 1995.

WITH, Marcos. **O que fazemos com esses músicos?** Respostas aos desafios que a igreja enfrenta em relação ao ministério da música e do louvor. São Paulo: W4ENDOnet Comunicação e Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. **¿Que hacemos con estos músicos?** Respuestas a los problemas que enfrenta la iglesia em cuanto al ministerio musical. Victoria de Durango: Editorial Caribe, 1995.

WOLFF, Elias. **Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate**: texto e comentários. São Paulo: Paulinas, 2012.

WRIGHT, Maxwell Henry. Alvo Mais Que a Neve. [versionista desconhecido] In: **Harpa Cristã**. v. atual. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

## APÊNDICE A – Lista de pessoas citadas

**Abraham Laboriel (1947-):** é um exímio baixista mexicano conhecido por sua versatilidade. Já participou de mais de quatro mil gravações, incluindo trabalhos com artistas como Aretha Franklin, Madonna e Michael Jackson. Entre brasileiros com os quais já trabalhou estão Aline Barros, Gilberto Gil, João Gilberto e Roberto Carlos. É membro de uma Igreja Presbiteriana, mas as bandas que fundou sempre influenciaram crentes em geral.

**Adriano Nobre de Almeida (1883-1938):** é quem editou o primeiro hinário oficial das Assembleias de Deus, a Harpa Cristã, em 1922, no Recife (PE). Era presbiteriano quando um de seus primos, que era batista, lhe apresentou Daniel Berg e Gunnar Vingren. Adriano lhes deu as primeiras lições de português e se tornou um dos primeiros obreiros a ser consagrado a pastor pelos fundadores. Foi muito empenhado no desenvolvimento da Assembleia de Deus no nordeste do Brasil.

**Adhemar de Campos (1952-):** Autor de mais de 700 músicas, tem projeção entre evangélicos desde os anos 1980. Ligado à Onimusic, Adhemar segue ativo, agora com o auxílio de seus filhos. É pastor na Comunidade da Graça, em sua sede na Vila Carrão, bairro de São Paulo, SP. Seu site está disponível em: < <https://adhemardecampos.com.br/2018/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Alda Célia Caixeta Cavagnaro (1964-):** Nascida no interior de Goiás, ainda na infância aprendeu a tocar teclado com um casal de missionários norte-americanos e na adolescência já compunha canções. Formou-se em canto e se tornou a principal líder no louvor da Comunidade Evangélica de Goiânia (GO). Em sua carreira solo tem passagens pela Line Records e pela MK Music, mas hoje está ligada à Som Livre. Tem composições gravadas por vários outros artistas. Seu site está disponível em: < <https://aldacelia.com> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Aline Barros – Aline Kistenmacker Barros dos Santos (1976-):** Desde criança acompanhava seu pai no ministério e louvor da Comunidade Evangélica da Vila da Penha, na zona norte do Rio de Janeiro (RJ), onde também teve contato com Ludmila Ferber, que lhe era inspiração. A participação de gravações dessa comunidade chamou a atenção nas mídias e lhe oportunizou apresentações em igrejas e lhe despertou para a carreira solo na música gospel. Produziu alguns álbuns de forma independente, fez parte da MK Music e hoje está ligada à Sony Music. Nessa trajetória venceu sete vezes o Grammy Latino. Seu site está disponível em: < <http://www.alinebarros.com.br/portal/home> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Almeida Sobrinho – José Manoel Cavalcante de Almeida (1875-19??):** Foi um crente batista que ao se distanciar desta denominação e se aproximar da Assembleia de Deus, em 1921, criou o *Cantor Pentecostal*, primeiro hinário assembleiano o qual serviu de base para a *Harpa Cristã*. É também quem fundou o primeiro jornal pentecostal no Brasil, chamado *Voz da Verdade*, mas nem sempre esteve fixado em definitivo na Assembleia, oscilando também entre a criação de outra denominação e o retorno aos batistas.

**Aloízio Penido Bertho (1953-):** Pastor líder da Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora (MG), que, inspirado nas ideias de Rick Warren, coordenou seu crescimento nos anos 2000. Nessa cidade, é responsável por alguns programas nas rádios evangélicas, coordenou o conselho de pastores e já concorreu ao cargo de vereador, sem obter êxito. É também sogro da cantora Arianne.

**Aloysio Nunes Ferreira Filho (1945-):** Formado em Direito, iniciou-se na política nos anos 1960, em resistência armada contra o Regime Militar. Por conta dessa luta, foi condenado e saiu do país. Regressou ao Brasil em 1979 e esteve envolvido na mobilização pela redemocratização. Desde então vem exercendo cargos públicos, sobretudo em São Paulo. Nos anos 1990, como deputado federal pelo PMDB (atual MDB), foi relator do projeto da Lei de Direitos Autorais. Em 2014 foi candidato à vice-presidência pelo PSBD e, entre 2017 e 2018, foi Ministro das Relações Exteriores. Seu site está disponível em: < <http://www.aloysionunes.com/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Ana Feitosa (19??-):** Uma das líderes da Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul, possui várias composições em parceria com seu esposo, Edson Feitosa, tais como *Rompendo em Fé*, *Oferta Agradável a Ti*, *Fico Feliz* e *Sonda-me, Usa-me*, que se tornaram conhecidas entre os crentes na voz de diferentes artistas.

**Ana Paula Valadão – Ana Paula Machado Valadão Bessa (1976-):** Líder e fundadora do Ministério de Louvor Diante do Trono, despertou-se para a música ainda criança, ao participar de projetos da Jocum, mas as primeiras composições vieram após sua passagem pela CFNI, nos Estados Unidos. Com o ministério realizou diferentes projetos musicais, incluindo alguns infantis, que geraram álbuns de alta vendagem. Tornou-se uma das pessoas mais influentes na adoração no Brasil. Hoje é pastora e, com seu marido, lidera uma filial da Lagoinha, igreja dirigida por seu pai.

**Anderson Freire – Anderson Ricardo Freire (1980-):** É um dos compositores que mais recebeu valores relativos a direitos autorais de emissoras de rádio em 2015. Resultado da boa recepção que canções como *Raridade*, *Ressuscita-me* e *Sou Humano* tiveram entre os crentes. Tudo começou quando um CD com composições suas chegou às mãos de Cassiane que repassou para Aline Barros. Esta lhe apresentou à MK Music, por onde lançou seus primeiros álbuns pela Banda Giom, formada com seus irmãos. Desde 2013 lança trabalhos solo, com os quais conseguiu quatro indicações ao Grammy Latino, vencendo em 2016. Seu site está disponível em: < <http://www.andersonfreire.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Anderson Mattos (19??-):** Assim como seu irmão Marcelo, esteve envolvido na produção musical da Comunidade Evangélica da Vila da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro (RJ), responsabilizando-se pela percussão e por algumas composições. Entre elas, *Consagração*, que se tornou amplamente conhecida entre os crentes na voz de Aline Barros.

**André Valadão – André Machado Valadão (1978-):** Irmão de Mariana e Ana Paula Valadão, iniciou seu trabalho musical ao lado delas no Diante do Trono. Desde 2004 trabalha em carreira solo. Como pastor auxiliar na Igreja Batista da Lagoinha, liderada pelo seu pai, dirige cultos às terças-feiras. É proprietário da marca *Fé*, cujo símbolo em formato de escudo é estilizado em adesivos, chaveiros, bijuterias, camisas, bonés, cosméticos, entre outros. Seu site está disponível em: < <http://www.andrevaladao.com/home> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Antônio Cirilo da Costa (1965-):** Nascido no Vale do Jequitinhonha, o Nordeste Mineiro, migrou para a capital ainda na adolescência em busca de uma vida melhor. Lá teve contato com o movimento que ocorreu sob a influência de Dan Duke e é com essa influência que ele cria o Ministério Santa Geração, com o qual gravou álbuns com composições que se tornaram hits no meio evangélico. Entre elas, *Jesus, Meu Primeiro Amor*, regravação por Fernanda Brum. É o pastor líder da Igreja Batista de Contagem.

**Ariane - Ariane de Souza Bertho (1989-):** Nasceu no Rio de Janeiro, mas passou parte da vida em Juiz de Fora (MG). É nora do pastor Aloízio Penido, líder da PIB desta cidade. A



participação na gravação de *Jesus, Meu Primeiro Amor* em um álbum de Fernanda Brum, sua prima, chamou a atenção da MK Music, abrindo-lhe a oportunidade de gravar álbuns solo. Mas já passou pela Onimusic e em 2019 segue em contrato com a Sony. Seu site está disponível em: < <https://ariannemusic.com/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Armando Filho – Armando José da Silva Filho (1954-):** Iniciou seu contato com música ainda criança através de sua mãe que o estimulava a cantar na igreja em que congregavam. Seu primeiro álbum foi gravado em 1980. Com mais de 35 anos de carreira se firmou como cantor e compositor de canções bem conhecidas entre os crentes. Várias foram gravadas por outros artistas. É membro de uma igreja presbiteriana e irmão de Davi Silva.

**Arolde de Oliveira (1937-):** Formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, ingressou para a carreira política como deputado federal, primeiro assumindo interinamente durante o regime militar, depois vencendo sucessivos pleitos após a redemocratização. É nessa condição que adquiriu a Rádio 93 FM em 1992 e se integrou ao trabalho que a filha, Marina de Oliveira, vinha realizando com sua gravadora. A rádio e a gravadora, agregadas a outros meios, compõem o Grupo MK de Comunicação que, sob a liderança de sua esposa, Yvelise de Oliveira, muito influenciou a música gospel após os anos 1990. Em 2018 elegeu-se senador pelo Rio de Janeiro. Seu site está disponível em: < <https://www.aroldedeoliveira.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Asaph Borba – Asaph Roque de Souza Borba (1958-):** Foi batizado com esse nome bíblico por sua mãe, que era da Congregação Cristã do Brasil. Foi nessa igreja que teve seu primeiro contato com música. Despertou-se para o trabalho profissional após assistir uma apresentação de uma das equipes de Vencedores Por Cristo. Fundou uma gravadora em Porto Alegre (RS), com a qual já produziu vários álbuns e iniciou artistas que ficaram amplamente conhecidos entre os crentes, como Alda Célia, Kleber Lucas, Ludmila Ferber e outros. Muitas de suas composições tornaram-se utilizadas nos cultos de diferentes igrejas. Seu site está disponível em: < <http://www.asaphborba.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Bill Gaither (1936):** Cantor e compositor envolvido com a produção musical cristã desde os anos 1950. Inicialmente em um trio vocal e, desde os anos 1980, com uma banda. Sua proposta sempre foi mesclar canções novas com antigas em uma nova roupagem. Sua esposa Gloria Gaither colabora com esse trabalho desde 1964. Juntos realizaram composições que foram gravadas por muitos artistas diferentes. É deles a canção *Beacause He Lives*, que ganhou uma versão em português como *Porque Ele Vive* e foi incorporada aos hinários oficiais das igrejas evangélicas brasileiras.

**Bruna Karla Simplicio dos Santos (1989-):** Iniciou-se na música por influência de sua mãe, ainda muito criança, realizando apresentações em igrejas evangélicas em meio às dificuldades socioeconômicas enfrentadas pela família. Desde que foi apresentada à MK Music por Fernanda Brum, ainda aos 12 anos, lançou álbuns solo, os quais já lhe renderam quatro indicações ao Grammy Latino. Seu site está disponível em: < <http://www.brunakarla.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Bruno Caliman (1976-):** É um compositor brasileiro cujas canções, gravadas por diferentes artistas, vêm se tornando hits no Brasil, sobretudo na música sertaneja. Em seu estilo sempre procura falar de amor sem usar o verbo amar.

**Calito – Carlos Tadeu Grzybowski (19??-):** Criou com Marcia d'Haese, o Smilinguido, personagem principal de um universo fictício criado nos anos 1980, em pleno movimento de experimentação de novas expressões artísticas de fé puxado pela música. O mundo é uma

espécie de Turma da Mônica dos crentes. É quem assina as ilustrações. Os direitos autorais pertencem à Editora Luz e Vida, em Curitiba criada pelo casal para administrá-los. Já virou tirinha, história em quadrinhos, livro, capa de caderno, caneca, filme, almofada, agenda e até videogame, mas se popularizou mesmo foi como pequenos cartões com versículos bíblicos, usados tanto para evangelizar, quanto como marcador de Bíblia.

**Cassiane Santana Santos Manhães Guimarães (1975-):** Cantora que se destaca no gospel nos subgêneros pentecostal e adoração. Alguns de seus álbuns estão entre os mais vendidos da história da música no Brasil. Também possui álbuns de canções românticas gravadas com seu marido. Quando ele foi consagrado pastor, ela também foi convidada a ser, tornando-se a primeira mulher a ter esse título na Assembleia de Deus a que está ligada. Por muito tempo trabalhou com a MK Music, mas em um desacordo contratual, foi processada pela gravadora. Durante esse período teve passagens pela Sony Music e pela Onimusic. Após um acordo com Yvelise de Oliveira, a briga judicial foi encerrada e ela retornou à MK. Seu site está disponível em: < <http://www.cassiane.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Christie Tristão – Adriana Cristina Magalhães Tristão (1968-):** Líder do Ministério de Louvor Asas da Adoração, gerado em meio ao movimento que aconteceu na região metropolitana de Belo Horizonte sob a influência de Dan e Martin Duke. Com seu marido Nelson Tristão, e o apoio de alguns amigos, criaram a Escola Adorando. Com o ministério lançou álbuns com versões e composições próprias, gravados ao vivo em módulos da Escola.

**Cristina Mel – Maria Cristina Mel de Almeida Costa (1964-):** Teve seu primeiro contato com a fé evangélica na adolescência, em um evento promovido por missionários estadunidenses no Rio de Janeiro. Iniciou-se na música gospel pela gravadora Bompastor, mas passou por várias outras no decorrer da carreira. Tornou-se mais conhecida a partir de suas participações em um quadro de calouros no *Programa do Raul Gil*. Formada em Letras, por dez anos conciliou sua atividade musical com a docência em língua inglesa, até que resolveu dedicar-se exclusivamente à música. Produziu vários álbuns, e com quatro conseguiu ser indicada ao Grammy Latino. Seu site está disponível em: < <http://www.cristinamel.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Dan Duke (19??-):** É um missionário estadunidense que com sua esposa, Marti Duke, visita o Brasil desde 1983. Estabeleceram visitas mais regulares nos anos 1990, dando origem a um movimento em Minas Gerais que culminou em vários ministérios de louvor e adoração, como o Asas da Adoração, o Paixão, Fogo e Glória, o Santa Geração e o Clamor pelas Nações.

**Daniel Berg – Gustaf Daniel Berg (1884-1963):** Foi um missionário batista sueco que veio para o Brasil a partir dos Estados Unidos, com seu amigo Gunnar Vingren. Após uma controvérsia com a igreja que os recebeu em Belém do Pará, iniciaram um trabalho independente que culminou na criação da Assembleia de Deus no Brasil.

**Daniel Souza (1968-):** Com pais evangélicos, desde criança se envolveu com o serviço de música em sua igreja, tendo lançado LPs e K7s com o projeto *Frutos do Espírito*, que fizeram muito sucesso entre os crentes no início dos anos 1990. Não é tão conhecido quanto sua composição *Corpo e Família* (Recebi um novo coração do Pai...), preferida para as cerimônias de batismo.

**Davi Sacer – Davi Amorim de Oliveira (1975-):** É cantor, compositor e produtor musical dedicado à música gospel. Sua primeira gravação se deu com a participação em um projeto da Jocum, organização através da qual conheceu Verônica, que se tornou sua esposa. Foi um dos principais vocalistas e compositores dos ministérios pelos quais passou, mas desde 2010

segue em carreira solo. Seu site está disponível em: < <http://davisacer.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Davi Silva (19??-):** Músico hoje ligado à Comunidade da Graça em Londrina (PR), teve seu primeiro álbum gravado com o apoio de Asaph Borba. À semelhança de seu irmão, Armando Filho, tem composições amplamente conhecidas no meio evangélico. Hoje segue carreira solo, na qual têm sua esposa e seus filhos também envolvidos, e está ligado à Onimusic. Seu site está disponível em: < <http://www.davisilva.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**David Quinlan – David Martim Quinlan (1968-):** Atuava como intérprete de missionários americanos no início dos anos 1990 quando conheceu Dan Duke e passou a ajuda-lo em seus trabalhos no Brasil. Com suas habilidades em voz e violão logo foi convidado a assumir o ministério de louvor nas conferências realizadas, integrando o movimento de adoração que teve o epicentro em Minas Gerais. A partir dele, criou o Ministério Paixão, Fogo e Glória com o qual realiza cerca de duas conferências ao ano. Seu álbum de maior sucesso no meio gospel foi gravado ao vivo em uma delas, realizada em Curitiba (PR). É ligado à Igreja Batista de Contagem e à Som Livre. Seu site está disponível em: < <http://www.davidquinlan.com.br/site/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Eber Silva (1948-):** Pastor dirigente da Segunda Igreja Batista de Campos do Goytacazes. Em 2018, após 30 anos à frente da igreja, se prepara para transferir a liderança.

**Eden Reeder Latta (1839-1915):** Compositor cuja obra era bem recebida nas campanhas avivalistas que ocorreram no século XIX nos Estados Unidos e impulsionaram missionários a virem para o Brasil. Almas canções migraram com eles, ganharam versões em português e foram integradas aos hinários oficiais. Entre elas, *Alvo Mais que a Neve*, que ele compôs com seu amigo Henry Pekins.

**Edir Macedo Bezerra (1945-):** Líder da Igreja Universal do Reino de Deus, denominação que fundou em 1977 com o auxílio de seu cunhado, R. R. Soares que em pouco tempo a deixou para criar outra igreja. Como pastor sempre esteve presente nos meios de comunicação. Publicou livros de alta vendagem, não apenas no Brasil, adquiriu a RecordTV em 1989, e criou a Rede Aleluia em 1998 aglutinando as emissoras de rádio adquiridas pela igreja desde a sua fundação. Em meio à sua influência midiática, empresarial e política, já esteve envolvido em diversas controvérsias. Ficou preso por 15 dias em 1992 por conta delas.

**Edson Feitosa (19??-):** Um dos fundadores da Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul (Rio de Janeiro, RJ) em 1980. É seu pastor líder e possui várias composições em parceria com sua esposa, Ana Feitosa, tais como *Rompendo em Fé*, *Oferta Agradável a Ti*, *Fico Feliz* e *Sonda-me, Usa-me*, que se tornaram conhecidas na voz de diferentes artistas.

**Elaine de Jesus – Elaine Cristina de Jesus Silva (1977-):** Filha do pastor dirigente de uma das Assembleias de Deus no Paraná, é uma cantora gospel tida como referência no subgênero pentecostal. Destacando-se nesse meio desde 1999, já passou diferentes gravadoras e hoje está ligada à MK Music. Seu site está disponível em: < <http://www.elainedejesusmk.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Eli Soares dos Reis (19??-):** Aprendeu a tocar violão e bateria ainda criança na igreja evangélica em que seus pais congregavam. Como cantor e compositor, venceu um concurso realizado pela Rede Super em 2009 cujo prêmio lhe permitiu lançar de forma independente seu primeiro álbum. Hoje está ligado à Universal Music. Seu site está disponível em: < <http://www.elisoares.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Elizeu Gomes – Elizeu Moraes Gomes de Oliveira (1966-):** Pastor assembleiano envolvido com música desde antes de se despertar para o pastorado, tem várias composições gravadas por diferentes artistas do meio gospel. Como cantor lança álbuns desde 1980 e em sua passagem pela MK Music se destacou com coletâneas de canções sobre o meio rural. Seu blog está disponível em: < <http://elizeugomess.blogspot.com/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Emerson Pinheiro – Emerson da Cruz Pinheiro (1974-):** É cantor, compositor, produtor e arranjador ligado atualmente ligado à MK Music. Carioca, aprendeu a tocar teclado e bateria na igreja que seus pais frequentavam. Ao tocar em uma das reuniões da Adhonet, conheceu Fernanda Brum, que veio a se tornar sua esposa. Ex-integrante do grupo Quatro por Um, hoje segue em carreira solo e é pastor dirigente em uma igreja evangélica no Rio de Janeiro. Seu site está disponível em: < <http://www.emersonpinheiro.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Ern Baxter - Willian John Ernest Baxter (1914-1993):** Foi um evangelista pentecostal canadense cujas ideias a respeito do trabalho com música no âmbito da fé foram muito influentes em diferentes países, especialmente o Reino Unido, gerando um movimento de renovação musical.

**Estevam Hernandes Filho (1954-):** Fundador e líder da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, já atuava na mídia antes da fundação da igreja. Foi um dos pioneiros na criação de programas de rádio e TV para entretenimento dos crentes e também um dos responsáveis por trazer a Marcha Para Jesus para o Brasil. Essa atuação sempre foi feita em parceria com sua esposa, a bispa Sônia Hernandes. Seu site está disponível em: < <http://www.apostoloestevam.com.br/2012/index.html> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Eyshila – Eyshila Oliveira Santos (1972-):** Iniciou na música no grupo Altos Louvores, mas em 1995 direcionou-se à carreira solo, integrando a MK Music. Em meio a esse trabalho conheceu Fernanda Brum e dessa amizade surgiram dois álbuns com canções sobre a relação entre amigos interpretadas pelas duas. É também esse o gérmen do grupo Voices, que ainda contou com a participação de sua irmã Liz Lanne. Desde 2012, Eyshila está ligada à Central Gospel Music, gravadora liderada por Silas Malafaia, seu concunhado. Suas composições também foram gravadas por outros artistas. Algumas delas surgiram meio à luta contra a dependência química de seu marido que hoje é pastor em uma das Assembleias de Deus liderada por Malafaia. Site disponível em: < <http://www.eyshilaoficial.com/biografia.cfm> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Fernanda Brum Costa da Cruz (1976-):** Tem passagem pela Comunidade Evangélica da Vila da Penha, no Rio de Janeiro (RJ), quando participou de uma gravação em 1994. Nesse ano também lançou seu primeiro álbum solo. Em sua carreira sempre esteve associada à MK Music, com a qual lançou cerca de 20 álbuns, incluindo dois com canções sobre amizade, gravados com sua amiga Eyshila. Em meio a isso, venceu o Grammy Latino em 2015. Ademais, integrou o grupo Voices e teve participações em gravações de outros artistas. É casada com Emerson Pinheiro e juntos pastoreiam uma igreja no Rio de Janeiro. Seu site está disponível em: < <http://www.fernandabrum.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Fernandinho – Fernando Jerônimo dos Santos Júnior (1973-):** Conhecido pela pecha que recebeu por ter o mesmo nome do pai, é pastor auxiliar da Segunda Igreja Batista de Campos do Goytacazes, em São Paulo. Contudo, desde 2001 tornou-se mais conhecido por sua produção musical, que têm sido bem recebida por crentes de diferentes igrejas. Amigo de Christie e Nelson Tristão, é ligado à Onimusic e já foi professor em módulos da Escola Adorando. Seu site está disponível em: < <https://fazchover.com.br> >. Acesso em 21 jan. 2019.



**Gabriela Rocha Corrêa (1994-):** Tornou-se conhecida ainda adolescente ao vencer um concurso do *Programa Raul Gil* em 2008, mas o renome no meio evangélico veio após sua participação num dos álbuns ao vivo de Talles Roberto. Desde 2012 lançou álbuns com canções de adoração pela Sony Music, mas a partir de 2017 começou a trabalhar com a Onimusic. É membro da filial da Igreja Batista da Lagoinha em Niterói (RJ). Seu site está disponível em: < <http://gabrielarocha.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Geraldo Alckmin – Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho (1952-):** nascido em Pindamonhangaba (SP), foi um dos fundadores do PSDB (Partido da Social democracia Brasileira), partido pelo qual foi governador de São Paulo entre 2001 e 2006 e entre 2011 e 2018 e concorreu à presidência do Brasil nos pleitos de 2006 e de 2018. É católico, mas, dentro de uma perspectiva conservadora, sempre acenou positivamente aos evangélicos.

**Gerson Freire – Gerson Bento Freire (1972-):** um dos integrantes do grupo que se reunia em torno do trabalho de Dan Duke em Minas Gerais, embora tenha se distanciado dele, de forma que hoje não consta como professor da Escola Adorando. Em 2014 defendeu uma dissertação em Ciências da Religião em 2014, sobre a história da Soter (FREIRE, 2014).

**Gerson Ortega (19??-):** Médico e músico paulista dedicado ao trabalho relacionando fé e música desde os anos 1970, quando integrou uma das equipes de Vencedores Por Cristo. Hoje trabalha com foco em adoração. Foi palestrante em módulos da Escola Adorando. É um dos pastores auxiliares da Comunidade Cristã da Família, em Foz do Iguaçu (PR).

**Giselli Cristina de Oliveira Carneiro (1979-):** Cantora e compositora ligada às Assembleias de Deus e dedicada ao subgênero pentecostal. Começou a trabalhar com música ainda criança, apresentando-se em igrejas. Em produção independente, já lançou mais de 20 álbuns, mas sua maior projeção advém da canção *Meu Barquinho*, feita por seu irmão Moisés Cleyton, que participa da gravação. Em 2014 ela ficou alguns meses entre as mais tocadas pelas emissoras de rádio gospel. Seu blog está disponível em: < <http://gisellicristina2.blogspot.com/p/contatos.html> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Gloria Gaither (1936):** Trabalha com música pelo menos desde 1964, quando passou a colaborar com seu marido, Bill Gaither, em um trio vocal que seguia a proposta de mesclar canções novas com antigas em uma nova roupagem. Juntos criaram composições que foram gravadas por vários artistas *gospel*. É deles a canção *Beacause He Lives*, que ganhou uma versão em português como *Porque Ele Vive* e foi incorporada aos hinários oficiais das igrejas evangélicas brasileiras.

**Gunnar Vingren (1879-1933):** Foi um missionário batista sueco que veio para o Brasil a partir dos Estados Unidos, com seu amigo Daniel Berg. Após uma controvérsia com a igreja que os recebeu em Belém do Pará, iniciaram um trabalho independente que culminou na criação da Assembleia de Deus no Brasil. Com complicações de saúde, retornou à terra natal, onde faleceu e foi sepultado.

**Gustavo Soares – Gustavo Filadelfo Soares (1977-):** Atuou no Diante do Trono como tecladista e produtor musical em seus primeiros trabalhos, mas desde 2005 distanciou-se desse ministério para dedicar-se aos trabalhos de Nívea Soares, sua esposa. Também já atuou como dublador no projeto Crianças Diante do Trono e como produtor musical, arranjador e instrumentista em álbuns de Antônio Cirilo, David Quinlan e Judson de Oliveira.

**Heloísa Rosa – Heloisa de Oliveira Rosa Grubert (1982-):** Ainda criança começou a cantar por influência dos pais na igreja que frequentavam. Membro da Igreja Batista de Contagem,

participou da gravação de álbuns dos ministérios que surgiram com o movimento que ocorreu em Minas Gerais com a influência de Dan e Martin Duke. Iniciou sua carreira solo em 2003. Teve uma passagem pela Graça Music, mas hoje produz com uma gravadora menor. Seu site está disponível em: < <http://heloisarosa.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Henry Maxwell Wrigth (1849-1931):** Evangelista português que sentiu despertar sua vocação evangelística associando-se a batistas britânicos e, a partir de em uma passagem por uma área de imigração portuguesa nos EUA caracterizada por forte presença de igrejas presbiterianas, empreendeu viagens missionárias ao Brasil no final do século XIX, com passagens por Rio de Janeiro e Pernambuco. É quem fez a versão em português de *Alvo Mais que a Neve*.

**Henry Southwick Perkins (1833-1914):** Músico que teve composições em parceria com Eden Latta bem recebidas no movimento avivalista que ocorreu no século XIX nos Estados Unidos, impulsionando missionários à vinda para o Brasil. Almas delas ganharam versões em português e foram integradas aos hinários brasileiro. Entre elas, *Alvo Mais que a Neve*.

**Herbert Viana – Herbert Lemos de Souza Vianna (1961-):** É integrante do grupo de rock Os Paralamas do Sucesso. Em 2001, sofreu um acidente de avião a partir do qual perdeu sua esposa e ficou paraplégico. Recuperou-se gradualmente e retomou sua carreira em 2004, história que foi integrada à campanha *O melhor do Brasil é o brasileiro*, da Associação Brasileira de Anunciantes.

**Jacó Armínio (1560-1609):** Nasceu em uma província dos Países Baixos e ficou órfão ainda muito jovem, sendo adotado por um pastor. Estudou Teologia na Universidade de Leiden com professores que questionavam algumas premissas do calvinismo e, a partir daí, adotou uma crítica mais radical, entendendo que a vontade do homem corrobora para sua salvação.

**Jaime Kemp (19??-):** Missionário estadunidense chegou ao Brasil em 1968 com o objetivo de treinar uma equipe de jovens para o anúncio de sua fé através da música. O êxito que enxergou na primeira equipe lhe despertou o desejo de formar outras e essa é a origem do Vencedores por Cristo, projeto ainda na ativa, embora não com a visibilidade que teve nas décadas de 1970 e 1980.

**Jair Bolsonaro – Jair Messias Bolsonaro (1955-):** Foi deputado federal por sete mandatos consecutivos pelo Rio de Janeiro, entre 1991 e 2018. Tornou-se o 38º presidente do Brasil em uma campanha marcada pela influência da internet, pelo atentado que sofreu em Juiz de Fora (MG) e pelo apoio que obteve de muitas pessoas de renome no meio evangélico.

**Jean Wyllys de Matos Santos (1974-):** Conhecido inicialmente por sua participação e vitória da quinta edição do Big Brother Brasil, reality show realizado sob a responsabilidade da Rede Globo de Televisão. Desde 2010 mantém-se como deputado federal pelo PSOL, eleito por sucessivos mandatos nos quais tem se destacado na defesa dos direitos de minorias.

**João Calvino (1509-1564):** Teólogo que muito influenciou os desdobramentos da Reforma Protestante. Suas principais ideias remetem à teoria da predestinação, em que se acreditava que Deus já havia eleito (predestinado) algumas pessoas para a salvação e outras para a perdição. Teve uma grande contribuição na constituição política da Suíça, a partir de sua atuação na cidade de Genebra.

**João Moreira Salles (1962-):** Documentarista, roteirista e produtor de cinema brasileiro, possui um documentário sobre o surgimento de uma igreja evangélica pentecostal chamado *Santa Cruz*, lançado em 2000.



**Jônatas M. Liasch (19??-):** Também conhecido como Natinha, é teólogo, publicitário, compositor e produtor musical. Foi um dos fundadores da Associação de Músicos Cristãos e é um dos comentaristas da *Bíblia de Estudo Louvor e Adoração*.

**José Sarney – José Sarney de Araújo Costa (1930-):** nascido José Ribamar Ferreira de Araújo Costa, foi o 31º presidente do Brasil. Na verdade, era vice e assumiu após a morte de Tancredo Neves, o primeiro presidente eleito por voto direto após a redemocratização. Sarney governou o país durante o conturbado período da constituinte e, mesmo católico, tinham aproximação com a bancada evangélica. Uma de suas frases conhecidas como presidente era que os evangélicos eram o grande fato da constituinte.

**Judson de Oliveira (19??-):** Participou do movimento que ocorreu em Minas Gerais com a influência de Dan e Martin Duke, a partir do qual se despertou para a produção musical. É pai de oito filhos, três biológicos e cinco adotivos. Hoje é um dos pastores da Igreja Batista de Contagem (MG) e líder do Ministério Judá. Trabalha com a Onimusic. Seu site está disponível em: < <https://www.juda.com.br/> >. Acesso em 17 mar. 2018.

**Lauriete Rodrigues Malta (1970-):** Cantora e compositora, membro das Assembleias de Deus, começou a cantar ainda criança na igreja frequentada pelos pais. Lançou seu primeiro álbum em 1982. Com cerca de trinta discos lançados por diferentes gravadoras, tornou-se hoje uma das referências no subgênero gospel pentecostal. Também foi eleita deputada federal pelo Espírito Santo nas Eleições de 2010 e 2018. É casada com o ex-senador Magno Malta. Seu site está disponível em: < <http://www.lauriete.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Lúcia Lombardi (1964-):** Desde a gravação de seu primeiro LP em 1986, teve sucesso como cantora de MPB, com músicas tocadas nas emissoras de rádios nacionais e utilizadas em seriados da Rede Globo de Televisão. Essa trajetória foi interrompida com um acidente que sofreu em 1991. Foi em meio à sua recuperação que se deram os primeiros contatos com a IURD e a Line Records, que na época passava por uma reconfiguração a fim de que se voltasse exclusivamente para o público evangélico. Mas a cantora também teve passagens por uma Assembleia de Deus e uma igreja batista, e lançou quase todos os seus álbuns gospel de maneira independente. Não possui site oficial. Essas informações foram fornecidas por De Paula (2006, 2007).

**Luís da Câmara Cascudo (1898-1986):** foi um natalense que se dedicou sua vida ao estudo das manifestações culturais brasileiras, tornando-se um importante nome na literatura.

**Luiz Arcanjo – Luiz Carlos da Silva (1974-):** Cantor, compositor e multi-instrumentista, foi um dos líderes que deixou o Ministério Toque no Altar e fundou o Trazendo a Arca por discordar dos rumos tomados no mercado fonográfico. Diversas composições que fez com seu amigo Davi Sacer são muito conhecidas entre os crentes. Entre elas, a canção *Tua Graça Me Basta*. É o líder do Trazendo a Arca, mas também possui um álbum solo em estilo MPBC (música popular brasileira cristã), que lançou de forma independente em 2009.

**Luiz Cardoso (19??):** Um dos pastores auxiliares da Igreja Missionária Filadélfia de Juiz de Fora (MG), líder da banda Vinho Novo.

**Luiz de Carvalho – Luiz Agapito de Carvalho (1925-2015):** Foi pioneiro na produção musical dos crentes em muitos aspectos. Um dos primeiros a introduzir o violão nos cultos das igrejas e a gravar um LP com canções de fé ainda nos anos 1950. Também fundou uma gravadora no início dos anos 1970 que, adquirida por seu filho, tornou-se a Bompastor, a

primeira do meio evangélico a alcançar alguma projeção nacional. Ao longo de sua carreira gravou mais de 60 álbuns. O último, de 2011, foi intitulado *Adoração*.

**Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989):** Nascido em Pernambuco, é conhecido como “o rei do baião” e é tido como um dos mais criativos músicos brasileiros, destacando-se pelas canções que expressam a cultura do sertão nordestino, com destaque para as letras que falam do sofrimento que envolve a migração que lhe é característica. Como *Asa Branca*, que se tornou antológica.

**Ludmila Ferber – Ludmila Múrias Ferber (1965-):** Carioca, filha de imigrantes. Seu nome foi dado pelo pai, de origem russa. A aproximação com o multiverso dos crentes se deu aos 20 anos, a partir de um evento que sua família participou quando o pai enfrentava uma grave enfermidade. Iniciou seu envolvimento com o trabalho musical manuseando transparências no projetor de uma igreja em Botafogo (Rio de Janeiro, RJ). Na Comunidade Evangélica da Vila da Penha passou a dedicar-se mais à música, integrando projetos de álbuns desta e de outras comunidades; e inspirando outras pessoas ao mesmo, como foi o caso de Aline Barros. Hoje é membro da Igreja Batista da Lagoinha na filial em Niterói, RJ. Seu site está disponível em: < <http://ludmilaferber.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Keila Miranda (1982-):** Iniciou-se na música ainda adolescente, quando seu pai percorria o interior de Minas Gerais a fim de abrir igrejas, sempre deixando-a cantar para atrair pessoas. Dedicou-se ao subgênero pentecostal, no qual produziu oito álbuns. Teve uma passagem pela Graça Music, mas a maioria dos trabalhos foram produzidos por gravadoras de menor visibilidade. Seu site está disponível em: < <https://keilamiranda.weebly.com/index.html> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Kleber Lucas – Kleber Lucas Costa (1968-):** Fez parte de alguns grupos musicais, mas desde 1996 segue em carreira solo na música gospel. Ligado à MK Music, lançou alguns álbuns que tiveram alta vendagem, o que lhe rendeu uma indicação e uma premiação no Grammy Latino. Também trabalhou na produção musical de outros cantores. Tem participado de atos contra intolerância religiosa ao lado de pessoas ligadas às religiões de matriz africana, o que nem sempre é bem compreendido por alguns crentes. Seu site está disponível em: < <http://www.kleberlucas.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Mahalia Jackson (1911-1972):** Foi uma das principais cantoras do *gospel* nos Estados Unidos. Apresentou-se em ocasiões importantes, como a marcha pelos direitos civis de 1963, quando antecedeu Martin Luther King em seu famoso discurso *I Have a Dream*.

**Marcelo Dias (19??-):** Por quase uma década foi técnico de som na Lagoinha e trabalhou nas gravações ao vivo do Diante do Trono. Já participou de gravações de David Quinlan, Nívea Soares, Antônio Cirilo, Judson de Oliveira e outros. É em meio a essa atividade que idealizou a empresa Diasom Professional Audio. Integra de maneira fixa a equipe do ministério de Nívea Soares.

**Marcelo Mattos (19??-):** Assim como seu irmão Anderson, esteve envolvido na produção musical da Comunidade Evangélica da Vila da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro (RJ), responsabilizando-se pela produção digital e por algumas composições. Entre elas, *Tua Palavra* e *Louvor ao Rei* que se tornaram amplamente conhecidas entre os crentes na interpretação de Aline Barros.

**Marcelo Ramos Motta (1931-1987):** Foi um divulgador de ideias ocultistas no Brasil. Teve como discípulos Raul Seixas e Paulo Coelho, com os quais compôs algumas canções.

**Marcelo Rossi – Marcelo Mendonça Rossi (1967-):** Padre-cantor tomado como um dos ícones da Renovação Carismática Católica no Brasil, tornou-se conhecido pelas coreografias usadas em suas celebrações. Em sua carreira, sempre incorporou composições de evangélicos, o que já foi alvo de controvérsias entre eles. Lançou vários álbuns, sendo que o *Músicas Para Louvar ao Senhor* consta como um dos mais vendidos da história da música brasileira. Também teve sucesso na venda de livros, produziu filmes e programas de rádio, bem como participou de programas de TV. Seu site está disponível em: < <http://www.padremarcelorossi.com.br/indexmbl.php> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Márcia d’Haese (19??-):** Criou o Smilinguido com Carlos Tadeu Grzybowski, o “calito”, bem como a Editora Luz e Vida para administrar as questões em torno das ilustrações.

**Márcio Valadão – Márcio Roberto Vieira Valadão (1947-):** Pai de André e Ana Paula Valadão, está como pastor dirigente da Igreja Batista da Lagoinha desde 1972. Fundou a Rede Super de televisão em 2000, na qual possui um programa próprio desde 2002. É também autor de vários livros.

**Marco Feliciano – Marco Antônio Feliciano (1972-):** De origem pobre, começou a pregar pelas igrejas pentecostais aos 19 anos, mas encontrava resistência quando revelava que não era pastor. Só quando teve a primeira oportunidade de pregar em um encontro dos Gideões Missionários da Última Hora, aos 26 anos, é que teve maior reconhecimento. A partir daí foi consagrado pastor nas Assembleias de Deus e se tornou conhecido entre os crentes através de suas pregações gravadas em DVD. Com essa fama conseguiu eleger-se deputado federal em 2010 e, desde então, vem se mantendo em sucessivos mandatos. Em meio a eles já se envolveu em diversas controvérsias. Também publicou livros, gravou álbuns como cantor e compositor e dirige uma igreja ligada às Assembleias de Deus. Seu blog está disponível em: < <https://blog.marcofeliciano.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Marcos With – Jonathan Mark Witt Holder (1962-):** Cantor e compositor estadunidense. Desde sua primeira gravação em 1986 já lançou mais de trinta álbuns, tornando-se influente na produção musical cristã a nível internacional. São sempre produzidos por sua gravadora própria e trazem canções majoritariamente em espanhol. Foi pastor na *Iglesia Lakewood*, que com mais de 50 mil membros possui um dos maiores templos evangélicos do mundo. É autor do livro *¿Que hacemos com estos musicos?*. Seu site está disponível em: < <http://www.davisilva.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Mariana Valadão – Mariana Machado Valadão (1984-):** Irmã de André e Ana Paula Valadão, iniciou seu trabalho musical ao lado deles no Diante do Trono. Dedicada à carreira solo desde 2008, lançou cinco álbuns. Foi na sua voz que os crentes tiveram o primeiro contato com *Deus Me Ama*, composição de Talles Roberto. É pastora e com seu marido lidera a filial da Igreja Batista da Lagoinha em Niterói, RJ.

**Marina de Oliveira Menezes (1961-):** Filha de Yvelise e Arolde de Oliveira, é a fundadora da MK Music (inicialmente MK Publicitá), uma das mais influentes empresas de música gospel. Nela vem atuando como produtora musical, diretora de vídeo e arranjadora. Como cantora e compositora lançou álbuns solo e integrou o grupo Voices. Também apresentou entre 1997 e 2007 o programa *Conexão Gospel* na Rede Manchete e na RedeTV!. No ano em que ganhou o Grammy Latino, perdeu o marido e o irmão em um acidente de ultraleve. Seu site está disponível em: < <http://www.marinadeoliveira.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Martin Duke (19??-):** É uma missionária estadunidense que com seu marido, Dan Duke, visita o Brasil desde 1983. Estabeleceram visitas mais regulares nos anos 1990, dando origem

a um movimento em Minas Gerais que culminou em vários ministérios, como o Asas da Adoração, o Paixão, Fogo e Glória, o Santa Geração e o Clamor pelas Nações.

**Martin Luther King Júnior (1929-1968):** Pastor batista conhecido por sua militância não violenta pelos direitos civis dos negros estadunidenses e contra a segregação racial, motivo pelo qual foi assassinado. *I Have a Dream*, um de seus discursos mais famosos, foi realizado em 1963, por ocasião da marcha em direção à Casa Branca realizada por uma multidão estimada em duzentos mil militantes que reivindicavam direitos políticos para negros.

**Martinho Lutero (1483-1546):** Foi um monge agostiniano que se insurgiu contra alguns dogmas do catolicismo de sua época, dando origem à Reforma Protestante. Tal insurgência que tem como um marco a publicação de suas 95 teses em 1517, é tida como o estopim do movimento reformador. Foi excomungado da Igreja Romana em 1521 por se recusar a retratar-se de seus escritos. É a partir de Lutero que a Bíblia é tomada como central no protestantismo. Uma de suas grandes contribuições nesse sentido foi a tradução do Novo Testamento para o alemão.

**Massao Sugiara (1954-):** Esteve envolvido com música desde no final da década de 1970, quando visitou diversos países em atividades missionárias como integrante de uma das equipes do Vencedores por Cristo, mas seu destaque no Brasil só aconteceu duas décadas depois, ao terminar seu curso de Teologia nos Estados Unidos, quando voltou ao país com o desejo de criar uma rede de pessoas envolvidas com adoração e se aproximou da Associação de Músicos Cristãos. Hoje dirige o projeto Adoração & Adoradores, que possui um instituto para formação de ministros e tem realizado vários encontros entre aqueles de maior renome entre evangélicos. Alguns resultaram na gravação de álbuns.

**Maurício Soares (19??-):** Dirigente do departamento gospel da Sony Music.

**MCs Tiago e Diogo:** Os gêmeos trabalharam com MCs conhecidos nos bailes funk do Rio de Janeiro, se afastaram da atividade quando se tornaram crentes e, depois de alguns anos, em 2010, lançaram um álbum de gospel funk de maneira independente que se tornou muito conhecido nas rádios gospel da Região Metropolitana do Rio. Isso chamou a atenção da Sony Music, que lhes integrou em seu cast por um breve período (AZEVEDO, 2012).

**Moisés Cleyton de Oliveira (19??-):** Ligado às Assembleias de Deus, é o compositor da canção *Meu Barquinho*, gravada por sua irmã Giselli Cristina. Interpretou com ela a gravação ao vivo que, em 2014, ficou alguns meses entre as mais tocadas em emissoras de rádio gospel.

**Nelson Tristão (1964-):** Empresário mineiro dedicado à adoração, está à frente da Editora Adorando e da Onimusic. Também colabora com sua esposa, Christie Tristão, na liderança do Ministério Asas da Adoração e na Escola Adorando. Todo esse trabalho teve início no movimento que ocorreu em Minas Gerais com a influência de Martin e Dan Duke. É auxiliando o casal em suas atividades no Brasil durante os anos 1990 que se envolveu cada vez mais com música enquanto expressão de fé e ramo de negócio. Atualmente cuida de mais de 80 mil canções com sua editora e recebe, por ano, cerca de mil pedidos de artistas evangélicos de todo Brasil com o desejo de trabalhar com a Onimusic.

**Nívea Soares – Nívea da Costa Soares (1976-):** Esteve envolvida no movimento de adoração fomentado por Martin e Dan Duke em Minas Gerais, fazendo vocais em gravações ao vivo de David Quinlan e Antônio Cirilo. Membro da Igreja Batista da Lagoinha, fez parte do Diante do Trono por sete anos, mas se desligou em 2005 a fim de dedicar-se à carreira solo, que havia iniciado em 2003. Seu álbum mais recente é *Reino de Justiça*, gravado ao vivo

em 2015 em uma Igreja Bola de Neve em Campinas, SP. Seu site está disponível em: < <https://niveasoares.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Paulo Coelho de Souza (1947-):** é um escritor brasileiro recordista de vendas. Despertou-se para leitura no movimento hippie dos anos 1970. É nele que conheceu Raul Seixas e se tornaram parceiros na composição de músicas.

**Paulo Leivas Macalão (1903-1982):** Um dos principais editores da *Harpa Cristã*, compositor de vários hinos que nela foram acrescentados. Esteve envolvido na controvérsia que deu origem às Assembleias de Deus – Ministério Madureira.

**PG – Pedro Geraldo Mazarão (1976-):** Seu primeiro contato com os crentes se deu no início dos anos 1990, ao participar de shows das bandas de rock geradas com a Igreja Renascer em Cristo. Foi nesta igreja que começou a se envolver com música, como cantor e vocalista. Ali também surgiram as primeiras composições. Entre 1998 e 2003 foi o vocalista principal da banda Oficina G3, da qual saiu após ser consagrado a pastor na comunidade evangélica a qual estava ligado na época. Foi uma saída controversa, com críticas de ambos os lados, mas o resultado é que passou a dedicar-se à carreira solo. Seu primeiro álbum saiu em 2004 com o título *Adoração* e lhe rendeu alguns convites de pastores que terminavam assustados com o rock que fazia. Passou pela MK Music, pela Som Livre e hoje está ligado à Onimusic. Seu site está disponível em: < <http://www.cantorpg.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Phillip Jakob Spener (1635-1705):** É considerado o pai do pietismo protestante por conta de sua reação à ortodoxia luterana, marcada pela publicação da obra *Pia Desideria* (Desejos Pios), em 1675, onde apresentava propostas de reforma da igreja alemã. Defendia menor controle da igreja sobre o exercício da fé.

**R. R. Soares – Romildo Ribeiro Soares (1947-):** Começou seu trabalho missionário visitando hospitais com seu cunhado Edir Macedo, intercedendo pelos enfermos. Juntos deram início à Igreja Universal do Reino de Deus, mas R. R. logo se desligou do grupo e fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus. Líder da igreja, ele também preside o Grupo Graça de Comunicação, constituído por emissoras de rádio e TV, uma editora e uma gravadora, na qual já passaram pessoas de renome na música gospel. É também compositor. Entre as suas canções, destaca-se *Escrita pelo Dedo de Deus*, que fez em parceria com Talles Roberto, que a gravou em uma coletânea e em um álbum ao vivo.

**Raul Seixas – Raul Santos Seixas (1945-1989):** É considerado um dos pioneiros do rock no Brasil, combinava o estilo com baião e compunha sobre temas místicos inspirado em tradições orientais

**Regis Danese – João Geraldo Danese Silveira (1973-):** Foi vocalista e compositor de canções de pagode nos anos 1990, mas durante uma crise no casamento, aproximou-se do meio evangélico e cessou essa atividade. Inseriu-se no meio gospel nos anos 2000, lançando álbuns que tiveram boa recepção. Mas sua popularidade veio mesmo é com a canção *Faz um Milagre em Mim*, lançada em 2009 e bem quista por crentes e não crentes. Seu site está disponível em: < <https://www.regisdanese.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Renato Vargens (1967-):** Pastor conhecido por seu polêmico antipentecostalismo e sua insurgência contra a música gospel, fundou em 2001 uma igreja em Niterói (RJ) com o objetivo de se afastar do que ele considerava neopentecostalismo e liberalismo teológico, voltando-se ao que ele entende como princípios da Reforma Protestante. Tem realizado no



Brasil e em outros países. Seu blog está disponível em: < <http://renatovargens.blogspot.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Ricardo Robortella (19??-):** Líder do Ministério Clamor pelas Nações e membro da Igreja Batista da Lagoinha, tem a adoração como uma estratégia para despertar crentes para a atividade missionária. Tem atuado em grandes eventos como Olimpíadas e Copa do Mundo em diferentes países.

**Rick Warren – Richard Duane Warren (1954-):** É um pastor estadunidense líder da Saddleback Church, uma igreja batista na Califórnia que possui frequência semanal de mais de 20 mil pessoas. Tornou-se amplamente conhecido após publicar os livros *Uma Vida com Propósitos* e *Uma Igreja com Propósitos*. O primeiro já foi traduzido para mais de 50 idiomas e o segundo tem sido bem recebido entre pastores brasileiros de diferentes denominações, sobretudo batistas ligados à CCB.

**Roberth Kalley (1909-1988):** Um dos pioneiros na introdução do protestantismo no Brasil e em Portugal, colaborou com sua esposa, Sarah Kalley, na criação do hinário *Salmos e Hinos*.

**Roberto Carlos Braga (1941-):** É o artista solo com mais álbuns vendidos da história da música brasileira. Iniciou no samba, ganhou maior visibilidade quando passou pelo rock nos anos 1960, mas desde os anos 1970 fixou-se em música popular romântica e é como tal que se mantém até hoje, realizando apresentações especiais de fim de ano, exibidas na Rede Globo por ocasião do natal. É nessa virada dos anos 1970 que ele começa a compor músicas com temáticas cristãs. A canção *Jesus Cristo* é um exemplo. Seu site está disponível em: < <http://www.robertocarlos.com/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Rodolfo Abrantes – Rodolfo Gonçalves Leite de Abrantes (1972-):** Tornou-se conhecido nos anos 1990 como cantor e compositor na banda Raimundos, da qual se afastou após sua conversão. Depois de alguns anos, criou a banda Rodox com a qual gravou dois discos para quitar o contrato que tinha com a gravadora da banda anterior. A banda teve boa recepção, mas ele teve dificuldades de conciliar as agendas depois que foi consagrado a pastor na igreja em que frequentava. Desde 2006 segue em carreira solo com álbuns voltados para o público evangélico, mas é conhecido por suas severas críticas ao mercado gospel. Tem trabalhado com a Onimusic. Seu site está disponível em: < <http://www.rodolfoabrantes.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Ronaldo “fenômeno” – Ronaldo Nazário (1976-):** É um futebolista que foi apelidado de “fenômeno” quando jogou no futebol italiano por conta de sua alta performance. Apesar disso, sofreu graves lesões entre 2000 e 2001 que o afastaram dos campos. Recuperou-se gradualmente e conquistou a Copa do Mundo de 2002, história que foi integrada à campanha *O melhor do Brasil é o brasileiro*, da Associação Brasileira de Anunciantes.

**Ronaldo Bezerra (1973-):** Pastor auxiliar e filho do pastor presidente da Comunidade da Graça, com sede em São Paulo (SP), iniciou na produção musical evangélica como contra baixista nas gravações de Adhemar de Campos. Coursou a escola de adoração liderada por Marcos With. Em carreira solo desde 2002, lançou oito álbuns por diferentes gravadoras. Seu site está disponível em: < <http://www.ronaldobezerra.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Rose Nascimento – Rosângela de Azevedo Nascimento (1967-):** Com pais assembleianos muito engajados nas atividades da igreja, Rose e seus irmãos se envolveram com apresentações musicais desde cedo. Era chamada de “a cantorinha de Jesus” (DE PAULA, 2007). Após um afastamento na adolescência, regressou e, a convite de um de seus irmãos,



gravou seu primeiro álbum solo, em 1990. Desde então lançou mais de vinte álbuns por diferentes gravadoras. Atualmente está ligada à Som Livre. É também pastora de uma igreja evangélica pentecostal que fundou com seu marido no Rio de Janeiro, RJ. Seu blog oficial está disponível em: < <http://ministeriocantorarosenascimento.blogspot.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Salomão Luiz Ginsburg (1867-1927):** Judeu polonês que imigra para a Inglaterra e lá, causando desgosto à família, converte-se ao cristianismo e sai pelo mundo como missionário congregacional. A convite de sua amiga Sarah Kalley, veio para o Brasil, onde se filiou aos batistas. Como fruto dessa amizade, quando realizou a primeira compilação de canções para essa denominação, em 1891, gerando o *Cantor Cristão*, incorporou canções que estavam presentes no hinário *Salmos e Hinos*, organizado por Sarah trinta anos antes.

**Salvador de Sousa (1965-):** Colecionador da produção musical evangélica, possui mais de dois mil álbuns, entre LPs, K7s, CDs, DVDs e outros. Desse trabalho surgiu o livro *História da Música Evangélica no Brasil*.

**Samuel Fratelli (19??-):** Estudioso de música desde os oito anos, realiza palestras sobre harmonia, improvisação, composição e prática de conjunto. Atua como guitarrista no Ministério Asas da Adoração e como professor na Escola Adorando. É também pastor auxiliar de uma igreja evangélica em São Paulo, SP. Seu site está disponível em: < <http://samuelfratelli.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Sarah Poulton Kalley (1825-1907):** Missionária escocesa congregacional que, com a ajuda do marido Roberth Kalley, criou *Salmos e Hinos*, o compêndio de canções publicado pela primeira vez em 1861 e assumido como hinário oficial por diferentes vertentes protestantes no Brasil. Como amiga de Salomão Ginsburg, também influenciou a criação do *Cantor Cristão*. Os dois hinários têm canções que coincidem.

**Serafim Venzon – Antônio Serafim Venzon (1953-):** Político catarinense que foi deputado federal entre 1995 e 1999. É nessa condição que criou um Projeto de Lei em 1997 que visava resguardar algumas instituições da obrigação de pagamento dos direitos autorais pelo uso de obras musicais. Seu site está disponível em: < <http://www.serafimvenzon.com.br/> >. Acesso em 21 jan. 2019.

**Sérgio Gomes (19??-):** Nascido em uma família de músicos, na juventude, integrou uma orquestra de Campinas como trompista. Seu primeiro contato com a Igreja Batista da Lagoinha se deu em uma das viagens de apresentação, a partir do convite de um amigo regente do coro da igreja. Com a sua mudança para Minas Gerais e entrada na Lagoinha, organizou uma orquestra na igreja. Em 1997 acompanhou Ana Paula Valadão em uma viagem aos Estados Unidos realizada a fim de que adquirissem expertise em gravação, o que foi útil na criação do Diante do Trono. A orquestra fez parte do ministério entre 1998 e 2010.

**Silas Malafaia (1958-):** Pastor assembleiano que se tornou conhecido entre os crentes a partir do programa Vitória em Cristo, exibido há mais de 30 anos ininterruptos na TV. É presidente das Assembleias de Deus – Vitória em Cristo e já foi membro diretor da CGABD. Conhecido por se envolver em várias controvérsias públicas, embora nunca tenha se candidatado a cargos políticos, tem se posicionado em relação às conjunturas, buscando influenciar pleitos. Foi ativo na campanha a favor de Bolsonaro em 2018. É presidente da Central Gospel.

**Sônia Hernandez – Sônia Haddad Morais Hernandez (1958-):** Conhecida como bispa Sônia, é casada com Estevam Hernandez, e juntos desenvolvem trabalhos evangelísticos

desde que se converteram. Esse trabalho passou pela criação de programas de rádio e TV, pela fundação da Igreja Apostólica Renascer em Cristo e culminou na criação da banda Renascer Praise, que ela lidera desde 1993 e com a qual já lançou mais de vinte álbuns. Ela e o marido enfrentaram problemas na justiça em 2006, dos quais foram inocentados em 2012. Seu site está disponível em: < <http://www.bispasoniaoficial.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Soraya Moraes (1973-):** Começou a se profissionalizar na música nos anos 1990, primeiro em uma banda de rock gospel e depois como integrante do Renascer Praise, com o qual gravou seis álbuns. Seu destaque nesse grupo musical lhe proporcionou a carreira solo, à qual tem se dedicado desde 1998. Venceu o Grammy Latino em 2005 e em 2008, neste último em três categorias. Passou por diferentes gravadoras, mas desde 2017 trabalha com a Central Gospel Music. Seu site está disponível em: < <http://sorayamoraes.com.br/> >. Acesso em 14 mar. 2019.

**Talles Roberto da Silva (1977-):** Envolveu-se com música ainda criança na Comunidade Sara Nossa Terra que seu pai fundou no interior de Minas Gerais. Na juventude integrou bandas e participou de festivais de música gospel. Ao se afastar desse meio, passou um período como músico de apoio da banda Jota Quest e outro com a banda Jamil e Uma Noites. Foi uma época em que ele se perdeu nas drogas. No processo de enfrentamento de vícios e retorno ao meio evangélico, frequentando a Lagoinha, compôs várias canções que se tornaram hits entre os crentes. Ao longo de sua carreira solo no gospel, lançou cerca de dez álbuns, mas se envolveu em controvérsias que colocaram seu sucesso em xeque. Em busca de superar a crise, foi recebido como pastor da Igreja Renascer em Cristo e ajudou a produzir dois álbuns do Renascer Praise. Atualmente retornou à Comunidade Sara Nossa Terra. Seu site está disponível em: < <http://www.thallesroberto.com.br/2015/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Tancredo Neves – Tancredo de Almeida Neves (1910-1985):** Primeiro presidente eleito por voto direto após a redemocratização. Não conseguiu tomar posse. Faleceu e foi sucedido pelo vice, José Sarney.

**Walter McAlister (1956-):** É filho do missionário canadense que fundou no Brasil a Igreja Pentecostal de Nova Vida em 1960. Com a morte do pai em 1993, foi reconhecido como sucessor pelos líderes da denominação, mas, três anos depois, ela acabou se dividindo em três grupos. Walter está à frente de um deles, como bispo das Igrejas Cristãs de Nova Vida.

**Yanni – Yiannis Chrysomallis (1954-):** Compositor grego dedicado à música por influência dos pais, amantes de música clássica. Aprendeu a tocar teclado de forma autodidata quando se mudou para os Estados Unidos e lá se tornou um dos artistas que mais venderam no segmento instrumental entre os anos 1980 e 1990. Apresentou-se no Brasil em 2010 e 2012. Seu site está disponível em: < <https://www.yanni.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Yvelise de Oliveira – Yvelise Assis Vieira de Oliveira (1961-):** Assumindo a direção de um grupo de comunicação que inclui, entre outras atividades, uma rádio adquirida pelo marido e uma gravadora criada pela filha, Yvelise é responsável por muito do que aconteceu na música gospel após o final dos anos 1980. É por meio de seu trabalho que se tornaram conhecidos nomes como Eyshila, Fernanda Brum e Anderson Freire. Seu site está disponível em: < <http://www.yvelisedeoliveira.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Zé Pinto (19??-):** Pai de Nívea Soares, atraído ao multiverso dos crentes a partir de um vinil do Luiz de Carvalho que ganhou de sua esposa em um dia dos pais.

## APÊNDICE B – Lista de canções, álbuns, coleções e hinários citados

**500 anos:** Canção gravada por Cassiane. Tornou-se amplamente conhecida, até entre crentes que rejeitam as premissas do pentecostalismo. Letra: “Uma chuva diferente agora está se formando no céu / Temporal de bênção e poder / Um calor tão glorioso invade toda igreja / 500 graus de puro fogo santo e poder // Pra fazer enfermidade desaparecer / Pra fazer o inimigo fugir de você / Uma nuvem de vitória está sobre a igreja / A previsão de Deus diz que vai chover // Vai chover línguas estranhas por todos os lados / E desse temporal quero sair molhado / Molhado e revestido por esse poder / Agora o impossível vai acontecer // É a promessa de Deus / O fogo vai descer / Por esse poder // Já começa acontecer / Debaixo dessa chuva posso contemplar / Aleluia daqui, glória e aleluia de lá / Inundando os irmãos com a bênção nas mãos / Vejo milhares de anjos vindos num imenso trovão // Desse lado tem poder, desse lado tem vitória / Aqui na frente tem irmãos / Sendo batizados, dando glória / Ali no meio o fogo cai / Toda enfermidade não resiste e sai / Pelo Santo nome de Jesus // Uma chuva diferente agora está inundando esta igreja / Temporal de bênção e poder / Um calor tão glorioso está queimando o pecado / Destruindo tudo que aflige você / 500 graus de puro fogo santo e poder // 500 graus de puro fogo santo e poder” (SIQUEIRA, 2001, np.).

**A Alegria do Senhor:** Canção que Fernandinho. Letra: “Vento sopra forte / Tuas águas não podem me afogar / Vento sopra forte / E em Suas mãos vou segurar // E não me guio pelo que vejo / Mas eu sigo pelo que creio / Eu não olho as circunstâncias / Eu vejo o Teu amor // A alegria do Senhor é a nossa força / A alegria do Senhor é a nossa força / A alegria do Senhor é a nossa força / A alegria do Senhor é a nossa força // Essa alegria não vai mais sair / Essa alegria não vai mais sair / Essa alegria não vai mais sair / De dentro do meu coração” (FERNANDINHO, 2012, np.).

**Adagio em C Minor:** Composição instrumental de Yanni utilizada em DVDs dos encontros dos Gideões Missionários da Última Hora dos anos 2000 como fundo de pregação e de oração. Desde então é querida entre crentes pentecostais para uso similar.

**Águas Purificadoras (álbum):** Terceiro do Ministério Diante do Trono, gravado ao vivo em Belo Horizonte (MG), em 2000, com um público estimado em 70 mil pessoas.

**Águas Purificadoras (canção):** Faixa de música com mais de dezesseis minutos no álbum homônimo do Diante do Trono, com ministrações dos irmãos André e Ana Paula Valadão. Letra: “Existe um rio, Senhor / Que flui do Teu grande amor / Águas que correm do trono / Águas que curam, que limpam // Por onde o rio passar / Tudo vai transformar / Pois leva a vida do próprio Deus / E este rio está neste lugar // Quero beber do Teu rio, Senhor / Sacia a minha sede / Lava o meu interior / Eu quero fluir em Tuas águas / Eu quero beber da Tua fonte / Fonte de águas vivas / Tu és a fonte, Senhor” (BESSA, 2000, np.).

**Anjos de Deus:** Composição de Elizeu Gomes gravada por Elaine de Jesus e Keila Miranda, já era popular entre crentes pentecostais antes de se tornar conhecida do público em geral na interpretação do padre Marcelo Rossi. Foi a origem de uma controvérsia em que alguns

pastores chegaram a quebrar discos de Elizeu Gomes no púlpito de suas igrejas, mas hoje segue usada em cultos, assim como nas missas. Letra: “Se acontecer um barulho perto de você / É um anjo chegando para receber / Suas orações e levá-las a Deus // Então abra o coração e comece a louvar / Sinta o gosto do céu que se derrama no altar / Que um anjo já vem com a benção nas mãos // Tem anjos voando neste lugar / No meio do povo e em cima do altar / Subindo e descendo em todas as direções // Não sei se a igreja subiu ou se o céu desceu / Só sei que está cheio de anjos de Deus / Porque o próprio Deus está aqui // Quando os anjos passeiam a igreja se alegra / Ela canta, ela chora, ela ri e congrega / Abala o inferno e dissipa o mal // Sinta o vento das asas dos anjos agora / Confia irmão pois é a tua hora / A benção chegou e você vai levar” (GOMES, E., 1998, np.).

**Alvo Mais Que a Neve:** Hino de número 39 da versão mais recente da *Harpa Cristã*. Letra: “Bendito seja o Cordeiro que na cruz por nós padeceu / Bendito seja o Seu sangue que por nós ali Ele verteu / Eis nesse sangue lavados com roupas que tão alvas são / Os pecadores remidos que perante seu Deus já estão // Alvo mais que a neve / Alvo mais que a neve / Se nesse sangue lavado / Mais alvo que a neve serei // Quão espinhosa a coroa que Jesus por nós suportou / Oh quão profundas as chagas que nos provam o quanto Ele amou / Eis nessas chagas pureza para o maior pecador / Pois que mais alvo que a neve o Teu sangue nos torna, Senhor // Se nós a Ti confessarmos e seguirmos na Tua luz / Tu não somente perdoas, purificas também, ó Jesus / Sim é de todo pecado, que maravilha de amor / Pois que mais alvo que a neve o Teu sangue nos torna, Senhor” (WRIGHT, 1999, np.).

**Amar Você:** Canção de Emerson Pinheiro e Jorge Guedes, gravada por Fernanda Brum e lançada no terceiro volume da coleção *Amo Você* da MK Music. Tornou-se uma das preferidas dos crentes para uso nas cerimônias de casamento. Letra: “Quando o amor toca o coração / Traz um sentimento maior que a paixão / Basta um olhar, um toque e nada mais / Pra fazer feliz, como só você me faz // Deus uniu as nossas vidas de uma vez / E cada dia é o primeiro outra vez / Como o primeiro olhar, nada nunca vai mudar / Não vai mudar, não vai mudar // Quando o amor toca o coração / O tempo para, a vida vira uma canção / E não há nada melhor do que amar você / Eu nunca vou te perder / Foi Deus quem me deu você / É como poder sonhar / E nunca acordar” (PINHEIRO, GUEDES, 1995, np.).

**Amo Você:** Coleção de álbuns lançados pela MK Music no mês de junho por ocasião do dia dos namorados. Reúne os principais artistas ligados à gravadora, interpretando canções que tematizam o amor entres casais ou amigos (o primeiro volume é de 1995).

**Arde Outra Vez:** Canção de Talles Roberto, criada num momento de desespero na luta contra a dependência química. Letra: “Eu não quero mais viver / Longe da Tua presença, meu Senhor / Hoje, quero voltar, voltar ao início de tudo / De quando eu era feliz / Sentia a Tua presença, caminhava ali, no seu jardim / Te encontrava todo dia // Mas me perdi, Senhor, no caminhar / Tentei andar sozinho na aventura / Dessa vida foi só ilusão / Confesso que andei perdido, sim / Mas, hoje, eu Te devolvo um coração / Arrepentido de tudo o que fez / Quero voltar, Senhor, para os Teus rios / Voltar, Senhor, para os teus rios // Me molha, me lava / Me ensina, me inspira / E arde outra vez no meu coração // De braços abertos, quero Te receber /

Filho, Eu estava esperando você / Você pra mim (Pra mim você) é tudo que Eu sonhei um dia / Eu te amo” (ROBERTO, 2009a, np.).

**Asa Branca:** Letra: “Quando oiei a terra ardendo / Qual fogueira de São João / Eu perguntei a Deus do céu, ai / Por que tamanha judiação / Eu perguntei a Deus do céu, ai / Por que tamanha judiação // Que braseiro, que fornaia / Nem um pé de prantação / Por farta d'água perdi meu gado / Morreu de sede meu alazão / Por farta d'água perdi meu gado / Morreu de sede meu alazão // Inté mesmo a asa branca / Bateu asas do sertão / Entonce eu disse, adeus Rosinha / Guarda contigo meu coração / Entonce eu disse, adeus Rosinha / Guarda contigo meu coração // Hoje longe, muitas légua / Numa triste solidão / Espero a chuva cair de novo / Pra mim vortar pro meu sertão / Espero a chuva cair de novo / Pra mim vortar pro meu sertão // Quando o verde dos teus óio / Se espaia na plantação / Eu te asseguro não chore não, viu / Que eu vortarei, viu, meu coração / Eu te asseguro não chore não, viu / Que eu vortarei, viu, meu coração” (TEIXEIRA, GONZAGA, 1947, np.).

**Because He Lives:** Canção elaborada pelo casal Bill e Gloria Gaither nos anos 1960, ganhou uma versão em português que foi incorporada aos hinários oficiais das igrejas no Brasil. Atualmente corresponde ao número 70 do *Cantor Cristão* e ao número 545 da *Harpa Cristã*. Letra: “God sent his son, they called him Jesus / He came to love, heal and forgive / He lived and died to buy my pardon / An empty grave is there to prove my savior lives // Because he lives / I can face tomorrow / Because he lives / All fear is gone / Because i know he holds the future / And life is worth the living Just because he lives // How sweet to hold a newborn baby / And feel the pride and joy he gives / But greater still the calm assurance / This child can face uncertain day because he lives // And then one day / I'll cross the river / I'll fight life's final war with pain / And then, as death gives way to victory / I'll see the lights of glory and I'll know he reigns” (BILL..., 2012, np.).

**Caminhando Eu Vou Para Canaã:** Versão de *I'm On My Way to Canaan's Land*. Letra: “Caminhando eu vou para Canaã / Caminhando eu vou para Canaã / Caminhando eu vou para Canaã / Glória a Deus! Caminhando eu vou para Canaã // Se você não vai, não impeça a mim / Se você não vai, não impeça a mim / Se você não vai, não impeça a mim / Glória a Deus! Caminhando eu vou para Canaã” (CAMINHANDO..., 2011, 0:00-1:04, np.).

**Cantor Cristão:** Hinário oficial dos Batistas, criado por Salomão Luiz Ginsburg em 1891.

**Cantor Pentecostal:** Primeiro nome do hinário assembleiano, editado em 1921 por Almeida Sobrinho.

**Casa do Pai:** Canção de Talles Roberto. Letra: “Eu sinto falta da Sua voz / Me chamando pra entrar / Eu sinto tanta saudade / De caminhar Contigo / Saudades do meu Amigo / Saudades do meu Pai // Pai, eu sei que não mereço mas / Eu não tenho pra onde ir / Eu sinto tanta saudade / De conversar Contigo / Saudades do meu Amigo / Saudades do meu Pai // Eu vou voltar pra casa do Pai / Eu quero o amor da casa do meu Pai / E repousar tranquilo nos braços do meu Pai” (ROBERTO, 2009b, np.).



**Consagração:** Música gravada por Aline Barros, composição de Anderson Mattos, quase sempre executada com a canção Louvor ao Rei, de composição do irmão dele, Marcelo Mattos. Letra: “Ao Rei dos reis consagro tudo o que sou / De gratos louvores transborda o meu coração / A minha vida eu entrego nas tuas mãos, meu Senhor / Pra te exaltar com todo meu amor // Eu te louvarei conforme a tua justiça / E cantarei louvores, pois tu és altíssimo // Celebrarei a ti, ó Deus, com meu viver / Cantarei e contarei as tuas obras / Pois por tuas mãos foram criados / Terra, céu e mar e todo ser que neles há // Toda a terra celebra a ti / Com cânticos de júbilo / Pois tu és o Deus criador” (MATTOS, A., 1994, np.).

**Dá-me Filhos:** Composição de Ludmila Ferber, cedida a Fernanda Brum por ocasião de sua primeira gravidez, conquistada após muitas tentativas frustradas. Letra: “Dá-me filhos, dá-me filhos / Dá-me filhos senão morro // Foi o clamor de uma mulher / O seu nome era Raquel (Fernanda) / Tinha tudo o que qualquer pessoa quer / Mas lhe faltava um algo mais / E adorando a Ti, oh Deus / Foi ouvida e o milagre aconteceu // E é assim também em nós / A unção foi desatada / Fonte viva de milagres e sinais / Há famílias restauradas / Muitas vidas transformadas / Muita gente redimida, muitas curas // Foi o clamor de Abraão (Emerson) / Tu vieste ao seu encontro / E lhe deste uma promessa ao coração / É o clamor que há em nós / Recebendo o Teu chamado / E obedecendo a Sua voz” (FERBER, 2003, np.).

**Dançar na Chuva:** Composição de Fernandinho. Letra: “Novo caminho para andar / Novo sonho pra sonhar / O deserto não é o meu lugar // Nova vida Ele prometeu / A todo aquele que Nele crê / O mar à nossa frente se abrirá // Nova criatura sou / O velho homem já morreu / Eu vou dançar naquela terra / Que Ele prometeu / Eu vou, eu vou // Eu vou dançar na chuva / Eu vou dançar na chuva / Eu vou dançar na chuva” (FERNANDINHO, 2007, np.).

**Deus da Minha Vida:** Canção de Talles Roberto. Letra: “Deus meu / Pai meu / Amor meu / Tudo, razão de tudo // Deus meu / Ar meu / Farol, o farol que eu / Preciso, como eu preciso // Eu preciso Te sentir todo dia / E olhar pra Tua luz pra não me perder / Meu Senhor, Tu és a minha alegria / E eu preciso // Deus da minha vida fica comigo / Sou a sua casa mora em mim / Deixa eu te dizer o que eu preciso, Pai / Eu preciso do Senhor” (ROBERTO, 2009c, np.).

**Deus Me Ama:** Canção do Talles Roberto. Letra: “Mesmo sendo assim, pobre pecador, Deus me ama / Mesmo sendo falho, mesmo sem merecer, Deus me ama / Se eu estou forte, se eu estou de pé, Deus me ama / Se eu estou fraco, se eu estou caído, Ele não deixa de me amar // Sem o Seu amor, Sem o seu perdão, o que seria de mim? / Deus me amou tanto que entregou Seu filho pra morrer em meu lugar // Deus me ama e o Seu amor é tão grande incondicional / Deus me ama e Ele está sempre de braços abertos pra mim” (ROBERTO, 2011a, np.).

**Diante de Ti:** Canção de Emerson Pinheiro, gravada pela primeira vez quando fazia parte da banda Quatro por Um. Letra: “Vem, Senhor, encher este lugar / Vem, Senhor, encher este lugar / Com tua glória, com tua glória / Com tua glória, com tua glória // Fala-me, eu quero te ouvir / Toca-me, eu quero te sentir / Vem e abraça-me, vem e abraça-me / Vem e abraça-me, vem e abraça-me // Todo dia é dia de adorar ao Senhor / Eu conto os segundos só pra te encontrar / Quando estou em tua presença // Dá vontade de pular, dá vontade de dançar / Dá vontade de gritar, dá vontade de correr / Diante de ti // Dá vontade de pular, dá vontade de



dançar / Dá vontade de gritar, dá vontade de correr / Dá vontade de pular, dá vontade de dançar / Diante de Ti” (PINHEIRO, 2004, np.).

**Diante do Trono (álbum):** Primeiro do ministério que acabou adotando o mesmo nome. Gravado ao vivo na Igreja Batista da Logoinha em 31 de janeiro de 1998.

**Ele Vem:** Lançada em 2001 num álbum homônimo gravado por Judson de Oliveira e Gerson Freire, tornou-se um hit entre evangélicos, embora seja conhecida como “Incendeia” ou “O tempo de cantar” e comumente atribuída a David Quinlan, já que foi gravada em um estilo semelhante ao que foi adotado no álbum *Fogo e Glória em Curitiba*. Letra: “O tempo de cantar chegou / O tempo de dançar chegou / O tempo de cantar chegou / O tempo de dançar chegou // E Ele vem / E Ele vem saltando pelos montes / E Ele vem / E Ele vem saltando pelos montes / Os Seus cabelos / Os seus cabelos são brancos como a neve / E nos Seus olhos / E nos Seus olhos há fogo! // Incendeia Senhor o Sua noiva / Incendeia Senhor a Sua igreja / Incendeia Senhor a sua casa / Vem me incendiar” (OLIVEIRA, 2003, np.).

**Encontrar Alguém:** Canção regravada por Jota Quest em seu álbum *MTV Ao Vivo*, do qual Talles participou da gravação. Letra: “Encontrar alguém / Encontrar alguém / Encontrar alguém / Que me dê amor // Da esquina, eu vi o brilho dos teu olhos / Tua vontade de morrer de rir / Teus cabelos tentaram esconder / Mas vi tua boca feliz // Tua alma leve como as fadas / Que bailavam no teu peito / Tua pele clara como a paz / Que existe em todo sonho bom // Quis matar os seus desejos / Ver a cor dos teus segredos / E contar pra todo mundo / O beijo que eu nunca esqueci” (FLAUSINO, LARA, 2003, np.).

**Escrita Pelo Dedo de Deus:** Canção de R. R. Soares e Talles Roberto, a fim de inspirar outros à mesma trajetória de Talles. Letra: “Jesus pode escrever a sua história de novo / Olha o que ele fez comigo / A chance de dar tudo errado era tudo o que eu tinha em mim / Mas olha o que ele fez comigo // No olhar eu carregava um pouco de morte / E a minha festa estava tão vazia de sorriso / E quando eu pensei que o rio ia secar / Olha o que ele fez comigo / E vai fazer assim contigo hoje // Um dia já cansado eu disse ‘Pai não quero ser mais prisioneiro da maldade’ / E ele me chamou de filho // Pedi perdão me humilhei chorei, como eu chorei / E ele foi fiel comigo // Arrancou aquela tristeza que doía / Me lavou com o seu sangue, perdoou / E a minha festa agora é cheia de sorriso / Olha o que ele fez comigo / E vai fazer assim contigo hoje / Ele é meu melhor amigo / Viver com Jesus é lindo // Junte suas forças e clame a Deus / Ele escuta o grito do seu fraco coração / Eu não tinha nada agora eu tenho vida / E uma história nova linda escrita pelo dedo de Deus / Escrita pelo dedo de Deus / Escrita pelo dedo de Deus” (SOARES; ROBERTO, 2011, np.).

**Esperança:** Composição de Ana Paula Valadão, do período em enfrentava dificuldades para engravidar. Letra: “Quando estou só / E o choro parece querer chegar / Um sentimento de temor / Como será / O amanhã que eu não vejo e quer me assustar? / Oh, Meu Deus, ajuda-me a confiar // Quando os sonhos se frustram / Ou parecem não se realizar / Quando as forças se acabam / Tudo o que eu sei é te adorar // Quando as feridas / Do meu coração não querem sarar / E me atrapalham a visão / Tuas promessas / São tão grandes e as lutas querem esmagar / Oh, Meu Deus, ajuda-me a avançar // Tua presença me aquieta a alma / E me faz ninar /

Como um bebê que não precisa se preocupar / A minha vida escondida / Em tuas mãos está / Oh, Meu Deus, em Ti eu posso descascar / A esperança renasce / E a certeza de que perto estás / Tua paz me invade / Pois tudo o que sei é te adorar” (BESSA, 2004, np.).

**Eu Escolho Deus:** Canção de Talles Roberto. Letra: “Senhor, eu nasci pra te chamar de Deus / Eu nasci pra te chamar de Pai / E andar do Seu Lado / Senhor, desde o ventre da minha mãe / Eu sou povo exclusivo Seu / Eu sou abençoado, se vivo obediente // Mas todo dia o pecado vem, me chama / Todo dia as propostas vêm, me chamam / Todo dia vêm as tentações, me chamam / Todo dia o pecado vem // Mas eu escolho Deus / Eu escolho ser amigo de Deus / Eu escolho Cristo todo dia / Já morri pra minha vida e agora eu vivo a vida de Deus” (ROBERTO, 2011b, np.).

**Exaltado (álbum):** Segundo do Ministério de Louvor Diante do Trono, gravado ao vivo na Igreja Batista da Lagoinha em 1999.

**Faz um Milagre em Mim:** lançada em 2008, tornou-se a canção mais conhecida de Regis Danese. Sendo bem quista por crentes e não crentes, acabou regravaada por diferentes artistas que não possuem ligação imediata com o gospel. A composição é assinada por Joselito e Kelly Danese, respectivamente amigo e esposa de Regis, mas a autoria foi alvo de um processo no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro que terminou arquivado. Letra: “Como Zaqueu eu quero subir / O mais alto que eu puder / Só pra te ver, olhar para Ti / E chamar sua atenção para mim // Eu preciso de ti Senhor / Eu preciso de ti oh Pai / Sou pequeno demais / Me dá a Tua paz / Largo tudo pra Te seguir // Entra na minha casa / Entra na minha vida / Mexe com minha estrutura / Sara todas as feridas / Me ensina a ter santidade / Quero amar somente a Ti / Porque o Senhor é meu bem maior / Faz um milagre em mim” (JOSELITO; DANESE, 2008, np.).

**Fé (álbum):** De André Valadão, gravado em 2009 na cidade de Vila Velha (ES). O símbolo de sua capa, a palavra fé em forma de escudo, foi adaptado a diferentes produtos, como brincos, pulseiras, camisas, bonés, adesivos para automóveis, entre outros.

**Fico Feliz:** Composição Edson e Ana Feitosa, consagrou-se como um corinho na interpretação de Aline Barros, desde sua gravação em 1998. Letra: “Fico feliz em vir em tua casa / Erguer minha voz e cantar, aleluia! / Fico feliz em vir em tua casa / Erguer minhas mãos e adorar // Bendito é o nome do Senhor / Bendito é o nome do Senhor / Bendito é o nome do Senhor / Pra sempre” (FEITOSA, FEITOSA, 1998, np.).

**Fogo e Glória em Curitiba (álbum):** Quarto de David Quinlan, lançado em 2002. É o que teve melhor recepção entre os crentes, divulgando um estilo que foi emulado por outros artistas do meio. Foi gravado em uma das conferências que liderou em Curitiba (PR), com o perfil semelhante ao das conferências realizadas sob a liderança do casal Duke.

**Galileu (canção):** Canção que Fernandinho compôs para o álbum em que tinha o objetivo de enfatizar características de Jesus. Seu vídeo oficial no YouTube possui mais de 80 milhões de visualizações e mais de 23 mil comentários. Letra: “Deixou Sua glória, foi por amor, foi por amor / E o seu sangue derramou, que grande amor / Naquela via dolorosa se entregou / Eu não

mereço, mas Sua graça me alcançou // Eu me rendo ao seu amor / Eu me rendo ao seu amor / Eu me rendo ao seu amor / Eu me rendo, eu me rendo // Deus Emanuel, Estrela da Manhã / Cordeiro de Deus, Pão da vida / Príncipe da paz, Grande El Shaddai / Santo de Israel, Luz do mundo // Galileu / Jesus, Jesus” (FERNANDINHO, 2015, np.).

**Galileu (álbum):** Lançado por Fernandinho em 2015 com o objetivo de enfatizar Jesus. O CD foi gravado em março de 2015 na Igreja Batista Atitude e o DVD em outubro de 2016 no Jeunesse Arena, um dos estádios do Parque Olímpico da capital fluminense.

**Harpa Cristã:** Hinário oficial das Assembleias de Deus, adotado por várias outras igrejas pentecostais.

***I'm On My Way to Canaan's Land:*** Canção de autoria desconhecida, gravada inicialmente por A. P. Carter. Uma das versões mais conhecidas nos EUA é de Mahalia Jackson, a cantora que abriu o famoso discurso *I Have a Dream* de Martin Luther King. Letra: “*I'm on my way to Canaan's land / I'm on my way to Canaan's land / I'm on my way to Canaan's land / I'm on my way (praise God) I'm on my way // If father wont go it wont hinder me / If father wont go it wont hinder me / If father wont go it wont hinder me / I'm on my way (praise God) I'm on my way*” (ON..., 2011, np.).

**Jesus, em Tua Presença:** Composição de Asaph Borba que se tornou conhecida entre os crentes no final dos anos 1980. É comum que seja usada para abrir o culto. Letra: “Jesus, em Tua presença / Reunimo-nos aqui / Contemplamos tua face / E rendemo-nos a ti // Pois um dia tua morte / Trouxe vida a todos nós / E nos deu completo acesso / Ao coração do Pai // E o véu que separava / Já não separa mais / A luz, outrora apagada / Agora brilha e cada dia brilha mais // Só prá Te adorar / E fazer teu nome grande / E te dar o louvor que é devido / Estamos nós aqui” (BORBA, 1986, np.).

**Jesus, Meu Primeiro Amor:** Composição de Antônio Cirilo, regravada por Fernanda Brum com a participação de sua prima Arianne, que despertou o interesse de gravadoras a partir dessa gravação. Letra: “Abre os meus ouvidos, eu quero ouvir / Abre os meus olhos, eu quero ver / Abre o meu coração, quero sentir / Teu grande amor, teu grande amor // Eu quero me apaixonar outra vez / Eu quero me desesperar outra vez / Eu quero perder o sono outra vez / Queimando de amor por ti” (CIRILO, 2006, np.).

**Louvor ao Rei:** Música gravada por Aline Barros, composição de Marcelo Mattos, geralmente executada em sequência à canção Consagração, composição de seu irmão, Anderson Mattos. Letra: “A honra, a glória, a força / E o poder ao Rei / Jesus / E o louvor / Ao rei Jesus” (MATTOS, M. 1994a, np.).

**Maior Prazer:** Canção de Davi Silva, criada quando buscava superar a dor da perda de seu pai. Letra: “Dá-me mais, Senhor / Do teu grande amor / Derrama sobre mim um novo óleo / E enche minha vida da tua alegria // Sei que estás aqui / Sinto teu fluir / Quebrando as cadeias, rompendo as barreiras / Sarando as feridas, mudando minha vida // É meu maior prazer / Te adorar Senhor / Prostrado aos teus pés canto uma nova canção e adoro a Ti / Levanto as

minhas mãos / Te dou o meu coração / Quando Tua glória eu vir quero então dizer: Eis-me aqui Senhor” (SILVA, 2002, np.).

**Me Ajude a Melhorar:** Canção de Eli Soares. Letra: “Meu Pai / O mundo insiste em me comprar / Mas eu não quero o que vem de lá / Quero agora a glória de Deus // Eu cansei / Já não quero mais viver pra mim / De uma vez por todas, vou me esvaziar / Vou mandar embora o que não é seu // Me perdoa / Todas as vezes que eu te entristeci / Não pensei em Cristo, eu só pensei em mim / Me ajude a melhorar // Me ajude a melhorar / Sozinho não consigo mais, já sei / Eu sou humano, eu só sei errar / Me ajude a melhorar” (SOARES, E., 2013, np.).

**Meu Barquinho:** Composição de Moisés Cleyton, gravada por sua irmã, Giselle Cristina. Letra: “O vento balançou, meu barco em alto mar / O medo me cercou, e quis me afogar / Mas então eu clamei, ao filho de Davi / Ele me escutou, por isso estou aqui // O vento Ele acalmou, o medo repreendeu / Quando Ele ordenou, o mar obedeceu // Não temo mais o mar, pois firme está minha fé / No meu barquinho está, Jesus de Nazaré / Se o medo me cercar, ou se o vento soprar / Seu nome eu clamarei, Ele me guardará / Não temo mais o mar, pois firme está minha fé / No meu barquinho está, Jesus de Nazaré / Se o medo me cercar, ou se o vento soprar / Seu nome eu clamarei, Ele me socorrerá” (CLEYTON, 2010, np.).

**Mesmo Sem Entender:** Composição de Talles Roberto. Letra: “Mesmo sem entender / Mesmo sem entender / Eu confio em ti / Mesmo sem entender / Eu sei que é o melhor pra mim / Mesmo sem entender // Deus, mesmo que eu não consiga entender / E queira tudo do meu jeito, eu até choro / E as vezes até chego a dizer / Por que é que tem que ser tão difícil pra mim / Parece que é difícil só pra mim // Eu sei, seus pensamentos são mais altos que os meus / O teu caminho é melhor do que o meu / Tua visão vai além do que eu vejo / O Senhor sabe exatamente o que é melhor pra mim / E mesmo que eu não entenda o seu caminho, eu confio // E, Deus, porque sou tão pequenino assim / Vou ficar quietinho aqui em seu colo esperando o tempo certo de tudo / Porque eu sei que vais cuidar de mim / E o seu melhor está por vir / Eu sei que é o melhor pra mim / Mesmo sem entender” (ROBERTO, 2011c, np.).

**MTV ao Vivo (álbum):** De Jota Quest, fruto da gravação realizada entre 1 e 2 de maio de 2003 em Belo Horizonte (MG), da qual Talles Roberto participou como *back vocal*.

**Músicas para Louvar ao Senhor (álbum):** Um dos mais vendidos na história da música no Brasil, ultrapassando 3 milhões de cópias. É do Padre Marcelo Rossi e foi lançado em 1998.

**Na Sala do Pai (álbum):** Lançado em 2009, marca o retorno de Talles Roberto ao meio evangélico. Possui várias composições de sua fase de transição.

**Não é Tarde:** Composição de Anderson Freire, por ocasião da gravidez de sua esposa, obtida após meses de tentativas frustradas. Foi gravada pela primeira vez por Ana Paula Valadão e Fernanda Brum que viveram dramas semelhantes. Letra: “Não é tarde para se sonhar / O céu ainda é azul, há esperança / É só olhar no olhar de uma criança / No sorriso de uma mãe que deu à luz // Ouvirei os testemunhos de bravos homens que venceram / Ouvirei dos cegos que ainda esperam a visão / Ouvirei canções que marcam toda uma geração / Não é tarde pra sonhar / Não é não // Minha força vem de um Deus que faz milagres / Minha fé está além do

impossível / Minha esperança viva está / Meu coração não quer parar / Pois nunca é tarde / Não é tarde para se sonhar // Sempre há uma esperança / Para aqueles que esperam / Firmes nas promessas do Senhor / O Deus do impossível / Haja o que houver, eu sonharei / Seus lindos sonhos viverei / Não desistirei” (FREIRE, 2008, np.).

**Ninguém Explica Deus:** Composição de Clóvis Pinho, seu vídeo já teve mais de 300 milhões de visualizações na internet e tem sido cantada por diversos artistas. Penso que não vai demorar o Roberto Carlos introduzi-la em algum especial de natal. Letra: “Nada é igual ao Seu redor / Tudo se faz no Seu olhar / Todo o universo se formou no Seu falar / Teologia pra explicar / Ou Big Bang pra disfarçar / Pode alguém até duvidar / Sei que há um Deus a me guardar // E eu tão pequeno e frágil querendo Sua atenção / No silêncio encontro resposta certa então // Dono de toda ciência, sabedoria e poder / Oh dá-me de beber da água da fonte da vida / Antes que o ar já houvesse Ele já era Deus / Se revelou ao seus do crente ao ateu / Ninguém explica Deus” (PINHO, 2015, n.p.).

**Noites Traçoeiras:** Canção popularizada no Brasil a partir da interpretação do padre Marcelo Rossi, foi alvo de uma disputa judicial entre um senhor católico e uma moça pentecostal que reclamou danos morais e materiais por conta de sua suposta autoria e terminou condenada a indenizá-lo. Letra: “Deus está aqui neste momento / Sua presença é real em meu viver / Entregue sua vida e seus problemas / Fale com Deus, Ele vai ajudar você // Deus te trouxe aqui para aliviar o teu sofrimento / É Ele o autor da Fé do princípio ao fim em todos os seus tormentos // E ainda se vier noites traçoeiras / Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo / O mundo pode até fazer você chorar / Mas Deus te quer sorrindo // Seja qual for o seu problema/ Fale com Deus, Ele vai ajudar você / Após a dor vem a alegria / Pois Deus é amor e não te deixará sofrer” (PAPAE, 2006, np.).

**Nunca Pare de Lutar:** Canção de Ludmila Ferber. Ela diz que é com ela que junta forças nos momentos de dificuldade. Letra: “O que vem pra tentar ferir / O valente de Deus / Em meio às suas guerras? // Que ataque é capaz / De fazê-lo olhar pra trás / E querer desistir? // Que terrível arma é / Usada pra tentar / Paralisar sua fé? // Cansaço, desânimo logo após uma vitória / A mistura de um desgaste com um contra-ataque do mal / A dor de uma perda ou a dor da traição / Uma quebra de aliança que é raiz da ingratidão / Se alguém está assim, preste muita atenção / Ouça o que vem do coração de Deus // Em tempos de guerra, nunca pare de lutar / Não baixe a guarda, nunca pare de lutar / Em tempos de guerra, nunca pare de adorar / Libera a Palavra, profetiza sem parar // O escape, o descanso, a cura, a recompensa vem sem demora” (FERBER, 2005, n.p.).

**O Fogo lá do Céu:** Provável origem de um corinho de fogo que ainda hoje é utilizado em igrejas pentecostais. Letra: “Eu fico triste quando eu entro numa igreja / E aí não vejo o poder pentecostal / Eu logo vou dando um jeito de sair, porque? / Porque eu gosto é de ver o fogo cair // Porque o fogo lá do céu não faz mal pra ninguém / Porque o fogo lá do céu não faz mal pra ninguém / Porque o fogo lá do céu não faz mal pra ninguém / Porque o fogo lá do céu não faz mal pra ninguém [...]” (DUO CELESTIAL, 198-, np.).



**O Que Diz Meu Coração (álbum):** Lançado por Fernanda Brum em 1999. O quarto de sua carreira. Teve mais de 100 mil cópias vendidas.

**Oferta Agradável a Ti:** Composição do casal Feitosa, tornou-se popular entre os crentes na voz de Cassiane. Letra: “A tua palavra escondi / Guardada no meu coração / Pra eu não pecar contra Ti, Senhor / A Tua palavra escondi // Minhas vestes no sangue lavei / E das Tuas águas bebi / Pra ser uma oferta agradável a Ti / Minha vida a Ti consagrei // Meus dons e talentos são pra Te servir / Meus dons preciosos são Seus / Não vejo razão na minha vida sem Ti / Tu És meu Senhor e meu Deus // Assim como o fogo refina o ouro / Vem Tua obra em mim completar / Até que o mundo possa ver / Tua glória em meu rosto brilhar” (FEITOSA, FEITOSA, 1999, np.).

**Os Sonhos de Deus:** Canção de Ludmila Ferber. É outra que ela trata como ícone da “indesistibilidade”. Letra: “Se tentaram matar os teus sonhos / Sufocando o teu coração / Se lançaram você numa cova / E ferido perdeu a visão // Não desista, não pare de crer / Os sonhos de Deus jamais vão morrer / Não desista não pare de lutar / Não pare de adorar // Levanta os teus olhos e vê / Deus está restaurando os teus sonhos / E a tua visão // Recebe a cura / Recebe a unção / Unção de ousadia / Unção de conquista / Unção de multiplicação” (FERBER, 2001, n.p.).

**Ouçõ Deus Me Chamar:** Composição de Ludmila Ferber. Possui um verso que causa grande comoção entre crentes que estão na luta por ascensão social. Já foi regravaada por Fernanda Brum. Letra: “Alta madrugada vai / Já estou deitado, mas / Ouçõ Deus me chamar // Sua voz suave é / Como um sussurro / Ouçõ Deus me chamar // *Meu coração se aperta, eu ando tão cansado / Tenho trabalhado tanto / Meu coração se aperta / Ao ouvi-lo me chamando / Me chamando, me chamando, me chamando, me chamando, me chamando // Eu vou / Já estou indo ao teu encontro, Senhor / Vou correndo ao teu encontro / Senhor // Nem que seja pra ficarmos em silêncio a sós / Senhor, só nós / Nem que seja simplesmente pelo prazer de ouvir tua voz // Não há como desprezar o teu chamado / Não há como rejeitar tua presença*” (FERBER, 2004, n.p., destaque meu).

**Pentecoste Divino (álbum):** O primeiro de Elaine de Jesus, gravado em 1993. Foi remasterizado em 2000.

**Pra Sempre (álbum):** O quarto de Cassiane, lançado em 1998 pela MK Music. Já vendeu mais de 250 mil cópias.

**Preciso Crer:** Uma das canções da banda Vinho Novo que se tornaram mais conhecidas entre os crentes. Letra: “Às vezes tudo parece tão claro / Às vezes tudo parece confuso / Pensamentos, atitudes, fatos se confundem / Razão e emoção // Tantas dúvidas, incertezas, medos / Ansiedade / Saudades de um sonho que ainda não aconteceu / Oh, Deus me ajuda! // Não preciso entender, preciso crer / Entregar ao Senhor o meu caminho e confiar / Descansar naquele que tem em suas mãos / Tanto o querer quanto o realizar // Às vezes eu quero entender o que se passa em minha vida / Às vezes Deus prefere ficar em silêncio / Como fatos que têm por trás de si um propósito / Muito maior” (CARDOSO, L., 2006, np.).



**Preciso de Ti (álbum):** Gravado ao vivo pelo Diante do Trono em 2001 no Estádio Mineirão, com um público estimado em 210 mil pessoas, figura entre os álbuns mais vendidos da história da música no Brasil. As vendas ultrapassaram 2 milhões de cópias.

**Porque Ele Vive:** Versão brasileira da canção *Because He lives*, concebida pelo casal Bill e Gloria Gaither nos anos 1960. Atualmente corresponde ao número 70 do *Cantor Cristão* e ao número 545 da *Harpa Cristã*. Letra: “Deus enviou seu Filho amado / Para morrer em meu lugar / Na cruz sofreu por meus pecados / Mas ressurgiu e vivo com o Pai está // Porque ele vive / Posso crer no amanhã / Porque Ele vive / Temor não há / Mas eu bem sei, eu sei que a minha vida / Está nas mãos do meu Jesus que vivo está // E quando enfim chegar a hora / Em que a morte enfrentarei / Sem medo então terei vitória / Verei na Glória o meu Jesus que vivo está” (GAITHER; GAITHER, 2014, n. 70).

**Posso Clamar:** Composição de Eyshilla, do período em que lutava com a dependência química de seu marido. Letra: “Mestre, o vento balançou meu barco / Mestre, estou à beira de um naufrágio / Mestre, será que não vê? Será que eu vou perecer? // Sinto na pele o frio desse vento / Chego a crer que não estás me vendo / Lembro que estás logo ali / Na proa do meu barco a dormir // Eu sei que não estou só / E já posso crer que amanhã vai ser bem melhor / Só porque estás comigo eu // Posso clamar / Eu acredito, eu não vou naufragar / Só porque estás comigo eu / Posso clamar / Já tenho fé pra descansar / Das ondas de um bravo mar / Sim, eu posso clamar / Mestre, vem me ajudar // Quem é esse que até o vento e o mar lhe obedecem? / Quem é esse que ordena e milagres acontecem? / Jesus, esse nome toda língua confessará / Jesus, céu e terra se prostram pra Te adorar / Jesus, o presente que Deus enviou pra nós / Jesus, até o vento se cala pra ouvir Tua voz” (SANTOS, 2000, np.).

**Quero te Conhecer:** Canção gravada por David Quinlan em seu álbum *Fogo e Glória em Curitiba*. A faixa deixa evidente a afinidade que o movimento em torno da adoração possui com a gnose, sobretudo em sua ministração. Letra: “Quero te conhecer / Quero te conhecer mais e mais / Quero te conhecer / Quero te conhecer como tu és // Eu quero olhar em teus olhos / Ser consumido pelo teu olhar / Quero subir no teu colo / Como criança me embriagar / Do teu amor” (QUINLAN, FREIRE, OLIVEIRA, 2002, np.).

**Ressuscita-me:** Composição de Anderson Freire, do período em que enfrentava dificuldades para conseguir ter um filho. Letra: “Mestre, eu preciso de um milagre / Transforma minha vida, meu estado / Faz tempo que eu não vejo a luz do dia / Estão tentando sepultar minha alegria / Tentando ver meus sonhos cancelados // Lázaro ouviu a sua voz / Quando aquela pedra removeu / Depois de quatro dias ele reviveu / Mestre, não há outro que possa fazer / Aquilo que só o teu nome tem todo poder / Eu preciso tanto de um milagre // Remove a minha pedra / Me chama pelo nome / Muda a minha história / Ressuscita os meus sonhos / Transforma a minha vida / Me faz um milagre / Me toca nessa hora / Me chama para fora / Ressuscita-me // Tu és a própria vida / A força que há em mim / Tu és o filho de Deus / Que me ergue pra vencer / Senhor de tudo em mim / Já ouço a tua voz / Me chamando pra viver / Uma história de poder” (FREIRE, 2015b, np.).

**Rompendo em Fé:** Composição do casal Ana e Edson Feitosa, gravada inicialmente pela Comunidade Evangélica da Zona Sul. Letra: “Cada vez que a minha fé é provada / Tu me dás a chance de crescer um pouco mais / As montanhas e vales, desertos e mares / Que atravesso me levam pra perto de Ti // Minhas provações não são maiores que o meu Deus / E não vão me impedir de caminhar / Se diante de mim não se abrir o mar / Deus vai me fazer andar por sobre as águas // Rompendo em fé / Minha vida se revestirá do Teu poder / Rompendo em fé / Com ousadia vou mover no sobrenatural / Vou lutar e vencer, vou plantar e colher / A cada dia vou viver rompendo em fé” (FEITOSA, FEITOSA, 1998, np.).

**Salmos e Hinos:** Compêndio de adaptações de canções utilizadas nas campanhas missionárias estadunidenses, organizado como hinário por Sarah Kalley. É o primeiro em português. Desde que surgiu em 1861 foi adotado no Brasil em diferentes denominações protestantes e serviu de base para os hinários que surgiram em seguida.

**Sol da Justiça (álbum):** Gravado pelo Diante do Trono em 2011, em Natal (RN), foi o 12º DVD mais vendido desse ano. Foi gravado em duas etapas, em uma praia e um teatro da cidade.

**Sonda-me, Usa-me:** Canção interpretada por Aline Barros em seu álbum *Som de Adoradores*. Letra: “Sonda-me, Senhor e me conhece / Quebranta o meu coração / Transforma-me conforme a Tua palavra / E enche-me até que em mim / Se ache só a Ti, então / Usa-me, Senhor / Usa-me // Como um farol que brilha à noite / Como ponte sobre as águas / Como abrigo no deserto / Como flecha que acerta o alvo eu / Quero ser usado da maneira que te agrade / Em qualquer hora e em qualquer lugar / Eis aqui a minha vida / Usa-me, Senhor / Usa-me // Sonda-me / Quebranta-me / Transforma-me / Enche-me / E usa-me / Senhor” (FEITOSA, FEITOSA, 2004, np.).

**Sou Humano:** Canção de Anderson Freire, lançada pela primeira vez na voz de Bruna Karla. Letra: “Deus mais uma vez segure em minha mão / Minha alma aflita pede tua atenção / Cheguei ao nível mais difícil até aqui / Me ajude a concluir // Quando penso que estou forte, fraco eu estou / Mas quando reconheço que sem Ti eu nada sou / Alcanço os lugares impossíveis / Me torno um vencedor // Estou sentindo minhas forças indo embora / Mas Tua presença me renova nessa hora / Senhor vem / E me leva além // O meu sonho de chegar está tão longe / Sou humano não consigo ser perfeito / Senhor vem / E me leva além // Me ajude a ousar com minha fé / Sou pequeno eu não sei ficar de pé / Sou dependente, tão dependente / Vem Senhor ao meu favor // Me ajude a ousar com minha fé / Sou pequeno eu não sei ficar de pé / Me dá tua mão, me tira do chão / Vem me ajudar” (FREIRE, 2009, np.).

**Tente Outra Vez:** Composição de Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta, utilizada na campanha *O Melhor do Brasil é o Brasileiro*, da Associação Brasileira de Anunciantes. Letra: “Veja! / Não diga que a canção está perdida / Tenha fé em Deus, tenha fé na vida / Tente outra vez // Beba! / Pois a água viva ainda está na fonte / Você tem dois pés para cruzar a ponte / Nada acabou // Tente! / Levante sua mão sedenta e recomece a andar / Não pense que a cabeça aguenta se você parar / Não! Não! Não! Não! Não! Não! / Há uma voz que canta / Há uma voz que dança / Há uma voz que gira / Bailando no ar // Queira! / Basta ser sincero e

desejar profundo / Você será capaz de sacudir o mundo / Tente outra vez // Tente! / E não diga que a vitória está perdida / Se é de batalhas que se vive a vida / Tente outra vez!” (SEIXAS, COELHO, MOTTA, 1976, np.).

**Tempo de Adoração (álbum):** Gravado ao vivo pela Comunidade Evangélica da Vida da Penha (RJ), lançado em 1994 e tido por alguns como um dos álbuns mais impactantes da história do gospel no Brasil. As canções interpretadas por Aline Barros tiveram boa recepção e lhe abriram as portas para a carreira solo.

**Teu Santo Nome:** Composição de Felipe Valente, gravada por Gabriela Rocha em seu segundo álbum. Letra: “Todo ser que vive louve o nome do Senhor / Toda criatura se derrame aos Seus pés / Ao som da Sua voz o universo se desfaz / Não há outro nome comparado ao Grande Eu Sou // E mesmo sendo pó / Com tudo que há em mim confessarei / Que céus e terra passarão / Mas o Teu nome é eterno // Todo joelho dobrará / Ao ouvir Teu nome / Teu santo nome // Todo ser confessará / Louvado seja o Teu nome / Teu santo nome” (VALENTE, 2014, np.).

**Tua Graça me Basta:** Composição de David Sacer e Luiz Arcanjo, gravada por eles quando trabalhavam no mesmo ministério. Tem sido executada no culto de diferentes igrejas evangélicas, pentecostais ou não. Letra: “Eu não preciso ser reconhecido por ninguém / A minha glória é fazer com que conheçam a Ti / E que diminua eu, pra que Tu cresças, Senhor, mais e mais // E como os serafins que cobrem o rosto ante a Ti / Escondo o rosto pra que vejam Tua face em mim / E que diminua eu, pra que Tu cresças, Senhor, mais e mais // No Santo dos santos, a fumaça me esconde, só Teus olhos me veem / Debaixo de Tuas asas é o meu abrigo, meu lugar secreto / Só Tua graça me basta e Tua presença é o meu prazer // Tua presença, Tua presença é o meu prazer / Tua presença, Tua presença é o meu prazer (SACER, ARCANJO, 2009, np.).

**Tua Palavra:** Canção gravada por Aline Barros no início de sua carreira, pela Comunidade Evangélica da Vila da Penha (RJ). Letra: “Tua palavra é / Luz para o meu caminho / Tua palavra / Lâmpada para os meus pés // E o Teu amor / É como a doce água / Que vem a mim / Como em meio à um deserto // Como orvalho / Que desce em plena terra seca / E dela Faz surgir / Verdes pastos // Quero fazer valer / Tua palavra em mim / Pra que o doente tenha onde se curar / Quero fazer valer / Tua palavra em mim / Pra que o mundo saiba que Tu és Senhor Tu és Senhor / Tu és Senhor Jesus // Pois em meio / À Tua palavra / Se fizeram os céus / E o brilho do sol / Se fez reinar / Em meio às trevas” (MATTOS, M., 1994b, np.).

**Uma Nova História:** Composição de Fernandinho. Letra: “Sai de tua tenda, oh filho meu / E te mostrarei as estrelas do céu / Sai de tua tenda, oh filho meu / E te mostrarei a areia do mar // Será que podes contar / Será que podes imaginar / Tudo aquilo que sonhei para ti, filho meu / O que minhas mãos fizeram para ti, filho meu / Minha benção será sobre ti // Uma nova história Deus tem pra mim / Um novo tempo Deus tem pra mim / Tudo aquilo que perdido foi / Ouvirei de sua boca: ‘Te abençoarei’” (FERNANDINHO, 2009, np.).

**Vaso de Alabastro:** Composição de Alda Célia, gravada por Fernanda Brum. Letra: “Adorar a Deus é mais que cantar / Adorar a Deus é mais que erguer as mãos / Não consiste em rituais

e tradições / Adorar a Deus é mais / Mais do que vãs repetições // O vaso de alabastro tem que ser quebrado / E o perfume tem que ser totalmente derramado / Só quem conhece a grandeza do perdão que recebeu / Entrega em amor todo tesouro seu / Para adorar a Deus // Adorar a Deus vai além das emoções / Do Santo Espírito tocando / E transformando os corações / Pois a unção e o poder do Teu olhar / Nos faz sorrir, nos faz chorar / Nos faz perder para ganhar” (CÉLIA, 2002, np.).

**Vitória no Deserto:** Canção gravada por Aline Barros em seu álbum Extraordinária Graça, tornou-se muito utilizada no culto de diferentes igrejas. Letra: “Quando a noite fria cair sobre mim / E num deserto eu me encontrar / Me ver cercado por egípcios e por faraó / Sendo impedido de prosseguir // Sei que o teu fogo cairá sobre mim / E me levará a em ti confiar / Sei que o teu fogo cairá sobre mim / E me levará a em ti confiar // Então eu direi, ô ô, abre-se o mar / E eu passarei pulando e dançando em sua presença // Por isso eu pulo, pulo, pulo, pulo, pulo / Na presença do rei / Por isso eu danço, danço, danço, danço, danço / Na presença do rei / Por isso eu grito, grito, grito, grito, grito / Na presença do rei / Por isso eu corro, corro, corro, corro / Na presença do rei” (LIMA, L., 2011, np.).

**Vou Seguir:** Composição do assembleiano Josias Barbosa, conhecida entre os crentes na voz de Cassiane. Letra: “Se você já pensou em desistir / Tenha fé, e não pare de sorrir / Você vai ver que o inimigo não vai entender / Que o crente até mesmo chorando ele canta porque // Se chorar, chora nos pés do Senhor / Tem Jesus como o teu consolador / Teu sofrer, uma noite até pode durar / Mas o crente sabe que a vitória vem pela manhã / Então cante assim // Vou seguir / Os passos de Jesus / Vou levar / Comigo a minha cruz / Se espinhos ferem os meus pés / Eu vou descansar nos braços de Jesus // Quando o crente está firme nos pés do Senhor / Ele passa pela prova cantando louvor / O inimigo se levanta, mas tem que cair / O crente não deixa a cruz mas leva até o fim / Se cair mil ao seu lado ele não cede não / Sempre está protegido por um batalhão / Deus dá ordens aos seus Anjos para proteger / Bem guardado desse jeito, desistir por quê?” (BARBOSA, 1998, n.p.).

## APÊNDICE C – Lista de entes coletivos citados

**Adoração Profética (ministério):** Surgiu em 2000 após o término do primeiro contrato de Ludmila Ferber com a MK Music, quando ela passou a produzir seus álbuns de maneira independente, criando sua própria gravadora.

**Adore Produções LTDA – ME:** Empresa com sede em Goiânia (GO), liderada pelo casal Lorena e Kevin McIntyre que atuam desde 2009 no Brasil facilitando o contato entre promotores de eventos e ministros ou ministérios de louvor e adoração que se destacam no cenário nacional, bem como alguns nomes internacionais. Detém a exclusividade da agenda da pastora Ludmila Ferber. Site disponível em: < <http://www.adoreproducoes.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Adhonep – Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno:** Organização criada com o objetivo de estimular o compartilhamento de princípios entre empresários evangélicos através de eventos criados para o compartilhamento de experiências pessoais. Foi fundada no Brasil em 1977 por um empresário do Rio de Janeiro após ser autorizado por uma associação estadunidense congênere. Site disponível em: < <https://adhonpe.org.br/conheca-a-adhonep/> >. Acesso em 3 jan. 2019.

**Asas da Adoração (ministério):** Criado por Christie Tristão em meio ao movimento de adoração que surgiu em Minas Gerais com a influência do casal Duke. Sua equipe sempre esteve envolvida nos trabalhos da Escola Adorando.

**Assembleias de Deus:** Essa é uma denominação pentecostal que surgiu em 1911 no Brasil a partir de um movimento iniciado por Daniel Berg e Gunnar Vingren em uma igreja batista de Belém (PA). Após a ruptura com os batistas, espalhou-se pelo Brasil, acompanhando os ciclos migratórios do país. Milhares igrejas adotam esse nome por diferentes motivos. As duas maiores confrarias institucionais, são a CGADB e a do Ministério Madureira, que surgiu nos anos 1980 no Rio de Janeiro, com um grupo que se desligou desta. Mas há também Assembleias que não estão ligadas a nenhuma convenção e igrejas que não adotam esse nome, mas lhe têm como referência. Respectivamente chamados de “assembleísmo autônomo” e “assembleísmo difuso” por Alencar (2012). Segundo o Censo de 2010 do IBGE esta seria a maior denominação evangélica do Brasil, com 12 milhões de adeptos. É nela que surgiram muitos artistas gospel, especialmente aqueles que deram origem ao subgênero pentecostal.

**Associação Brasileira de Anunciantes:** Entidade sem fins lucrativos que reúne as maiores empresas anunciantes do país. Mais informações em seu site. Disponível em: < <http://www.aba.com.br/> >. Acesso em 14 jan. 2019.

**Associação de Músicos Cristãos do Brasil:** Criada no final dos anos 1990, teve entre seus fundadores Jônatas Liasch e Adhemar de Campos.

**Associação Mineira Central:** Confraria de Igrejas Adventistas do Sétimo Dia em Minas Gerais.

**Big Gospel (rádio):** É uma rádio com sede em Sorocaba (SP). Funciona através da internet e possui uma programação em que busca, ao modo pietista, atender as diferentes vertentes da tradição protestante. Daí o “grande evangelho”. Site disponível em: < <http://www.radiobiggospel.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.



**Bola de Neve Church:** Surgiu em 1999 da autonomização de um grupo de jovens de uma igreja evangélica de São Paulo. Os primeiros cultos foram realizados numa loja de artigos de surf, por isso até hoje uma prancha é usada em lugar do púlpito tradicional, bem como são incorporadas características que lhe façam parecer jovial, a depender da região em que se encontra. Está presente nas cinco regiões brasileiras e também em alguns outros países. Site disponível em: < <http://boladeneve.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Bompastor:** Criada em 1975 pelo filho de Luiz de Carvalho, foi uma das primeiras gravadoras que surgiram no Brasil exclusivamente dedicadas à produção musical dos crentes. Suas atividades na música foram encerradas em 2005. A marca ainda existe como editora e livraria evangélica, com site disponível em: < <https://bompastorstore.com.br/loja/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD:** Editora vinculada à CGADB. Site disponível em: < <https://www.cpad.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**CATRE - Centro Adventista de Treinamento e Recreação:** Sítio que dispõe de auditório, alojamento, quadra, campo de futebol, parque, piscina e lanchonete. Localiza-se em Contagem (MG), na região metropolitana de Belo Horizonte e pertence à Associação Mineira Central, uma confraria de igrejas adventistas do sétimo dia. Site disponível em: < <http://catrebh.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Celebre Ao Rei (ministério):** Grupo musical vinculado à PIB-JF, que tem se apresentado em diferentes eventos evangélicos, especialmente na região da Zona da Mata Mineira.

**Central Gospel Music:** A Central Gospel é uma editora criada em 1999 pelo pastor Silas Malafaia a fim de resolver questões relativas aos seus livros. Central Gospel Music é o nome que foi dado à divisão musical criada em 2005 a fim de dar suporte a produção das Assembleias de Deus que esse pastor lidera. Eyshilla, concunhada do pastor, é um dos nomes mais conhecidos ligados a ela. Site disponível em: < <http://www.centralgospelmusic.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Chama Pentecostal:** Igreja evangélica potiguar, cujo logo estava estampado nas camisas de jovens que participaram de um show do Fernandinho em 2017 na Igreja Assembleia de Deus do Bom Refúgio, em Natal (RN).

**Christian Copyright Licensing International – CCLI:** Corporação que recolhe direitos autorais nas igrejas de matriz protestante ao redor do mundo e distribui aos compositores e conexos. Site disponível em: < <https://us.ccli.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Christ For the Nations Institute – CFNI:** Entidade que mescla o trabalho missionário com a atividade musical, com enfoque no treinamento de pessoas para ministrar em adoração. Tem sede em Dallas (EUA) e está em funcionamento pelo menos desde os anos 1980. É após uma passagem por ela que Ana Paula Valadão teve as primeiras ideias que geraram o Diante do Trono. Site disponível em: < <https://cfni.org/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Comunidade da Graça:** Surgiu em 1979, em meio ao clima de emergência das comunidades evangélicas. Tem sua matriz no bairro Vila Carrão, em São Paulo (SP), mas está espalhada por diversas regiões, incluindo outros municípios e Estados. Adhemar de Campos é pastor nesta igreja. Site disponível em: < <https://www.comuna.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Comunidade Evangélica Cristã da Vila da Penha (Rio de Janeiro, RJ):** Surgiu de um grupo de jovens oriundos de uma igreja presbiteriana em 1981. Eles investiram na produção



musical própria, lançando álbuns em LPs e CDs nos anos 1990, gravados ao vivo na comunidade e lançados em seu nome. Nessa igreja surgiram cantoras que se tornaram referência em adoração no Brasil, como Aline Barros e Fernanda Brum. Site disponível em: < <http://www.comunidadeevangelicacrista.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Comunidade Evangélica de Nilópolis (Rio de Janeiro, RJ):** É a igreja onde se iniciou um ministério de louvor, em 1989, que adotou o mesmo nome. Desde então, ele lançou álbuns com canções que se tornaram muito utilizadas em cultos de diferentes igrejas e tiveram ampla vendagem. Alguns passaram de um milhão de cópias vendidas. Foi um dos primeiros grupos musicais cristãos no Brasil a colocar a voz do público em primeiro plano nas gravações. Segue em atividade, embora não tenha mais a mesma projeção de vendas. Site disponível em: < <http://www.comunidadedenilopolis.com.br/index.php> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra:** É uma denominação que surgiu em 1994 em Brasília derivada de uma comunidade evangélica que realizava em Goiânia um trabalho semelhante ao das comunidades fluminenses, dando maior atenção à música. O presidente da Sara Nossa Terra, que também chegou a liderar a comunidade goiana, é um ex-presbiterano com passagem pela Mocidade para Cristo. É uma igreja organizada em células e com templos no Brasil e no exterior. O pai de Talles Roberto é um dos fundadores da unidade em Passos (MG). Site disponível em: < <https://saranossaterra.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Comunidade Internacional da Zona Sul (Rio de Janeiro, RJ):** Igreja que surgiu de uma parte dos jovens que se desligaram de uma igreja presbiteriana em 1981, inicialmente ligados à Comunidade da Vila da Penha. Entre seus fundadores está o casal Ana e Edson Feitosa, cujas composições se tornaram conhecidas no meio evangélico. A igreja cresceu e hoje tem unidades no Complexo Regional Centro-Sul do Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. O ministério de louvor que nela surgiu adotando o mesmo nome lançou vários álbuns desde os anos 1990 e segue em atividade, trabalhando com a MK Music. Sites da igreja e do ministério estão disponíveis respectivamente em: < <https://ceizs.com/> >; e em: < <http://www.comunidadedazonasul.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Congregação Cristã no Brasil:** É tratada como uma denominação pentecostal, embora essa classificação seja rejeitada em seu meio por conta de uma rejeição formal à institucionalização que a permeia desde a origem em 1910. A despeito disso, adotam um modelo organizacional representativo adaptado do modelo presbiteriano. É conhecida no multiverso dos crentes como “a igreja do véu”, por conta do adorno que as mulheres utilizam no culto. Antes de ter um hinário oficial próprio, seus membros usavam o *Salmos e Hinos*. Advém daí que algumas canções coincidam com as que constam nos demais hinários em uso no Brasil, embora com diferenças nas versões em português adotadas. Site disponível em: < <http://www.congregacaocristanobrasil.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Convenção Batista Brasileira – CBB:** Essa é a mais antiga confraria de igrejas batistas presente no Brasil. Tem origem na atuação de missionários batistas ligados a uma convecção congênere do sul dos Estados Unidos. Foi institucionalizada em 1907. Site disponível em: < <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/index.php> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos – Southern Baptist Convention:** É a confraria de igrejas a partir da qual os missionários batistas chegam ao Brasil no final do século XIX. Surgiu no início desse século em meio à divisão que aconteceu entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos por conta das diferentes posições em relação à escravização de negros. Site disponível em: < <http://www.sbc.net/> >. Acesso em 22 jan. 2019

**Convenção Batista Nacional:** Essa confraria de igrejas batistas foi criada na década de 1960 com a união das igrejas que foram expulsas da Convenção Batista Brasileira por terem adotado práticas pentecostais. Embora tenha surgido institucionalmente em Niterói (RJ), controvérsias que lhe deram origem surgiram em Minas, sobretudo na Igreja Batista da Lagoinha. Site disponível em: < <http://www.cbn.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil – CGADB:** Essa é a primeira convenção que surgiu nas Assembleias de Deus, a partir do desejo de institucionalizar o que até então era um movimento. A mobilização que lhe deu origem se dá a partir de 1929, mas só se constitui pessoa jurídica em 1946. Site disponível em: < <http://www.cgadb.org.br> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Conselho Nacional de Direito Autoral – CNDA:** Órgão criado pelo Estado brasileiro em 1973 para fiscalizar o ECAD, instituição responsável pela gestão de valores devidos a autores e conexos pelo uso de suas obras. Foi extinto em 1998 pela nova Lei de Direitos Autorais, o que deixou o ECAD sem qualquer fiscalização.

**Diante do Trono (ministério):** Liderado por Ana Paula Valadão, tornou-se referência em adoração nos anos 2000. Entre 1998 e 2010 era composto por uma estrutura complexa, com banda, orquestra e coral, mas desde 2011 foi reduzido a fim de tornar a estrutura mais móvel, realizando uma quantidade maior de apresentações. É conhecido pelas gravações ao vivo com a presença de multidões em diferentes regiões do país. Alguns de seus álbuns tiveram ampla vendagem, sendo que o de 2001 está entre os mais vendidos da história do Brasil. Atualmente seu trabalho é distribuído pela Onimusic. Site disponível em: < <http://diantedotrono.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Diasom Professional Audio:** Além dos serviços de assessoria e consultoria, voltados para criação de soluções para a sonorização em templos, auditórios e espaços abertos, essa empresa fornece treinamento para técnicos de som e manutenção de equipamentos de áudio de igrejas, bem como a locação e operação de equipamentos desse tipo para shows, casamentos e eventos evangélicos em geral. Foi criada por Marcelo Dias. Site disponível em: < <https://www.diasomproaudio.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**ECAD – Escritório Central de Arrecadação e Distribuição:** Instituição não governamental criada legalmente no Brasil em 1973 a fim de que ficasse incumbida da gestão dos valores devidos a autores e conexos por ocasião do uso de suas obras. Site disponível em: < <http://www2.ecad.org.br/pt/Paginas/default.aspx> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Editora Adorando:** Empresa criada por Nelson Tristão para registro e administração dos direitos relativos à autoria de canções. Mais de 80 mil composições estão sob seus cuidados. Página disponível em: < <https://adorando.com.br/editora/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Escola AbaPai:** Funciona como um evento itinerante organizado pelo Ministério AbaPai, criado sob a liderança de Daniel Alencar com intuito de renovar a fé de crentes já convertidos a partir de uma noção de maior intimidade com Deus, ao modo pietista. Isso é feito através da adoração. Site disponível em: < <https://www.abapaioficial.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Escola Adorando:** Projeto liderado pelo casal Christie e Nelson Tristão que visa o treinamento de músicos para o trabalho em igrejas evangélicas, realizado através de eventos anuais que reúnem os músicos em regime de internato por cerca de uma semana e meia em Minas Gerais e eventos menores realizados em dois dias em outras regiões do país. Acontece através da Onimusic, com o apoio do Ministério Asas da Adoração. Estão associados a ele

como professores, nomes como Asaph Borba, Adhemar de Campos, Gerson Ortega, Nívea Soares, entre outros. Funcionou regularmente entre 2001 e 2017, mas atualmente se encontra pausado. Site disponível em: < <https://adorando.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Escola do Clamor:** Surgiu em 1999 em Belo Horizonte (MG), sob a liderança de Ricardo Robortella, com o objetivo de despertar jovens para a importância do anúncio da sua fé entre outros povos através da adoração. É um dos frutos do movimento de adoração que surgiu sob a influência do casal Dan e Martin Duke. Site disponível em: < <http://escoladoclamor.com.br> >. Acesso em 17 mar. 2018.

**Escola Ministerial Profetizando às Nações:** Dirigida por Fernanda Brum e Emerson Pinheiro, trata-se de um treinamento que acontece de tempos em tempos no espaço de uma igreja evangélica do Rio de Janeiro (RJ) com o objetivo de despertar crentes para a atividade missionária. É divulgada através dos perfis de Fernanda Brum nas plataformas digitais.

**Faz Chover Produções Artísticas e Musicais:** Empresa criada por Fernandinho para administrar as questões envolvendo seu ministério de louvor.

**Fé na Estrada:** Clube de motociclistas evangélicos criado por potiguares.

**Gideões Missionários da Última Hora:** É uma associação com sede em Camboriú (SC) que possui ligações com as Assembleias de Deus. Surgiu com o intuito de despertar crentes pentecostais para a atividade missionária, mas seus encontros anuais realizados em sua cidade sede acabaram adquirindo uma conotação de fonte de renovação da fé. Esses eventos ocorrem com a presença de milhares de pessoas. Suas gravações em DVD tiveram boa recepção entre os crentes nos anos 2000. É através delas que nomes como Marco Feliciano se tornaram conhecidos. Site disponível em: < <http://www.gideoes.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Gospel Records:** Empresa criada em 1990 por Estevan Hernandez em parceria com um sócio, com foco na música gospel. Produziu alguns discos do Renascer Praise. Suas atividades foram encerradas em 2010.

**Graça Music:** Gravadora evangélica criada em 1999, faz parte do Grupo Graça de Comunicação, liderado por R. R. Soares, que também conta com uma editora e emissoras de rádio e TV. Embora vinculada à Igreja Internacional da Graça de Deus, sempre manteve em seu *cast* cantores de outras denominações. Por ela passaram nomes como Talles Roberto e André Valadão. Site disponível em: < <http://www.gracamusic.com.br/portal/index.php> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Adventista do Sétimo Dia:** Essa denominação recebe esse nome por conta da crença no advento, a iminência da segunda vinda de Cristo, e na necessidade de não se realizar algumas atividades no sétimo dia, que, via de regra, trata-se do pôr do sol na sexta-feira até o pôr do sol no sábado. Surgiu nos Estados Unidos e veio para o Brasil no final do século XIX através de atividade missionária. Antes de ter um hinário oficial próprio, seus membros usavam o *Salmos e Hinos* e o *Cantor Cristão*. Muitas canções dele coincidem com os demais. Site disponível em: < <http://www.adventistas.org/pt/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Apostólica Renascer em Cristo:** Fundada no final dos anos 1980 pelo casal Estevan e Sônia Hernandez que efetuaram uma renovação na música gospel ao inseri-la na mídia, algo que também ampliou a popularidade da igreja. Nela surgiram artistas e grupos musicais que ficaram amplamente conhecidos entre os crentes em geral, com destaque para a banda Oficina G3 e para o Renascer Praise. Site disponível em: < <http://www.renascerecristo.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Apostólica Restaurando Nações:** Essa igreja evangélica com sede em São Paulo possui unidades em diferentes países, nas quais o culto é feito de forma bilíngue, em português e na língua local, combinando o evangelismo local com a atenção a brasileiros em migração. A unidade do Japão tem recebido apresentações de ministérios de louvor do Brasil, em suas turnês internacionais. Site disponível em: < <http://iarnjapan.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Batista Atitude – Igreja Batista Central da Barra:** É uma igreja ligada à CBB, que trabalha em células e tem sua sede na Barra da Tijuca, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro (RJ). Em 2015 essa sede foi palco da gravação ao vivo do CD Galileu, de Fernandinho. Ela se tornou mais conhecida a nível nacional por conta de ter a esposa de Jair Bolsonaro entre seus membros. Ela exerce na igreja um trabalho social com surdos. Site disponível em: < <https://igrejabatistaatitude.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Batista da Lagoinha (Belo Horizonte - MG):** Essa igreja é vista por muitos crentes como o epicentro da adoração no Brasil. É nela que surge o Diante do Trono, sob a influência da família do pastor presidente, Márcio Valadão, com destaque para sua filha, Ana Paula Valadão. Em seu templo sede foram gravados álbuns ao vivo que tiveram boa recepção entre os crentes, inclusive as conferências *Som da Chuva*, derivadas do trabalho do casal Martin e Dan Duke. Site disponível em: < <https://www.lagoinha.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Batista Ebenézer:** Existem diferentes igrejas com esse título no Estado do Rio de Janeiro. Fernanda Brum passou por uma delas ao longo de sua trajetória.

**Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã – IBREM:** É uma igreja que surgiu em Juiz de Fora (MG) a partir da expansão de outra batista. Seu atual dirigente foi ministro de louvor nessa antiga igreja. Ela cresceu muito e atualmente se reúne em uma tenda localizada próximo à rodoviária da cidade, no terreno onde está sendo construído um novo templo. É uma igreja em células. Site disponível em: < <http://ibrem.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Cristã de Nova Vida:** Essa igreja é liderada por Walter McAlister, filho do missionário canadense que fundou no Brasil a Igreja Pentecostal de Nova Vida, por onde passaram Edir Macedo e R. R. Soares. Após a morte do pai, Walter foi reconhecido como dirigente desta denominação, mas ela logo se dividiu em três grupos. Ele lidera um deles. A alteração no nome foi realizada na tentativa de que não seja associada ao neopentecostalismo. Site disponível em: < <https://www.icnv.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja de Deus no Brasil:** Existem duas denominações que possuem o nome Igreja de Deus, embora não tenham relação entre si. Uma oriunda do movimento iniciado por John Wesley na Inglaterra no final do século XIX, cuja presença no Brasil tem profunda relação com a imigração europeia. A outra, citada nesta tese, tem origem no movimento pentecostal que aflorou nos Estados Unidos no início do século XX, e sua presença mais intensiva no Brasil ocorre a partir da decisão de líderes de uma igreja pentecostal local se anexarem a ela. Desde então se espalhou por diversas regiões do país. O site desta está disponível em: < <https://igrejadedeus.org.br/novoImpreza/institucional/> >. Acesso em 20 jan. 2019.

**Igreja do Evangelho Quadrangular:** Tem origem em uma igreja pentecostal estadunidense congênere que surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, mas chegou ao Brasil como um movimento recebido inicialmente entre presbiterianos nos anos 1960 (ROSA, 1978). Pela ação de missionários estrangeiros, ele cresceu e se tornou a Cruzada Nacional de



Evangelização, constituída por tendas em que eram realizados cultos de intercessão por cura divina ao som de guitarras, o que era inovador para os cultos da época. O nome como igreja veio com a institucionalização que ocorreu nos anos 1970 e 1980. Seu site está disponível em: < <http://www.portalbr4.com.br/> >. Acesso em 20 jan. 2019.

**Igreja Internacional da Graça de Deus:** Igreja fundada no Rio de Janeiro por R. R. Soares quando se desligou da Igreja Universal do Reino de Deus, denominação que iniciou com seu cunhado, Edir Macedo. Ela sempre se destacou pelo enfoque nas preces por cura divina, mas também tem grande abertura para a produção musical. O próprio R. R. é compositor e fundador da Graça Music, uma gravadora voltada para música gospel. Site disponível em: < <http://ongrace.com/portal/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Metodista Central de Juiz de Fora (MG):** Fruto da ação de missionários metodistas, essa igreja surgiu em 1890. É conhecida entre os crentes mais jovens na cidade pelos Seminários de Louvor e Adoração (SELA), eventos anuais que realiza com a presença de pessoas de renome na adoração. Site disponível em: < <http://www.metodistacentraljf.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Mundial do Poder de Deus:** Surgiu de um grupo que se desligou da Igreja Universal do Reino de Deus em 1998. Seu líder também aglutina influência empresarial, midiática e política. Site disponível em: < <https://www.impd.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Pentecostal Assembleia de Deus Bom Refúgio:** Igreja cuja sede está situada próximo a um grande shopping de Natal (RN), em 2017 recebeu um dos shows de Fernandinho. Site disponível em: < <http://adbomrefugio.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Pentecostal Deus é Amor:** Conhecida por suas restrições quanto a usos e costumes, surgiu no Brasil em 1962. Se espalhou pelo Brasil através de um movimento de intercessão por cura divina, mediado pela evangelização via rádio. Nela surgiram corinhos de fogo que se tornaram muito conhecidos entre pentecostais no Brasil. Como hinário, ela adota um livreto de corinhos que possui algumas canções que coincidem com a Harpa Cristã. Uma parte dele está disponível em: < <https://alexportotk.wordpress.com/2010/11/07/livreto-de-corinhos/> >; E seu site está disponível em: < <http://www.ipda.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Presbiteriana do Brasil:** Surgiu no Brasil em 1862 por influência das missões estadunidenses. Crescendo no meio rural, foi por algum tempo a maior denominação protestante no país. Esse crescimento não seguiu o mesmo ritmo com a urbanização. Sua história no país é permeada de cisões que deram origem a outras denominações. Tem inspiração calvinista em sua teologia e organização. Site disponível em: < <http://ipb.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Igreja Universal do Reino de Deus – IURD:** Denominação que surgiu em 1977 de um grupo que se reunia em uma praça no Méier, bairro do Rio de Janeiro (RJ), sob a liderança de Edir Macedo. R. R. Soares, cunhado de Macedo, participou deste início, mas logo se desligou para fundar outra igreja. A Universal teve célere crescimento e visibilidade, estando no centro de várias controvérsias, especialmente porque Macedo aglutina influência midiática, empresarial e política. É considerada a principal representante do neopentecostalismo. Site disponível em: < <https://www.universal.org/> >. Acesso em 16 jan. 2019.

**Instituto Adoração e Adoradores:** Sob a direção de Massao Sugiara, foi criado com intuito de oferecer cursos sobre a melhor forma de colocar a arte a serviço da fé. Eles têm sido

oferecidos sobretudo em São Paulo, nas cidades de Campinas e Liberdade. Site disponível em: < [adoracaoeadores.com.br/curso-de-adoracao/](http://adoracaoeadores.com.br/curso-de-adoracao/) >. Acesso em 17 mar. 2018.

**Jamil e uma Noites:** Grupo musical baiano dedicado ao axé, conhecido nacionalmente por suas gravações em praias e seus hits de verão. É quando prestava serviço a essa banda como músico de apoio que Talles Roberto iniciou seu processo de retorno ao meio evangélico. Algumas composições que se tornaram queridas entre os crentes surgiram quando em meio a essa atividade Talles se esforçava na luta contra a dependência química. Site disponível em: < <http://www.jammileumanoites.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Jocum – Jovens com Uma Missão:** Organização criada nos Estados Unidos em 1956 com o objetivo de engajar jovens na propagação da fé evangélica pelo mundo. Iniciou suas atividades no Brasil em 1975 com a atuação de missionários norte-americanos em Contagem (MG). Site disponível em: < <http://www.jocum.org.br/> >. Acesso em 3 jan. 2019.

**Jota Quest:** Banda mineira dedicada ao pop rock, com mais de 25 anos de atividade e várias canções conhecidas nacionalmente. Talles Roberto prestava serviços a ela como músico associado quando se afastou do meio evangélico. Ele conta que foi nesse processo que se perdeu nas drogas, embora sempre fosse repreendido pelos componentes da banda. Site disponível em: < <https://www.jotaquest.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Katsbarneia:** Considerada uma das primeiras bandas de rock gospel do Brasil, surgiu de um grupo de jovens que se reuniam na casa do casal Estevam e Sônia Hernandez nos anos 1980, em busca de se afastarem das drogas. Foi em uma apresentação dessa banda que PG teve seu primeiro contato com o multiverso dos crentes em uma praça de São Paulo. Site disponível em: < <https://www.katsbarneia.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Line Records:** Empresa criada em 1991, inicialmente com um escopo mais amplo, depois reformulada para o trabalho com foco na música gospel. Embora vinculada à Igreja Universal do Reino de Deus, mantém em seu *cast* cantores de outras denominações. Site disponível em: < <http://www.linerecords.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Livraria Semente de Vida:** Livraria evangélica com unidades em São Paulo (SP), Manaus (AM) e Orlando (E.U.A.). Comercializa livros, música em diferentes suportes e outros artigos. Site disponível em: < <https://www.sementedevida.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**MDB/PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro:** Surgiu legalmente em 1980 com a restituição do pluripartidarismo e se tornou um dos maiores partidos políticos no Brasil em número de filiados. As três vezes em que esteve à frente da federação foram ocasiões em que vice-presidentes assumiram a chefia após a vacância dos presidentes eleitos. Alterou seu nome em 2017 com o intuito de que a memória das lutas pela redemocratização do país, empreendidas no movimento homônimo durante os anos 1960, inspire ações futuras. Site disponível em: < <https://www.mdb.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Milad – Ministério de Louvor e Adoração:** É o primeiro grupo musical a adotar essa nomenclatura no Brasil. Surgiu em Goiânia em 1984. Foi gerado da 41ª equipe de Vencedores por Cristo que continha componentes que vinham discutindo a possibilidade de viverem apenas de música e assim o fizeram a partir de 1985. Suas atividades foram encerradas em 2003. Mais informações no site disponível em: <



[http://www.vpc.com.br/website/exibe\\_txt.asp?conteudo\\_txt=132&tit=memorias](http://www.vpc.com.br/website/exibe_txt.asp?conteudo_txt=132&tit=memorias) >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Missão Portas Abertas:** Organização internacional de liderança protestante que oferece suporte a cristãos que são perseguidos em seus países por causa da sua fé. As ajudas vão desde traduções de Bíblias a recursos financeiros. A base brasileira fica em São Paulo (SP). Site disponível em: < <https://www.portasabertas.org.br/artigo/quem-somos> >. Acesso em 3 jan. 2019.

**MK Editora:** Editora criada para registro e administração burocrática e financeira das obras gravadas pela MK Music.

**MK Music (antes MK Publicitá):** Empresa criada na segunda metade da década de 1980 por Marina de Oliveira, juntamente com uma sócia chamada Kathia (daí o MK). A princípio era uma agência de publicidade. Marina ficou com a empresa quando seu insucesso levou ao fim da sociedade. Com o apoio dos pais, Arolde e Yvelise, ela, que já havia gravado um trabalho como cantora, reformulou a empresa como gravadora. O pai adquiriu uma rádio em 1992 e isso deu origem ao Grupo MK de Comunicação, presidido pela mãe. Ligada à Assembleia de Deus, essa família teve um papel no surgimento do pentecostal como subgênero do gospel, mas a gravadora trabalha com um amplo espectro de sonoridades, destacando-se também com a adoração. Site disponível em: < <http://www.mkmusic.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Movimento Evangélico Progressista:** É uma associação informal que surgiu nos anos 1990 com a união de crentes de diferentes igrejas que queriam se colocar em oposição às posturas que deputados evangélicos adotaram na assembleia constituinte formada entre 1987 e 1988.

**Mocidade Para Cristo – MPC:** É a versão brasileira da organização *Young for Christ*, que surgiu nos EUA em meio ao clima do Movimento de Jesus. Consolidou-se no Brasil em 1954, criando em São Paulo um dos primeiros espaços onde os crentes mais jovens puderam cultivar com canções que não constavam nos hinários oficiais. Está em funcionamento até hoje. O site de um dos seus projetos está disponível em: < <https://www.portalescoladavida.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico:** Também conhecida como OECD (*Organisation for Economic Co-operation and Development*), é uma organização que reúne 36 países que aceitam a democracia representativa e a economia de mercado. Sua origem remete à reconstrução da Europa após a Segunda Guerra Mundial, mas na década de 1960 passou a integrar países não europeus. Emite relatórios sobre a situação socioeconômica dos países, nos quais o Brasil tem constado para fins de comparação, embora não esteja filiado oficialmente. Está com seu pedido de entrada sob avaliação. Site disponível em: < <http://www.oecd.org/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Onimusic:** Empresa que trabalha com gravação e distribuição de discos com enfoque em adoração. Foi criada em Belo Horizonte por Nelson Tristão em 2002 com o objetivo de atender alguns amigos que reclamavam das condições disponíveis no mercado. Recebe a cada ano cerca de mil pedidos de associação de artistas de diversas regiões do Brasil. Site disponível em: < <https://onimusic.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Oxfam – Oxford Committee for Famine Relief:** O Comitê de Oxford de Combate à Fome é uma confederação de organizações que atua em diferentes países na busca da redução da pobreza, por meio de campanhas, ações emergenciais e emissão de relatórios. Site disponível em: < <https://www.oxfam.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB:** Partido político que surgiu no Brasil no final dos anos 1980 em meio à insatisfação com o primeiro governo após a redemocratização. Seus fundadores estiveram envolvidos na concepção do Plano Real, através do qual foi conquistada a estabilização financeira. Os membros geralmente são chamados de “tucanos”, por conta do símbolo adotado. Esteve à frente do país entre 1994 e 2002. Site disponível em: < <http://www.psdb.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Partido dos Trabalhadores – PT:** Partido político que surgiu no Brasil em 1980, congrega um dos maiores movimentos de esquerda na América Latina. Esteve à frente do país entre 2002 e 2015. Nesse período foram implementadas políticas sociais de mitigação da pobreza e estímulo à ascensão social. O último mandato presidencial desse ciclo foi interrompido com um impeachment. Site disponível em: < <http://www.pt.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Partido Socialismo e Liberdade – PSOL:** Partido político brasileiro gerado em 2004 a partir de dissidentes do Partido dos Trabalhadores que não concordavam com políticas adotadas na direção do país. Ao longo de sua história também agregou muitas lutas pelas pautas indenitárias. Jean Wyllys tornou-se um de seus representantes mais conhecidos. Site disponível em: < <http://psol50.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Primeira Igreja Batista de Irajá (RJ):** s Site disponível em: < <https://adhonep.org.br/conheca-a-adhonep/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Primeira Igreja Batista de Juiz de Fora – PIB-JF:** Fundada em 1889, essa é uma das primeiras igrejas da CBB que surgiram em Minas Gerais. No início, o grupo batista realizava seus cultos em um templo metodista que lhe era emprestado. Mas cresceu na cidade e hoje ocupa um espaçoso galpão na região central. Esse crescimento ganhou fôlego após a eleição de Aloizio Penido como pastor dirigente. É uma igreja em células. Site disponível em: < <https://www.pibjf.com.br/index.php/celulas-pib/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Primeira Igreja Batista do Pará – PIB-PA:** Também conhecida como a Primeira Igreja Batista em Belém, surgiu do trabalho de missionários suecos que chegaram à Amazônia no final do século XIX. Foi organizada em 1897 e passou por uma grande divisão em 1910 que deu origem às Assembleias de Deus. Site disponível em: < <https://pibpa.org.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Praise Music:** Loja de instrumentos musicais com sede em Nova Iguaçu (RJ), mas com maior atuação na internet. Site disponível em: < <https://www.praisemusic.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Preto no Branco:** Banda de black gospel que surgiu em Belo Horizonte em 2015, ano em que lançou seu primeiro álbum pela Sony Music. Eli Soares auxiliou seus amigos no início, mas se afastou para se dedicar à carreira solo. A canção Ninguém Explica Deus é a que teve melhor recepção entre crentes e não crentes, com um vídeo no *YouTube* que possui mais de 330 milhões de visualizações e mais de 90 mil comentários. O site da banda está disponível em: < <http://pretonobrancooficial.com.br/#!/inicial> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Profetizando às Nações (ministério):** Criado por Fernanda Brum em 2006, após reformular sua carreira, com enfoque em adoração. Ela e o marido pastoreiam uma igreja homônima.

**Projeto Vida Nova de Irajá (Zona Norte do Rio de Janeiro, RJ):** Surgiu no final dos anos 1980 a partir de cultos informais realizados na sede da Associação Brasileira de Imprensa que reuniam crentes de diferentes igrejas. Esses cultos se transformaram em uma associação e depois em uma igreja. Antes disto um dos líderes conciliava o trabalho como pastor

assembleiano e como seu dirigente. Esse nome foi escolhido com o intuito de não se assemelhar a uma instituição religiosa. A emergência do projeto foi acompanhada de uma produção musical cujos álbuns tiveram boa recepção no meio evangélico na década de 1990, impactando os cultos da época. Hoje seu ministério de louvor trabalha com a Onimusic. Site disponível em: < <http://www.projetoivanova.com/site/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Sara Music:** Gravadora evangélica que surgiu em 2010 para atender as demandas da produção musical dos ministérios da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e acabou incorporando artistas ligados a outras denominações. Site disponível em: < <http://saramusic.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Segunda Igreja Batista de Campos do Goytacazes (SP):** Igreja ligada à CBB, na qual Fernandinho é pastor auxiliar. Site disponível em: < <http://www.segundaigreja.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Seminário Unido:** Faculdade fundada em 1916 e hoje dirigida por membros de várias igrejas, com o objetivo de representar todas as correntes teológicas que advindas dos desdobramentos da Reforma Protestante, bem como algumas prévias. Surgiu da fusão de seminários menores. Sua sede fica no Rio de Janeiro (RJ). Site disponível em: < <http://seminariounido.edu.br/> >. Acesso em 3 jan. 2019.

**Sociedade Bíblica do Brasil:** Entidade que surgiu em 1948 no Rio de Janeiro com o lema “dar a Bíblia à pátria” e é ligada à uma associação internacional criada após a 2ª Guerra Mundial com o objetivo de facilitar o processo de tradução, produção e distribuição dos textos bíblicos. Hoje sua sede é em Barueri (SP). Site disponível em: < <http://www.sbb.org.br/> >. Acesso em 3 jan. 2019.

**Som Livre:** Gravadora brasileira que surgiu em 1969 para o trabalho com trilhas sonoras das novelas da Rede Globo, teve a primeira inserção na música gospel distribuindo coletâneas de Aline Barros. Passou a dedicar-se mais a esse ramo em 2009, quando começou a trabalhar com o Diante do Trono, atraiu outros nomes e lançou o selo *Você Adora*. A ela estão associados nomes como André Valadão e Davi Sacer. Site disponível em: < <https://www.somlivre.com/voce-adora.html> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Sony Music Entertainment:** É a segunda maior gravadora do mundo, resultado na incorporação de outras empresas fonográficas. A divisão brasileira criou em 2010 um selo dedicado à música gospel (Sony Gospel Music). Com ela trabalham Aline Barros, Mariana Valadão, entre outros nomes. Site disponível em: < <https://www.sonymusic.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**TheCall Brasil:** Versão brasileira de uma instituição que surgiu nos Estados Unidos em 1999 com o objetivo de reunir diferentes crentes para orar por seu país. Site disponível em: < <https://www.thecallannouncement.com/> >. Acesso em: 15 jan. 2019.

**Top Gospel JF (empresa):** Empresa de publicidade especializada na divulgação de tudo o que ocorre em torno dos evangélicos em Juiz de Fora e região através de seu blog e suas redes sociais. Nos últimos anos tem-se responsabilizado também pela filmagem e produção dos DVDs da Marcha para Jesus na cidade.

**Toque no Altar (ministério):** Gerado em uma igreja de Nova Iguaçu, desde 2002 lançou álbuns que tiveram boa recepção entre os crentes, mas sofreu uma ruptura em 2007 por conta de um grupo que não concordou com as decisões tomadas em relação ao mercado

fonográfico. Segue em atividade com outros integrantes, mas tem preferido o uso do nome Ministério Apascentar de Louvor, a fim de evitar que seja confundido com o ministério criado pelo grupo dissidente. Atualmente trabalha com a MK Music. Site disponível em: < <http://www.apascentardelouvor.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Trazendo a Arca (ministério):** É uma banda que se originou em 2007 de um grupo dissidente do Ministério Toque no Altar, ligado a uma igreja em Nova Iguaçu, por conta de algumas discordâncias quando ao rumo do investimento no mercado fonográfico. Davi Sacer fez parte desse grupo, mas hoje segue em carreira solo. Composições de seus integrantes têm sido utilizadas nos cultos de diferentes igrejas evangélicas. *Tua Graça Me Basta* é uma delas. Site disponível em: < <http://www.trazendoaarca.com/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Vencedores por Cristo:** Projeto que teve início no Brasil em 1968 com a chegada do missionário estadunidense Jaime Kemp. Nele se organizaram várias equipes de jovens com o objetivo de anunciar sua fé através da música. É a partir desse projeto que surgem as primeiras apresentações em espaços públicos e a ideia de que crentes poderiam dedicar-se profissionalmente ao trabalho com música com a venda de álbuns gravados. Foram pioneiros na sofisticação harmônica das canções utilizadas no culto e na adaptação de estilos locais. Site disponível em: < <http://www.vpc.com.br/website/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Vinho Novo:** Liderada por Luiz Cardoso, um dos pastores da Igreja Missionária Filadélfia de Juiz de Fora, essa banda se tornou conhecida para além dessa região no decorrer dos anos 1990. As gravações ao vivo têm sido atreladas a projetos de assistência social apoiados com recursos públicos da prefeitura através da Lei Murilo Mendes, criada no município para incentivo à cultura. Destaca-se a atuação em casamentos comunitários. Site disponível em: < <http://www.vinhonovo.com.br/> >. Acesso em 22 jan. 2019.

**Universal Music Chistian Group:** Departamento criado na Universal Music em 2013 para administração das questões envolvendo música gospel e religiosa em geral.

**U2 (banda):** Banda de rock irlandesa formada em 1976, conhecida atualmente por combinar preocupações sócio-políticas e uso de expressões de fé em suas canções e apresentações. Site disponível em: < <https://www.u2.com/index/home> >. Acesso em 22 jan. 2019.